

O BESTSELLER INTERNACIONAL

Porque é que algumas
civilizações perduram e outras
desaparecem para sempre?

«UMA
INVESTIGAÇÃO
FASCINANTE!»

WALL STREET
JOURNAL

DEPOIS DE 1177 A.C.

O COLAPSO DA
IDADE DO BRONZE
E A GUERRA DAS
CIVILIZAÇÕES

ERIC H. CLINE

alma
dos livros

ERIC H. CLINE

DEPOIS DE 1177 a. C.
O COLAPSO DA IDADE DO BRONZE
E A GUERRA DAS CIVILIZAÇÕES

Tradução
Maria Ramos

alma
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt
tiktok.com/@almadoslivros
twitter.com/almados_livros
linkedin.com/company/alma-dos-livros/

© 2024

Direitos desta edição reservados para Alma dos Livros

Copyright © by 2024 Princeton University Press

Título: *Depois de 1177 a.C.*

Título original: *After 1177 B. C.: the survival of civilizations*

Autor: Eric H. Cline

Tradução: Maria Ramos

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Paginação: Gráfica 99

Capa: Vera Braga / Alma dos Livros

Imagem de capa: *Ruins of an Ancient City (c. 1810-20), John Martin (1789-1854), Cleveland Museum of Art, Ohio*

Impressão e acabamento: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.

Depósito legal: 536537/24

1.ª edição: Outubro de 2024

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal, salvo as exceções devidamente previstas na lei.

Dedicado a
Diane Harris Cline
Classicista e violoncelista

Alguém disse uma vez que os seus momentos favoritos na história eram aqueles em que as coisas se desmoronavam, porque isso significava que algo novo estava a nascer.

JULIAN BARNES, *O Sentido do Fim* (2011)

Prefácio

«É O FIM DO MUNDO TAL COMO O CONHECEMOS (... E EU NÃO ME SINTO BEM)»

COMECEI A ESCREVER ESTE livro ao início da manhã de um dia de fevereiro de 2019, sentado na varanda de um apartamento alugado em Retimno, Creta. A minha mulher, Diane, ia começar a sua bolsa Fullbright na Universidade de Creta e eu tinha tirado o semestre para a poder acompanhar. Aproveitámos para gozar o fraco sol de inverno e visitar locais arqueológicos familiares antes do início das aulas. Entretanto, íamo-nos maravilhando com a ubiquidade das antiguidades nos mercados modernos, personificadas por imagens de Ariadne a segurar uma bola de fio ou minoicos a saltar por cima de touros. Isso não seria particularmente surpreendente, não fosse pelo facto de as cenas estarem gravadas nos lados de um frigorífico poeirento, repleto de *Coca-Colas* à porta de uma loja, numa viela nas profundezas da parte mais antiga da cidade.

Nessa manhã em particular, havia paz e sossego, com o Sol a subir à minha frente sobre o Mediterrâneo tão querido a Homero e com os picos nevados das Montanhas Brancas ao longe, à minha esquerda. Tudo parecia bem enquanto eu bebia calmamente o meu café, navegava na Internet, lia diversos jornais *online* e prestava uma atenção fugaz às notícias em *streaming*.

A certa altura, comecei a ouvir com mais atenção aquilo que estava a ser relatado pela BBC. Estávamos a ser avisados quanto ao possível colapso da civilização atual, cortesia de uma multiplicidade de fatores inter-relacionados que iam do climático ao económico. Estes, de acordo com um estudo que acabava de ser publicado e estava agora a ser descrito ansiosamente pelos jornalistas, podia resultar em «instabilidade económica, migração involuntária em grande escala, conflito, fome e o potencial colapso dos sistemas sociais e económicos»¹.



FIG. 1. Máquina de venda automática de *Coca-Cola* em Retimno, Creta. Fotografias de E. H. Cline.

Tinham passado quase cinco anos exatos desde o dia em que publicara *1177 a. C.: O Ano em Que a Civilização Colapsou*, livro no qual analisava as causas do Colapso que ocorreu no Egeu e no Mediterrâneo Oriental no estertor da Idade do Bronze Final, há mais de três mil anos.² Nele, expliquei como era a vida nessas regiões nos séculos XV a XII antes de Cristo — do que é agora a Grécia até ao Irão e o Iraque, e da Turquia até ao Egito, dito em termos modernos. Descrevi

os G8 da altura — os micênicos, os minoicos, os hititas, os cipriotas, os cananeus, os egípcios, os assírios e os babilônios — e depois examinei as causas possíveis do Colapso que pôs fim ao seu mundo internacionalizado, embora o como e o porquê de tudo ter ocorrido tão rapidamente e de forma tão completa ainda sejam um grande mistério.

Entre os fatores ou causas possíveis que abordei (incluindo, subsequentemente, de forma mais extensa na edição revista e atualizada de 2021) estavam as alterações climáticas, a seca, a fome, os terremotos, os invasores e as doenças. Concluí que nenhum deles teria sido, por si só, suficientemente cataclísmico para derrubar sequer uma das civilizações da Idade do Bronze no Egeu e no Mediterrâneo Oriental, quanto mais todas. No entanto, a combinação de todos estes fatores (de muitos, ou da maioria) teria criado uma tempestade perfeita de calamidades, com efeitos multiplicadores e de dominó, que poderia ter levado à rápida desintegração de uma sociedade após a outra, em parte, devido à fragmentação da rede mediterrânica globalizada e à quebra das interligações de que cada civilização dependia. Eis o que aí concluí: «Em suma, as florescentes culturas e povos da Idade do Bronze [...] simplesmente não foram capazes de sobreviver à investida de tantos fatores de tensão diferentes, todos ao mesmo tempo.»²

*

Creta é um dos locais onde a civilização, no essencial, colapsou e a sociedade avançada a que chamamos minoicos, bem vistas as coisas, desapareceu no fim da Idade do Bronze, sendo substituída por uma nova iteração. Os micênicos da Grécia continental, conhecida como o lar de Aquiles, Ulisses, Ájax, e dos estados gregos descritos na *Ilíada* e na *Odisseia*, também não sobreviveram, ou pelo menos a sua sociedade/cultura não sobreviveu. Hoje, ninguém se diz minoico ou micênico. Como tal, as notícias desse dia provocaram em mim uma certa consternação, atingindo-me com uma sensação de «*déjà vu* futuro», poder-se-ia dizer, enquanto nos preocupamos com a possibilidade de um colapso catastrófico se encontrar no nosso caminho e no do nosso mundo globalizado. Poderia ser o fim do mundo tal como o conhecemos, como cantavam os R.E.M., mas eu não me sentiria nada bem com isso. *Se se aproxima um novo colapso*, pensei, *será demasiado cedo para começar a pensar em como iremos reconstruir? Será sequer possível?*

Também pensei em como terá sido para eles, quando o seu mundo da Idade do Bronze colapsava. O que é que cada uma destas regiões, ou os sobreviventes que as habitavam, fez posteriormente — ou não fez, conforme o caso — em relação à(s) situação(ões) em que se encontravam? Alguém saberia, na altura, que estavam no meio de um colapso?³ Como é que se reagruparam e recuperaram? Tê-lo-ão feito? Terão sido resilientes? Transformaram-se? Ou afundaram-se simplesmente, sendo substituídos por novos estados e novas sociedades?

Não sou o único a interessar-se por estas questões. Nos últimos anos, outros arqueólogos e historiadores da Antiguidade começaram a explorar mais profundamente a questão do que acontece depois de um colapso — não apenas no que diz respeito ao Colapso da Idade do Bronze Final, mas em relação a um grande número de outras sociedades e civilizações dos últimos milénios que sofreram uma desintegração súbita, tenha ela sido total ou parcial. Estes casos vão desde os harappianos no vale do Indo, há quatro mil anos, até aos romanos de Itália, no estertor da Idade Clássica, passando pelos maias na América Central, no século IX d. C., e por muitos outros. Alguns não foram capazes de sobreviver, mas outros conseguiram de algum modo fazer a transição e restabelecer-se ou reinventar-se com sucesso.³

A pergunta é: como conseguiram os sobreviventes resistir e continuar? Alguns dos termos agora utilizados para descrever a sobrevivência nas crises modernas incluem «lidar», «adaptação», «transição» e «transformação». A palavra «resiliência» tornou-se especialmente popular porque se tornou claro, como referiu um par de académicos, que «colapso e resiliência são dois lados da mesma moeda; o colapso ocorre quando se perde a resiliência, e os sistemas resilientes têm menos probabilidade de colapsar». O historiador John Haldon e os seus colegas de Princeton salientaram que o modo como as anteriores sociedades responderam ao stress depende de três coisas: da sua complexidade, da sua flexibilidade e da sua redundância sistémica, «que, todas juntas, determinam a resiliência do sistema».⁴

*

Tudo isto tornou-se, para mim, ainda mais evidente cerca de oito meses depois de termos regressado de Creta, no inverno e na primavera de 2020, quando a pandemia de COVID-19 atingiu os Estados Unidos e os protestos Black Lives Matter se espalharam por todo o país após a morte de George Floyd Jr. Os protestos, alguns pacíficos, mas outros irrompendo em violência devido às contramanifestações e às ações dos agentes federais, estenderam-se até ao verão e ao outono.

Um ano depois, apesar de uma mudança na presidência dos EUA, as coisas não estavam melhor. Em agosto de 2021, as Nações Unidas divulgaram um relatório extremamente pessimista sobre as alterações climáticas, enquanto o Conselho Nacional de Inteligência dos EUA publicava um relatório sobre a pandemia que declarava que esta tinha «aprofundado a desigualdade económica, esgotado os recursos governamentais e alimentado os sentimentos nacionalistas». Mais ou menos na mesma altura, deflagravam incêndios florestais em simultâneo na Califórnia e na Grécia, e começavam a surgir

problemas na cadeia de abastecimento global, criando dificuldades para os consumidores em busca de artigos que iam dos computadores portáteis aos automóveis e a tudo o que se encontra pelo meio.⁷

Naquele momento, as minhas reflexões durante o tempo que passámos em Creta já não pareciam apenas um exercício académico ocioso. À lista anterior de fatores de stresse, tínhamos agora acrescentado de forma abrupta uma pandemia mundial, incêndios florestais mais intensos do que os habituais, tempestades violentas e outros indícios de alterações climáticas, problemas na cadeia de abastecimento à escala global e graves fraturas sociais ao longo das linhas políticas nos Estados Unidos.

E as coisas não melhoraram com a chegada de um novo ano. Durante a primavera, o verão e o início do outono de 2022, assistimos à invasão da Ucrânia pela Rússia, novas estirpes de COVID-19 a disseminar-se rapidamente pelo mundo e constantes revelações sobre o que ocorrera no Capitólio dos EUA a 6 de janeiro de 2021. Eu já estava preocupado antes, mas começava a perguntar cá para mim, e seriamente, se teria chegado mais uma «tempestade perfeita» de calamidades e se um novo colapso não estaria ao virar da esquina, como descrevi anteriormente para o ano de 1177 a. C. Tudo aconteceu a uma velocidade estonteante, muito mais depressa do que no século xiii de antes de Cristo, que é o meu ponto de referência no que diz respeito a catástrofes civilizacionais.

As perguntas que fazia a mim mesmo em Creta, e que já são feitas há algum tempo por outros académicos, estão agora a ser lançadas pelo governo dos Estados Unidos, bem como por elementos dos meios de comunicação social.⁸

O que acontece depois de uma sociedade entrar em colapso? Desaparece para sempre ou recupera? Será possível apanhar os pedaços e começar de novo? Serão chamados substitutos das ligas menores, gente nova e uma sociedade nova? Ou podem as pessoas sobreviventes mostrar resiliência e adaptar-se às novas circunstâncias, fazendo a transição e realizando a transformação num «novo normal»? Como disse o arqueólogo George Cowgill em 1988, «o “colapso de uma civilização” [...] é uma ideia muito menos simples do que estamos habituados a pensar»⁹. O mesmo acontece com o renascimento ou a transformação da civilização. É isso que vamos explorar em conjunto nas páginas que se seguem, examinando o que na verdade aconteceu no Egeu e no Mediterrâneo Oriental no período que se seguiu ao Colapso da Idade do Bronze Final.

*

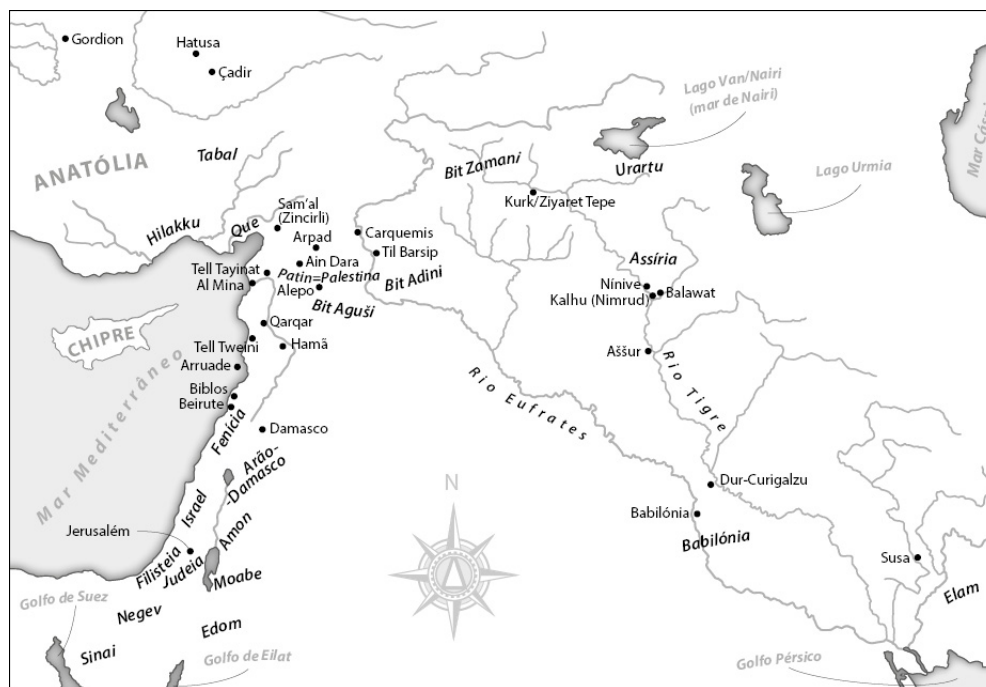
Antes de começarmos, porém, convém fazer algumas advertências. Como veremos, a situação pós-Colapso da Idade do Bronze Final foi mais matizada do que se poderia pensar. À medida que a rede internacional que ligava todo o Egeu e o Mediterrâneo Oriental se ia desmoronando (e não há dúvidas quanto ao facto de isso ter acontecido), as sociedades individuais tiveram de ir tomando as suas próprias decisões relativamente à sobrevivência. As suas escolhas eram simples: se quisessem sobreviver, tinham de lidar com a situação, adaptar-se ou transformar-se no novo normal. Se não o fizessem, enfrentariam a extinção. Isto torna-se claro quando se estuda o rescaldo imediato do Colapso e se compara a situação de cada uma das sociedades antigas envolvidas, que é exatamente o que faço nos capítulos que se seguem. Interessa-me não só saber quem sobreviveu, porquê e como, mas também quem não sobreviveu (e porque não sobreviveu).

Além disso, devo referir que os rascunhos iniciais deste livro seguiam uma abordagem cronológica, à semelhança do que fiz em *1177 a. C.*, olhando para o que aconteceu em cada século depois do Colapso. Todavia, acabei por concluir que uma abordagem geográfica permitiria compreender melhor como cada uma das sociedades respondeu ao Colapso ao longo do tempo, enquanto os habitantes de cada região tentaram emergir do rescaldo da catástrofe que os afetara a todos, embora se mantenha uma certa ligação entre os vários capítulos numa miríade de pontos. No fundo, estamos perante oito exemplos do que fazer, ou não fazer, depois de um colapso.

Vou contar a história recorrendo a objetos específicos como pontos de referência para a nossa viagem; na maioria das vezes, são inscrições escritas em pedra, barro, papiro e noutros materiais, mas também outros artefactos antigos. Ao apresentar esta prova subjacente, o meu objetivo é a transparência intelectual: mostrar não só o que sabemos, mas também como o sabemos. Ora, como se vai tornar evidente, em especial no caso dos assírios, dos babilónios e dos egípcios, que deixaram extensas inscrições gravadas, em muitos casos há pormenores granulares suficientes (talvez demasiados, por vezes) para nos centrarmos em alguns dos indivíduos de mais alto nível e nos seus feitos, mas nem sempre para os que se encontram nos níveis mais baixos da sociedade. Além disso, para algumas destas sociedades, como os micénicos, os minoicos e os cipriotas, os pormenores específicos da maioria dos indivíduos que viveram durante este período, ricos ou pobres, de elite ou insignificantes, estão agora perdidos para a história. Por essa razão, as minhas discussões irão variar dramaticamente de capítulo para capítulo, com mergulhos mais profundos em pormenores e histórias específicos quando possível, dependendo da quantidade e do tipo de informações disponíveis, mas procuro um denominador comum de cobertura histórica básica sempre que possível.¹⁰ Quem viveu, quem morreu, vou tentar contar

a sua história (para fazer referência ao musical de sucesso *Hamilton*). E, para aqueles que têm dificuldade em perceber os jogadores sem um quadro de pontuação, foi incluído um glossário das pessoas mais importantes e dos seus pormenores como *Dramatis personae* no fim deste livro.

Também temos de estar conscientes de que esta será uma história muito mais confusa do que a da Idade do Bronze. Na verdade, devemos pensar em termos de histórias (no plural) e não em termos de uma só história, pois, ao examinar as respostas das várias sociedades ao longo destes séculos, estamos a olhar para um reino mediterrânico que fora fragmentado pelo colapso do mundo interligado como o tinham conhecido. Será um pouco como olhar para um caleidoscópio, com algumas ligações e elos, mas com as peças frequentemente separadas umas das outras ou só tenuemente ligadas, e que apenas voltarão a ser reunidas na conclusão desta narrativa. Contudo, temos aqui uma oportunidade única para investigar o que acontece depois de um sistema colapsar, ao examinar em pormenor a história não apenas de uma sociedade, como, por exemplo, a maia ou a romana, mas de oito sociedades diferentes. E será precisamente isso que faremos no decurso dos primeiros cinco capítulos deste livro. Depois, no Capítulo Seis, vamos agarrar naquilo que aprendemos e analisá-lo, classificando as sociedades do ponto de vista da sua resiliência e do seu sucesso ou incapacidade para se adaptar ou para se transformar, usando os critérios e definições fornecidos pelo IPCC, e seremos capazes de examinar quais deles são relevantes para o nosso mundo moderno, na esperança de que nos possamos dar alguma orientação sobre modos de tornar as nossas sociedades mais resilientes contra as potenciais catástrofes que enfrentamos atualmente.



MAPA I. Panorâmica do Mediterrâneo Oriental na Idade do Ferro, com a indicação dos locais neo-hititas, arameus e mesopotâmicos, e a identificação dos reinos levantinos do Sul (sem indicação de todos os sítios).



MAPA 2. O Egito na Idade do Ferro, com lugares e regiões mencionados no texto.



MAPA 3. O Levante na Idade do Ferro, com lugares e regiões mencionados no texto.



MAPA 4. O Chipre na Idade do Ferro, com lugares e regiões mencionados no texto.



MAPA 5. O Mediterrâneo Ocidental durante a Idade do Ferro, com lugares e regiões mencionados no texto.



MAPA 6. A região do Egeu na Idade do Ferro, com lugares e regiões mencionados no texto.

TABELA 1. Reis e anos de reinado mencionados no texto — zona norte

	Assíria	Babilónia	Elam	Carquemis (Grande rei)	Carquemis (Senhor feudal)	Kunulua / Palistin (Tayinat)	Sam'al (Zincirli)
Séc. XIII a. C.	Tuculti-Ninurta I (1244–1208 a. C.)						
Séc. XII a. C.	Assurdā I (1179–1133 a. C.)	Enlilnadinaque (ca. 1157–1155 a. C.)	Sutruque-Nacunt (1190–1155 a. C.) Kutur-Nahhunte (ca. 1155–1150 a. C.) Hutclutush-Inshushinak (ca. 1120–1110 a. C.)	Kuzi-Teshub (ca. 1200–1180 a. C.)			
Séc. XII–XI a. C.	Tiglate-Pileser I (115–1076 a. C.)	Marduquenadinaque (ca. 1099–1082 a. C.)		Ini-Tesub (final do séc. XII a. C.)			
Séc. XI a. C.	Assurbelcala (1074–1057 a. C.) Assurnasirpal I (1049–1031 a. C.) Salmaneser II (1030–1019 a. C.)	Marduquesapiquezeri (1082–1069 a. C.) Adade-Baladā (1067–1046) Kashshu-nadin-ahi (ca. 1007–1005 a. C.)				Taita I (séc. XI a. C.)	
Séc. X a. C.				Ura-Tarhunta (início do séc. X a. C.) Tuthaliya II (séc. X a. C.) Netos de Ura-Tarhunta (séc. X a. C.)	Suhi I (ca. 1000 a. C.) Astuwalamanza(s) (séc. X a. C.) Suhi II (séc. X a. C.) Katuwa(s) (final do séc. X a. C.)	Taita II (início do séc. X a. C.) Manana (meados do séc. X a. C.) Suppiluliuma I (final do séc. X a. C.)	
Séc. X–IX a. C.	Adadenirari II (911–891 a. C.)	Shamas-mudammīq (ca. 900 a. C.)			Suhi III (ca. 900 a. C.)	Halparuntiya (início do séc. IX a. C.)	Hayya (ca. 870/60–820 a. C.)
Séc. IX a. C.	Tuculti-Ninurta II (890–884 a. C.) Assurnasirpal II (883–859 a. C.) Salmaneser III (858–824 a. C.) Samsiade V (823–811 a. C.)	Nabu-Baladā (ca. 887–885 a. C.) Marduk-zakir-shumi (ca. 855–819 a. C.) Marduk-balatsu-iqbi (819–813 a. C.) Bāba-aḫa-iddina (ca. 812 a. C.)			Sangara (ca. 875–848 a. C.) Isarwila-muwa (segunda metade do séc. IX a. C.) Kuwalana-muwa (segunda metade do séc. IX a. C.) Astiru(wa) I (ca. 810 a. C.)	Lubarna I? (início do séc. IX a. C.) Suppiluliuma II/Sapa-lulme (meados do séc. IX a. C.) Qalparunda II (meados do séc. IX a. C.) Lubarna II (final do séc. IX a. C.)	Sha'il (prov. co-sobe ca. 850–840 a. C.) Kilamuwa (ca. 840–810 a. C.)
Séc. IX–VIII a. C.	Adadenirari III (810–783 a. C.)				Kamani (ca. 790 a. C.)		
Séc. VIII a. C.							

TABELA 2. Reis e anos de reinado mencionados no texto — zona sul

Tiro	Biblos	Reino/Cidade de Damasco	Egito	Monarquia unificada	Israel	Judeia	Moa
Séc. XIII a. C.							
Séc. XII a. C.			Ramsés III (1186–1155 a. C.)				
Séc. XII–XI a. C.	Tjekkerbaal/Zakarbaal (ca. 1075 a. C.)		Ramsés IV–X (1155–1098 a. C.)				
Séc. XI a. C.			1) Ramsés XI (1098–1070 a. C.) 2) Esmendes (1077/69–1043 a. C.) e 3) Herihor (1080–1074 a. C.); Pinedjem I (1071–1036 a. C.) Psusenés I (1039–991 a. C.)	David (ca. 1000–970 a. C.)			
Séc. X a. C.		Airão (início do séc. X a. C.)	Amenemopé (991–982 a. C.)				
	Hiram (ca. 970–936 a. C.)	Etbaal (início do séc. X a. C.)	Siamom (979–958 a. C.)	Salomão (ca. 970–930 a. C.)			
		Yehimilk (meados do séc. X a. C.)	Psusenés II (958–945 a. C.)				
	Baal-ma'zer [Baal-azor] I (final do séc. X a. C.)	Abibaal (meados a final do séc. X a. C.)	Sisaque (ca. 945–924 a. C.)				
	Abdi-Aštar [Abdastratus] (final do séc. X a. C.)	Elibaal (meados a final do séc. X a. C.)	Osocor (ca. 924–890)				
Séc. X–IX a. C.	Methusastratos [usurpador] (final do séc. X a. C.)	Shipitbaal (final do séc. X a. C.)					
Séc. IX a. C.	Is-Aštar (início do séc. IX a. C.)						
	Aštar(t)-imm (início do séc. IX a. C.)				Omri (ca. 884–873 a. C.)		Mesh (séc.
	Pilles (início do séc. IX a. C.)		Takelot I (890–872 a. C.);		Ahab (ca. 871–852 a. C.)		
	Erbaal (início a meados do séc. IX a. C.)	Hadadezer (ca. 858 a. C.)	Osocor II (872–831 a. C.)		Joram (ca. 850–840 a. C.)	Jorão (ca. 849–842 a. C.)	
	Baal-ma'zer [Baal-azor] II (meados do séc. IX a. C.)				Ahaziah (ca. 842–841 a. C.)		
		Hazael (ca. 842–796 a. C.)			Jehú (ca. 841–814 a. C.)		
Séc. IX–VIII a. C.	Matân I (final do séc. IX a. C.)		Sheshoq III (831–791 a. C.); Takelot II (834–810 a. C.)		Joiás/Jeoás (ca. 804–789 a. C.)		
	Pumiyaton [Pummayon/Pygmalion] (final do séc. IX–início do séc. VIII a. C.)						

O estudo foi publicado pelo Institute for Public Policy Research; veja-se «Climate and Economic Risks “Threaten 2008–Style Systemic Collapse”», *Guardian*, 12 de fevereiro de 2019, <https://www.theguardian.com/environment/2019/feb/12/climate-and-economic-risks-threaten-2008-style-systemic-collapse>; BBC News, «Environment in Multiple Crises – Report», 12 de fevereiro de 2019, <https://www.bbc.com/news/science-environment-47203344>; e Laurie Laybourn, Lesley Rankin, e Darren Baxter, «This Is a Crisis: Facing Up to the Age of Environmental Breakdown», Institute for Public Policy Research, 2 de dezembro de 2019, <https://www.ippr.org/research/publications/age-of-environmental-breakdown>. Note-se que este é um estudo completamente diferente do lançado um ano depois, no início de 2020, que citei no início da versão revista de 1177 a. C. (Cline 2021: xv).

Cline 2014, 2021.

A citação é da versão revista e atualizada (Cline 2021: 165–66). Na minha opinião, o Colapso da Idade do Bronze Final devia ser considerado um bom exemplo na área académica agora designada «História do Clima e da Sociedade» (HCS, que envolve o estudo das «interações entre o clima e a sociedade») e realça «os mecanismos através dos quais as alterações climáticas influenciaram a história humana» (Degroot *et al.* 2021: 539).

Veja-se Haldon, Chase *et al.* 2020: 5, 12; também Haldon, Binois-Roman *et al.* 2021: 261–62; e previamente Haldon, Eisenberg *et al.* 2020. Veja-se também Kuecker e Hall 2011: 26; Johnson 2017: 1.

Para obras mais recentes sobre o Colapso e «depois do Colapso», vejam-se, por exemplo, Tainter 1988; Diamond 2005; Middleton 2017c; e os volumes com edição de Yoffee e Cowgill 1988; Schwartz e Nichols 2006; McAnany e Yoffee 2010; Fauseit 2016; Middleton 2020a. Vejam-se também, por exemplo, teses específicas como as de Kuecker e Hall 2011; Storey e Storey 2016.

Citações de Cumming e Peterson 2017: 696; Haldon, Eisenberg *et al.* 2020. Veja-se também Aldon, Binois-Roman *et al.* 2021: 262.

Colby Bermel, «Dixie Fire Becomes Largest Single Wildfire in California History», *Politico*, 6 de agosto de 2021, <https://www.politico.com/states/california/story/2021/08/06/dixie-fire-becomes-largest-single-wildfire-in-california-history-1389651>; «Greece Wildfires: Evia Island Residents Forced to Evacuate», BBC News, 9 de agosto de 2021, <https://www.bbc.com/news/world-europe-58141336>; Matthew S. Schwartz, «Wildfires Rage through Greece as Thousands Are Evacuated», NPR, 8 de agosto de 2021, <https://www.npr.org/2021/08/08/1025947847/wildfires-rage-through-greece-as-thousands-are-evacuated>; Associated Press, «Grim View of Global Future Offered in U.S. Intelligence Report», NBC News, 8 de abril de 2021, <https://www.nbcnews.com/politics/politics-news/grim-view-global-future-offered-u-s-intelligence-report-n1263549>; Brad Plumer e Henry Fountain, «A Hotter Future Is Certain, Climate Panel Warns: But How Hot Is Up to Us», *New York Times*, 9 de agosto de 2021, <https://www.nytimes.com/2021/08/09/climate/climate-change-report-ipcc-un.html>; Jake Spring, «Once-in-50–Year Heat Waves Now Happening Every Decade – U.N. Climate Report», Reuters, 9 de agosto de 2021, <https://www.reuters.com/business/environment/once-in-50-year-heat-waves-now-happening-every>

decade-un-climate-report-2021-08-09/

Veja-se agora, por exemplo, Ehrenreich 2020.

Cowgill 1988: 246. Este afirmou ainda que temos de distinguir entre o «declínio e deterioração de algo e o seu fim natural» (255), pois «o fim absoluto ou mesmo a transformação rápida e drástica de uma civilização tem sido um evento raro até aqui. A fragmentação política é muito mais comum» (256). Veja-se agora Haldon, Chase *et al.* 2020 para um debate recente, muitíssimo importante e matizado, do que envolve um «colapso»; também Johnson 2017: 7; Middleton 2017b e 2020b; Kemp 2019; Nicoll e Zerboni 2019; Haldon, Binois-Roman *et al.* 2021: 238.

Veja-se Frahm 2023: 24–25 para comentários semelhantes em relação aos registos assírios em especial.

Prólogo

BEM-VINDOS À IDADE DO FERRO

VINDOS DO NORTE, com armas reluzentes de ferro afiado empunhadas, os ferozes guerreiros dóricos puseram rapidamente fim à civilização micénica pouco depois de 1200 a. C. A Grécia mergulhou na primeira idade das trevas do mundo. De acordo com o antigo historiador grego Tucídides, tinham-se passado apenas oitenta anos após a Guerra de Troia.¹¹

Os primeiros arqueólogos e historiadores que trabalharam na Grécia moderna abraçaram o conceito de uma «invasão dórica». De acordo com os seus cenários, os invasores trouxeram consigo novos tipos de alfinetes e broches, enterros, cerâmica e — o mais importante de tudo — espadas feitas de ferro.¹² Esta história tornou-se parte do relato estabelecido nos manuais sobre a Grécia Antiga e ainda figura com destaque em várias compilações, incluindo a edição mais recente da Columbia Electronic Encyclopedia, que afirma: «O império comercial micénico e a consequente influência cultural estenderam-se de 1400 a 1200 a. C., altura em que a invasão dos dóricos deu início a um período de declínio para a Grécia.»¹³

Mas é provável que nunca tenha acontecido.

*

A existência de uma invasão dórica já era posta em causa, em 1966, por académicos como Rhys Carpenter, da escola de Bryn Mawr, e continua a ser posta em causa hoje. Tem sido descrita como uma «situação desconcertante de uma invasão sem invasores», «uma miragem académica», «uma situação extraordinária e paradoxal, na qual não há sinais da presença de um invasor hostil». Joseph Tainter, o preeminente académico do Colapso, disse-o da seguinte forma: «Simplesmente [...] os dóricos deixaram, curiosamente, poucos vestígios arqueológicos», ao passo que o professor Gregory Nagy, antigo diretor do Centro de Estudos Helénicos da Universidade de Harvard, disse que «não há necessidade de contemplar uma “invasão dórica” [...] na prática, os dóricos já

estavam “lá”, no Peloponeso, enquanto população de substrato»¹⁴.

Na verdade, nenhuma das «provas» acima referidas exige a chegada de um novo povo para explicar a sua existência, e sabe-se agora que algumas das chamadas inovações tinham já começado na Idade do Bronze, incluindo as espadas de Naue II e as fíbulas de arco de violino. Outras inovações, como o domínio da tecnologia do fabrico do ferro, surgiram apenas depois da destruição dos palácios, não antes ou simultaneamente, como veremos adiante. Além disso, a cerâmica micénica continuou a ser utilizada durante mais um século e meio após o início do Colapso, até meados do século XI a. C.¹⁵

Há também indícios significativos de continuidade ao longo deste período, apesar do fracasso súbito e total dos sistemas políticos e económicos que tinham vigorado na Grécia continental no decurso da Idade do Bronze. A título de exemplo, os especialistas linguísticos sugeriram que alguns traços do dialeto dórico podiam já ser detetados na língua dos textos Linear B utilizados pelos micénicos, que correspondem a uma versão primitiva do grego. Assim, os vários dialetos podiam simplesmente ter sido falados por diferentes grupos de língua grega que sobreviveram ao grande Colapso e não por invasores vindos de longe.¹⁶

Além disso, não existe um grande influxo de novas populações. Na verdade, as pesquisas arqueológicas indicam exatamente o contrário, pois houve uma queda dramática da população na Grécia continental imediatamente após o Colapso. As estimativas iniciais que indicavam que a população tinha diminuído entre 75% e 90% entre os séculos XIII e XI a. C. são agora consideradas algo elevadas, mas as avaliações atuais ainda apontam para uma redução entre os 40% e os 60%, com uma população estimada em cerca de 600 mil almas no fim da Idade do Bronze a cair para cerca de 330 mil no início da Idade do Ferro na Grécia continental.¹⁷

Contudo, nem todos morreram; alguns sobreviventes mudaram-se, simplesmente, para outras zonas da Grécia que, até então, não tinham sido povoadas, mas que, doravante, talvez fossem consideradas mais seguras para viver do que antes. Outros podem ter-se mudado para regiões ainda mais distantes, migrando para regiões como o Chipre ou Canaã, ou para oeste, até Itália, à Sardenha ou à Sicília.¹⁸

Dito de forma mais simples, apesar de mais de um século de escavações, não foram descobertas provas definitivas de qualquer invasão dórica. Trata-se de um mito ou de uma tradição literária criados pelos escritores gregos para explicar,

em parte, a existência de vários dialetos gregos, escritos e falados, no primeiro milénio antes de Cristo, mas não é apoiado por quaisquer provas físicas.

*

Se a ideia de uma invasão dórica foi posta a discussão, arquivada e descartada pelos académicos há várias décadas, é razoável que se pergunte: porque é ainda discutida? A verdade é que, apesar do ceticismo dos académicos em relação a uma invasão dórica, a crença nesta fora da pequena comunidade de académicos mantém-se. Sarah Morris, professora da UCLA, afirma, ao falar do «espectro persistente dos dóricos», que, «por muito que os dóricos sejam agora rejeitados pelos especialistas profissionais em história, língua e arqueologia, continuam entrincheirados [...] nos manuais escolares e nas salas de aula. Por outras palavras, a pedagogia — dos currículos aos manuais e aos planos de curso — não acompanhou os desenvolvimentos académicos».¹⁹

Em vez do conceito de «invasão dórica», os especialistas da Idade do Ferro preferem debater a ideia de que podem ter decorrido algumas migrações dentro da própria Grécia à medida que os sobreviventes do Colapso se foram mudando para novas zonas e se foram afastando das cidadelas da Idade do Bronze.²⁰ Pode parecer — literalmente, na verdade — que se trata apenas de uma questão de semântica, mas há uma enorme diferença entre os dois tipos de movimento — ou seja, das migrações em relação às invasões —, com a primeira a ser frequentemente pacífica e estendendo-se, por vezes, por períodos temporais significativos, e a última a implicar um evento violento e muito mais súbito que envolve a chegada de estrangeiros à região. Na verdade, uma tal migração das populações sobreviventes é, com efeito, bastante comum tendo em conta o que acontece na sequência de um colapso do sistema como o que ocorreu no final da Idade do Bronze. Outro bom exemplo ocorreu no sudoeste americano por volta de 1300 d. C., quando a população emigrou maciçamente da zona dos Quatro Cantos para sul do vale do Rio Grande, na sequência de um declínio climático dramático.²¹

Aquilo foi mesmo uma Idade das Trevas?

Se agora se pode demonstrar que o pensamento anterior dos académicos sobre a invasão dórica da Grécia está incorreto, então em que mais poderemos estar

errados ao descrever os séculos que imediatamente se seguiram ao Colapso da Idade do Bronze, que há muito são considerados pelos acadêmicos como uma «primeira idade das trevas»? Na verdade, temos de perguntar se se tratou realmente de uma idade das trevas. Será esta uma descrição exata do que foi a vida em toda a região no rescaldo do Colapso, especialmente se a invasão dórica nunca aconteceu?

Há três décadas, Nicholas Coldstream, da University College de Londres, chamou a este período grego «uma era de iliteracia total e, na maioria das regiões do Egeu, uma era de pobreza, comunicações deficientes e isolamento do mundo exterior». No entanto, escrevendo quase ao mesmo tempo, o arqueólogo Willie Coulson afirmava que, embora a percepção geral seja a de que esta era foi «um ponto baixo na qualidade da arte e da vida [...] uma época primitiva e marcada pela pobreza», será preciso notar que não existe uma boa definição universal com a qual todos os acadêmicos estejam de acordo.²²

O dicionário Merriam-Webster define uma idade das trevas como «um tempo durante o qual uma civilização sofre um declínio». São apresentados dois exemplos: (1) «o período histórico europeu de cerca de 476 d. C. a cerca de 1000 [d. C.]» (que não é aqui tema de preocupação); e (2) «o período histórico grego de três a quatro séculos depois de cerca de 1100 a. C.» (no qual aqui me centro). Acrescenta ainda uma definição geral de «um estado de estagnação ou declínio».²³

Na verdade, os critérios a que o arqueólogo Colin Renfrew, da Universidade de Cambridge, recorreu em 1979 para definir o colapso de um sistema também podem ser utilizados para definir uma idade das trevas (que, de acordo com Renfrew, ocorre quase sempre na sequência do colapso de um sistema), de um ponto de vista estritamente social. Estes incluem (1) o colapso da organização administrativa central; (2) o desaparecimento da elite tradicional; (3) uma rutura da economia centralizada; (4) uma mudança de povoações; e (5) um declínio populacional. A estes, como sintomas adicionais específicos de uma idade das trevas, acrescentaria (6) a perda da escrita; e (7) uma pausa na construção da arquitetura monumental.²⁴

TABELA 3. Mudanças sociais indicativas de um colapso do sistema e subsequente Idade das Trevas

Economia central	Colapso
Administração central	Colapso
Elites tradicionais	Desaparecimento
Povoações	Mudança/Deslocação
População	Declínio
Escrita	Perda
Arquitetura impressionante	Desaparecimento

Joseph Tainter refere que um colapso sistemático de uma civilização ou sociedade também é geralmente pensado para trazer um fim às «características artísticas e literárias da civilização, e à cobertura de serviço e proteção que uma administração oferece». Consequentemente, nas suas palavras, «o fluxo de informação diminui, as pessoas trocam e interagem menos, e há uma menor coordenação geral entre indivíduos e grupos. A atividade económica diminui [...] e as artes e a literatura sofrem um declínio quantitativo tão grande que, muitas vezes, se segue uma idade das trevas. Os níveis populacionais tendem a diminuir e, para os que restam, o mundo conhecido encolhe». Tudo isto é normalmente visto como um acontecimento temível, «um verdadeiro paraíso perdido». No entanto, de acordo com Tainter, o colapso sociopolítico é um acontecimento normal, e até expectável, no curso geral da vida da maioria das sociedades complexas.²⁵

Talvez não seja de surpreender, portanto, que, no final do século VIII a. C., o poeta grego Hesíodo tenha lamentado estar a viver um período como aquele. «Pudera eu não estar entre os homens da quinta geração», escreveu, «mas ter morrido antes ou ter nascido depois. Pois esta é verdadeiramente uma raça de ferro, e os homens nunca repousam da labuta e da tristeza durante o dia, e de perecer durante a noite; e os deuses sobre eles lançarão grandes problemas.»²⁶ Foi a ele, juntamente com a crescente utilização do novo metal, que se deveu o nome «Idade do Ferro» dado a este período, em alternativa à frequentemente utilizada «Idade das Trevas».

Foi ou não foi esta uma idade das trevas? Ou deverá agora ser vista como outra coisa, em especial se olharmos não só para as sociedades, mas também para os indivíduos que as constituíam? Como James Scott, da Universidade de Yale, perguntou recentemente, «das “trevas” para quem e em que aspetos?»²⁷.

Esta é a questão que está no centro das nossas explorações. Como foi para aqueles que viveram no rescaldo do Colapso, e em que medida diferiu em cada

uma das áreas afetadas? O que foi preciso para sobreviver? Será isto que iremos analisar nos próximos capítulos, à medida que seguimos cada uma destas sociedades e regiões — por vezes de forma superficial, mas muitas vezes com grande pormenor, na medida em que as provas o forem permitindo —, acompanhando as suas reviravoltas e mudanças entre os séculos XII e VIII a. C., antes de procedermos às nossas análises. Começemos, então.

Veja-se Tucídides (Thuc. 1.12.1–3; também Thuc. 1.2.2); também Heródoto (Hdt. 8.73; também Hdt. 1.56.2–3) e Pausânias (Paus. 4.3.3; também Paus. 2.12.3).

Vejam-se os debates e discussões em inglês, citando frequentemente estudos anteriores em alemão e francês, encontrados em Casson 1921; Heurtley 1926/27; Hammond 1931–32; Daniel, Broneer, e Wade-Gery 1948; Starr 1961: 72–74; Cook 1962; Desborough 1964: 246–48; Snodgrass 1971: 300–312; também discussões mais recentes que reveem situações anteriores, por exemplo, Muhly 1992: 12; J. M. Hall 1997: 3–4, 12, 41, 56–65; 2002: 32–35, 73–82; 2003; 2006: 240–42; 2007: 43–51.

Veja-se «Mycenaean Civilization», Columbia Electronic Encyclopedia, 6.^a ed., março 2021, [http://search.ebscohost.com.proxygw.wrlc.org/login.aspx?](http://search.ebscohost.com.proxygw.wrlc.org/login.aspx?direct=true&db=a9h&AN=134483212&site=ehost-live)

[direct=true&db=a9h&AN=134483212&site=ehost-live](http://search.ebscohost.com.proxygw.wrlc.org/login.aspx?direct=true&db=a9h&AN=134483212&site=ehost-live) (acedido a 30 de setembro de 2022).

Carpenter 1966: 40; Snodgrass 1971: 312; Hooker 1979: 359; Tainter 1988: 63–64 (que também cita Carpenter); J. M. Hall 2002: 79 (citando Hooker); Papadopoulos 2014: 185; Nagy 2019b (citando Palaima 2002), 2019b. Vejam-se também, por exemplo, Schnapp-Gourbeillon 1979: 1–11, 2002: 131–82; S. P. Morris 1989: 48–49; Coulson 1990: 14–17; Muhly 1992: 11; R. Osborne 1996: 33–37; Lemos 2002: 191–93; Papadopoulos e Smithson 2017: 24, 980; Wallace 2018: 311–15; Kotsonas e Mokrišov. 2020: 221–22; Knodell 2021: 187–88. Sobre os dóricos em Creta, veja-se agora, por exemplo, Hatzaki e Kotsonas 2020: 1036–37, citando Wallace 2010: 365–73 e outros.

Vejam-se, por exemplo, J. M. Hall 1997: 111–31, 2002: 78–82; Tainter 1988: 63–64; I. Morris 2000: 198–218; Voutsaki 2000: 232–33; Montiglio 2006: 161; Wallace 2010: 371–73; Bryce 2020: 114; Ruppenstein 2020b; Knodell 2021: 132; Osborne e Hall 2022: 9; Maran 2023: 240.

Nagy 2019b, citando Palaima 2002; também Nagy 2019a; Ruppenstein 2020b.

Veja-se mais recentemente Murray 2017: 7, 211, 231–32, 234–39, também 2020: 202; previamente Snodgrass 1971: 364–67; Desborough 1972: 18; I. Morris 1987: 146, 2006: 80, 2007: 218; Chew 2007: 95. Veja-se também as discussões em Tainter 1988: 10–11, 1999: 1010; Dickinson 2006a: 93–98, 2006b: 117–18; Eder 2006: 550; J. M. Hall 2007: 59–61; Deger-Jalkotzy 2008: 393–94; Wallace 2010: 88; Eder e Lemos 2020: 140; Nakassis 2020: 277; Knodell 2021: 119–29, 144, 153, 240. Vejam-se também algumas das outras discussões, por áreas específicas, tanto em Middleton 2020a como em Lemos e Kotsonas 2020.

Vejam-se outra vez, por exemplo, J. M. Hall 1997: 111–31, 2002: 78–82; Tainter 1988: 63–64; I. Morris 2000: 198–218; Voutsaki 2000: 232–33; Montiglio 2006: 161; Wallace 2010: 371–73; Bryce 2020: 114; Ruppenstein 2020b; Knodell 2021: 132.

S. P. Morris 1989: 48–49. Por outro lado, na sua obra *A Brief History of Ancient Greece*, Pomeroy *et al.* (2020: 39–40) oferecem um resumo exato do problema e do nosso atual pensamento sobre a invasão dórica, ou a falta desta, concluindo que «não é possível encontrar qualquer vestígio material de tais invasores nos registos arqueológicos». Mas também Elayi 2018: 90, que se refere às «invasões dóricas da Grécia micénica, que terão impelido à sua frente as populações egeias».

Veja-se, por exemplo, J. M. Hall 1997: 153–67. Veja-se agora Bryce 2020: 113–14, citando Finkelberg 2011: 217–18, sobre os «movimentos populacionais mistos», na Grécia continental do final da Idade do Bronze; também Ruppenstein 2020b; J. Osborne e Hall 2022: 10–11; Van Damme 2023: 179.

As migrações também podem ser «uma série de eventos ao longo do tempo que envolvem indivíduos ou

grupos familiares, em vez de ondas de pessoas ou “culturas” que cobrem toda uma paisagem em eventos singulares» (veja-se Georgiadis 2009: 97, citando Anthony 1997: 23). Sobre o exemplo das *Pueblo Societies*, veja-se mais recentemente Scheffer *et al.* 2021, com pormenores e mais referências. Sobre as migrações do final da Idade do Bronze tardia, veja-se agora Knapp 2021; também Middleton 2018a, 2018b.

Coulson 1990: 7, 9–10; Coldstream 1998, também 1992–93: 8, citando Muhly 2003: 23; veja-se agora também J. Scott 2017: 216–17.

Entrada *online* do Merriam-Webster: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/dark%20age>; veja-se também *World History Encyclopedia*: https://www.worldhistory.org/Greek_DarkAge (ambos acedidos pela última vez a 9 de dezembro de 2022).

Debatei longamente esta questão em 1177 *a. C.*; veja-se Cline 2021: 167, citando esp. Renfrew 1978, 1979: 482–87; veja-se também agora Faulseit 2016 (no volume por si editado): 5. Muhly (2011: 48) refere: «A perda da arte da escrita é a característica definidora de uma Idade das Trevas, mas não deixa de ser um sintoma, não a causa de um tal período.» Veja-se também Snodgrass 1971: 2, e, agora, Sherratt 2020: 196–97 sobre as características de uma Idade das Trevas. Veja-se também previamente Chew 2001: 9–10, 60–62; 2005: 52–58, 67–70; 2007: xvi, 6–10, 13–14, 16–17 (nn. 9–10), 79–83, 94–99; 2008: 92–93, 120–21, 130–31 pelas suas definições e características, bem como especificamente aquilo que vê como a Idade das Trevas na Grécia depois do Colapso; relevantes para isto são os comentários de T. D. Hall (2014: 82–84) à primeira edição de 1177 *a. C.*

Tainter 1988: 4, 19–20, 193, 197; 1999: 989–91, 1030; veja-se também agora Middleton 2017a, 2017c: 46.

Hesíodo, *Works and Days* 174–79.

J. Scott 2017: 213, veja-se também 214–18. Veja-se também Murray 2018c: 19, 22; previamente a discussão em Dickinson 2006a: 3–9 e agora o útil resumo *online* de M. Lloyd (2017).

Capítulo Um

O ANO DAS HIENAS, QUANDO OS HOMENS MORRIAM À FOME (*EGITO, ISRAEL E LEVANTE DO SUL*)

UM GOLPE RÁPIDO DE FACA NA GARGANTA, desferido por um assassino, pôs fim a trinta e dois anos de reinado do faraó Ramsés III do Egito em 1155 a. C. Duas décadas antes, Ramsés tinha obtido uma imensa vitória sobre os Povos do Mar, mas era agora vítima de uma sórdida conspiração de harém desencadeada por uma das suas próprias mulheres, Tiye, e por um filho menor chamado Pentawere.

O assassinio, agora conhecido como «Conspiração do Harém», chamou a atenção dos egiptólogos modernos pela primeira vez há cerca de 150 anos.²⁸ Os pormenores estão contidos em cerca de seis papiros, alguns, ou todos, podem ter sido originalmente parte de um único pergaminho, que foi cortado em secções por um ladrão de antiguidades empreendedor antes de ser vendido a várias pessoas, em vários lugares. O mais longo destes documentos é atualmente conhecido como o «Papiro Judicial de Turim», alojado (talvez não surpreendentemente, dado o seu nome moderno) no Museu Egípcio de Turim, em Itália. Foi originalmente adquirido por Bernardino Drovetti, o cônsul-geral francês no Egito no início do século XIX; este vendeu-a ao rei da Sardenha; e acabou por ficar acomodado no Museu Egípcio.²⁹

O papiro contém muitos dos pormenores dos quatro julgamentos dos seus acusados. A conspiração terá sido arquitetada por Tiye, que desejava que o seu filho com Ramsés III, o príncipe Pentawere, ascendesse ao trono. Chegaram a ser acusados quarenta conspiradores, tanto membros do harém como funcionários da corte, que foram julgados em quatro grupos. Alguns deles foram culpados e condenados à pena de morte; vários foram forçados a suicidar-se no próprio tribunal. Pentawere estava entre os condenados à morte, e presume-se que o mesmo tenha acontecido à sua mãe, embora não haja registo

do julgamento desta.

Embora se soubesse que Ramsés III morreu antes dos veredictos deste caso, estes documentos não esclarecem se a conspiração foi bem-sucedida, e a questão foi deixada em aberto pelos egiptólogos. Mas, ao que parece, a conspiração teve mesmo êxito, embora este facto só tenha sido revelado em 2012, quando foram efetuadas tomografias ao corpo de Ramsés III, que tinha sido encontrado mais de um século antes, em 1881, no complexo de múmias de Deir Elbari, perto do templo mortuário de Hatshepsut. Teria sido transportado para lá ser guardado pelos sacerdotes no início da XXII Dinastia, no fim do século x a. C., após uma série de roubos de túmulos reais, que se estenderam por mais de um século. Conforme relatado no *British Medical Journal*, era evidente que a garganta de Ramsés fora cortada. A faca afiada que causou a ferida tinha-lhe sido cravada no pescoço imediatamente abaixo da laringe, até à vértebra cervical, cortando-lhe a traqueia e todos os tecidos moles em redor. A morte foi provavelmente instantânea, ou quase. Mais tarde, no processo de embalsamamento, foi posicionado sobre a ferida um amuleto protetor do olho de Hórus, quer para proteção ou para cura, embora fosse demasiado tarde para ajudar o rei na sua vida corpórea. Além disso, puseram uma gola grossa de linho à volta do pescoço para esconder a marca da facada. Foi apenas na TAC que os cientistas conseguiram ver através do tecido grosso e identificar o ferimento que matou o rei.³⁰

Um segundo corpo, de um homem de 18 a 20 anos, conhecido como «Homem Desconhecido E», foi encontrado com Ramsés III no complexo real de Deir Elbari. Envolvido numa pele de cabra ritualmente impura e não devidamente mumificado, foi sugerido que o corpo seria o do príncipe culpado, Pentawere. Os testes de ADN indicam que poderia ter sido filho de Ramsés III, mas esta conclusão não é de modo algum universalmente aceite na egiptologia. As provas forenses, incluindo contorções faciais e ferimentos na garganta, sugerem que terá sido estrangulado.³¹

O assassinato deu o tom para os séculos seguintes no Egito, já que os anos que se seguiram à sua vitória sobre os Povos do Mar não foi agradável. Por exemplo, temos agora provas de que uma seca de enormes proporções, sobre a qual há documentos que a estendem de Itália ao Irão (em termos modernos), na minha opinião, foi um dos principais tensores que levou ao Colapso da Idade do Bronze Final, que acabou por atingir o Egito mais ou menos por esta altura. Isto aconteceu porque o caudal do Nilo ficou reduzido quando a precipitação

diminuiu no planalto etíope, uma situação que durou cerca de duzentos anos. Este facto, sem surpresa, conduziu, por sua vez, a uma crise alimentar e, conseqüentemente, à fome no Egito, bem como a problemas económicos conexos, incluindo o não pagamento de salários, que culminou numa greve e na manifestação dos trabalhadores de Deir Almedina no 29.º aniversário de Ramsés no trono — possivelmente um dos primeiros registos de ações industriais da história.³²

Com a morte de Ramsés III, esta era da história egípcia também terminou, embora os seus filhos e netos tenham continuado a dinastia por mais quatro décadas. Ainda que a cultura e a sociedade egípcias não tenham entrado em colapso e os egípcios não tenham desaparecido da Terra, a sua reconfiguração para a nova ordem mundial não foi particularmente bem-sucedida após o Colapso da Idade do Bronze. Embora tenham sobrevivido, a sua capacidade tornou-se muito reduzida; já não seriam tidos como parte das «Grandes Potências» de então, como o tinham sido durante o apogeu das XVIII e XIX dinastias.

Em vez disso, no decurso dos dois séculos seguintes, os egípcios ficaram reféns de governos repletos de intrigas, para não falar de problemas de sucessão e de rivalidades que, ocasionalmente, resultavam em dois, três e, por vezes, até quatro governantes em diferentes partes do Egito ao mesmo tempo. Ocasionalmente, surgia um líder forte, como Sisaque I, um governante líbio que fundou a XXII Dinastia, mas isso só viria a acontecer em 945 a. C., mais de duzentos anos após a morte de Ramsés III, e não duraria muito tempo.

*

Os oito faraós que se seguiram a Ramsés III tiveram, todos, o mesmo nome (IV a XI), e nos seus reinados assistiu-se a uma deterioração constante da situação do Egito. Os dois primeiros reis, Ramsés IV e V, estiveram no trono durante apenas dez anos e pouco fizeram que mereça ser mencionado.³³ Há também questões intrigantes em torno da morte deste último, pois pode ter sido vítima de mais uma calamidade — a doença — que estará associada ao Colapso da Idade do Bronze. A sua múmia tem pústulas ainda visíveis no rosto, o que leva a pensar que terá morrido de varíola por volta de 1140 a. C., o que pode ser corroborado por textos que referem a escavação de novos túmulos para si e para outros membros da família. Os homens que fizeram a escavação tiveram,

posteriormente, direito a um mês de licença «a expensas do faraó» (ou seja, com salário completo), após o que o Vale dos Reis foi fechado aos visitantes durante seis meses, talvez como uma espécie de quarentena.³⁴

No reinado de Ramsés V, o Egito continuou a controlar as minas de cobre em Timna, na península do Sinai, mas é o nome do último faraó egípcio que se encontrará nessa região. Da mesma forma, o seu sucessor, Ramsés VI, será o último faraó cujo nome se encontra nas minas de turquesa de Serabit el-Khadim, também situadas no Sinai. Este facto é normalmente visto como um indício de que os egípcios tinham perdido o controlo e/ou retirado quase totalmente do Levante meridional por volta de 1140 a. C.³⁵ Curiosamente, uma pequena base de estátua de bronze encontrada em Megido pela expedição de Chicago na década de 1930 tem inscrita a cartela de Ramsés VI e é frequentemente citada como prova de que o Megido cananeu não havia sido tomado até então, mas encontrava-se num contexto controverso e, como tal, não podia ser utilizado para sustentar tais argumentos.³⁶

Quando Ramsés VI morreu em 1133 a. C., os trabalhadores que lhe construíam o túmulo no Vale dos Reis enterraram acidentalmente o túmulo de Tutankhamon, que se encontrava ao seu lado, deixando-o para que Howard Carter e lorde Carnarvon o descobrissem em 1922. O seu filho subiu ao trono, por sua vez, como Ramsés VII. Não sabemos muito sobre o seu reinado, mas os textos dos dez anos (ou menos) durante os quais governou indicam que o preço dos cereais subiu em flecha e que a economia era instável.³⁷

Da mesma forma, após um breve reinado de apenas um ano para Ramsés VIII, que, como filho de Ramsés III, era provavelmente já velho quando se tornou faraó, os problemas continuaram para o governante seguinte, Ramsés IX (*ca.* 1126–1108 a. C.). Esteve no trono durante 18 anos, durante os quais os problemas se agravaram no Egito, nomeadamente sob a forma de roubos de túmulos, fome e perturbações causadas por «estrangeiros» junto da aldeia dos trabalhadores em Deir Almedina. Pode ter sido nesta altura que o Egito perdeu, pela primeira vez, o controlo da Alta Núbia e das minas de ouro aí situadas. É também possível que o domínio do Egito se tenha dividido durante o seu reinado, pressagiando uma ocorrência comum nos séculos seguintes.³⁸

Entre os documentos legais deste período, encontram-se os «Papiros do Roubo do Túmulo», como passaram a ser conhecidos. Estes são uma dúzia ou mais de textos, que abrangem os reinados de Ramsés IX a XI, que incluem o chamado «Papiro de Abbott» e o «Papiro de Leopold-Amherst», do décimo

sexto ano do reinado de Ramsés IX. Neles, encontramos descrições pormenorizadas de roubos de túmulos na necrópole real, bem como em cemitérios privados. A maior parte das pilhagens tinha aparentemente ocorrido neste décimo sexto ano. Alguns dos ladrões de túmulos foram apanhados e as confissões foram extraídas durante os interrogatórios e julgamentos subsequentes. Os ladrões eram, todos, condenados à morte, muito provavelmente por empalamento, uma vez que essa era a sentença habitual para o roubo de túmulos reais.³⁹

No entanto, os roubos tinham começado muito antes, pois sabemos que, algures antes do nono ano do reinado de Ramsés IX, os ladrões assaltaram o túmulo de Ramsés VI. Mais uma vez, alguns dos assaltantes foram apanhados. Num papiro fragmentário de Liverpool, em Inglaterra, conhecido como «P. Mayer B», um dos presos confessou especificamente: «Passei quatro dias a arrombá-lo [o túmulo real], sendo nós cinco. Abrimos o túmulo e entrámos. Encontrámos um cesto em cima de sessenta caixas.» De seguida, descreveu ter encontrado caldeirões de bronze, lavatórios de bronze e vários outros objetos também de bronze. Abriram ainda duas arcas cheias de roupa, que são descritas em pormenor.⁴⁰ O facto de serem mencionados objetos de bronze, e não de ouro, é especialmente interessante e pode ser um reflexo do declínio da prosperidade desde os dias de Tutankhamon.

Infelizmente, e neste ponto o texto é interrompido, pelo que não sabemos o que mais encontraram e/ou levaram, como foi descoberto o roubo, que castigo lhes foi aplicado, embora seja provável que tenha sido a pena de morte. Todavia, sabemos que quando a múmia de Ramsés VI foi encontrada em 1898, dentro do túmulo de Amenófis II, para onde tinha sido transferida para ser guardada, era evidente que tinha sido «selvaticamente atacada por ladrões de túmulos, tendo a cabeça e o tronco sido cortados em pedaços com um machado». O arqueólogo britânico Peter Clayton observou: «Os sacerdotes tinham piedosamente embrulhado os pedaços numa tábuia, num esforço para que se assemelhasse à forma humana. Quando Elliot Smith o examinou em 1905, encontrou partes de, pelo menos, dois outros corpos incluídos nos invólucros: a mão direita de uma mulher e a mão direita e o antebraço mutilados de outro homem. Onde o pescoço do rei deveria estar, estavam o seu osso da anca esquerdo separado e parte da pélvis.»⁴¹

Alguns dos problemas do tempo de Ramsés IX continuaram no tempo do seu sucessor, Ramsés X, que governou durante um breve período no final do

tumultuoso século XII a. C. De acordo com os escassos registos do seu reinado, os principais problemas seriam a contínua falta de alimentos e a consequente redução das atividades relacionadas com o trabalho (presumivelmente devido à fome), bem como a presença de mais estrangeiros não identificados em Deir Almedina e nos arredores.⁴² O seu sucessor seria o último dos Ramsés — Ramsés XI —, que marcou o início do novo século e o fim da XX Dinastia.

De um modo geral, o século XII a. C. no Egito foi marcado pela escassez de alimentos e pelas lutas políticas internas, entre outros problemas. Qual a capacidade de resistência dos egípcios nessa altura? Conseguiram aguentar e continuar a existir, mas, na verdade, não conseguiram fazer a transição corretamente, nem se adaptaram particularmente bem, nem se transformaram de todo. Como resultado, não só assistimos a problemas sociais, como também a um rápido declínio do anterior papel do Egito enquanto grande potência internacional.

Onde Está a Minha Múmia? O Egito durante a XXI Dinastia

Ramsés XI governou o Egito durante quase 30 anos no início do século XI a. C., de cerca de 1098 a 1070 a. C. Teve, de longe, o mais longo reinado de todos os faraós da XX Dinastia. Os seus primeiros 19 anos foram relativamente pacíficos, embora tenha havido roubos de túmulos e fome. Um papiro menciona uma mulher possuidora de ouro saqueado de um túmulo, que afirma tê-lo recebido em troca da venda de comida durante «o ano das hienas, quando os homens morriam à fome». Pior ainda estava para vir, pois a segunda metade do seu reinado foi marcada pela fragmentação e pela guerra civil no Egito, terminando com governantes rivais.⁴³

O Egito tinha conseguido manter a maior parte da sua estrutura administrativa até então, mas o sistema começou a desmoronar-se quando os altos sacerdotes de Ámon em Tebas começaram a competir com os reis pelo governo do país. Um sumo sacerdote de Ámon, chamado Herihor, que é mencionado na «História de Unamon», de que falo no Capítulo Três, reivindicou o controlo sobre a Núbia e o Alto Egito, e assumiu o título de vice-rei de Cuxe, bem como o de vizir do faraó. No décimo nono ano de Ramsés XI, Herihor governava o Alto Egito e a Núbia, até Tebas. Este período passou a ser conhecido como o primeiro ano da «Renascença» (do egípcio *wehem meswt*, que significa «a repetição dos nascimentos»), embora não tenha sido um

renascimento como entendemos atualmente o termo.⁴⁴

Ao mesmo tempo, um administrador chamado Esmendes assumiu o controle no Norte, ou seja, no Baixo Egito, mais concretamente na região de Pi-Ramsés, no delta do Nilo. Também ele é mencionado na «História de Unamon», juntamente com a mulher, Tanetamon, que pode ter sido uma filha de Ramsés XI. Ramsés permaneceu como faraó, mas foi essencialmente reduzido ao estatuto de figura de proa. Assim, nessa altura, o governo do Egito era dividido por três homens — Ramsés XI, Herihor e Esmendes —, sendo que os dois últimos deviam uma obediência ostensiva ao primeiro, mas na realidade agiam de forma independente.⁴⁵

A fragmentação do Egito não ajudou o país a responder às crises da época. O roubo de túmulos continuou a ser um problema, pelo que Herihor e os outros sacerdotes retiraram alguns dos corpos reais dos túmulos originais do Vale dos Reis. A múmia de Ramsés II, por exemplo, foi temporariamente acrescentada ao túmulo de Seti I no 15.º ano de Esmendes. Os dois voltaram, mais tarde, a ser transferidos para o complexo de Deir Elbari, no fim do século X.⁴⁶

Imediatamente após a morte de Ramsés XI, em 1070 a. C., Esmendes tornou-se faraó, com isso fundando uma nova dinastia, a XXI, que foi, no seu conjunto, um tempo de deslocação, pontuado por períodos de desordem — e alguns de relativa prosperidade. Ele e os seus sucessores diretos governaram desde a nova capital, Tanis, na região do delta do Nilo, durante o século seguinte e mais além, até cerca de 945 a. C.⁴⁷

Por outro lado, Herihor continuou a governar o Alto Egito desde Tebas, o que significava que o país estava agora dividido em dois. A situação terá continuado, aparentemente, no tempo do sucessor de Herihor, Pinedjem I, que subiu de sumo sacerdote a rei após a morte de Herihor. Era, muito provavelmente, casado com Henuttawy, uma possível neta de Ramsés XI, ligando assim as duas novas famílias governantes à dinastia anterior e dando início a uma reunificação do Alto e do Baixo Egito.⁴⁸

O trabalho de proteção dos enterrados no Vale dos Reis foi continuado com a transferência de dez múmias reais para uma câmara lateral do túmulo de Amenófis II. Entre estas estavam os corpos de Tutemés IV, Amenhotep III, Merneptá, Siptá, Seti II, e Ramsés IV, V e VI. Em 1898, o egiptólogo francês Victor Loret, que acabara de ser nomeado diretor do Serviço de Antiguidades, descobriu o túmulo e todas as suas múmias reais, incluindo a de Ramsés VI acima mencionada. Apesar de ter escavado o túmulo com cuidado e de ter

mantido um diário na altura, apenas publicou um relatório preliminar das suas descobertas. Ironicamente, muito depois da morte de Pinedjem, a sua própria múmia também seria transferida para o complexo em Deir Elbari.⁴⁹

*

Entretanto, quando Esmendes morreu, por volta de 1043 a. C., foi provavelmente enterrado em Tanis, no primeiro de uma série de enterros da XXI Dinastia. Cerca de cinco anos após a morte de Esmendes, sucedeu um breve governo de outro soberano, um filho de Pinedjem I, Psusenés I, que governou durante quase cinquenta anos (*ca.* 1039–991 a. C.). Com a sua ascensão, o Alto e o Baixo Egito foram uma vez mais reunidos. O seu reinado pode também assinalar o primeiro envolvimento egípcio com o Levante em quase um século.⁵⁰

As provas provêm, em parte, dos vasos de ouro e prata, bem como de outros objetos, incluindo *ushabtis* (pequenas estatuetas com forma humana que eram deixadas nos túmulos para acompanhar a pessoa enterrada na vida após a morte), encontrados no túmulo de Psusenés em Tanis. O egiptólogo francês Pierre Montet descobriu o túmulo em 1939–40, no início da Segunda Guerra Mundial. E o que lá encontrou foi inesperado; foi descrito como um dos enterros mais ricos alguma vez encontrados no Antigo Egito, ultrapassado apenas pelo do rei Tutankhamon.⁵¹

Quando Montet entrou pela primeira vez na câmara funerária, viu um caixão de prata maciça no meio da sala, rodeado de vasos de bronze e de outros objetos, com outros tantos encostados às paredes. As decorações destes confirmam que se tratava do túmulo de Psusenés I. Montet alertou o rei Faruq, que governava o país moderno do Egito na altura, e esperou até que o rei chegasse ao local para abrir o caixão. Eis o relato do egiptólogo Bob Brier: «Quando o caixão foi aberto a 23 de março de 1939 [...] foi revelada uma máscara de ouro que cobria o faraó há muito morto.» No entanto, não era Psusenés. Em vez disso, os hieróglifos indicavam que a múmia no caixão era de um rei até então desconhecido, Sisaque IIa. Este facto é extremamente estranho, uma vez que, com base no seu nome, este rei pertencia à dinastia que se seguiu à de Psusenés, tendo governado talvez um século mais tarde, durante a XXII Dinastia. Além disso, Sisaque não estava sozinho na antecâmara, pois as múmias dos dois últimos reis da XXI Dinastia, Siamom e Psusenés II, foram aí encontradas. O

caixão de Sisaque tinha sido posicionado entre elas.⁵²

Como refere Brier, se Sisaque IIa estava no túmulo de Psusenés I, onde estava Psusenés? Seria este mais um caso de uma múmia deslocada ou escondida na Antiguidade? Afinal, a múmia não tinha ido muito longe, e Montet não demorou muito a constatar esse facto, pois, no ano seguinte, em meados de janeiro de 1940, enquanto Montet continuava a limpar o que era, na verdade, a antecâmara do túmulo, com vários bens sepulcrais, reparou que havia duas portas ocultas, pouco visíveis na parede oeste. E escreveu mais tarde: «Começámos pela abertura norte. Os pequenos blocos foram facilmente removidos, mas um grande bloco de granito preenchia exatamente o corredor que, durante algum tempo, não acreditámos ser possível extrair. Projetando a luz de uma lâmpada elétrica, vimos no seu interior dois objetos metálicos, um brilhante, o outro verde, da oxidação, e uma pedra maciça.»⁵³

Quando finalmente conseguiram retirar a pedra de bloqueio, enrolando um cabo à sua volta seis vezes e retirando-a da sua posição com um guindaste, e conseguiram avançar pelo corredor, Montet encontrou uma sala estreita. Era uma das duas câmaras funerárias do túmulo, com um enorme sarcófago de granito cor-de-rosa, rodeado de vasos de ouro e prata, bem como de vasos canópicos (que continham as vísceras preservadas da múmia) e outros objetos. Nessa altura, já tinha passado quase um ano desde que Montet encontrara o túmulo, mas teria ele finalmente encontrado o faraó? Montet descreveu: «As inscrições que o enquadravam à direita e à esquerda, e aquelas que estavam gravadas na face oriental, diziam-nos que estávamos, desta vez, perante Psusenés.»⁵⁴

Todavia, era evidente que o sarcófago tinha sido originalmente destinado ao faraó Merneptá e por ele usado. Fora o primeiro faraó a lutar contra os Povos do Mar e a mencionar «Israel», em 1207 a. C. As cartelas tinham sido, todas, apagadas e as de Psusenés haviam sido substituídas, embora tenham permanecido vestígios suficientes para tomar como certas as leituras originais. A múmia de Merneptá tinha sido recentemente transferida para o túmulo de Amenófis II, e por isso este sarcófago (o mais interior de três) estava agora disponível para ser reutilizado. Por conseguinte, parece ter sido transferido da sua localização original no Vale dos Reis para este túmulo em Tanis.⁵⁵

Em finais de fevereiro, Montet levantou a pesada tampa do sarcófago cor-de-rosa. No interior, como escreveu mais tarde, estava «um segundo sarcófago, em granito preto e com a forma de uma múmia». Pelo seu estilo, este tinha

pertencido a um nobre da XIX Dinastia. Sem esperar mais, Montet abriu este segundo caixão. No seu interior, encontrava-se um terceiro caixão, este feito de prata maciça. Quando a tampa foi aberta, não havia caixões adicionais, apenas uma máscara de ouro e uma tábua de múmia dourada. Estas cobriam o corpo do rei, com todas as suas faixas e a carne completamente decomposta até ao esqueleto nu, mas adornado com joias de ouro. Os hieróglifos confirmaram que ele tinha finalmente encontrado Psusenés I, que desde então foi apelidado de «O Faraó de Prata». Montet levou mais dez dias a remover cuidadosamente a máscara de ouro e, depois, os ossos de Psusenés; estes e outros artefactos do túmulo foram transportados para o Museu do Cairo num camião do exército.⁵⁶

Entretanto, para lá da outra porta oculta, havia ainda outra câmara funerária. Tinha sido originalmente destinada à mulher de Psusenés I, Mutenodjmete, mas o seu corpo tinha sido removido a dada altura e substituído pelo do sucessor imediato de Psusenés, Amenemope. Não se sabe ao certo porque é que esta troca teve lugar, nem porque é que Siamom, Psusenés II e Sisaque IIa estavam, todos, na antecâmara do túmulo de Psusenés I, em vez de nos seus próprios túmulos. Siamom e Psusenés II podem ter sido sepultados neste túmulo desde o início, mas o egiptólogo Aidan Dodson observou que os restos de plantas encontrados na múmia de Sisaque «pareciam ter crescido nos ossos enquanto o caixão estava em águas paradas», o que indicaria que o túmulo original de Sisaque pode ter sido inundado, exigindo assim o seu enterro na antecâmara de Psusenés.⁵⁷

Embora Montet tivesse encontrado um túmulo de faraó intacto, com alguns materiais tão espetaculares como os encontrados no túmulo de Tutankhamon, os *media* do mundo estavam mais preocupados com a guerra mundial vigente do que com um faraó morto há tanto tempo. Como tal, esta espantosa descoberta não recebeu a atenção e a aclamação devidas, embora os tesouros tenham sido expostos na sua própria sala especial no Museu do Cairo e tenham sido reexpostos em salas que ostentam os tesouros de Tutankhamon.⁵⁸

*

Montet também encontrou centenas de *ushabtis* no túmulo de Psusenés, como já se disse. Estes estão agora espalhados por vários museus e coleções privadas, segundo Shirly Ben-Dor Evian, que foi curador de arqueologia egípcia no Museu de Israel, em Jerusalém.⁵⁹ O museu tem quatro deles na sua coleção —

três foram encontrados no seu túmulo; o outro virá provavelmente de um túmulo saqueado localizado ali perto. Todas são de cobre. Um tem o nome «Psusenés» inscrito, outro tem o nome da sua mulher, Mutenodjmete; e os outros dois têm o nome do general Wendjebaendjed, que foi enterrado numa câmara subsidiária do túmulo de Psusenés.

Ben-Dor Evian e os seus colegas submeteram os quatro *ushabtis* à análise isotópica com chumbo, uma técnica que pode ajudar a identificar a origem do cobre usado para fazer os objetos. Curiosamente, o cobre presente em cada um deles vem da região de Aravá, nas terras altas do Negev, na fronteira entre a moderna Jordânia e o Sinai. Esta é a localização das minas no Vale de Timna (no Sinai), às vezes chamadas «minas do rei Salomão», e de Wadi Feynan (na Jordânia). O Egito, que recebeu grande parte do cobre importado de Chipre durante a Idade do Bronze, recebia agora, claramente, pelo menos, uma parte desta região. Isto faz parte da prova que sugere que o comércio internacional foi retomado entre o Egito e o sul do Levante depois de um hiato causado pelo Colapso.⁶⁰

Israelitas e Filisteus

Estou a tentar cobrir duas áreas neste primeiro capítulo; portanto, ao girar neste ponto para apresentar detalhes mais completos sobre o sul do Levante antes de voltar ao Egito e o que se tornará uma história cada vez mais intrínseca, podemos aprender alguns detalhes sobre a questão de um papiro chamado «Onomástico de Amenemope», que foi encontrado em 1890 dentro de uma jarra no local de El Hiba, no Egito. São agora conhecidas nove cópias diferentes na totalidade. Uma parte deste manuscrito, que elenca povos e lugares, refere três dos grupos que compunham os Povos do Mar — os sherden (shardana), os tjekker e os peleset (filisteus) —, bem como três cidades: Ascalão, Asdode e Gaza.

A inscrição no papiro implica que os remanescentes dos três grupos se estabeleceram nestas cidades ou se estabeleceram lá graças aos vitoriosos egípcios, como afirmava Ramsés III. É digno de nota não só que vemos os tjekker aqui, como também os peleset, mas ainda que as cidades nomeadas sejam três das cinco que pertenciam à chamada Pentápolis Filisteia: Asdode, Ascalão e Gaza, que se localizavam ao longo de uma parte do litoral no sul de Canaã, nas cidades modernas ou delas próximas, com estes nomes, enquanto

Ecrom (Tel Mique) e Gate (Tel Safi) se situavam mais para o interior. Provas arqueológicas descobertas em quatro destas cinco cidades (Gaza ainda não foi escavada) indicam que todas foram cidades cananeias durante a Idade do Bronze, mas que depois começaram a exibir os traços materiais dos primórdios da cultura filistina, que se iniciou mais ou menos nessa mesma época, isto é, no fim do século XII e inícios do século XI a. C.⁶¹

Apenas uma década mais tarde, em 1899, o lugar de Tel Safi foi identificado como a filistina Gate, onde as escavações conjuntas do arqueólogo americano Frederick Bliss e do arqueólogo irlandês Robert Alexander Stewart (RAS) Macalister começaram. Em 1914, Macalister publicou um dos primeiros livros em inglês inteiramente dedicado aos filisteus, intitulado *The Philistines, Their History and Civilization*. Novas escavações começaram no local em 1996, sob a direção de Aren Maeir, da Universidade Bar Ilan, e reuniram muitas outras informações; vou referir alguns desses dados mais abaixo.⁶²

Como disse Carl Ehrlich, da Universidade de York, à primeira vista, parecia que os filisteus iriam ser «os herdeiros legítimos do antigo império do Egito em Canaã». Mas não foi isso que aconteceu. Ao invés, os israelitas dominaram a maior parte do que havia sido Canaã e depois lutaram contra os filisteus desde os tempos do rei israelita Saul, bem como com David e depois com o seu filho Salomão, e «o estatuto de herdeiro do Egito» na região acabou por «passar [...] para Israel».⁶³ Os israelitas foram, neste período, os únicos praticantes do monoteísmo. São considerados, de forma variável, ou inovadores do conceito ou estavam à espreita nos bastidores há algum tempo, uma vez que a forma e a data em que os israelitas acabaram por se estabelecer na terra de Canaã é uma questão complexa e controversa.

Numerosos estudiosos opinaram sobre este tópico, incluindo hipóteses que envolvem a história bíblica do Êxodo e uma conquista militar de Canaã pelos israelitas, resultando ou num genocídio ou numa integração mais pacífica, tal como descrita de diversas formas no livro de Josué e no dos Juízes na Bíblia hebraica. Outras possibilidades foram também sugeridas, imaginando os israelitas como nómadas ou seminómadas que se infiltraram pacificamente na região, ou como camponeses das terras altas que se revoltaram contra os senhores cananeus, ou mesmo tornando-se gradualmente em «israelitas» dentro da população cananeia local. Estas teorias são conhecidas como os modelos de «Conquista», «Infiltração Pacífica», «Camponeses Revoltados» e «Israelitas Invisíveis».⁶⁴ As discussões mais recentes giraram em torno de questões mais

antropológicas sobre a etnia dos israelitas, especialmente em comparação com os outros povos que também surgiram na região durante este mesmo período aproximado.⁶⁵ Estes incluem os filisteus, que assumiram o controlo da região costeira do sul do Levante.

Não importa qual das teorias é subscrita por cada estudioso, mas sabemos, com certeza, que uma inscrição num monumento de vitória do faraó Merneptá, encontrada por *Sir* William Matthew Flinders Petrie em 1896, afirma que os egípcios derrotaram um povo chamado «Israel», gente que vivia na terra de Canaã por volta do ano 1207 a. C. Também sabemos que, independentemente dos acontecimentos antecedentes e dos meios pelos quais eles entraram em cena, os primeiros assentamentos israelitas foram estabelecidos no final do século XII ou por aí perto, e rapidamente explodiram em número no dealbar do século XI a. C. Isto foi atestado, cortesia de uma infinidade de pesquisas arqueológicas que foram conduzidas na região desde, pelo menos, a década de 1960.⁶⁶

Dados estes factos, e independentemente de eles terem definhado no Sinai durante várias décadas ou se já estavam presentes na região, mas de forma «invisível», ou se se infiltraram lentamente no território ao longo dos séculos, os israelitas podem simplesmente ter-se aproveitado da destruição em Canaã que aconteceu durante o Colapso. O vácuo político e militar deixado na sequência da retirada dos egípcios e com a destruição de várias cidades cananeias, significava que os israelitas podiam mudar-se para regiões que normalmente não podiam ter ocupado sob o seu próprio poder. Como resultado, foram capazes de assumir toda ou a maior parte de Canaã no fim do século XII a. C.⁶⁷

Embora ainda especulativo, este cenário fornece plausivelmente o «como» que falta na maioria das outras hipóteses. Para aqueles que acreditam na mão milagrosa de Deus, não há necessidade de investigar mais, mas para os restantes continua a ser viável perguntar sobre de que outra forma os israelitas poderiam ter atacado e dominado com sucesso as imponentes cidades cananeias. Em circunstâncias normais, seria improvável que fossem capazes de o fazer, pelo menos por conta própria. Contudo, uma vez que os Povos do Mar invadiram a costa cananeia como parte integrante de outras calamidades (seca, fome, rebelião interna, etc.), tudo levou à submissão da cultura cananeia, e, uma vez que os egípcios haviam recuado da região, os israelitas podem ter conseguido ocupar as ruínas das cidades maiores e assumir sozinhos algumas das cidades mais pequenas, completando assim a conquista de Canaã. É provável que os

escritores bíblicos, mais tarde, subsequentemente tenham dado crédito total pela captura e destruição das cidades cananeias aos israelitas, sem sequer mencionarem o papel dos Povos do Mar, porque só sabiam a última parte, aquela em que os filisteus bíblicos causaram enormes problemas a Saul e a David nos seus reinados.⁶⁸

*

Estudos recentes sobre alterações climáticas de Dafna Langgut, da Universidade de Telavive, e dos seus colegas indicam uma possível ligação entre os primeiros israelitas e os filisteus fruto de uma cessação temporária da seca severa. Tendo início talvez já em 1150 a. C. e certamente não depois de 1100 a. C., parece ter havido um aumento na humidade disponível no sul do Levante, criando condições climáticas ligeiramente mais húmidas, o que por sua vez permitiu o «cultivo intensivo de oliveiras e cereais».⁶⁹

As condições mais favoráveis podem ter durado nesta região até *ca.* 950 a. C., o que corresponde ao mesmo período aproximado do surgimento inicial dos israelitas. Como Langgut e os colegas afirmam: «As melhores condições nas terras altas na primeira Idade do Ferro permitiram a recuperação da atividade do assentamento, que é o pano de fundo para a ascensão do antigo Israel [...] Condições semelhantes noutras partes das terras altas no Levante podiam ter levado ao desenvolvimento de sistemas de povoação equivalentes que deram origem a outras nações bíblicas — os arameus na Síria e os amonitas e os moabitas na Transjordânia.»⁷⁰

Esta ideia foi agora apoiada por outro novo estudo, que sugere que esta região em particular foi uma das únicas em que a população aumentou na verdade, em vez de diminuir, no início do Idade do Ferro, ou seja, o período imediatamente posterior ao Colapso. Se assim for, o aumento populacional poderia ser potencialmente o resultado dos novos reinos estabelecidos no sul do Levante, incluindo Israel e Judeia, bem como Moabe, Amã e Edom, embora as discussões académicas continuem a propósito da existência prévia de habitantes nestas zonas, muito provavelmente nómadas, como sugerem alguns, que sobreviveram ao Colapso, ou se foram todos chegando à região como migrantes durante o rescaldo.⁷¹

Rei David

A nossa principal fonte para o que aconteceu a seguir é a Bíblia hebraica, na qual — se considerarmos a história pelo valor nominal — somos informados de que os filisteus criaram problemas aos jovens israelitas recém-chegados ungidos pelo rei Saul e, mais tarde, pelos seus filhos no século xi. As coisas chegaram a um ponto crítico quando Saul e os seus descendentes lutaram contra os filisteus no vale de Jizreel, não muito longe de Megido (Armagedão bíblico). Ali, em cerca de 1016 a. C., nos flancos do monte Gilboa, de acordo com o relato bíblico, Saul e três dos seus filhos foram mortos em batalha, sendo os corpos pendurados nas paredes de Bete-Seã (1 Samuel 28–31; 2 Samuel 1; 1 Crônicas 10).

Depois disso, um dos outros filhos de Saul, Esbaal (ou Isbosete), assumiu o controlo da metade norte do jovem reino israelita, enquanto David se declarou rei de Judeia, a metade sul do reino (2 Samuel 2:1–4, 8). David acabaria por assumir também a parte norte, estabelecendo aquilo a que hoje chamamos Monarquia Unida por volta do ano 1000 a. C.⁷²

Infelizmente, não temos quaisquer dados que corroborem fontes arqueológicas ou epigráficas para confirmar estas histórias contadas na Bíblia hebraica, pelo que não temos maneira de, de forma independente, confirmar a sua precisão — mas, embora tendo sido muito debatido, parecem plausíveis, especialmente tendo em conta outros acontecimentos na região neste período. Além disso, mesmo até recentemente não tínhamos nenhuma prova de fora da Bíblia que atestasse a real existência de David, por mais estranho que tal possa parecer. Mas tudo mudou em 1992.

Nesse verão, Gila Cook trabalhou como arquiteta numa expedição arqueológica no lugar de Tel Dan (antigo Laís), localizado a norte do Mar da Galileia, no Israel moderno. A escavação era dirigida por Avraham Biran, um arqueólogo veterano, respeitado e professor no *campus* do Hebrew Union College. Estava a escavar em Tel Dan há mais de vinte e cinco anos, nessa altura, desde 1966. O local em si está no meio de uma bela reserva natural que inclui as cabeceiras de água gelada do rio Jordão e um ótimo restaurante que serve peixe aos turistas e aos residentes.

O objetivo de Cook naquele dia era desenhar e registar com precisão as pedras numa parede que haviam descoberto pouco antes. No entanto, o seu projeto descarrilou quando a luz forte do Sol criou sombras numa pedra em especial, revelando a presença de uma inscrição gravada na sua superfície, que ninguém havia visto anteriormente. Estava escrita em aramaico, usando letras fenícias.

Quando foi posteriormente traduzido, o texto gerou sensação, pois continha as palavras *Beit David* — a «Casa de David». Foi a primeira vez que se encontrou uma inscrição que referia o rei bíblico David; na verdade, foi a primeira vez que se encontrou qualquer atestado da existência do rei David, fora da Bíblia.⁷³



FIG. 2. Inscrição de Tel Dan com as palavras *Beit David* em destaque. Fotografia cortesia de Oren Rozen via Wikimedia Commons.

Acontece que a pedra provavelmente veio de um monumento maior erigido por volta de 841 a. C., quase um século e meio depois do reinado de David (*ca.* 1000–970 a. C.). Fragmentos adicionais pertencentes ao mesmo monumento foram posteriormente encontrados pela expedição no ano seguinte, embora faltem ainda muitas peças. Apesar de continuar a ser objeto de algum debate e discussão acadêmica, parece que a inscrição comemorava a captura de Tel Dan por um rei arameu chamado Hazael, cuja base ficava no Norte, em Arão-Damasco e que terá governado *ca.* 842–796 a. C. Voltaremos a falar dele mais à frente.

A inscrição fragmentária, tal como existe atualmente, diz:

[...] o meu pai subiu [contra ele quando] ele lutou em [. . .]. E o meu pai

deitou-se e foi ter com os seus [antepassados]. E o rei de I[s]rael entrou na terra de meu pai. [E Hadade fez-me rei. E Hadade foi na minha frente, [e] eu separei-me dos sete [...] do meu reino/rei, e matei todos os parentes, que se apoderaram de milhares [...] de carros e milhares de cavalos. [Matei Jo]ram [...] filho de A[h]ab], rei de Israel, e matei [Acaz]iahu filho de [Jorão, parente da Casa de David. E tornei a sua terra numa desolação [...]].⁷⁴

A descoberta desta inscrição pôs fim a uma disputa que vinha sendo digladiada nos círculos académicos, com alguns estudiosos a duvidar que, no século X a. C., os governantes David e Salomão tivessem existido, pois nenhuma evidência extrabíblica (ou seja, fora da Bíblia) de qualquer monarca fora encontrada até então. Assim, a descoberta desta inscrição, com a sua menção da Casa de David e a implicação inerente de que haveria um David histórico (que fundou a dinastia), foi extremamente importante. A referência a David e à dinastia que fundou também sugere que Salomão provavelmente existiu, já que ele é filho de David.⁷⁵

Como nota à parte, devo referir que uma possível, embora muito debatida, segunda referência à Casa de David pode ser vista no que é conhecido como «Estela de Mesa». A inscrição é muito mais conhecida pela menção de «Omri, rei de Israel», foi vista e identificada pela primeira vez por um missionário anglicano chamado F. A. Klein, em 1868, no lugar de Dhiban, onde agora é a moderna Jordânia. Mesmo com um terço do seu texto em falta, ainda é a mais longa inscrição monumental já descoberta na Terra Santa e é uma das primeiras inscrições extrabíblicas descobertas que nomeia uma pessoa ou um lugar conhecido, principalmente pela Bíblia hebraica — por exemplo, Omri, rei de Israel, além, possivelmente, da Casa de David.⁷⁶

Edom e os Edomitas

De acordo com o relato bíblico, quando David se estabeleceu como rei, o reino vizinho de Edom estava entre os territórios que tinha conquistado. Este estava localizado a sul e a leste do lugar original de David, na região geral de Wadi Feynan, onde é hoje a moderna Jordânia.

As histórias bíblicas da conquista de Edom por David podem dar-nos informações adicionais de apoio à ligação entre Timna e o Egito, que já aqui

referi, pois é-nos dito no relato bíblico que, durante a luta contra o príncipe herdeiro edomita Hadade, que era uma criança na altura, este foi levado para fora do país, até ao Egito, para sua segurança (1 Reis 11:14–22). Quando Hadade cresceu, casou-se com a irmã da rainha egípcia e teve um filho, Genubath, antes de retornar a Edom após a morte do rei David, rebelando-se mais tarde contra o rei Salomão.⁷⁷

Embora haja corroboração independente que confirme também esta história, o egiptólogo Kenneth Kitchen sugere que pode ter sido Psusenés I quem deu santuário a Hadade no Egito, bem como uma «casa, subsídio de alimentação e terra» (1 Reis 11:18). Psusenés, cujo longo governo durou até *ca.* 991 a. C. e que conhecemos acima, teria coincidido com David em pelo menos uma década, se não mais. Contudo, é também possível sugerir que, em vez disso, o episódio ocorreu no reinado do filho de Psusenés I, Amenemopet, que governou cerca de dez anos depois da morte do pai e que estendeu o domínio da XXI Dinastia sobre todo o Egito, tanto o Alto quanto o Baixo, desde a sua base em Tanis.⁷⁸

O reino de Edom foi primeiro explorado com minúcia pelo excêntrico arqueólogo americano Nelson Glueck nas suas pesquisas na Jordânia, na década de 1930. Glueck, um rabino ordenado e, mais tarde, presidente do Hebrew Union College de Cincinnati, continua a ser um dos poucos arqueólogos de todos os tempos a aparecer na capa da revista *Time*, em 1963. (James Henry Breasted, fundador e diretor do Instituto Oriental da Universidade de Chicago, tinha aparecido em 1931.) Fortemente influenciado pela Bíblia hebraica, Glueck ligou as minas de cobre em Wadi Feynan, no vale de Arabá, às atividades do rei Salomão, tratando-o como primeiro «magnata do cobre», embora esta designação seja agora considerada improvável.

Mais recentemente, em 1997, começaram duas décadas de pesquisa, conduzida pelo Projeto de Arqueologia Regional de Edom Lowlands, da Universidade de San Diego, na Califórnia, e pelo Departamento de Antiguidades da Jordânia. O projeto já gerou inúmeras publicações de estudiosos como Tom Levy, Mohammad Najjar e Erez Ben-Yosef, bem como outros. As suas investigações das minas de cobre em Wadi Feynan mostraram que ali houve um aumento repentino na exploração mineira, bem como da mina da vizinha Timna, já no século XI a. C., continuando então nos séculos X e IX. Esta nova exploração de minério de cobre em Wadi Feynan pode ter representado um desafio para o domínio anterior de Chipre na indústria de exportação de cobre.⁷⁹

Sugeria-se agora que a ascensão de Edom e dos edomitas estava relacionada com a exploração dos recursos do cobre, com Erez Ben-Yosef, da Universidade de Telavive, a entender que a gestão e a operação foram inicialmente efetuadas pelos arqueologicamente invisíveis nômadas que aproveitaram a oportunidade para trabalhar nas minas quando as autoridades egípcias se retiraram no rescaldo do Colapso. Na sua opinião, os mineiros nômadas acabaram por se estabelecer e tornaram-se o povo a quem a Bíblia chama edomitas. Esta última sugestão em especial gerou um debate vivo e contínuo. Também podemos observar que, se a área foi minerada antes da época de Salomão, então, destacar a presença de Salomão no Feynan, como fez Glueck, é irrelevante ou não tão significativo quanto Glueck pensava.⁸⁰

Khirbet Qeiyafa e Tel Gezer

Há mais descobertas que podem ter influência na extensão do território de David, mas têm também sido alvo dos seus debates. Um bom exemplo disso é Khirbet Qeiyafa, localizado no vale de Elá, a sudoeste de Jerusalém, onde a batalha entre David e Golias terá acontecido. O local foi escavado por Yossi Garfinkel, da Hebrew University, desde 2007. Datou-o do século X a. C. e discutiu a sua relação com o rei David e a extensão do seu território nesse período. O local não fica longe de Tel Safi (a bíblica Gate) e de Tel Mique (a Ecrom bíblica), que pertencia aos filisteus, mas Garfinkel acha que estava apenas do outro lado do que é, essencialmente, uma fronteira invisível e, portanto, faz parte do reino de David em vez de estar em território filisteu. Também identificou provisoriamente Khirbet Qeiyafa como a bíblica Sha'arayim, mencionada no relato bíblico de David e Golias (1 Samuel 17: esp. 52), mas tal identificação não foi adotada por todos os outros arqueólogos.⁸¹

Entre inúmeras outras descobertas, o local revelou mais duas inscrições até aqui. Uma delas foi feita na borda de um frasco de armazenamento, no que parece ser uma escrita alfabética cananeia e que inclui o nome pessoal de 'Išba'al — talvez o dono do jarro. A outra inscrição, encontrada em 2008, causou muito mais discussão. Consiste em cinco linhas em tinta preta num caco de cerâmica (tal caco inscrito é conhecido como «óstrakon» em termos arqueológicos). Ainda não está claro exatamente o que dizem as linhas, mas as várias interpretações e traduções variaram do mundano ao fantástico, em parte, porque

nem todos concordam na afirmação da linguagem ali usada; a maioria inclina-se agora para uma versão de escrita hebraica antiga derivada do fenício. Uma tentativa inicial de tradução incluía os versos «Julga o escravo e a viúva, julga o órfão e o estranho. Implora pela criança, implora pelos pobres e pelos viúvos», mas ainda é uma questão de grande debate.⁸²

Também há uma inscrição não relacionada no lugar de Gezer, localizada não muito longe, que da mesma forma parece datar do século X a. C. A inscrição é justificadamente famosa, embora não a possamos atribuir a qualquer reinado específico, seja ao de David ou ao de qualquer outro governante. É o chamado «Calendário de Gezer», uma inscrição escrita na pedra num qualquer paleo-hebraico (a versão mais antiga conhecida do hebraico) ou possivelmente fenício. Foi encontrado há muito tempo, em 1908, por R. A. S. Macalister (já aqui mencionado), que estava a escavar em nome do Fundo de Exploração da Palestina, com sede em Londres. Descreve as principais atividades agrícolas realizadas durante o ano e, assim, fornece uma visão da vida na região durante esse tempo. Diz: «Dois meses de recolhimento, dois meses de sementeira, dois meses de sementeira tardia, um mês de corte do linho, um mês de colheita da cevada, um mês de colheita e conclusão, dois meses de apanha da uva, um mês de frutos de verão.»⁸³

Faraó Siamom e o Complexo Deir Elbari

O lugar de Gezer também aparece com destaque num trecho bíblico que afirma que um faraó egípcio tomou a cidade e depois a deu a Salomão como parte de um dote quando este último se casou com a filha do faraó (1 Reis 9:16–17). Diz-nos: «O faraó, rei do Egito, havia subido e tomou Gezer e incendiou-a, matou os cananeus que moravam na cidade e deu-a como dote à filha, mulher de Salomão; e Salomão reconstruiu Gezer.»⁸⁴

Observe-se que o nome do faraó que tomou a cidade de Gezer não é revelado. No entanto, vários historiadores bíblicos e egiptólogos sugerem que o faraó Siamom da XXI Dinastia, que governou durante vinte anos (*ca.* 979–958 a. C.), poderia ser o governante egípcio em questão. Há, na verdade, provas de um nível de destruição em Gezer que podem datar desse período aproximado e que podiam estar relacionadas com uma campanha de Siamom, embora não haja uma vinculação definitiva.⁸⁵



FIG. 3. Réplica da inscrição do «Calendário de Gezer». Fotografia de E. H. Cline.

Se este facto tiver alguma base na realidade, então aí teria sido claramente

uma mudança na dinâmica de poder após o Colapso, pois nunca durante a Idade do Bronze teria um faraó egípcio dado a sua filha em casamento a um rei estrangeiro. No entanto, já vimos que as coisas eram agora diferentes na Idade do Ferro — lembremo-nos que, durante o reinado de David, a irmã da rainha egípcia havia sido dada em casamento ao jovem Hadade, príncipe herdeiro de Edom, de acordo com o relato bíblico.⁸⁶ Agora, ouvimos falar de outro casamento desse tipo, que anteriormente teria sido impensável. Todavia, Salomão parece ter cuidado bem da princesa egípcia, alegadamente construindo uma residência separada para ela em Jerusalém: «Mas a filha do faraó passou pela cidade de David para a sua própria casa que Salomão lhe construiu» (1 Reis 9:24).

Pode ser que tal casamento real, que frequentemente acompanhava algum tipo de aliança ou tratado mútuo, fosse parte de uma tentativa de Siamom de reforçar o seu reinado no Egito, mas as coisas podem não lhe ter corrido bem. Por exemplo, o embaralhamento adicional de múmias reais pode refletir preocupações com a segurança em Tebas. Alguns foram primeiramente mudados para o túmulo da rainha Inhapy no décimo ano de Siamom. Algum tempo depois (há quem argumente o 11.º ano de Sisaque I, *ca.* 935 a. C.), eles e outros, agora incluindo os reis Amósis I; Tutemés I, II e III; Seti I; Ramsés I, II e III; e também membros da família de Pinedjem II, acabaram numa tumba perto de Deir Elbari. Esta parecia ter sido originalmente o túmulo da rainha Amósis-Nefertari, da XVIII Dinastia, e que fora usada recentemente para a família de Pinedjem II.⁸⁷

Este complexo, agora geralmente chamado «Complexo de Deir Elbari» (com o número oficial TT 320), foi um bom esconderijo, pois permaneceu desconhecido ao longo de quase três milénios. Foi há apenas cerca de 150 anos, algures por volta de 1870, de acordo com a versão mais prevalecente da história agora contada, que foi encontrado por um membro da família Abd el-Rassul, alegadamente enquanto procurava uma cabra que havia caído no poço de uma tumba. No entanto, poucos acreditam nesta história, e há muita especulação, que ele provavelmente procurava especificamente tumbas para roubar, já que o local foi posteriormente mantido em segredo pela família. A família tratou a tumba como um tesouro pessoal, vendendo vários objetos, um por um, a europeus e americanos abastados ao longo de um período de cerca de dez anos.

O esquema foi finalmente descoberto em 1881 por Emil Brugsch, que havia sido enviado por Gaston Maspero, o novo diretor do Serviço de Antiguidades

Egípcias. Brugsch contratou várias centenas de aldeões locais e removeu todos os faraós reenterrados, rainhas, e todos os seus bens do túmulo num período de apenas cerca de 48 horas, não efetuando o registo preciso da localização específica do conteúdo em favor de uma remoção rápida. A história está agora entre as mais contadas da egiptologia moderna, e a coleção de múmias reais e objetos funerários está entre os tesouros mais valiosos no Museu do Cairo há décadas.⁸⁸ Repousam agora numa cripta especialmente concebida no Museu Nacional de Civilização Egípcia, no subúrbio de Fustat, no Cairo. Infelizmente, a remoção rápida significou que todas as informações além do objeto em si ficaram perdidas ou não foram registadas; se tivesse sido feito de forma lenta e deliberada, como deveria ter sido o caso, muitos mais dados teriam sido adquiridos — em comparação, a remoção de objetos do corpo de Tutankhamon da tumba por Howard Carter, que começou em 1922, levou dez anos.

Salomão em Megido e Jerusalém

Foi enquanto Carter documentava e removia cuidadosamente os objetos da tumba de Tutankhamon que os arqueólogos do Instituto Oriental da Universidade de Chicago começaram a escavar em 1925 no lugar de Megido, onde hoje é o norte de Israel, mas que ficava na região do Mandato Britânico da Palestina de então. Três anos depois, em 1928, descobriram vários grandes edifícios que tinham corredores internos revestidos de pedras monolíticas e o que pareciam ser calhas. O diretor de campo, P. L. O. Guy, interpretou estes edifícios como estábulos e enviou um telegrama a James Henry Breasted, diretor do Instituto Oriental. Lia-se numa parte: «Acredito ter encontrado os Estábulos de Salomão.»

A notícia foi estampada nas primeiras páginas de todo o mundo, mas o debate persiste um século mais tarde. A maioria dos arqueólogos aceita que estes são, realmente, estábulos, mas já não pensa que foram construídos para Salomão. Baseado na datação por radiocarbono, nos estilos de cerâmica e noutras informações cronológicas indicadoras, agora parece mais provável que fossem construídos também no século IX a. C., possivelmente para Omri ou para o seu filho Acabe, ou mesmo no século VIII a. C., talvez por Jeroboão II.⁸⁹

Da mesma forma, várias décadas mais tarde, o famoso arqueólogo israelita Yigael Yadin e a sua equipa escavaram Megido e Tel Hazor, e descobriram que o grande portão de entrada de cada um deles parecia idêntico — o que é agora

conhecido como o portão de seis câmaras. Também leu os registos de Macalister sobre a escavação anterior em Gezer e reconheceu que o portão da cidade era essencialmente idêntico a este. Datou os três da época de Salomão e declarou que havia um «projeto salomónico» para portões de entrada e que podiam ser vistos nestas cidades.⁹⁰

No entanto, e tal como aconteceu com os «Estábulos de Salomão», também estes portões da cidade podem ser datados do século IX e dos reinados de Omri ou de Acabe, ou mesmo até do século VIII e do reinado de Jeroboão II, e não do século X e do tempo de Salomão. O debate já se arrasta há algum tempo e é por vezes bastante aceso, uma vez que nem todos os académicos estão de acordo, mas agora parece que esta possível evidência das atividades de construção de Salomão também pode ter desaparecido.⁹¹

*

As informações envolvidas neste debate vêm de um único excerto que menciona aquelas cidades específicas como exemplos que Salomão fortificou: «E este é o relato do trabalho forçado que o rei Salomão exigiu para que se construísse a casa do senhor e o Milo e o muro de Jerusalém e Hazor e Megido e Gezer» (1 Reis 9:15).

Note-se que o excerto também dá crédito a Salomão pela construção do templo original em Jerusalém («a casa do senhor»). Para isso, segundo o relato bíblico, Salomão recorreu a Hirão, rei de Tiro, localizado no que havia sido a parte central de Canaã e que agora é o país moderno do Líbano, que pretensamente forneceu artesãos e até o plano de construção do Templo (1 Reis 5:1–7:51). Embora os arqueólogos ainda nada tenham encontrado que possa confirmar diretamente esta história bíblica (ou mesmo que confirme a existência de Salomão, do seu governo ou da extensão do seu reino, aliás), os relatos bíblicos sobre o seu reinado estão cheios de detalhes da relação que tinha com Hirão e com Tiro.⁹²

Neste caso, ficamos ainda a saber especificamente que «Hirão enviou uma mensagem a Salomão, e dizia o seguinte: “Ouvi a mensagem que me enviaste; vou atender a todas as tuas necessidades no assunto das madeiras de cedro e cipreste. Os meus servos devem trazê-las do Líbano para o mar; vou fazer jangadas para irem por mar até ao local que me indicaste. Lá serão desmanchadas para as poderes carregar e levar. Deves cobrir as tuas necessidades

dando comida aos meus homens e vinte alqueires do melhor azeite.” Salomão forneceu isto a Hirão ano após ano» (1 Reis 5:8–11; ver também 2 Crônicas 2:1–16).⁹³

Neste contexto, Hirão também falou em enviar artesãos qualificados para ajudar Salomão, como se segue: «Enviei Hiram-abi, um artesão habilidoso, dotado de compreensão, filho de uma das mulheres danitas, o pai dele é tírio. Sabe trabalhar ouro, prata, bronze, ferro, pedra e madeira, e tecidos púrpura, azul e carmesim e linho fino, e fazer todo o tipo de gravuras e executar qualquer desenho que lhe seja pedido» (2 Crônicas 2:13–14).

Uma vez que nenhuma parte do Templo de Salomão ainda está de pé, a descrição bíblica é tudo o que temos para prosseguir (1 Reis 6:14–22). Como resultado expectável, a discussão académica tem sido interminável sobre como realmente este seria, mas parece encaixar-se na descrição do que é chamado pelos arqueólogos um templo de «quarto comprido» — que é um longo edifício retangular onde alguém entraria por um dos lados mais estreitos e prosseguia por uma longa sala principal, no final da qual haveria uma sala muito mais pequena conhecida como «santo dos santos», onde se guardaria algo como a Arca da Aliança.

Ora, a forma de templo mais comum no sul do Levante, na época, seria um templo de «sala ampla», que era muito mais quadrado e no qual se entraria pelo meio de um dos lados. Podemos ver um exemplo do último no século X a. C. no lugar de Arad, perto de Bersebá, onde hoje é o sul de Israel. O templo da «sala longa» é mais comum no Norte, por exemplo, no lugar de Ain Dara, no norte da Síria, onde há um edifício que se pensa ser o mais próximo exemplo existente do que o Templo de Salomão poderia ter sido.⁹⁴ Os artesãos de Hirão podem muito bem ter trazido o projeto real consigo, bem como os materiais com os quais poderiam construir.

Também ficamos a saber que, por gratidão, Salomão deu a Hirão vinte cidades localizadas no que hoje é o norte de Israel, mas que Hirão se recusou a aceitar (1 Reis 9:10–14). Além disso, os dois uniram-se no envio de uma expedição ultramarina a Ofir (1 Reis 9:26; 2 Crônicas 8:17, 9:10), cuja localização nunca foi confirmada. Mais ainda, sabemos que Hirão enviou expedições a Târsis (1 Reis 10:21–22; 2 Crônicas 9:21), que é frequentemente identificada como Tartesso, em Espanha, embora não haja uma base sólida para tal identificação.⁹⁵ Foi recentemente sugerido que o rei Salomão também pode ter estado envolvido na adesão dos fenícios às expedições a Espanha nesta época, em particular à

região de Huelva, a fim de adquirir prata e outros bens, embora não haja provas disso e a hipótese careça de dados físicos de apoio.⁹⁶

Sisake/Shishak

Neste ponto da nossa história, o Egito e o sul do Levante entrelaçaram-se mais uma vez, mas agora porque o Egito recuperou finalmente as forças, cortesia de Sisake I. Subiu ao trono do Egito a meio do século X, *ca.* 945 a. C., depois de Psusén II, que governou após a morte de Siamom. Siamom e Psusén foram os dois últimos reis da XXI Dinastia; como já referi, foram ambos sepultados na antecâmara do túmulo de Psusén. Sisake seria o primeiro rei de uma nova dinastia, a XXII.⁹⁷

Sisake era de origem líbia, embora a família vivesse no Egito há gerações, e o tio, Osocor, *o Velho*, na verdade fora rei do Egito diretamente antes de Siamom. Sisake conservou a capital em Tanis, mas manteve um controlo apertado sobre Tebas com a nomeação do filho Iupute como sumo sacerdote de Ámon. Assim, substituiu a linha hereditária anterior e, ao longo de algumas décadas, trouxe de volta um certo grau de unidade ao Egito. Foi também o primeiro rei a deixar registos das operações militares no Levante após o colapso da Idade do Bronze Final.⁹⁸

É aqui que a Bíblia hebraica volta a entrar em cena, porque nos conta que um faraó egípcio chamado Shishak sitiou Jerusalém e levou consigo uma quantidade incalculável de ouro e outros tesouros da cidade, do palácio e do templo alguns anos depois da morte do rei Salomão, isto é, qualquer coisa por volta de 930–925 a. C. «No quinto ano do rei Roboão, o rei Shishak do Egito enfrentou Jerusalém; levou os tesouros da casa do Senhor e os tesouros da casa do rei; levou tudo. Também levou todos os escudos de ouro que Salomão havia feito» (1 Reis 14:25–26).⁹⁹

Embora seja contestada por alguns, a maioria dos historiadores bíblicos e egiptólogos é da opinião de que o faraó Shishak apontado na Bíblia é nada mais nada menos do que Sisake I. Isto baseia-se, em parte, numa inscrição que Sisake ordenou que fosse gravada no que é conhecido como o Portal Bubastita do Templo, em Karnak, no Egito, que fazia parte da primeira grande extensão do complexo desde a XX Dinastia. Embora também seja alvo de muito debate, esta elenca uma série de cidades atacadas por Sisake no território do que foi a Monarquia Unida de David e Salomão. Incluída entre estas está Megido, de par

com outras cidades no vale de Jizreel, incluindo Ta'anakh e Sulam.¹⁰⁰

A lista de cidades conquistadas por Sisaque suscitou muita atenção e algum ceticismo ao longo dos anos, mas a confirmação da sua exatidão pode ter chegado quase há um século, em finais de 1925, quando os arqueólogos da Universidade de Chicago que faziam a sua primeira temporada em Megido recuperaram um fragmento de pedra na qual foi esculpida a cartela de Sisaque I. Foi descoberta na escavação anterior do local, por Gottlieb Schumacher, quando esteve lá entre 1903 e 1905, mas a sua importância não foi reconhecida, sendo por isso atirada para uma pilha de terra próxima de uma vala de escavação, onde a equipa de Chicago a descobriu vinte anos depois.

James Henry Breasted conseguiu traduzir os hieróglifos no fragmento recuperado quando visitou a sua equipa em março de 1926, e depressa se espalharam pelo mundo as notícias da descoberta que haviam feito, gerando um impacto tão grande como o que se seguiria dois anos mais tarde com os «Estábulos de Salomão». Este fragmento parece corroborar a afirmação de Sisaque, pois acredita-se que venha de um monumento inscrito originalmente com talvez três metros de altura que teria sido erigido na cidade de Megido depois da sua tomada pelas forças egípcias.¹⁰¹ No entanto, como os homens de Schumacher não registaram a localização do fragmento, não sabemos em qual dos níveis de Megido foi encontrado.

Ainda assim, a dada altura, alguns estudiosos pensaram que seriam capazes de identificar a cidade de Megido que Sisaque tomou, que é do estrato conhecido pelos escavadores como Megido VIA. Este nível, que tem sido alternadamente descrito como a última cidade cananeia ou a primeira cidade israelita construída no local, foi totalmente queimado a dado momento durante o século x a. C. As escavações de Chicago encontraram esqueletos insepultos ainda deitados nas casas arruinadas e restos de postes de madeira e árvores ainda no local. Outros sugeriram, em vez disso, que a destruição podia ser atribuível às forças do rei David ou mesmo aos filisteus. No entanto, os dados — entre os quais se incluem paredes rachadas e inclinadas, além de esqueletos, árvores e postes queimados — apontam fortemente, antes, para um terramoto, que também pode ter devastado comunidades próximas.¹⁰²

O que é especialmente interessante sobre o ataque de Sisaque a Megido é que a cidade já podia estar localizada no reino do norte de Israel naquela altura. Este reino do Norte foi estabelecido por Jeroboão ao mesmo tempo que o reino do sul da Judeia foi estabelecido por Roboão, quando a Monarquia Unida se

dividiu em vários reinos após a morte de Salomão. Jeroboão e Shishak já tinham alguma relação naquela época, e, de acordo com o relato bíblico, afirma-se que, antes da morte de Salomão, Jeroboão fugiu para o Egito e lá ficou a viver sob a proteção de Sisaque/Shishak: «Salomão procurou, portanto, matar Jeroboão; mas Jeroboão prontamente fugiu para o Egito, para junto do rei Shishak do Egito, e lá permaneceu até à morte de Salomão» (1 Reis 11:40).¹⁰³

Isto significa que se Sisaque realmente fez campanha militar contra Megido e as outras cidades do vale de Jizreel, conforme a sua inscrição em Luxor e o fragmento da estela em Megido, ambos implicam, então — dependendo da altura —, ou que estaria a lutar contra as forças de Jeroboão, o homem que o protegeu até então, ou, como tem sido sugerido a título provisório por Nadav Na'aman, da Universidade de Telavive, a campanha de Sisaque ao Norte pode ter sido destinada, em parte, a colocar Jeroboão no trono do reino do norte de Israel em primeiro lugar. Tal ação não é mencionada no relato bíblico, mas é possível que tenha sido preservado no agora desaparecido «Livro dos Anais dos Reis de Israel» (ver, por exemplo, 1 Reis 14:19).¹⁰⁴

Um ponto interessante é que a lista sobrevivente das cidades atacadas por Sisaque *não* inclui Jerusalém, e o «itinerário» não é consistente para ser incluído na campanha gravada no «Portal Bubastita». Todavia, há vastas zonas das paredes que Sisaque adicionou no pátio de Karnak, e é provável que, se Sisaque tivesse vivido, mais quadros e inscrições tivessem sido adicionados, incluindo uma ou mais campanhas, entre as quais se teria incluído o ataque a Jerusalém.¹⁰⁵

Abelhas Adoradas

Sisaque também aponta o lugar de Rehovot na sua lista topográfica de Karnak. Rehovot era uma importante cidade cananeia, localizada no vale de Bete-Seã, que, de alguma forma, conseguiu fazer a transição para a Idade do Ferro praticamente ilesa. É um dos maiores registos arqueológicos do sul do Levante, constituído por um monte inferior dominado por um monte superior no extremo sul, cobrindo entre dez e onze hectares (cerca de 25 acres). É conhecido desde 1939, quando um fragmento de cerâmica inscrito em protocananeu foi encontrado à superfície por dois conhecidos arqueólogos, Ruth Amiran, uma especialista em cerâmica, e Avraham Biran, o último escavador de Tel Dan, e foi o foco de escavações arqueológicas intensas e em grande escala dirigidas por

Amihai Mazar, da Universidade Hebraica, entre 1997 e 2012.¹⁰⁶

A cidade também parece ter escapado à destruição de Sisaque, mas acabaria por ser devastada por um terramoto que pôs fim ao Estrato VI no último terço do século x a. C. (talvez o mesmo que devastou o Estrato VIA de nome semelhante ao de Megido atrás apontado). Rehovot chegou às primeiras páginas dos jornais há alguns anos, quando um apiário, ou umas instalações de apicultura, foi descoberto na fase seguinte, no Estrato V, que durou os anos restantes do século x e o primeiro quarto do século IX a. C. A cidade deste nível parece ser estranha às ligações estrangeiras, pois foi encontrada no local cerâmica fenícia, cipriota e até grega, assim como faiança egípcia, amuletos e espinhas de percas do Nilo.¹⁰⁷

O apiário foi construído no coração de uma densa área urbana da cidade, não na periferia, como se poderia pensar.¹⁰⁸ As escavações encontraram 30 colmeias; estima-se que podem ter sido originalmente até 180, dispostas em três fileiras paralelas. Cada colmeia consistia num cilindro oco feito de barro cru misturado com palha, que media pouco menos de um metro de comprimento e teria o volume de pouco mais de cinquenta litros. Uma extremidade era selada, exceto um pequeno «buraco voador» que permitia às abelhas entrar e sair quando quisessem. A outra extremidade tinha uma tampa de barro removível que permitia aos proprietários abrir a colmeia e aceder ao mel.

Dentro das colmeias foram encontrados restos de favos de mel, bem como restos de abelhas verdadeiras — olhos, músculos, pernas e asas — que são o primeiro ser encontrado vindo do antigo Oriente Próximo. Curiosamente, parece que eram abelhas da Anatólia, em vez de uma variedade mais local, o que significa que teriam sido deliberadamente importadas, numa distância de cerca de 500 quilómetros. As escavações sugeriram, na verdade, que estes enxames de abelhas «seriam importados para o vale de Bete-Seã, direta ou indiretamente, de um dos estados neo-hititas/lúvios no sul da Turquia».¹⁰⁹

Estima-se que cada colmeia pudesse produzir anualmente até cinco quilos de mel, além de meio quilo ou mais de cera de abelha, o que significa que as 180 colmeias teriam produzido quase mil quilos de mel e quase cem quilos de cera de abelha por ano, talvez parte da razão pela qual o antigo Israel é mencionado inúmeras vezes na Bíblia hebraica como «uma terra que emana leite e mel» (por exemplo, Êxodo 3:8; Números 14:8; Deuteronómio 31:20). Todo aquele mel e a cera de abelha seriam muito mais do que poderia ser consumido localmente, daí que os arqueólogos tenham sugerido que os habitantes talvez os

negociassem ou vendessem — este último estava em alta demanda para uma variedade de usos, incluindo medicamentos.¹¹⁰

Um jarro encontrado nas proximidades do apiário tem uma inscrição, «pertence a Nimshi», e assim foi sugerido pelos escavadores que o apiário poderia ter pertencido à família Nimshi, contando com Jeú, rei de Israel no fim do século IX a. C., entre os seus descendentes. Ora, o apiário foi posteriormente destruído com violência, provavelmente outro terramoto, que enterrou as colmeias sob quase um metro de tijolos e vigas de madeira queimadas. Esse acontecimento destrutivo também encerrou o Estrato V no fim do século X ou no início do século IX a. C., mas iremos reencontrar o local, tal como Jeú, nas páginas seguintes.¹¹¹

Os Sucessores de Sisaque

A campanha de Sisaque parece ter tido impacto na política de Moabe, e também nas de Amom e Edom, talvez decorrente do desejo do Egito de retomar as minas de cobre que antes controlavam. Há alguns anos, foi encontrado um escaravelho de Sisaque caído no chão durante um levantamento de superfície na região das minas de cobre, em Wadi Feynan, talvez um resquício do seu interesse nesta área.¹¹²

Também parece ter cultivado relações diplomáticas, em vez de militares, com outros poderosos da época, incluindo o envio de uma estátua de si mesmo para Biblos, onde o rei Abibaal prontamente pôs a sua própria inscrição, em fenício, como veremos no Capítulo Três. No entanto, Sisaque parece ter morrido por volta de 924 a. C., provavelmente não muito depois da sua campanha contra Israel e a Judeia. Poderá ter sido enterrado em Tanis, mas o túmulo nunca foi encontrado.¹¹³

O filho e sucessor, Osocor I, também enviou uma estátua sua para Biblos, e Elibaal, rei de Biblos, prontamente lhe adicionou a sua própria inscrição.¹¹⁴ Osocor parece, portanto, ter mantido as relações diplomáticas egípcias com Biblos, e talvez também com outras potências de então. Osocor I governou durante 35 anos, de 924 a 889 a. C., no século IX a. C. O seu túmulo, tal como o do pai, também ainda não foi localizado. Seguiu-se-lhe no trono do Egito um faraó pouco notável, Taquelot I, de quem muito pouco se sabe. Pode ter sido durante o seu reinado que Sisaque IIa, cujo caixão foi encontrado na tumba de Psusenés I, governou como um faraó rival. Há também outros dois nomes reais

pertencentes a Sisaque (hoje referidos como IIb e IIc), e a opinião divide-se entre o saber se foram verdadeiros reis desse mesmo período obscuro ou, respetivamente, variantes iniciais dos títulos de Sisaque I, e um erro ortográfico cometido por um antigo escriba.

Todavia, o faraó seguinte, Osocor II, que agora se acredita ter governado *ca.* 872–831 a. C., terá provavelmente enviado um grupo de infantaria, de mil homens, para lutar a Batalha de Qarqar, como parte de uma aliança contra Salmanaser III da Assíria, em 853 a. C., que será discutida no Capítulo Dois e para a qual Ahab também contribuiu com carros e tropas. Um vaso de alabastro com a inscrição da cartela de Osocor II foi encontrado em Samaria, no palácio que foi atribuído a Omri e a Ahab, possivelmente reflexo de um qualquer tipo de relação adicional entre Ahab e Osocor. A dado momento, Osocor também enviou uma estátua sua para Biblos, mas, ao contrário dos antecessores Sisaque I e Osocor I, quem quer que governasse em Biblos nessa altura, aparentemente, não inscreveu a estátua com o seu próprio nome.¹¹⁵

De volta a casa, o fim do reinado de Osocor II, bem como o do seu sucessor Sisaque III (831–791 a. C.), foi assolado por problemas internos, incluindo rebeliões e guerra civil. Por volta de 810 a. C., o Egito estava dividido em quatro, com quatro faraós a governar ao mesmo tempo.¹¹⁶ O território estava claramente em maré de azar.

Demasiado cedo, esta situação levaria a uma tomada gradual do sul do Egito pelos reis cuxitas da Núbia, que eram senhores supremos de todo o país (embora alguns reis locais ainda lhes sobrevivessem) tornando-se a XXV Dinastia de *ca.* 750 a. C. em diante. O regime cuxita liderou o ressurgimento da economia e do poder do Egito, mas, no final, viu-se arrastado para os conflitos entre as cidades-estado levantinas e a Assíria, com invasões no Egito por parte desta última, que acabariam por conduzir os reis núbios de volta às suas terras em 664 a. C.

A independência seria recuperada pela XXVI Dinastia, governada desde Sais, no delta do Nilo, cujos membros passaram de vassalos a aliados assírios e depois a senhores do seu próprio destino. Ainda assim, a invasão persa de 525 marcou o fim do Egito enquanto potência e passou posteriormente, durante o século IV a. C., para as mãos de Alexandre, o *Grande*, e dos seus sucessores macedónios, os ptolomeus. No geral, embora tenha sobrevivido ao Colapso da Idade do Bronze melhor do que algumas outras regiões, o Egito nunca recuperou verdadeiramente a sua glória anterior.

Breve Resumo

Se definirmos «sucesso» como um regresso aos níveis de unificação e de participação nas redes de comércio internacional, então, o Egito não se saiu muito bem. Como vimos em detalhe, continuou, mas apenas num nível inferior de existência sociocultural, com a administração dividida em fações governantes e com um papel limitado internacionalmente, e um poder relativamente pequeno na maior parte do tempo. No geral, o Egito não mais voltou a ser o mesmo, nem nunca chegou à poderosa posição que tinha atingido no período do Novo Reino. Apenas ocasionalmente um governante, como Sisaque, tentou recuperar as coisas como tinham estado na Dinastia XVIII ou início da XIX, ou adquirir riqueza tal como a exibida no túmulo de Psusenés I, mas, de cada vez, foi sempre temporário.

Quanto aos habitantes do sul do Levante, irão ser determinantes na discussão futura, tanto nas páginas finais deste livro como por outros estudiosos no futuro. Não só persiste uma discussão ativa sobre como e quando os israelitas entraram na terra de Canaã, como também está em aberto o debate sobre se os cananeus do Sul não conseguiram integrar a mudança para a Idade do Ferro e foram assimilados nos novos reinos na região, incluindo Israel, Judeia, Edom, Amom e Moabe, ou se devem ser vistos como uma transformação de sucesso e se, na verdade, formaram uma parcela significativa etnicamente identificável da população dentro destes reinos recém-estabelecidos.

A título de comparação, diga-se que tanto a Assíria como a Babilónia tiveram resultados muito melhores do que qualquer Egito ou sul de Canaã nos séculos que se seguiram ao Colapso. Ainda assim, também enfrentaram a sua quota-parte de desafios, como veremos já a seguir.

Veja-se discussão anterior em Cline 2021: 131–32, para mais referências, esp. Redford 2002; também de Buck 1937; Clayton 1994: 164–65; Peden 1994: 195–210; Kitchen 2012: 7–11; Snape 2012: 412–13; Dodson 2019: 2.

A história da aquisição do papiro em Redford 2002: 5.

Veja-se Hawass *et al.* 2012, com mais notícias na imprensa *Los Angeles Times*, *USA Today*, e outros, disponíveis, *e.g.*, em <https://www.latimes.com/world/la-xpm-2012-dec-18-la-sci-sn-egypt-mummy-pharoah-ramses-murder-throat-slit-20121218-story> e <http://www.usatoday.com/story/tech/sciencefair/2012/12/17/ramses-ramesses-murdered-bmj/1775159>.

Ver novamente as referências citadas.

Ver Cline 2021: 158, 160–61, com referências; também Kaniewski, Guiot, e Van Campo 2015. Vejam-se também Butzer 2012: 3634–35; Mushett Cole 2017: 5; Creasman 2020: 17–19, 29. Sobre a crise alimentar, o não pagamento de salários e a greve geral, ver Butzer 2012: 3634–35; Eyre 2012: 119–21, 124, 139; Goelet 2016: 456; Mushett Cole 2016: 47, 2017: 5–7; Dodson 2019: 2.

Vejam-se Butzer 2012: 3634–35; Mushett Cole 2016: 47–48; Dodson 2019: 2. Sobre Ramsés IV em geral, ver Clayton 1994: 166–67; Eyre 2012: 121–23; Snape 2012: 413; Mushett Cole 2016: 48–49. Veja-se Cline 2021: 150–51, com referências completas.

Para Ramsés V em geral, ver Grimal 1988: 287–88; Clayton 1994: 167; Snape 2012: 413, 423; Mushett Cole 2016: 50; também anteriormente Cline 2021: 150–51. Sobre as minas no Sinai e sob controle egípcio, ver Grimal 1988: 288; Clayton 1994: 168; Snape 2012: 414–15; Weinstein 2012: 173; Mushett Cole 2016: 49–52. Sobre a retirada egípcia, ver, além disso, *e.g.*, Bunimovitz e Lederman 2014: 252–53. Veja-se agora uma discussão mais aprofundada, com referências anteriores, em Cline 2020: 185–86, 200 e fig. 31; também Snape 2012: 415; Mushett Cole 2016: 51.

Vejam-se Grimal 1988: 288–89; Clayton 1994: 168–69; Chew 2007: 90; Snape 2012: 414; Mushett Cole 2016: 52–53.

Vejam-se Grimal 1988: 289–90; Clayton 1994: 169–70; Eyre 2012: 134, 137, 139; Snape 2012: 415; Mushett Cole 2016: 53–55; Dodson 2019: 4–7. Sobre a possível perda da Núbia nesta altura, ver Mushett Cole 2016: 63; veja-se agora também Muhs 2022: 204.

Grimal 1988: 289–90; Peden 1994: 225–58; Reeves e Wilkinson 1996: 191; Eyre 2012: 134; Snape 2012: 415; Goelet 2016: 458–60; Mushett Cole 2016: 54–55; Dodson 2019: 4–6.

Peden 1994: 259–66; Reeves e Wilkinson 1996: 192; Goelet 2016: 460–61.

Clayton 1994: 168.

Grimal 1988: 291; Clayton 1994: 170; Mushett Cole 2016: 56.

Eyre 2012: 139. Mushett Cole 2017: 7–8 apresenta uma tradução ligeiramente alternativa: «Ano de hienas quando se deu a fome.» Vejam-se também Grimal 1988: 291; Snape 2012: 426; Koch 2021: 71–72.

Kitchen 1973: 248; Grimal 1988: 292; Clayton 1994: 171, 175; Snape 2012: 427; Mushett Cole 2016: 63; Dodson 2019: 16, 18–19, 21–24.

Kitchen 1973: 250; Grimal 1988: 291–92, 314; Clayton 1994: 171; Snape 2012: 427; Mushett Cole 2016: 64–65; Dodson 2019: 17–18, 24–29; Koch 2021: 72.

Vejam-se agora Reeves 1990: 186, 191–92, com mais referências; Reeves e Wilkinson 1996: 188–207; Aston 2020: 31–68; também Grimal 1988: 290; Snape 2012: 428; Dodson 2019: 42.

Kitchen 1973: 249–50, 254, 256–59; Grimal 1988: 292, 311; Clayton 1994: 178–79; Hallo e Simpson 1998: 283–84; Mushett Cole 2016: 64–66.

Kitchen 1973: 248–50, 257–59, 262; Grimal 1988: 292; Clayton 1994: 172, 176; Snape 2012: 428; Mushett Cole 2016: 64–66; Dodson 2019: 24–32, 39.

Grimal 1988: 290; Clayton 1994: 177–78; Reeves e Wilkinson 1996: 68–69, 101–3, 198–99; Snape 1996: 190; Reeves 2000: 101–4. Outros órgãos reais que aparentemente receberam a atenção de Pinedjem, quanto à sua reparação, embora não tenha necessariamente sido movido, incluía Tutemés II, Amenófis I e Ramsés III; ver Dodson 2019: 42.

Vejam-se, *e.g.*, Kitchen 1973: 261, 271, 274–75; Grimal 1988: 314–15, 317–19; Clayton 1994: 179–81; Hallo e Simpson 1998: 284; Mushett Cole 2016: 66–67, 2017: 8; agora, Muhs 2022: 195, 204.

Para o seguinte, estou em dívida para com a publicação original de Montet 1951: veja-se esp. 19–21; Dodson 2019: 42, 66–67, 95–96, 101–2, figs. 24, 47, e 79; e a recente discussão em Brier 2023: 282–83. Vejam-se também Kitchen 1973: 271; Grimal 1988: 317–18; Clayton 1994: 180–81; e o relato da descoberta por McDowall 2014 e o documentário da PBS *Secrets of the Dead: The Silver Pharaoh* (emitido em 2 novembro de 2010).

Montet 1951: 19–21; Brier 2023: 282–83. Ver também Dodson 2019: 42, 95–96, 101–2, fig. 79.

Montet 1951: 21; traduzido do francês por E. H. Cline.

Montet 1951: 21–22; traduzido do francês por E. H. Cline.

Montet 1951: 21–22; traduzido do francês por E. H. Cline. Na tradução e identificação de Merneptá, veja-se Montet 1951: 111–12.

Montet 1951: 22, ver também 95; traduzido do francês por E. H. Cline. A respeito da inscrição no sarcófago preto, veja-se Montet 1951: 126–30; para a inscrição no caixão de prata, veja-se Montet 1951: 130–32. Ver também a discussão em Dodson 2019: 66–67, fig. 47.

Montet 1951: 22; Dodson 2019: 66–67, fig. 24.

Montet 1951: 22. Observem-se novamente, para tudo isto, as discussões adicionais em Brier 2023 e Dodson 2019. Para as fotografias e desenhos dos três caixões aninhados e da máscara dourada, ver Montet 1951: ver também 75–82, 95–105.

Ben-Dor Evian *et al.* 2021: 3; ver também David 2021b para a reportagem desta história nos *media* mais populares.

Ben-Dor Evian *et al.* 2021; cf. também, previamente, Kassianidou 2014: 263–67; Yahalom-Mack *et al.* 2014: 174; Ben-Dor Evian 2017: 36. A região das minas de Timna também foi foco dos *media* em histórias anteriores em 2021, não pelo cobre ou pela turquesa, mas porque a análise de um pedaço de pano datado do final do século XI ou início do século X a. C. demonstrou que foi tingido com a real cor roxa aperfeiçoada pelos fenícios; ver Sukenik *et al.* 2021 e a reportagem dos *media* como Borschel-Dan 2021; David 2021a; e Tercatin 2021.

Vejam-se, *e.g.*, para mais referências, Dothan 1982: 3–4; Cline e O'Connor 2003: 114–15; Killebrew 2005: 204–5; Yasur-Landau 2010: 2–3; e também, *e.g.*, Schipper 2019: 15–18, 22; Yasur-Landau 2019: 416; Koch 2021: 76–80; Master 2021; Maeir 2022d. A literatura sobre os filisteus e o seu povoamento inicial nesta região é imensa; além das referências acima apontadas, ver também, *e.g.*, Howard 1994; Finkelstein 1995; Ehrlich 1996; Barako 2013; Ben-Shlomo 2014; Faust 2019; Maeir 2019, 2020; Koch 2020.

Macalister 1914; vejam-se também menções, *e.g.*, em Dothan 1982: 24; Yasur-Landau 2010: 2. Sobre as escavações recentes, ver as contribuições mais recentes em Maeir 2012; Maeir e Uziel 2020.

Ehrlich 1996: 56.

Ver, com referências anteriores, Cline 2000: 44–59, 2004: 19, 2007: 119, 2009; também Broodbank 2013: 452; mais recentemente, Maeir 2022a; também relevante é Ben-Yosef e Thomas 2023.

Vejam-se, *esp.*, as várias e recentes publicações de Avraham Faust na Bar Ilan University; *e.g.*, Faust 2007, 2012, 2016, 2019.

A literatura aqui também é vasta. Veja-se, a título de exemplo, Finkelstein 1988; também Cline 2004: 17, 2007: 114–18, 2009: 77, todos com referências futuras; Killebrew 2005: 152–54, 181–85.

Cline 2007: 118–19, 2021: 91. A literatura sobre a expansão dos povoados israelitas durante o período do Ferro I, e suas características, é novamente imensa; ver mais recentemente, *e.g.*, Killebrew 2005: 155–59, 173–81; Finkelstein 2013: 22, 27–28, 32–33; agora também Ilan 2019; Schipper 2019: 15–18; e Ben-Yosef e Thomas 2023 que (se bem entendi a sua proposta) sugerem que ainda existia um segmento nômada da sociedade que continuou até à Monarquia Unida no século X a. C.

Cline 2007: 119.

Langgut, Neumann *et al.* 2014: 294–98 e tabela 3; também Langgut, Finkelstein *et al.* 2015: 217, 229–31; Finkelstein 2016: 116; Finkelstein e Langgut 2018. Note-se, mais uma vez, tal como referido anteriormente, que Kaniewski e os seus colegas modificaram as suas conclusões originais sobre as alterações climáticas no Mediterrâneo Oriental para incluir também este aumento temporário de humidade e melhores condições climáticas; ver novamente Kaniewski *et al.* 2019a, *esp.* 6–9 e figs. 4–6, 2019b, 2020; também Finné *et al.* 2019: 859 (também 855 e fig. 2), e discussão anterior em Cline 2021: 157–58.

Langgut, Neumann *et al.* 2014: 298. Sobre Moabe, ver Mattingly 1994; Finkelstein e Lipschits 2011; Finkelstein 2014; Steiner 2014. Sobre Amom, ver Younker 1994, 2014. Sobre Edom, ver referências dadas mais adiante. Sobre tudo o que precede, *i.e.*, «os antigos vizinhos de Israel», ver agora o livro muito útil de Doak 2020.

Cf., mais recentemente, Palmisano, Woodbridge *et al.* 2019; Palmisano, Lawrence *et al.* 2021: 7, 22–23,

106739; também agora, incluindo a introdução da Monarquia Unida nestes debates, Ben-Yosef e Thomas 2023; Thomas e Ben-Yosef 2023. Ver também as breves discussões abaixo, com referências adicionais. Ver discussão completa, com referências, em Cline 2000: 65–74, 2004: 20; também menções sobre Dothan 1982: 16; Finkelstein 2013: 35–36.

Ver mais recentemente Rollston 2019: 379. Para a publicação inicial dos fragmentos, ver Biran e Naveh 1993, 1995.

Tradução segundo Schniedewind 1996: 77–78.

A inscrição tem sido objeto de grande debate ao longo dos anos; para as minhas discussões anteriores sobre este achado, com referências, ver Cline 2000: 83–87, 2009: 59–63, com referências.

Sobre a leitura proposta, ver, por exemplo, Lemaire 1994. Para visões contrastantes, ver, *e.g.*, Finkelstein, Na'aman e Römer 2019; Na'aman 2019a. Ver também a discussão anterior em Cline 2009: 16–18, com referências anteriores; também Horn 1986. Para mais publicações sobre a história da descoberta da «Estela de Mesa» e da sua interpretação, ver agora também Richelle 2018: 28–30; Porter 2019: 324–25 e fig. 17.1; Schipper 2019: 38. Sobre Mesa e os moabitas, ver, *e.g.*, Na'aman 1997.

Kitchen 1973: 273–75, 280; Grimal 1988: 318–19; ver novamente Crowell 2021: 25, 196–201, 364–66, 382; também Na'aman 2021: 24–26.

Kitchen 1973: 271–72; Grimal 1988: 317–18; Clayton 1994: 181; Mushett Cole 2016: 68. Ver mais recentemente a discussão em Crowell 2021: 25, 196–201, 364–66, 382; também Finkelstein 2020: 24, que duvida da sua contemporaneidade com os acontecimentos atuais.

A literatura já é substancial; ver especialmente Levy *et al.* 2008; Ben-Yosef, Levy *et al.* 2010; Ben-Yosef, Liss *et al.* 2019; Liss *et al.* 2020, com referências a publicações anteriores publicações anteriores, incluindo Høglund 1994, além das muitas contribuições nos dois volumes publicados como Levy, Najjar e Ben-Yosef 2014. Relativamente ao desafio à indústria em Chipre, ver, por exemplo, as discussões em Crielaard 1998: 194–95; Muhly e Kassianidou 2012: 125, 134, com referências anteriores; Finkelstein 2013: 127, 2020: 18–19; Kassianidou 2014: 263–64; Yahalom-Mack *et al.* 2014: 174; Erb-Satullo 2019: 589; Knapp e Meyer 2020: 232–43. Sobre Wadi Feynan, ver discussão abaixo e, por exemplo, Ben-Yosef, Levy *et al.* 2010; Ben-Yosef, Liss *et al.* 2019, com referências anteriores; também Schipper 2019: 28.

Ver, por exemplo, Ben-Yosef 2019b, 2019c, 2020, 2021a, 2021b; Ben-Yosef, Liss *et al.* 2019; Ben-Yosef e Thomas 2023, todos com muitas referências anteriores. Ver também discussões subsequentes, *e.g.*, em Crowell 2021: 36–37, 41–42; Maeir 2021; e uma refutação por Finkelstein 2020; agora também Na'aman 2021; Bienkowski 2022. Ver agora o resumo em Crowell 2021: 8–16, com referências às publicações relevantes de Glueck.

A literatura sobre este tema é já muito extensa. Ver, por exemplo, apenas como exemplos, Garfinkel e Ganor 2008, 2010; Finkelstein e Fantalkin 2012; Finkelstein 2013: 54–59; Garfinkel 2017, 2021; Na'aman 2017; Schipper 2019: 23; e, agora, Ussishkin 2022.

Relativamente à inscrição de várias linhas, ver, por exemplo, Misgav, Garfinkel e Ganor 2009; Galil 2010; Rollston 2011; agora também Donnelly-Lewis 2022. Relativamente à inscrição mais recente, ver, *e.g.*, Garfinkel *et al.* 2015.

Ver, previamente, Cline 2009: 25–27, fig. 4, com referências; Rollston 2019: 376–77.

Kitchen 1973: 280–82; Grimal 1988: 319; Mushett Cole 2016: 69–70; Schipper 2019: 27–28.

Mushett Cole 2016: 69–70, citação Dever 1993: 37.

Kitchen 1973: 282; Grimal 1988: 318–19; Clayton 1994: 181; mas notem-se também, e novamente, os debates em Crowell 2021, acima citado.

Veja-se agora Reeves 1990: 186, 191–92, com mais referências; Reeves e Wilkinson 1996: 188–207; Aston 2020: 31–68, com referências. Ver também sumários em Grimal 1988: 318; Clayton 1994: 181; Snape 1996: 188; Mushett Cole 2016: 68, 70.

A. B. Edwards 1882a: 185–97, 1882b: 113, 116; Wilson 1887: 1–10; Gardner 1923: 30–52; Kitchen 1973: 277–78; Grimal 1988: 290–91; Reeves 1990: 186, 191–92; Clayton 1994: 177–78; Reeves e

Wilkinson 1996: 194–97, 204, 207; Snape 1996: 188–90; Fagan 2004: 194–98; Bickerstaffe 2010: 13–36; Graefe e Belova 2010; Hawass 2010: 1; J. Thompson 2015: 8–10; Dodson 2019: 76–77; Aston 2020: 31–68.

Ver atualmente a discussão em Cline 2020: 1–2, 85–91, com referências; anteriormente, Yadin 1976; também atualmente Cantrell 2006; Cantrell e Finkelstein 2006; Franklin 2017.

Veja-se discussão em Cline 2009: 43–46, 64–66, 2020: 234–35, ambos com referências prévias Yadin 1970.

Ver, por exemplo, Finkelstein 1996, 1999, 2013; ver novamente a breve discussão em Cline 2009: 43–46, 64–66, com referências anteriores. Ver agora, por exemplo, Ortiz e Wolff 2021, que discordam de Finkelstein e argumentam que os restos do seu estrato 8 em Gezer «devem datar [...] mais ou menos do reinado de Salomão» (238); ver também as discussões recentes de Richelle 2018: 82–83, 85–89; Garfinkel 2021; Garfinkel e Pietsch 2021.

Ver agora Rollston 2016: 296–97; Bourogiannis 2018a: 73–74; Elayi 2018: 117–22; Bunnens 2019b: 65; Doak 2019: 660–61; Edrey 2019: 40; Na’aman 2019b; Hodos 2020: 40–41; López-Ruiz 2021: 288–89; anteriormente Markoe 2000: 33–35; Aubet 2001: 44–45; Abulafia 2011: 66–67. Ver também discussões anteriores em Yadin 1970, 1976; Finkelstein 1996, 1999, 2013; Cantrell 2006; Cantrell e Finkelstein 2006; Cline 2009: 43–46, 64–66, 2020: 1–2, 85–91, 234–35, ambos com referências; e agora Franklin 2017; Richelle 2018: 82–83, 85–89; Garfinkel 2021; Garfinkel e Pietsch 2021; Ortiz e Wolff 2021.

Todas as traduções da Bíblia hebraica seguem a versão NRSV.

Sobre Ain Dara, ver, *e.g.*, Sader 2014: 615–16, com referências; agora também J. F. Osborne 2021: 115–17, 200. O templo no local foi severamente danificado em janeiro de 2018, alegadamente por aviões turcos, segundo os *media*; ver, *e.g.*, Claire Voon, «Iron Age Temple in Syria Devastated by Turkish Air Raids», *Hyperallergic*, 9 de janeiro de 2018, <https://hyperallergic.com/423867/ain-dara-temple-destroyed/>; Erika Engelhaupt, «Iconic Ancient Temple Is Latest Victim in Civil War», *National Geographic*, 30 de janeiro de 2018, <https://www.nationalgeographic.com/history/article/syria-temple-ain-dara-destroyed-archaeology>; Sarah Cascone, «Turkish Forces Nearly Destroy the Ancient Syrian Temple of Ain Dara», *Artnet News*, 30 de janeiro de 2018, <https://news.artnet.com/art-world/destruction-ain-dara-1210982>.

Vejam-se, *e.g.*, Markoe 2000: 33–34; Aubet 2001: 204–5; Lipiński 2006: 181–82; recentemente Elayi 2018: 121–23; Bunnens 2019b: 60–61, com referências anteriores; também Edrey 2019: 40; Roller 2019: 645–46; Sader 2019b: 127–28; Hodos 2020: 57–58, 104, 143–44.

Ver Kingsley 2021 e várias reportagens, incluindo Jarus 2021.

Kitchen 1973: 283; Grimal 1988: 319; Clayton 1994: 181, 184–85; Chapman 2009, 2015; Sagrillo 2015; Mushett Cole 2016: 70, 72–74; Dodson 2019: 77–81, 87–89, 95, 101–2, fig. 79; Höflmayer e Gundacker 2021.

Kitchen 1973: 286–87; Grimal 1988: 319–22; Clayton 1994: 183–84; Kuhrt 1995: 626–28; Snape 2012: 431; Mushett Cole 2016: 75–76; Dodson 2019: 92–93.

Ver também 2 Crônicas 12:2–9; discussão incluída, *e.g.*, Kitchen 1973: 295–96; Clayton 1994: 184–85; Cline 2004: 38–41; Mushett Cole 2016: 76–77, entre muitos outros.

Ver, *e.g.*, Kitchen 1973: 296–300; Clayton 1994: 184–85; Ehrlich 1996: 63–65; Finkelstein 2002, 2013: 41–44, 76–77; Mushett Cole 2016: 76–77; Dodson 2019: 93, 95, figs. 66, 68, 70; Schipper 2019: 30–31, 36–37. Ver agora também os numerosos documentos de conferências em James e van der Veen 2015.

Ver agora a discussão completa da descoberta em Cline 2020 e da própria inscrição anteriormente em Cline 2000: 75–82, com referências anteriores encontradas em ambos.

Ver Cline 2011 e agora as páginas relevantes em Cline 2020.

Vejam-se, *e.g.*, Kitchen 1973: 294–95; Grimal 1988: 322–23.

Na’aman 2021: 24–26.

Ver, agora, Dodson 2023: 297–307.

Os resultados da escavação foram há pouco tempo publicados num conjunto de cinco volumes (Mazar e Panitz-Cohen 2020), mas foram recentemente publicados na revista *Near Eastern Archaeology*, em 2022, artigos mais breves e acessíveis; estes serão citados mais adiante. Sobre a referência a Sisaque I, ver Mazar 2022b: 122–23.

Mazar 2022b: 110–11, 114–15, 122.

Toda a informação que se segue baseia-se no artigo extremamente útil de Mazar, Panitz-Cohen e Bloch 2022: 126–28, com referências às discussões mais abrangentes publicadas por estes autores noutros locais.

Ver Mazar, Panitz-Cohen e Bloch 2022: 128–29.

Voltar a ver Mazar, Panitz-Cohen e Bloch 2022: 126–27.

Mazar 2022b: 116; Mazar, Panitz-Cohen e Bloch 2022: 127.

Sobre o escaravelho, ver o breve artigo de Levy, Münger e Najjar 2014 na revista *Antiquity*; sobre a campanha para esta região, ver também, *e.g.*, Finkelstein 2016: 118, 2020: 20; Crowell 2021: 364; Na'aman 2021: 21–24. Sobre assuntos relacionados, ver agora também Ben-Dor Evian 2017: 36, 2021: 11; Maeir 2022a.

Kitchen 1973: 292; Grimal 1988: 322–23; Mushett Cole 2016: 75–77; Dodson 2019: 95; contra, Clayton 1994: 186.

Ver, *e.g.*, Kitchen 1973: 308–9; Mushett Cole 2016: 78 (citação Louvre AO.9502); Dodson 2019: 99.

Kitchen 1973: 309–10, 324–25; Grimal 1988: 324–26; Clayton 1994: 186–87; Kuhrt 1995: 628; Ben-Dor Evian 2011: 98, 2017: 36; Mushett Cole 2016: 79, 81, 83; Dodson 2019: 104, 109, 192; Muhs 2022: 196–97, 199. Note-se que a falta de uma inscrição na estátua pode ser simplesmente acidental; tal como as outras, só nos resta um fragmento da estátua, e é possível que qualquer inscrição fenícia que nela possa ter sido gravada não esteja atualmente preservada. Muhs 2022: 200–201 regista uma série de vasos de pedra egípcios com inscrições relacionadas com Osocor II, Taquelote II e Sisaque III que foram encontrados em cemitérios fenícios no sul de Espanha sugere terem sido «presumivelmente trazidos do Egito por mercadores e colonos fenícios».

Cf. Kitchen 1973: 331, 335; Grimal 1988: 328–30; Clayton 1994: 188–89; Kuhrt 1995: 625, 628; Mushett Cole 2016: 85–87, 89; Dodson 2019: 114–15, 119–21, 124–25, 127, 192.

Capítulo Dois

CONQUISTADOR DE TODAS AS TERRAS, VINGADOR DA ASSÍRIA (*ASSÍRIA E BABILÓNIA*)

«ASSASSINO DAS HORDAS DE Ahlamu e destruidor das suas forças [...] conquistador de todas as terras, vingador da Assíria!» Foi assim que Assur-reša-iši I, rei da Assíria de 1133 a 1116 a. C., se descreveu orgulhosamente em numerosos fragmentos de cones de argila encontrados no local de Nínive, na antiga Mesopotâmia.¹¹⁷ É graças a ele e à sua gabarolice que possuímos os primeiros registos reais escritos na Assíria depois do Colapso da Idade do Bronze.

Os «ahlamu» a que ele se refere são hoje tidos como os arameus. São provavelmente mais conhecidos pela sua menção na Bíblia hebraica, na qual Abraão declara: «Meu pai era um arameu errante» (Deuterónimo 26:5). A sua língua, o aramaico, acabou por se tornar a língua franca, ou língua comum, em todo o Oriente Próximo, mas isso só acontecerá vários séculos mais tarde.¹¹⁸

Ao pensarmos nestes nómadas ou seminómadas, os arameus foram muito afetados pelas novas condições climáticas e ambientais na região, como, por exemplo, a cessação das chuvas na Mesopotâmia, bem como por uma alteração do canal principal do Eufrates, que se deslocou para oeste nesta altura. Tal resultou numa diminuição das terras disponíveis para irrigação e num aumento relacionado com a salinização no norte da Mesopotâmia.¹¹⁹ À conta disso, começaram a fazer incursões e a atacar cidades e vilas controladas pela Assíria, que também tinham sido afetadas pela mesma mudança nas condições das culturas arvenses e ficaram igualmente mais empobrecidas do que anteriormente. Apesar da sua ostentação, a derrota de Assur-reša-iši ante os arameus, ao que parece, não foi decisiva, pois o seu filho, Tiglate-Pileser, teve de os combater também mais tarde. Os arameus continuaram a ser um problema para os assírios do século XII e, por fim, no século IX a. C., foram capazes de estabelecer «dinastias menores», como afirmou Nicolau Postgate, da Universidade de Cambridge, em toda a região.¹²⁰

O reinado de Assur-reša-iši começou de forma bastante simples, com atividades de construção nos lugares de Assur (a norte da atual Tikrit) e Nínive (atualmente sob a moderna Mossul, na margem oriental do Tigre). Aqui, construiu templos e palácios, e ainda um possível arsenal.¹²¹

O arsenal pode ter sido imediatamente utilizado, pois, entre as suas realizações, afirma ter resistido com sucesso a ataques feitos por Nabucodonosor I, um rei babilónico, que governou entre 1125 e 1104 a. C. Embora Nabucodonosor tenha iniciado as hostilidades, perdeu com Assur-reša-iši e os assírios não só numa, mas em duas ocasiões distintas. Na primeira vez, Nabucodonosor foi obrigado a queimar os seus engenhos de cerco ao retirar-se, para que não caíssem nas mãos dos assírios. Na segunda vez, Assur-reša-iši «lutou com Nabucodonosor, provocou a sua derrota total, massacrando-lhe as tropas e desmantelou-lhe o acampamento. Quarenta dos seus carros com equipamento foram levados e Karaštu (?), marechal de campo do rei Nabucodonosor, foi capturado»¹²².

Sabemos isto pela chamada «História Sincronística», que faz parte de uma série de textos conhecidos como «Crónicas Assírias e Babilónicas» ou simplesmente «Crónicas da Mesopotâmia». Estas são os registos dessa lista de acontecimentos que tiveram lugar tanto na Assíria como na Babilónia, com uma data específica para cada uma. Foram escritos na terceira pessoa, ou seja, como observações imparciais, e foram parte de um esforço contemporâneo, ou relativamente contemporâneo, de cronistas para sincronizar os registos dos dois domínios. Os seus esforços são hoje muito valorizados por historiadores antigos que estudam os milénios II e I a. C. nesta região.¹²³

Além disso, algumas das nossas mais importantes informações provêm de relatos que descrevem os feitos de cada rei, muitas vezes numa base anual. Hoje conhecidos como os «Anais Reais Assírios», foram escritos como se o próprio rei fosse o autor (embora, na verdade, tenham sido escribas a fazer o trabalho), registando as suas campanhas e outros feitos, enumerando feitos, etc. Daí, podemos obter pormenores importantes, como o número de tropas envolvidas numa batalha e quantas pessoas foram mortas ou capturadas, embora devam ser tomadas com o proverbial grão de sal, uma vez que estão cheios de hipérboles, e os números podem muito bem ser exagerados. Os pormenores específicos de cada ano podem também variar em função da inscrição, pois os exemplares nem

sempre foram duplicados com exatidão, mas uma coisa é sempre constante e consistente — aparentemente, os reis assírios nunca eram derrotados, o que parece um pouco difícil de acreditar.¹²⁴ É evidente que os textos tanto eram propaganda como serviam na qualidade de registos de acontecimentos históricos.

Outros registos reais incluem também relatos monumentais que retratam cenas de batalha, expedições de caça e tributos ao rei. Estes eram com frequência afixados nas paredes dos palácios, mas também podiam ser inscritos em tudo, das bases de tronos a grandes estelas de pé, e até em faces das falésias naturais ao longo de vários rios. Foram também escritos documentos administrativos em tábuas de argila, que incluíam cartas, tratados diplomáticos, recibos, relatórios de presságios e afins.¹²⁵

Informações adicionais podem provir de várias versões do que é conhecido como «Lista dos Reis Assírios». Esta, que parece inacreditável nas secções sobre a história inicial da Assíria, mas mais credível nas partes das secções posteriores, pretende nomear todos os reis assírios desde os primeiros que «viviam em tendas» até ao fim do reinado de Salmaneser V em 722 a. C. Além desta, existem também as chamadas «Crónicas de Epónimos», que são registos que incluem breves menções a factos ocorridos num determinado ano civil (cada ano está associado ao nome de um determinado funcionário assírio, conhecido como *līmu*, para que todos soubessem de que ano se tratava) e isso pode ser mais fiável do que qualquer um dos relatos acima.¹²⁶

Alguns destes tipos de registos só apareceram mais tarde, como os relatos monumentais nas paredes dos palácios assírios, que só começam a ser vistos regularmente no século IX a. C., mas outros começaram antes, incluindo o século XII a. C. Tudo isto nos dá uma infinidade de informações históricas, mas, mais uma vez, devemos ser cautelosos ao aceitar os pormenores pelo seu valor nominal. Até que ponto podemos acreditar? Quanto exagerarão o rei e os seus escribas? Até que ponto o que ficou escrito é verdade e até que ponto é «verdade-mas-exagerado»?

Estes tipos de provas materiais foram recuperados ao longo de mais de um século desde os primórdios da arqueologia da Mesopotâmia, conduzida por pioneiros como Austen Henry Layard, Paul Émile Botta e Hormudz Rassam. Os seus métodos nem sempre foram aceitáveis, das técnicas de escavação às atitudes colonialistas dos arqueólogos não-locais, mas desenterraram as cidades ocultas da Assíria e da Babilónia, conhecidas na altura apenas pela Bíblia

hebraica, e trouxeram à luz as suas histórias.¹²⁷

Contudo, como sempre acontece quando se trata de épocas tão antigas, e especialmente quanto às que foram recuperadas através da arqueologia e dos arqueólogos, temos problemas com as fontes diferenciadas. A natureza da preservação significa que estamos frequentemente limitados aos registos estatais ou aos arquivos mantidos por comerciantes ou por governantes nos níveis mais elevados da sociedade, embora, por vezes, consigamos dados como o rendimento das colheitas num determinado ano. Muitas vezes, se tivermos informações de dados reais sobre as condições económicas ou sociais, estes ocorrem no contexto de crises ou de triunfos abordados pelo rei. No entanto, isto dá-nos algumas informações sobre a vida quotidiana da época, mas só ocasionalmente.¹²⁸

Por isso, e por norma, só podemos falar destas coisas a nível estatal, não nos níveis mais baixos da sociedade, porque simplesmente não temos registos escritos para estes últimos, e mesmo os vestígios arqueológicos não fornecem sempre dados claros relativamente às populações mais desfavorecidas. Exceto em circunstâncias invulgares, também não costumamos ter registos que mostrem a forma como os reis, os autarcas ou outros governantes reagiam a situações de calamidade. Embora tenhamos provas de alguns casos específicos em que os reis hitita ou ugarítico pediram ajuda durante uma crise de fome ou mencionaram o avistamento de navios ou de tropas inimigos, muitas vezes só podemos ver o resultado, que obviamente surgiu devido à forma como responderam (ou não) e se foram ou não bem-sucedidos.

*

De qualquer dos modos, Nabucodonosor I pode ter aprendido alguma coisa com as suas duas derrotas iniciais às mãos de Assur-reša-iši e dos assírios, uma vez que empreendeu, mais tarde, campanhas bem-sucedidas contra os vizinhos elamitas, que tinham atacado a Babilónia e roubado uma cópia do «Código de Leis de Hamurabi» e uma estátua de Marduque várias décadas antes. A vitória não foi fácil. Uma primeira campanha teve de ser abortada, quando um surto de peste assolou as tropas babilónicas enquanto estas iam a caminho de Elão. Mais tarde, o poema conta a história mediante a visão de Nabucodonosor. «Erra, o mais poderoso dos deuses, dizimou os meus guerreiros. O enfraquecimento das minhas equipas de cavalaria [...] um demónio estava a matar os meus melhores guerreiros [...] Fiquei com medo da morte, não avancei para a batalha, e virei

antes para trás», disse Nabucodonosor.¹²⁹

Uma segunda campanha foi mais bem-sucedida. Uma inscrição deixada numa pedra *kudurru*, que é um conhecido tipo de marcador de fronteira em pedra (simbólico), frequentemente encontrado em contexto de templos, regista uma doação de terrenos e várias isenções concedidas por Nabucodonosor I a uma pessoa chamada Shitti-Marduk, um dos oficiais envolvidos nesta segunda investida contra o Elão. A inscrição inclui uma descrição pormenorizada da marcha para Elão e depois da batalha em que Shitti-Marduk lutou heroicamente desde a sua carruagem à direita do rei.¹³⁰

O ataque surpresa ocorreu em julho, quando os elamitas menos o esperavam. E com razão, pois a marcha para Elão era como uma marcha até às portas do Inferno. O brilho do Sol «queimava como fogo», dizem-nos; os caminhos por onde passavam as tropas babilónicas a arrastar-se «eram ardentes como chamas abertas!». Não havia água nos poços e em nenhum outro local onde pudessem saciar a sua sede. «O melhor dos grandes cavalos cedeu, as pernas dos homens fortes vacilaram», lê-se na inscrição, mas Nabucodonosor e o seu exército continuaram a avançar. «O poderoso rei acelerou o passo, e chegaram à margem do rio Ulay. Os dois reis encontraram-se ali e travaram uma batalha. Entre eles rebentou um incêndio, a face do Sol foi escurecida pelo pó, os redemoinhos de vento sopravam, a tempestade era violenta! Na voragem da batalha, o guerreiro na sua carruagem não conseguia ver a outra ao seu lado.» No fim, o exército elamita foi derrotado, o seu rei «desapareceu» e «assim o rei Nabucodonosor triunfou, apoderou-se do Elão e saqueou-lhe os bens».¹³¹

Embora não tenha trazido de volta a estela de Hamurabi, Nabucodonosor I devolveu a estátua de Marduke que tinha sido roubada. Por esse ato, foi recordado nos anais dos babilónios durante gerações. Na verdade, Nabucodonosor infligiu um tal golpe aos elamitas que praticamente não existem registos escritos, e tão-pouco há provas arqueológicas dos elamitas nas centenas de anos que se seguiram. Tinham mostrado resiliência nas fases iniciais do Colapso do Bronze Final, mas depois caíram fortemente após esta derrota militar. Não voltaram a desempenhar papéis importantes na política internacional até ao estertor do século VIII a. C.¹³²

*

De um modo geral, os assírios e os babilónios revelaram-se das mais resistentes

e bem-sucedidas sociedades afetadas pelo Colapso. Foram capazes de reter os seus conhecimentos de escrita, de empreender grandes projetos de construção e de manter os sistemas de governo em vigor. Mas nem eles escaparam ilesos. Por exemplo, as provas arqueológicas recolhidas em sondagens levadas a cabo na região da antiga Babilónia sugerem que pode ter havido uma diminuição na população até cerca de 75% durante os 300 anos que mediam entre o Colapso no fim da Idade do Bronze e no início do Ressurgimento da Babilónia após 900 a. C.¹³³

Além disso, de acordo com A. Kirk Grayson, académico de renome da Universidade de Toronto e responsável pela publicação de todas as inscrições reais assírias numa série de volumes que apareceram após o final dos anos 1980, quase não existem inscrições reais que datem do período de 75 anos desde o fim do reinado de Tuculti-Ninurta I, em 1208 a. C., até ao tempo de Assur-reša-iši I. É particularmente surpreendente que não haja inscrições reais deixadas por um rei chamado Assurdã I, que governou durante quase 50 anos neste período, de 1179 a 1133 a. C.¹³⁴

Talvez devêssemos ver a falta de registos reais neste período como um sinal de que os assírios foram mais afetados pelo Colapso na Idade do Bronze Final do que se pensava. Todavia, não o podemos saber com certeza, especialmente porque podiam ter escrito em materiais perecíveis, como o couro, a madeira ou as tiras de chumbo, mesmo que tivessem, por alguma razão, deixado temporariamente de gravar as inscrições reais em pedra. Por outro lado, Eckart Frahm, um assiriologista da Universidade de Yale, recorda que as inscrições reais teriam sido geralmente escritas em pedra ou barro, pelo que a lacuna pode, com efeito, ser significativa.¹³⁵

Felizmente, como já foi referido, os registos reais assírios recomeçaram com o reinado de Assur-reša-iši I, numa altura em que pode ter havido uma seca de 50 anos que afetou toda a região oriental mediterrânica e do mar Egeu; este assunto será discutido mais tarde.¹³⁶ Se assim foi, Assur-reša-iši I terá até beneficiado deste alívio climático temporário.

Tiglate-Pileser I

A Assur-reša-iši sucedeu o seu filho Tiglate-Pileser I, que subiu ao trono da Assíria em 1115 a. C. O seu reinado durou quase 40 anos, até 1076 a. C. Foi ostentatório em medida semelhante à do pai, declarando, a dada altura, ter

atravessado o Eufrates num total de 28 vezes, duas vezes por ano, durante 14 anos, para perseguir os arameus. Também, tal como o pai, resistiu a um ou dois ataques dos babilônios, incluindo mais uma vez um de Nabucodonosor I.¹³⁷

Conhecemo-lo, em parte, porque as muitas inscrições deixadas para trás pelos escribas descreveram as suas proezas, ainda que muitas delas sejam provavelmente hipérbolas:

Tiglate-Pileser, rei forte, rei do Universo, rei da Assíria, rei de todos os quatro quadrantes, cercador de todos os criminosos, jovem valente, homem poderoso e impiedoso que atua com o apoio dos deuses Assur e Ninurta, os grandes deuses, seus senhores, e (assim) abateu os seus inimigos, príncipe atento que, por ordem do deus Shamash, *o Guerreiro*, conquistou, através do conflito e do poder, a Babilónia, da terra de Acádia até ao Mar Superior da terra de Amurru e o mar das terras Nairi e tornar-se o senhor de todos os [...] soldados da tropa de choque cujas batalhas ferozes todos os príncipes dos quatro cantos temiam de tal modo que recuaram para esconderijos como os morcegos e fugiram para regiões inacessíveis como jérberos [um pequeno roedor do deserto que salta].¹³⁸

Os escribas registaram também, em numerosos prismas octogonais de argila, e em grande, e, muitas vezes, com pormenores horríveis, o que Tiglate-Pileser I fez aos infelizes soldados inimigos que não se esconderam nem fugiram para regiões inacessíveis após a derrota em combate. Por exemplo, depois de, tendo alegadamente dominado uma aliança de cinco reis e a sua combinação de um exército de 20 mil homens numa batalha que lutaram durante o seu primeiro ano do reinado, começou a profanar os cadáveres e a saquear os seus bens, e a fazer dos vivos prisioneiros: «Como um demónio da tempestade, empilhei os cadáveres dos seus guerreiros no campo de batalha e fiz correr o seu sangue para os buracos e planícies das montanhas. Cortei-lhes as cabeças e empilhei-as como montes de cereais à volta das suas cidades. Expus o seu saque, propriedades e bens sem número. Agarrei nos restantes seis mil das suas tropas que fugiram das minhas armas e se submeteram a mim e considere-os como pessoas da minha terra.»¹³⁹ A inscrição, que segue então numa linha semelhante, descreve as vitórias sobre numerosos outros grupos, enumerando cada um deles pelo nome, que se estendem por toda a parte do que são a atual Turquia, o Iraque e as zonas costeiras do Levante.¹⁴⁰

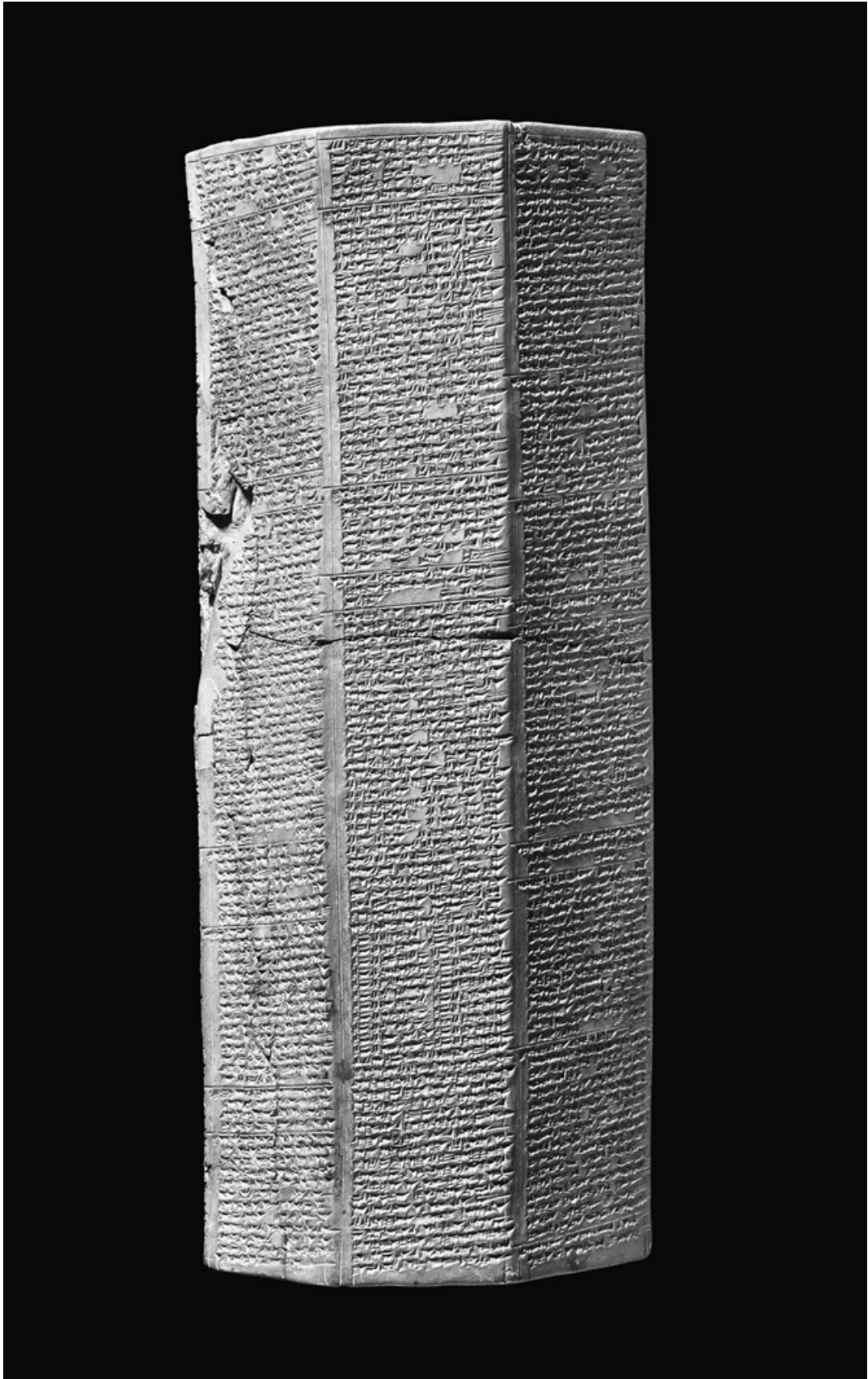


FIG. 4. Prisma de argila de Tiglate-Pileser. Museu Britânico, n.º 91033. Fotografia cortesia do Museu Britânico.

Além disso, as maldições que Tiglate-Pileser I pediu aos escribas que acrescentassem no fim desta longa inscrição eram o suficiente para fazer parar qualquer um. Dirigiu-as a quem «partir ou apagar as minhas inscrições monumentais ou de barro, as atire à água, as queime, as cubra com terra [...] que apague o meu nome inscrito e escreva o seu próprio nome, ou que conceba qualquer coisa prejudicial e a ponha em prática em detrimento das minhas inscrições monumentais». Invocando os deuses Anu e Adade para amaldiçoar o potencial infrator, que presumia ser um futuro rei ou governador, escreveu depois: «Que lhes derrubem a soberania. Que lhes destruam os alicerces do trono real. Que lhes acabem com a nobre linhagem. Que lhes esmaguem as armas, derrotem o seu exército, e que os façam sentar-se em cativeiro perante os inimigos. Que o deus Adad lhes atinja as terras com terríveis relâmpagos e lhes inflija angústia, fome, carência e peste. Que ordene que não vivam nem mais um dia. Que lhes destrua o nome e a descendência na Terra.»¹⁴¹ É, quanto aos arameus em particular, uma inscrição antiga que refere que Tiglate-Pileser I conquistou seis das suas cidades, incendiando-as e saqueando-as. Massacrrou também muitas das suas tropas, perseguindo-as ao atravessar o Eufrates em jangadas feitas de peles de cabra insufladas.¹⁴²

Embora fossem dos adversários mais perigosos dos assírios nesta altura e frequentemente apresentados como aqui-inimigos do rei da Assíria, em particular nos primeiros anos de Tiglate-Pileser I, os arameus não foram os seus únicos adversários. Tiglate-Pileser reivindica na mesma inscrição inicial ter conquistado o controlo de várias outras terras, montanhas, cidades e príncipes que foram hostis para com ele e para com Assur. «Competi contra sessenta cabeças coroadas e ganhei-lhes nas batalhas, acrescentando território à Assíria e povo à sua população», vangloriava-se. «Alarguei a fronteira da minha terra e dominei todas as suas terras.»¹⁴³

Noutras inscrições, incluindo numa série de tabuletas de argila, bem como em fragmentos de obeliscos encontrados por arqueólogos no sítio de Assur, mais o chamado «Obelisco Partido», que foi encontrado em Nínive e que agora foi datado do seu reinado, Tiglate-Pileser descreve a reconstrução e o restauro de vários palácios e de outros edifícios em Assur e noutros locais, bem como a escavação de fossos e canais. Também documentou mais campanhas, incluindo

no que são a Síria e o Líbano atuais, a oeste. Matou e/ou capturou touros selvagens, elefantes e leões no sopé do Monte Líbano e noutros lugares, bem como panteras, tigres, ursos, javalis e avestruzes, cortou e levou vigas de cedro para usar num templo e depois prosseguiu para o país de Amurru (costa norte da Síria) e conquistou-o.

Recebeu também o tributo das cidades costeiras de Biblos, Sídón e Arruade, onde os fenícios começavam a estabelecer-se, e elenca presentes sob a forma de animais exóticos, que incluíam um crocodilo e um «grande macaco fêmea da costa marítima». Esclarece no «Obelisco Partido», e noutros locais, que estes últimos animais lhe foram oferecidos por um faraó egípcio (provavelmente Ramsés XI, o último rei da XX Dinastia) e que também incluíam um «homem-rio», que foi previamente identificado como um búfalo aquático ou talvez um hipopótamo, mas que foi recentemente reidentificado como sendo mais provavelmente uma foca-monge do Mediterrâneo.¹⁴⁴

Tiglate-Pileser também diz que fez um passeio de barco de seis horas quando estava em Arruade e que, enquanto no mar, matou «um *nahiru*, a que chamam cavalo-marinho». Numa inscrição posterior, diz especificamente que o matou com um arpão da sua própria fabricação. Embora tenha havido alguma discussão, os académicos ainda não decidiram o que é exatamente um *nahiru*; alguns sugeriram que se tratava de uma espécie de baleia pequena, foca ou tubarão, mas outro texto menciona marfim de um *nahiru*, o que indicaria dentes ou uma presa de algum tipo; e, com efeito, a opinião atual pode inclinar-se para uma identificação de um hipopótamo.¹⁴⁵

É a primeira vez que estas cidades costeiras fenícias são referidas numa inscrição que não é da sua autoria desde o Colapso da Idade do Bronze. Falarei delas com mais pormenor no próximo capítulo, mas, para já, podemos contextualizá-las, para o novo mundo do fim do século XII a. C., que era muito diferente do ponto alto da Idade do Bronze, no século XIV a. C. Nessa altura, os reis da Assíria faziam parte das grandes potências e trocavam enormes presentes reais com outros reis, do Egito a Hatusa, enquanto os reis mais pequenos e insignificantes de Biblos, Sídón, Tiro e outras cidades cananeias vizinhas praticavam o comércio e a diplomacia entre si e com as grandes potências. Agora, com Tiglate-Pileser I ao leme, e especialmente mais tarde, do século IX em diante, como se verá, os assírios limitaram-se a tirar o que queriam aos fenícios e a outros, quer saqueando as cidades mais pequenas e derrotadas, quer apoderando-se daquilo de que precisavam, ou exigindo tributos, ou ambos.

Já Ninguém Aqui Vive

No fim de outubro de 2021, dois jornalistas publicaram um artigo no *Washington Post* no qual descrevem alguns dos problemas que o sul do Iraque hoje enfrenta. «Já ninguém aqui vive», escreveram. «À medida que as alterações climáticas produzem aquecimento extremo e a água escasseia no Médio Oriente, a terra aqui está a secar. Em todo o sul do Iraque, há uma sensação de fim.»¹⁴⁶

Podiam muito bem estar a descrever a situação na Assíria de há três mil anos, pois as coisas começaram a desmoronar-se no fim do reinado de Tiglate-Pileser I, culminando em cerca de 150 anos de declínio antes de começarem a recuperar.¹⁴⁷ Os tempos difíceis tinham finalmente chegado para os assírios e também para os vizinhos babilónios a sul. Na verdade, o respeitado historiador italiano Mario Liverani sugeriu que a crise na Mesopotâmia deveria ter-se materializado muito mais cedo, mas foi atrasada ou adiada devido a poderosos líderes como Tiglate-Pileser I na Assíria e Nabucodonosor I na Babilónia.¹⁴⁸ Uma grande parte da resiliência bem-sucedida destas duas sociedades no rescaldo imediato do Colapso foi, com efeito, provavelmente o resultado de terem líderes como estes no seu lugar durante tempos de necessidade.

Sabemos que as duas potências continuaram a lutar uma com a outra, mesmo quando ambas sofriam com os elementos. Por exemplo, Tiglate-Pileser I fez duas campanhas contra a Babilónia no século xi, conquistando várias cidades e trazendo o espólio de volta a Assur. Especificamente mencionadas nas inscrições estão as cidades de Babilónia e Dur-Curigalzu, que descreve como «as grandes cidades de Karduniaš [Babilónia], juntamente com as suas fortalezas». O seu adversário era Marduquenadinaque, um rei da Babilónia que governou por volta de 1099–1082 a. C. e que já tinha invadido a cidade assíria de Ekallate e roubado as estátuas de dois deuses, Adad e Sala, um ato que agora exigia vingança.

Tiglate-Pileser afirma ter derrotado Marduquenadinaque em ambas as ocasiões, capturando e queimando os palácios da Babilónia que pertenciam ao rei e recuperando as estátuas. Mas há agora boas indicações de que Tiglate-Pileser pode ter, na verdade, perdido a primeira destas batalhas, durante a qual dois dos seus filhos foram mortos, e que só durante a segunda campanha derrotou efetivamente Marduquenadinaque.¹⁴⁹

Tiglate-Pileser até aponta as datas específicas em que estes ataques ocorreram,

mas são-nos apresentadas em termos de anos epónimos. A primeira vez foi no ano com o nome de um oficial chamado Aššur-šuma-eriš; a segunda teve lugar no ano que recebeu o nome de um funcionário chamado Ninu'ayu. Sabemos agora que estes foram provavelmente em 1092 a. C. e 1091 a. C., respetivamente, o que teriam sido o 22.º e o 23.º anos de reinado de Tiglate-Pileser. Provavelmente, também terá havido um ataque de vingança efetuado por Marduquenadinaque vários anos depois, em 1086 a. C.¹⁵⁰

De volta a Assur, Tiglate-Pileser construiu um palácio espantoso, alegadamente erigido por inteiro com madeira de cedro do Líbano, a que chamou o «Palácio do Rei de Todas as Terras». Também construiu um templo em honra de An e de Adad, dois dos deuses assírios, bem como uma série de edifícios mais pequenos, incluindo um em madeira de buxo apenas para guardar as armas. Também mandou fazer uma estátua do *nabiru* que matou com um arpão em Amurru; seria feita de basalto e presumivelmente de tamanho natural ou maior. E, na cidade de Nínive, ordenou a construção de edifícios e palácios semelhantes, bem como de um jardim real e de um canal para o irrigar.¹⁵¹

*

Os textos assírios deste período mencionam especificamente outros ataques dos arameus, bem como uma série de catástrofes, mas atualmente também encontramos indícios de problemas climáticos nesta região, essencialmente, pela primeira vez, nestas inscrições. Por exemplo, num texto datado de 1082 a. C., durante o 32.º ano do reinado de Tiglate-Pileser I, é-nos dito que houve uma fome tão severa que a população recorreu ao canibalismo — «[o] povo comia a carne uns dos outros», lê-se nas «Crónicas Assírias». A mesma entrada também afirma que os arameus tinham «saqueado [a terra], tomado as estradas, conquistado e tomado [muitas cidades fortificadas] da Assíria» nesse ano. Os cidadãos assírios tiveram de fugir para as montanhas a nordeste de Erbil para salvar a vida.¹⁵²

E depois, dois a seis anos mais tarde (1080–1076 a. C.), no estertor do longo reinado de Tiglate-Pileser, houve uma quebra total da safra. Tal foi acompanhado de uma nova incursão dos arameus, o que provavelmente não é de estranhar, uma vez que também eles teriam sido afetados pela fome e pela quebra de colheitas. O que é surpreendente é terem conseguido forçar Tiglate-Pileser a fugir. «Todas as colheitas da Assíria foram arruinadas», dizem as

«Crônicas Assírias». «As “casas” aramaicas [*i.e.*, invasores] penetraram na área em redor de Nínive e Kilizi; Tiglate-Pileser, rei da Assíria, retirou-se para a terra de Katmuhi.» Katmuhi (ou Katmuhu) é normalmente identificada como uma região montanhosa perto da atual Midyat, no Curdistão turco moderno.¹⁵³

Os assírios sobreviveram à fome, à seca e aos ataques no final de Tiglate-Pileser I, mas foi esse o início do seu declínio. O fim chegou depois com o governo de um filho de Tiglate-Pileser I chamado Assurbelcala, que reinou por volta de 1074–1057 a. C. Este deixou-nos uma série de inscrições (embora menos do que se pensava, uma vez que várias foram recentemente reatribuídas a Tiglate-Pileser I). Para o caso de alguém se sentir tentado a mexer nas suas inscrições no futuro, na parte de trás de uma estátua, mandou inscrever uma maldição: «Quanto àquele que remover as minhas inscrições e o meu nome: os divinos Sebeti, os deuses do Ocidente, afligi-lo-ão com a mordedura de uma serpente.»¹⁵⁴

É com o fim do reinado de Assurbelcala, cerca de 1057 a. C., com os assírios a evitar o seu próprio colapso durante cerca de 120 anos após 1177 a. C., que os estudiosos encerram o chamado Período Assírio Médio. A seca voltou a afetar o seu reinado, nos anos entre 1060 e 1050 a. C., acompanhada de rebeliões e de mais invasões dos arameus (por vezes chamados *sutianos* nos registos babilónicos desse tempo). Posteriormente, a seca é registada como um relógio a cada dez anos, em 1040, 1030, 1020 e 1010 a. C., de acordo com os registos assírios e babilónicos. Houve também «problemas e desordem» que vieram com a seca de 1040 a. C.; a peste que acompanhou a seca de 1010 a. C.; e depois mais stresse e fome, juntamente com a seca em 1007 a. C.¹⁵⁵ A fase seguinte estende-se até ao século x e, mais uma vez, apresenta seca, fome, desordem social e fragmentação política. Vou falar mais pormenorizadamente sobre este assunto daqui a pouco.

Em suma, o século XI a. C. não foi provavelmente uma boa altura para estar vivo na Assíria ou na Babilónia, quer se fosse assírio, babilónio ou arameu/*sutiano*. Mas havia luz ao fundo do túnel, ainda que à distância, pois quando os assírios reapareceram, na segunda metade do século X a. C., sob a direção dos seus reis Assurdã II e Adadenirari II, começaram a estabelecer o Império Neoassírio que viria a dominar o antigo Oriente Próximo ao longo de quase trezentos anos.

A Assíria e a Babilónia no Século X a. C.

Ora, na maior parte do século X a. C., as coisas não estavam muito melhor para a Assíria e para a Babilónia do que no século XI. Por exemplo, depois de cerca de 1007 a. C., e durante os vinte anos seguintes, parece ter havido uma escassez de cereais na Mesopotâmia. Uma inscrição feita numa pedra babilónica *kudurru* menciona especificamente «a angústia e a fome sob o rei Kaššu-nadin-ahhe» (1007—1005 a. C.). Diz-nos que «as ofertas regulares [aos deuses] foram descontinuadas e a oferta de bebidas cessou». As coisas parecem ter continuado assim no reinado do rei seguinte, pois a mesma inscrição regista que um sacerdote da cidade de Sipar lhe disse: «As ofertas do templo a Shamash [o deus principal] cessaram.»¹⁵⁶

Depois, durante um período de cerca de 30 anos, após cerca de 970 a. C., os arameus começaram a atacar, a dada altura, durante nove anos seguidos. Sabemos que isto aconteceu no reinado de um rei babilónico chamado Nabu-mukin-apli (978—943 a. C.), pois as crónicas babilónicas registam que «os arameus eram beligerantes, pelo que o rei não pôde ir para a Babilónia». Há também indicações de que houve fome em 954 a. C. e novamente cerca de 15 anos depois, quando outra escassez e a fome que a acompanhava são registadas em cerca de 940 a. C.¹⁵⁷

A recuperação assíria começou finalmente com o reinado de Assurdã II (934—912 a. C.). Começou devagar, atacando os vários pequenos reinos arameus e recuperando o território assírio que tinha sido perdido no século anterior. Nos seus anais, Assurdã II assume grande orgulho em dizer que também trouxe de volta os assírios que antes tinham fugido da região. «Trouxe de volta o povo exausto da Assíria que tinha abandonado as suas cidades e casas perante a miséria, a escassez e a fome, e que tinha subido para outras terras», escreveu. «Instalei-os em cidades e casas adequadas, e eles habitaram em paz.»¹⁵⁸

A recuperação continuou sob o seu sucessor Adadenirari II (911—891 a. C.), que foi tão bem-sucedido que começou a expandir as possessões assírias, o que acabaria por resultar no gigante a que atualmente chamamos o Império Neoassírio. Fez campanha praticamente todos os anos dos 21 que esteve no trono, a oeste contra os arameus, a sul e a leste contra a Babilónia, e fê-la também a norte.¹⁵⁹

Afirma especificamente ter derrotado dois reis da Babilónia em sucessão e de ter invadido o território de Hanigalbat (conhecido como o reino de Mitani no fim da Idade do Bronze) em nada menos de sete ocasiões. O seu espólio incluía um trono de ouro, pratos de ouro polido e até «uma tenda de ouro condizente

com a sua soberania, cujo peso não determinei». Também matou 360 leões desde a sua carruagem, 240 touros selvagens e seis elefantes durante várias caçadas, e restaurou templos que precisavam de cuidados urgentes, de acordo com as suas inscrições.¹⁶⁰

O que é extremamente interessante sobre esta cronologia para o início da Neo-Assíria sob estes dois reis é que aparentemente coincide bastante bem com as novas provas de que o clima mudou para melhor exatamente nessa altura. Um novo estudo baseado num «registo de alta resolução e precisão de espeleotemas da época» da gruta de Kuna Ba, localizada na região do Curdistão, no nordeste do Iraque, cerca de 300 quilómetros a sudeste de Nínive, relata que o período de cerca de 925 a. C. a 725 a. C. foi uma época muito mais húmida do que qualquer outra que os assírios viram desde a Idade do Bronze Final. Como referem os investigadores, este período «é sincrónico com as fases proeminentes da expansão imperial assíria (c. 920–730 a. C.)» e incluiu um «pico do período húmido, aqui designado por megapluvial assírio» que durou de 850 a 740 a. C. e foi um dos «períodos mais húmidos dos últimos quatro mil anos» nessa região.¹⁶¹ Podemos também verificar que não há mais referências nos registos assírios de fome ou seca nesse período. Se estas novas descobertas dão alguma indicação, parece certamente que os neo-assírios não perderam tempo a tirar o máximo proveito da mudança de clima.

Hormudz Rassam e os Portões de Balawat

As informações sobre a grande fase seguinte do ressurgimento dos neo-assírios surgiu, em parte, devido a uma invulgar oferta que foi enviada em 1877 a Hormudz Rassam, um arqueólogo iraquiano de Mossul que tinha sido treinado pelo conhecido estudioso britânico Austen Henry Layard. Na altura, Rassam vivia em Londres, em regime de semirreforma após uma carreira distinta. Quando abriu uma encomenda enviada por um amigo do Iraque, descobriu que continha fragmentos quebradiços de bronze, gravados com cenas de guerreiros e inscritos com breves textos. O amigo disse que os fragmentos tinham sido encontrados por um aldeão ao cavar uma sepultura no pequeno sítio de Balawat, hoje identificado como o antigo Imgur-Enlil, localizado cerca de 27 quilómetros a sudeste de Mossul.¹⁶²

No ano seguinte, quando o Museu Britânico pediu a Rassam que saísse da semirreforma e regressasse ao Iraque para efetuar escavações em Nínive, este

concordou e aproveitou a oportunidade para fazer algumas escavações exploratórias em Balawat. Verificou-se que as peças fragmentárias que lhe tinham sido enviados eram de uma série de faixas de bronze que tinham sido originalmente dispostas em duas grandes portas de madeira, cada uma com seis metros de altura e oito de largura. As portas faziam parte de um portão situado à entrada de um palácio construído por Salmaneser III, que governou a Assíria durante o século IX a. C., de 858 a 824 a. C.

Havia oito pares de faixas ao todo, cada uma com cerca de oito pés de comprimento e um de altura, fixados nas duas portas. Escavando os seis metros de terra e tijolos de barro caídos que agora os cercavam e os mantinham firmes, Rassam encontrou a maioria ainda no lugar, um par acima do outro. A dada altura, a madeira das portas tinha sido destruída pelo fogo ou tinha-se simplesmente desintegrado com o tempo, deixando as faixas de bronze ainda «de pé» no seu lugar, parecendo-se com um gigantesco porta-chapéus, como mais tarde escreveu. As próprias faixas, disse ele, estavam «gravadas com uma variedade de temas, tais como cenas de batalhas, procissões triunfais e espetáculos religiosos», e «divididas em painéis rodeados por uma orla de rosetas»¹⁶³.

Na verdade, as cenas e as inscrições acabaram por registar campanhas da primeira dúzia ou mais de anos do reinado de Salmaneser, começando em 858 a. C. Podemos ver cidades inimigas sitiadas; inimigos combatentes capturados, empalados; e várias outras representações de interesse geral ou macabro. Cada cena é acompanhada por uma inscrição que identifica o acontecimento específico. Entre as cidades mencionadas encontram-se Tiro, Sídón e Carquemis, bem como outras em Urartu (situada a norte, na região oriental da Anatólia, de que falarei no Capítulo Quatro) e noutros locais da Mesopotâmia. As faixas são extremamente importantes para a nossa reconstrução destas regiões e dos acontecimentos ocorridos neste período.

Rassam devolveu as faixas que tinha escavado ao Museu Britânico, onde estão agora em exposição, juntamente com outros objetos que, na sua opinião, tinham sido encontrados no local. No entanto, os seus achados foram quase imediatamente postos em causa por vários dos curadores, incluindo o conhecido egiptólogo E. A. Wallis Budge. Na publicação definitiva do Museu Britânico de 1915 acerca destes fragmentos, Budge declarou publicamente as suas dúvidas quanto a poderem ter vindo de Balawat. «Tendo examinado o monte», escreveu no prefácio do volume, «achei impossível acreditar que este local

insignificante pudesse ter contido um templo assírio [...] Por conseguinte, temos de concluir [...] que o local onde se encontram os relevos de bronze aqui publicados ainda não foi certificado.»

O autor do volume, L. W. King, que era conservador assistente (curador) do Museu Britânico, concordou, escrevendo: «Podemos concluir que os nativos descobridores dos portões tiveram o cuidado de esconder o local da sua descoberta.» Os dois curadores também insinuaram que Rassam poderia ter comprado todas as faixas, pois escreveram no volume que ele as «adquiriu» e «recuperou», em vez de as ter escavado.¹⁶⁴ Temos de perguntar por que Budge e King duvidaram de Rassam, embora seja provável que tenha sido ou por racismo inerente, colonialismo, inveja profissional, ou todas as anteriores.

Curiosamente, e talvez devido a essas acusações, Rassam não entregou ao Museu Britânico os fragmentos originais que lhe tinham sido enviados como prenda pelo seu amigo no Iraque. Em vez disso, foram guardados pela sua família e acabaram por ser adquiridos pela Galeria de Arte Walters, em Baltimore, no Maryland, onde permanecem até hoje. Outros fragmentos, todos dos dois pares de faixas superiores, que foram descobertos por aldeões que cavaram sepulturas no topo do monte, foram parar a outros museus e coleções particulares através de vários negociantes de antiguidades.¹⁶⁵

A questão chegou ao auge quando Rassam, apoiado por Layard, entrou com uma ação judicial para limpar o seu nome, mas só em 1955 foi finalmente vingado, e de uma forma inesperada. Tudo começou quando o Museu Britânico criou o Departamento de Antiguidades da Ásia Ocidental nesse ano e os armazéns foram reorganizados. Para surpresa de todos, mais faixas de bronze de mais um conjunto de portas estavam a definhar nos armazéns há décadas. Também haviam sido enviadas por Rassam, mas estavam esquecidas. Muitas foram encontradas ainda embrulhadas em papel de jornal, de uma edição do *Times* com a data de 1880, presumivelmente a altura em que tinham sido desembaladas dos caixotes ou contentores que Rassam tinha enviado para Londres. Todas eram de um palácio anterior erigido no local, este construído por Assurnasirpal II, pai de Salmaneser, que governou anteriormente no século IX a. C., de 883 a 859 a. C. Podemos afirmá-lo com segurança porque, embora o resto do palácio ainda não tenha sido localizado, sete das faixas têm a inscrição: «Palácio de Assurnasirpal, rei do Universo, rei da Assíria, filho de Tuculti-Ninurta, rei da Assíria, filho de Adadenirari, também rei da Assíria.»¹⁶⁶

Rassam tinha escrito sobre este segundo conjunto de faixas nos seus relatórios

e publicação final, descrevendo-os como provenientes de portas com cerca de metade da altura do par de Salmaneser III e localizado a cerca de 20 metros do conjunto inicial das faixas. No entanto, numa carta enviada ao Museu Britânico em 1878, Rassam disse: «Infelizmente, este segundo pequeno monumento está muito danificado [...] assim que foi descoberto desfez-se em pedaços.» Disse algo muito semelhante no seu livro quase duas décadas mais tarde, escrevendo: «Este foi encontrado muito danificado e, assim que foi exposto ao ar, desfez-se em pedaços.» Não é de estranhar que este segundo conjunto de faixas há muito que se presumisse estar perdido; ninguém esperava que Rassam tivesse recolhido as peças e que as tivesse enviado também para Londres, mas a verdade é que o fez.¹⁶⁷

Depois de terem sido retiradas dos armazéns, o exame destas faixas adicionais revelou que as cenas do par inferior eram quase idênticas, ambas representavam prisioneiros «de Hati» (ou seja, do norte da Síria), bem como assírios em procissão. As outras faixas representam cenas, incluindo hatitas várias vezes, bem como caçadas a leões e touros. No total, tal como as faixas do portão de Salmaneser III, antes encontradas por Rassam, dão-nos uma imagem visual decente de algumas das obras das campanhas de Assurnasirpal.¹⁶⁸

Estas (re)descobertas nos armazéns do Museu Britânico levaram os administradores a patrocinar outra expedição a Balawat em 1956, desta vez liderada pelo arqueólogo britânico Max Mallowan, que era casado com a misteriosa escritora Agatha Christie. A equipa encontrou imediatamente mais inscrições em faixas de bronze. Estas eram de outro portão, mais pequeno, de duas folhas, também datado da época de Assurnasirpal II. O portão fazia parte de um templo dedicado a Mamu (possivelmente o deus assírio dos sonhos) que Assurnasirpal tinha mandado construir no local onde ao mesmo tempo mandou edificar o palácio. A equipa de Mallowan, com as faixas adicionais, confirmou que Rassam dizia a verdade sobre a sua descoberta anterior em Balawat.¹⁶⁹ Além disso, a equipa conseguiu verificar que o portão que descobriram tinha sido queimado e que se havia desmoronado quando a cidade foi destruída séculos mais tarde, *ca.* 612 a. C., na mesma altura em que o Império Neoassírio terminou. Até conseguiram determinar que uma porta do portão duplo estava fechada e a outra estava entreaberta na altura da destruição.¹⁷⁰

As faixas de Mallowan foram posteriormente conservadas e restauradas no Museu Britânico, onde se verificou que as cenas nelas retratadas mostravam campanhas militares e inimigos que prestavam homenagem a Assurnasirpal.

Nomeadamente, as inscrições e a iconografia voltavam a identificar cidades na Fenícia e em Urartu, bem como Carquemis, e várias fortalezas aramaicas junto ao Eufrates.¹⁷¹ As faixas foram mais tarde devolvidas ao Iraque, onde foram expostas no Museu de Mossul após 1974. Infelizmente, o museu foi saqueado em 2003 e depois voltou a ser atacado pelo autoproclamado Estado Islâmico em 2015. Muitas das faixas encontradas por Mallowan estão agora em falta, foram roubadas ou destruídas, pelo que é uma sorte que já tenham sido completamente estudadas e publicadas num volume editado pelo Museu Britânico com os curadores John Curtis e Nigel Tallis em 2008.¹⁷²

Ressurgimento dos Assírios

As faixas das várias portas de Balawat descrevem-nos o que estava a acontecer no antigo Médio Oriente no século IX a. C. Na verdade, constituem apenas uma parte de uma abundância de material disponível para os que pretendem tentar uma reconstituição deste período, desde as inscrições reais encontradas nos palácios assírios, representações pictóricas, restos mortais adicionais recuperados por arqueólogos e pormenores no livro hebraico da Bíblia. Assim, podemos ter uma ideia bastante clara do que foi no Mediterrâneo Oriental, à medida que as várias sociedades e civilizações se empenharam em restabelecer e reconstituir o mundo interligado que se tinha perdido durante o Colapso da Idade do Bronze Final.

Por exemplo, este século viu a continuação da recuperação e da expansão do Império Assírio, que Mario Liverani descreveu como uma ténue rede de povoações e fortalezas ligadas entre si, inicialmente estabelecida em «terras alheias» e não como uma «mancha de óleo» sólida que se estende pela terra.¹⁷³ Neste ressurgimento dos assírios, vemos a substituição dos pequenos multiestados concorrentes e das pequenas cidades-estado pelo primeiro grande império do novo milénio. O vazio criado pelo Colapso permitiu uma nova política e novas estruturas económicas (como o comércio no Mediterrâneo fenício) à medida que o mundo recuperava. Sem concorrentes fortes, a Assíria acabou por ocupar o lugar político deixado vago para se tornar no mais resistente grande estado a recuperar do Colapso da Idade do Bronze Final. Ao fazê-lo, os assírios inventaram muitos dos elementos que foram adotados por impérios posteriores: exércitos permanentes, sistemas de comunicação e transporte eficazes, e políticas de propaganda (como as inscrições do portão de

Balawat). Tuculti-Ninurta II (890–884 a. C.) foi o precursor, tendo feito campanha onde são atualmente partes da Síria e do sudeste da Turquia. Esta região acabou por ser tomada pelo seu sucessor, Assurnasirpal II, que fez campanha na mesma zona, incluindo a captura e refundação da cidade de Tushan. Esta foi agora identificada como o atual monte de Ziyaret Tepe, situado na parte superior do rio Tigre, no sudeste da Turquia, onde uma equipa arqueológica chefiada por Tim Matney, da Universidade de Akron, pode ter encontrado o palácio real que Assurnasirpal disse ter construído.¹⁷⁴

Este último rei é visto por alguns estudiosos como o primeiro a realmente começar a restabelecer o controlo da Assíria sobre o território através do antigo Médio Oriente. Grayson descreve o reinado deste rei como uma das mais importantes eras na história da Mesopotâmia, apontando para o grande número de inscrições, o enorme número de projetos de construção que empreendeu, especialmente no lugar de Calú, mas também noutros pontos, e o número de campanhas militares destinadas a expandir o Império Assírio.¹⁷⁵

Os escribas de Assurnasirpal II desenvolveram grandes esforços para descrever o bárbaro tratamento das pessoas capturadas durante as suas campanhas. Essas descrições ocorrem repetidamente numa única inscrição, detalhando com horror o que aconteceu em cada campanha. Numa dessas inscrições, por exemplo, conhecida como «Monólito de Kurk», escreve-se sobre um governante que ele derrotou: «Eu esfolei Bur-Rammanu, o criminoso, e cobri com a sua pele o muro da cidade de Sinabu.»¹⁷⁶

Esta é uma das duas inscrições descobertas em 1861 pelo arqueólogo britânico John Taylor no lugar de Kurk (atualmente conhecido como a cidade de Üçtepe, na Turquia moderna, situada não muito longe de Ziyaret Tepe). As outras inscrições foram efetuadas mais tarde pelo filho de Assurnasirpal, Salmaneser III, e incluem uma descrição dos acontecimentos que tiveram lugar na Batalha de Qarqar, que discuto com mais pormenor adiante. Taylor doou ambas as inscrições ao Museu Britânico em 1863 e escreveu sobre elas no *Journal of the Royal Geographic Society of London*, no qual descreveu brevemente a visita ao local e a descoberta basicamente à superfície: «Tive a sorte de descobrir uma placa de pedra com a efígie de um rei assírio, coberta de ambos os lados com longas inscrições com caracteres cuneiformes [...] Um pouco mais abaixo, na encosta do monte, e quase totalmente escondida por escombros, exumei outra perfeita relíquia da mesma descrição.»¹⁷⁷ Parece um pouco difícil de acreditar que teriam ficado simplesmente à superfície e não nas profundezas do monte, mas

não menciona ter feito qualquer escavação, por isso temos de acreditar na palavra de Taylor.

A ostentação de Assurnasirpal II não é exclusiva do «Monólito de Kurk». Outro exemplo, em que se descreve um ataque a uma cidade chamada Pitura: «Conquistei a cidade. Derrubei oitocentas das suas tropas de combate com a espada e cortei-lhes a cabeça. Capturei muitos soldados vivos. Queimei os restantes. Saquei-lhes um valioso tributo. Construí uma pilha de homens vivos e de cabeças diante do seu portão. Empalei em estacas setecentos soldados diante dos seus portões. Arrasei, destruí e transformei em ruínas as colinas da cidade. Queimei os seus rapazes e raparigas adolescentes.»¹⁷⁸

Assurnasirpal II também lutou contra o rei babilónio Nabu-Baladã (que governou cerca de 887–855 a. C.), atacou o reino arameu de Bit-Adini e imitou a declaração de Assurdã II de algumas décadas antes, afirmando que também ele tinha «trazido de volta os enfraquecidos assírios que, por causa da fome e da inanição, tinham ido para outras terras».¹⁷⁹

*

Apenas alguns anos após o início do reinado, Assurnasirpal II mudou a capital de Assur, onde tinha estado até então, para Calú (a Calah bíblica), localizada mais centralmente no território assírio. Calú foi a capital da Assíria durante quase 200 anos, de 879 a. C. até 706 a. C. Mais tarde, ficou conhecida como Ninrude, nome pelo qual ganhou fama durante as escavações de Layard, que começaram em 1845.¹⁸⁰



FIG. 5. «Monólito de Kurk» de Assurnasirpal II. Museu Britânico, n.º 118883. Fotografia cortesia do Museu Britânico.

No local, Assurnasirpal II construiu imediatamente um palácio, hoje chamado «Palácio do Noroeste». Os primeiros vestígios desta tremenda estrutura surgiram logo no primeiro dia em que Layard começou a escavar, depois de ter sonhado com a descoberta de palácios subterrâneos com «monstros

gigantescos», «figuras esculpidas» e «inscrições intermináveis» na noite anterior. Encontrou exatamente isso, pois as paredes do palácio estavam decoradas por todo o lado com placas de alabastro cobertas de esculturas e inscrições que representavam as façanhas do rei, as suas conquistas heroicas, os despojos e os tributos ganhos, a sua descrição da construção do palácio (acima), etc.¹⁸¹

Em centenas de lajes que revestiam as paredes do palácio, Layard encontrou o que é agora conhecido como «Inscrição Padrão» de Assurnasirpal, que inclui a seguinte descrição do processo de construção:

Limpei o velho monte de ruínas e cavei até ao nível da água. Afundei o poço de fundação até uma profundidade de cento e vinte camadas de tijolo. Fundei um palácio de cedro, cipreste, zimbro *daprānu*, buxo, madeira de *meskannu*, terebinto e tamargueira como minha residência real e para o meu lazer senhorial para a eternidade. Fiz réplicas de animais das montanhas e dos mares em pedra calcária branca e alabastro *parūtu* e afixei-as nas suas portas. Decorei-as de uma forma esplêndida; rodeei-as com pregos de bronze com maçanetas. Pendurei portas de cedro, cipreste, zimbro *daprānu* e madeira de *meskannu* nas suas entradas. Agarrei em grandes quantidades e pus prata, ouro, estanho, bronze, ferro, saque das terras que dominei.¹⁸²

Como a assiriologista austríaca Karen Radner o descreveu, o novo palácio de Assurnasirpal era enorme. Media 200 por 130 metros (essencialmente dois campos de futebol americano de comprimento por pouco mais de um de futebol), com touros ou leões alados com cabeças humanas colossais, chamados *lamassu*, que guardavam o portão de entrada, e tinha pátios, aposentos e quartos privados para a família real no interior.¹⁸³

Quando ficou pronto, Assurnasirpal II deu uma tremenda festa com um banquete que durou dez dias inteiros. De acordo com uma inscrição que mandou fazer depois, encontrada durante as escavações de Mallowan no local, foram convidadas cerca de 70 mil pessoas para as cerimónias de abertura. Aqui se incluía a população da cidade, bem como gente de todo o império, além de cinco mil diplomatas estrangeiros, representantes das cidades fenícias de Tiro e Sídón. A ementa incluía mais de 17 mil ovelhas, cordeiros, bezerros e bois; dez mil pombos e dez mil rolas, além de milhares de outras aves; dez mil de cada tipo de peixe, ovos e pão; e enormes quantidades de legumes, fruta, nozes e

especiarias, incluindo romãs, uvas, pistácios (com e sem casca), nabos, azeitonas, cebolas e alho; tudo regado com dez mil jarros de cerveja, dez mil odres de vinho e apenas cem contentores de leite.¹⁸⁴

Para ter gerado tanto excesso e ser capaz de o dedicar a um único acontecimento festivo, Assurnasirpal II e os assírios devem ter tido muito sucesso com as suas campanhas militares expansivas e com o saque e tributo que estas produziram. Como Trevor Bryce, professor emérito da Universidade de Queensland, observou, esses bens, que eram retirados das cidades derrotadas, e que eram depois frequentemente dados como tributo numa base anual, são, sem dúvida, a verdadeira razão para todas as campanhas assírias. Trouxeram para os cofres neo-assírios tudo, desde madeira, metais preciosos, mobiliário de luxo e objetos exóticos, todos eles contribuindo para a economia assíria.¹⁸⁵ No entanto, o valor de propaganda desta festa e a mensagem política que enviava também não podiam ser subestimados.

*

Assurnasirpal também marchou contra a terra de Amurru, localizada a sul de Carquemis, bem como a Fenícia, ainda mais a sul. Cobrou tributo a Amurru, bem como às cidades fenícias de Tiro, Sídón, Biblos e Arruade (que descreveu como estando situada numa ilha). De forma impressionante, declarou nas suas inscrições: «Limpei as minhas armas no Grande Mar» (ou seja, o Mediterrâneo). Embora já tenhamos visto tais declarações da parte dos assírios, ele foi o primeiro rei a fazê-lo em muitas gerações. O tributo incluía objetos de metal («prata, ouro, estanho, bronze»), bem como «vestes de linho com guarnições de várias cores, uma macaca grande, uma macaca pequena, ébano, buxo [e] marfim de *nabirus*»¹⁸⁶.

Talvez possamos ver um pouco disso nas faixas de bronze encontradas por Mallowan em Balawat, pois pensa-se que as faixas intermédias nas portas do Templo de Mamu, criado por Assurnasirpal II, provavelmente pertenceram (ou pertenceram outrora) a cidades fenícias, bem como a dignitários fenícios que prestaram tributo. Uma cena da porta do lado esquerdo, que agora não tem a representação da cidade atual, mostra 14 homens com o tributo, seis dos quais viajando em barcos de tipo fenício — «com proa e popa em forma de uma cabeça de pato». A sua parceira, na porta do lado direito, mostra o rei assírio a receber o tributo destes homens, incluindo grandes caldeirões de duas asas, com

dois dos barcos visíveis. Desta vez, a cidade ainda está presente, representada como uma cidade fortificada no que parece ser uma ilha, pelo que é possivelmente Tiro (ou talvez Arruade). Em todos os casos, os homens são representados com bonés «com a parte superior dobrada» e botas «com os dedos dos pés virados para cima». Numa linha mais abaixo, vemos uma cena quase idêntica na banda esquerda, desta vez, novamente, com a cidade presente e de novo rodeada de água, talvez numa ilha, com mais dois barcos do mesmo tipo fenício representados, e seis homens que trazem o tributo, além dos remadores.¹⁸⁷

Salmaneser III

Quando se tornou rei, Salmaneser III aumentou consideravelmente a dimensão do exército assírio e continuou a campanha implacável iniciada pelo seu pai. Nas suas inscrições, Salmaneser descrevia-se como «grande rei, rei forte, rei do Universo, rei sem rival, dragão, a arma que destrói todos os quadrantes».¹⁸⁸ E não estava a exagerar.

Com o objetivo de alargar o império, Salmaneser fez campanha durante todos os 34 anos do seu reinado — em cada ano e em todos eles —, atacou praticamente todas as regiões e reis maiores/menores na sua órbita. No final de uma longa inscrição, fez um resumo numérico dos homens que o seu exército matou ou capturou, bem como dos animais tomados como espólio, ao longo dos primeiros 20 anos de campanha: «Cento e dez mil, seiscentos e dez prisioneiros; oitenta e dois mil e seiscentos mortos; nove mil, novecentos e vinte cavalos (e) mulas; trinta e cinco mil, quinhentos e sessenta e cinco bois; dezanove mil, seiscentos e noventa burros; (e) cento e oitenta e quatro mil, setecentos e cinquenta e cinco ovelhas.»¹⁸⁹

No entanto, foi também em auxílio de um rei da Babilónia recentemente instalado chamado Marduk-zakir-sumi (governou cerca de 855–819 a. C.), cujo irmão mais novo se tinha rebelado contra ele. Salmaneser derrotou o irmão e estabeleceu boas relações com os babilónios. Esta ajuda foi mais tarde retribuída, quando o mesmo rei babilónio ajudou o filho de Salmaneser, Samsiade V, a reprimir uma rebelião na Assíria alguns anos mais tarde.¹⁹⁰

Durante as suas numerosas campanhas, incluindo várias contra Urartu, no extremo norte, Salmaneser também combateu nas montanhas Amanus, no que é atualmente o sudeste da Turquia, e «cortou madeiras de cedro» (também

conhecidas como «cedros do Líbano») e vigas de zimbro. Também foi mais para oeste e para sul, para a zona que é atualmente o Líbano, que terão sido as ocasiões em que recolheu parte do tributo representado nas portas de Balawat. Uma dessas ocasiões está representada na Faixa III da porta que ergueu em Balawat. Nesta inscrição do registo superior diz: «O tributo dos navios dos homens de Tiro e Sídón recebi.» É acompanhada por uma cena em que se veem barcos da cidade insular de Tiro e de mercadorias a serem descarregadas para o continente.¹⁹¹

Outra faixa fragmentada, que é uma das que foram originalmente enviadas a Rassam como presente e está agora na Galeria de Arte Walters, em Baltimore, mostra um segundo exemplo de tributo que Salmaneser recebeu das cidades fenícias. A inscrição que acompanha o presente diz: «Recebi tributo das cidades do povo de Tiro e Sídón: prata, ouro, estanho, bronze, lã, lápis-lazúli (e) cornalina.» Estas inscrições e cenas corroboram o relato da «Inscrição Monolítica de Salmaneser», na qual se lê: «Recebi o tributo dos reis da costa marítima. Na costa do mar largo marchei com justiça e em triunfo.»¹⁹²

Salmaneser também lutou inúmeras vezes contra os arameus, que nesta altura já se tinham estabelecido em várias pequenas cidades-estado, localizadas principalmente no que são hoje partes do Líbano, da Síria e do Iraque. Muitos destes pequenos reinos tinham nomes que começavam por Bit- (que significa «Casa de...» como *Beit* em hebraico, refletindo as origens tribais em cada caso) — por exemplo, Bit-Adini, Bit-Zamani, Bit-Aguši, e assim por diante. Por ironia, foram Salmaneser e os assírios quem ajudou a língua aramaica a florescer e a espalhar-se do século IX em diante — pois, ao conquistar os arameus, começou a empregar escribas que falavam e escreviam aramaico, como parte do sistema administrativo destinado a ajudar a governar as áreas recém-conquistadas. Outros arameus começaram a desempenhar funções adicionais na burocracia assíria.¹⁹³



FIG. 6. Salmaneser III em Tiro (vejam-se os barcos no registo superior), da Faixa III dos portões de Balawat. Museu Britânico, n.º 124661. Fotografia cortesia do Museu Britânico.

O império de Salmaneser era tão vasto que ele também instituiu um mecanismo para garantir que as comunicações pudessem ser feitas atempadamente. Isto pode ser mais bem descrito como um sistema de «Pony Express», tal como era usado nos Estados Unidos no século XIX, com a diferença de os assírios usarem mulas em vez de cavalos. Esta era uma alternativa a um único mensageiro que transportava uma carta ou decreto durante toda a viagem, como era feito anteriormente. Agora, os assírios tinham criado um sistema de retransmissão ao longo do que era conhecido como a «Estrada do Rei», em que um cavaleiro percorria uma determinada distância e depois entregava a carta ou comunicação ao cavaleiro seguinte, que seguia para o próximo ponto da rota e a entregava ao cavaleiro seguinte, e assim por diante até chegar ao destino. Este processo era obviamente muito mais rápido, mas não tão seguro como o do envio de um único mensageiro privado. Este método de comunicação rápida foi utilizado pelos assírios durante os séculos seguintes.¹⁹⁴

A Batalha de Qarqar

A batalha mais famosa de Salmaneser III, ou pelo menos a mais frequentemente mencionada pelos historiadores — é a Batalha de Qarqar, que teve lugar no

sexto ano do seu reinado (853 a. C.). O episódio está registado com maior detalhe na sua «Inscrição Monolítica», na qual se afirma que lutou contra uma coligação de 12 reis.

Grayson, o assiriologista da Universidade de Toronto, apelidou-a de «Coligação de Damasco», pois entre os seus membros estavam Hadadezer (Adad-idri), o rei de Arão-Damasco, que trouxe mil e duzentos carros, mil e duzentos cavaleiros e vinte mil soldados para o campo de batalha. Também dela constava Irhulenu, rei de Hamate, com setecentos carros, setecentos cavaleiros e dez mil soldados; e Acabe, o rei de Israel, que levou dois mil carros e também dez mil soldados (note-se que esta é a primeira confirmação fora do relato bíblico da existência de Acabe, que já conhecemos no capítulo anterior). Seguiram também mil soldados do Egito, provavelmente enviados por Osocor II, como já foi referido, e ainda das cidades fenícias de Biblos, Arruade e Tell Arqa (Arqa). No total, os membros da coligação conseguiram pôr em campo quase quatro mil carros, dois mil soldados de cavalaria, mais de quarenta mil de infantaria e mil camelos.¹⁹⁵

No entanto, Salmaneser derrotou a coligação de tropas que se tinham atrevido a enfrentá-lo. «Derrubei com a espada catorze mil soldados, os seus homens de combate, (e) fiz chover sobre eles a destruição como o deus Adad faria», diz ele numa inscrição. «Enchi a planície com os seus corpos espalhados e (abati) as suas extensas tropas com a espada. A planície era demasiado pequena para enterrar o (incrível número de) corpos. Represei o rio Orontes com corpos, como uma ponte.»¹⁹⁶

O episódio é também referido em pelo menos cinco outras inscrições. Nestas, o número de tropas inimigas que foram mortas é alegadamente muito maior; num conjunto de tabuletas de argila da capital Assur, que constituía uma versão dos seus anais, e em duas estátuas monumentais de touros que Layard encontrou em Ninrude/Calú, Salmaneser III tinha quase o dobro daquele número, afirmando ter «passado à espada vinte e cinco mil dos seus homens de combate (e) capturando-lhes as suas carruagens, cavalaria (e) equipamento militar». Acrescentou também um novo final, afirmando que, «para salvar as vidas, fugiram, embarcaram em barcos (e) foram para o mar».¹⁹⁷

A batalha está também representada na Faixa IX das portas de Balawat. Aqui se vê a tomada de várias cidades da região de Hamate, incluindo a própria cidade de Qarqar, que está a arder. Salmaneser está sentado numa tenda, com prisioneiros capturados e objetos saqueados da cidade a desfilar à sua frente.¹⁹⁸

Alguns anos mais tarde, Salmaneser disse que voltou a receber o tributo das cidades fenícias de Sídón e Tiro, durante o seu 18.º ano no trono. Existem várias versões desta inscrição; numa versão, diz especificamente que o tributo era de «Ba'ali-manzer de Tiro», que é mencionado imediatamente antes de «Jeú, da casa de Omri» na inscrição. Pode ser identificado como Baal-ma'zer [Baal-azor] II (855–830 a. C.) de Tiro, tal como foi chamado por Josefo, o historiador romano.¹⁹⁹

Salmaneser também recebeu tributo «da terra de Musri», ou seja, do Egito, que ainda é conhecido como «Misraim» em hebraico moderno. O tributo do Egito incluía «camelos de duas corcovas, um búfalo, um rinoceronte, um antílope, elefantes fêmeas (e) macacos». Inicialmente, pensava-se que o faraó na altura seria Taquelote II, mas como o reinado de Osocor II foi alargado até 831 a. C., é mais provável que tenha sido ele a prestar este tributo. Outra inscrição de Salmaneser diz que ele voltou a receber o tributo de Tiro, Sídón e Biblos três anos mais tarde, em 838 a. C.²⁰⁰

Mais ou menos na mesma época, de *ca.* 839 a. C. em diante, Salmaneser também voltou a sua atenção para o sudeste da Anatólia, para uma região e reino conhecido como Tabal, que foi estabelecido após o colapso hitita nessa zona. Prontamente derrotou o rei sírio-hitita, bem como aqueles governos nas proximidades de uma área da Cilícia conhecida naquela época como Adanawa (alternativamente chamada Que nas inscrições assírias e Hiyawa ou Adana em várias inscrições lúvias). Vale a pena notar que, como Trevor Bryce apontou, o nome «Hiyawa» vem de «Ahhiyawa» — o nome pelo qual os hititas se referiam aos micénicos, o que pode indicar que existiu uma migração da Grécia continental para esta região imediatamente após o Colapso da Idade do Bronze.²⁰¹

Hazael e Jeú

Nos anos que se seguiram à batalha travada em Qarqar por Salmaneser III em 853 a. C., ele atravessou o Eufrates várias outras vezes e combateu na Síria noutras tantas campanhas, inclusive contra várias adicionais permutações da chamada Coligação de Damasco, que, como já vimos, foi originalmente liderada por Hadadezer, o rei de Damasco. Isto ocorreu durante os seus 6.º, 10.º, 11.º, 14.º, 18.º, 21.º e 22.º anos. Nas últimas campanhas, os anais mencionam um novo rei arameu de Damasco, não Hadadezer, mas Hazael, que é descrito como

«filho de ninguém» — ou seja, era um usurpador.²⁰²

Até agora, não dediquei tanto tempo aos arameus nestas páginas como devia. No geral, nunca se uniram e parecem identificar-se principalmente com os seus pequenos reinos ou cidades-estado individuais. Contudo, este novo governante de Arão-Damasco, Hazael, parecia ter outras coisas em mente. Já aqui o referi, em conexão com a «Estela de Tel Dan», que ele provavelmente configurou depois da campanha na região no fim da década de 840 a. C. Agora também se considera como autor de ataques a vários outros locais no reino do norte de Israel quase ao mesmo tempo, possivelmente incluindo Megido e Hazor.²⁰³

De particular interesse é, além de invocar a Casa de David, a inscrição de Hazael em Tel Dan menciona dois reis, Jorão de Israel e Acazias de Judá, que governaram na época de Hazael e que aparentemente foram vítimas das suas campanhas, pois diz que os matou aos dois. Curiosamente, esta inscrição é paralela a uma discussão constante da Bíblia hebraica, em que os mesmos dois reis (Jorão e Acazias) são mortos não por Hazael, mas por um oficial do exército desleal chamado Jeú — o mesmo Jeú cujo nome foi mencionado na discussão sobre o apiário em Tel Rehov e que acabo de referir novamente acima.

De acordo com o relato bíblico, os assassinatos de Jeú ocorreram em resultado de uma batalha em Ramote-Gileade, seguida da sua usurpação do trono de Israel, assumindo-se como rei imediatamente depois disso. A mãe de Jorão, a infame Jezabel, viúva do rei Acabe e filha de Etbaal, rei fenício de Tiro, também foi assassinada durante esta insurreição (ver 2 Reis 9:14–16, 22–28, 32–37, 10:1–17; 2 Crônicas 22:5–9).

Não são claros os motivos por que a história de Jeú na Bíblia hebraica e a inscrição em Tel Dan erguida por Hazael tem tantos elementos semelhantes e, no entanto, identifica diferentes assassinos dos dois reis. Foi sugerido que talvez Jeú estivesse a agir em nome de Hazael, mas isso ainda é uma questão de disputa académica, especialmente porque o relato bíblico não refere Hazael nem a inscrição de Hazael aponta Jeú.²⁰⁴

Ainda assim, Salmaneser III torna-se, mais uma vez, relevante aqui, pois parece ter levado a melhor sobre Hazael quase imediatamente depois, em 841 a. C. Durante a campanha no seu 18.º ano, Salmaneser diz: «Para salvar a sua vida, ele [Hazael] fugiu (mas) eu persegui-o. Aprisioneio-o em Damasco, a sua cidade real, (e) cortei os seus jardins.» Também diz que matou 16 combatentes de Hazael e capturou 1121 das suas carruagens e 470 elementos da sua cavalaria naquele ano, mas teve de voltar a lutar com ele ao fim de três anos, em 838 a.

Foi agora sugerido que Hazael recuperou da(s) sua(s) derrota(s) às mãos de Salmaneser III e que pode ter causado estragos a sul do reino de Judá no decurso das décadas seguintes, inclusive no lugar de Tel Safi (a Gate bíblica), uma das cinco cidades filisteias originais, edificada num enorme corte de rocha numa vala de cerco com dois quilómetros e meio de comprimento que foi agora descoberta por arqueólogos. A conquista de Gate por Hazael é atestada na Bíblia em 2 Reis 12:17 («Naquele tempo, o rei Hazael da Síria subiu, lutou contra Gate e tomou-a»), pouco antes de sabermos que ele também marchou sobre Jerusalém, retirando-se apenas quando foi subornado pelo rei Joás de Judá (2 Reis 12:18).²⁰⁶

Foi também datada desta mesma época uma enorme destruição, o que pôs fim ao Estrato IV em Tel Rehov, provável cidade natal de Jeú. Foi sugerido que tal também ocorreu às mãos de Hazael e das suas forças invasoras. O dano causado foi tão grande que o monte inferior do local nunca mais foi ocupado; apenas o monte superior continuou a ser habitado por mais um século, até ser também destruído, desta vez por Tiglate-Pileser III e pelos neoassírios em 732 a. C.²⁰⁷

Também foi sugerido que a(s) campanha(s) de Hazael no Sul podiam visar o controlo do comércio de cobre, em particular as fontes em Edom. É verdade que as atividades de extração de cobre no vale de Aravá e em Wadi Feynan pararam repentinamente nessa altura, embora um ressurgimento da atividade nas minas em Chipre também possa ter tido um efeito sob as atividades de Hazael; também agora foi sugerido que a falta de combustível disponível para as fornalhas pode ter sido a verdadeira razão pela qual as minas foram encerradas nesse momento.²⁰⁸

A dada altura, Hazael também terá feito campanha mais para norte ou para leste, facto que depois teria inscrito e ao qual terá dedicado vários itens no Templo de Adade, em Damasco. Vários destes itens foram agora recuperados em contextos arqueológicos, mas mais afastados de Damasco. O primeiro a ser encontrado, há cerca de um século, foi um antolhos de um cavalo em bronze que veio à luz dentro do santuário de Apolo, em Erétria, na Grécia continental, de entre todos os lugares. Originalmente posicionado ao lado dos olhos dos cavalos e usado para focarem o seu olhar diretamente para a frente durante a

batalha, a peça foi provavelmente dedicada no santuário por um adorador em dado momento no fim do século VIII a. C. Um outro adorador deixou uma peça triangular de bronze conhecida como *frontlet*, que protege a testa do cavalo, no Heraião (o santuário de Hera), em Samos, num contexto que data de inícios do século VI a. C. As duas peças são provavelmente do mesmo conjunto de aparelhos para cavalos, pois ambas têm inscrições idênticas em aramaico: «Aquilo que Adade deu ao nosso senhor Hazael de ‘Umqi [ou ‘Amqi] no ano em que o nosso senhor cruzou o rio.» Também não é claro o modo como estes artigos chegaram ao Egeu, tanto tempo depois do seu fabrico inicial, mas foi sugerido que podem ter sido saqueados do Templo de Adade quando Tiglate-Pileser III conquistou Damasco em 732 a. C.²⁰⁹

Nota Kourou, da Universidade de Atenas, também relata a existência de «um inédito incensário de bronze do santuário de Apolo em Delfos» que pode ter uma inscrição semelhante. Lá também existe um segundo antolhos de bronze, encontrado por arqueólogos na mesma região de Erétria e no contexto do século VIII a. C., embora não tenha inscrições e possa ser de um conjunto separado, uma vez que ambos são supostamente para o olho direito.²¹⁰

No entanto, há também diferenças de opinião sobre a interpretação da inscrição em algumas das peças: será Hazael ou os aparelhos de cavalo de ‘Umqi/‘Amqi? Se são os objetos que são de ‘Umqi, então, pode levantar-se a hipótese de uma campanha de Hazael para o norte da Síria, pois a região de Tell Tayinat era por vezes chamada de Unqi//Umqi pelos neo-assírios nesta altura. No entanto, ‘Amqi também é um nome usado para a região de Beca, no Líbano, na Idade do Bronze, e por isso é possível que esta seja simplesmente uma descrição das origens de Hazael — «Hazael de ‘Amqi». Isso significaria que ele simplesmente conduziu uma campanha genérica para atravessar o rio Eufrates em vez de ir mais para norte.²¹¹ De momento, é impossível decidir entre estas duas possibilidades.

Arrumar as Coisas

Menos de um ano depois, Jeú assumiu o trono de Israel, que governou de 841 a 814 a. C., e também teve de enfrentar Salmaneser III, assim como Hazael, e prontamente se rendeu. Num monumento de pedra com 1,80 metros de altura, conhecido como «Obelisco Negro», encontrado em Ninrude/Calú por Layard e agora presente no Museu Britânico, Jeú é mostrado ajoelhado em reverência

diante de Salmaneser. Na legenda anexa, é assim descrito: «de Bit-Humri» (ou seja, a «Casa de Omri»). E é listado como um dos que prestam tributo, que incluía «prata, ouro, uma tigela de ouro, uma terrina de ouro, vasos de ouro, baldes de ouro, estanho, os bastões da mão do rei (e) lanças». Surpreendentemente, como Tammi Schneider, da Claremont Graduate School, na Califórnia, e outros apontaram, o episódio de Jeú que se curva diante de Salmaneser e a apresentação de tributo não são mencionados em nenhum ponto da Bíblia hebraica.²¹²



FIG. 7. «Obelisco Negro» de Salmaneser III, com a submissão de Jeú. Museu Britânico, n.º 118885.
Fotografia cortesia do Museu Britânico.

Algumas décadas mais tarde, Adadenirari III subiu ao trono da Assíria, governando entre 810 e 783 a. C. Afirmou ter registado importantes vitórias durante o seu reinado, incluindo um grande número ocorrido onde hoje são os países da Síria e Israel. Num texto, conhecido como «Estela de Tell al-Rimah»,

Adadenirari descreve a subjugação de «todas as terras Amurru (e) Hatti» — ou seja, a maior parte da Síria. Diz especificamente que recebeu uma enorme homenagem do rei de Damasco, que incluía dois mil talentos de prata, mil talentos de cobre, dois mil talentos de ferro e «três mil peças de linho com padrões multicoloridos». Na frase seguinte inscrita na estela, vangloria-se de ter também «recebido homenagem de Joás, o *Samaritano*» (ou seja, Joás/Jeoás, rei de Israel, que governou de *ca.* 804 a 789 a. C.), que também não é mencionado em qualquer trecho da Bíblia, bem como do «povo de Tiro (e) Sídön», parecendo, assim, que a sua campanha se estendeu muito para sul.²¹³

Num segundo texto, conhecido como «Inscrição de Calú», encontrado em Ninrude, Adadenirari afirma ter recebido quantias ainda maiores de tributos do rei de Damasco: «Dois mil e trezentos talentos de prata, vinte talentos de ouro, três mil talentos de bronze, cinco mil talentos de marfim, roupas de linho com detalhes multicoloridos, uma cama de marfim (e) um sofá com incrustações de marfim.» Também diz especificamente que todos os reis da Babilónia se tornaram seus vassalos e que conquistou (ou subjugou) toda a costa da Síria e todos a sul do Levante, incluindo «Tiro, Sídön, Humri [Samaria/Israel], Edom (e) *Palastu*, até ao grande mar no oeste (ou seja, o Mediterrâneo)». Tanto quanto sabemos, esta parece ser a primeira referência numa inscrição assíria a *Palastu*, isto é, à Filisteia e aos filisteus propriamente ditos. Podemos ver também que ele refere especificamente Edom, bem como o reino do norte de Israel, além de Tiro e Sídön.²¹⁴

*

Ainda assim, este foi apenas o arranque da expansão imperial assíria, que conhecemos com grande detalhe. Não mais do que algumas décadas depois do reinado de Adadenirari, reis assírios, incluindo Tiglate-Pileser III, Salmaneser V e Sargão II, atacaram e acabaram por destruir o reino do norte de Israel por volta de 720 a. C. Não muito tempo depois, Senaqueribe destruiu o reino do sul de Judá em 701 a. C., período durante o qual a cidade de Laquis foi destruída e Jerusalém foi sitiada. Estes acontecimentos são descritos tanto na Bíblia hebraica como nas inscrições assírias, mas estão fora dos parâmetros das minhas discussões aqui visadas e assim deixo esta parte da história para outra altura.

Mais tarde, os reis neo-assírios alargaram o domínio do império até ao Egito,

à Arábia, ao Irão e à Turquia, nos termos do contexto geográfico moderno e político, mas o reino acabou por cair nas mãos do ressurgente Império Neobabilónio em finais do século VII a. C., assim como os neobabilónios acabariam por cair nas mãos dos persas mais tarde no século VI a. C. Estes acontecimentos também estão fora da história que aqui estou a contar, mas já podemos ver que aos numerosos reinos e impérios da Idade do Bronze Final se sucederam no primeiro milénio impérios ainda maiores — Assíria, seguida pela Babilónia, Pérsia, Grécia e depois Roma — cujos territórios se estenderam ao longo do antigo Oriente Próximo, um após o outro.

Breve Resumo

Assim sendo, em resumo, o que aprendemos com esta incursão final em ritmo acelerado sobre a Mesopotâmia nos séculos seguintes ao Colapso Final da Idade do Bronze?

Para ser conciso, é claro que tanto os assírios como os babilónios inicialmente conseguiram resistir ao Colapso e ao período de transformação da Idade do Bronze para a Idade do Ferro, mas ambas as civilizações sofreram severos impactos a contas com a seca, a fome e a peste antes de se voltarem a erguer. Os assírios levaram dois séculos a regressar, com força total, em finais do século X, inícios do IX a. C., com o tempo a melhorar, a ficar mais húmido, e, assim, fazendo regredir as condições de seca, embora os babilónios tivessem de esperar pela sua vez até mais perto do fim do século VII a. C.²¹⁵

Elão sobreviveu no início praticamente ileso, mas acabaria por ser esmagado e essencialmente eliminado enquanto potência pelos babilónios no fim do século XII; fontes atuais indicam que não retornaram até finais do século VIII a. C., tal como foi referido. Devemos também reconhecer os arameus, que aproveitaram o caos que se seguiu ao Colapso para se estabelecerem como uma presença em todo o antigo Oriente Próximo ao longo destes séculos.

E, claro, durante a construção do seu império, os assírios tiveram impacto, influenciaram e/ou invadiram praticamente todas as outras sociedades discutidas neste livro, incluindo os fenícios e os cipriotas. É deles que vamos falar a seguir.

Grayson 1987: 309–11 (A.0.86.1); Neumann e Parpola 1987: 178, app. A, n.º 1 (citando Borger 1964: 103, n.º 6); Kuhrt 1995: 358. Note-se que Grayson prefere traduzir como «o extenso exército de Ahlamu» ao invés de «as hordas espalhadas» como Borger; independentemente disso, a ideia geral é a mesma; também segui Eckart Frahm (*pers. comm.*) ao traduzir a primeira palavra como «matador» em vez

de «assassino», conforme Grayson. Note-se também que «š» deve ser pronunciado como o som «sh» em páginas mais abaixo, mas que também tenho sido deliberadamente incoerente, e quando «Š» começa a palavra, traduzi como «Sh» (como em Salmaneser III), para facilitar a leitura e pronúncia em inglês. Oates 1979: 106; Postgate 1992: 249; Kirleis e Herles 2007: 7–10; Younger 2016: 100, 2017: 198; J. F. Osborne 2021: 36–40.

Ver novamente as referências acima indicadas. Sobre a deslocação do Eufrates, ver, por exemplo, Reculeau 2011: 2, com referências anteriores; Bryce 2016a: 66.

Neumann e Parpola 1987: 161; Postgate 1992: 247, 249; Kirleis e Herles 2007: 7–9; Bryce 2012: 163–64, 2014: 105–6; agora Younger 2016: *passim*; Bunnens 2019a: 351, 362.

Grayson 1987: 309–22 (A.0.86.1–14); Jeffers 2013: 10–11; Radner 2018: 2.

Veja-se Grayson [1975] 2000: 164 (n.º 21 ii, linhas 6–7 e 8–13, respetivamente, para o primeiro e segundo compromisso); ver também Brinkman 1968: 110; Frame 1995: 11; Glassner 2004: 186–88, com citações anteriores; Jeffers 2013: 213; Younger 2017: 199–200, 212 e n.º 90.

Brinkman 1968: 3–4, 17; Kuhrt 1995: 477; Grayson [1975] 2000; Schneider 2014: 99, citando Glassner 2004; Frahm 2017: 163.

Schneider 2014: 99; ver também Kuhrt 1995: 473–77; Grayson 2005; Frahm 2017: 163; Frahm 2019.

Schneider 2014: 98–99; ver também Kuhrt 1995: 473–77.

Jeffers 2013: 75–76, com referências anteriores e documentação.

Ver, *e.g.*, a discussão em Cline 2017: 52–65 (cap. 4), com referências completas; agora também Frahm 2023: 4–14.

Ver agora Frahm 2023: 24–25 para comentários semelhantes; também Reculeau 2011 para um exemplo de rendimentos de cereais registados em textos assírios, embora do século XIII a. C.

Traduções por Foster 2005: 382. Ver Brinkman 1968: 88–89, 104–106; Frame 1995: 11; Potts 1999: 252–53; Foster 2005: 376; Jeffers 2013: 24–25; Liverani 2014: 458; Bryce 2016a: 65–66; ver também Cline 2014, 2021. As datas para Nabucodonosor I podem variar um ano ou dois, dependendo do académico (*e.g.*, 1126–1105 a. C.).

Brinkman 1968: 106–8, 112–13; Oates 1979: 105; Frame 1995: 11, 33–35; Kuhrt 1995: 375–76; Potts 1999: 253; Foster 2005: 383. De acordo com Frame, a pedra *kudurru* foi encontrada «na sala 50 do templo do deus Shamas em Sippar por Abd-al-Ahad Thoma, em 1882, e encontra-se atualmente no Museu Britânico (BM 90858; 82–5–22,1800)».

Tradução por Foster 2005: 383. Ver também anteriormente Brinkman 1968: 106–8; Oates 1979: 105; Frame 1995: 33–35; Kuhrt 1995: 375–76.

Potts 1999: 233, 236–38, 240–41, 247, 252–63; Foster 2005: 376–80, 385–87; ver também, agora, Álvarez-Mon 2013: 457, 471; Waters 2013: 478–79; também, anteriormente, Kuhrt 1995: 372–73.

Brinkman 1984: 172–75.

Ver Grayson 1987: 305–8 para as poucas inscrições que podem ser tentativamente datadas do reinado de Assurdã I, nenhuma das quais pode ser considerada um registo de atos ou acontecimentos ocorridos durante o seu reinado. Ver também Jeffers 2013: 3, 10–11; também Postgate 1992: 248 para as datas do seu reinado.

Frahm (com. pessoal, 24 de fevereiro de 2023). No entanto, observa também que, «tendo em conta os textos administrativos, o sistema provincial da Assíria ainda estava em grande parte intacto sob Tiglate-Pileser I [o que é] um argumento contra o facto de a Assíria ter sofrido um declínio dramático nas décadas anteriores». Relativamente à escrita em materiais como o chumbo ou a madeira, Bryce (2012: 57, 60) e Fuchs (2017: 254) sugerem esta possibilidade para os neo-hititas também, uma vez que existem alguns exemplos da língua lúvia encontrados escritos em tiras de chumbo em contextos ligeiramente posteriores em sítios como Zincirli e Kululu (ver agora também J. F. Osborne 2021: 20–21, 45, 51); é também uma possibilidade para as primeiras inscrições gregas mais antigas.

Finné *et al.* 2019: 859 (ver também 855 e fig. 2); Kaniewski *et al.* 2019a, esp. 6–9 e figs. 4–6, 2019b,

2020.

Brinkman 1968: 92; Neumann e Parpola 1987: 178, apêndice A, n.º 2; Grayson 1991: 43 (A.0.87.4), e ver também 37 (A.0.87.3), cujo número não é claro; Kuhrt 1995: 358–61; Grayson 2005; Fales 2011: 11; Bryce 2012: 197–201; Jeffers 2013: 10–11; Liverani 2014: 463–66; Younger 2016: 36, 85, 168–69, 171, 2017: 200–201, 206–7; Radner 2018: 9; Düring 2020: 136; J. F. Osborne 2021: 39–40. Note-se a nova reatribuição do Obelisco Partido ao seu reinado em vez de ao seu filho Assurbelcala (Mahieu 2018: 79–86; Shibata 2022; Frahm 2023: 444n3), e ver também Grayson 1991: 87, 99–105 (A.0.89.7); Neumann e Parpola 1987: 176, tabela 2, e 179, apêndice A, n.º 8; Frame 1995: 50; Kirleis e Herles 2007: 9–10; Fales 2011: 18, 31; Liverani 2014: 443; Radner 2015: 69; Younger 2016: 37, 85, 181; Frahm 2023: 86–87. Grayson 1991: 41 (A.0.87.4) e 52 (A.0.87.10).

Grayson 1991: 14 (A.0.87.1).

Grayson 1991: 14–25 (A.0.87.1), com citação tirada de p. 14.

Grayson 1991: 30–31 (A.0.87.1).

Grayson 1991: 23 (A.0.87.1); ver também uma versão abreviada numa segunda inscrição: Grayson 1991: 34 (A.0.87.2). Ver agora também Younger 2016: 167, 2017: 202–3.

Grayson 1991: 13 (A.0.87.1). Sobre os arameus como arqui-inimigos, ver, por exemplo, Grayson 1991: 5; Jeffers 2013: 10–12; Younger 2017: 208; Düring 2020: 136.

Grayson 1991: 37 (A.0.87.3), 42 (A.0.87.4), 53 (A.0.87.10), 98 (A.0.89.6), 103–5 (A.0.89.7), e 108 (A.0.89.10); Frame 1995: 50; Kuhrt 1995: 361; Sherratt 2003: 52; Bryce 2014: 114, 116; Rollston 2016: 295; Fales 2017: 218; Younger 2017: 205; Elayi 2018: 107–8; Monroe 2018: 237, 255–56; Sader 2019b: 34–35; Hodos 2020: 143; Regev 2021: 68; também, em particular, Frahm 2009: 11, 28–32, 2011: 61–62, 2023: 86–87, 444 n.º 3, bem como, e mais uma vez, Mahieu 2018 e Shibata 2022, para discussões de sobre a reatribuição do «Obelisco Partido» a este período e assuntos com ele relacionados. Relativamente à identificação do faraó como Ramsés XI, que está dependente das datas para esse governante, ver, por exemplo, Kitchen 1973: 252; Frahm 2009: 31; Koch 2021: 72; Shibata 2022: 121. Sobre a identificação do «homem-rio» como foca-monge, ver, agora, Nahm 2022: 236–37; estou em dívida para com Christopher W. Jones, por me ter chamado a atenção para este facto.

Grayson 1991: 37 (A.0.87.3), 44 (A.0.87.4), e 57 (A.0.87.11); ver, *e.g.*, K. Yamada 2005, para uma breve consideração do que poderá ter sido um *nahiru*; ver também Bryce 2012: 200–201, 2014: 116; Broodbank 2013: 459 (que sugere que se trata de um «cachalote»); Younger 2016: 172, 2017: 205; Elayi 2018: 104–6 (que sugere que se tratava de um hipopótamo); Monroe 2018: 217; também, agora, DeGrado 2019: 109 e n.º 14, que concorda e discute que se trata de um hipopótamo. Note-se que Fales (2017: 218–20, com referências) cobre todas as possibilidades: «A identificação do *nāḥiru* ainda é atualmente objeto de controvérsia, com uma vasta gama de soluções sugeridas (hipopótamo, golfinho, tubarão, foca, morsa, foca-monge, cachalote, orca [baleia assassina], baleia-corcunda, baleia-de-dentes, cetáceo).»

Louisa Loveluck e Mustafa Salim, «From Cradle to Grave: Where Civilization Emerged between the Tigris and Euphrates Climate Change Is Poisoning the Land and Emptying the Villages», *Washington Post*, 21 de outubro de 2021.

Younger 2016: 158, 165, 2017: 196; Frahm 2017: 165–67.

Fales 2011: 14, citando Liverani 1988a: 657; ver também, agora, Liverani 2014: 467.

Brinkman 1968: 124–30; Oates 1979: 106; Grayson [1975] 2000: 164–65 (n.º 21 ii, linhas 14–24); Grayson 1991: 43–44 (A.0.87.4) e 53 (A.0.87.10); Frame 1995: 38; Jeffers 2013: 10–11, 214–24, 233–44, 252–54; Younger 2016: 173, 2017: 210, 212–17, 221–22.

Ver Grayson 1991: 43–44, 2005; Millard 1994; Kuhrt 1995: 477; Younger 2016: 173–74, 2017: 210, 221–22; Frahm 2017: 162–63. Younger dá estas datas absolutas, citando Jeffers 2013: 120–28, 185–210, que entra numa discussão pormenorizada sobre a razão pela qual estas datas epónimas devem ser consideradas corretas.

Grayson 1991: 44–45 (A.0.87.4), 54–55 (A.0.87.10), e ver também inscrições fragmentárias (*e.g.*, A.0.87.5, 8, e 11); Jeffers 2013: 45; Elayi 2018: 106–7.

Brinkman 1968: 387–88; Grayson [1975] 2000: 189, 1991: 5; Neumann e Parpola 1987: 176, tabela 2, e 178, apêndice A, n.º 4; Glassner 2004: 188–91; Radner 2015: 68; Younger 2016: 174, 2017: 218–20; Frahm 2023: 87.

Brinkman 1968: 387–88; Grayson [1975] 2000: 189; Neumann e Parpola 1987: 176, tabela 2, e 178–79, apêndice A, n.º 5; Kuhrt 1995: 361; Jeffers 2013: 254; Younger 2016: 174–76, 2017: 200, 220; Frahm 2023: 87. Tanto esta quebra de colheitas como a fome anterior foram possivelmente causadas pelas alterações climáticas, de acordo com alguns académicos (ver especialmente Kirleis e Herles 2007: 12–13, citados por Younger), o que parece muito provável à luz dos dados que entretanto surgiram noutros locais (ver, por exemplo, resumo em Cline 2014, 2021).

Grayson 1991: 86, 92 (A.0.89.2), 96 (A.0.89.4), 108 (A.0.89.10); Frame 1995: 50; Kuhrt 1995: 361; Elayi 2018: 107–8; Monroe 2018: 256. Ver novamente Mahieu 2018 e Shibata 2022 para discussões sobre a reatribuição da «Estela Partida» e outras inscrições ao tempo de Tiglate-Pileser I.

Brinkman 1968: 189, 387–89; Neumann e Parpola 1987: 176, tabela 2, e 179–80, apêndice A, n.ºs 9–12, com referências anteriores; Kuhrt 1995: 362.

Brinkman 1968: 189, 388; Neumann e Parpola 1987: 176, tabela 2, e 180, apêndice A, n.º 12.

Oates 1979: 108; Neumann e Parpola 1987: 176, tabela 2, e 180–81, apêndice A, n.ºs 13–15.

Neumann e Parpola 1987: 176, tabela 2, e 181, apêndice A, n.º 15; Grayson 1991: 131, 134–35. (A.0.98.1); Postgate 1992: 248–50 e quadro 1; Kuhrt 1995: 479–81; Kirleis e Herles 2007: 13; Liverani 2014: 475; Radner 2015: 69; Younger 2016: 221–24; Frahm 2017: 167–68, 2023: 88–92; Radner 2018: 11; Düring 2020: 144.

Grayson 1991: 142, 145; Kuhrt 1995: 482; Liverani 2014: 475–76; Frahm 2017: 168, 2023: 93; Elayi 2018: 108–9. Note-se que o seu nome é por vezes traduzido como Adadenirari II; por exemplo, por Younger 2016: 221, 234–35.

Brinkman 1968: 169–70, 180–82; Grayson [1975] 2000: 166 (n.º 21 iii, linhas 1–11), 1991: 148–55 (A.0.99.2), 156 (A.0.99.4); Bryce 2016a: 67; Radner 2018: 11.

Sinha *et al.* 2019: 1–4 e fig. 3. Estou grato a Eckart Frahm por me ter chamado a atenção para este estudo.

Rassam 1897: 200–201; ver Curtis e Tallis 2008: 2, 7, 9–10. Sobre Rassam, Layard, Nínive, ver Cline 2017: 58–63. Sobre a identificação de Balawat como Imgur-Enlil, ver Tucker 1994.

Rassam 1897: 207–8, 210–12; ver também citação S. Lloyd 1980: 151; Curtis e Tallis 2008: 10–12. Ver King 1915: 10–13 para mais citações e outras afirmações de interesse. Ver também Curtis e Tallis 2008: 84–87 sobre as cópias de correspondência de Rassam com o Museu Britânico em 1878. Ver também discussão em Harmansah 2007: 193–95, com referências.

King 1915: 5, 9–12. Ver também Curtis e Tallis 2008: 2–3, 9–10, 12–13, 17–18.

Curtis e Tallis 2008: 10–12.

Curtis e Tallis 2008: 2–3, 8, 15, 23, 85. Ver Grayson 1991: 321–23, 345–51 (A.0.101.51 e A.0.101.80–97).

Rassam 1897: 214–15; S. Lloyd 1980: 152; Curtis e Tallis 2008: 85–86.

Ver, agora, atualização Grayson 1991, Curtis e Tallis 2008: 26, 32, 35, 37, 45, figs. 11–12, 17–18, 21–22, 37–38.

Curtis e Tallis 2008: 2–3, 17–18, 47. Sobre Mamu, originalmente uma divindade suméria, ver a passagem em Tucker 1994: 107.

Curtis e Tallis 2008: 19, 48–49.

Curtis e Tallis 2008: 19.

Curtis e Tallis 2008: 3, 19–20.

Liverani 1988b: 85–86, 91; Postgate 1992: 255–56; Schneider 2014: 99–100; Düring 2020: 144–45, 152; Frahm 2023: 90–93.

Sobre as várias campanhas, ver Liverani 2014: 476; Frahm 2023: 93–94; também Oates 1979: 108; Neumann e Parpola 1987: 176, tabela 2; Grayson 1991: 163–64, 169–70; Postgate 1992: 248 e tabela 1; Kuhrt 1995: 482–83; Bryce 2012: 210–17; Schneider 2014: 100; Frahm 2017: 168–69. Sobre Ziyaret Tepe, ver MacGinnis e Matney 2009; Matney *et al.* 2017.

Grayson 1991: 189–90; Kuhrt 1995: 483–84; Liverani 2014: 476; Schneider 2014: 100; Frahm 2017: 169, 2023: 83–84, 95–96.

Para tradução, ver Grayson 1991: 256–62 (A.0.101.19); Younger 2016: 183.

Ver Taylor 1865: 21–56; a citação encontra-se a pp. 22–23.

Grayson 1991: 210 (A.0.101.1) e também repetido quase literalmente novamente no «Monólito de Kurk» (A.0.101.19), ver Grayson 1991: 260. Existem vários outros casos que poderiam também ser citados; ver, por exemplo, Grayson 1991: 237–54 (A.0.101.17) para outra inscrição com detalhes de descrições do que foi feito após uma batalha; também Frahm 2017: 169.

Neumann e Parpola 1987: 181, apêndice A, n.º 16; Grayson 1991: 213–16 (A.0.101.1), 243 (A.0.101.17); Kuhrt 1995: 484; Grayson 2005; Kirleis e Herles 2007: 13n27; Schneider 2014: 100; Radner 2015: 69; Bryce 2016a: 68.

Grayson 1991: 189; Bryce 2012: 215; Liverani 2014: 480; Radner 2014b: 107, 2015: 27–28, 32, 2016: 44, 2017: 213, 2018: 11–12; Cline 2017: 58; Frahm 2017: 169–70, 2023: 95–97.

Grayson 1991: 192; Fagan 2007: 115; Radner 2015: 29–30, 35; Cline 2017: 57–58, com mais referências; Larson 2017: 586–88; Frahm 2023: 97–99; ver também Layard 1849.

Grayson 1991: 268–76 (A.0.101.23), esp. 276; ver também, *e.g.*, 227–28 (A.0.101.2); Kuhrt 1995: 485–86.

Radner 2015: 35–37, 2016: 45; ver também Kuhrt 1995: 486–87.

Grayson 1991: 3, 288–93 (A.0.101.30), esp. 292–93; Kuhrt 1995: 486–87; Aubet 2008: 183–84; Bryce 2012: 217; Podany 2014: 100–101; Radner 2015: 35–37, 2016: 44; Fales 2017: 224; Frahm 2017: 170, 2023: 95–96; Monroe 2018: 258–59; Bunnens 2019b: 59, 63–64.

Bryce 2012: 217–18.

Grayson 1991: 218–19 (A.0.101.1), 226 (A.0.101.2); ver também Kuhrt 1995: 485; Aubet 2001: 55, 2008: 183–84; Schneider 2014: 100; Rollston 2016: 298; Fales 2017: 221–24; Elayi 2018: 129–31; Monroe 2018: 256, 258–59; Bunnens 2019b: 62, 66; DeGrado 2019: 109 e n.º 14; Sader 2019b: 56; Hodos 2020: 143; Frahm 2023: 104–5.

Curtis e Tallis 2008: 52, 57–58, 65, figs. 63–66, 79–80.

Grayson 1996: 98 (A.0.102.25); Radner 2014b: 106; Frahm 2017: 170–71. Ver também King 1915: 17–20 e Grayson 1996: 27–32 (A.0.102.5) para a longa inscrição que acompanha os relevos nos portões de Balawat.

Ver novamente, *e.g.*, Kuhrt 1995: 488–89. No sumário, com os números numéricos fornecidos, ver Grayson 1996: 55 (A.0.102.10).

Brinkman 1968: 191–200; 204–5; Grayson [1975] 2000: 167 (n.º 21 iii, linhas 22–34), 2005; Oates 1979: 109–10; Bryce 2012: 218–44; ver também Kuhrt 1995: 487–89, 577; Frahm 2017: 171, 2023: 110–11.

Rassam 1897: 214; Kuhrt 1995: 487; Grayson 2005. Acerca da Faixa III, no Museu Britânico, ver King 1915: 23, pls. 13–18; Grayson 1996: 141 (A.0.102.66). Sobre a cena de Tiro e a menção de Tiro e Sídón, ver também Aubet 2001: 51, 55, 2008: 183–84; Abulafia 2011: 69; Fales 2017: 226; Elayi 2018: 134–35; Bunnens 2019b: 59, 62, 66; Garnand 2020: 146. Repare-se que alguns (*e.g.*, Aubet 2001: 51; Abulafia 2011: 69) afirmam especificamente que o rei Etobaal (ou Ithobaal) de Tiro é retratado, mas isso é uma ilusão; ele não é mencionado na inscrição, e não está claro quem são as figuras específicas.

Sobre o fragmento na Galeria de Arte Walters, ver Grayson 1996: 147 (A.0.102.84). Sobre a inscrição do monólito, ver Grayson 1996: 17 (A.0.102.2). Ver também as referências que acabámos de mencionar na nota anterior, *e.g.*, Rassam 1897: 214; Aubet 2001: 55, 2008: 183–84; Fales 2017: 226; Bunnens 2019b:

59, 62, 66; Garnand 2020: 146.

Veja-se, *e.g.*, Fales 2011: 12 e Bryce 2012: 163–65 acerca de algumas destas povoações. Também Grayson 2005; Radner 2014a: 84. Ver, *e.g.*, Grayson 1996: 11–24 (A.0.102.2) para menções a várias cidades-estado aramaicas contra as quais fez campanha. Ver agora, também, Younger 2016; Düring 2020: 148.

Radner 2014a: 71, 74; ver também p. 6 no mesmo volume.

Ver Kuhrt 1995: 487–88; Grayson 1996: 11–24 (A.0.102.2), esp. 23–24, 2005; J. Miller e Hayes 2006: 247, 292, 294 (texto n.º 3); Bryce 2012: 175–77, 226–30; Schneider 2014: 100–101; Frahm 2017: 171, 2023: 109–10; Elayi 2018: 134–35; Schipper 2019: 40–41.

Ver Grayson 1996: 11–24 (A.0.102.2), esp. 23–24, 2005; citado por Bryce 2012: 226–30, 2014: 124–25; também Frahm 2023: 110. Ver também Fales 2017: 226–28; Monroe 2018: 259; Bunnens 2019b: 66; Sader 2019b: 82; Garnand 2020: 146. Sobre os presentes do faraó egípcio Osocor II a Biblos e Samaria, bem como a participação egípcia em Qarqar, ver, *e.g.*, Kitchen 1973: 324–25, com referências; também Muhs 2022: 196–97, 199.

Ver, *e.g.*, Grayson 1996: 32–41 (A.0.102.6), esp. 36, e 42–48 (A.0.102.8), esp. 45; também uma grande placa de pedra na parede de Assur, registada por Grayson 1996: 50–56 (A.0.102.10), esp. 52; e outras partes listadas por Grayson (*passim*). No entanto, no «Obelisco Negro», diz que o número de mortos foi de «vinte mil e quinhentos» e noutros lugares o número é dado como «vinte e nove mil»; ver, *e.g.*, Grayson 1996: 65 (A.0.102.14) e 75 (A.0.102.16). Ver discussão na íntegra em S. Yamada 2000; Grayson 2005.

King 1915: 29–30, pls. 48–53; Grayson 1996: 144–45 (A.0.102.76).

Grayson 1996: 48, 54, 60 (comparar A.0.102.8 e A.0.102.12 com A.0.102.10); Lipiński 2006: 180.

Sobre tudo isto, ver vários Kitchen 1973: 327; Grayson 1996: 151 (A.0.102.89); Aubet 2001: 55; Miller e Hayes 2006: 307 (texto n.º 5); Fales 2017: 228; Dodson 2019: 109, 192; Sader 2019b: 129.

Bryce 2012: 39, 153–54, 239–41, 2016b: 67–69, 74; J. F. Osborne 2021: 65–66.

Estas várias campanhas estão elencadas em grande número de inscrições de Salmaneser III; uma está retratada na Faixa XIII dos portões de Balawat, com cenas gráficas de captura de cidades. Ver, *e.g.*, Grayson 1996: 5–6 e *passim*, esp. 48–49 (A.0.102.9), 50–56 (A.0.102.10), esp. 54, como também 58–61 (A.0.102.12), esp. 60, e 62–71 (A.0.102.14 = the Black Obelisk), esp. 67. Ver também King 1915: 34, pls. 72–77; Na'aman 1995; Grayson 2005; Miller e Hayes 2006: 292; Bryce 2012: 175–77, 237–38, 2014: 126–27, 236–37; Schneider 2014: 101; Frahm 2023: 110.

Veja-se a minha discussão anterior sobre este assunto, e os paralelos bíblicos, em Cline 2000: 82–88. Ver também Biran e Naveh 1993, 1995; Schniedewind 1996; Na'aman 2000, 2006; Sergi 2017; Richelle 2018: 31–32; Schipper 2019: 42; Younger 2020. Repare-se que Arie (2008: 34–38) sugere que Hazael criou a inscrição quando (re)construiu a cidade, em vez de simplesmente a conquistar; esta sugestão foi contestada por Thareani (2016b, 2019a, 2019b). Sobre Hazael e os arameus no sul do Levante em geral, ver, agora, Finkelstein 1999, 2013: 119–26; Kleiman 2016; Sergi 2017; Sergi e Kleiman 2018; Younger 2020.

Ver, *e.g.*, discussões em Schniedewind 1996; Na'aman 2006, com referências; Finkelstein 2013: 85. Ver também 1 Reis 19:17, pelo qual agradeço a Chris Rollston.

Sobre o aprisionamento de Hazael, a morte dos seus homens e a captura de carros e de cavalaria, ver Grayson 1996: 58–61 (A.0.102.12), esp. 60; ver também, apenas sobre matar e capturar, mas sem o aprisionamento, 62–71 (A.0.102.14 = o «Obelisco Negro»), esp. 67; também Frahm 2017: 171.

Sobre a trincheira do cerco e a destruição de Hazael em Gate, ver agora Maeir e Gur-Arieh 2011, com muitas referências anteriores; Kleiman 2016: 63, 67–69; Maeir 2017a, 2017b, 2022d: 230–31; Ben Yosef e Sergi 2018; Gur-Arieh e Maeir 2020; Chadwick 2022. Sobre a destruição em Gate em geral, conforme relatado pelo texto bíblico, ver, por exemplo, Ehrlich 1996: 72–74; Levin 2017.

Mazar 2022a: 86, 2022b: 110–11, 122–23; Mazar e Mullins 2022: 146; Panitz-Cohen e Mazar 2022:

144–45.

Sobre Hazael e o fim da produção de cobre em Wadi Feynan e no Vale Aravá, ver, por exemplo, Fantalkin e Finkelstein 2006: 30–32; Finkelstein 2013: 126, 2020: 21–22; Ben Yosef e Sergi 2018; Crowell 2021: 42; Maeir 2021. Estas atividades e a cessação do cobre na rota de Feynan podem ter afetado locais tão distantes como Tel Dor, na costa; ver Arkin Shalev e outros. 2021: 146. Sobre a possibilidade da falta repentina de combustível disponível para os fornos, ver, agora, Cavanagh, Ben-Yosef e Langgut 2022.

Sobre a(s) tradução(ões), ver Bron e Lemaire 1989; Eph'al e Naveh 1989; Na'aman 1995, tudo com referências anteriores. Sobre o tema como um todo, ver, mais recentemente, Bourogiannis 2018a: 57–58, 2020: 171–72, 2021: 103, com referências anteriores; López Ruiz 2021: 185–86; J. F. Osborne e Hall 2022: 6–7. Ver também, anteriormente, S. P. Morris 1992a: 147; Kourou 2004: 17–18, 2008b: 367.

Ver, de novo, Kourou 2004: 17–18, 2008b: 367 e as outras referências citadas acima.

Sobre a interpretação, vejam-se novamente Bron e Lemaire 1989; Eph'al e Naveh 1989; Na'aman 1995.

Schneider 2014: 101. Sobre o «Obelisco Negro», ver Grayson 1996: 62–71 (A.0.102.14); para a representação e inscrição sobre Jeú em particular, ver Grayson 1996: 149 (A.0.102.88); Postgate 1992: 253, fig. 3, e 255; originalmente Layard 1849: pl. 53. Ver também Kuhrt 1995: 488; Grayson 2005; Miller e Hayes 2006: 236, 247, 307 (texto n.º 5); Fagan 2007: 122–23; Younger 2016: 613–18; Cline 2017: 57–58, com mais referências; Frahm 2017: 171, 2023: 110; Schipper 2019: 41–42.

Ver Grayson 1996: 209–12 (A.0.104.7), esp. 211; Miller e Hayes 2006: 238, 247; Bryce 2012: 50–52, 245; Schneider 2014: 101; Fales 2017: 228–29; Frahm 2017: 174–75; Elayi 2018: 136–37; Bunnens 2019b: 67; Sader 2019b: 66. Nas datas de Joás/Jeoás, rei de Israel (não deve ser confundido com o rei um pouco anterior de Judá que tinha o mesmo nome), ver Miller e Hayes 2006: 222.

Ehrlich 1996: 81–85, 168–71; Grayson 1996: 212–13 (A.0.104.8), esp. 213; Bryce 2012: 50–51; Ben-Shlomo 2014: 717; Schneider 2014: 101; Fales 2017: 228–30; Bunnens 2019b: 67; Na'aman 2021: 19–20.

Sinha *et al.* 2019.

Capítulo Três

O MEDITERRÂNEO TORNOU-SE UM LAGO FENÍCIO (*FENÍCIA E CHIPRE*)

A GERAÇÕES DE CRIANÇAS em idade escolar, pelo menos nos Estados Unidos, é ensinado que os fenícios são mais conhecidos e lembrados pelo seu sistema de escrita. Foi adotado (e adaptado) no Egeu e mais tarde em Itália, formando a base daquilo que hoje conhecemos como alfabeto grego e alfabeto latino (sendo este último usado para escrever inglês, francês, alemão, italiano, espanhol, checo, turco e várias outras línguas). Também foi amplamente utilizado na Idade do Ferro em Canaã, onde foram rapidamente desenvolvidas versões modificadas, usadas para escrever inscrições em hebraico antigo, aramaico, moabita, amonita e edomita. Entre outras línguas modernas que usam sistemas de escrita considerados derivados direta ou indiretamente do fenício incluem-se o siríaco, o árabe (através do aramaico nabateu) e até o cirílico (principalmente por via do alfabeto grego).²¹⁶

Os louvores começaram primeiro com os últimos gregos. Heródoto, por exemplo, disse que os fenícios «vieram com Cadmo da Fenícia para a terra agora chamada Beócia», isto é, estabeleceram-se na Grécia central e fundaram a cidade de Tebas. Além disso, explicou: «Os fenícios que vieram com Cadmo [...] trouxeram com eles para a Hélade, entre muitos outros tipos de conhecimentos, o alfabeto, que era desconhecido antes disso, acho eu, para os gregos.» Continuou: «Com o passar do tempo, o som e a forma das letras mudaram. Nesta época, os gregos que estavam instalados perto deles eram na sua maior parte jônicos, e depois, tendo aprendido as letras dos fenícios, usaram-nas com algumas mudanças na forma. Ao fazê-lo, deram a estes caracteres o nome de fenícios, o que é bastante justo, visto que os fenícios os trouxeram para a Grécia.»²¹⁷

Outros autores antigos fizeram declarações semelhantes, incluindo Diodoro Sículo, um historiador grego que nasceu na Sicília e escreveu no século I a. C. Dizia ele: «Quando Cadmo trouxe da Fenícia as letras, como lhes chamam,

Linus [um estudioso local] voltou a ser o primeiro a transferi-las para a língua grega, para dar um nome a cada carácter, e para lhes corrigir a forma. As letras, como um todo, são agora chamadas “fenícias”, porque foram trazidas aos gregos pelos fenícios.»²¹⁸

Mas também diz: «E em resposta àqueles que dizem que os dóricos são os descobridores das letras, tendo os fenícios aprendido com eles e depois transmitindo-as aos gregos, e que estes fenícios são aqueles que navegaram para a Europa juntamente com Cadmo e que é por isso que os gregos chamam às letras “fenícias”. Os homens dizem, no entanto, que os fenícios não foram os primeiros a fazer esta descoberta, mas que se limitaram a “alterar” a forma das letras e que a maior parte da humanidade utiliza a forma de as escrever tal como os fenícios as conceberam, e assim as letras receberam a designação que mencionámos acima».²¹⁹

A maioria dos estudiosos modernos concorda com Diodoro Sículo. Em vez de inventar o alfabeto, os fenícios talvez o tenham simplesmente padronizado. Além disso, alguns estudiosos argumentariam que não era realmente um alfabeto, como hoje o definimos, mas sim o que é conhecido como «abjad» — que são apenas consoantes e nenhuma vogal. Foram os gregos que modificaram a escrita fenícia de modo que as vogais longas e curtas fossem marcadas, e assim se criou o que hoje conhecemos como alfabeto grego. O que era importante sobre a padronização e difusão do alfabeto pelos fenícios, e o que o tornou tão revolucionário, é que a escrita alfabética não é tão complicada como os sistemas de escrita da Antiguidade não alfabéticos da Mesopotâmia e do Egito. Isto, por sua vez, significou que as taxas de alfabetização puderam potencialmente subir, uma vez que quaisquer pessoas, dos níveis mais baixos da sociedade até aos mais elevados, puderam, desde então, aprender a ler e a escrever com maior facilidade. Em suma, a alfabetização não era necessariamente mais limitada a grupos seletos, como ocorreu durante a Idade do Bronze.²²⁰

Também é frequente creditar-se aos fenícios o fabrico do corante púrpura e a navegação no Mediterrâneo, praticamente intocados durante séculos, estabelecendo colónias e negociando com pessoas desde o Chipre ao norte de África, e até de Espanha. A mais famosa das cidades que fundaram foi Cartago, que desafiaria Roma centenas de anos depois, durante as Guerras Púnicas, enquanto a tinta que fabricavam foi valorizada ao longo dos séculos. Estrabão, por exemplo, diz: «[Os] fenícios em geral foram superiores a todos os povos de todos os tempos, e através das suas tinturarias de roxo; pois o púrpura de Tiro

provou ser, de longe, a mais bela de todas as cores; e o marisco é capturado perto da costa; e as outras coisas necessárias para tingir são facilmente obtidas; e embora o grande número de tinturarias torne a cidade desagradável para se viver, torna, no entanto, a cidade mais rica através da habilidade superior dos seus habitantes.»²²¹

Todavia, tal como aconteceu com o alfabeto, os fenícios podem simplesmente ter aperfeiçoado a criação da tinta roxa, em vez de a terem «inventado». Há agora provas de que tal corante já havia sido criado e usado na Idade do Bronze no Egeu, bem como em Chipre, séculos antes, do início do segundo milénio em diante, e foi então usado tanto lá como no Oriente Próximo ao longo de toda a Idade do Bronze Final.²²²

*

«Fenícios» não era como se chamavam, é claro, mas foi como os gregos os apelidaram, incluindo Homero, tanto na *Ilíada* como na *Odisseia*. Josephine Quinn, historiadora de Oxford, escreveu recentemente: «“Fenício” era um rótulo [que] os escritores gregos usaram para os marinheiros do Levante que falavam dialetos semelhantes a uma língua muito diferente dos seus próprios. O termo implicava pouco sobre os laços culturais e ancestrais dos povos, e aparentemente não significava nada para o povo em si: ninguém das cidades costeiras ou das suas colónias ultramarinas, do nosso conhecimento, se descrevia como “fenício”.»²²³

Em vez de se autodenominarem fenícios (como fizeram os gregos), estes habitantes costeiros podem ter continuado a autodenominar-se cananeus (assim como fizeram os seus parentes; veja-se, por exemplo, Génesis 10:1–20), embora esta seja uma questão do foro académico. Ainda mais provável é que se identificassem como habitantes de cidades-estado específicas e separadas, confinadas pelo mar Mediterrâneo — principalmente Tiro, Sídón, Beirute, Biblos e Arruade. O seu território combinado situava-se principalmente onde é agora o Líbano, mas o seu controlo estendeu-se mais para norte, até ao que hoje chamamos Síria e todo o caminho até ao sul de Acre, onde fica agora o norte de Israel.²²⁴

Seja o que for que lhes chamemos, ou seja como for que se autodenominavam, é claro que os fenícios não eram recém-chegados à zona, como chegou a ser sugerido no passado. Em vez disso, é agora geralmente aceite que a maioria das

peçoas dessas cidades, senão todas, eram cananeias sobreviventes do Colapso da Idade do Bronze nesta região costeira central do Levante. Cada uma dessas cidades existiu na Canaã da Idade do Bronze e continuou a prosperar durante a Idade do Ferro. Embora as amostras ainda sejam escassas em relação aos locais maiores, em parte por razões ligadas a dificuldades de acesso ao que continua enterrado sob as cidades modernas, os dados de escavação dos locais atuais parecem indicar que os habitantes da região fizeram a transição de forma pacífica. Podem realmente estar entre os mais resilientes dos povos que examinamos neste livro, pois não só, aparentemente, perseveraram desde as primeiras cidades-estado cananeias, como até floresceram no vácuo criado pelo Colapso.²²⁵

Na verdade, parece que os habitantes destas cidades também se articularam, ou talvez tenham simplesmente expandido o papel que os antecessores tinham nos mesmos sistemas políticos onde haviam atuado no fim da Idade do Bronze. Agora assumiam um novo (ou talvez maior) papel como comerciantes e negociadores independentes, transportando muitos e diferentes tipos de mercadorias ao redor e ao longo dos mares Mediterrâneo e Egeu. Carol Bell, antiga historiadora e arqueóloga britânica, descreveu: «Os empreendimentos comerciais da Fenícia deslocaram-se para o Ocidente e, pelo menos do ponto de vista económico, o Mediterrâneo tornou-se um lago fenício.»²²⁶

Christopher Monroe, da Universidade Cornell, ponderou sobre isso, sugerindo que os fenícios começaram a navegar em «múltiplas rotas através de vários portos conhecidos pelos marinheiros há muito tempo». E imaginou-os essencialmente enquanto «rede de informação comercial desenvolvida por séculos de partidas não apenas de Tiro, mas também de Sídón, Arruade, Biblos, Ugarite, Kition, etc.», e portanto dá crédito aos fenícios por, no limite, «terem criado a maior rede de informações do mundo no século X a. C.»²²⁷

Assim, podemos muito bem sugerir que os sobreviventes cananeus nestas cidades, agora identificados como cidades específicas (por exemplo, Sídón) ou simplesmente rebatizados de forma genérica como «fenícios» pelos gregos já na época do período dos épicos de Homero, foram mais do que simplesmente resilientes perante o Colapso. Podiam ser melhor chamados de «antifrágeis», tomando de empréstimo o termo de Nassim Nicholas Taleb. Este é o mesmo homem que popularizou a expressão «cisne negro», usada para descrever um acontecimento inesperado, como o Colapso da Idade do Bronze. Segundo Taleb, pode usar-se «antifrágil» para descrever uma situação em que uma entidade

exibe mais do que apenas resiliência ou robustez, e realmente «prospera sob uma quantidade certa de stress» — aproveitando a situação não apenas para sobreviver, mas também para prosperar. Taleb descreve-o especificamente como «coisas que ganham com a desordem»²²⁸. No caso dos fenícios, estes parecem ter aproveitado ativamente o caos e, mais importante, a destruição de Ugarite, no norte da Síria, para assumir as rotas comerciais marítimas para oeste, através do Egeu para a Grécia e daí para Itália, Sicília e Sardenha.

Também podem ter negociado com o Leste, pois há alguns indícios de que a canela pode ter chegado do sudeste da Ásia; foram encontrados vestígios, em três diferentes locais no que hoje é o norte de Israel, em cerca de dez frascos fenícios deste período, incluindo no lugar de Tel Dor. Na verdade, é agora claro que, uma variedade de descobertas recentes em locais como Tel Dor, Tell Erani e Tel Safi, embora houvesse muito menos comércio a acontecer no Levante sul na primeira Idade Ferro do que na Idade do Bronze Final, este nunca cessou.²²⁹

Chipre e a Mudança para a Tecnologia do Ferro

Quanto a Chipre, não há dúvida de que a ilha e os seus habitantes enfrentaram muitas das mesmas condições durante o século XII a. C., como noutros lugares no antigo Oriente Próximo, logo a seguir ao Colapso. No entanto, embora a situação seja complexa, os habitantes da ilha também parecem ter sido tão resilientes como os fenícios, não só enfrentando e adaptando-se, mas mostrando inovação e transformação para a nova situação quase imediatamente. A sua sobrevivência pode muito bem ter-se devido, em parte, à riqueza e ao prestígio acumulados através do desenvolvimento da siderurgia, que deve ser classificada, de par com o alfabeto, uma das grandes inovações desta época.

Podemos vê-lo ao longe, no lugar de Perati, localizado na Grécia continental, cerca de 30 quilómetros a leste de Atenas, do outro lado da península de Ática, perto do moderno porto de Rafti. Neste local, existe um grande e muito conhecido cemitério que data do século XII a. C. Entre os bens deixados nos túmulos por famílias enlutadas nos enterros dos seus entes queridos estão facas de ferro com rebites de bronze. Outros objetos semelhantes foram encontrados em Tílisos (Creta) e Lefkandi (Eubeia), e em algumas ilhas como Naxos e Tasos. Estas facas bimetálicas são alguns dos primeiros exemplos de artefactos de ferro trabalhado encontrados no Egeu e no Mediterrâneo Oriental. Todos parecem ter sido feitos em Chipre e de lá eram exportados para vários destinos,

desde o Egeu ao sul do Levante.²³⁰

Estas descobertas levaram a uma grande mudança no nosso pensamento, pois agora é frequentemente sugerido que os metalúrgicos inovadores de Chipre talvez tenham sido os responsáveis pela mudança do bronze para o ferro neste período, em vez dos dóricos ou dos Povos do Mar, como as gerações anteriores de estudiosos sugeriram. Susan Sherratt, arqueóloga, atualmente na Universidade de Sheffield, com efeito chamou aos cipriotas «nada menos do que brilhantes» pelo que considera o seu papel de liderança na disseminação não apenas destes objetos, mas também da tecnologia envolvida.²³¹

É verdade que autores gregos, como Estrabão, Xenofonte e Apolónio de Rodes, mencionam, mais tarde, a tecnologia do ferro em ligação com pessoas a quem chamam cálibes, *calibianos* ou *calbianos*, residentes e a trabalhar na Anatólia, nas margens de Ponto, também conhecido como Mar Negro, mas isso provavelmente representa a situação séculos depois, se é que é correto dizê-lo.²³² Em qualquer caso, talvez não seja necessário ir tão longe, cronológica ou geograficamente.

Sabemos, por exemplo, que o ferro já era familiar aos poderes instituídos na Idade do Bronze, como exemplificado por objetos de ferro individuais encontrados em contextos que datam de séculos anteriores ao colapso do Egito, da Anatólia, da Grécia, da Mesopotâmia e de outros lugares (embora os hititas não tivessem neles um monopólio inicial, como se pensava). No entanto, muitos destes — talvez a maioria — eram feitos de ferro encontrado em meteoritos, incluindo uma adaga com punho de ouro e uma lâmina de ferro encontrada na tumba de Tutankhamon, que pode ter sido originalmente uma oferta de casamento de Tusserata, rei de Mitani, ao faraó Amenófis III décadas antes.²³³ Objetos de ferro fabricados depósitos de minério terrestre só entraram em uso diário generalizado depois do Colapso.

Uma vez que os metalúrgicos de Chipre e de outros lugares aparentemente não começaram a trabalhar extensivamente com o ferro até que fosse mesmo necessário, há hipóteses académicas anteriores que apontam para a crescente popularidade do ferro nos anos que se seguiram ao Colapso, o que favorece a sugestão de que teria havido uma falta temporária de estanho ou mesmo de cobre, ou seja, dos componentes do bronze, o que exigiu um recurso aos materiais locais. Isso seria realmente verdadeiro se alguma das rotas comerciais, como as que traziam estanho do Afeganistão ou de outros lugares da Ásia Central, tivessem sido banidas ou afetadas pelo colapso das economias

palacianas do fim da Idade do Bronze.²³⁴

Assim, há várias décadas, nos decênios de 1970 e 1980, os estudiosos já afirmavam que a mudança para o ferro não tinha sido realmente um avanço, mas mais uma reação a «circunstâncias difíceis» (ou seja, à falta de acesso a estanho e/ou a cobre). Estes estudiosos também apontaram que o maior impacto inicial da nova ênfase dada ao ferro foi no artesanato e na agricultura, isto é, nos arados, nas foices, nos cinzéis e nas serras, em vez de nas armas e no material bélico.²³⁵

Contudo, mais recentemente, outros sugeriram que, mesmo que tivesse havido interrupções na cadeia de abastecimento, a falta de bronze, de cobre ou de estanho pode não ter sido tão terrível como se chegou a supor, e que o cobre ainda seria extraído em Chipre na Idade do Ferro, embora os habitantes possam ter enviado a maior parte para oeste, por exemplo, para a Sardenha. Vasiliki Kassianidou, especialista em arqueometalurgia e tecnologia antiga na Universidade de Chipre, afirmou, por exemplo: «Na época dos “Anos de Crise” [...] Chipre conseguiu cavalgar a tempestade e sobreviver. Os comerciantes cipriotas alcançaram novos mercados que exigiam grandes quantidades de cobre, como a Sardenha, e procuraram novas fontes de estanho e de metais preciosos cujo abastecimento que vinha de leste havia sido interrompido.»²³⁶

A mudança para o ferro pode, portanto, ter sido o resultado de uma simples decisão económica, especialmente quando o prestígio do ferro começou a aumentar. «Em muitas regiões, a adoção do ferro não representou um abandono do bronze», argumentou Nathaniel Erb-Satullo, arqueólogo da Universidade Cranfield. «Em algumas regiões, pelo menos, o ferro pode ter servido inicialmente mais como um acréscimo a uma economia metalúrgica em expansão, não como um substituto do bronze.» O minério de ferro estava prontamente disponível em muitas zonas, incluindo a Itália e a Grécia continental, o que teria sido útil, tendo em conta a difusão da tecnologia.²³⁷

A produção de ferro pode também não ter sido tão difícil como alguns poderiam supor, especialmente se a nova tecnologia surgiu como subproduto da mineração e fundição de minério de cobre rico em ferro, como foi sugerido. Kassianidou disse que «os metalúrgicos cipriotas, apoiados por quase mil anos de experiência na fundição do minério de sulfureto, podem ter fundido algum ferro acidentalmente de mistura com o cobre, encontrando esse novo material, e, certamente já experienciadas, empregaram as ferramentas e habilidades do seu ofício». Nota, no entanto, que, uma vez que o ferro esteja pronto para ser

trabalhado, envolve um processo muito diferente do que é aplicado para trabalhar o cobre, pois «o ferro é baseado na forja mecânica de um metal sólido que molda e endurece por carburação e arrefecimento, e o cobre é a fundição de um metal líquido e o seu endurecimento faz-se por trabalho a frio».²³⁸

Ora, o trabalho com o ferro parece ter-se difundido rapidamente em Chipre. Na verdade, não está fora de questão que a exportação de objetos de ferro, bem como a disseminação do conhecimento da tecnologia necessária, podem ter sido fatores que permitiram aos cipriotas sobreviver ao Colapso e até prosperar até certo ponto depois, como sugeriu Kassianidou. Foi mesmo proposto que os cipriotas podem ter levado esse conhecimento até Itália, à Sicília e à Sardenha, nas rotas comerciais entre Chipre e o Mediterrâneo Ocidental que ainda operavam por essa altura.²³⁹

Contudo, estas regiões ocidentais, incluindo possivelmente a Sardenha, também tinham sido afetadas pelo Colapso da Idade do Bronze. Parece agora evidente, por exemplo, que a cultura Terramare no vale do Pó, no norte de Itália, também sofreu uma crise e colapso no fim do século XIII e início do século XII a. C., e que então pode ter havido uma enorme migração de pessoas da parte sul desta região, que ficou posteriormente abandonada durante séculos, tendo-se verificado uma reorganização no número e tamanho das povoações na parte norte desta região.²⁴⁰

Assim, embora as razões para a mudança para o ferro continuem a ser uma questão de debate, as possíveis motivações agora sugeridas são geralmente mais matizadas do que as feitas até agora. É claro, no entanto, que a grande escala da adoção do ferro não ocorreu antes do Colapso e parece ter sido uma resposta a acontecimentos, não a uma causa. Também é vista como tendo ocorrido em diferentes ocasiões e em diferentes regiões, embora não antes da última parte do século XII ou na primeira metade do século XI, quando a tecnologia se disseminou e os metalúrgicos de cada região por sua vez a dominaram. Chipre pode ter sido o primeiro, ou pelo menos um dos primeiros, mas a siderurgia depressa se popularizou na Grécia continental e também noutros lugares, sem dúvida melhorada pela disponibilidade comum de minério de ferro em praticamente todas as terras do Mediterrâneo e do Próximo Oriente.

*

Assim, pelo que podemos dizer, e talvez tal como os fenícios, os cipriotas

podem ter prosperado até certo ponto no meio do caos. Eis o que escreve Carol Bell: «Chipre e a Fenícia foram capazes de aproveitar a oportunidade quando a crise atingiu a região. Livre de agendas imperiais, e já familiarizados com a operação num ambiente de negociação descentralizado, os comerciantes e negociantes destas duas regiões permaneceram abertos ao negócio, com o objetivo principal de gerar retornos suficientes para continuar a atividade.»²⁴¹

Estamos, no entanto, a avançar aqui um pouco mais para o desconhecido, uma vez que não dispomos de inscrições longas ou de outros registos escritos detalhados da ilha que nos deem informações concretas sobre a história deste período. Só podemos fazer suposições fundamentadas sobre as reais circunstâncias políticas e económicas da ilha, neste momento, com base nos dados arqueológicos e nas amostras que foram encontradas. No entanto, há, na verdade, bastante informação que podemos extrair dessas descobertas sobre o Chipre, incluindo mudanças nos costumes funerários e/ou bens funerários, novos tipos de cerâmica, e o súbito abandono ou o novo estabelecimento de vários locais, embora mais em alguns períodos do que noutros.

Globalmente, a nossa compreensão de Chipre logo após o Colapso, e nos séculos seguintes, mudou dramaticamente nas últimas décadas. Por exemplo, apesar de Chipre ter sido claramente afetado pelos problemas que ocorriam noutros lugares do Mediterrâneo de então, e apesar das várias destruições e evidências de interrupções em locais específicos no início do século XII, incluindo em Kition, Encomi, Maa Palaeokastro, Pyla-Kokkinokremmos, Kalavassos-Ayios Dhimitrios, Sinda e Maroni, agora é comumente aceite que não houve, na verdade, um colapso geral em toda a ilha. Além disso, quaisquer alterações populacionais em Chipre, até então visualizadas pelos anteriores estudiosos como invasões e conquistas, são agora vistas como mais complexas.²⁴²

Alguns estudiosos — como Maria Iacovou, da Universidade de Chipre — argumentam agora que, apesar dos problemas, o que vemos em Chipre é a continuidade entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro, e não devemos supor uma grande rutura entre os dois períodos na ilha, mas talvez mais uma reorientação. Argumenta que Chipre foi menos afetada pelo Colapso do que outras regiões do Egeu e do Mediterrâneo Oriental, e que o seu povo foi capaz de se adaptar rapidamente à nova realidade. Nem todos concordam inteiramente com isto, e outros há que sugerem que a ilha e a sua população podem ter sido afetadas em maior grau; o problema, no momento, é que as amostras arqueológicas atualmente disponíveis não são especificamente

conclusivas num sentido ou noutro.²⁴³

Independentemente disso, tudo isto representa também uma grande mudança no pensamento académico. Na década de 1970 e continuando pelo menos até ao início da década de 1990, todos os debates se centraram ainda na questão de saber se teria havido uma ou duas vagas de migrações para Chipre vindas do Egeu no fim da Idade do Bronze e nas primeiras décadas da Idade do Ferro. Pensava-se que todos os avanços feitos neste período, incluindo talvez o desenvolvimento da tecnologia do ferro, devessem ser atribuídos à chegada de micénicos deslocados que vinham como refugiados ou similares. O conceito de tal migração é agora criticado e castigado como uma atitude colonialista, e talvez com razão.²⁴⁴

Esse conceito foi substituído, ou está em processo de substituição, por sugestões que vão no sentido de indicar que a população de Chipre, depois do Colapso, teve uma natureza híbrida, uma aglomeração de diferentes etnias e nacionalidades originais, por assim dizer. É, portanto, um pouco problemático falar genericamente de «cipriotas» nestes séculos, uma vez que havia sem dúvida pessoas de numerosas etnias que viviam na ilha nesta época, incluindo gregos e fenícios, além dos habitantes lá nascidos.²⁴⁵ Assim, o uso do termo «cipriotas» neste período deve abarcar não apenas os sobreviventes locais da Idade do Bronze Final, mas também quaisquer recém-chegados que possam ter vindo depois.

*

Embora Chipre, no seu todo, tenha sobrevivido ao Colapso, existem também amostras arqueológicas de que, perto do final do século XII a. C. e no início do século XI, várias cidades cipriotas que tinham sido importantes durante a Idade do Bronze foram abandonadas, embora geralmente por razões bastante prosaicas e óbvias. Foi nessa época, por exemplo, que Hala Sultan Tekke, um porto próspero em todo o fim da Idade do Bronze com ligações internacionais tanto a leste como a oeste, foi abandonado quando se assoreou. Foi na região que rodeia este local que Kaniewski e a sua equipa reuniram dados de pólen que mostram que o clima mudou para mais árido e que a região esteve sujeita à seca no período de *ca.* 1200 a 850 a. C. Se foram os efeitos das alterações climáticas que causaram o assoreamento do porto, é coisa que se desconhece, mas, independentemente disso, acredita-se que os habitantes da cidade se tenham

mudado de modo maciço para a vizinha Kition. O mesmo vale para Encomi, cujos habitantes se mudaram para uma nova cidade chamada Salamina, a apenas três quilómetros de distância, depois de o seu próprio porto ter também ficado assoreado no início do século XI a. C.²⁴⁶

Vemos ocorrências semelhantes também noutras povoações importantes, como Kalavassos-Ayios Dhimitrios e Maroni-Vournes, que haviam prosperado calmamente até então. Dada a sua localização próxima das minas de cobre nessas zonas de Chipre, alguns estudiosos sugeriram que o abandono destas cidades pode ter acontecido devido (possivelmente de modo temporário) à diminuição da procura de cobre noutras partes do Mediterrâneo (embora tenhamos acabado de ver que outros sugerem que não houve qualquer diminuição).²⁴⁷

Outros locais, no entanto, como Idálio, que mais tarde se tornou de grande importância, parecem ter sido fundados neste preciso momento, talvez em aproveitamento do desaparecimento de outras cidades. Novas urbes portuárias, como Amatunte, foram também fundadas na transição para o primeiro milénio a. C., e outras, como Kition e Pafos, prosperaram também, aproveitando as enormes mudanças que ocorreram durante o período.²⁴⁸

Como resultado de tudo isto, a maioria dos estudiosos também concorda que se deram, quase certamente, reorganizações políticas neste período, o que acabou por levar ao estabelecimento das cidades-estado que podemos ver na ilha por volta dos séculos IX e VIII a. C., se não antes.

«Enterros de Guerreiros» e os Óbolos de Ofeltes

Ao longo de décadas, foram muito discutidas por arqueólogos e historiadores as possíveis migrações e/ou colonização da ilha pelos gregos após o Colapso. Um objeto em particular, um óbolo de bronze (essencialmente um espeto de churrasco), atraiu muito interesse, pois tem inscrito o nome grego mais antigo conhecido encontrado na ilha — «Ofeltes». É um nome de homem, escrito com cinco caracteres silábicos cipro-minoicos, no dialeto do grego arcado-cipriota, e, no caso, genitivo (que significa «de» ou «pertencente a» Ofeltes). Portanto, é geralmente interpretado como o nome do proprietário do espeto.

Foi encontrado na Sepultura 49, no cemitério de Skales, em Palaipafos. («Velho Pafos»). É um túmulo particularmente rico que data da segunda metade do século XI a. C. Foi descoberto pelo conhecido arqueólogo cipriota

Vassos Karageorghis, que trabalhou durante décadas como diretor de antiguidades da ilha. Dentro do túmulo, que continha dois «esqueletos humanos quase intactos» deitados no chão, com fragmentos de um terceiro crânio encontrado nas proximidades, havia três grandes ânforas, um coador grande de bronze, uma tigela grande de bronze, quatro tigelas mais pequenas de bronze, um tripé de bronze, uma ponta de lança de bronze e três óbolos de bronze, incluindo o que tinha a inscrição sobre a propriedade de Ofeltes.²⁴⁹

Embora possa parecer uma tangente, é relevante notar que isto aponta para vários mitos da fundação das cidades da Idade do Ferro em Chipre, nomeadamente Pafos e Salamina, envolvendo alguns dos heróis menos conhecidos da Guerra de Troia, bem como fenícios. A base da história de Pafos, por exemplo, dá crédito a Agapenor, que havia sido o rei de Tégea na Arcádia, na Grécia continental. Embora tais histórias de fundações geralmente não tenham base na realidade — por exemplo, Pafos já existia desde muito antes deste período —, é reconhecidamente um interessante pedaço de informação, dado o uso do dialeto arcado-cipriota para escrever o nome de Ofeltes no espeto de bronze encontrado no cemitério de Palaepaphos-Skales (o que significa que houve algum contacto entre Arcádia e Chipre nessa altura, mesmo que talvez apenas indiretamente).

Da mesma forma, a cidade de Salamina, em Chipre, foi supostamente fundada por Teucro (Teucer), descrito na *Ilíada* de Homero como um arqueiro lendário. Não era apenas o meio-irmão de Ájax, como também era filho de Télamo, que, por acaso, foi o rei da ilha de Salamina na Grécia, o que pode explicar a semelhança dos nomes. Também podemos ler, na *Eneida* de Virgílio (1619–26), que Teucro teve a ajuda de um rei de Sídón chamado Belos, isto é, um fenício cujo nome seria, de outra forma, desconhecido para nós.²⁵⁰ Mais uma vez, não podemos aceitar estas informações tendo apenas em conta o seu valor nominal, mas é interessante ver o reflexo dos fenícios, gregos e cipriotas nestas histórias.

Todavia, o túmulo com o espeto de bronze de Ofeltes também é diferente num outro aspeto, pois é encontrado entre as sepulturas dos chamados guerreiros em Chipre, em Creta e na Grécia continental, desta vez datando de meados do século XI a inícios do século X a. C. Estes túmulos quase sempre incluíam presentes caros enterrados com o homem morto, que era frequentemente cremado. Entre os bens funerários desses enterros estão armas, recipientes de metal, tripés e espetos, todos feitos de bronze ou ferro. Muitas vezes, também era enterrada uma mulher com o guerreiro, embora, na maioria

dos casos, não fosse cremada, e a sua relação com o homem nem sempre é clara.²⁵¹

Em Chipre, essas sepulturas foram encontradas nos cemitérios de Palaepaphos-Skales, Salamina, Lapitos-Kastros, Cúrio-Kaloriziki e Amatunte. Em Creta, foram encontradas no Cemitério Norte, em Cnossos, bem como em Amari, onde uma cratera canforoide de bronze retinha as cinzas de uma cremação. Na Grécia continental, poderá haver uma dessas sepulturas em Tirinto, além de uma outra conhecida em Lefkandi, na Eubeia. Voltaremos a estes sepultamentos no Egeu no Capítulo Cinco.²⁵²

*

Globalmente, o papel de Chipre como líder no comércio internacional parece ter continuado neste século. Nota Kourou, da Universidade de Atenas, especialista em contactos fenícios com o Egeu, que já aqui mencionei, afirmou: «As antigas redes marítimas no Mediterrâneo permaneceram ativas nas mãos dos cipriotas, que mesmo durante todo o século XI a. C. continuaram as suas viagens de longa distância para outros continentes, embora numa escala muito menor do que antes.»²⁵³

Por esta altura, os cipriotas exportavam avidamente objetos de ferro, especialmente facas e espadas. Embora tais armas apareçam primeiro em Chipre no século XII, como acima mencionado, as facas de ferro são agora encontradas em quantidades muito maiores em Creta, na Grécia continental, na Síria e no sul do Levante em contextos que datam do século XI a. C.²⁵⁴

Além das armas e das ferramentas de ferro, foram encontrados objetos com acabamentos em bronze cipriota, como vasos e suportes, em contextos do século XI a. C. no Egeu, especialmente em Creta. Esses incluem uma cratera canforoide de bronze e outros derivados de objetos do Chipre numa sepultura no lugar de Amari, acima referido; uma arquibancada de bronze no Cemitério Norte, em Cnossos; e outros artigos como tigelas de bronze com asas de lótus. Também foram encontrados objetos cipriotas desta data em lugares tão distantes como a Sardenha, a Sicília e a região de Huelva, na Península Ibérica.²⁵⁵

Ao longo destas linhas, Jan Paul Crielaard, arqueólogo da Universidade de Amesterdão, já havia sugerido em 1998 que «os membros da elite cipriota estiveram em contacto com pessoas de alto estatuto na Sardenha e, através destas, com regiões distantes noutras partes do Oeste», e que uma dimensão

mediterrânica de uma rede de comércio internacional voltava a ganhar forma, pelo menos ao nível da elite, com o objetivo de adquirir «bens exóticos com alto valor intrínseco e simbólico»²⁵⁶.

Mas e os cipriotas que não eram da elite? Como teria sido para os habitantes comuns de Chipre dessa altura, ou seja, os agricultores, comerciantes, metalúrgicos, mineiros e outros que pertenciam aos meios e classes mais baixos? É, francamente, difícil dizer algo sobre eles durante este período, pois simplesmente não existem dados suficientes neste momento para comentar num ou noutro sentido, mas pelo menos é certamente possível que as pessoas que viviam em povoações mais pequenas, longe dos centros das cidades, possam não ter notado muitas mudanças, pelo menos em termos de estrutura política, apesar de talvez terem de enfrentar condições mais áridas.²⁵⁷ Para os residentes nas zonas urbanas, especialmente nos novos centros que foram fundados nesta fase, e para a elite, pode realmente ter parecido que a ilha continuava a mostrar resiliência e a transformar-se ante as condições adversas. Seja o que for que pensemos sobre os «enterros de guerreiros» encontrados em Chipre e no Egeu, os bens cipriotas exportados para leste e oeste nesta altura indicam que os cipriotas permaneceram uma força poderosa nas rotas comerciais internacionais e que continuaram a prosperar após o Colapso.

Fenícios Empreendedores no Século XI

Os fenícios parecem ter também estado em contacto com estas regiões nesta altura. Devemos considerar que os cipriotas e os fenícios cooperavam ou competiam pelos mercados ocidentais nesta fase? Kourou descarta tal possibilidade. «A ausência de objetos do Oriente Próximo no mesmo período no Egeu», diz, «fortalece o cenário de que os cipriotas eram o único possível visitante de [...] Creta e para o [...] Continente.»²⁵⁸ Este, no entanto, parece ser um tema que merece mais discussão.

Sabemos que os fenícios estavam em contacto com o Egito nesta altura, o que não surpreende. Em particular, temos os detalhes de uma história conhecida como a «História de Unamon», escrita num rolo de pergaminho descoberto em 1890 dentro de um único vaso no lugar de El Hiba, no Egito, tal como a «Instrução de Amenope».

Unamon era um sacerdote egípcio enviado do Templo de Ámon, em Karnak, para adquirir cedros do Líbano — madeira — para um novo barco que seria

construído e dedicado ao deus Ámon-Ra. A sua viagem aconteceu provavelmente por volta do ano 1075 a. C., nas primeiras décadas do século XI.²⁵⁹ A história registada no pergaminho começa da seguinte forma:

Ano 5, quarto mês da terceira estação, dia 16, dia em que Unamon, o Ancião do Portal do Templo de Ámon [Senhor do Tronos] das Duas Terras, partiu para obter madeira para a grande e nobre barça ribeirinha de Ámon-Ra, Rei dos Deuses [...] No dia em que cheguei a Tanis, ao local [onde Esmen]des e Tanetamon estão, dei-lhes os escritos de Ámon-Ra, Rei dos Deuses, e eles os fizeram ler na sua presença [...] Esmendes e Tanetamon mandaram-me embora com o capitão do navio Mengebet, e eu fui até ao grande Mar da Síria.²⁶⁰

Unamon navegou primeiro para a cidade de Dor, hoje localizada no norte de Israel, que descreveu como uma cidade «Tjekker». «Cheguei a Dor, uma cidade tjekker», diz ele, «e Beder, o seu príncipe, tinha cinquenta pães, uma ânfora de vinho e uma perna de boi para mim.» Os tjekker eram um dos Povos do Mar mencionados no ataque ao Egito no tempo de Ramsés III e posteriormente alojados por este em «fortalezas ligadas ao meu nome». Eram também um dos três grupos mencionados na «Instrução de Amenope».

O lugar de Tel Dor, a sul da moderna cidade de Haifa, que tem sido escavada quase continuamente por arqueólogos desde 1990 e que vou voltar a mencionar nas próximas páginas, não rendeu muitas provas de ser um reduto dos Povos do Mar derrotados, embora a passagem de Unamon seja frequentemente discutida. Em vez disso, contém muita cerâmica fenícia do século XI a nível arqueológico, que acrescentou muito ao nosso conhecimento do «sul da Fenícia». Recentemente, arqueólogos marítimos da Universidade de Haifa encontraram amostras do porto da Idade do Ferro em Dor, que estaria em atividade nos séculos XI e X a. C. Escavações subaquáticas realizadas nos últimos anos mostraram que o que se pensava ser um recife natural é, na verdade, parte de um muito bem construído molhe de pedra, usado como cais ou quebra-mar.²⁶¹

Infelizmente para Unamon, enquanto estava atracado no porto de Dor, um marinheiro do seu próprio navio roubou os artigos preciosos designados como pagamento para a madeira. Esses objetos incluíam um vaso de ouro, quatro jarros de prata e uma bolsa com moedas de prata. Depois de relatar o roubo ao príncipe de Dor, de quem não recebeu simpatia nem satisfação, Unamon

prosseguiu de seguida mais para norte, para território fenício, até à cidade de Biblos. Ali chegando, conheceu o príncipe da cidade — um homem chamado Tjekkerbaal —, que foi ativamente hostil, possivelmente um reflexo da mudança de estatuto internacional do Egito. A missão de Unamon teve de esperar até à substituição dos artigos enviados do Egito para que a madeira pudesse ser paga e as árvores cortadas. Quando a mercadoria chegou finalmente, incluía quatro taças de ouro e outro vaso de ouro; cinco taças de prata; dez peças de roupa; quinhentas esteiras de linho liso (ou rolos de papiro); quinhentas peles de boi; quinhentas cordas; vinte sacos de lentilhas; e cinco cestas de peixes.²⁶²

Somos informados especificamente: «Então, o príncipe alegrou-se e destacou trezentos homens e trezentos bois e supervisores designados encarregados deles para fazer com que cortassem as madeiras. Cortaram-nas, e ali ficaram durante todo o inverno. No terceiro mês da terceira estação, transportaram tudo para a praia.» Unamon conta-nos que a madeira foi carregada num navio, e o príncipe «mandou-me embora de lá, do porto do mar», voltando para o Egito.

Mas este não havia de ser o fim das provas e tribulações de Unamon. O navio foi desviado do curso quase de imediato e ele acabou por desembarcar em Chipre. Unamon quase foi morto pelos moradores da cidade e foi resgatado apenas quando Hatiba, a princesa da cidade sem nome onde ele se encontrava, veio em seu auxílio e mandou prender essas pessoas. O rolo de papiro e a história são interrompidos neste ponto. Não sabemos como terminou, embora a existência da história sugira que Unamon sempre terá conseguido voltar ao Egito.

Esta «História de Unamon» tem sido objeto de muita discussão académica ao longo do último século. Ainda não está claro se é o registo oficial de uma viagem histórica verídica ou um pedaço de ficção narrativa. Contudo, os detalhes parecem tão reais e coincidem tão bem com o teor da época, altura em que o estatuto do Egito na cena internacional continuava a diminuir e o país enfrentava a fragmentação política, que o texto é geralmente considerado um reflexo da era em si por volta do fim do reinado de Ramsés XI, o último faraó da XX Dinastia (embora possa ter sido escrito um pouco mais tarde, durante a XXI ou a XXII Dinastia).²⁶³

Território Fenício e Contactos Ultramarinos

O território real dos fenícios é um tema de crescente interesse para os arqueólogos e historiadores da Antiguidade por estes dias. Parte do problema é que as maiores cidades antigas do Líbano geralmente ficam debaixo das suas cidades modernas homólogas e, assim sendo, são difíceis de escavar. A agitação política periódica no país moderno também diminuiu o ritmo de escavação das principais cidades fenícias. Como resultado, tem havido poucas oportunidades de recuperar material deste período no Líbano e noutros locais além de Tiro, Beirute, a ilha de Arruade e Arqa (antiga Irqata). Também temos Sarepta, um lugar identificado como a Sarepta bíblica, localizado na costa entre Sídón e Tiro, escavado por James Pritchard e pela Universidade da Pensilvânia na década de 1970. Estas várias escavações trouxeram alguma luz sobre a cultura material fenícia, especialmente a cerâmica, mas não a suficiente.²⁶⁴

Ainda assim, sabemos agora que o território fenício de então também se estendeu muito mais para sul, para o que hoje é o moderno Israel. Esta é a região hoje referida como «sul da Fenícia» por alguns estudiosos, onde lugares como Tel Dor produziram amostras de cerâmica fenícia e outros vestígios nos níveis da Idade do Ferro, incluindo tesouros de prata, o que sugere contactos fenícios com Espanha. Em Dor, um tesouro com oito quilos e meio de prata foi encontrado escondido num jarro de cerâmica coberto por uma tigela. Terá sido encontrado perto de um prédio que continha cerâmica grega da Eubeia, num contexto inicialmente datado de finais do século xi ou inícios do século x a. C., mas agora acredita-se que datam da segunda metade do século x.²⁶⁵

A prata destes tesouros, em Dor e noutros lugares, parece vir de uma mistura de fontes, de entre as quais a Península Ibérica (Espanha) figura com destaque. Outras peças podem vir da Anatólia e da Sardenha. Isto é de grande interesse, pois muitos dos tesouros de Israel datados de 1200–950 a. C. contêm prata ligada com cobre. Os autores de um estudo liderado por Tzilla Eshel, da Universidade de Haifa, dizem que esta diluição significará a hipótese de escassez de prata após o Colapso da Idade do Bronze Final, e por isso terá sido tão intensa a procura de novas fontes na Anatólia e no Mediterrâneo Ocidental, começando a ser importada em meados do século x a. C.²⁶⁶

A ideia de que os fenícios podem ter importado prata de Espanha já no século xi a. C., e certamente no século x a. C., não se baseia apenas em análises da origem da prata encontrada em tesouros da Idade do Ferro no Levante, como o de Dor, mas também em cerâmica fenícia encontrada em Huelva, Espanha, que alguns argumentam que data já do século xi. A descoberta e exploração de uma

nova fonte de prata em Espanha teria sido um grande acontecimento na altura. Mitchell Allen discutiu o tema na sua dissertação de 1977, na UCLA, afirmando que tal permitiu aos fenícios uma grande latitude, tornando-os ricos a ponto de estabelecerem colónias em todo o Mediterrâneo e especialmente para os ajudar a proteger de uma tomada dos assírios, apenas pagando tributo sempre que necessário.²⁶⁷

Além disso, o lugar próximo de Tell es-Samak, perto da moderna cidade de Haifa, produziu agora bons indícios da produção de corante roxo desde pelo menos o século X a. C. e continuando ao longo do século VII a. C. Os achados no local, escavado pela primeira vez nas décadas de 1960 e 1970, foram recentemente reexaminados, especialmente os numerosos cacos de cerâmica, que ainda estão manchados de roxo e azul por dentro. Golan Shalvi e Ayelet Gilboa, ambos da Universidade de Haifa, suspeitam que o lugar estava ativamente envolvido na indústria de corantes. Regra geral, nesses locais ou nas suas proximidades, encontramos apenas montes de conchas esmagadas de caracóis marinhos *murex*, que eram parte integrante do processo de fabrico, mas aqui, em Tell es-Samak, há amostras adicionais, como estes cacos de cerâmica, que podem ajudar a trazer luz adicional sobre os fenícios e a produção de corante roxo, inclusive nesta região do «sul da Fenícia».²⁶⁸

Se foram viajando para oeste até Espanha, os fenícios tiveram de fazer o percurso por etapas, incluindo paragens em Chipre e no Egeu, talvez atracando em locais portuários de Creta e da Grécia continental. Relevantes a este respeito são as importações fenícias que datam deste período e que foram encontradas em Chipre, especialmente em contextos de sepulturas no lado oeste da ilha, como Palaepaphos. Carol Bell sugeriu especificamente que os fenícios podem ter usado a zona oeste de Chipre como «ponto de partida para viagens para oeste». No entanto, neste momento existem poucos vestígios materiais no Egeu dos contactos fenícios durante o século XI a. C.²⁶⁹ Tal não significa que não acontecessem, especialmente se os navios fenícios fossem rumo mais a oeste, à Península Ibérica, mas vamos ter de esperar para ver o que nos reservam as futuras escavações.

Fenícios, Cipriotas e Gregos

Semelhanças entre a cerâmica grega local e a cerâmica escavada em Tiro na década de 1970 sugerem que foram especificamente os tírios quem iniciou

empreendimentos marítimos para o Egeu e mais para oeste no decurso do século X a. C.²⁷⁰ «Uma espécie de pré-colonização em pequena escala dos fenícios que viajaram no início da Idade do Ferro é agora considerada, muito provavelmente, como tendo acontecido no século X, quando a sua organização social e política mudou radicalmente», escreve Kourou, especialista em contactos fenícios e professora na Universidade de Atenas.

E continua: «O século X foi um período crucial para a Fenícia, pois foi a época em que o governante de Tiro, Hiram I, conseguiu juntar as cidades costeiras sob a sua liderança numa espécie de união comercial, embora não política. Hiram foi o primeiro a organizar a política comercial dos fenícios e a iniciar as suas viagens comerciais ao exterior via Mediterrâneo por volta do fim do século X.» De particular interesse é a declaração segundo a qual «[é] na verdade agora, ou seja, na segunda metade do século X, que tanto os fenícios como os gregos tentam de novo, depois do fim da Idade do Bronze, atravessar longas distâncias para o comércio»²⁷¹.

Eubeia, e especificamente Lefkandi, bem como Cnossos e Commos, em Creta, foram as regiões do Egeu que produziram os primeiros vestígios de artefactos fenícios até agora. Foi em Commos, na costa sul de Creta, que cerca de 200 ou quase 300 fragmentos de cerâmica fenícia (de acordo com vários relatos) foram encontrados no santuário grego. O santuário é datado já da segunda metade do século X (embora os fragmentos possam ser de tão tarde quanto o século IX, de acordo com as análises cerâmicas mais recentes).²⁷²

No decurso deste século, aumentaram em número os objetos fenícios encontrados em Creta e na Grécia continental. É relativamente a essa época que alguns estudiosos sugerem que esta região estava a ser usada como ponto de partida para os navios fenícios que se dirigiam muito mais para oeste, em direção a Cartago ou até Espanha. Outros estudiosos chegaram mesmo a sugerir que nessa altura eram os fenícios, no norte da Síria, ou outros emigrantes do Oriente Próximo, quem vivia em locais como Cnossos e Commos, em Creta, ou em Lefkandi ou Atenas, na Grécia continental.²⁷³

Em troca, há uma série de fragmentos gregos deste período que foram encontrados em vários locais no Levante, inclusive em Biblos, Tiro e Sarepta, bem como mais a sul, no atual território de Israel, incluindo em Tel Dor. Contudo, e nomeadamente através das amostras de Lefkandi, parece que os fenícios podem agora ter-se juntado aos cipriotas navegando para oeste e iniciando contactos sustentados com o Egeu e mais além. Objetos cipriotas e do

Oriente Próximo são quase sempre encontrados juntos em contextos do Egeu, como a tigela cipriota com uma inscrição fenícia no cemitério Tekke, em Cnossos, e fragmentos encontrados em Commos de cerâmica fenícia. Encontram-se também outras amostras cipriotas em Creta, em Fortetsa e no Cemitério Norte, em Cnossos.²⁷⁴

O século X é geralmente visto como uma continuação da fase de transição em Chipre, mas poucos estudos discutem este período de forma detalhada, uma vez que são raros os dados específicos disponíveis neste momento. Se for mencionado de todo, de um modo geral, é em sintonia com os desenvolvimentos verificados no século XI que vimos acima e que definem o palco das mudanças que virão no século VIII a. C., ou especificamente em termos de amostras mortuárias de vários cemitérios.²⁷⁵

Reis de Biblos e Tiro

Não sabemos os nomes de nenhum dos governantes de Chipre deste período, além da menção literária à rainha (ou princesa) Hatiba na «História de Unamon», mas temos inscrições que revelam nomes de seis reis de Biblos que governaram no século X e no início do século IX a. C.: Airão, Etbaal, Yehimilk, Abibaal, Eli-ba'al e Shipitbaal.²⁷⁶ Na verdade, de todas as cidades fenícias, talvez Biblos seja aquela relativamente à qual sabemos mais sobre os seus governantes durante o século X a. C.

Biblos há muito que era ativa no cenário internacional. De volta ao início do século XIV a. C., foram enviadas dezenas de cartas pelo seu rei, Rib-Hadda, tendo como destinatários os faraós Amenófis III e o seu filho Aquenáton, e foram mantidas nos arquivos em Amarna, no Egito, onde foram descobertas em 1887.²⁷⁷ Biblos foi também o destino de Unamon *ca.* 1075 a. C., quando era governado por Tjekkerbaal (também conhecido como Zakarbaal).

Agora temos estes seis nomes adicionais, que nos chegam de inscrições deixadas pelos próprios governantes de Biblos. Como um grupo, são conhecidos e debatidos por estudiosos há mais de um século. Em cada caso, sabemos o nome do rei e, depois, a sua ascendência uma ou duas gerações. Por exemplo, conhecemos o rei chamado Airão e o seu filho Etbaal através de uma inscrição esculpida na tampa de um sarcófago que Etbaal fez para Airão quando este morreu. Isto foi descoberto há cem anos, em 1922, quando um deslizamento de terras revelou o cemitério real de Biblos. Além de identificar o falecido rei, e

dando-se crédito ao seu filho por ter feito o sarcófago, lê-se a maldição incluída na inscrição: «O sarcófago que Etbaal, filho de Airão, rei de Biblos, fez em honra de Airão, seu pai, quando o dispôs na sua eternidade. E se um rei entre reis, ou um governador entre governadores, ou um comandante de um exército vier a Biblos e descobrir este sarcófago, que o cetro do seu governo seja arrancado, que o trono do seu reino seja derrubado e que o resto fuja de Biblos. E, quanto a ele, que os seus registos reais sejam apagados desde antes de Biblos.»²⁷⁸



FIG. 8. Sarcófago de Airão com inscrição fenícia. Fotografia cortesia da Biblioteca do Congresso, Coleção Fotográfica de G. Eric e Edith Matson, matpc.03491.

Infelizmente, não há ligação especificamente conhecida entre estes dois reis e os quatro seguintes. No entanto, com base no estilo das cartas usado nas várias inscrições, pensa-se que estes dois sejam os primeiros da nossa lista conhecida de reis, tendo governado entre *ca.* 1000 a. C. e 975 a. C., respetivamente.²⁷⁹

Três dos outros quatro reis são mencionados numa inscrição «encontrada perto do muro associado à acrópole de Biblos» e publicada em 1945. Conhecida como «Inscrição de Shipitbaal», diz: «A parede que Shipitbaal, rei de Biblos, filho de Elibaal, rei de Biblos, filho de Yehimilk, rei de Biblos, construiu em honra de Baalat de Biblos, seu senhor. Que Baalat de Biblos prolongue os dias

de Shipitbaal e os seus anos em Biblos.» Por isso, temos a sequência de uma geração de três governantes, começando com Yehimilk, depois, com o seu filho Elibaal, seguido do neto Shipitbaal. Sugere-se que governaram na segunda metade do século X a. C.²⁸⁰

Esta ordem de reis é confirmada por outra inscrição encontrada em Biblos, esculpida no tronco de um busto do faraó egípcio Osocor I, que no Capítulo Um se disse ter governado o Egito *ca.* 924–889 a. C. Publicada pela primeira vez em 1925 e conhecida como «Inscrição de Elibaal», diz: «[A estátua] que Elibaal, rei de Biblos, filho de Yehi [rei do leite de Biblos] feito em honra de Baalat de Biblos, seu senhor. Que Baalat [de Biblos] prolongue [os dias de] Elibaal e os seus anos em [Biblos].» Isto não só nos dá as duas gerações sequenciais de Yehimilk, a quem sucedeu o seu filho Elibaal, mas também nos diz que este último governou aproximadamente ao mesmo tempo que Osocor I, e dá-nos também as datas aproximadas de Elibaal. Recebemos o presente adicional da revelação do nome de uma das divindades de Biblos, Baalat, que é mencionada em ambas as inscrições.²⁸¹



FIG. 9. Faraó Osocor I com inscrição de Elibaal, de Biblos. Fotografia cortesia de Rama via Wikimedia Commons.

Também temos uma inscrição, deixada por Yehimilk, que regista a sua construção de um templo em Biblos e que nos dá informações adicionais sobre os deuses e deusas do dia. A inscrição de Yehimilk foi publicada pela primeira vez em 1930 e diz: «O templo [literalmente, “casa”] que Yehimilk, rei de Biblos, construiu. Ele restaurou todos os templos caídos. Que Baal-Shamin e Baalat de Biblos e a Assembleia dos Santos Deuses de Biblos prolongue os dias de Yehimilk e os seus anos em Biblos, porque o justo e único rei diante dos Santos Deuses de Biblos ele é.»²⁸²

Finalmente, temos também a «Inscrição de Abibaal», encontrada inscrita numa estátua do faraó Sisaque I, pai de Osocor, que governou no Egito *ca.* 945–924 a. C., também referida no Capítulo Um. Se as restaurações nas partes que faltam desta inscrição estão corretas, parece que Yehimilk teve ainda outro

filho, Abibaal, que também afirmou ter-lhe sucedido no trono. Publicada pela primeira vez em 1903, a inscrição diz: «[A estátua que] Abibaal, rei de [Biblos, filho do rei Yehimilk] de Biblos trazido do Egito para Baalat [de Biblos, seu senhor. Que Ba'alat de Biblos prolongue os dias de Abibaal e os seus anos] sobre Biblos.» Tal como no caso da «Inscrição de Elibaal» na estátua de Osocor I, a inscrição de Abibaal na estátua de Sisaque I talvez no dê as datas aproximadas do governo de Abibaal.²⁸³

À primeira vista, as inscrições destes governantes sem rosto não parecem indicar muito além da sua genealogia, mas, na verdade, é extremamente útil ter tanta informação, especialmente porque nos mostra que governo, por um conjunto hereditário de dinastias, continuou na Idade do Ferro em Biblos. Infelizmente (ainda) não temos uma lista de governantes contemporâneos para Tiro disponível através de achados arqueológicos, mas sabemos de Hirão de Tiro, discutido no Capítulo Um e mencionado novamente há apenas algumas páginas, terá provavelmente governado *ca.* 970–936 a. C. Também há outros que são referidos mais tarde por autores gregos e romanos. De acordo com o historiador romano Flávio Josefo, por exemplo, que escreveu a meio do século I d. C., os sucessores de Hirão que governaram Tiro foram Baal-Ma'zer [Baal-Azor] e Abdi-Aštar [Abdastratus], ambos em finais do século X, como acima mencionado. Foram seguidos por um usurpador chamado Methusastratos e depois por Iš-Aštar e Aštar(t)-imn, no início do século IX a. C., se pudermos confiar no que Josefo diz.²⁸⁴

*

A Bíblia também nos pode dizer o nome de outro rei que governava Tiro aproximadamente nesta época, pois o relato bíblico fala de um rei de Tiro chamado Etbaal, que governou no início e em meados do século IX a. C., depois dos seus antecessores Iš-Aštar e Aštar(t)-imn. Deve ter-se cuidado e não confundir este rei com o anterior rei de Biblos com o mesmo nome, acabado de mencionar, que governou no início do século X, imediatamente depois do seu pai, Airão.²⁸⁵

De acordo com o relato de 1 Reis 16:29–32, Etbaal de Tiro criou uma aliança com Omri, rei do Reino do Norte de Israel (que governou *ca.* 884–873 a. C.), e deu a filha, a infame Jezabel, em casamento com Acabe, filho de Omri (que governou por volta de 871–852 a. C.). A filha destes, Atalia, por sua vez, casou-

se com o rei Jeorão de Judá (2 Reis 8:16–18). Jezabel praticava ativamente a religião politeísta de Tiro (e Biblos) na monoteísta Israel e isso é notoriamente confirmado pelas passagens bíblicas que descrevem a batalha entre os sacerdotes de Baal e os sacerdotes israelitas no monte Carmelo (1 Reis 18–19, 21; 2 Reis 9).²⁸⁶

Quanto a Omri, com quem nos encontrámos brevemente no final do Capítulo Um, no seu reinado, estabeleceu a capital do reino do norte de Israel no lugar de Samaria (mais tarde renomeada Sebastia por Herodes, *o Grande*), agora localizada na Cisjordânia, a noroeste de Nablus. Aqui, construiu um palácio, mais tarde concluído pelo seu filho Acabe, que durou cerca de um século e meio, até à destruição final da cidade e à assimilação do reino no Império Neoassírio *ca.* 720 a. C.

O lugar e o seu palácio foram escavados pela primeira vez por uma equipa americana de arqueólogos liderada por George Reisner, da Universidade de Harvard, de 1908 a 1910. Posteriormente, a chamada Expedição Conjunta, liderada pelo arqueólogo britânico John Crowfoot, envolvendo arqueólogos britânicos da Escola de Arqueologia de Jerusalém, do Fundo de Exploração da Palestina e da Universidade Hebraica de Jerusalém, escavou o local entre 1931 e 1935. Um dos elementos desta última expedição era a jovem Kathleen Kenyon, que alcançaria a fama por mérito próprio como a escavadora de Jericó e Jerusalém várias décadas mais tarde. Nas ruínas do palácio, foi encontrado um vaso de alabastro com a cartela de Osocor II, já acima mencionado, bem como aproximadamente mil objetos de marfim, geralmente chamados marfins de Samaria. Estes datam tanto dos séculos IX como VIII e estão, na sua maioria, expostos no Museu de Israel, em Jerusalém.²⁸⁷

*

Etbaal de Tiro também recebe créditos de Josefo (que o trata como Ithobaal) como o primeiro rei fenício a estabelecer colónias noutras partes do Mediterrâneo, incluindo em Kition, em Chipre. Na verdade, como vários estudiosos apontaram, a arqueologia parece confirmar que Kition é a primeira colónia fenícia na ilha, embora os seus habitantes não tenham deixado muitos vestígios para trás.²⁸⁸

Por outro lado, vestígios arqueológicos tanto na Sardenha como em Espanha, incluindo em Huelva, também estabeleceram que parece ter havido uma

presença fenícia permanente naquelas regiões no início do século IX a. C. (em oposição aos contactos comerciais anteriores mais efémeros nos séculos referidos acima), talvez em resposta à necessidade contínua da prata daquelas zonas. Foi ali que também se encontrou a conhecida, e muito debatida, inscrição fenícia do lugar de Nora, na Sardenha, encontrada há muito tempo, em 1773. Provavelmente celebra a construção de um templo naquele local e pode datar do fim do século IX a. C.²⁸⁹

Josefo também afirma que Etbaal estabeleceu uma dinastia que governou Tiro no século seguinte. Embora não possamos ter certeza de que o dito seja preciso e confiável, Josefo elenca os sucessores de Etbaal como Baal-ma'zer [Baal-Azor] II, Mattan I e Pummayon [Pigmalião], tendo governado entre meados do século IX e inícios do século VIII a. C. Uma inscrição neoassíria do rei Salmaneser III, que vimos no Capítulo Dois, afirma especificamente que, no seu 18.º ano de reinado (841 a. C.), recebeu tributo de «Ba'ali-manzer de Tiro». Este deveria ser o mesmo rei de Josefo, Baal-Ma'zer, e dá-nos mais detalhes do que simplesmente os «Tírios e Sidónios» que são mais comumente apontados nas várias inscrições de Salmaneser. Como reportou Nadav Na'aman, da Universidade de Telavive, isto também nos dá mais confiança na precisão da lista de Josefo, visto que a lista de Salmaneser é contemporânea do período deste rei de Tiro e (presumivelmente) uma fonte independente.²⁹⁰

Um aparte interessante: de acordo com a tradição romana muito mais tardia, na qual se inclui Josefo, bem como os poetas Ovídio e Virgílio (veja-se a sua *Eneida*), foi supostamente a irmã de Pigmalião, Elissa (também conhecida como Dido), que fugiu de Tiro depois de Pigmalião lhe ter matado o marido; posteriormente, ela fundou a cidade de Cartago, onde hoje é o norte de África, ca. 814 a. C. Embora isto possa ser não mais do que um mito ou lenda basilar, os vestígios arqueológicos em Cartago sugerem uma data de fundação durante o final do século IX (ca. 835–800 a. C.).²⁹¹

Esta lenda também foi associada a uma descoberta acidental recente feita pelo submarino de pesquisa nuclear dos EUA *NR-1*, em 1997, enquanto procurava o *Dakar*, um submarino israelita perdido na década de 1960. Embora a tripulação não tenha conseguido encontrar o *Dakar*, descobriu os restos de dois navios da Idade do Ferro que datam do século VIII a. C.; ambos haviam fundeado a pouco mais de 30 milhas da costa da Faixa de Gaza e agora estavam 400 metros abaixo da superfície do Mediterrâneo.²⁹²

Foi em 1999 que Bob Ballard, talvez mais conhecido como o descobridor do

Titanic, e Larry Stager, que era então professor em Harvard e diretor das escavações no local de Ascalão, regressaram à zona para explorar mais um pouco os dois navios, chamados *Tanit* e *Elissa*, como parte do «Projeto do Mar Profundo de Ascalão». Com recurso a um veículo operado remotamente conhecido como *Medeia/Jasão*, foram capazes de digitalizar e mapear tanto o *Tanit* como o *Elissa*, registando centenas de ânforas no fundo do mar em ambos os locais — foram avistadas 385 ânforas perto dos restos do *Tanit* e 396 puderam ser vistas no local do *Elissa*. Provavelmente, o *Tanit* teria cerca de 14 metros de comprimento por 6,5 metros de largura, enquanto o *Elissa* seria só um pouco maior, medindo cerca de 14,5 metros de comprimento por cerca de sete de largura.

Para recolher amostras e testar alguns dos vestígios arqueológicos, a equipa trouxe 16 ânforas do *Tanit* e oito do *Elissa*, além de outros tipos de cerâmica, como panelas e tigelas. Todas as ânforas puderam ser facilmente identificadas como fenícias, produzidas «numa ou em mais cidades portuárias fenícias», e datadas, tendo em conta os motivos estilísticos, de *ca.* 750 a. C. No seu artigo subsequente, publicado no *American Journal of Archaeology* em 2002, Ballard e Stager invocaram *Elissa* (Dido) e «Pumiyaton» (Pummayon [Pigmalião]) nas suas discussões, levantando a hipótese de os navios poderem navegar de Ascalão para o Egito e daí para a recém-fundada colónia fenícia de Cartago.

Contactos Continuados nos Séculos IX e VIII a. C.

Quanto a Chipre, as suas exportações continuaram a chegar ao Egeu no século IX, variando de facas de ferro a contas douradas e a um diadema, particularmente em locais cretenses como Cnossos, Commos e Eleuterna. Segundo Nota Kourou, «em meados do século IX, as comunicações regulares no Mediterrâneo recuperaram totalmente e várias redes cipriotas e cipro-levantinas estavam ativas em Creta»²⁹³.

Também observou que, depois do final do século IX em diante, as visitas cipriotas para Creta tornaram-se mais regulares e que o número de importações cipriotas cresceu. Isto, diz, também «coincide com o início das viagens regulares da civilização fenícia no Mediterrâneo Central e no estabelecimento de Cartago. Assim se explicaria o aumento repentino das importações fenícias em Creta também nesta época, já que Creta estaria nesta rota comercial, e que já poderia haver «algumas redes cipro-fenícias comuns ativas na Creta Geométrica

naquela época»²⁹⁴.

Ao mesmo tempo, porém, os objetos cipriotas diminuíram na Grécia continental, embora os do Oriente Próximo continuassem a aparecer em numerosos locais gregos, incluindo objetos que vão desde tigelas de bronze até faianças ou a objetos feitos de ouro e marfim. Pode ter-se dado o caso de os fenícios terem assumido as rotas para a Grécia continental neste ponto e bloqueado o comércio por parte dos cipriotas, como já foi sugerido, mas isso parece estranho, na medida em que o comércio simultâneo com Creta obviamente não foi bloqueado. Seja como for, Crielaard observa que foi só então, «nos séculos IX e especialmente VIII a. C., que o intercâmbio inter-regional [mais uma vez] atingiu um nível de complexidade que poderia ser comparado ao da Idade do Bronze Final»²⁹⁵.

*

Como sabemos, e conforme enfatizado ao longo do livro anterior, *1177 a. C.*, a seca desempenhou provavelmente um papel significativo no Colapso da Idade do Bronze Final. Todavia, a seca parece ter finalmente chegado ao fim em todas estas zonas, em Chipre e em todo o Mediterrâneo Oriental, em meados do século IX, e podemos olhar para isso como uma possível razão para este período de intercâmbio renovado. As condições áridas, às quais as populações foram forçadas a adaptar-se ao longo dos últimos séculos, acabaram por ser substituídas por condições mais quentes e húmidas que durariam o resto da Idade do Ferro, situação que pode ter ajudado ao rejuvenescimento das sociedades. Há pesquisas arqueológicas que indicam, por exemplo, que, desde o final do século IX em diante, são evidentes as novas povoações e repovoamentos de regiões até então abandonadas em Chipre, o que reflete, sem dúvida, novos tipos de uso da terra e o envolvimento com as condições climáticas em mudança.²⁹⁶

A produção significativa de cobre foi posteriormente retomada em Chipre no decurso do século VIII a. C. Foi também neste período, se não mesmo um pouco antes, que a maioria das importantes cidades de Chipre foram estabelecidas, restabelecidas ou remetidas para primeiro plano, talvez como novas formações sociopolíticas, como alguns sugeriram, e que durariam até ao século IV a. C. ou mais além. Estas incluem os sete reinos cipriotas, cujos reis são mencionados numa estela instalada em Kition pelo rei neoassírio Sargão II no fim do século

VIII (cerca de 709 a. C.), e os dez reinos cipriotas nomeados num prisma de argila do rei neoassírio Assaradão, perto do início do século VII (cerca de 674 a. C.).²⁹⁷

Foi nessa data mais tardia que Chipre foi incorporado no Império Neoassírio, embora não haja dados que apontem o facto de ter realmente sido conquistada fisicamente. A ilha continuaria a prosperar até e durante o período romano como um importante fornecedor de cobre, que manteve a procura ao longo dos séculos.

Breve Resumo

Tanto os cipriotas como os fenícios provaram ser resilientes e inovadores nos séculos que se seguiram ao Colapso da Idade do Bronze Final. Os fenícios aproveitaram especialmente o saque de Ugarite e de outras cidades portuárias para conquistar o controlo das rotas comerciais através do Mediterrâneo, espalhando a sua versão do alfabeto e trocando bens comerciais como o corante roxo para a prata e outros metais vindos de lugares tão distantes como a Sicília, a Sardenha e a Península Ibérica. Os cipriotas fizeram o mesmo e espalharam os produtos e a tecnologia do ferro tanto para leste como para oeste. Juntos, diria eu, foram as duas sociedades que resistiram à transformação para o novo normal com mais sucesso; ambas podiam até ser rotuladas como antifrágeis, prosperando no caos que se seguiu ao Colapso. No entanto, o mesmo não pode ser dito dos hititas da Anatólia Central, como ficará claro no capítulo que se segue.

Estou em dívida para com Brien Garnand e Chris Rollston por estes pontos (comunicação pessoal, 10 e 12 de julho de 2022); ver, agora e também, López-Ruiz 2022: 37.

Hdt. 2.49, 5.57–58; tradução segundo A. D. Godley, 1920. Ver também Flávio Josefo, *Contra Apion* 1.6; Tácito, *Os Anais*, XI.14. Ver, por exemplo, Bourogiannis 2018b: 236; Elayi 2018: 96; mais recentemente, Rollston 2019: 384–85; Bendall e West 2020: 67–68. Ver também Quinn 2018a: xv; López-Ruiz 2021: 234–36.

Diodoro Siculus, Bib. hist. 3.67.1; tradução segundo Oldfather 1933. Ver, mais uma vez, Bourogiannis 2018b: 236; Rollston 2019: 384–85; Sader 2019b: 151–55, 268–69.

Diodoro Siculus, Bib. hist. 5.74.1; tradução segundo C. H. Oldfather. Ver, mais uma vez, Bourogiannis 2018b: 236; Rollston 2019: 384–85.

Estou em dívida para com Chris Rollston pelas suas ideias sobre estes pontos (comunicação pessoal, 12 de julho de 2022); ele observa que o hebraico e o aramaico (e línguas relacionadas) tinham um sistema incipiente de marcação de vogais longas, mas não de vogais curtas. Sobre a padronização do alfabeto pelos fenícios antes da sua difusão pelo Mediterrâneo, e a sua relativa facilidade de utilização, ver agora Rollston 2016: 276, 278, 2019: 374–78, 384–85, 2020: 76; ver também Liverani 2014: 390–91; Bourogiannis 2018b: 236, 238, 241, 2021: 100; Elayi 2018: 96; Sader 2019b: 151–55, 315; Steele 2020: 260, 263–

65; López-Ruiz 2021: 228–29. O alfabeto fenício foi decifrado já em 1758; ver Quinn 2018a: 17.

Estrabão XVI.2.23; tradução segundo H. L. Jones, 1932. Para uma visão global e/ou discussões sobre os fenícios nas últimas décadas, ver Aubet 1993 (rev. 2001); Markoe 2000; Niemeyer 2006; e, mais recentemente, Elayi 2018; Monroe 2018; Quinn 2018a, 2018b, 2019; Edrey 2019; Killebrew 2019; Sader 2019a, 2019b: 1, 251, 296–97, 315–16; López-Ruiz 2021; Regev 2021; ver também, anteriormente, Katzenstein 1973. Ver também menções mais breves em Aubet 2008: 182; Broodbank 2013: 449; Liverani 2014: 420–21, 423; Bell 2016: 91–92, 101; Rollston 2016: 267; Bourogiannis 2018a: 43–44; Knodell 2021: 181–83; anteriormente, Kuhrt 1995: 402–3.

Sobre os fenícios e o corante púrpura em geral, e sobre a utilização anterior e a utilização no Egeu e no Oriente Próximo, ver, por exemplo, Sader 2019b: 296–300, 315–16, com referências anteriores, incluindo Reese 1987, 2010; ver também Stieglitz 1994. Ver, agora e também, Veropoulidou, Andreou e Kotsakis 2008; Veropoulidou 2014; Apostolakou *et al.* 2016; López-Ruiz 2021: 291–92; Gambash, Pestarino e Friesem 2022.

Monroe 2018: 234; Quinn 2018b, também 2018a: xv, xviii, xxii–xxiv, 25–26, e *passim*, 2019: 672; Edrey 2019: 4, 205; Sader 2019b: 1–3; Hodos 2020: 60–61; Regev 2021: 5–6, 8–9, 14; Gilboa 2022: 32–33; J. F. Osborne e Hall 2022: 15; López-Ruiz 2022: 28; anteriormente, *e.g.*, Sherratt 1994: 82; Aubet 2001: 6–13. Para exemplos de Homero e dos fenícios, ver, por exemplo, Sherratt 1994: 82n34, 2010; Quinn 2018a: 48–49; Bendall e West 2020: 68; Sherratt 2020: 198; Regev 2021: 13; anteriormente, Kuhrt 1995: 403; Winter 1995. Ver também, por exemplo, Bourogiannis 2018a: 46–47 (com referências anteriores), que cita uma variedade de passagens da *Ilíada* e da *Odisseia*, incluindo Il. 6.289–92, 23.741–45; Od. 4.83–84, 4.615–19, 13.272–86, 14.285–301, 15.415–25, 15.446, 15.450–56, e 15.461–83.

Markoe 2000: 14–15; Aubet 2001: 16, 25, 2008: 182; Bell 2006: 113, 2016: 92 (que cita Lehmann 2008); Sherratt 2010: 122–26, 2019: 129; Abulafia 2011: 64; Broodbank 2013: 449; Liverani 2014: 420; Quinn *et al.* 2014; Rollston 2016: 267; Fales 2017: 208; Bourogiannis 2018a: 44–47; Monroe 2018: 263; Quinn 2018a: 16, 2018b; Edrey 2019: 5, 14–15, 20, 205–6, 222; Bunnens 2019b: 58, 60; Ilieva 2019: 66–67; Killebrew 2019; Lehmann 2019: 466, 2021: 272–73; Sader 2019a: 125, 2019b: xii–xiv, 1–3, 6, 8–11, 313–14; Garnand 2020: 140, 144; Manolova 2020: 1198–200; López-Ruiz 2021: 9–11, 15–17, 2022: 31; Regev 2021: 5–7; Gilboa 2022: 31–32; S. P. Morris 2022: 100. Ver também Charaf 2020–21 sobre as escavações em Tell Arqa, no Líbano, e as breves discussões que abrangem todo o Levante durante a Idade do Ferro I em Welton e Charaf 2019–20, 2020–21.

Por exemplo, Bell 2006: 92, 99, 113; Abulafia 2011: 65–66; Liverani 2014: 420; Edrey 2019: 218–20, 223; Ilieva 2019: 66; Sader 2019b: 4; López-Ruiz 2021: 17, 80, 283–84; Gilboa 2022: 36; ver também, anteriormente, por exemplo, Aubet 2001: 25.

Bell 2006: 113. Ver também, *e.g.*, Sherratt e Sherratt 1993: 364–65; Bikai 1994: 34; Bell 2006: 94; Fletcher 2012: 212–13, com referências anteriores; Bourogiannis 2013: 141–42, 2018a: 47; Bunnens 2019b: 60, 70; Edrey 2019: 207; Manolova 2020: 1200.

Monroe 2018: 260.

Ver Taleb 2007, 2014: 3, 5, 17, 31–32. Parece especialmente adequado que aqui se invoque o termo «antifrágil», uma vez que Taleb — que nasceu no Líbano — se refere ao «comerciante fenício em mim (ou, mais exatamente, o cananeu)»; ver Taleb 2014: 17. Ver discussão sobre Taleb e «cisnes negros», anteriormente, em Cline 2021.

Sobre a canela, ver Namdar *et al.* 2013; Finkelstein, Weiner e Boaretto 2015: 200; Gilboa e Namdar 2015; Finkelstein 2016: 119–20 e fig. 3; Regev 2021: 49, 133. Estes contactos podem ter envolvido também os filisteus, uma vez que foram agora encontradas provas da importação de bananas em Tell Erani; ver A. Scott *et al.* 2020. Sobre os achados em Safi, ver agora Maeir 2022b, c. Para uma visão geral muito importante sobre esse comércio, ver Maeir, no prelo.

Ver, por exemplo, o catálogo em Sherratt 1994: 86–88, que atualiza os catálogos originais, em Waldbaum

1978, 1982 e Desborough 1972: 119. Ver, agora e também, Muhly e Kassianidou 2012: 125–26, 134–35; Kassianidou 2014: 264–65; Georgiou e Iacovou 2020: 1145; também, anteriormente, Crielaard 1998: 191.

Ver Karageorghis 1994: 4–5; Sherratt 1994: 60–61, 65–66, 83–85, 2003: 43–44, 47–48, 2015: 77; também Snodgrass 1983: 285–94, 1994: 167–68; R. Osborne 1996: 25–27; Crielaard 1998: 191; Iacovou 2008: 641–42, 2012: 211–12, 2014c: 799, 801; Kassianidou 2012: 237–39, 2014: 264–67; Muhly e Kassianidou 2012: 124, 134–35, com referências anteriores; Broodbank 2013: 451; Georgiou e Iacovou 2020: 1144–45; também Papadopoulos e Smithson 2017: 976–78. Ver, no entanto, Schachner 2020b: 1121, para uma breve discussão de uma sugestão alternativa de que a tecnologia poderia ter sido desenvolvida na região próxima do lago Van nos séculos XI e X a. C. Alguns acadêmicos sugeriram que os fenícios podem também ter facilitado a disseminação da tecnologia do ferro, talvez como agentes adicionais que trouxeram esses objetos para o Egeu; ver Bell 2016: 101; Fales 2017: 249–50, 260; Erb-Satullo 2019: 567, com referências anteriores; também, brevemente, Johnston e Kaufman 2019: 408.

Por exemplo, Estrabão, *Geografia* XII.3.19; Xenofonte, *Anabasis* V.v.1; Apolônio, *Argonáutica* II, 1002–8. Ver também discussões em, por exemplo, Waldbaum 1978; Bryer 1982; Muhly *et al.* 1985: 74; Kostoglou 2010; Bebermeier *et al.* 2016; Erb-Satullo, Gilmour e Khakhutaishvili 2020.

Ver discussões, todas com referências, em, por exemplo, Snodgrass 1967: 36; Muhly *et al.* 1985: 70–71; Sherratt 1994: 64–65; Cordani 2016; Hodos 2020: 37. Sobre o punhal com lâmina de ferro no túmulo de Tutankhamon, ver, agora, Comelli *et al.* 2016; Matsui *et al.* 2022.

Ver, por exemplo, Snodgrass 1971: 237–39; I. Morris 1989: 503; Bell 2006: 110; Chew 2007: 103–4; Kassianidou 2014: 262; atualmente, Papadopoulos e Smithson 2017: 976, reiterando os argumentos em resumo. Novos estudos mostram agora que cerca de um terço do estanho encontrado no naufrágio de Uluburun, que ocorreu por volta de 1300 a. C., provinha de fontes do Uzbequistão e do Tajiquistão, e que o restante veio de fontes na Anatólia; ver Powell, Johnson *et al.* 2021; Powell, Frachetti *et al.* 2022.

Ver Oates 1979: 104, que cita um trabalho não publicado de Snodgrass; também Snodgrass 1971: 237–39, 1980: 348–49, 368–69, 1994: 167–68; Muhly 1980: 47, 53; Waldbaum 1980: 82–83, 90–91; Wertime 1980: 1; Karageorghis 1994: 4; Chew 2007: 103–4. Ver também as resenhas de Waldbaum 1999; Kostoglou 2010; Enverova 2012: 25–27; e Erb-Satullo 2019: esp. 580–81.

Kassianidou 2014: 265–67. Ver também Muhly e Kassianidou 2012: 134; Erb-Satullo 2019: 558, 566–68, 572–74, 580–83, 593; também Papadopoulos e Smithson 2017: 976–78. Ver, anteriormente, *i.e.*, I. Morris 1989; Muhly 1992: 17–18; Sherratt 2000: 82–83; Dickinson 2006a: 144–45; Eliyahu-Behar *et al.* 2012: 55, 2013: 4319; Enverova 2012: 25; Kassianidou 2013: 69, 71; Yahalom-Mack e Eliyahu-Behar 2015; Murray 2017: 174–75, 261–63; Eliyahu-Behar e Yahalom-Mack 2018: 447; Knodell 2021: 171–72.

Erb-Satullo 2019: 557–58, 574, 582–83, com referências; anteriormente, *e.g.*, Snodgrass 1980: 336–37; I. Morris 1989: 502–6; Karageorghis 1994: 5; Sherratt 1994: 59, 2000: 82–83; Chew 2007: 101; Muhly e Kassianidou 2012: 124, 135; ver, agora e também, Johnston e Kaufman 2019: 408, sobre os fenícios, Chipre e a disseminação da tecnologia do ferro.

Muhly e Kassianidou 2012: 124, 135, com referências anteriores; ver também Kassianidou 2012: 231, 239–40, 2013: 52; Knodell 2021: 171–72; anteriormente, *e.g.*, Snodgrass 1971: 214–15, 1994: 168; Karageorghis 1994: 4–5; Sherratt 1994: 62, 66, 2015: 77; Enverova 2012: 73–74; Broodbank 2013: 451. Snodgrass 1971: 217–19, 229, 1994: 167–68; Karageorghis 1994: 4–5; Sherratt 1994: 60–62, 68–75, e app. 1, 2016: 295–97; Dickinson 2006a: 146–47; Iacovou 2008: 641–42, 2012: 211–12, 2014b: 670, 2014c: 799, 801–2; Enverova 2012: 75–78, 81, 89–90; Kassianidou 2012: 237–39; Muhly e Kassianidou 2012: 125–26, 134–35, com referências anteriores; Broodbank 2013: 450–51; Kearns 2015: 37–38; Wallace 2018: 393; Georgiou e Iacovou 2020: 1145; Knodell 2021: 172–73. Sobre possíveis rotas comerciais entre Chipre e a Sardenha, ver, por exemplo, Blake 2014: 104; Saltini Semerari 2017: 553–54; Sabatini e Lo Schiavo 2020.

Sobre os problemas que afetam a cultura Terramare, ver, anteriormente, Cline 2021: 153, citando Kristiansen 2018: 100–103. Ver, agora e também, Cardarelli 2009; Palmisano, Bevan e Shennan 2017; Dalla Longa 2019; Cupitò, Dalla Longa e Balista 2020; Palmisano, Bevan *et al.* 2021; Parkinson *et al.* 2021; Molloy 2022: 36–37, 45, 47 (versão *online*). Na Sardenha e no final das estruturas de construção *nuraghe* (que alguns veem como continuando até *ca.* 900 a. C.), ver, por exemplo, Tronchetti 2014; Gonzalez 2018: 54–55; Bernardini 2020.

Bell 2006: 113; ver também Bell 2009: 38; Bourogiannis 2018a: 50–51.

Ver, por exemplo, Muhly 1992: 11–12, 14, 19; Sherratt 1992: 327–28; H. W. Catling 1994: 133–36; Deger-Jalkotzy 1994: 16, 20; Iacovou 2002: 84–85, 2006a: 325–27, 2006b: 34–35, 2007: 465–66, 2014c: 661; Janes 2010: 127–28; Georgiou 2011: 109–10, 118–22, 125, 2015: 133–35, 138, 2017: 207, 210–11, 217, 219; Cline 2021: 127–30, com referências relevantes; Knapp e Meyer 2020: 237–38.

Ver Iacovou 2006a: 326–27, 2007: 461–62; também Georgiou 2011: 125; mas ver, contra, Rupp 1987, 1988, 1989, que tendia a ver a situação de forma um pouco diferente (pelo menos nos anos 1980). Para uma abordagem recente dos debates em torno da continuidade, ver, por exemplo, Knapp e Meyer 2020; Kearns 2022: 113–19, 130–50. Estou em dívida para com esta última pelas suas reflexões sobre o assunto (com. de 2 de março de 2023).

Ver, por exemplo, Muhly 1992: 14, com referências anteriores; Coldstream 1994: 144–46, mas posteriormente as discussões em Iacovou 2005a: 128–29, 2012: 207–12, 217, 2013: 17, 2014a: 103–4, 107, 2014c: 798; Karageorghis 1994: 1–2, 6; também Voskos e Knapp 2008: 659–65, 673, 676–79; Janes 2010: 128–32, 2014: 571; Georgiou 2011: 123–24; Counts e Iacovou 2013: 10–11; Knapp 2014: 39–43; Sherratt 2015: 72–75.

Estou grato a Brien Garnand por me ter recordado este facto (comunicação pessoal, 10 de julho de 2022).

Ver Kaniewski, Van Campo *et al.* 2013; Cline 2021: 159; anteriormente, Sherratt 2003: 51–52. Sobre Encomi e Salamis, ver, por exemplo, Iacovou 2005b: 25–27; Kourou 2019.

Sobre o abandono de Kalavassos-Ayios Dhimitrios, Maroni-Vournes e outros locais, ver Iacovou 2007: 465–66, 2008: 631, 2012: 216, 2013: 25–26, 2014b: 662–63. Ver também Georgiou 2011: 116–17, 2015: 131, 2017: 210; Kassianidou 2014: 264; Georgiou e Iacovou 2020: 1142–43; Knapp e Meyer 2020: 238.

Sobre Idalion, ver, por exemplo, Georgiou 2011: 117–18, 2015: 132–33, 2017: 209–10; Iacovou 2005b: 31. Relativamente a Amathus, Kition, Paphos e outras cidades, ver, por exemplo, Iacovou 1994: 155–56, 2005b: 28–29, 31–34, 2008: 638, 2013: 26; Satraki 2012: 267–73; Janes 2013: 154, 158; Georgiou 2017: 210. Sobre o abandono de Hala Sultan Tekke e Encomi, bem como as continuações em Kition e Pafos, ver Iacovou 1994: 153–54, 2005a: 130, 2006a: 325–26, 2006b: 35–36, 2007: 466–67, 2008: 635, 637, 2012: 217–18, 2013: 25–26, 28, 2014b: 664–65, 667; também Sherratt 1992: 328–29; Smith 2008: 274–75; Georgiou 2011: 116–17, 2015: 131–34, 2017: 209, 222; Satraki 2012: 264, 270; Janes 2013: 155, 2014: 572, 574, 579; Kassianidou 2014: 265; Georgiou e Iacovou 2020: 1142–43; Hodos 2020: 41; Knapp e Meyer 2020: 238. Ver, agora e também, Petit 2019.

Karageorghis 1983: 59–76, ver também apêndice 4. Para discussões subsequentes, ver, por exemplo, Sherratt 1992: 329; Deger-Jalkotzy 1994: 11; Iacovou 2006b: 38, 2008: 633; Voskos e Knapp 2008: 674–75; Satraki 2012: 268; Janes 2013: 146–47; Knapp 2014: 41; Kearns 2015: 29, fig. 1.4; Georgiou e Iacovou 2020: 1147; Steele 2020: 256–57 e fig. 2.6.2; López-Ruiz 2021: 252–53, 270–71.

Sobre estes mitos de fundação, ver especialmente Iacovou 2006a: 328, 2006b: 44–46, 2007: 467; também Kearns 2015: 29, com referências.

H. W. Catling 1993: 91–92; Crielaard 1998: 187–91, 198–99; Kourou 2008a: 364; Iacovou 2012: 214; Muhly e Kassianidou 2012: 124–25; Georgiou e Iacovou 2020: 1145–46.

Popham, Touloupa e Sackett 1982; H. W. Catling 1993, 1995, 1996; I. Morris 1996: 3; Crielaard 1998: 187–90, 198; Kourou 2008a: 363–65, 2016: 54–55; Iacovou 2012: 214; Muhly e Kassianidou 2012: 124–25; Georgiou e Iacovou 2020: 1145–46; S. P. Morris 2022: 104. Note-se que Kourou 2008a: 363–

64 diz: «O túmulo de Amari sugere que aparentemente existia algum tipo de contacto direto entre Creta e Chipre no século XI a. C.»

Kourou 2008a: 364.

Muhly e Kassianidou 2012: 125–26, 134–35; ver também Iacovou 2014c: 799, 801. Ver Sherratt 1994: 73–75, bem como as entradas adicionais no catálogo compilado em 88–92, que atualizam os catálogos originais em Waldbaum 1978, 1982.

Crielaard 1998: 187, 192–93, 196; Iacovou 2008: 641–42; Kourou 2008a: 363–64, 2012: 38, 2016: 53–55, 2019: 77–78; Satraki 2012: 265–66; Arruda 2015: 273–74; Pappa 2020; S. P. Morris 2022: 104.

Crielaard 1998: 193–94, 197–98.

Kearns (comunicação pessoal, 2 de março de 2023); ver agora Kearns 2022: 130–54 para uma visão atual.

Kourou 2019: 78. Note-se que, em 2016, Kourou tinha anteriormente escrito: «A partir do século XI, um novo padrão de redes de viagens e comércio, no qual os fenícios acabaram por se envolver, começa a desenvolver-se de forma gradual. O fenómeno pode ter sido mais bem seguido em Creta, onde um grande número de objetos cipriotas e fenícios foi encontrado em contextos da Idade do Ferro, enquanto a arte cretense revela frequentemente uma influência cipriota ou levantina» (Kourou 2016: 51).

A data tem sido objeto de muita discussão; ver, por exemplo, Went 2003: 116 e Jeffers 2013: 22–23. Ver mais pormenores abaixo.

A tradução segue Went 2003: 116–24; várias outras traduções do conto foram recentemente republicadas, como Pritchard [1958] 2011: 14–21; e Lichtheim 2019: 561–68. Ver também discussões pormenorizadas, com mais referências, em Kitchen 1973: 251–52; Dothan 1982: 4–5; Clayton 1994: 170–71; Hallo e Simpson 1998: 284–85; Aubet 2001: 356–62; Sherratt 2003: 52; Eyre 2012: 133; Broodbank 2013: 445–48; Jeffers 2013: 22–23; Ben-Dor Evian 2017: 34–35; Elayi 2018: 100–104; Dodson 2019: 16–19; Yasur-Landau 2019: 417–20; López-Ruiz 2021: 284–85.

Ver, por exemplo, Gilboa 2005, 2006–7, 2015; Gilboa, Sharon e Boaretto 2008; Sharon e Gilboa 2013; Stern 2013; Yasur-Landau 2019; Arie 2020: 6. Sobre a nova descoberta de vestígios do porto da Idade do Ferro em Dor, ver agora Arkin Shalev, Gilboa e Yasur-Landau 2019; Arkin Shalev, Galili *et al.* 2021.

Note-se que existem algumas diferenças nas várias traduções; por exemplo, Pritchard traduziu o nome do príncipe de Biblos como Zakar-Baal, em vez de Tjekkerbaal (embora este possa ser apenas uma diferença de pronúncia), e há uma diferença entre «linho liso» e «rolos de papiro». Ver também Kuhrt 1995: 408 sobre os objetos (re)enviados para Unamon, e, mais uma vez, Yasur-Landau 2019 sobre o tratamento dado a Unamon em Biblos.

Ver, por exemplo, Went 2003: 116; Ben-Dor Evian 2011: 97; Jeffers 2013: 22–23. Ver também, agora, esp. Yasur-Landau 2019. Sobre as discussões quanto ao facto de ser o registo oficial de um ato de viagem histórica real ou uma peça de ficção narrativa, ver, por exemplo, Markoe 2000: 27–28; Aubet 2001: 30–31, 114–17; Went 2003: 116; Edrey 2019: 36; Sader 2019b: 35, 81, 272; sobre o século XI a. C., ver também Fales 2017: 218–19; Sass 2002 sugere que pode ser do século X a. C.

Ver, por exemplo, Pritchard 1978; Bikai 1978; Markoe 2000: 24; Aubet 2001: 66–69; Bell 2006: 113.

Ver, agora, a síntese concisa muito útil de Aubet 2014; também Sader 2014, 2019a: 127–28, 2019b: 17–20, 38–41; Killebrew 2019; Charaf 2020–21.

Outros sítios próximos com vestígios fenícios em níveis da Idade do Ferro incluem Tell Abu Hawam, Akko, Achziv, Atlite e Tel Keisan; ver, por exemplo, Fales 2017: 204; Killebrew 2019; Sader 2019a: 127–28, 2019b: 31, 41–42; Hodos 2020: 153–54; anteriormente, Aubet 2001: 66–69. Sobre Dor, ver, por exemplo, Gilboa 2005; Bell 2006: 99; Gilboa, Sharon e Boaretto 2008; Gilboa e Sharon 2008; Sharon e Gilboa 2013; Bell 2016: 95–96; Gilboa, Waiman-Barak, e Jones 2015; Fales 2017: 203; Sader 2019b: 20–21, 42–44; Arie 2020: 1, 3; Hodos 2020: 97, 150–51; Gilboa 2022: 40. Sobre a utilização do termo «sul da Fenícia», ver Lehmann 2019, 2021; Arie 2020: 7–9. Relativamente a Dor e à prata em particular, ver, por exemplo, Aubet 2008: 183 e ver de novo as fontes citadas sobre os tesouros de prata, esp. C. Thompson e Skaggs 2013; Eshel, Yahalom-Mack *et al.* 2018: 4, Ben-Yosef 2019a; Eshel, Erel *et al.* 2019;

Sader 2019b: 256, 315; Hodos 2020: 144, 150–51; Wood, Bell e Montero-Ruiz 2020: 4, com referências anteriores; López-Ruiz 2021: 99; Gilboa 2022: 43. Sobre a descoberta original, ver Stern 1998, 2001.

Eshel, Gilboa *et al.* 2021; ver também Ben-Yosef 2019a.

Allen 1977: 157–62. Note-se que isto inverte o modelo original da expansão fenícia, tal como proposto por Frankenstein em 1979; ver a discussão em Monroe 2018: 232–33, 247, 257–60, que descreve a visão anterior (ou seja, que os fenícios estavam essencialmente ao serviço de neoassírios, recolhendo matérias-primas para estes, incluindo metais, e que por isso se deslocaram para o Mediterrâneo devido às exigências que lhes eram feitas), como o «Paradigma da Pressão Assíria (APP); também (brevemente) J. F. Osborne 2021: 73–74; Regev 2021: 2. Comparar também Faust 2011 com Thareani 2016a e ver as discussões de Aubet 2001: 88–91 com citações de estudos anteriores, 281–83, 2008: 183, 2016; I. Morris 2006: 83; Fletcher 2012: 211 (com referências), 216–18; Broodbank 2013: 482–84, 488–89, 491; Fales 2017: 271; Edrey 2019: 206–8; Hodos 2020: 77–78, 143–44. Ver também as discussões em, *e.g.*, C. Thompson e Skaggs 2013; Arruda 2015: 275; Bell 2016: 98–100; Eshel, Yahalom-Mack *et al.* 2018; Gonzalez 2018: 39, 175–76; Monroe 2018: 240–41; Wood 2018; Aubet Semmler 2019: 75–78; Eshel, Erel *et al.* 2019; Sader 2019b: 256, 275; Wood, Montero-Ruiz, e Martínón-Torres 2019; Sherratt 2020: 200–201; Wood, Bell e Montero-Ruiz 2020; Knodell 2021: 183; López-Ruiz 2021: 27–28, 97–98, 100; Regev 2021: 120–21; Gilboa 2022: 35n9, 43.

Shalvi 2018, 2020; Stub 2020; Regev 2021: 80–81. Note-se que outros sítios da região também têm cacos de cerâmica manchada e/ou conchas de *murex* esmagadas em contextos que vão desde o século XIII ao século VII a. C., incluindo Akko, Dor, Abu, Hawam e Tel Kabri, como mencionado com referências anteriores por Shalvi; ver, agora e também, Gilboa 2022: 37, 44; Shalvi e Gilboa 2023.

Ver Bell 2006: 104, 113, 2009: 36–37, 2016: 97, 100–102, com referências; também Gilboa 2005: 62–63; Sherratt 2010: 130, 2019: 132, 134–35; Kourou 2012: 37; Bourogiannis 2018a: 49–51, 53, 61, 73; Sader 2019b: 267–68.

Publicado pela Dra. Patricia Bikai; ver Bikai 1978.

Kourou 2012: 39, citando, em particular, Aubet 1993: 167, 2008: 250; ver, também e atualmente, Kourou 2016: 57–58, 2019: 79–80.

Ver Kourou 2008a: 366; Gilboa, Waiman-Barak, e Sharon 2015; Bell 2016: 97; Bourogiannis 2018a: 73–74; Monroe 2018: 245–46; Sader 2019b: 269; Hodos 2020: 107; S. P. Morris 2022: 106; para a publicação inicial, ver Bikai 2000; ver, também e anteriormente, por exemplo, Aubet 2001: 54.

Ver, por exemplo, Kourou 2012: 40. Sobre os vários objetos fenícios e outros elementos do Oriente Próximo em Creta e na Grécia continental nestes contextos, ver, por exemplo, Sherratt e Sherratt 1993: 365; Hoffman 1997; Kourou 2000: 1067–70; Stampolidis e Kotsonas 2006: 341–43, 346, 351, 355; Fletcher 2012: 214–15; Broodbank 2013: 451; Bourogiannis 2018a: 54–66; Sogas 2019: 408–14.

Ver, por exemplo, o resumo em Sader 2019b: 270, com referências a publicações anteriores. Ver, anteriormente, Waldbaum 1994; Crielaard 1998: 198; Fantalkin 2001; Coldstream e Mazar 2003; Satraki 2012: 266; Iacovou 2014c: 802; Fantalkin *et al.* 2015, 2020; Gilboa, Waiman-Barak e Jones 2015; Mazar e Kourou 2019; Hodos 2020: 5, 98; também comentários de Kourou 2008a: 364–66, 2016: 57–58, 2019: 79–80.

Ver, por exemplo, Janes 2013: 147, 2014: 571; também Satraki 2012: 263–64; anteriormente, Iacovou 2005b: 24. Ver agora, no entanto, a dissertação de Kearns (2015) e o seu recente livro (Kearns 2022).

Fales 2017: 190–91; Bunnens 2019b: 58; Rollston 2019: 375–77; Sader 2019b: 81–82, 86, tabela 3.2. Deve notar-se, no entanto, que Benjamin Sass sugeriu que alguns ou todos deveriam ser redatados para o século X (Sass 2005, 2021), mas a sugestão, por sua vez, foi contestada por Rollston (2008: 57–61, 2010: 24–27). Para já, segue o tradicional século X a. C. para estes reis.

Ver Rollston 2016: 268. Sobre as cartas de Amarna de Biblos, ver Moran 1992; também recentemente, por exemplo, em Biblos no fim da Idade do Bronze, Kilani 2020.

A tradução segue Rollston 2016: 286, 2019: 376, 2020: 76; ver também Rollston 2008: 58, 2010: 20–

21, fig. 2.2. Referências anteriores sobre a descoberta e subsequentes discussões podem ser encontradas nas publicações de Rollston, mas ver também Kuhrt 1995: 404, com referências; Elayi 2018: 110–12; Doumet-Serhal 2019: 718.

Ver Rollston 2008: 59–60, com referências.

A tradução segue Rollston 2016: 289; ver também Rollston 2008: 59, 2010: 23, fig. 2.4, todos com referências mais recentes; Elayi 2018: 115. Ver, mais uma vez, Sass (2005, 2021), que redataria tudo isto até ao século IX, que é uma sugestão contestada por Rollston (2008: 57–61, 2010: 24–27).

A tradução segue Rollston 2016: 288; ver também Rollston 2008: 58–59, 2010: 21–22, todos com referências mais recentes; anteriormente, por exemplo, Kitchen 1973: 308–9. Ver também Elayi 2018: 114–15; Bunnens 2019b: 69; Muhs 2022: 196–97.

A tradução segue Rollston 2016: 287, 2019: 376, 2020: 77; ver também Rollston 2008: 59, 2010: 21–22, fig. 2.3, todos com referências anteriores; também Elayi 2018: 112–13; Richey 2019: 223, fig. 16.1.

A tradução segue Rollston 2016: 288; ver também Rollston 2008: 58, 2010: 21, todos com referências mais recentes; anteriormente, por exemplo, Kitchen 1973: 292. Ver também Elayi 2018: 113–14; Bunnens 2019b: 69; Dodson 2019: 95; Muhs 2022: 196–97.

Ver, por exemplo, Lipiński 2006: 174, 176, 180; Aubet 2008: 182–83; Bourogiannis 2018a: 49–50; Elayi 2018: 122, 296 (tabela 2); Bunnens 2019b: 58–59; Na’aman 2019b: 76, 82.

Lipiński 2006: 174, 176–77; Aubet 2008: 183; Bourogiannis 2018a: 49–50; Elayi 2018: 131–33; Edrey 2019: 41–43; Lehmann 2019: 470; Na’aman 2019b: 82; López Ruiz 2021: 288.

Conforme observado por Rollston 2016: 298; ver, agora e também, Elayi 2018: 132; Bunnens 2019b: 65; Doak 2019: 663–64; Sader 2019b: 128–29, 263; López Ruiz 2021: 306; anteriormente, Markoe 2000: 37–39; Aubet 2001: 46–47.

Já o discuti brevemente; ver Cline 2007, 2009, 2020, com referências anteriores; ver também, por exemplo, Schipper 2019: 38–40. Para as publicações originais das duas equipas, ver Reisner, Fisher e Lyon 1924; Crowfoot e Crowfoot 1938; Crowfoot, Kenyon e Sukenik 1942; Crowfoot e Kenyon 1957. Ver também Tappy 1992, 2001, além de numerosas publicações menores ou menções de outros estudiosos (por exemplo, Killbrew 2014: 738 sobre os marfins).

Aubet 1993: 42, 2001: 51–52, 2008: 183; Bikai 1994; Iacovou 2005a: 131–32, com referências, 2006b: 41; Bell 2006: 113, 2009: 37; Janes 2010: 129; Satraki 2012: 269; Fourrier 2013: 113–14; Bourogiannis 2018a: 50–51, 74–75; Bunnens 2019b: 63; Sader 2019b: 266–67; Sherratt 2019: 134–35.

Aubet 2008: 179, 2016; Fletcher 2012: 214; Arruda 2015: 273; Sino 2016: 98–100; Esel, Erel e outros. 2019: 1, 5, 8–11; Sherratt 2019: 134–35; Garnand 2020: 147; Muhs 2022: 203. Sobre a «Inscrição de Nora», que tem uma longa história de estudos, ver, por exemplo, Aubet 2001: 206–9, fig. 45; Monroe 2018: 246; Rollston 2019: 376–77, com referências anteriores; também Hodos 2020: 185–86.

Ver, por exemplo, Lipiński 2006: 174, 180, 183; Na’aman 2019b: 82–83; Sader 2019b: 128–29, 138, tabela 3.4; anteriormente, por exemplo, Aubet 2001: 51. Ver também Grayson 1996: 48, 54, 60 (comparem-se A.0.102.8 e A.0.102.12 com A.0.102.10).

Aubet 2001: 163, 214–18, 2008: 179, 185, 2016: 258; Docter *et al.* 2005; Lipiński 2006: 183–84; Abuláfia 2011: 74; Broodbank 2013: 490; Bourogiannis 2018a: 52, 74–75; Elayi 2018: 138–41; Quinn 2018a: xv, 2019: 679; Bunnens 2019b: 59, 61; Rolo 2019: 648; ver agora Aubet Semmler 2019: 78; Garnand 2020: 147.

Sobre todos os itens a seguir, consultar Ballard *et al.* 2002.

Kourou 2016: 59, 60–61.

Kourou 2016: 60–61.

Crielaard 1998: 187; Kourou 2008a: 366–68, 2019: 81, 89–90; Satraki 2012: 266; Janes 2013: 152.

Kearns 2015: 17–18, 138–39, 2019: 272–73, 276–78, 280, 2022: 130–54; ver também estudos anteriores por Kaniewski e a sua equipa, incluindo Hala Sultan Tekke (Kaniewski, Van Campo *et al.*

2013), que indicava o fim da seca extrema na região aproximadamente nesta época.

Kassianidou 2014: 267; Knapp e Meyer 2020: 239–41, 243. Ver também, por exemplo, anteriormente, Iacovou 2002: 85; Satraki 2012: 263–64, 266–67; Finkelstein 2013: 127; Janes 2013: 147; Hodos 2020: 61.

Capítulo Quatro

REI DA TERRA DE CARQUEMIS (*ANATÓLIA E NORTE DA SÍRIA*)

LOGO NO PRIMEIRO DIA da nova expedição arqueológica em Carquemis, em 2011, Nicolò Marchetti, da Universidade de Bolonha, encontrou uma estela de basalto com uma inscrição. Tinha sido originalmente feita no local três mil anos antes, no século X a. C., por um rei neo-hitita que se autodenominava Suhi, «Governante, Senhor do País da Cidade de Carquemis».

Marchetti inspecionava o lugar sozinho naquele dia. Localizado na fronteira moderna entre a Síria e a Turquia, foi a primeira vez que os arqueólogos foram ali autorizados a trabalhar oficialmente desde o fim da temporada dos arqueólogos britânicos, quase um século antes, em 1920. Desde então, a zona foi dividida entre os dois países após a Guerra da Independência Turca, com 55 hectares para a Turquia e 35 hectares para a Síria.²⁹⁸

Foi estabelecido um posto de observação do exército turco diretamente na sua parte do local e, em 1956, quando a região estava repleta de contrabandistas, foram plantadas minas antipessoal e antitanque ao longo da fronteira, numa faixa de 300 a 500 metros de largura (e estendendo-se por 500 quilômetros). Assim, antes das novas escavações arqueológicas, a região teve de ser desminada. Quando Marchetti iniciou a sua pesquisa, foi informado de que o local tinha a garantia de estar 99,6% limpo de minas. No entanto, como observou, tal significava que «em cada mil minas, há um risco estatístico residual de quatro terem sido esquecidas». Por isso, quando a equipa finalmente começou a escavar, contrataram profissionais de minas e armadilhas para que verificassem novamente as áreas em que eles planeavam escavar.²⁹⁹

A estela inscrita que Marchetti encontrou naquele dia tinha quase dois metros de altura. Foi encomendada por Suhi I para comemorar a resolução de uma disputa entre Ura-Tarhunta, o *Grande*, rei da terra de Carquemis, e a «terra Sura», que geralmente é considerada uma referência à Assíria, e que aparentemente foi tomada algum tempo antes.³⁰⁰ A inscrição diz: «O Grande

rei Ura-Tarhunta, ótimo rei, herói, rei da terra de Carquemis, filho de Sapaziti, grande rei, o *Herói*. Surgiu uma disputa sob a terra Sura, e ele opôs-se ao exército. Ao rei Ura-Tarhunta, o poderoso deus da tempestade e Kubaba [deu] uma proteção poderosa, deram-lhe o braço direito, e ele mesmo resolveu a disputa. E Suhi, querido familiar do rei Ura-Tarhunta, o governante, senhor do país da cidade de Carquemis, erigiu esta estela.»³⁰¹

Esta é agora considerada a inscrição mais antiga da Idade do Ferro encontrada no lugar de Carquemis. Curiosamente, é uma réplica quase exata de uma outra inscrição que ali havia sido encontrada muito antes pelos arqueólogos britânicos, mas que aparentemente foi ali posta posteriormente por um dos filhos de Suhi I.³⁰² Também podemos revelar um pouco mais sobre isto. Sabemos que dois reis anteriores de Carquemis, a saber, Kuzi-Teshub e Ini-Tešub, foram os governantes durante o século XII. Agora temos estes dois reis adicionais, Sapaziti e o seu filho Ura-Tarhunta, que governaram a terra de Carquemis no fim do século XI a. C. Todos tinham o título de «Grande Rei». Infelizmente, como não temos a certeza exata sobre as datas relativas a Ura-Tarhunta, também não sabemos dizer que governante da Assíria estaria no poder no momento da disputa registrada. Muito provavelmente terá sido Assurnasirpal I, que governou de 1049 a 1031 a. C., ou Salmaneser II, que governou de 1030 a 1019 a. C., mas isto é apenas um palpite.

Contudo, a inscrição também nos dá o nome de Suhi, que afirma ter sido familiar de Ura-Tarhunta. O seu governo parece ter começado em cerca de 1000 a. C. — sabemos, tanto por esta como por outras inscrições, que fundou uma dinastia de governantes que não se autodenominavam «Grande Rei», mas sim «Governante, Senhor da Terra da Cidade de Carquemis». Entre eles incluía-se o seu filho Astuwalamanza, o neto Suhi II, o bisneto Katuwa e um trineto chamado Suhi III (que subiu ao trono cerca de 900 a. C.).³⁰³

Continua a haver algum debate académico sobre a forma como os dois conjuntos de governantes, os «Grandes Reis» e os «Senhores da Terra» funcionavam. Uma vez que o título completo utilizado por Sapaziti e Ura-Tarhunta, bem como pelos sucessores, parece ter sido «Grande Rei, Rei da Terra de Carquemis», tal podia dever-se a terem dominado toda a região controlada por Carquemis, enquanto Suhi e os seus descendentes eram simplesmente governantes da própria cidade. É a posição habitual dos académicos, ou seja, que ambas as dinastias governaram ao mesmo tempo, pelo menos por um breve período, uma vez que Suhi diz que ele é um «querido familiar» de Ura-

Tarhunta. No entanto, Alessandra Gilibert, professora do Ca' Foscari, em Veneza, sugeriu que Suhi I pode, na verdade, ter sido um usurpador que se apoderou do trono de Carquemis, e que ele e os seus sucessores governaram, então, toda a região, embora com um título diferente. Pode bem ter sido o caso, porque não vemos muita sobreposição, se é que existiu, em termos de datas de reinado entre os Grandes Reis e os Senhores da Terra de Carquemis após o século x a. C. Mas para complicar as coisas além disso, os governantes da cidade vizinha de Malátia, que também reivindicavam descendência de Kuzi-Teshub, o «Grande Rei de Carquemis», cerca de 1200 a. C., também se intitulavam «Senhores da Terra».³⁰⁴ Em suma, a relação exata destes grupos de governantes entre si continua por esclarecer.

Hititas e Neo-Hititas

Entrámos no tema de Carquemis e dos governantes neo-hititas a meio da história — *in medias Res*, por assim dizer —, por isso vamos voltar atrás por um minuto e contextualizar tudo.

Como parte da(s) inscrição(ões) neoassírias em que Tiglate-Pileser I menciona Biblos, Sídón e Arruade, e nos presentes do faraó egípcio discutidos no Capítulo Dois, em que também diz que se tornou «senhor de toda a terra [de] Hati» e diz especificamente ter recebido reféns, imposto, tributo e vigas de cedro de Ini-Tessub (ou Ini-Teššub), «rei da terra Hati».³⁰⁵ Isto é extremamente útil para nós, porque acabámos de encontrar Ini-Tessub, que é conhecido de outros registos textuais como um rei que governou em finais do século XII a. C. em Carquemis (por oposição ao anterior rei hitita com o mesmo nome que reinou na Anatólia na Idade do Bronze Final). Podemos, portanto, correlacionar os reinados destes dois reis da Idade do Ferro, Tiglate-Pileser I da Assíria e Ini-Tessub de Carquemis, e ficar bastante confiantes de que este episódio teve lugar exatamente no estertor do século XII e dealbar do século XI, *ca.* 1100 a. C.³⁰⁶ É a primeira vez que encontramos os sucessores anatólios e sírios dos hititas da Idade do Bronze nos textos deste período e a primeira vez que conhecemos os herdeiros dos impérios da Idade de Bronze de várias épocas que entraram em contacto e em conflito.

Note-se que Tiglate-Pileser chama a Ini-Tessub «rei da terra Hati», apesar de o verdadeiro Império Hitita na Anatólia se ter desmoronado e desaparecido quase completamente nos anos seguintes, em 1200 a. C. A capital de Hatusa foi

inicialmente abandonada e depois parcialmente destruída, com o estabelecimento de um povoado da Idade do Ferro posterior numa pequena parte da cidade original. A situação foi recentemente resumida por Lorenzo d'Alfonso e pelos seus colegas da Universidade de Nova Iorque como se segue: «Teve lugar uma profunda transformação no antigo núcleo do império em torno da capital, Hatusa, o que resultou numa diminuição drástica da complexidade política, numa mudança para uma economia familiar de subsistência e à falta de provas de quaisquer instituições públicas.» Além disso, James Osborne, professor na Universidade de Chicago, cita uma investigação recente na qual se afirma que pode ter havido «uma queda drástica do povoamento de cerca de 90%» no centro-sul da Anatólia nesta altura e se diz que, «apesar das provas de continuidade em certos locais [...] o quadro geral é o de um declínio acentuado da sua complexidade até ao século IX»³⁰⁷.

Ora, a vida continuou noutros pontos da Anatólia, incluindo no interior, onde os agricultores e aldeões continuaram como antes, embora talvez mudando para a criação de mais caprinos e bovinos do que de ovelhas, como documentado por Sarah Adcock na sua dissertação na Universidade de Chicago, e na medida em que as alterações climáticas foram afetando a população em toda a região.³⁰⁸ (Como nota à parte, na Grécia continental, uma investigação recente demonstrou que o que anteriormente se pensava ser uma mudança semelhante à do gado na Nichoria, na Messénia, tem de ser reconsiderado, uma vez que os vestígios da Idade do Ferro nessa região não demonstram efetivamente que existia mais gado na altura como se pensava e, em vez disso, sugerem que as coisas se mantiveram essencialmente as mesmas nesta zona do ponto de vista da criação de animais tanto durante a Idade do Bronze Final como no início da Idade do Ferro.)³⁰⁹

Além disso, no sítio de Gordion, na Anatólia Central, temos novas provas, com base na redatação de restos mortais anteriormente conhecidos, de que eram de pessoas que viveram no local desde o século XII a. C. em diante e que se deu uma reorganização da economia local, mesmo quando a influência hitita sobre a região chegou ao fim. Tal é de grande interesse, tanto mais que agora também há provas adicionais, baseadas em dendrocronologia e análises de isótopos de madeira de zimbro utilizada no local, que apontam para que a zona tenha sofrido uma série de períodos de seca na Idade do Bronze Final, incluindo um período de três anos de longa seca datados de 1198–96 a. C.³¹⁰

A região veio mais tarde a ficar famosa como aquela onde o rico rei Midas (da

mitologia grega) reinou e como localização do Nó de Gordion que Alexandre, o Grande, cortou ao meio. Gordion ficou conhecida como a cidade capital dos frígios em meados do século IX a. C. Os frígios, que muitos acreditam terem migrado para esta região vindos de outros locais, foram aparentemente conhecidos pelos assírios como o reino de Mushki, embora este ainda seja tema de debate entre os académicos. Tiglate-Pileser I reivindicou ter lutado contra eles e que os derrotou em pelo menos uma batalha, mas, depois disso, só atraíram seriamente a atenção dos assírios mais tarde no século VIII a. C.³¹¹

Recentemente, a região voltou a ser objeto de atenção devido a uma descoberta feita em 2019 na região de Cónia, na Turquia moderna, perto do lugar de Türkmen-Karahöyük. Conhecida informalmente como a «Inscrição de Hartapu», um agricultor chamou a atenção de uma equipa de arqueólogos que efetuavam uma pesquisa na região. Escrito em hieróglifos lúvios em pedra dura, foi criado por um rei chamado Hartapu, que afirma ter conquistado a Frígia no século VIII a. C. Diz: «Quando o Grande Rei Hartapu, herói, filho de Mursili, conquistou o país de Mushka [...] o Deus da Tempestade do Céu (e) todos os deuses entregou (aos seus) treze reis (a) Sua Majestade, o Grande Rei Hartapu. Num único ano em que pôs os treze reis, as armas [=tropa?] e os animais selvagens sob (a autoridade de) dez muros de fortalezas robustas.»³¹²

Mesmo em Troia, na costa ocidental da Anatólia, onde escavações anteriores faziam pensar que tinha havido um hiato de 400 anos de ocupação após o Colapso, é agora evidente que existiu alguma continuidade de ocupação, especialmente no século XII e inícios do século XI. Além disso, sempre houve muita discussão relativamente a uma eventual migração para a região desde a Trácia ou dos Balcãs imediatamente após a destruição de Troia VIIa. Independentemente disso, as outras regiões ocupadas não são nem de longe comparáveis às cidades ricas que tinham existido na Idade do Bronze.³¹³

Assim, apesar do colapso do Império Hitita propriamente dito, podemos constatar que houve sobreviventes e que a vida continuou, especialmente no interior, ainda que o governo centralizado e a burocracia e a administração que lhe está associada tenham essencialmente desaparecido, deixando várias zonas afetadas. Entre estas zonas encontram-se aquelas que, por vezes, são designadas por pequenos «estados de sobra», especialmente no que é o atual norte da Síria. Aqui, por exemplo, ramos da família real, descendentes do rei hitita Supiluliuma I, sobreviveram para governar em Carquemis e Alepo no século XII a. C. e mais além, como há pouco referi. Os arqueólogos designaram estas

idades como neo-hititas (ou siro-hititas), pois foi a esta região que Tiglate-Pileser e os neoassírios se referiam como a «terra de Hatti» em vez do planalto central da Anatólia, onde o Império Hitita tinha estado anteriormente. E, como é evidente, não foram apenas os neoassírios que referiram estas pequenas cidades-estado, com a sua cultura, desta forma, pois também, muito provavelmente, estes «hititas» foram mencionados na Bíblia hebraica, uma vez que os hititas originais tinham há muito desaparecido na altura em que as primeiras versões deste texto religioso foram compiladas.³¹⁴

Ao todo, os neo-hititas estabeleceram-se (ou continuaram a ocupar) em cerca de 15 pequenas cidades-estado na região do que são hoje o norte da Síria e o sudeste da Turquia, na Idade do Ferro, do século XII ao século VIII a. C. Esta é a mesma região, genericamente falando, atingida por terremotos brutais em fevereiro de 2023, que mataram quase 60 mil pessoas e devastaram a região. A cidade e o território de Carquemis que Tiglate-Pileser I desafiou estava entre as mais proeminentes nesta área. Os vestígios do local foram primeiro extensivamente investigados e escavados no início do século XX por vários arqueólogos, incluindo T. E. Lawrence (que mais tarde foi imortalizado por Hollywood como «Lawrence da Arábia»), e está agora novamente a ser escavado (desde 2011), desta vez por uma equipa conjunta de arqueólogos turcos e italianos.

Se recuarmos um pouco mais no tempo, os leitores atentos recordarão que Carquemis tinha sido especificamente nomeada por Ramsés III na inscrição do seu oitavo ano (1177 a. C.) como uma das zonas que os Povos do Mar tinham invadido («Nenhuma terra podia resistir às suas armas, desde Khatte, Qode, Carquemis, Arzaua e Alásia em [...]»). No entanto, talvez um pouco surpreendentemente, não há provas arqueológicas que indiquem que a cidade tenha sido destruída nessa altura. É possível que Ramsés estivesse a referir-se de forma mais geral à região em torno de Carquemis e não especificamente à cidade em si, e que se manteve uma zona contestada até à última parte do século VIII a. C. Em 1920, *Sir* Leonard Woolley escreveu: «[...] escala o grande monte da acrópole e vais compreender imediatamente porque é que Carquemis é, desde tempos imemoriais, uma fortaleza numa terra conturbada.»³¹⁵

Todos os anos, ficamos a saber mais e mais sobre estes pequenos reinos neo-hititas (ou siro-hititas e siro-anatólios). Em grande parte, isto deve-se a descobertas efetuadas em escavações renovadas em vários locais, incluindo o trabalho da equipa turco-italiana em Carquemis e de uma equipa americano-

alemã em Zincirli (antiga Samal), mas também devido aos avanços na leitura dos hieróglifos lúvios. O lúvio, enquanto língua, foi uma das várias falas da Anatólia na Idade do Bronze, e mesmo depois, mas também foi utilizada enquanto sistema de escrita pictográfica pelos hititas em inscrições reais esculpidas em monumentos de pedra. Mais tarde, foi igualmente utilizada pelos neo-hititas nas suas inscrições esculpidas em pedra e erigidas nas suas cidades. Por conseguinte, estamos na posição privilegiada de poder localizar as dinastias e as linhagens dos governantes de algumas destas cidades e reinos da Idade do Ferro.³¹⁶

Para dar apenas um exemplo, nas primeiras escavações britânicas em Carquemis, em 1911, já se descrevia a descoberta de relevos e inscrições no local. «Na longa parede inferior, parece ter sido construída uma série de grandes relevos, que davam para o exterior, para o pátio pavimentado», escreveu o britânico D. G. Hogarth, diretor de campo na altura. «Encontrámo-los caídos no pátio num total de treze. Seis destes representam carros de guerra em ação; dois, guerreiros a pé; quatro, figuras divinas monstruosas; e um, que ocorre a meio da série, apresenta uma longa inscrição com caracteres em relevo, abaixo dos quais aparecem três cabeças barbudas e dezasseis mãos cortadas. Como estas lajes estavam originalmente viradas para o exterior, eram um acesso monumental à escadaria e conduziam a uma série que ladeava a face norte desta última.»³¹⁷

Sabemos agora que Supiluliuma I tinha instalado um dos seus próprios filhos, Piyassili (que assumiu o nome Sharri-Kušuh), como vice-rei da cidade por volta de 1340 a. C. Os descendentes de Piyassili, incluindo Kuzi-Teshub e Ini-Tešub, continuaram a dominar a cidade, as terras adjacentes e as aldeias circundantes (ou seja, a cidade-estado no seu conjunto) nas cinco gerações seguintes, mais ou menos, até à sua morte às mãos do Império Neoassírio de Sargão II em 717 a. C. Alguns sucessores chegaram até a assumir o título de «rei dos hititas», uma vez que o próprio Império Hitita se tinha desmoronado e partes dele se separaram e formaram os seus próprios pequenos territórios de reinos neo-hititas. Sabemos também que Supiluliuma I tinha instalado outro dos seus filhos, Telepinus, no governo da cidade e do reino de Alepo, não muito longe, aproximadamente na mesma altura (*ca.* 1340 a. C.). Esta dinastia continuou também depois da queda do Império Hitita propriamente dito.³¹⁸

As ações de Tiglate-Pileser prefiguram o que ocorreu repetidamente nos séculos seguintes, especialmente com os assírios que atacaram as pequenas cidades-estado e reinos da Idade do Ferro que substituíram os impérios da Idade do Bronze em todo o antigo Médio Oriente. Algumas destas tinham-se estabelecido desde o início até ao fim do século XII a. C., mas outras só se formaram nos séculos XI, X ou IX a. C. Entre elas, encontrava-se ao todo uma série de entidades e várias etnias, algumas das quais já encontrámos e outras que iremos encontrar em breve: as cidades-estado siro-anatólias ou siro-hititas como Carquemis, Alepo, Samal (atual Zincirli) e Til Barsip, no atual norte da Síria e na fronteira com a Turquia; bem como outras, como Que, que se localizavam na região da Cilícia (atual sudeste da Turquia); cidades-estado arameias como Damasco e Hamate, na atual Síria propriamente dita; os enclaves fenícios de Tiro, Biblos, Sídón, Arruade e Beirute, onde hoje é a costa do Líbano; as cidades filisteias e os reinos de Israel e Judá, no que são atualmente Israel e a Cisjordânia; e outros pequenos reinos da época, como Amom, Edom e Moabe, onde é atualmente a Jordânia.³¹⁹ Em todos estes casos, e apesar de terem diferentes políticas, é muito provável que encontremos uma mistura de várias etnias entre as populações, como seria de esperar nas cidades da região nos dias de hoje.

Esta situação não era completamente diferente da que se tinha verificado no Levante durante a Idade do Bronze Final, quando cada uma das pequenas entidades era governada por um governador (ou pequeno rei) e devia fidelidade aos egípcios ou aos hititas. Mas agora, com o colapso dos poderes regionais no fim da Idade do Bronze, estas cidades-estado foram capazes de exercer, pelo menos, um pouco mais de independência do que a que haviam desfrutado antes. Os assírios acabariam por tirar partido deste poder e por criar o seu próprio império, mas tal só viria a acontecer no século IX a. C., como já vimos.

Os Neo-Hititas em Tell Tayinat e Carquemis

Os habitantes que sobreviveram no norte da Síria demonstraram diferentes graus de resiliência nos séculos XII e XI. Foi um período de transição para todos, com alguns a transformar-se e outros a adaptar-se, ou simplesmente a lidar com a situação. Hélène Sader, da Universidade Americana de Beirute, afirmou: «A transição do Bronze Final para a Idade do Ferro variou de sítio para sítio.» Em alguns locais, houve uma boa transição sem interrupções. Noutros, houve

definitivamente rutura, como em Ras Ibn Hani, a cidade portuária de Ugarite, apenas reocupada depois de uma destruição violenta por invasores durante o Colapso, para não mencionar a própria Ugarite, claro. No entanto, como refere Sader, «quase todos os locais foram imediatamente reocupados e retomaram as atividades agrícolas e industriais, e a atividade comercial».³²⁰

Apesar de Carquemis não ter sido destruída, há indicações de que sofreu uma espécie de contração nessa altura e que o reino vizinho, sediado em Tell Tayinat, aproveitou a oportunidade para prosperar também.³²¹ Sabemos deste novo reino da Idade do Ferro, em parte, por força das escavações feitas no local, mas também devido a desenvolvimentos de maior interesse em termos de leitura e compreensão de textos hieroglíficos lúvios.

Os avanços na decifração deram origem a uma leitura atualizada do nome deste novo reino regional da Idade do Ferro, que se situava no vale de Amuq, também na fronteira entre a atual Turquia e a Síria. Ativo especialmente depois do século XI a. C. em diante, e provavelmente abrangendo uma região que incluía Alepo e ia possivelmente até ao sul de Hamã, o reino vinha sendo identificado pelos académicos como «a Terra de Padastin» (que também aparece como «Padasatini», «Wadastin» e outras variantes). No entanto, J. D. Hawkins, da Escola de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres, e outros, apresentaram provas de que a ortografia e a leitura corretas serão muito mais provavelmente «Palistin» (que aparece como «Walistin» em algumas inscrições) e que o reino era provavelmente conhecido como o «País de Palistin». A nova leitura proposta do nome da cidade remete, como é evidente, para os filisteus afamados como Povos do Mar e para o nome moderno de Palestina, e suscitou todo o tipo de discussões entre arqueólogos nos últimos anos, incluindo alguns que não estão inteiramente persuadidos por esta sugestão.³²²

A capital situava-se numa cidade também conhecida com uma variedade de grafias, incluindo Kunulua, Kumulua, Kinalua e Kinaliya, que é o local atualmente conhecido como Tell Tayinat. Foi escavada pela primeira vez pela Universidade de Chicago entre 1935 e 1938, e mais recentemente (desde 2004) pela Universidade de Toronto sob a direção de Tim Harrison.

Tayinat, situada a nordeste de Ugarite e no interior da costa da Síria, numa curva do rio Orontes, parece ter sido uma entidade bastante complexa. Os estudos sobre a sua cultura material centraram-se em objetos não-locais (ou seja, do Egeu) de cerâmica e noutras sugestões de estrangeiros que se estabeleceram

na época do Colapso da Idade do Bronze e imediatamente a seguir. Por outro lado, as inscrições encontradas no local «puseram em evidência a continuidade da situação política da região, desde o período do controlo imperial hitita da Idade do Bronze Final para os estados de sobre neo-hititas da Idade do Ferro». Como os próprios escavadores recentemente declararam, «existem provas irrefutáveis tanto da continuidade como da mudança» no local, que é de interesse único para nós.³²³

Concluem também que Tayinat estava em contacto, tanto a nível económico como culturalmente, com sociedades e indivíduos localizados numa vasta gama de pontos geográficos neste período, incluindo a Anatólia e o interior da Síria, o Levante e o Egeu. Por conseguinte, não veem Tayinat como uma região isolada, mas sim «na confluência de múltiplas esferas culturais». Sugerem, na verdade, que «o espectro diversificado de ligações culturais observado nos níveis de Tayinat da Idade do Ferro refletem claramente um processo consideravelmente mais complexo e uma realidade cultural mais ambígua do que os anteriormente registados e reconhecidos»³²⁴.

Hoje, sabemos, através de várias inscrições, descobertas em locais como Alepo, Rosso, Ain Dara e outros locais, bem como na própria Tayinat, que um dos primeiros reis da «Terra de Palistin» foi um homem chamado Taita I, que governou no século XI a. C. Várias das suas inscrições foram encontradas nas escavações de 2003 — cinco temporadas de escavações no interior do Templo do Deus da Tempestade, em Alepo. As linhas iniciais de uma delas dizem: «Eu (sou) rei Taita, o herói, o rei de [a terra] Palistin.» Um segundo fragmento de uma inscrição contém o seu nome juntamente com menções a Carquemis e ao Egito, mas o contexto é interrompido em ambas as linhas.

Seguiram-se-lhe Taita II e a mulher, Kupapiya, no início do século X; depois, Manana (recentemente redatado após século IX) e, depois, Supiluliuma I (adotando o nome do anterior rei hitita), mais tarde nesse mesmo século. No início e em meados do século IX a. C., o nome do reino contraiu-se ligeiramente, passando a Patin(a) em vez de Palistin, embora também fosse por vezes chamada Unqi pelos neoassírios, como já foi referido, e foi governado por reis como Halparuntiya e Supiluliuma II; a este último, o rei assírio Salmaneser III, nas suas inscrições datadas de 858 a. C., chamou provavelmente Sapalulme.³²⁵

Carquemis parece ter regressado no século X a. C., período de ressurgimento da cidade e dos seus arredores. Aqui, por exemplo, encontramos hoje o que se designa por «Portão da Água», construído no lado da cidade voltado para o rio Eufrates, que era decorado com ortostatos esculpidos (em forma de lajes de pedra utilizadas para revestir muros ou passadiços) que datam de finais do século XI ou inícios do século X a. C. Durante as suas escavações no local, em 1920, *Sir Leonard Woolley* descreveu-o de forma bastante poética, como se segue:

Uma estrada em declive, quebrada por degraus, partia do cais entre filas de esculturas. Na esquina do muro do rio, havia um leão, depois vinham os touros e, de novo, leões, e um grupo de demónios guardiões, próprios de um portal-amuleto arquitetónico, por assim dizer, para afastar os maus espíritos da entrada; aí se encontra uma cena de sacrifício, um touro e um bode conduzidos por um sacerdote ou rei sentado que servia libações aos deuses. Os batentes das portas exteriores eram formados por enormes leões de basalto esculpidos, medindo doze pés da cabeça à cauda, com uma longa inscrição esculpida nos flancos. A porta de entrada é hoje uma ruína, contrastando muito mal com os edifícios do interior da cidade; mas, além da imagem que nos permite traçar o que foi em tempos mais antigos, tem uma importância histórica que os mais bem conservados às vezes não têm.³²⁶

Nas proximidades encontra-se também o chamado Longo Muro de Esculturas, datado provavelmente do final do século X a. C., que tem «uma impressionante sequência de grandes lajes com cenas militares e uma procissão dos deuses», segundo a descrição de Marcheti. Trata-se de um «longo muro inferior» com «uma série de grandes relevos» sobre os quais Hogarth escreveu, em 1911, como citado acima.³²⁷

Assim, sabemos agora que, nesta altura do século X a. C., a vida em Carquemis tinha regressado ao ponto em que todos os elementos de uma sociedade complexa são evidentes — edifícios e esculturas monumentais; inscrições; governantes com títulos; múltiplos níveis hierárquicos com governantes menores com títulos menores; profissões especializadas como a de sacerdote; o culto de deuses e deusas em edifícios e templos específicos; e uma região que estava a ser governada e que, presumivelmente, produzia bens agrícolas e outros produtos para sustentar os seus habitantes e a elite que os

governava. Embora Carquemis fosse uma entidade política muito mais pequena do que o Império Hitita, que se pode dizer que lhe deu origem, é evidente que voltou a ser uma peça essencial no mundo do antigo Oriente Próximo. E assim havia de permanecer até 717 a. C., ano em que a cidade foi destruída pelos neoassírios.

*

Sabemos também que a região de Carquemis estava entre as que se submeteram e prestaram homenagem a Assurnasirpal II e aos neoassírios no século IX a. C., pois é mencionado um «Sangara, rei da terra Hati» com ligação à terra de Carquemis numa inscrição datada de cerca de 870 a. C. Sangara, que se pensa ter governado cerca de 875–848 a. C., também é referido duas vezes no conjunto mais pequeno de faixas de bronze nas portas do palácio de Assurnasirpal II em Balawat, encontrado por Rassam; uma cena contém a legenda «Pilhagem de Sangara, um homem de Hati», enquanto uma outra cena que mostra uma cidade a ser atacada, diz: «A cidade Ulluba de Sa[n]gara, [rei da] terra Hati, conquistei.» Outra faixa, encontrada por Mallowan, no templo em honra de Mamu, também construído por Assurnasirpal em Balawat, representa um tributo do rei de Carquemis, mas, infelizmente, o nome do rei é ilegível; presumivelmente, será também Sangara.³²⁸ O mesmo rei é mencionado mais tarde, também por Salmaneser III, como iremos ver.

Devido à formulação exata de Assurnasirpal na inscrição de 870 a. C., e o montante do tributo elencado, é evidente que Carquemis não era um lugar pobre na altura.³²⁹ Diz a inscrição:

Atravessei o Eufrates, que estava a transbordar, em jangadas (feitas de enchimento de) peles de cabra (e) aproximei-me da terra de Carquemis. Recebi tributo de Sangara, rei da terra de Hati, vinte talentos de prata, um anel de ouro, uma pulseira de ouro, punhais de ouro, cem talentos de bronze, duzentos e cinquenta talentos de ferro, bronze (tinas), baldes de bronze, banheiras de bronze, um forno de bronze, muitos objetos de adorno do seu palácio, cujo peso não podia ser determinado, camas de buxo, tronos de buxo, pratos de buxo decorados com marfim, duzentas raparigas adolescentes, roupas de linho com guarnição multicolorida, lã púrpura, lã vermelho-púrpura, *gišnugallu*-alabastro, presas de elefante, um carro de ouro polido, um sofá de ouro com enfeites — (objetos) dignos da sua realeza.

Levei comigo os carros, cavalaria (e) infantaria da cidade de Carquemis.³³⁰

O País de Urartu

Assurnasirpal II diz também que fez uma campanha muito a norte, onde conquistou «a terra Urartu». O seu exército tinha-se aventurado na Anatólia, onde deparou com as forças do rei urartiano Aramu, que começou a governar perto do fim do reinado de Assurnasirpal.³³¹ É possível que possa ter havido interações com esta região no século XIII a. C., de acordo com textos assírios da época de Salmaneser I, pois afirmava ter conquistado uma terra chamada Uruatri, que pode ou não ser o mesmo que Urartu.³³² Mas os urartianos que Assurnasirpal II encontrou eram essencialmente outro novo poder em cena, exclusivo da Idade do Ferro.

Os urartianos foram os destinatários quase imediatos da animosidade assíria. As suas cidades eram situadas exatamente a norte da Assíria, na mesma região geral onde se situavam as partes mais orientais do Império Hitita de outrora. Da zona do lago Van, os urartianos espalharam-se por aquilo que hoje são partes do leste da Turquia, da Arménia, do Azerbaijão e do noroeste do Irão. As relações entre os assírios e os urartianos foram hostis em quase todos os momentos; parecem ter vivido num estado perpétuo de guerra desde o primeiro momento em que se conheceram.

Foram os assírios que chamaram a este reino «Urartu» (de onde, aliás, o nome moderno do monte Ararat é derivado). Mas os próprios urartianos chamavam ao seu reino «Biainili». Mais tarde, tornaram-se famosos pelos seus trabalhos em metal. Os académicos atribuem-lhes frequentemente a criação de enormes caldeirões de bronze com cabeças de touro, leão ou grifo (designados por «protomos») nos rebordos, bem como escudos de bronze com incisões e relevos decorados com figuras de animais. Estes ter-se-ão feito ao caminho para o norte da Síria — ou foram incitados a isso — e podem ter chegado ao oeste de Creta, à Grécia continental e até a Itália, especialmente mais tarde, nos séculos VIII e VII a. C.³³³

Até então, reis assírios como Tuculti-Ninurta I, Tiglate-Pileser I e Assurbelcala também informaram que estavam a fazer campanha numa região localizada no lago Van, a que chamaram «Nairi». Apesar de haver alguma controvérsia quanto à questão de saber se esta região é a mesma que Urartu, os próprios urartianos, por vezes, referiam-se ao seu reino por este nome (Nairi) no

século IX a. C., e parece ter sido certamente assimilada como Urartu no século VIII a. C.³³⁴

*

Salmaneser III continuou o ataque assírio a este reino do Norte quando subiu ao trono em 858 a. C. As suas inscrições registam até quatro campanhas contra os urartianos e/ou em território urartiano. A primeira já acontecera no seu primeiro ano no trono, quando diz que se aproximou de Suguni, que era o nome da «cidade fortificada de Aramu [ou Arame], a urartiana». Sitiou-a, capturou-a, ordenou o massacre de muitos dos seus habitantes e depois «ergueu uma torre de cabeças em frente à sua cidade» antes de queimar outras 14 cidades da região.³³⁵

Esta campanha inicial é igualmente registada tanto na parte inferior como na parte superior dos registos da Faixa I nos portões de Balawat, bem como numa inscrição mais longa que está gravada duas vezes noutro local da mesma porta, ou seja, nos revestimentos de bronze que eram fixados nos rebordos das duas folhas (portas) do próprio portão, que se encontravam quando o portão estava fechado. A inscrição para o registo inferior na Faixa I diz: «Capturei Sugunia, a cidade de Arame de Urartu», enquanto a inscrição mais curta para o registo superior diz: «Ergui uma imagem na margem do mar de Nairi.» Da mesma forma, a inscrição mais longa nos rebordos das portas diz: «Ao passar pelo mar, criei uma imagem colossal do meu poderio (e) erigi-a onde a imagem de Anum-hirbe (fica de pé) [...] Criei uma imagem colossal do meu poderio (e) escrevi nele os louvores (de Assur, o grande senhor, meu senhor, e os grandes feitos que) eu vim a realizar (por) mar. Erigi-a junto ao mar.»³³⁶

Esta afirmação reflete uma declaração semelhante que Salmaneser fez na sua «Inscrição Monolítica», que é a segunda de duas inscrições descobertas pelo arqueólogo britânico John Taylor em Kurk, em 1861, e por ele doada ao Museu Britânico dois anos mais tarde, como mencionado no Capítulo Dois. Nesse monumento, Salmaneser registou os mesmos pormenores que acabámos de referir, incluindo a pilha de cabeças e a destruição de 14 cidades, e também registou que marchou até ao mar de Nairi. Acrescentou que a imagem que criou foi feita «à minha semelhança», caso não tivesse ficado previamente esclarecido.³³⁷

As imagens que acompanham o registo superior da Faixa I de Balawat

mostram que o que Salmaneser ergueu nas margens do lago não era uma estátua autónoma, como se poderia imaginar, mas era, na verdade, a sua imagem (representado de perfil, da cabeça aos pés, virado para a direita) esculpida na rocha viva, tal como as cabeças de quatro presidentes dos EUA estão esculpidas no monte Rushmore, no Dakota do Sul. O rei é mostrado a fazer um derramamento de libação de um tipo de líquido no chão — e é acompanhado por padres e músicos, de par com uma variedade de animais dados em sacrifício. São também representadas as tropas que tinham escoltado o rei, incluindo carros, cavalaria e infantaria.³³⁸

Salmaneser tinha, pelos vistos, o hábito de ordenar a criação de tais memoriais para si próprio durante o ataque. Nessa mesma campanha, diz, na verdade, que pôs «uma estátua real colossal de mim próprio [...] perante a nascente do rio Saluara, no sopé da cordilheira Amanus». Também criou uma outra «imagem do meu poderio que estabelece a minha fama de eternidade», que pôs nas margens do Mediterrâneo depois de derrotar os «reis do litoral» na região de Amurru e o reino de Patin. Ali foram deixadas também, pelo menos, duas outras imagens semelhantes às que erigiu noutros locais, incluindo uma no monte Eriteia depois de ter capturado mais uma cidade pertencente a Arame, o *Urtiano*, bem como uma junto ao mar de Nairi.³³⁹

Seis anos depois, numa campanha realizada durante o seu sétimo ano de reinado, Salmaneser fê-lo novamente. Diz ele: «Marchei para a nascente do Tigre, o local onde a água sai. Lavei a arma de Assur, fiz sacrifícios aos meus deuses e ofereci um bom banquete. Criei a minha colossal estátua real e nela escrevi elogios a Assur, meu senhor, e a todos os meus atos heroicos que realizei nas terras. Aí a erigi.» Oito anos volvidos, repetiu o feito, dizendo: «No meu décimo quinto ano, marchei para a terra de Nairi. Criei na nascente do Tigre, onde a sua água sai, a minha estátua real.»³⁴⁰

Por incrível que pareça, ambas foram encontradas e são conhecidas há já algum tempo. Mais uma vez, não se trata de estátuas autónomas, como estas afirmações podem levar-nos a crer, são mais como esculturas do rei, e as inscrições que o acompanham foram gravadas na rocha no âmbito do chamado «Túnel do Tigre», situado a norte da moderna cidade de Lice, na Turquia, e perto de um relevo semelhante esculpido durante uma campanha na região, por Tiglate-Pileser I. Taylor, arqueólogo britânico, estava entre os primeiros exploradores ocidentais a visitar o Túnel do Tigre. Fê-lo em 1862, um ano depois de ter encontrado as duas inscrições em Kurk, e publicou a sua descrição

e discussão das imagens esculpidas em rochas, bem como uma tradução preliminar de *Sir Henry Rawlinson* de uma das inscrições, na mesma edição do *Journal of the Royal Geographic Society of London*.³⁴¹

À semelhança de Salmaneser, que exibiu a sua anterior campanha no registo superior da Faixa I de Balawat, também um destes últimos relevos pertencentes a Salmaneser está representado na Faixa X de Balawat (parte superior e registos inferiores). As faixas de Balawat contêm representações de outras cenas relevantes, pois o registo inferior da Faixa I retrata um ataque sobre a cidade de Sugunia na metade esquerda e o rescaldo da batalha sobre a metade direita, com uma variedade de prisioneiros mostrados em conjunto. Juntas, estas cenas nos registos superiores e inferiores da Faixa I para os acontecimentos da sua campanha de 858 a. C. ganham vida. São continuadas numa borda na Faixa II, onde a inscrição diz, simplesmente, «Clemência de [...] a terra de Urartu» e apresenta um ou mais elementos urartianos das cidades sitiadas, saqueadas e queimadas — presumivelmente de entre as 14 cidades que foram mencionadas nas outras inscrições. Vemos prisioneiros e saques a ser levados, plantações de tâmaras a ser derrubadas e alguns dos defensores foram empalados em altas estacas de troncos de madeira nas paredes, enquanto as cabeças dos outros estão pregadas nas torres.³⁴² Salmaneser não parece ter sido misericordioso para com os urartianos que lhe resistiram nesta primeira incursão no seu território.

O mesmo se aplica à sua campanha seguinte contra eles, retratada na Faixa VII dos portões de Balawat. Aqui, a inscrição diz, simplesmente: «A cidade de Arame, a urartiana, capturei.» Esta é uma abreviatura concisa para a descrição muito mais longa sobre a «Inscrição Monolítica», na qual descreve a morte de 3400 soldados urartianos, «fazendo chover destruição sobre eles como o Deus da Tempestade» e tingindo a montanha como lã vermelha com o seu sangue, enquanto incendiavam várias cidades urartianas. Tudo isto se vê representado no registo superior da Faixa VII, com sapadores assírios a escavar túneis nas muralhas da cidade e a incendiá-la, enquanto a cavalaria e a infantaria assírias arrasavam os defensores urartianos sem piedade.³⁴³

Também fez uma longa campanha contra um rei urartiano chamado «Sarduri, filho de Lutibri», que governou cerca de 834–828 a. C. e que atualmente é referido como Sarduri I. É do reinado de Sarduri que se encontram as primeiras inscrições, na verdade, escritas em urartiano. Curiosamente, foram inscritas utilizando a fraseologia da língua neoassíria e a escrita cuneiforme, porque foram aparentemente criadas por um escriba assírio que tinha sido capturado

pelos urartianos no século IX a. C. e trazido de volta à sua terra como prisioneiro de guerra.³⁴⁴

Na verdade, para a inscrição mais antiga de Sarduri, o antigo escriba simplesmente agarrou numa inscrição real assíria conhecida de Assurnasirpal II e gravou-a palavra por palavra no lado frontal de seis enormes blocos de pedra, alterando apenas os nomes próprios, de modo que o nome Sarduri fosse substituído pelo de Assurnasirpal: «Sarduri, filho de Lutibri, grande rei, poderoso rei, rei do mundo, rei de Nairi, rei que não tem igual, maravilhoso pastor, destemido na batalha, rei que subjuga os a ele insubordinados.»³⁴⁵

Em 830 a. C. que Salmaneser começou a lutar contra Sarduri, que entretanto substituiu o anterior governante (Aramu). Sarduri fundou uma dinastia que governaria Urartu nos dois séculos seguintes, começando pelo seu filho Ishpuini, seguido pelo neto Menua, pelos bisnetos Inushpua e Argishti I, pelo tetraneto Sarduri II, e por aí em diante.³⁴⁶

A base de Sarduri era localizada na fortaleza de Tushpa (ou Tushupa), situada num afloramento rochoso junto ao lago Van, que é mencionada numa série de anais assírios. Muitas das povoações urartianas foram também fortalezas igualmente localizadas em zonas montanhosas, sendo, portanto, difíceis de atacar. Mas não eram impermeáveis, e temos representações pictóricas como as de Salmaneser III, na Faixa VII dos portões de Balawat, que mostram soldados assírios a incendiar as fortalezas construídas nos picos das montanhas.³⁴⁷

Assim, podemos acrescentar Urartu à lista dos novos reinos que surgiram nestes séculos, preenchendo as lacunas deixadas pelos reinos e impérios maiores, como os dos hititas, que não tinham sobrevivido ao Colapso da Idade do Bronze Final. De um modo geral, Urartu provou ser o mais hábil oponente dos assírios, dando mais luta do que quase todos os outros. Foi sugerido que a inovação de Salmaneser de usar a cavalaria no seu exército, que até então não tinha sido muito utilizada pelos assírios, poderá dever-se a ter copiado os cavaleiros urartianos entre as forças que encontravam. Também foi sugerido que os últimos aumentos das quantidades de vinho consumido pelos assírios no século VIII a. C., e depois disso, foi o resultado de interações com (e importação de) Urartu, que era bem conhecida como produtor de vinho na região na altura, tal como a vizinha Arménia ainda hoje o é.³⁴⁸

Salmaneser III e o Norte do Levante

Em 858 a. C., no seu primeiro ano no trono, além de fazer campanha contra Urartu, Salmaneser descreve combates na região do norte da Síria contra um certo número de reis neo-hititas, incluindo Sangara de Carquemis e outro a quem chama «Sapalulme, o *Pantineano*». Ambos os reis foram mencionados acima; o último é provavelmente Supiluliuma II, que governou em meados do século ix a. C. na terra de Palistin, que por esta altura está reduzida a Patin(a), após os mais conhecidos reis Taita I e II. Escavações efetuadas em 2012 pela equipa da Universidade de Toronto no lugar de Tayinat identificaram a sua capital como Kunulua. A equipa descobriu a cabeça e o tronco de uma estátua deste rei, que podem ter sido originalmente de edifícios de grande porte que chegavam a ter três metros e meio a quatro de altura. Nos grandes fragmentos, há uma inscrição incompleta, que ainda não foi publicada, mas, segundo se diz, inclui o nome do rei.³⁴⁹

Salmaneser também refere a sua campanha contra Sangara de Carquemis na Faixa VI das portas de Balawat. A inscrição limita-se a dizer: «O tributo de Sangara de Carquemis», que é então ilustrado por cenas, tanto no registo superior como no inferior. No registo superior, vemos Salmaneser em frente à sua tenda (ou pavilhão real), a receber uma embaixada completa enviada por Sangara, com homens carregados com o tributo, que inclui presas de marfim e pesados caldeirões de bronze. A atual cidade de Carquemis também está representada, ao longe, através do Eufrates. No registo inferior, vemos o acampamento fortificado dos assírios na margem do rio e Sangara a apresentar a sua jovem filha a Salmaneser, com servos que levavam o seu dote; é evidente que ela faz parte do tributo oferecido por Sangara.³⁵⁰ Aparentemente, isto não era de todo invulgar, pois, na sua «Inscrição Monolítica», Salmaneser menciona ter tomado filhas e dotes de uma série de outros reis inimigos ao longo do seu reinado.

Sabemos que um dos outros reis siro-hititas que se aliaram a Sangara contra Salmaneser III em 858 era um homem chamado Hayya, que governou cerca de 870/860–840 a. C. em Samas (atual Zincirli). O nome de Hayya é citado nos anais de Salmaneser de 858, 857 e 853 a. C., onde aparece denominado como «Hayyanu» (ou «Haiianu») e especificamente descrito como «o Sam'alite». Depois do conflito em 858, Salmaneser diz: «Tirei-lhe muitos carros e cavalos destruídos até ao jugo. Ergui pilares de crânios em frente à sua cidade, destruí, demoli e incendiei as suas cidades.» Após esta derrota, Hayya submeteu-se formalmente a Salmaneser, reafirmando a sua lealdade nos anos seguintes.³⁵¹

Os seus sucessores parecem ter também jurado fidelidade à Assíria, incluindo o seu filho Sha'il (que parece ter sido cogovernante durante uma década) e depois outro filho, chamado Kulamuwa (por vezes escrito Kilamuwa), que subiu ao trono *ca.* 840 a. C. e governou durante 30 anos. Kulamuwa deixou-nos um ortostato de basalto com uma representação de si próprio nele gravada, juntamente com um texto de 16 linhas inscrito, em língua fenícia, mas utilizando a escrita aramaica. Datado de cerca de 825 a. C., foi exibido num dos edifícios de Samas e foi encontrado há muito tempo por escavadores alemães. Desde então, tem sido objeto de discussões. Aqui, Kulamuwa registou os nomes de Hayya e Sha'il, dizendo: «A casa do meu pai estava no meio de reis poderosos, e cada um estendeu a mão para lutar.» Indica depois que chegou deliberadamente a um acordo com um rei não identificado, o rei da Assíria — provavelmente, Salmaneser III, embora possa ser Samsiade V —, e que trabalhou especificamente com ele para atacar um inimigo mútuo: «O rei dos Danunos era mais poderoso do que eu. Mas contra ele me aliei ao rei da Assíria.»³⁵²

Salmaneser III e os Senhores da Terra de Carquemis

Nas suas inscrições, Salmaneser III enumera também uma série de outros reis a quem exigiu um tributo, imediatamente antes ou imediatamente depois da Batalha de Qarqar em 853 a. C., além dos principais combatentes que derrotou. Entre eles está «Sangara, o *Carquemishita*», mencionado aqui, e que também aparece meia dúzia de vezes noutros locais nos anais de Salmaneser. Na última referência (Ano 11), datada de 848 a. C., Salmaneser diz que capturou 97 das cidades de Sangara, o que indica, mais uma vez, que Carquemis já era uma cidade bem estabelecida num reino com numerosas cidades a ele subordinadas. Esta é a última vez que Sangara é mencionado por Salmaneser, razão pela qual as datas do seu governo são agora tipicamente dadas como 875–848 a. C.³⁵³

No entanto, esta não é a última vez que ouvimos falar de Sangara, pois ele é mencionado novamente noutro contexto, em Carquemis, quase seis décadas mais tarde. Esta última inscrição, datada de 790 a. C., foi mandada gravar por um descendente de Sangara chamado Kamani, quando este se tornou rei em Carquemis. Foi esculpida numa estela de basalto com mais de dois metros de altura e dedicada à deusa Kubaba, que está representada na parte superior e que é tida como «Rainha de Carquemis». Como parte da inscrição, Kamani incluía

o seu estatuto e genealogia, enumerando os reis que tinham vindo antes dele, incluindo o seu trisavô Sangara.³⁵⁴

A estela está atualmente dividida em seis peças, a primeira das quais foi encontrada em 1876, e outras foram encontradas pelos escavadores britânicos nos anos seguintes a 1911. Mais recentemente, um dos fragmentos foi localizado e recuperado em 2015, tendo sido roubado décadas antes e percorrido cerca de 250 quilómetros. No total, as seis peças encontram-se atualmente em três museus de três países: o Museu Britânico, o Museu do Vaticano e o Museu de Gaziantep, na Turquia. Todos são obviamente do mesmo monumento original e o trabalho de investigação envolvido na localização da história dos fragmentos é uma história por si só, que foi bem contada por outros.³⁵⁵

Além disso, com a ajuda de outra inscrição fragmentária, podemos desenvolver o resto da redação desta estela e reconstruir a genealogia da dinastia dos Senhores da Terra que continuaram a governar Carquemis ao longo de mais de um século, de 875 a 760 a. C.: «(Eu [sou] Kamani, o Governante,) o Senhor do País das cidades de Carquemis (e) Melid, filho de Astiru(wa), o Senhor da Terra, (neto de Kuwalana-muwa, o Senhor da Terra), bisneto de Isarwila-muwa, o Senhor da Terra, (tetravô-neto de) Sangara [...].»³⁵⁶

Assim, sabemos agora que Sangara continuou a linhagem dos Senhores da Terra de Carquemis. Podemos também entender, devido a outras inscrições, os nomes de outros senhores de Carquemis que governaram em finais do século IX e inícios do século VIII a. C. como parte desta dinastia. No total, conhecemos atualmente cerca de uma dúzia de faixas deste tipo, desde o tempo de Suhi I, cerca de 1000 a. C., até ao último, chamado Pisiri, que prestou homenagem a Tiglate-Pileser III em 738 a. C., mas foi depois derrubado do trono por Sargão II em 717 a. C., quando Carquemis foi anexada e incorporada no Império Assírio, acabando com quatro séculos de transformação e mudança após o Colapso da Idade do Bronze Final.³⁵⁷

Parece então que, desde o início do século XII até ao final do século VIII a. C., Carquemis continuou a ter uma hierarquia de governação complexa, dominou uma zona periférica com uma série ininterrupta de reis, possuía escritos e construiu estruturas monumentais. Comentários semelhantes podem ser feitos, em graus variados, em relação a muitas das outras cidades-estado neo-hititas e siro-anatólias em toda esta região, mas penso que podemos concordar com Alessandra Gilibert que diz que «o início da Idade do Ferro siro-anatólia não foi um período de desurbanização e estagnação, mas de transição, marcado tanto

por continuidades como por mudanças de estruturas sociopolíticas»³⁵⁸.

Breve Resumo

É evidente que os hititas não conseguiram navegar na mudança para a Idade do Ferro e cederam território a novos reinos, incluindo os urartus e o frígios, entre outros. Neste caso, é, ainda assim, necessário um asterisco para dar crédito aos sobreviventes que resistiram à mudança com sucesso no sudeste da Anatólia e no norte do Levante, como representado, por exemplo, pelo território governado nos lugares de Carquemis e de Tell Tayinat, sobretudo tendo em conta as repetidas agressões dos assírios ao longo dos séculos. Uma situação bastante semelhante pode ser encontrada no Egeu, onde os micênicos também não conseguiram adaptar-se e os habitantes da Grécia continental tiveram de reconstruir essencialmente as suas sociedades do zero após o Colapso. Já iremos regressar a este ponto.

Marchetti 2012: 132–34, 2014: 36; Aro 2013: 234n5; Dinçol *et al.* 2014b: 143–44; Younger 2016: 118–19; J. F. Osborne 2021: 153–54.

Ver novamente Marchetti 2012: 132–34, 2014: 36; Dinçol *et al.* 2014b: 143–44; Younger 2016: 118–19. Dinçol, Dinçol, Hawkins e Peker 2012: 145; Marchetti 2012: 144–46; Weeden 2013: 10; Dinçol *et al.* 2014a: 128; Hawkins e Peker 2014: 107; Hawkins e Weeden 2016: 11–12; Younger 2016: 119. Ver também Simon 2012, para uma opinião divergente relativamente à identificação da Sura, com abundantes referências anteriores.

Tradução segundo Peker 2016: 16; ver, anteriormente, Dinçol, Dinçol, Hawkins e Peker 2012: 145; Dinçol *et al.* 2014b: 148. Ver também Marchetti 2012: 144–46; Weeden 2013: 8–10; Dinçol *et al.* 2014b: 147, 2014b: 128–30; Younger 2016: 119.

Hawkins 2000: 80–82 (Karkamiš *A4b*); Marchetti 2012: 144–46; Dinçol, Dinçol, Hawkins e Peker 2012: 145; Dinçol *et al.* 2014b: 143–44, 151, 2014b: 128; Hawkins e Weeden 2016: 11; Younger 2016: 119.

Ver, por exemplo, Hawkins 2000: 76–77; Gilibert 2011: 12; Bryce 2012: 89–91, 202; Aro 2013; Marchetti e Peker 2018: 98; Bryce 2020: 108; J.F. Osborne 2021: 100; e todas as referências adicionais citadas na nota seguinte.

Hawkins 1995, 2000: 76–77; Gilibert 2011: 12; Marchetti 2012: 144–46 e tabela 2; Dinçol *et al.* 2014a: 130, 2014b: 150; Hawkins e Peker 2014: 107–8; Brown e Smith 2016: 23–25; Marchetti e Peker 2018: 98; J. F. Osborne 2021: 195; ver também várias tabelas noutros artigos relevantes, conforme citado anteriormente.

Grayson 1991: 37 (A.0.87.3), 42 (A.0.87.4), e 53 (A.0.87.10); Hawkins 2000: 73–74; Frahm 2009: 28–32; Bryce 2012: 200; Younger 2016: 118, 172, 2017: 205–6.

Ver, por exemplo, Hawkins 2000: 73–74; Gilibert 2011: 12; Bryce 2012: 4, 84, 87, 99, 200–201; Weeden 2013: 8; Brown e Smith 2016: 23; Hawkins e Weeden 2016: 11; Younger 2016: 117–18, 121 (fig. 3.3), 172, 2017: 206.

Para citações, ver J. F. Osborne 2021: 55; d'Alfonso *et al.* 2022: 38. Ver também Schachner 2020a, 2020b: 1109–12; também Summers 2000: 55, 58; Seeher 2010; Genz 2013; Kuzucuoglu 2015: 32 38; Bryce 2016b, 2019; Middleton 2017c: 165, 172, 175–76; de Martino 2018; Alaura 2020. Sobre o impacto

demográfico das alterações climáticas na Anatólia, ver também Palmisano, Lawrence *et al.* 2021: 22, 106739.

Sobre a mudança na pecuária, ver Adcock 2020: 251, também 266; agora também Haldon, Izdebski *et al.* 2022: 400–401, citando o trabalho de Adcock.

Dibble e Fallu 2020: 1, 8–9.

Rose e Darbyshire 2011; Rose 2012; Kealhofer, Grave e Voigt 2019; anteriormente, *e.g.*, Muscarella 1995: 94; Voigt e Henrickson 2000: 42–43. Sobre os novos dados, ver Manning, Kocik *et al.* 2023, mas ver também Drews 1992: 17, com um relatório inicial semelhante.

Ver, por exemplo, Liverani 2014: 465–66, 531. Muito se tem escrito sobre os frígios, mas para Gordion, neste período em particular, ver mais recentemente Rose e Darbyshire 2011; Rose 2012; anteriormente, inclusive sobre a possibilidade de migração frígia para esta região, ver, *e.g.*, Muscarella 1995: 91–92; Voigt e Henrickson 2000: 42–46. Ver também Heródoto VII.73 e Estrabão VII.3.2, citados por Muscarella, por acreditarem que os frígios migraram da Trácia ou da Macedônia para a Anatólia por volta da época da Guerra de Troia.

A inscrição é conhecida mais formalmente como «TÜRKMEN-KARAHÖYÜK 1»; o levantamento foi efetuado sob a direção de James Osborne e Michele Massa. Para mais pormenores sobre a pesquisa e a tradução da inscrição, ver J. F. Osborne, Massa *et al.* 2020 e Goedegebuure *et al.* 2020.

Aslan 2009, 2020: 245–47; Basedow 2009; Aslan e Hnila 2015: 186–94.

Bunnens 2000: 16; Hawkins 2000: 73; Harrison 2009a: 171, 174, 181, 2009b: 187, 2013: 61; Bryce 2012: 60, 79–80, 2014: 100–101, 103–4, 2020: 106–7; Weeden 2013: 6; Emanuel 2015: 12; Hawkins e Weeden 2016: 9; Welton *et al.* 2019: 325. Sobre os hititas e a Bíblia, ver, *e.g.*, Bryce 2012, 2014: 101 3.

Woolley 1920: 76. Ver, por exemplo, Hawkins 2000: 73; também Bunnens 2000: 17; Bryce 2012: 55, 83.

Ver agora, de forma muito útil, o recente livro de J. F. Osborne (2021). Este prefere chamar a esse grupo de pequenos reinos «Complexo Cultural Siro-Anatólio (SACC)»; ver J. F. Osborne 2021: 1–9, 110–12, 209–19. Ver também, *e.g.*, Gilibert 2011: 14–16, 55, 79–80, com referências re Zincirli; Bryce 2012: 22–31, 56–57, 169–70, 2020: 108; Weeden 2013: 1–2; Liverani 2014: 448; Younger 2016: 28–30, 114–15.

Hogarth 1911: 8.

Ver, por exemplo, Hawkins 1988, 2000: 73; Harrison 2009a: 171–73; Gilibert 2011: 10–12; Bryce 2012: 19, 55, 84–85, 195–97, 2014: 101–2, 2020: 107; Marchetti 2012: 144, 146 (tabela 2); Aro 2013: 246; Weeden 2013: 6, 9 (tabela 1); Dinçol *et al.* 2014a: 127–28 (quadro 1), 130 (tabela 2); Hawkins e Peker 2014: 110 (tabela 1); J. F. Osborne 2014: 197–98, 2015: 10–11, 2021: 41–42; Hawkins e Weeden 2016: 9; Peker 2016: 49 (tabela 2); Younger 2016: 28–30, 116–19, 121 (fig. 3.3); Marchetti e Peker 2018: 98; Welton *et al.* 2019: 292–94; Millek 2020. Ver também Gilibert 2011: 7–8, com referências anteriores, para a descrição das cidades-estado siro-anatólias como «uma capital que governava uma cintura de cidades fortificadas e um interior rural de aldeias».

Ver, por exemplo, Harrison 2009a: 175; Bryce 2012, 2014: 86–87, 101–3, 2016b, 2020: 106–9; Brown e Smith 2016: 29; Younger 2016: 28–30, 144; Ilan 2019; Manolova 2020: 1195; também, agora, J. F. Osborne 2021.

Sader 2014: 618; Jung 2023, com referências, incluindo observações relativas a Millek 2020–21; Millek 2021; ver, agora e também, Millek 2023, que acaba de aparecer.

Weeden 2013: 20.

A equação não é perfeita e não é universalmente aceite; sobre as várias discussões, ver, entre outros, Harrison 2009a, 2009b, 2010, 2013, 2014; Hawkins 2009, 2011; Bryce 2012: 128–29, 206–7, 2014: 111, 2020: 110–12; Weeden 2013: 11–18; Dinçol *et al.* 2015; Emanuel 2015; Brown e Smith 2016: 32–33; Hawkins e Weeden 2016: 9, 11; Younger 2016: 123–34, 144; Welton *et al.* 2019; Manning, Lorentzen *et al.* 2020; J. F. Osborne 2021: 46–47, 63–64, 159–60; Maeir 2022d: 228–29.

Welton *et al.* 2019: 325. Ver também, anteriormente, Harrison 2009a: 171, 174, 181 e, *e.g.*, Harrison 2009b, 2010, 2013, 2014; também Janeway 2006–7, 2017 sobre Tayinat e o Egeu.

Welton *et al.* 2019: 325–26; ver também Harrison 2009a: 171, 2009b: 187, 2013: 61; Sader 2014: 613–14; J. F. Osborne 2021: 62–63.

Sobre tudo o que precede, incluindo a inscrição de Taita, bem como os vários governantes, ver Harrison 2009a: 171, 173–74, 2009b: 175, 179, 2013: 62–64, 77, 2014: 396, 402–4, 409, 2016: 254, 2021: 327, 341–44; Hawkins 2009, 2011; Kohlmeyer 2009, 2011; Bryce 2012: 128–31, 206–7, 223–24, 2014: 111, 121, 2016b: 68–69, 77–78; 2020: 110–13; Aro 2013: 246–47; J. F. Osborne 2013: 776–77, 2014: 199–201, 204–5, 211n2; Weeden 2013: 12–18, figs. 2–3, e tabela 2; Dinçol *et al.* 2015: tabela 1 e passim; Emanuel 2015; Hawkins e Weeden 2016: 11; Younger 2016: 123–27, 133; J. F. Osborne *et al.* 2019; Welton *et al.* 2019: 294; Manning, Lorentzen *et al.* 2020: 4, 24; J. F. Osborne 2021: 63–64, 117–21. Ver Grayson 1996: 9 (A.0.102.1) sobre a menção de Salmaneser III; também e agora, Bryce 2020: 113 e Projeto Arqueológico Tayinat, <https://tayinat.artsci.utoronto.ca/the-toronto-expedition/king-shupiluliumas-ii>, sobre a descoberta em 2012 de uma estátua com uma inscrição de Suppiluliuma II.

Woolley 1920: 86; também, atualmente, Gilibert 2011: 25–30; J. F. Osborne 2021: 98–99.

Marchetti 2012: 134–36; ver também Gilibert 2011: 31–38; Middleton 2020e: 18–22; atualmente, J. F. Osborne 2021: 99–100.

Sobre a inscrição de 870 a. C., ver Hawkins 2000: 75; Yamada 2000: 72–75; Bryce 2012: 213, 2014: 117–18; Marchetti 2012: 146; Brown e Smith 2016: 25; Hawkins e Weeden 2016: 13; J. F. Osborne 2021: 148–49. Sobre as faixas específicas de Balawat, ver Grayson 1991: 345 (A.0.101.80) e 349 (A.0.101.90), também 347 (A.0.101.85); Curtis e Tallis 2008: 32, 35, 54, figs. 11–12, 17–18, 57–58.

Como outros já tinham observado; ver, por exemplo, Gilibert 2011: 12–14, com referências anteriores.

Grayson 1991: 217 (A.0.101.1); ver também Bryce 2012: 213; J. F. Osborne 2021: 148–49.

Grayson 1991: 225 (A.0.101.2) e 275 (A.0.101.23); Radner 2011: 738–39; Schachner 2020b: 1121.

Ver Kroll *et al.* 2012: 6, 9.

Van Loon 1966: 1–2; Zimansky 1985: 1, 4, 2011: 548–49; Kuhrt 1995: 548; Radner 2011: 734–35; Kroll *et al.* 2012: 1; Liverani 2014: 521–22; Fuchs 2017: 250. Sobre os caldeirões de bronze e escudos, ver, por exemplo, van Loon 1966: 11–12, 84–87, 103–18; Kuhrt 1995: 560; mas ver, agora, Curtis 2012; Kroll *et al.* 2012: 25.

Ver, por exemplo, van Loon 1966: 7; Zimansky 1985: 49–50, com mais referências; Kuhrt 1995: 550; Kroll *et al.* 2012: 10; Liverani 2014: 521–22; Fuchs 2017: 250, 260; ver Grayson 1991 e 1996 para menções de campanha em Nairi por Tiglate-Pileser I, Assurbelcala, Adadenirari II, Tuculti-Ninurta II, Assurnasirpal II e também Salmaneser III.

Zimansky 1985: 49; Radner 2011: 738–39; Bryce 2012: 242; Curtis 2012: 429; Kroll *et al.* 2012: 10; Liverani 2014: 521–22; Frahm 2017: 171, 2023: 109; Fuchs 2017: 250.

King 1915: 21–22; Grayson 1996: 27–29 (A.0.102.25), 140 (A.0.102.63–64).

Ver Taylor 1865; King 1915: 21; Grayson 1996: 14–15 (A.0.102.2); também, agora, MacGinnis e Matney 2009.

King 1915: 21–22, pls. 1–6.

Traduções segundo Grayson 1996: 16–17, 20–21 (A.0.102.2).

Para a tradução do Ano 7 no «Obelisco Negro», ver Grayson 1996: 65–66 (A.0.102.14). Para a tradução do Ano 15 na «Inscrição Monolítica», ver Grayson 1996: 39 (A.0.102.6); ver também MacGinnis e Matney 2009 para uma variação da tradução, bem como uma versão mais breve sobre o «Monólito Negro» apresentada em Grayson 1996: 67 (A.0.102.14).

Ver Taylor 1865: 41–43; devo esta referência a Harmansah 2007: 184–85. Ver, atualmente, MacGinnis e Matney 2009: 33, com ilustrações, incluindo do relevo atual no «Túnel do Tigre» e na Faixa X de Balawat; ver, anteriormente, Kreppner 2002: 372, 374–75, figs. 9–13; Schachner 2009.

Para a ilustração da Faixa X de Balawat, ver King 1915: 13–14, 30–31, pl. 59. Para as ilustrações nas

Faixas I e II, ver King 1915: 22, pls. 7–12; Grayson 1996: 141 (A.0.102.65).

King 1915: 27–28, pls. 37–42; Grayson 1996: 143 (A.0.102.71). Sobre a inscrição do monólito, ver Grayson 1996: 20 (A.0.102.2).

Van Loon 1966: 7; Zimansky 1985: 49–51; Kuhrt 1995: 552 (tabela 29), 554; Radner 2011: 734; Kroll *et al.* 2012: 10; Fuchs 2017: 251.

Tradução de CTU 1 A 01–01, segundo o projeto *online* Electronic Corpus of Urartian Texts (eCUT): <http://oracc.museum.upenn.edu/ecut/pager>; também van Loon 1966: 7–8; Zimansky 1985: 50–51, 2011: 554; Kuhrt 1995: 550; Radner 2011: 736, 742, e a legenda da fig. 33.1; Bryce 2012: 242; Frahm 2017: 170–71. Ver também van Loon 1966: 10–11 e Zimansky 1985: 59 sobre inscrições deixadas pelos sucessores de Sarduri. Note-se que Sarduri é chamado «rei de Nairi» em vez de «rei de Urartu», talvez mostrando mais uma vez a natureza interligada das duas entidades. Ver, por exemplo, van Loon 1966: 7, que sugere que foi Sarduri I quem «estendeu o seu poder sobre a maioria dos países Nairi e fundou o reino de Urartu» (isto apesar do facto de Aramu já ser chamado «o Urartiano» antes do reinado de Sarduri).

Zimansky 1985: 50; Kuhrt 1995: 552 (tabela 29), 554; Grayson 1996: 14 (A.0.102.2); Radner 2011: 738–39, 745; Kroll *et al.* 2012: 10–14. Ver também Grayson 1996: 65–66, 68 (A.0.102.14) para várias menções de campanhas contra Aramu e depois uma campanha contra Sarduri, todas registadas no «Obelisco Negro» de Salmaneser III (sobre este, ver mais adiante). Ver também a inscrição CTU 1 A 04–01, que enumera os três primeiros e as suas relações, no *Electronic Corpus of Urartian Texts* (eCUT) (<http://oracc.museum.upenn.edu/ecut/pager>); a maior parte também tem um certo número de inscrições individuais que podem ser encontradas no mesmo *corpus* em linha. Para a lista de governantes e a sua ordem proposta, que é contestada após o reinado de Sarduri II, ver <http://oracc.museum.upenn.edu/ecut/urartianrulersandtheirinscriptions/index.html>.

Van Loon 1966: 7; Kuhrt 1995: 554; Curtis 2012: 429; Kroll *et al.* 2012: 6, 22.

Radner 2011: 742–43; Kroll *et al.* 2012: 24; Frahm 2017: 170–71; ver também Zimansky 1985: 69 sobre textos urartianos que mencionam vinhas, bem como pomares e campos de cereais.

Ver Grayson 1996: 9–10 (A.0.102.1) e 16, 23 (A.0.102.2); Bryce 2012: 219, 221, 2014: 119, 2020: 113; J. F. Osborne 2013: 776–77; Weeden 2013: 12, 15–16, fig. 4; Harrison 2014: 408–9, fig. 5; também Projeto Arqueológico Tayinat, <https://tayinat.artsci.utoronto.ca/the-toronto-expedition/king-shupiluliumas-ii>

King 1915: 26, pls. 31–36; Grayson 1996: 142 (A.0.102.70).

Gilibert 2011: 15–16, com a tradução apresentada no quadro 8; ver Grayson 1996: 10 (A.0.102.1), 16 (A.0.102.2). Ver também Brown 2008a: 341–44.

Tradução inglesa segundo O'Connor 1977: 19, 21–22, depois de Donner e Röllig 2002: 13, como citado inicialmente por Gilibert 2011: 15–16. Ver também Brown 2008a: 341–44; Gilibert 2011: 15–16, 79–84; J. F. Osborne 2021: 44, 74–82, 110–12, 142–43, 146, 148, 160–62, 183–84.

Ver Grayson 1996: 9 (A.0.102.1), 23 (A.0.102.2), 38 (A.0.102.6 ii 69). Ver também Hawkins 2000: 75, 2009: 167; Bryce 2012: 130–31, 223, 2014: 122, 125; Brown e Smith 2016: 25; Hawkins e Weeden 2016: 13; Peker 2016: 49 (tabela 2).

Peker 2016: 47–49; Marchetti e Peker 2018: 81–90.

Ver Peker 2016: 47–49; Marchetti e Peker 2018: 81–90.

Tradução (fundindo os dados de várias inscrições) segundo Peker 2016: 47–49 e tabela 2; Marchetti e Peker 2018: 95–97. Ver também Marchetti 2012: 146–47; Hawkins e Peker 2014: 108.

Hawkins 2000: 36, 72, 75–79, 123–24, 128–29, 131; Gilibert 2011: 12–14, 41–50; Bryce 2012: 84, 98, 280–81; Hawkins e Peker 2014: 108–9; Brown e Smith 2016: 25–26; Hawkins e Weeden 2016: 13; J. F. Osborne 2021: 78, 83, 100–102, fig. 3.7.

Gilibert 2011: 6, citando Bunnens 2000: 12–19; ver também d'Alfonso 2020.

Capítulo Cinco

À SOMBRA DOS PALÁCIOS EM RUÍNAS (*REGIÃO DO EGEU*)

NA DÉCADA DE 1870, quando o arqueólogo amador Heinrich Schliemann escavava no lugar de Micenas, na Grécia continental, à procura dos túmulos de Agamémnon e de outros heróis da Guerra de Troia, encontrou fragmentos de um grande vaso esmagado num edifício da acrópole. Pensou-se inicialmente que o vaso datava do século VII a. C., mas acabou por se perceber que era do século XII a. C., ou seja, da época imediatamente posterior à da destruição do palácio.³⁵⁹

Nas faces laterais do vaso podem ver-se dois grupos de guerreiros, aparentemente em marcha para ou da batalha com armadura completa, capacetes na cabeça, proteções no tronco e caneleiras nas pernas, além de escudos e lanças. É possível que isto possa ser visto como uma representação dramática do período como um todo, com conflitos e destruição como uma marca destes anos. Existem outros vasos fragmentados também deste período, provenientes de outros sítios do continente, representando guerreiros, navios ou ambos, indicando que este era um tema persistente nestes anos.³⁶⁰

Todavia, um número desconhecido de sobreviventes ou ocupantes viveram em zonas de Micenas, mesmo depois de a cidade ter sido destruída. No entanto, no ocaso do século, até a cidadela foi abandonada por esses poucos habitantes. A cidade permaneceu, então, desocupada até ao século VIII a. C., quando um templo dedicado a Hera, ou a Atena, foi construído no topo, onde outrora se encontrara o palácio.



FIG. 10. Vaso de guerreiro de Micenas. Fotografia cortesia de Sharon Mollerus via Wikimedia Commons.

*

É agora claro que foi preciso mais de um século para que os últimos vestígios da sociedade palaciana micénica da Idade do Bronze se desvanecessem e para que a cultura da Idade do Ferro se iniciasse na Grécia continental. Em alguns locais, é óbvio que os sítios continuaram a ser ocupados no século XII e mesmo nas primeiras décadas do século XI, ao longo daquilo a que os arqueólogos chamam período pós-palaciano.³⁶¹

Certo é que não dispomos de textos escritos na Grécia que datem das décadas subsequentes à queda dos palácios ou mesmo, de um modo geral, do final do século XII a. C. Os próprios relatos posteriores de Homero, Hesíodo, Heródoto e Tucídides sobre a época da Guerra de Troia e o período imediatamente a seguir não podem ser tomados pelo seu valor facial, pois são fontes que olham para trás, para uma época que já não existia no seu tempo.³⁶² Os dados recolhidos pela arqueologia são a nossa única esperança.

Felizmente, tal como no caso de Chipre, está disponível uma grande quantidade de dados da Grécia continental e de Creta, incluindo enterros, cerâmica e alterações nos padrões de povoamento. Existem atualmente, na verdade, centenas de artigos e numerosos livros que abordam temas ou

especificamente sobre ou relevantes para a Idade do Ferro na região do Egeu, surgindo a um ritmo cada vez mais rápido, à medida que o interesse acadêmico aumenta e novas escavações acontecem.³⁶³ Toda esta informação recente tem sido objeto de interpretação, reinterpretação e, por vezes, de décadas de discussões e disputas acadêmicas, resultando em alguns novos entendimentos sobre estes séculos.

Como resultado, temos agora também boas provas de que alguns dos outros habitantes da Grécia continental, não só em sítios urbanos como Micenas, mas também nas zonas rurais, conseguiram aguentar-se no rescaldo do Colapso. Por exemplo, os túmulos de Perati, mencionados no Capítulo Três, contêm uma miríade de pequenos objetos funerários importados de Chipre, de Canaã, da Anatólia e do Egito, incluindo artigos com cartelas faraônicas, indicando que as rotas comerciais não tinham sido completamente cortadas.³⁶⁴

Não muito longe de Micenas, em Tirinto, na Argólida, as muralhas pareciam ainda estar de pé durante grande parte do século XII, e extensos novos projetos de construção, incluindo o do Edifício T sobre as ruínas do palácio da Idade do Bronze na Cidadela Superior. Além disso, a Cidade Baixa (o «Unterberg») continuou a ser ocupada e utilizada. Talvez o mais surpreendente seja até que uma nova Cidade Baixa tenha sido construída fora das muralhas da cidade neste período. Apenas uma pequena parte da cidade foi escavada até agora, mas parece ter sido extensa, possivelmente construída devido a um afluxo de recém-chegados à zona. Existem também indícios de vários artesãos que ainda trabalhavam no local e de que chegavam mercadorias importadas, possivelmente de par com alguns trabalhadores específicos que emigravam do Oriente Próximo. Estes imigrantes poderão ter trazido consigo uma pequena vara de marfim que foi encontrada no local, com uma inscrição que parece ser ugarítica. Foi também encontrada uma pequena bola de barro inscrita com marcas cipro-minoicas nestes níveis do local. No entanto, apesar desta evidência de continuidade cultural, Tobias Mühlenbruch, que publicou sobre este período em Tirinto, chama-lhe época de «mudança radical de cultura». Contudo, até esta terá acabado por chegar ao fim, uma vez que o local foi finalmente abandonado por volta de 1100 a. C.³⁶⁵

Na parte sul do continente, a destruição do palácio micénico de Pilos também foi quase completa, como já foi referido em 1177 a. C. Mas também aqui há indícios de que alguma habitação e atividade continuaram. Novos estudos indicam que salas isoladas do próprio palácio, incluindo talvez algumas

despensas e a sala do trono, permaneceram de pé. O estado de conservação parece ser suficientemente bom para terem sido reutilizadas por sobreviventes ou ocupantes em algum momento entre a época da crise e o início do século X a. C., embora a data de ocupação não possa ser mais precisa do que isto.³⁶⁶

De um modo geral, em termos de contactos e comércio com o exterior, Sarah Murray, arqueóloga da Universidade de Toronto, observou que as importações do Mediterrâneo Oriental também continuaram após o colapso dos palácios e que deveríamos estar a falar de mudanças quantitativas e qualitativas da Idade do Bronze para a Idade do Ferro. Sugeriu que, embora possa ter havido uma diminuição na intensidade de tais contactos, é mais provável que isso se deva a haver simplesmente menos pessoas a viver na Grécia neste período. Ian Morris, da Universidade de Stanford, também observou que houve «novas povoações que cresceram à sombra dos palácios em ruínas no século XII, mas [que] mantiveram contactos atenuados com o Oriente Próximo». No entanto, observa também que «o comércio registou um declínio acentuado após uma segunda vaga de destruição por volta de 1100».³⁶⁷

*

Assim, em muitos aspetos, o Colapso não constituiu uma rutura completamente limpa na Grécia continental. Há, sem dúvida, algum grau de continuidade ao longo do século XII a. C. e até ao século XI, com esforços evidentes de adaptação e transformação, mesmo quando os palácios caíram um a um durante o Colapso ou nas décadas seguintes. As práticas agrícolas, por exemplo, parecem ter continuado apesar das condições de seca. Até os estilos de cerâmica perduram, de tal forma que encontramos modificações e variações nas formas e modelos micénicos padrão — e, por conseguinte, o nome arqueológico desastroso, mas exato para esse conceito: submicénico. A continuidade das crenças religiosas também está em evidência como o culto a Zeus, Hera, Poseidon e outros que constam dos textos do Linear B dos micénicos permaneceu na Idade do Ferro e até à Idade Clássica.³⁶⁸

Pergunto a mim mesmo, no entanto, como teria sido a vida na Grécia para aqueles que viviam no período pós-palaciano. É óbvio que a vida nos centros urbanos tinha mudado de forma drástica; em praticamente todos eles, exceto talvez em Tirinto, onde parece ter havido apenas «ocupas» a viver entre as ruínas. Mesmo em Tirinto, não se sabe ao certo quanto do local ainda ficou

efetivamente ocupado. Quanto às pessoas nas aldeias e cidades do interior, a maioria dos académicos conclui, com base nas escassas provas de que dispõem, que muitos passaram a viver num contexto sociopolítico e económico menos complexo do que o anterior, muito possivelmente devido à perda dos palácios e ao colapso do sistema administrativo que já estava em vigor há séculos.

Em alguns casos, podemos ver o efeito da onda que foi sentida quando os palácios foram substituídos por comunidades mais pequenas. Por exemplo, é evidente nos escritos do século VIII de Homero e Hesíodo que o termo *wanax* (wa-na-ka), antes usado para significar «rei» na Idade do Bronze, caiu em desuso nos primeiros séculos da Idade do Ferro. Em seu lugar, passou a ser usado *basileus* (qa-si-re-u), que antes se referia a «chefe» de nível inferior. E, em vez dos anteriores administradores do palácio, havia agora mais funcionários locais. Além disso, a própria escrita também se perdeu temporariamente com a queda dos palácios e os poucos escribas alfabetizados morreram, mudaram-se ou simplesmente perderam os seus empregos, uma vez que já não havia necessidade de manter inventários e contabilidade nos palácios, o que tinha sido o principal objetivo da escrita na Grécia no período micénico.³⁶⁹

E, apesar de tudo, vários académicos sugerem que nem toda a gente na Grécia teria lamentado o colapso dos palácios, a morte dos administradores palacianos e a cessação das grandes construções micénicas e dos seus projetos de engenharia, como a Porta do Leão e as novas muralhas de fortificação, o túnel de água e o imenso túmulo em forma de colmeia conhecido como «Tesouro de Atreu», todos construídos em Micenas *ca.* 1250 a. C. Estes projetos e a economia palaciana podem ter empobrecido as «pessoas» normais mais perto do término da Idade do Bronze Final. O desaparecimento dos palácios pode ter, na verdade, libertado estas pessoas de um enorme fardo, de tal forma que algumas zonas rurais podem ter vivido um breve momento de prosperidade nas décadas logo após o Colapso.³⁷⁰

Alex Knodell, do Carleton College, sugere, na verdade, que devemos ver o período palaciano na Grécia da Idade do Bronze Final como uma experiência falhada e que o Colapso permitiu que as coisas revertissem para a normalidade, como aconteceu na Grécia na primeira parte do segundo milénio a. C. «Aí, ao invés de vermos os palácios como o culminar de uma trajetória evolutiva da formação de um estado após um colapso», diz-nos, «talvez devamos vê-los como anomalias históricas e experiências sociais que, em última análise, não foram bem-sucedidas.»³⁷¹

No entanto, é geralmente aceite que o fim do período micénico na Grécia representa o fim de uma era. Sigrid Deger-Jalkotzy, professor emérito da Universidade de Viena, declarou: «Não há dúvida que o colapso da civilização avançada dos palácios micénicos foi um ponto de viragem fundamental na história grega. As impressionantes estruturas palacianas não foram reconstruídas, e muito pouco das artes e ofícios representativos dos palácios parece ter sobrevivido. As complexas formas de organização política, social e económica caíram no esquecimento. Os palácios, os reis e as suas famílias tornaram-se matéria para os mitos gregos. A arte da escrita perdeu-se durante séculos. Em suma, a civilização grega foi reduzida ao nível de uma sociedade pré-histórica.»³⁷²

Entretanto, em Creta...

Por seu turno, as coisas em Creta parecem ter corrido melhor após a crise, mesmo que os traços específicos da sociedade minoica já não sejam visíveis. Estudos recentes indicam que havia sinais de vida na capital, Cnossos, por exemplo. Além disso, apesar de terem passado literalmente séculos desde que os minoicos foram suficientemente proeminentes no comércio internacional para serem mencionados por outras sociedades, como nas tábuas de Mari do século XVIII a. C., ou representados em pinturas de túmulos egípcios no século XIV a. C., as interações com o Oriente Próximo parecem ter sido retomadas, embora menos do que antes, tal como Sarah Murray documentou, na Grécia continental, neste mesmo período.

Saro Wallace, investigadora sénior da Fundação Gerda Henkel, na Alemanha, observou recentemente que os habitantes de Creta não foram menos afetados pela crise do Colapso do que quaisquer outros, mas sim que parecem ter resistido melhor à transição para a Idade do Ferro através de ações deliberadas e de reajustamentos culturais generalizados que minimizaram o caos. A sua reação, diz, destaca-se como uma resposta «surpreendentemente precoce, coerente e criativa» a «condições de insegurança e novas oportunidades» que resultou naquilo a que chama «colapso positivo»³⁷³. Parece que se adaptaram, e até talvez se tenham transformado em certa medida, em vez de copiarem o antigamente.

Nesse sentido, as pesquisas feitas pelo arqueólogo polaco Krzysztof Nowicki em Creta, durante as quais ousou escalar muitos dos picos mais altos para

procurar vestígios arqueológicos, mostraram que havia numerosas pequenas povoações estabelecidas em posições defensivas no cimo das montanhas e longe da costa, imediatamente após o Colapso, talvez para evitar a pirataria.³⁷⁴

No entanto, existem também provas de que a vida em vários dos maiores locais cretenses, como Festo e Chania, além de Cnossos, continuou sem interrupções, apesar de os palácios estarem em ruínas. Houve aparentemente uma grande continuidade em termos de povoamento urbano, estabilidade económica, cultos e santuários religiosos e práticas funerárias, que constituíram a base da estratégia de sobrevivência bem-sucedida dos cretenses, como documentado por Wallace e por outros.³⁷⁵

Em suma, os dias de glória da civilização minoica de meados do segundo milénio a. C. podem ter desaparecido para sempre, mas a própria Creta e os seus habitantes sobreviventes continuaram durante a Idade do Ferro, adaptando-se à nova normalidade. Mas pode dizer-se que isso teve um custo, o da perda da sua identidade cultural enquanto «minoicos», ou seja, os «keftiu», como eram conhecidos pelos egípcios, e os «caphtorianos», como eram chamados pelos comerciantes de Mari e Ugarite na Idade do Bronze Final. Todavia, para sermos perfeitamente transparentes, é possível que já estivessem a caminho de perder essa identidade coletiva quando foram conquistados pelos micénicos *ca.* 1350 a. C.; Metaxia Tsipopoulou, especialista em Idade do Bronze e do Ferro no Egeu e diretora das escavações de Petras, em Creta, sugeriu o termo «micénicos» para descrever a população de Creta na última fase da Idade do Bronze, ou seja, dos finais do século XIV em diante.³⁷⁶

A Chegada do Alfabeto

Já explorámos no Capítulo Três o consenso sobre o alfabeto ter sido levado para o Egeu pelos fenícios, pelo menos, segundo os gregos. Mas não é, de todo, claro quando é que tal aconteceu. O primeiro artefacto com uma inscrição fenícia encontrado na região do Egeu é uma taça de bronze, provavelmente de fabrico cipriota, encontrada na Sepultura J do cemitério de Tekke, em Cnossos, Creta. No seu rebordo, estão gravadas quatro palavras difíceis de ler e ainda mais difíceis de traduzir. Até à data, foram feitas várias sugestões, sendo a mais provável «taça de [ou pertencente a] x, filho de y»). O túmulo é hoje datado do final do século X, ou seja, 950–900 a. C., mas a taça era provavelmente já uma herança na altura em que foi enterrada, pois crê-se datar de um pouco antes,

cerca de 1000 a. C.³⁷⁷

A inscrição nesta taça indica que o alfabeto pode muito bem ter chegado ao Egeu muito antes de *ca.* 800 a. C., que é a data habitual que a maioria dos académicos foi sugerindo no passado. Curiosamente, embora as mais antigas inscrições gregas datem geralmente da segunda metade do século VIII a. C., a investigação mostrou agora que podem ter existido até 33 diferentes variações do alfabeto em uso na região do Egeu antes de ser aceite um conjunto padrão de letras. Assim, alguns académicos sugerem agora, com cautela, que a chegada inicial do alfabeto pode ter ocorrido já no século XI a. C. e que os habitantes do Egeu poderiam estar a escrever em materiais perecíveis como o couro, a madeira ou o chumbo durante algum tempo.³⁷⁸

Um aspeto atrativo desta sugestão é que uma data anterior coincidiria com a data do desenvolvimento e uso do alfabeto no Oriente Próximo, em vez de os egeus se atrasarem três séculos em relação aos seus vizinhos de leste. Uma das mais antigas inscrições fenícias que temos no Mediterrâneo Oriental é a «Inscrição de Azarba'al», encontrada em Biblos e datada do final do século XI ou início do século X a. C. As seis linhas de escrita estão gravadas numa espátula de bronze, mas, infelizmente, o texto está partido e incompleto. Assim, não temos toda a certeza, mas parece envolver dinheiro e terras ancestrais. Outro texto fenício, datado aproximadamente da mesma época, foi inscrito num vaso de bronze, encontrado num túmulo em Kfar Vradim, em Israel. Identifica claramente o proprietário: «A taça de Pesah, filho de Shema.»³⁷⁹

Willemijn Waal, da Universidade de Leiden, observou: «Desde que os gregos tiveram contacto com os fenícios (e outros povos) que utilizavam a escrita, parece pouco credível que a Grécia, como região única, tenha permanecido analfabeta durante mais de três séculos — especialmente porque, como sabemos hoje, este período não foi só sombrio e regressivo.» É evidente que havia, com efeito, necessidade de um novo sistema de escrita na Grécia dessa altura, uma vez que o Linear B caiu rapidamente em desuso quando o sistema palaciano micénico entrou em colapso. Se os fenícios trouxeram o alfabeto já no século XI a. C., isso significaria que houve apenas um breve período sem escrita na Grécia continental, talvez apenas cerca de um século, em vez de um hiato que durou quatro séculos.³⁸⁰

Independentemente da altura em que surgiu, o sistema alfabético representou um avanço para os gregos, pois permitiu que toda e qualquer pessoa pudesse

aprender a ler e a escrever, e não apenas os escribas do palácio que tratavam da contabilidade da administração. Mas como e porquê a transferência deste novo sistema de escrita? Terá acontecido inicialmente nas cidades portuárias, por exemplo, para uso de comerciantes privados que importavam mercadorias? Será que um comerciante ou marinheiro grego aprendeu com um comerciante fenício? Como é que depois se espalhou e porque é que havia tantas variantes iniciais? Existiriam escolas de escrivães que matriculavam muitos jovens estudantes que aprendiam um sistema relativamente simples? Terá sido utilizado inicialmente para inscrever o nome de uma pessoa num objeto, talvez para marcar a propriedade de alguém, como na taça Tekke, como Antonio Kotsonas observou, para o período em que a escrita grega primitiva era seguramente utilizada após o século VIII a. C.³⁸¹

Rudolf Wachter, da Universidade de Lausana, sugeriu que o alfabeto teria levado apenas semanas, em vez de meses ou anos, a espalhar-se por grande parte da região do Egeu, depois de ter sido adotado ou inventado. Parece talvez um pouco rápido de mais, mas ele crê que a adoção original terá provavelmente ocorrido num «momento de um encontro casual de alguns comerciantes gregos e fenícios num qualquer porto mediterrânico», e acrescenta que teria sido necessário apenas «um pequeno grupo de um ou dois gregos, de preferência comerciantes afastados de casa, sentados juntos a um fenício que lhes falasse da escrita para escrever cartas, fazer listas de encomendas, pequenos memorandos, etc., que depois lhes ensinou a série de nomes de letras e lhes entregou um abecedário. Poderemos imaginar que um encontro deste tipo tivesse acontecido numa comuna de gregos e fenícios»³⁸².

*

No entanto, o principal problema da sugestão de uma data tão precoce para a chegada do alfabeto é, muito simplesmente, o aparente baixo nível de complexidade da sociedade grega neste período e a relativa escassez de vestígios de contextos do século XI a. C. na Grécia continental. Tal pode ser um acaso de preservação arqueológica, pois, como Ian Morris observou, «as casas da Idade Média [eram] frágeis, e [...] mal sobreviveram». Por outro lado, também salienta que «apenas um décimo do número de locais do século XI são conhecidos, o mesmo se passando quanto aos do século XIII»³⁸³.

Parece ter havido um novo declínio na Grécia durante o século xi. Os estilos

de cerâmica mudaram drasticamente nesta altura e houve um despovoamento adicional nas zonas rurais do território. Quase todos os vestígios da «cultura material» micénica acabaram por desaparecer e é bastante seguro dizer-se que podemos apontar para meados deste século, *ca.* 1050 a. C., o mais tardar, como a altura em que a sociedade micénica que conhecemos terminou.³⁸⁴

E, contudo, nem tudo foi insondável, pois Morris sugere que houve uma «revolução» na Grécia que começou aproximadamente na mesma altura e que incluiu uma mudança do bronze para o ferro — vista predominantemente em túmulos —, e uma nova diversidade nos tipos de funerais, incluindo possivelmente muitos que são agora «invisíveis» para nós, uma vez que eram das classes mais baixas e deixaram poucos vestígios. Também vê este período, que durou o século e meio seguinte até ao início do século IX, ou seja, de 1050 a 900 a. C., como uma era de estabilidade, uma vez que pôs fim ao caos deixado pelo colapso dos palácios micénicos.³⁸⁵

Os locais voltaram a crescer, sobretudo no decurso do século X. Por exemplo, Atenas pode ter sido constituída por um grupo de aldeias nesta altura (tal como Esparta o seria mais tarde), embora isto seja um ponto controverso, e pode ter havido entre três e cinco mil pessoas a viver nesta cidade no fim do século X a. C. Morris também afirmou, em publicações de 1995 e do início dos anos 2000, que considerava haver outros locais com populações relativamente numerosas, incluindo as 600 a 1200 pessoas que viviam em Argos, no Peloponeso, e talvez 1250 a 2500 em Cnossos, Creta.³⁸⁶

Mas parece agora que o próprio Morris pode ter subestimado a situação, pelo menos em alguns dos sítios. Em Creta, por exemplo, existem agora novas provas de que Cnossos pode ter sido maior do que se esperava nessa altura. Alguns já suspeitavam disso, como Nicholas Coldstream — um dos mais conceituados académicos britânicos que estudaram a Idade do Ferro no Egeu e em Chipre —, a propósito de numerosos cemitérios em Cnossos datarem deste período, cobrindo uma área de cinco quilómetros de norte a sul. Partindo do princípio de que os cemitérios se situavam nos arredores da cidade, o que parece mais provável, Coldstream observou, em 2006: «Se o tamanho de uma comunidade fosse medido pelos seus cemitérios, a antiga Cnossos grega seria, de longe, a maior cidade do seu tempo no mundo egeu.»³⁸⁷

Inquéritos realizados desde o início dos anos 2000 pelo «Projeto Paisagem Urbana de Cnossos» (KULP) indicam atualmente que, tratando-se do século XI a. C., isto pode estar correto. Se as suas conclusões forem exatas, parece que

Cnossos era três a quatro vezes maior do que se pensava, cobrindo uma área de 50 a 60 hectares (quase 150 acres) — o suficiente para albergar uma população de, pelo menos, três a quatro mil pessoas. Embora seja uma área mais pequena do que a da Cnossos da Idade do Bronze, é extremamente grande para uma cidade grega da Idade do Ferro e é mais do que Ian Morris tinha sugerido faz agora vinte anos.

Como resultado dos novos estudos, Kotsonas, da Universidade de Nova Iorque, declarou recentemente que parece que «Cnossos recuperou rapidamente das perturbações do final do segundo milénio, cresceu rapidamente em tamanho e prosperou como centro cosmopolita do Egeu e do Mediterrâneo de uma forma que revolucionaria a nossa compreensão da Idade do Ferro grega»³⁸⁸.

Todavia, já não pode ser considerada uma cidade minoica, pois a sociedade minoica tinha desaparecido juntamente com a dos micénicos, e Creta estava a iniciar a transição para uma nova fase da sua história. Mas os ilhéus não esqueceram os antecedentes da Idade do Bronze, como veremos daqui a pouco.

Mais uma Vez, os «Enterros de Guerreiros»

Já na década de 1990, Hector Catling, antigo diretor da Escola Britânica de Atenas, conhecido pelo trabalho com vasos de bronze antigos, sugeriu que os chamados enterros de guerreiros que foram encontrados em Chipre e em várias partes do Egeu nos séculos XI e X a. C. (mencionados no Capítulo Três) deviam ser «associados ao regresso dos heróis “homéricos” de Troia», em parte, para explicar os objetos cipriotas encontrados em Creta nestes contextos. Por exemplo, um homem sepultado no Túmulo 186 do Cemitério Norte, em Cnossos, foi identificado como «um homem de armas, equipado com lança de bronze e um punhal de ferro, uma faca de ferro e duas pedras para afiar as suas lâminas». Catling apontou especialmente o punhal e a faca de ferro, bem como as duas pedras de amolar, como sendo muito provavelmente de Chipre, citando paralelos dos túmulos em Palaepaphos-Skales.³⁸⁹

Noutro enterro (Túmulo 201), no mesmo cemitério de Cnossos, foram encontrados os restos cremados de dois adultos (um homem e uma mulher) e possivelmente também de uma criança. Os objetos da sepultura incluíam fragmentos de um tripé de bronze, identificado como proveniente de Chipre, e várias armas, além de outros objetos. Catling identificou o enterro masculino como o de um guerreiro que «estava completamente armado com espada, lança

e pontas de seta». Além da espada e da lança, havia também provas de que foi enterrado com um escudo e um elmo feito com presas de javali; as pontas de flecha seriam de flechas já desintegradas que estavam provavelmente numa aljava, da qual foram encontrados também alguns fragmentos.³⁹⁰

Catling ficou especialmente impressionado com a presença do elmo de presas de javali, que, nessa altura, devia ser uma relíquia de família, pois tais capacetes tinham caído em desuso e saído de moda muito antes. E concluiu: «O nosso guerreiro era uma figura extravagante, à luz das suas posses — pelo menos, do ponto de vista da Idade Média grega. Creio que é uma figura para a qual se podem encontrar analogias em Homero e para quem há paralelos noutras descobertas arqueológicas.»³⁹¹

Depois, Catling fez uma sugestão bastante ousada, nomeadamente a de que as amostras recolhidas neste cemitério de Cnossos sugerem que alguns dos enterrados do século XI a. C. «podem ter sido sobreviventes e descendentes da antiga linhagem minoica, mas é provável que haja novos elementos entre eles, pessoas de fora de Creta, ou que regressaram a Creta após ausências prolongadas, talvez passadas no Mediterrâneo (Oriental). Os recém-chegados podem ter imposto a sua liderança à população autóctone; podem ter optado por abrir novos cemitérios, entre eles o Cemitério Norte. Sugiro que os guerreiros cujas cinzas foram enterradas nos [túmulos] 186 e 201 podem ter sido esses recém-chegados, separados da população autóctone pelos seus costumes funerários, nomeadamente o rito da cremação»³⁹².

Além do mais, em relação aos vários bens funerários destes enterros, Catling citou a *Odisseia* de Homero, que descreve as várias jornadas de regresso à Grécia dos heróis após o fim da Guerra de Troia (conhecidos em geral como os *Nostoi*, ou seja, os «Regressados») e os bens que traziam consigo. Num dos casos, quando Menelau, marido de Helena, fala das suas deambulações pelo Mediterrâneo Oriental, diz: «As minhas viagens levaram-me a Chipre, à Fenícia e ao Egito. Etíopes, sidónios, erembis, visitei-os a todos; e vi a Líbia (*Od.* 4.83–85).» Mais tarde, Menelau descreve uma taça que vai oferecer a Telémaco, que também tem uma biografia histórica: «Vou dar-te uma tigela de metal forjado. É de prata maciça, com um rebordo de ouro à volta, e foi feita pelo próprio Hefesto. Foi-me dada pelo meu amigo real, o rei de Sidónia, quando me alojei sob o seu teto na minha viagem de regresso (*Od.* 4.615–19).»³⁹³

É por isso que Catling vincula esses «enterros de guerreiros» vistos em Chipre, Creta e Grécia continental a Ulisses, Menelau e outros «heróis»

homéricos que vaguearam pelo Mediterrâneo Oriental a caminho de casa depois da Guerra de Troia. E sugeriu «que alguns cretenses passaram longos períodos em Chipre na primeira metade do século XI a. C.» e que «os grandes/heróis dos Túmulos do Cemitério Norte 186 e 201 poderiam ter passado parte das suas vidas em Chipre, onde teriam sido, talvez, crianças de etnia cretense, nascidas e criadas em Chipre, ou podem ter começado as suas vidas em Creta e voltaram para lá depois de prolongadas ausências, parte das quais pelo menos teria sido passada em Chipre»³⁹⁴.

Embora nem todos os estudiosos aceitem as sugestões de Catling, estes enterros podem, na verdade, representar o surgimento de um novo grupo de elites locais tanto em Chipre como na Grécia. James Muhly, professor emérito da Universidade da Pensilvânia, por exemplo, vê-os como «senhores da guerra implacáveis, príncipes guerreiros determinados a criar algo novo dos destroços antigos: guerreiros com motivação, energia e ambição para aproveitar tudo o que podiam e criar algum tipo de base de poder para si mesmos». Outros sugeriram que, pelo menos em Chipre, poderiam ser «vislumbres de provas da presença e atividade de homens armados que possam ter estado envolvidos em lutas pelo poder sobre o novo território da ilha ainda em definição»³⁹⁵.

Mais recentemente, Kotsonas reexaminou o «guerreiro» de Catling no Túmulo 201, em Cnossos, e relacionou-o especificamente com a figura de Meríones, um jovem aqueu menos conhecido da *Iliáda*, famoso pela sua habilidade como arqueiro, que veio para Troia sob a liderança de Idomeneu, rei de Cnossos. Kotsonas observa que todo o conjunto de armas e de outros bens funerários relacionados é exclusivo deste enterro particular, de entre todas as sepulturas que foram escavadas na Idade do Ferro do Egeu, e que o conjunto, como um todo, é comparável ao equipamento que Meríones dá a Ulisses no Livro 10 da *Iliáda*, que inclui um arco, uma aljava, elmo com presas de javali e uma espada (*Il.* 10.260–65). Observa Kotsonas: «Estas armas são muito incomuns no épico, tanto quanto nos registos arqueológicos.» E ressalta ainda que Meríones possui o único elmo com presas de javali mencionado por Homero na *Iliáda* e que «é excecional entre os gregos no uso do arco», observando que Meríones vence a competição de tiro com arco nos jogos fúnebres de Pátroclo (*Il.* 23.859–95).³⁹⁶

É claro que não é o próprio Meríones que está enterrado nesta sepultura em Cnossos, uma vez que Meríones é considerado pelos estudiosos um herói grego muito antigo, assim como Ájax e alguns outros guerreiros micénicos da Guerra

de Troia, cujas histórias preexistentes foram incorporadas na *Iliáda* no desenvolvimento do épico ao longo dos tempos. Ainda assim, Kotsonas avança a sugestão intrigante de que o que estamos a ver aqui é o enterro de um habitante preeminente da Cnossos da Idade do Ferro cuja família «encenou o funeral como uma *performance* que promoveu a ligação do defunto a Meríones», herói de Creta.³⁹⁷

Tal como a sugestão de Kotsonas pode ou não encaixar nas reflexões anteriores de Catling sobre os «heróis» homéricos que vagueavam pelo Mediterrâneo Oriental ou os cretenses da Idade do Ferro que passaram algum tempo em Chipre ainda não foi determinada, certamente é motivo de reflexão, especialmente porque esta tumba também continha um tripé de bronze identificado como vindo de Chipre. Também se enquadra bem na definição de Renfrew de colapso do sistema, em que os sobreviventes olham para a era anterior com inveja e inventam histórias sobre isso, como talvez o homem enterrado nesta sepultura da Idade do Ferro, ou a sua família, olhou para trás, para a figura de Meríones, da Idade do Bronze.

O Herói de Lefkandi

De todos os chamados enterros de guerreiros, o que ficou conhecido como o do «Herói de Lefkandi» pode ser considerado um dos mais importantes, embora date de um pouco mais tarde, *ca.* 950 a. C. A história da sua descoberta começa em 1981, quando o proprietário de um terreno localizado em Lefkandi, na Eubeia, começou a arrasar de forma ilegal um grande monte de terra na sua propriedade, ao tentar construir uma casa de verão. Felizmente, foi parado pelas autoridades que então autorizaram os arqueólogos a iniciar escavações de resgate. Depressa descobriram um edifício absidal feito de tijolos de barro. Media entre 45 e 50 metros (150 pés) de comprimento e é a maior estrutura construída de que temos conhecimento deste período. Quando ficou fora de uso, foi deliberadamente coberta com um enorme monte de terra, exatamente o que o proprietário de terras moderno estava a tentar remover com a escavadora.³⁹⁸

Debaixo do chão do edifício absidal, os arqueólogos descobriram um enterro duplo raro, que continha os restos mortais de um homem que foi cremado e de uma mulher mais jovem que foi enterrada, mas não cremada. Uma segunda sepultura, ali próxima, continha os restos mortais de quatro cavalos, dois deles com partes de ferro na boca. Provavelmente foram sacrificados no momento do

enterro.³⁹⁹

As cinzas do homem cremado foram embrulhadas num tecido e dispostas numa ânfora de bronze de fabrico cipriota decorada com touros, leões e arqueiros humanos ao redor do rebordo e no cabo. A companheira foi enterrada perto dele, de par com bens funerários que incluíam uma faca de ferro com cabo de marfim, talvez importada do Levante, que estava perto da sua cabeça. Alguns sugeriram que a mulher foi sacrificada na morte do homem, com base na localização da faca e em indicações de que as suas mãos podem ter sido amarradas, mas não há qualquer prova neste sentido. Também usava um colar com um impressionante pingente de ouro importado do Oriente Próximo. Isto é claramente uma herança, uma vez que data da Idade do Bronze. Também tinha alfinetes de ouro e ferro na roupa, e ornamentos em folha de ouro que podiam ter sido dispostos posteriormente no seu vestido ou túnica.⁴⁰⁰

Os estudiosos estão divididos quanto à questão de saber se a enorme casa absidal já estaria em uso e se os túmulos foram cavados sob o chão, tal como as crianças eram muitas vezes enterradas sob o chão de uma casa, ou se a casa foi construída depois das sepulturas, que foram ali cavadas para marcar a sua posição. Não obstante, os habitantes da região enterraram posteriormente a casa absidal criando um monte de terra (o mesmo monte que tanto perturbou o agricultor moderno seu proprietário), e permaneceu como um gigante *tumulus* — jargão arqueológico para um monte de terra erguido sobre uma sepultura — ao longo de milhares de anos. Muitos estudiosos referem-se a todo este aparato como um *heroön*, ou «túmulo do herói», que geralmente é associado ao culto de adoração de heróis. Esses são conhecidos especialmente na Idade do Ferro na Grécia, que se enquadra bem neste caso.⁴⁰¹

Pessoalmente, suspeito que o edifício já existiria antes da morte do homem e da mulher ali enterrados, embora diga que não é claro se serviu como casa particular ou mais como um prédio administrativo. De qualquer das formas, Irene Lemos, da Universidade de Oxford, que dirige escavações em Lefkandi desde 2003, diz: «[...] não há dúvidas de que o homem enterrado em Toumba era o líder de Lefkandi no início do século X. O sepultamento masculino no edifício Toumba recebeu o funeral mais incrível até agora revelado pela Grécia da Idade do Ferro Inicial.»⁴⁰²

Então, seria ele realmente o líder de Lefkandi neste período, como Lemos afirma? Porque foi cremado em vez de simplesmente enterrado? E como foi ele exatamente cremado — deveria ser a cena da pira funerária de Pátroclo no Livro

23 da *Iliáda*? Além disso, quem era a mulher enterrada com ele? A esposa? Uma consorte? Ou simplesmente um sacrifício aleatório? Tudo foi sugerido. Porque não foi ela cremada também? A faca que estava ao pé do seu pescoço estava envolvida na sua morte? Ainda não há respostas, mas a existência de um enterro tão elaborado e rico dentro de uma estrutura tão grande e com objetos importados mostra o ressurgimento da sociedade grega, o aumento da desigualdade social e, mais uma vez, ligações próximas ao Mediterrâneo Oriental.

Também existem sepulturas adicionais de outras partes do chamado Cemitério de Toumba localizado perto do *heroön* de Lefkandi que também datam do século x a. C.. Alguns estudiosos sugeriram que o cemitério cresceu em torno do túmulo do herói. Essas sepulturas também contêm objetos importados, como um jarro fenício e um suporte cipriota com rodas feito de bronze. Não se sabe como estes objetos importados chegaram a Lefkandi ou quem os trouxe; foi sugerido de várias maneiras que podem ter sido transportados por fenícios ou por cipriotas, ou até por eubeus locais que tinham regressado do Mediterrâneo Oriental.⁴⁰³

Globalmente, os dados provenientes da Grécia continental deixam claro que o contacto com o Oriente Próximo foi restabelecido *ca.* 925 a. C. e talvez muito mais cedo, se é que alguma vez foi perdido. Morris observa que «bronze, ouro, marfim e outras importações do Oriente Próximo regressam ao centro das sepulturas gregas, e foram encontradas mais cerâmicas gregas além-mar». E diz, em especial: «Em 925, os fenícios viajavam mais uma vez para o Mediterrâneo Central e Ocidental, às vezes desembocando no Egeu pelo caminho.»⁴⁰⁴

De particular interesse é um estudo recente que apresenta dados sobre o cobre da região de Wadi Feynan, na Jordânia, que alcançou o sudoeste da Grécia *ca.* 950 a. C. Falei destas minas de cobre no Capítulo Um, mas esta é a primeira indicação de que algum cobre da região estava a chegar à Grécia. Curiosamente, foi usado para produzir caldeirões de bronze no lugar de Olímpia, onde seriam realizados os Jogos Olímpicos dois séculos mais tarde.⁴⁰⁵ O uso do cobre de Feynan e não de Chipre é surpreendente, mas talvez seja mais uma indicação de que os cipriotas se dedicavam principalmente ao trabalho com ferro por essa altura.

A Senhora Ateniense Rica e Outros Enterros

Devemos também ter em mente algo que Anthony Snodgrass disse em 1971, quando sugeriu que a segunda metade do século X na Grécia foi, de certa forma, «um falso amanhecer», afirmando que o «progresso lento da cultura grega no século IX e início do VIII é uma decepção depois disso»⁴⁰⁶. Acredito que podemos estar mais otimistas agora e sugeriria, em vez disso, que a Grécia pode ter começado o caminho para a recuperação neste ponto, embora tenha sido um caminho longo e difícil.

Neste contexto, podemos apontar especialmente para uma descoberta feita em Atenas, numa zona na encosta norte do Areópago, perto da Acrópole e da Ágora Clássica. Aqui, em junho de 1967, arqueólogos americanos descobriram o túmulo da que logo seria apelidada de «Senhora Ateniense Rica». Datado de meados do século IX (*ca.* 850 a. C.), retratava uma imagem de mais riqueza nesse período do que se havia anteriormente esperado. Quando Evelyn Smithson, professora da Universidade de Buffalo (Universidade Estadual de Nova Iorque), publicou pela primeira vez o estudo do túmulo no ano seguinte, descreveu-o como «o mais rico dos tempos pós-micênicos na zona da Ágora e talvez a mais rica do seu período em Atenas»⁴⁰⁷.

A senhora desta sepultura foi cremada, com as cinzas mortais recolhidas e dispostas numa urna muito grande decorada com motivos geométricos. A boca da urna foi bem fechada com a inserção de um copo intacto no momento do enterro, o que impediu qualquer terra de adentrar o caixão. Incluídos entre os bens funerários estavam fragmentos de joias de ouro, anéis e um par de brincos; faiança e contas de vidro que se acredita serem de um colar; dois selos feitos de marfim; um par de fíbulas de bronze; e três ou quatro pinos retos (um, de ferro, os outros, de bronze). Também foram encontrados numerosos vasos e tigelas de cerâmica, além do que hoje é um muito bem conhecido baú de cerâmica pequeno com cinco modelos de espigueiros.⁴⁰⁸

Smithson pensou que a mulher enterrada na sepultura podia ter sido ou a filha ou a mulher de um alto membro da aristocracia. Também suspeitava que a rica ateniense não estava sozinha no túmulo, mas não o conseguiu provar, embora os restos mortais tenham sido examinados por J. Lawrence Angel, um dos mais célebres e respeitados antropólogos biológicos que trabalhavam na Grécia na época, que foi encarregado do estudo de muitos dos restos humanos encontrados nas sepulturas do final da Idade do Bronze e do início da Idade do Ferro nesta região.⁴⁰⁹

Contudo, só em 2004, quase 40 anos depois da publicação inicial, é que Maria

Liston, da Universidade de Waterloo, e John Papadopoulos, da UCLA, anunciaram que a intuição de Smithson estava correta. A senhora estava, na verdade, grávida no momento da sua morte, e os ossos do feto haviam sido agora identificados de forma conclusiva, misturados com os seus. Como a mulher parecia ter entre 30 e 35 anos, e estar de boa saúde, Liston e Papadopoulos sugerem que há uma boa hipótese de ter morrido no parto.⁴¹⁰

*

Outras sepulturas do século IX além da da senhora ateniense rica também foram escavadas em Atenas, todas perto da Ágora Clássica e no Cemitério de Kerameikos, de que numerosos enterros foram recentemente alvo de publicação e/ou reestudados. Por exemplo, na mesma área geral com a Senhora Ateniense Rica está a Sepultura 13, conhecida como a «Sepultura do Guerreiro». Publicado pela primeira vez por Carl Blegen em 1952, este enterro de cremação data do período Geométrico Inicial I, *ca.* 900–875 a. C. Devido às inúmeras armas e ferramentas encontradas dentro dele, todas feitas de ferro, Blegen pensou que era o enterro «de um guerreiro-artesão», que parecia ter cerca de 34 anos quando morreu. Discussões mais recentes chamam-lhe, simplesmente, «guerreiro», e pensa-se agora que a sua idade ao morrer seja de cerca de 40 anos.⁴¹¹

Os ossos queimados deste guerreiro foram dispostos numa grande ânfora que tinha aproximadamente meio metro de altura. A boca do recipiente estava coberta com uma grande pedra de campo, embora o pó tenha entrado ao longo dos séculos. Encontravam-se na sepultura vários vasos de cerâmica, não era inesperado, mas o incomum eram as armas e as ferramentas, que aparentemente foram recolhidas da pira funerária, embrulhadas em pano e ali deixadas — Blegen observou: «Eram visíveis vestígios claros da urdidura e da trama do tecido em algumas peças de ferro.»⁴¹²

A par de duas pontas de lança, de duas facas, de um cinzel e de um machado, todos de ferro, estava também uma longa espada de ferro que havia sido ritualmente «morta» antes do enterro, sendo dobrada num laço quase completo antes de largada por cima da ânfora, de modo que esta ficasse como uma faixa em volta do pescoço e das pernas, a descansar nos ombros do recipiente.⁴¹³ O morto devia, claramente, ter sido alguém importante, pois era raro ser-se enviado para a vida após a morte com tantos objetos de ferro fino em vez de

estes se reutilizarem.

*

Quanto aos funerais noutros lugares, Nicholas Coldstream apontou que se tratou de uma mudança quase universal para as cremações nos enterros neste tempo, possivelmente para ajudar a conservar espaço em locais já preenchidos de túmulos familiares. Também observa que o número de novos enterros no Cemitério Norte, em Cnossos, Creta, indica «um rápido crescimento da população» por esta altura. Foram recolhidas amostras de apoio em novas povoações estabelecidas neste período, algumas das quais se tornariam o núcleo de várias cidades-estado que floresceram na Creta Arcaica.⁴¹⁴

Há também um interessante enterro no cemitério de Tekke, em Cnossos — o mesmo cemitério que continha o túmulo com a tigela cipriota com a inscrição fenícia. Este enterro é o que parece ter sido originalmente uma sepultura minoica de *tholos*, posteriormente reutilizada por gerações depois do final do século IX até ao início do século VII a. C. Entre os numerosos objetos e urnas nos túmulos, encontram-se artigos de joalheria, incluindo um belo colar de ouro, com incrustações de cristal e âmbar, e matérias-primas, que foram enterrados juntos em dois vasos escondidos sob o chão do túmulo, mesmo à entrada.

Estes objetos foram inicialmente considerados, hipoteticamente, propriedade de um joalheiro ou ourives, talvez do norte da Síria, que emigrara para Creta e se estabelecera em Cnossos com a família. Esta sugestão fantasiosa, feita há muito tempo por *Sir* John Boardman, tem sido usada e debatida sempre que se discute se seriam imigrantes do Oriente Próximo, especialmente artesãos, que se estabeleceram em Creta neste século. Porém, reestudar objetos e o seu contexto dentro da sepultura lançou dúvidas sobre o suposto proprietário deste particular conjunto, com sugestões de que a família podia ter pertencido à elite local e não imigrante. Mesmo sem as evidências recolhidas nesta sepultura, ainda é aceite que eram provavelmente artesãos do Oriente Próximo que viviam em Creta nesta época.⁴¹⁵

Eventual Resiliência e Adaptação

Ian Morris vê as ligações entre a Grécia e o Oriente Próximo a diminuir novamente entre 825 e 800 a. C., de modo que, «no início do século VIII, as

sepulturas são geralmente mais pobres e mais simples do que em qualquer outra época desde o século X». Na verdade, sugeriu que todo o sistema na Grécia continental «enfrentou problemas por volta de 900 e entrou em colapso por volta de 750, com a ascensão da *polis*». Uma vez que ainda se mantinham contactos com o Mediterrâneo Oriental neste momento, Morris pensa que isto significa que, «por volta de 800 a. C., os gregos negociaram entre si uma nova relação com o Oriente Próximo»⁴¹⁶.

No entanto, este tal segundo colapso não é absolutamente claro, pois temos evidências de contactos contínuos entre o Oriente Próximo e o Egeu ao longo desta época. Foi encontrada cerâmica fenícia em Cnossos, em Creta, em contextos datados de *ca.* 800 a. C. Objetos adicionais, embora principalmente do final do século VIII, foram encontrados no lugar de Eleuterna, a oeste de Creta. Ambos podem indicar a presença contínua de artesãos residentes do Oriente Próximo em Creta. E vice-versa, uma vez que também há muito tempo que vem sendo argumentado que as pessoas do Egeu podem ter residido no local portuário de Al Mina, localizado no que hoje é a região costeira sudeste da Turquia e o norte da Síria.⁴¹⁷

A meio do século VIII a. C., *ca.* 750 a. C. ou mais cedo, podemos acabar por falar da retoma da cultura grega por um caminho que levou a mais do que à simples subsistência básica e ao sustento da vida. James Whitley, autor de um livro sobre a Grécia da Idade do Ferro, diz que «o Egeu é uma região onde a formação do Estado [...] aconteceu duas vezes: a primeira ocorreu na Idade do Bronze e levou às civilizações palacianas da Creta minoica e da Grécia micénica; a segunda ocorreu no início da Idade do Ferro e levou à civilização da Grécia arcaica e clássica»⁴¹⁸.

Devemos, portanto, dar crédito aos gregos, de alguma forma, pela resiliência, pois, apesar da instabilidade e da insegurança que estiveram presentes ao longo destes séculos na Grécia, de um modo geral, acabaram por reconstruir, em vez de ser completamente substituídos por novas pessoas. Aqui, no Egeu, apesar da falsa tradição da invasão dórica, a etnia e a identidade das próprias pessoas podem não ter mudado muito — isso quer dizer que não houve necessariamente enormes migrações e novos povos vindos para a região após o Colapso —, mas, em vez disso, foram as circunstâncias socioculturais e políticas que mudaram em grande parte — uma adaptação da população restante às novas e duras realidades de um ambiente assolado pela seca e no qual a fome e a

instabilidade política eram questões preponderantes.

Agora, porém, no século VIII a. C., os gregos posicionavam-se mais uma vez para fazer parte, de pleno direito, de uma rede internacional de contactos e interconexões do Mediterrâneo Ocidental ao Mediterrâneo Oriental. Foi uma jornada difícil através dos séculos — mais difícil do que tinha sido para a maioria das outras civilizações e sociedades que considerámos aqui —, mas, no horizonte do resto do século VIII, estariam nos contos duradouros dos poetas Homero e Hesíodo; a ocasião das primeiras Olimpíadas, tradicionalmente datadas de 776 a. C.;⁴¹⁹ a ascensão da *polis* e o movimento de colonização grega; novas formas de cerâmica; e muitas das outras armadilhas e complexidades sociais que foram temporariamente perdidas com o colapso dos palácios micénicos, cerca de 400 anos antes.

Breve Resumo

Em resumo, os micénicos e os minoicos da Grécia continental e de Creta não conseguiram navegar na mudança para a Idade do Ferro com as suas sociedades intactas. Embora haja continuidade entre a Grécia da Idade do Bronze e a da Idade do Ferro, e o mesmo se possa dizer para Creta, as sociedades que identificamos como micénicas e minoicas terminaram, certamente, no ocaso do século XI a. C., o mais tardar. Os sobreviventes tiveram de reconstruir, essencialmente do zero, e, apesar de casos ocasionais em contrário, quando nem tudo foi sombrio e regressivo, só relativamente ao século VIII a. C. podemos voltar a falar da cultura grega, que retomou um caminho que levou a mais do que simplesmente a subsistência básica e o sustento.

Neste momento, já que concluímos o nosso breve exame às sociedades que foram diretamente afetadas pelo Colapso da Idade do Bronze Final e ao modo como se saíram nos séculos imediatamente seguintes, podemos começar a analisar o que aprendemos. Vamos fazê-lo no próximo e último capítulo.

Schliemann 1880: 132–37 (n.º 213).

Ver discussões em, por exemplo, Crielaard 2006: 278–80; Éder 2006: 550–52; M. Lloyd 2013: 112–13; Lemos 2014: 169–70; Knodell 2021: 129–31; todos citam o trabalho de Michael Wedde (por exemplo, 1999, 2000, 2006).

Deger-Jalkotzy 2008: 392. Ver também, por exemplo, I. Morris 1989: 505–6, 1999: 60–61, 65–66; Lemos 2002: 1. Na terminologia arqueológica, estes são os períodos Heládico Superior (LH) IIIC e Submicénico, de *ca.* 1190 a 1070 a. C. Ver, também e agora, Ruppenstein 2020a; Van Damme 2023: 172–73 e tabela 4; e os artigos do volume editado por Jung e Kardamaki (2023).

A literatura sobre Homero é vasta, mesmo num tópico restrito como elementos sobre as idades do Bronze

e do Ferro encontrados na *Ilíada* e na *Odisseia*; ver, por exemplo, algumas das publicações elencadas na secção «Leitura Adicional» de Cline 2013.

Ver, por exemplo, apenas nos últimos anos, livros extremamente importantes de Murray (2017) e Knodell (2021); o volume editado por Middleton (2020a); e os dois volumes, em conjunto, editados por Lemos e Kotsonas (2020); antes disso, temos os numerosos livros e artigos de I. Morris, Whitley e Papadopoulos, entre outros, que apareceram na década de 1990 e no início de 2000, bem como Dickinson 2006a, e o livro editado por Deger-Jalkotzy e Lemos (2006), para citar apenas algumas das publicações mais importantes publicadas em inglês; muitas outras apareceram em alemão, francês, italiano e noutras línguas.

Para uma publicação do cemitério e bens funerários de Perati em inglês, ver Iakovides 1980; ver também agora as discussões subsequentes sobre Perati e o local próximo de Porto Rafti em Murray 2017: 86–89, 258–59, 2018a; Murray e Lis 2023; e brevemente em Ruppenstein 2020a: 570–71.

Mühlenbruch 2020, com anteriores referências. Ver Maran 2006, 2016, 2023: 235–39; Papadimitriou 2006; Deger-Jalkotzy 2008: 397; Mühlenbruch 2009, 2020; Cohen, Maran e Vettters 2010; Wallace 2010: 92; M. Lloyd 2013: 110–11; Lemos 2014: 162–64, 178–80; Middleton 2017c: 148–50, 2020c: 12, 2020e: 11–14; Murray 2017: 89–90, 258, 2018b: 226–27; Éder e Lemos 2020: 140; Manolova 2020: 1202; Maran e Papadimitriou 2020; Maran e Wright 2020; Steele 2020: 254–55; Van Damme 2023: 112–13; ver também Dickinson 2006a: 60–61.

Ver LaFayette Hogue 2016 sobre estes novos dados relativos a uma pós-destruição e reutilização de pequenas partes do palácio de Nestor em Pilos; também Davis e Stocker 2020: 677. Ver, também e agora, a discussão por Maran 2023: 235.

Ver I. Morris 1999: 60–61, 2000: 78, 2006: 78; Murray 2017: 129–30, 210–11, 246, 275–81; também Deger-Jalkotzy 2008: 399–401, 406–7; Lemos 2014: 183–84.

Dickinson 2006b: 102, 116–17, 121; Nakassis 2020: 276. Ver também discussões em Deger-Jalkotzy 2008: 402–5; Wallace 2010: 88, 92–93, 102; Éder e Lemos 2020: 134–36, 149–50; também Enverova 2012 para uma interessante consideração relativa à aplicação do conceito de heterarquia aos acontecimentos deste período na Grécia continental; agora e também Knodell 2021: 152–53.

Para discussões sobre *basileus* e *wanax* neste período, ver, por exemplo, Antonaccio 2002: 13–14, 2006; Crielaard 2006, 2011; Mazarakis Ainian 2006; Palaima 2006; Éder 2007: 570, 572; Deger-Jalkotzy 2008: 403; Éder e Lemos 2020: 135–36; Maran e Papadimitriou 2020: 702; Knodell 2021: 169–70; também Boyes e Steele 2020: 12; Steele 2020: 253–54 sobre a perda da escrita.

Ver, por exemplo, Weiberg e Finné 2018: 595; também Kramer-Hajos 2016: 166–79, 2020: 77, 79, 82; Finné, Holmgren *et al.* 2017: 10–11; Livieratou 2020: 103–4; e Maran 2023, entre outros.

Knodell 2021: 5, 114–15; ver, agora e também, Molloy 2022: 31 (versão *online*).

E prossegue dizendo, entretanto, que os séculos XII e XI a. C. devem ser vistos como os últimos estágios da civilização micénica, não como a primeira parte de uma Idade das Trevas; ver Deger-Jalkotzy 2008: 392. Ver também as declarações muito semelhantes de Éder 2006: 550; também Maggidis 2020: 116–17; Dibble e Finné 2021: 59; e agora também Maran 2023: 231.

Ver, em particular, Wallace 2006 (esp. 620, 641, 644), 2010 (esp. 51–104), 2017 (esp. 68, 71, 78), 2018 (esp. 325); 2020 (esp. 248); ver, agora e também, comentários em Pollard 2021. As importações para a ilha caíram entretanto; ver Hoffman 1997 e o catálogo por Jones 2000; também comentários de Murray 2017: 6, 75–76, 85–86, 91, 100–101, 117; Wallace 2018: 395.

Sobre os resultados das suas pesquisas arqueológicas, ver principalmente Nowicki 2000, agora citado por numerosos estudiosos, incluindo, por exemplo, Deger-Jalkotzy 2008: 397–98; Lemos 2014: 174–77; Kourou 2016: 352; Haggis 2020: 1073; bem como Wallace 2006: 623–24, 628, 2010: 58–59; Murray 2017: 6; e outros. Ver agora também Pollard 2022. Sobre pirataria, ver, por exemplo, Samaras 2015; Hitchcock e Maeir 2019.

Ver, de novo, Wallace 2006, 2010, 2017, 2020; também Coldstream 2006: 581–82; D’Agata 2006: 400;

Prent 2014: 651, 654; Hatzaki e Kotsonas 2020: 1036; Pollard 2021; Watrous 2021: 197–98.

Tsipopoulou 2005; ver também os outros artigos neste volume da conferência. Agradeço a Louise Hitchcock por me lembrar deste facto; ver também, anteriormente, a breve menção em Cline 2021: 48 e, antes disso, Cline 1994: xvii – xviii, 9–11, 35, 106.

Ver Rollston 2008: 86–88, com referências; também Kourou 2008a: 365–66, fig. 5, 2016: 57–58; Iacovou 2014c: 802; Bourogiannis 2018b: 250, 2021: 102; Waal 2018: 110; Richey 2019: 229; Sogas 2019: 412; Hodos 2020: 100, 185–86, fig. 6.3; Steele 2020: 263; SP Morris 2022: 100–101; Papadopoulos 2022: 143–44, fig. 7.1; anteriormente, S. P. Morris 1992a: 159; Hoffman 1997: 12–13, com referências; Crielaard 1998: 198; Aubet 2001: 54. Sobre a tradução proposta «taça de x, filho de y», ver, mais recentemente, Bourogiannis 2020: 154–55, 2021: 102, ambos também com referências.

Ver, esp., Waal 2018: (esp. 86, 96, 103–8, 111–12), 2020, com referências a anteriores publicações; ver também as discussões, tanto a favor como contra, em Rollston 2019: 385–86, com referências; Bourogiannis 2018a: 75–76, 2018b: 241–44, 250, 2020, 2021; ver, agora e também, Kotsonas 2022, embora lidando com um período pouco mais tardio. Ver, anteriormente, Bell 2006: 90, com referências; também agora Hodos 2020: 194–95. Note-se que Mazar 1994: 54 assinala que, do lado do Mediterrâneo Oriental, Joseph Naveh já afirmava em 1972 que «o alfabeto cananeu/fenício foi transmitido aos gregos durante o século XI ou no início do século X a. C.» — ver, *e.g.*, Naveh 1989, para um exemplo dos seus argumentos.

Rollston 2010: 20, fig. 2.1, 2019: 376–77.

Waal 2018: 110, 2020; Bourogiannis 2018b: 235.

Ver, por exemplo, Hodos 2020: 197; Kotsonas 2022: 168, 177–78.

Ver Wachter 2021: 23, 25; também Knodell 2021: 215–20, 254–55; López Ruiz 2021: 232; S. P. Morris 2022: 100–101. Anteriormente, Gnanadesikan (2009: 208–14) imaginou um cenário semelhante e criou uma cena imaginária com um grego e um fenício como possível exemplo da primeira ocasião de uma aprendizagem grega do alfabeto.

I. Morris 2005: 8, 2000: 195–207; citando Snodgrass 1993: 37.

I. Morris 1989: 505–6, 1996: 1–3, 4–5, 1999: 60–62, 2000: 78, que cita em vários lugares Snodgrass 1971: 228–68, 1980, 1983, 1988; Desborough 1972; Coldstream 1977.

I. Morris 1989: 506, 515, 1996: 4–5, 2006: 76; ver, anteriormente, por exemplo, Snodgrass 1971. Devemos observar que as sugestões de Morris de que houve um declínio no comércio com o Mediterrâneo Oriental estão agora abertas ao debate; ver Murray 2017.

I. Morris 1989: 513, 2005: 2, 8–9, 2006: 74.

Coldstream 2006: 584–86.

Citação de Kotsonas 2019: 10. Sobre o tamanho e o encaixe da Idade do Ferro em Cnossos, ver, por exemplo, Coldstream 2006: 584–86; Kotsonas 2019: 2, 6; Hatzaki e Kotsonas 2020: 1034, 1036–38. Sobre os resultados da pesquisa, ver agora Kotsonas *et al.* 2018 e Kotsonas 2019, ambos com referências anteriores; também Atherton 2016; Blakemore 2016; e «Cnossos no início da Idade do Ferro era muito maior do que se pensava originalmente», Sci News, 11 de janeiro de 2016, <https://www.sci.news/archaeology/early-iron-age-knossos-larger-than-originally-thought-03552.html>.

Sobre todos acima, ver agora também Kotsonas 2021; também Pollard 2021 nos cemitérios da Idade do Ferro em Cnossos.

HW Catling 1993, 1995: 124–25, 1996; ver também Crielaard 1998: 187–88; Muhly e Kassianidou 2012: 124; SP Morris 2022: 104–5.

H. W. Catling 1996: 646–47; ver também H. W. Catling 1995: 124, 126–27; Kourou 2008a: 363. Ver, agora e também, a descrição e discussão adicionais em Kotsonas 2018: 15–16; Hatzaki e Kotsonas 2020: 1038–41.

H. W. Catling 1996: 646–47. Anteriormente, em H. W. Catling 1995: 127, a passagem relevante da *Ilíada* foi citada na íntegra, mostrando a «biografia» do viajado elmo com presas de javali que Ulisses

recebeu (*Il.* 10.261–71, citando a tradução da Penguin de E. V. Rieu). O elmo com presas de javali neste túmulo do Cemitério Norte, em Cnossos, teria uma história semelhante, embora não fossem feitos na época em que este guerreiro subminoico foi enterrado.

H. W. Catling 1996: 648–49.

H. W. Catling 1995: 128.

H. W. Catling 1995: 128; ver, agora e também, os comentários de Kourou 2008a: 363–64.

Citações de Muhly 2003: 24–25 (também 2011: 49–50) e Iacovou 2007: 467 (citando também Iacovou 1999: 18); ver também Iacovou 2012: 214; anteriormente, Crielaard 1998: 187–88.

Kotsonas 2018: 1, 9–10, 21–22; ver, agora e também, Hatzaki e Kotsonas 2020: 1038–41.

Kotsonas 2018: 14–15, 25–26.

I. Morris 2006: 76. O local também prosperou anteriormente, desde o início da Idade do Bronze em diante até ao final da Idade do Bronze, e depois continuou até ao início da Idade do Ferro antes de finalmente ser abandonado *ca.* 700 a. C.

R. W. V. Catling e Lemos 1990. Sobre Lefkandi em geral, ver, por exemplo, Popham e Sackett 1980: 1–3; Lemos 2006: 519–21, 2014: 171–73, 2020: 791–93.

Sobre o possível sacrifício da mulher, ver comentários de Antonaccio 2002: 20–21, que cita publicações anteriores de outros estudiosos. No entanto, afirma que «nenhum dos enterros foi publicado completamente, e uma discussão mais aprofundada dos indivíduos [...] deve aguardar a publicação final». Já se passaram 20 anos desde as observações de Antonaccio e 40 desde as escavações iniciais em Lefkandi, mas espera-se que a publicação completa deste enterro saia brevemente (I. Lemos, comunicação pessoal, 4 de setembro de 2021). Estudo, ou reestudo, dos ossos da mulher, se ainda estiverem disponíveis, podiam resolver a questão, se houver neles marcas de corte em qualquer parte. Sobre tudo isto, em geral ou especificamente, ver, esp., Popham, Touloupa e Sackett 1982; H. W. Catling 1993, 1995: 126; também I. Morris 1996: 3 (citando R. W. V. Catling e Lemos 1990, e Popham, Calligas e Sackett 1993), 1999: 62, 2000: 218–22; Antonaccio 1993: 51–52, 2002; R. Osborne 1996: 41–43; Crielaard 2016: 56–59; Hodos 2020: 99–100, 104–5; Papadopoulos 2022: 145, fig. 7.2.

Ver, por exemplo, Popham, Touloupa e Sackett 1982; Calligas e Popham 1993: 1–4; HW Catling 1993, 1995: 126, 1996: 647–48; Crielaard e Driessen 1994; I. Morris 1996: 3–4, 1999: 62, 2000: 218–19, 2006: 76, todos com versões de referências anteriores. Ver, agora e também, discussões sobre tudo isto em Lemos 2002: 162–68, 2006: 521–22, 2020: 792–93; Muhly 2003: 25; JM Hall 2007: 62–64; Kourou 2008a: 364–65, 2012: 39–40; Sherratt 2010: 132–35, 137–38; Crielaard 2016: 56–59; Murray 2017: 95–100; Bourogiannis 2018a: 54–55, 73–74; Hodos 2020: 163–64; Knodell 2021: 162–67; López Ruiz 2021: 48–50.

Lemos 2020: 804.

Ver, por exemplo, I. Morris 1999: 62; Kourou 2008b: 307–8, 2012: 39–40; Sherratt 2010: 130; Bourogiannis 2018a: 54, 73–74; Stampolidis 2019: 501; Papadopoulos 2022: 149.

I. Morris 1989: 508, 1996: 4–5, 1999: 62, 2000: 78.

Kiderlen *et al.* 2016.

Snodgrass 1971: 402.

Smithson 1968, 1969; Liston e Papadopoulos 2004. Para a citação, consultar Smithson 1968: 78, repetido na íntegra por Liston e Papadopoulos 2004: 12.

Smithson 1968: 78–83, e o catálogo de 83–116, pls. 18–33; Liston e Papadopoulos 2004: 9, 11–15; Papadopoulos e Smithson 2017: 124–76.

Smithson 1968: 83, citado, de novo, na íntegra por Liston e Papadopoulos 2004: 14 e por Papadopoulos e Smithson 2017: 982–83; ver também Papadopoulos e Smithson 2017: 131.

Liston e Papadopoulos 2004: 15–23; ver, também e agora, Papadopoulos e Smithson 2017: 3; Olsen 2020: 306–7, fig. 2.8.2.

Blegen 1952: 279–94, com catálogo de 289–93; ver agora Papadopoulos e Smithson 2017: 2, 9, 104–5.

Blegen 1952: 279–82, 289.

Ver, mais uma vez, Blegen 1952: 279–82, 289; ver agora Papadopoulos e Smithson 2017: 104–18, com catálogo de 108–18. Sobre tal «matança» ritual de armas, especificamente no início da Idade do Ferro no Egeu, ver, por exemplo, M. Lloyd 2015, 2018.

Coldstream 2006: 588–89; D’Agata 2006: 403; Wallace 2006: 621.

Hatzaki e Kotsonas 2020: 104–42, com referências anteriores; ver também a publicação original (Boardman 1967), e discussões e divergências subsequentes, inclusive por Hoffman 1997: 17, 196–245; Kotsonas 2006; Stampolidis e Kotsonas 2006: 349–51; Prent 2014: 660; Murray 2017: 188; Sogas 2019: 412–14; e S. P. Morris 2022: 102, entre muitos outros.

I. Morris 1996: 1, 6. Ver também I. Morris 1989: 514; ver, também e anteriormente, discussões em I. Morris 1987.

Kourou 2012: 41, com anteriores referências; Sino 2016: 97; Bourogiannis 2018a: 65; Stampolidis 2019: 495–96; Stampolidis *et al.* 2019. Sobre Al Mina, ver Kourou 2012: 41–42; anteriormente, por exemplo, em especial, Boardman 1980, 38–40, 1990.

Whitley 1991: 9.

Note-se que esta data não é tão formal como muitos poderiam esperar, mas chega até nós, aparentemente, por cortesia de cálculos feitos por Aristóteles, entre outros; ver S. P. Morris 1989: 48; Swaddling 1999: 7, 10; Crowther 2007: 5–6; Nelson 2007: 48–54; Papadopoulos e Smithson 2017: 975n14.

Capítulo Seis

DO COLAPSO À RESILIÊNCIA

PARA ALGUNS, O FIM foi repentino — invasores saquearam a cidade ou um terramoto derrubou as paredes de uma casa sobre os seus ocupantes. Para outros, foi uma catástrofe em câmara lenta, com a seca a ter impacto nas lavouras e a fome a dizimar a população. Ninguém no Egeu ou no leste das regiões mediterrânicas escapou aos efeitos do Colapso da Idade do Bronze Final. Praticamente todos foram afetados de alguma forma ou feitio: ricos e pobres, aristocratas e camponeses, vítimas e sobreviventes, aqueles cujas vidas mudaram drasticamente ou apenas um pouco. A vida como a conheciam, e como a vinham conhecendo há séculos, mudou irrevogavelmente. Aqueles que sobreviveram às calamidades daquela época tiveram de se adaptar, de continuar, de encontrar alguma forma de persistir — mesmo à medida que a seca continuava, as rotas comerciais desapareciam ou eram pontos preferenciais de bandidos e invasores, e os recursos básicos tornaram-se escassos.⁴²⁰

Se vemos isto como um colapso, uma transformação, ou ambos, é claro que o mundo interligado tal como os seus habitantes o conheceram na Idade do Bronze Final deixou de existir.⁴²¹ Muitos dos grandes impérios e reinos que prosperaram no segundo milénio a. C. caíram como peças de dominó. Como vimos ao longo dos capítulos anteriores, isto resultou numa reconfiguração das regiões, pois algumas foram substituídas por entidades mais pequenas, incluindo as conhecidas da Bíblia hebraica como os israelitas, judaístas, fenícios, moabitas, amonitas e edomitas, bem como outros, incluindo os arameus e os neo-hititas. Isto é claro e indiscutível.

Os arqueólogos Patricia McAnany e Norman Yoffee disseram que estudar qualquer colapso social é como ver um filme com fotografia de baixa resolução digital: «Tudo bem quando o plano é pequeno, compacto e visto à distância, mas dissolve-se em partes desconexas quando examinado de perto.»⁴²² Isto é certamente correto, mas penso que o Colapso e as suas consequências também podem ser ainda mais razoáveis quando comparados a uma pintura impressionista. Quando vista à distância, a imagem do que aconteceu é clara: o mundo globalizado da rede mediterrânica entrou em colapso, e foi um drama a mudança ou a transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro seguinte. Mas quando vemos mais de perto, como fizemos nos capítulos anteriores, as coisas tornam-se mais granuladas; as pinceladas individuais de tinta (ou seja, as sociedades) tornam-se mais diferenciadas à vista; começam a surgir valores discrepantes e exceções; e o quadro geral torna-se menos unificado, com o espectador a perder a floresta ao olhar para as árvores. O que parece um colapso para alguém que olha à distância transforma-se meramente em mudanças sociais para outro espectador que estava empoeirado a poucos centímetros da cena. E, ainda assim, ambos estão corretos à sua maneira.

Uma Sensação de Fins e de Inícios

Pintando com pinceladas largas, o que vemos, em geral, do século XII a. C. em diante, é uma fragmentação e declínio na segurança e nos padrões materiais de vida nos anos imediatos após o Colapso, continuando ao longo do século X ou por aí perto, com os reinos da Idade do Bronze a desmoronar-se. Nas regiões afetadas em maior extensão, incluindo a Grécia continental, Creta, Anatólia e o Sul, especialmente no Levante, deu-se um colapso dos palácios locais, dos estados ou dos reinos (incluindo governos, economias centralizadas, e assim por diante), mesmo que segmentos da população tenham sido capazes de sobreviver.

Certo é que a reintegração começa, então, no século IX e continua até ao século VIII, período em que os assírios conquistam a maior parte da região, o comércio mediterrâneo cresce nas mãos dos fenícios e dos cipriotas, e os potenciais rivais como a Monarquia Unida, Damasco e o Egito acabam por cair no esquecimento, sendo seguidos mais tarde pela Assíria e depois pela Babilónia no fim dos séculos VII e VI, respetivamente.

Dito de outra forma, e para enfatizar o lado material das coisas, em geral, o período dos séculos XII ao X a. C. viu quedas populacionais, abandono de cidades, violência, prováveis migrações, o colapso das rotas comerciais, doenças, mortalidade infantil, queda da produção económica, padrões de vida mais baixos e perda ou declínio das capacidades mais avançadas, embora a extensão varie dependendo da região afetada. Em contraste, o período desde o início do

século IX a. C. em diante viu muitas destas tendências inverter-se. Quando chegamos à segunda metade do século VIII a. C., vemos uma nova vida e inovações em muitas das regiões, e um mundo totalmente interligado recomeçou a ganhar forma pela primeira vez em vários séculos.⁴²³

Ainda assim, muitas coisas houve que se mantiveram obscuras, incluindo a questão de saber até que ponto a migração desempenhou um papel em toda a região e se as flutuações na população vistas em algumas áreas nestes séculos, como na Grécia continental, podem ter tido tanto que ver com a migração, tal como fez com o real desaparecimento das pessoas. A investigação de tais possíveis migrações durante e imediatamente após o Colapso da Idade do Bronze Final está em andamento nos dias de hoje, e faríamos bem em lembrar que no início deste livro discutimos a invasão dórica como tendo sido, provavelmente, mais uma migração do que uma verdadeira invasão. Também notámos, de passagem, a hipótese de que os amonitas tivessem migrado da Anatólia após o Colapso da Idade de Bronze Final. Também foram sugeridas outras possibilidades, incluindo supostas migrações de falantes de lúvio no norte de Canaã e dos frígios na Anatólia Central. O próprio Heródoto estava convencido de que tinha havido uma migração da Lídia (na Turquia moderna) para Itália, devido a uma seca *ca.* 1200 a. C., que explicava, na sua perspectiva, as origens dos etruscos.⁴²⁴

Por falar em seca, também não posso deixar de perguntar pelo papel que as alterações climáticas desempenharam na recuperação, pois podemos ver que vários episódios climáticos podem estar direta ou indiretamente relacionados com os desenvolvimentos verificados nas várias regiões. Por exemplo, notamos (a) condições climáticas ligeiramente mais húmidas no sul do Levante no período de *ca.* 1150 a. C. a 950 a. C., o que, por sua vez, permitiu «o cultivo intenso do olival e de cereais», e que pode ter dado aos israelitas e a outros uma oportunidade de estabelecer os seus reinos;⁴²⁵ (b) uma mudança para uma era muito mais húmida na Mesopotâmia, de *ca.* 925 a. C. em diante, o que pode ter permitido aos neoassírios o reagrupamento e o começo de ações de conquista dos territórios vizinhos; e (c) uma mudança geral de condições áridas para condições mais quentes e húmidas em toda a região, incluindo Chipre e talvez também a Grécia, desde *ca.* 850 a. C. em diante, o que pode ter ajudado todas as regiões e sociedades a começar (ou continuar) a voltar à recuperação total.

O Ciclo Adaptativo e os Relatórios do IPCC

É neste ponto que podemos considerar que alguns estudos modernos são de utilidade adicional, do ponto de vista da comparação e da análise, incluindo os de outras sociedades em diferentes tempos e diferentes lugares. Por exemplo, alguns estudiosos argumentam que o Colapso foi simplesmente parte do ritmo natural das coisas que cada império ou sociedade experienciam — isto é, fazem parte de um ciclo infinito de ascensão e queda, colapso, reestruturação, renascimento e reconstrução. Poderíamos pensar nisso em termos da outra linha de Hamilton, «os oceanos sobem; impérios caem», mas esta ascensão e esta queda são conhecidas oficialmente na literatura sobre resiliência como «ciclo adaptativo», que é desenhado como uma figura de um oito posto de lado, com quatro fases.⁴²⁶

Duas partes deste conceito, as fases alfa e ómega, podem ser especialmente importantes para ajudar a explicar o que vemos durante o Colapso e as suas consequências imediatas. A fase ómega (Ω) é definida como a «fase caótica de colapso e libertação» do ciclo adaptativo, enquanto a alfa (α) é vista como a «fase de reorganização». Esta última fase de reorganização pode ocorrer rápida ou lentamente, mas o mais importante é que seja também a fase «durante a qual a inovação e as novas oportunidades são possíveis». As outras duas fases, nomeadamente, a «fase de crescimento e exploração (r)» e a «fase de conservação (K)», são o que veríamos uma vez que a reorganização estivesse completa, mas isso só dura até que o próximo «colapso e a fase de libertação» ocorram e o ciclo recomece.⁴²⁷

Na minha opinião, o sistema internacionalizado que vigorou durante a Idade do Bronze Final no Egeu e no Mediterrâneo Oriental enquadra-se num ciclo adaptativo. Poderíamos facilmente argumentar que os anos de interconexão e prosperidade no Egeu e no Mediterrâneo Oriental que foram de *ca.* 1700 a 1200 a. C. podiam ser vistos como a fase de crescimento e exploração (r) mais a fase de conservação (K). O Colapso em si pode ser considerado como a fase ómega (Ω), ou de libertação subsequente, enquanto as consequências nos séculos da Idade do Ferro, que aqui consideramos, são o alfa (α) ou a reorganização da fase que se lhe seguiu imediatamente.⁴²⁸

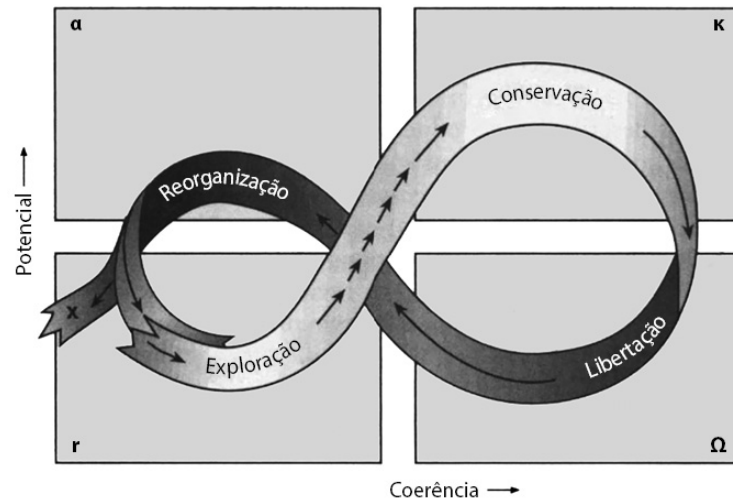


FIG. 11. Visualização do ciclo adaptativo, de Holling e Gunderson 2002: fig. 2-1; imagem de *Panarchy: Understanding Transformations in Human and Natural Systems*, editado por Lance H. Gunderson e C. S. Holling; copyright 2002 Island Press; reproduzido com permissão da Island Press, Washington, D. C.

Esta descrição concisa da mudança de sistema também nos permite comparar o Colapso da Idade do Bronze Final diretamente com outros casos, no tempo e no espaço, como o colapso do Império Romano ou o colapso dos maias. Mas também temos de perguntar se as sociedades individuais dentro do sistema mais alargado também seguiram esse ciclo. Ou seja, alguma das sociedades ou regiões da Idade do Bronze Final ou regiões que sofreram o Colapso terão também seguido o seu próprio ciclo adaptativo individual na Idade do Bronze e depois dela?⁴²⁹

A resposta, creio, é sim. Ian Morris afirmou, com efeito, que «a Grécia entre 1500 e 500 a. C. é um dos casos mais conhecidos de colapso e regeneração de uma sociedade complexa». Citando Anthony Snodgrass, este estabelece assim, no essencial, um ciclo adaptativo para a Grécia: «Um período de palácios sofisticados (ca. 2000–1200 a. C.) deu lugar a uma Idade das Trevas (ca. 1200–750), para acabar por ser substituído pelos novos e brilhantes períodos Arcaico (ca. 750–480) e Clássico (ca. 480–323).»⁴³⁰ Uma representação gráfica deste processo é fácil de visualizar.

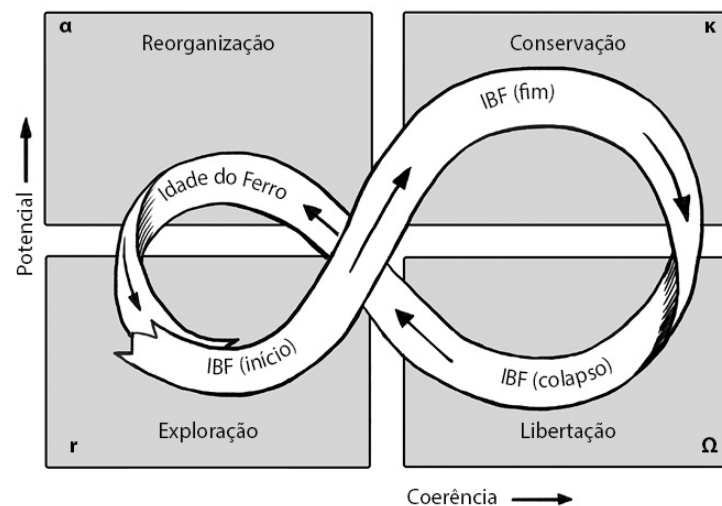


FIG. 12. Reconceptualização do ciclo adaptativo, com as fases rotuladas em termos de Idade do Bronze Final (IBF), Colapso da Idade do Bronze Final e Idade do Ferro. Desenho de Glynnis Fawkes; adaptado de Redman e Kinzig 2003: fig. 3.

Morris também acredita que a Grécia foi um exemplo de regeneração «genuína», que se tratou de um caso de transformação de todo o sistema.⁴³¹ Contudo, eu prefiro vê-la mais como uma reconstrução. Ao contrário de outras sociedades, como os fenícios e os cipriotas, que se transformaram, os gregos tiveram de refazer a sua sociedade quase inteiramente do zero na Idade do Ferro (também conhecida como a Idade das Trevas de Morris). No entanto, apesar de as nossas terminologias divergirem, em grande parte, descrevemos o mesmo processo.

Se cada uma das regiões ou sociedades estava a passar pelo seu próprio ciclo adaptativo, tal significa que precisamos

de invocar aqui o conceito de «panarquia». Esta noção reconhece que os componentes individuais de um sistema global complexo que está a passar por um ciclo adaptativo estão também, cada um por si, nos seus próprios ciclos adaptativos, além de fazerem parte de uma progressão global maior, e que cada um deles se liberta e depois se reorganiza (fases ómega e alfa) em ritmos e formas diferentes. Algumas são mais lentas, outras são mais rápidas, mas cada uma afeta tanto as outras como o sistema global, especialmente se houver problemas simultâneos com os diferentes componentes.⁴³²

Por outras palavras, se imaginássemos um intrincado sistema de engrenagens e rodas dentadas, todas encadeadas e a trabalhar em conjunto para pôr uma máquina em movimento, como um relógio de bolso, por exemplo, mas com cada uma a rodar à sua própria velocidade, isso poderia ser uma ajuda visual correta para uma panarquia. No nosso caso, o sistema global seria a Idade do Bronze nesta região como um todo, enquanto as engrenagens individuais seriam os micénicos, os minoicos, os hititas, os egípcios e outras sociedades componentes. Ocasionalmente, se algo corresse mal com uma ou mais engrenagens (ou seja, as várias sociedades), toda a máquina poderia começar a gaguejar e a estagnar, ou mesmo parar de repente, e teria de ser novamente ligada.⁴³³ Foi precisamente o que aconteceu no fim da Idade do Bronze Final no Egeu e no Mediterrâneo Oriental.

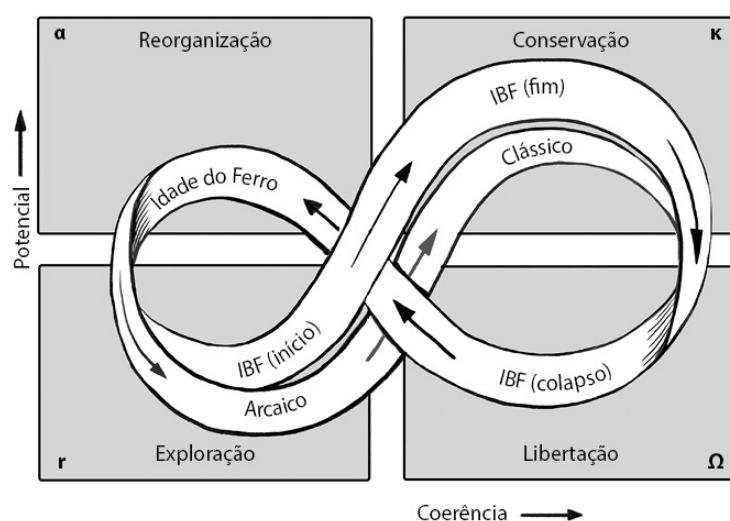


FIG. 13. Reconceptualização do ciclo adaptativo especificamente para a Grécia, desde a Idade do Bronze Final e da Idade do Ferro até aos períodos Arcaico e Clássico. Desenho de Glynnis Fawkes; adaptado de Redman e Kinzig 2003: fig. 3.

*

Sugiro também que consultemos as diferentes publicações sobre a resiliência moderna e a mitigação no rescaldo de catástrofes mais recentes, como o furacão *Katrina* em Nova Orleães, pois também contém conceitos relevantes que podem ser aplicados ao que vimos no rescaldo do Colapso da Idade do Bronze. Particularmente pertinentes, na minha opinião, são os vários relatórios compilados pelo Painel Intergovernamental das Nações Unidas (IPCC), criado em 1988 e galardoado com o prémio Nobel da Paz em 2007.⁴³⁴

Embora os relatórios do IPCC raramente incorporem exemplos do passado nas suas compilações ou tenham em consideração as opiniões dos arqueólogos nas suas análises,⁴³⁵ incluem avaliações pormenorizadas de desastres recentes, como secas, inundações e terremotos, a fim de determinar como as sociedades afetadas foram capazes de lidar com elas, com sucesso ou não, tal como gostaríamos de fazer com as sociedades no rescaldo do Colapso da Idade do Bronze. A utilização destes relatórios pode ajudar-nos a reunir os nossos pensamentos de uma forma produtiva, embora tenhamos de ter cuidado ao criar anacronismos e racionalizações improváveis quando transportamos as ideias, definições e explicações do nosso século XXI para uma época de há cerca de três mil anos, o que pode ou não ser um exercício válido.

O mais útil, creio eu, é um relatório de 594 páginas que foi publicado pelo IPCC em 2012, intitulado «Managing the Risks of Extreme Events and Disasters» para promover a adaptação às alterações climáticas. O acrónimo do relatório é SREX, que significa, num título abreviado, «Relatório Especial sobre Eventos Extremos». Este foi o primeiro relatório do IPCC a considerar explicitamente as alterações climáticas e a gestão do risco de catástrofes no mesmo documento e a fornecer definições iniciais para os conceitos que estão a ser discutidos, incluindo alguns dos

termos que invoquei em vários pontos dos capítulos anteriores, tais como «enfrentar», «adaptar» e «transformar». Os vários conceitos foram desenvolvidos, com alguns ajustes e atualizações das definições, em relatórios subsequentes do IPCC, incluindo os mais recentes, o Quinto e o Sexto Relatórios de Avaliação (2014 e 2021/22, respetivamente), e registei-os quando apropriado, mas o relatório de 2012 continua a ser o mais útil para os nossos objetivos.⁴³⁶

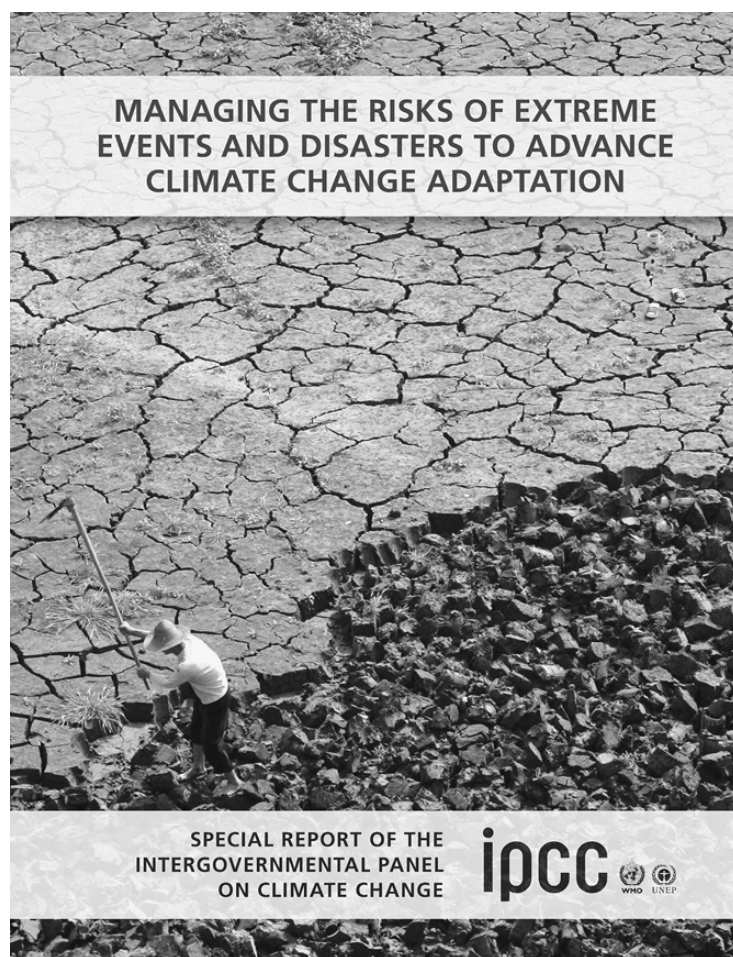


FIG. 14. Painel Intergovernamental das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas, Capa SREX, 2012. Imagem cortesia do IPCC.

Em primeiro lugar, apesar de se preocuparem com o mundo moderno e de não incluírem exemplos do mundo antigo no relatório, é evidente, pelas suas definições, que os autores considerariam sem dúvida o Colapso da Idade do Bronze Final como aquilo a que chamam «um impacto extremo», uma vez que teve como consequência «um impacto altamente significativo e tipicamente de longa duração com consequências para a sociedade, o ambiente físico ou ecossistemas». Como referem, esses «impactos extremos» podem resultar de uma variedade de causas, entre as quais «um único acontecimento extremo, sucessivos acontecimentos extremos ou não extremos, incluindo acontecimentos não climáticos (por exemplo, incêndios florestais seguidos de chuvas fortes que conduzem a deslizamentos de terras e à erosão dos solos), ou simplesmente a persistência de condições como as que conduzem à seca»⁴³⁷.

Como tal, concordariam também, sem dúvida, que o Colapso poderia ser considerado um «desastre» num sentido técnico moderno, uma vez que definem as catástrofes como «impactos extremos sofridos pela sociedade que podem também estar associados a impactos extremos no ambiente físico e nos ecossistemas». Referem, nomeadamente, que «uma catástrofe acontece quando o impacto é tal que a capacidade local para enfrentar a situação é excedida ou quando perturba gravemente as atividades normais». Atualmente, tal como na Antiguidade, essas catástrofes «ocorrem primeiro a nível local e afetam as populações locais», após o que «estes impactos localizados podem depois ter ramificações nacionais e internacionais»⁴³⁸.

No seguimento do acima exposto, no relatório de 2012 do IPCC, os autores também consideram a «mitigação de

desastres», que se referem a «ações que tentam limitar outras condições adversas depois de o desastre se ter materializado». Estas ações giram em torno de tentativas para evitar uma «segunda catástrofe», como lhe chamam. Estas ocorrem frequentemente logo após a catástrofe inicial e são normalmente devidas a uma resposta inadequada à primeira catástrofe ou a algumas circunstâncias adicionais imprevistas. Os autores referem que os resultados quer da primeira catástrofe ou das catástrofes secundárias incluem frequentemente migração, vulnerabilidade económica (tanto no sector público como no privado), aumento da violência, e impacto no trabalho e nos meios de subsistência, tanto a nível individual como comunitário.⁴³⁹ Podemos ver tudo isto durante e após as catástrofes, e depois do Colapso da Idade do Bronze, pois, no nosso caso particular, o «primeiro desastre» pode ser qualquer um dos fatores de stresse que foram considerados em 1177 a. C., como as alterações climáticas, a seca, a fome, as doenças ou os terremotos, enquanto a «segunda (ou secundária) catástrofe» pode ser o colapso subsequente de uma ou mais sociedades ou da própria rede interligada, originando exatamente os resultados observáveis a que eles se referem.

Especialmente importantes no relatório de 2012 são os comentários gerais sobre a capacidade de uma sociedade de responder a uma catástrofe, bem como a sua capacidade de recuperação e de mudança, ambas dependentes do grau em que a sociedade foi afetada pela catástrofe. É em conjunto com a recuperação de catástrofes extremas, e especificamente com a ideia de que os recursos podem ser reorganizados pelos sobreviventes num novo sistema para tirar partido das oportunidades criadas pela catástrofe, que o conceito de «teoria da resiliência» (ou «pensamento de resiliência») é atualmente usado com frequência, inclusive por alguns arqueólogos.⁴⁴⁰

Todavia, temos de compreender claramente que o conceito de resiliência tem uma variedade de significados, dependendo da disciplina que o invoca. O Conselho Nacional de Investigação de 2011 definiu a resiliência como a capacidade de «continuar a funcionar sob stresse, de adaptação à adversidade e de recuperação da funcionalidade após uma crise», enquanto outro grupo de académicos a definiu recentemente como «a capacidade de uma comunidade de enfrentar uma ameaça, sobreviver e recuperar, ou, talvez mais corretamente, avançar para uma [nova] normalidade». Ambas as definições funcionam bem para quem estudar a Antiguidade, bem como, e também, para aqueles que investigam e trabalham em catástrofes mais recentes.⁴⁴¹

Os autores do IPCC referem em particular que nem todas as sociedades têm a capacidade de adaptação ou transformação durante ou após uma catástrofe. Algumas podem apenas e só aguentar, quando muito. Por conseguinte, salientam a diferença entre enfrentar, que reflete a capacidade de lidar com algo que acabou de acontecer (ou seja, concentrar-se no momento e simplesmente sobreviver), em oposição à adaptação, que reflete a capacidade de lidar com algo que pode acontecer no futuro e «onde a aprendizagem e a reinvenção são características-chave, e a sobrevivência a curto prazo está menos em causa»⁴⁴².

Como salientam, uma sociedade que lida simplesmente com uma catástrofe, normalmente só está a tentar amparar os golpes e manter o *statu quo*, ao passo que uma sociedade que está a tentar adaptar-se ativamente estará a implementar mudanças e até a ajustar as coisas e a reorganizar-se até certo ponto, para estar mais bem preparada para a próxima vez que algo semelhante acontecer.⁴⁴³ É aqui que penso que se torna particularmente interessante para nós, já que agora podemos ver que houve claramente uma variedade de respostas por parte das sociedades que foram afetadas pelo Colapso da Idade do Bronze, incluindo aquelas que poderíamos caracterizar como tendo conseguido enfrentar o problema ou que foram ainda mais bem-sucedidas na adaptação.

Tudo isto, no entanto, é ainda um passo inferior à transformação efetiva. Segundo os autores do IPCC, as sociedades mais resistentes são aquelas que são capazes de aprender e de se ajustar rapidamente, incluindo reorganizar-se após uma perturbação, tudo isto enquanto continuam a manter as suas estruturas e funcionalidades básicas mesmo durante o acontecimento (ou catástrofe) em questão. Os ajustamentos efetuados são designados por «mudanças transformacionais» e podem ser incrementais (ou seja, pequenos passos) ou muito mais radicais.⁴⁴⁴ Observámo-lo em pelo menos um caso, senão dois, no Capítulo Três, nomeadamente com os fenícios e os cipriotas.

Os autores do IPCC também invocam o conceito de «vulnerabilidade» como potencialmente útil quando se considera o porquê de algumas sociedades terem sucesso, mas outras não conseguirem recuperar na sequência de uma catástrofe ou de um impacto extremo. Consideram que a vulnerabilidade é «específica da situação», e eu sugeriria ser exatamente o caso da Idade do Bronze Final, e apontam especialmente para uma falta de capacidades de adaptação ou de resposta em tais situações. Voltarei a este assunto mais adiante, mas os autores do relatório também observam que pode haver «janelas de vulnerabilidade», ou seja, períodos em que os perigos externos (ou mesmo internos) representam uma ameaça maior do que o habitual.⁴⁴⁵ Mais uma vez, sugiro que esse foi certamente o caso ca. 1200 a. C., quando creio que ocorreu a «tempestade perfeita» de calamidades.

Gostaria também de referir que o conceito de fragilidade, também explorado neste mesmo relatório de 2012, pode

entrar em jogo aqui, pois os académicos começam agora a sugerir que a fragilidade social («enfraquecimento, desintegração ou colapso dos aparelhos de Estado») pode estar relacionada ou ser mesmo um precursor da vulnerabilidade. A este respeito, foi sugerido que as cidades ou sociedades podem, por vezes, ser mais frágeis e vulneráveis do que parecem, em parte, porque o seu aparente sucesso até esse momento encobre e mascara a instabilidade (normalmente isto só se torna claro em retrospectiva). Embora tudo pareça estar bem, as fundações ou talvez os apêndices estão, na verdade, apodrecidos e fracos, de modo que a mais pequena rajada de vento ou tensão é suficiente para iniciar o processo de colapso. Suspeito fortemente que este pode ter sido o caso tanto para os micénicos como para os hititas.⁴⁴⁶

Ora, o oposto pode ter sido verdadeiro para os fenícios, pois parecem ter sido «antifrágeis», como discutido no Capítulo Três. É certo que parece que os fenícios tiraram partido não só da destruição de Ugarite, mas também da cessação da influência egípcia e hitita na sua região e do caos geral da época para se apoderarem das rotas comerciais que conduziam ao Sul e ao Ocidente, ou seja, ao Egito, a Chipre, à Grécia, Creta, Sicília, Sardenha, Itália e Península Ibérica, logo após 1200 a. C.⁴⁴⁷ Enriqueceram depois através do controlo destas rotas comerciais durante séculos.

Outra forma possível para descrever o papel dos fenícios após o Colapso da Idade do Bronze Final é invocar a teoria da resiliência e o ciclo adaptativo, pois — como já foi referido — a fase «alfa», ou de reorganização dentro do ciclo, tem sido descrita como uma altura «em que os recursos são reorganizados num novo sistema para tirar partido das oportunidades»⁴⁴⁸. Assim, vejo os fenícios como antifrágeis e como um ótimo exemplo da inovação que pode ocorrer na fase alfa de um ciclo adaptativo.

TABELA 4. Termos e definições relacionados com a resiliência

Termo	Breve Definição
Adaptação, também conhecida como capacidade de adaptação	A capacidade de lidar com algo que pode acontecer no futuro; a aprendizagem e a reinvenção são fundamentais, enquanto a sobrevivência a curto prazo é menos questionável
Antifrágil	O estado de uma sociedade que exhibe mais do que apenas resiliência ou robustez, e que, de facto, prospera sob quantidade certa de stresse, tirando partido da situação não apenas para sobreviver, mas para vingar
Capacidade de lidar com o stresse, também conhecida como capacidade de lidar com a situação	A capacidade de lidar com algo que acabou de acontecer (ou seja, concentrar-se no momento e simplesmente sobreviver)
Fragilidade, também conhecida como fragilidade social	Aparelhos de Estado enfraquecidos, em desintegração ou em colapso
Resiliência	A capacidade de continuar a funcionar sob stresse, adaptar-se à adversidade e recuperar a funcionalidade após uma crise
Adaptação transformacional	Inclui ações que alteram os atributos fundamentais de um sistema em resposta a impactos reais ou aos impactos previstos das alterações climáticas
Transformação	A capacidade de se reorganizar após perturbação e manter a estrutura e função fundamentais perante o stresse do sistema; caracterizada pela capacidade de aprender e de se ajustar
Vulnerabilidade	A probabilidade de uma sociedade sofrer negativamente quando afetada por acontecimentos extremos
Janelas de vulnerabilidade	Períodos em que os riscos são maiores devido à combinação das circunstâncias

Fontes: Conselho Nacional de Investigação 2011; Relatório SREX do IPCC de 2012; Quinto Relatório de Avaliação do IPCC de 2014; Taleb 2014.

Penso que esta terminologia de resiliência pode ser extremamente útil para ajudar a explicar porque é que as várias sociedades se afundaram em fases ligeiramente diferentes durante o Colapso e porque é que cada uma recuperou a

vários ritmos (e formas) nas décadas e séculos seguintes. No entanto, o elefante na sala é a questão de saber se é legítimo tentar explicar estes acontecimentos antigos com termos e ideias modernos — resiliência, transformação, resposta e adaptação. Estaremos a introduzir no debate conceitos anacrónicos que não se aplicam ao mundo de há três mil anos?

Talvez estejamos, mas, apesar da possibilidade de tais erros, parece-me que vale a pena tentar responder a todas as perguntas que fizemos acima, analisando o sucesso ou o fracasso das várias sociedades pela lente da resiliência e da sua teoria. Erika Weiberg, da Universidade de Uppsala, observou que a teoria da resiliência pode ajudar-nos a ter uma visão mais matizada deste período, permitindo-nos decidir «o que implicou exatamente [o] “colapso” e para quem»⁴⁴⁹.

Categories e Classificações

Acredito que podemos aplicar com sucesso algumas das definições e discussões do relatório do IPCC de 2012 «Managing the Risks of Extreme Events and Disasters» aos pormenores históricos e arqueológicos que contemplámos nos séculos que se seguiram ao Colapso da Idade do Bronze. Embora possa defender-se que é necessariamente subjetiva a razão pela qual os assírios, os babilónios e os egípcios tinham uma «capacidade de absorção», para usar a linguagem dos autores do IPCC, pois foram capazes de lidar com a situação e continuar, embora os egípcios não tenham sido tão bem-sucedidos como os outros dois. Os fenícios e os cipriotas, por outro lado, aparentemente não só foram capazes de dar um passo à frente e *adaptar-se* à situação, como efetivamente deram dois passos e se *transformaram* — pois parecem ter tido a «capacidade de mudar e de se ajustar» (mais uma vez utilizando a linguagem do IPCC), e foram capazes de se reorganizar de novas formas após a perturbação.

Além disso, tanto no que diz respeito aos cipriotas como aos fenícios, devemos notar que os autores do IPCC de 2012 observaram que a capacidade de adaptação e, portanto, de transformação também pode ser descrita como a capacidade de ser inovador e de antecipar situações futuras. Essas inovações, segundo eles, tanto podem ser sociais como tecnológicas, e tanto são incrementais como radicais, como foi mencionado.⁴⁵⁰ Eu apontaria a adoção e a disseminação do ferro e do alfabeto como apenas duas das inovações mais óbvias durante estes séculos.

*

Podemos também tentar resumir as nossas observações de um ângulo diferente, nomeadamente, pela separação em categorias e pela classificação das diferentes sociedades que sofreram com o Colapso, com base nos conceitos de resiliência, vulnerabilidade e fragilidade, bem como nas definições adicionais de resposta, adaptação e transformação, para ver se esse exercício produz algo de útil.

Ainda assim, gostaria de sublinhar desde já que não estou a privilegiar os estados (ou reinos ou impérios) como as unidades desejadas de organização sociopolítica; estou simplesmente a trabalhar partindo da observação de que os reinos e os impérios que formaram a rede globalizada da Idade do Bronze Final se transformaram ou foram sucedidos por reinos e cidades-estado da Idade do Ferro mais pequenos localizados nas mesmas regiões. O nosso objetivo é explicar como passámos de uma situação para a outra nos séculos subsequentes do Colapso da Idade do Bronze Final, o que penso que podemos fazer com base no material que foi apresentado nas páginas anteriores.

Gostaria também de enfatizar que as minhas sugestões são, evidentemente, provisórias, em parte, devido à natureza fragmentária e incompleta das nossas provas e, em parte, porque algumas envolvem um juízo de valor ou a atribuição de um rótulo a algo que, na verdade, pode ser difícil de classificar corretamente. Também noto que algumas das sociedades ou regiões flutuaram no(s) seu(s) grau(s) de resiliência ao longo dos séculos, o que significa que temos de ter em mente as cambiantes, bem como o quadro geral alargado. Assim, embora sabendo que alguns podem preferir pôr certas sociedades em diferentes categorias das que eu apresentei aqui, sugeriria provisoriamente as seguintes afirmações e observações sumárias, listadas de acordo com a ordem de resiliência.

TABELA 5. Categorias gerais de resiliência para as várias regiões/sociedades nos séculos subsequentes ao Colapso

Categoria	Justificação	Região/sociedade
1	Mais do que simplesmente resiliente, talvez mesmo antifrágil	Cananeus centrais (fenícios); Chipre
2	Muito resistentes (em graus variáveis); adaptando-se e talvez até transformando-se	Assíria; Babilónia; neo-hititas; cananeus do Norte
3	Resilientes, mas por pouco; a aguentar, mas não necessariamente adaptados	Egito
4	Não resilientes como sociedade, mas com alguma continuidade para os sucessores que acabaram por recuperar	Grécia continental (micénicos); Creta (minoicos)
5	Não resistiram; ou desapareceram ou foram assimilados	Hititas; cananeus do Sul

1. Mais do que simplesmente resiliente — talvez até antifrágil

Existem dois exemplos principais aqui, na minha opinião. Um seria o das sociedades cananeias do Levante Central, que evoluíram ou se transformaram, e às quais agora chamamos «fenícios» para assinalar essa mudança. A outra seria a dos habitantes de Chipre. Ambos se transformaram e prosperaram no meio do caos, assumindo, em alguns casos, papéis até então desempenhados por outros e demonstrando inovações como a padronização do alfabeto, a produção de tinta púrpura e o trabalho com o ferro para criar armas e ferramentas. Como disse Carol Bell, «os comerciantes cipriotas e os seus comparsas fenícios estavam [...] bem posicionados para capitalizar as oportunidades que surgiram com as catástrofes no fim da Idade do Bronze»⁴⁵¹.

Embora os cananeus centrais tenham agora um novo nome, ou seja, os fenícios, as continuidades culturais são evidentes. Não foram apenas resilientes e inovadores enquanto se transformavam das cidades-estado cananeias da Idade do Bronze Final para se transformarem no novo normal, como foram, na verdade, antifrágéis e prosperaram no caos que se seguiu ao Colapso, tirando particular proveito do saque de Ugarite e de outras cidades portuárias para assumir o controlo das rotas comerciais através do Mediterrâneo, a fim de trocar mercadorias como o corante púrpura por prata e outros metais provenientes da Sicília, da Sardenha e da Península Ibérica — e, assim, difundir a sua versão padronizada do alfabeto.

Os habitantes de Chipre demonstraram igualmente uma admirável capacidade de resistência, incluindo a possível transformação do seu sistema político, e com as populações individuais a mudar-se para novas zonas da ilha e a criar municípios conforme necessário, especialmente quando os portos ficaram assoreados. Estavam também na vanguarda da nova indústria do ferro, se o nosso conhecimento atual estiver correto quando afirmamos que os metalúrgicos foram os líderes desta transição para o ferro como o metal predominante da época. Os artesãos e metalúrgicos não só mantiveram o seu trabalho habitual em bronze, como foram também inovadores na adaptação e difusão desta nova tecnologia metalúrgica. Foram também eles quem conseguiu manter a presença nas rotas comerciais internacionais, que se mantinham, embora inicialmente talvez a um nível inferior ao da Idade do Bronze Final.

2. Muito resilientes

Os principais exemplos de sociedades que provaram ser muito resilientes seriam os assírios e os babilónios. Ambos lidaram e adaptaram-se conforme necessário, ajustando-se à(s) nova(s) situação(ões) em que se encontravam. Isto incluía lidar com antigos inimigos (por exemplo, os elamitas, no caso dos babilónios) ou com novos adversários (como os arameus e os urartianos, no caso dos assírios), bem como simplesmente retirarem aos outros aquilo de que precisavam.⁴⁵²

Considero que os assírios e os babilónios se enquadram nesta categoria porque ambos conseguiram inicialmente resistir ao Colapso e adaptar-se durante a transformação da Idade do Bronze para a Idade do Ferro quase sem alterações na sua estrutura social básica, da administração governamental à religião (incluindo as divindades adoradas). No entanto, ambas as sociedades foram tardiamente afetadas pela seca, pela fome e pela peste. Apesar de

terem sido capazes de continuar a lidar com a situação, os assírios levaram dois séculos a reagrupar-se e a regressar, com intuítos de vingança, no século IX a. C., e os babilónios ainda mais tempo, no fim do século VII a. C.

Poria nesta categoria também os neo-hititas, que viveram no norte da Síria e no sudeste da Anatólia, bem como os cananeus do Norte e outros que podem ter vivido ao lado deles nessas regiões. Todos resistiram com sucesso à mudança inicial e viveram nos vários territórios governados por Carquemis, Tell Tayinat e outras pequenas cidades siro-hititas e siro-anatólias, ou cidades-estado nesta região, durante a Idade do Ferro. Também persistiram ante as repetidas agressões dos assírios, embora pareça provável que os cananeus que viviam nas zonas do interior, até ao sul de Damasco, tenham acabado por ser assimilados nos muitos reinos arameus mais pequenos que se estabeleceram nesta região no século IX a. C. Pôr os neo-hititas nesta categoria significa, no entanto, separá-los do corpo principal dos hititas na Anatólia Central, que não eram tão resistentes; outros podem argumentar que devemos manter os dois grupos juntos, mas penso que é válido dividi-los, dada a grande disparidade de resiliência.

3. Resilientes, mas Pouco

Dentro desta categoria, incluiria os grupos que foram capazes de enfrentar e continuar a existir, mas não conseguiram realmente fazer a transição corretamente, de tal forma que as suas sociedades declinaram em certa medida e perderam qualquer papel internacional mais importante que possam ter desempenhado até então. Sugiro que o principal exemplo seja o dos egípcios nos séculos que se seguiram ao Colapso, pois, embora o Egito tenha sobrevivido, nunca mais foi o mesmo, nem chegou a alcançar a poderosa posição que outrora ocupara no período do Novo Reino. Embora não houvesse mudanças substanciais em termos de governo do rei e da administração, ou mesmo na religião, o nível de vida provavelmente regrediu para o cidadão comum. Houve anarquia, motins, reivindicações simultâneas de faraós rivais e guerra civil, a ponto de o Egito ter sido governado, por vezes, por vários reis ao mesmo tempo e desempenhado um papel muito menos importante no comércio internacional, no decurso dos séculos que se seguiram ao Colapso, do que o que tinham tido antes.

Ora, quando começámos a falar do Egito, notámos que grande parte deste período, começando com a morte de Ramsés XI em 1070 a. C., que marcou o fim da XX Dinastia e do Novo Reino, é conhecida pelos egiptólogos como o Terceiro Período Intermédio, com vários candidatos rivais e múltiplos, por vezes, ao título de faraó. Épocas semelhantes, conhecidas como Primeiro e Segundo Períodos Intermédios, respetivamente, tinham-se seguido aos anteriores Antigo e Médio Reino. Assim, o que aconteceu no Egito após o Colapso não era novo, mas sim um ciclo que já se tinha desenrolado antes — a sua própria versão do ciclo adaptativo.

4. Não Resiliente como Sociedade, mas com Alguma Continuidade Cultural

Aqui elencaria as entidades que não conseguiram realmente lidar, adaptar-se ou transformar-se nas sociedades que outrora tinham sido, mas em que a sua continuidade cultural não desapareceu por completo. Considero que esta é potencialmente uma das categorias mais polémicas e mais abertas ao debate.

O principal exemplo, a meu ver, seriam os micénicos da Grécia continental, que parecem ter sido mais vulneráveis e frágeis do que o previsto.⁴⁵³ Embora tenham desaparecido como sociedade, houve suficiente continuidade com os seus sucessores e um eventual reaparecimento destes por volta do século VIII a. C., pelo que os poria nesta categoria e não na mais baixa. O meu raciocínio é o seguinte:

Não há muitas dúvidas de que a sociedade micénica chegou ao fim por volta de ca. 1050 a. C., o mais tardar. Dada a redução do nível de vida na Grécia após o Colapso, podemos presumir que não foram particularmente resistentes, pelo menos no início, e que a vida, tal como a conheciam durante a Idade do Bronze, efetivamente terminou. Devemos notar, porém, que mesmo quando dizemos que a sociedade grega da Idade do Bronze colapsou, a vida continuou para um grande número de pessoas, especialmente nos níveis mais baixos da sociedade, e existiu certamente uma continuidade entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro na Grécia continental.⁴⁵⁴

Ainda assim, também podemos dizer que os gregos que sobreviveram acabaram por se transformar e por refazer a sua cultura e a sua sociedade do zero. Não foi fácil nem rápido, mas podemos ver uma evolução nos estilos de cerâmica, nos costumes funerários e nos tipos de casas, por exemplo, e há também alguma continuidade, incluindo nos títulos de alguns dos administradores (como *basileus*) e nos nomes de muitos dos deuses e deusas, de Zeus e Hera em diante. Ora, como mencionado no início deste livro, é pouco provável que alguém ainda se considerasse micénico depois de ca. 1050 a. C. (se é que, na verdade, alguma vez se identificaram como tal, e não como habitantes de um

determinado reino, como Micenas ou Pilos).

Porque os sobreviventes conseguiram reconstruir e começar de novo no caminho que conduziria à Grécia Arcaica e depois à Grécia Clássica, eu sugeriria que talvez já no final do século IX e início do século VIII a. C. tivessem recuperado o suficiente para poderem ser transferidos para a categoria acima (n.º 3). Na média temporal, no entanto, eles permaneceram nesta categoria (n.º 4).

Também aqui, após muito debate interno, incluiria os habitantes de Creta, pois, embora tenham sido mais bem-sucedidos do que os micénicos na adaptação, perderam a sua identidade anterior, isto é, o que reconheceríamos como «minoicos». Como observado no Capítulo Cinco, os minoicos, e a sociedade minoica tal como era conhecida, e aqui incluem-se os seus parceiros comerciais no estrangeiro (ou seja, «Keftiu» para os egípcios e «caphtor/caphtorians» para os cananeus e babilónios), essencialmente deixou de existir enquanto identificador, possivelmente já na altura em que os micénicos tomaram a ilha, em meados do século XIV a. C., embora muitos dos seus habitantes continuassem a navegar na transição para a Idade do Ferro e acabassem por prosperar de novo enquanto Creta Arcaica.

Todavia, vou ser o primeiro a dizer que esta é uma decisão subjetiva, pois os habitantes de Creta eram certamente capazes de fazer ajustes culturais. Embora não tenham regressado aos patamares da participação minoica no comércio internacional nestes séculos, conseguiram assegurar um certo grau de continuidade, levando, no limite, ao crescimento das cidades-estado arcaicas na ilha, e pode também dizer-se que recuperaram o suficiente para serem transferidos para a categoria superior seguinte (embora, mais uma vez, a média ao longo dos séculos os mantenha nesta categoria atual). Como Saro Wallace o classificou, poder-se-ia considerar isto um «colapso positivo», embora, mais uma vez, note que isso aconteceu à custa da perda da sua identidade como «minoicos» (quer às mãos dos micénicos, quer como resultado do Colapso).⁴⁵⁵

5. Não Resilientes — Basicamente, Desaparecidos

Dentro desta última categoria, inclui as sociedades que não eram resilientes e essencialmente desapareceram por completo, embora alguns pequenos grupos possam ter permanecido em regiões periféricas. Aqui encontramos os hititas e o seu império, que essencialmente não conseguiram navegar na mudança para a Idade do Ferro e cederam o território a novos reinos, incluindo os urartianos na Anatólia Oriental e, por fim, os frígios na Anatólia Central/Ocidental, como referido no Capítulo Quatro. Mesmo aqui, devo ser ligeiro, no entanto, porque já abordei e discuti anteriormente os pequenos grupos sucessores que sobreviveram como cidades-estado neo-hititas na Siro-Anatólia e no Levante Setentrional, continuando as tradições hititas na escrita, na arquitetura e nos sistemas administrativos, enquanto criavam os seus próprios sistemas independentes. Além disso, embora os hititas possam ter dominado a maior parte da Anatólia, o seu colapso social não significou necessariamente a morte automática de todas as pessoas que viviam em toda a região, especialmente no interior, em sítios como Çadır.⁴⁵⁶

Além disso, apesar de ter plena consciência de que será controverso, também porei os cananeus que viviam no sul do Levante Meridional nesta categoria, pois considero-os globalmente como tendo sido ou vencidos ou assimilados pelos novos reinos que surgiram na região, incluindo Israel e Judá, bem como a Filisteia, Edom, Amom e Moabe. Certo é que este facto exemplifica alguns dos problemas envolvidos na tentativa de atribuir rótulos a situações fluidas, pois no seu recente livro sobre o sudoeste de Canaã nas Idades do Bronze e do Ferro, Ido Koch, da Universidade de Telavive, argumentou que «a sociedade regenerada no sudoeste de Canaã da Idade do Ferro I exibe uma estrutura tanto de continuidade como de transformação». Ao mesmo tempo, porém, admite que «a estrutura social que surgiu no sudoeste de Canaã pós-colapso durante a Idade do Ferro I era diferente da sua predecessora»; que «novos centros [...] substituíram os tradicionais»; e que «um padrão de povoação diferente apareceu».⁴⁵⁷

Em resumo, e tal como interpreto a situação como a entendemos atualmente, enquanto os cananeus étnicos individuais (e mesmo pequenas comunidades) podem ter sido resistentes até certo ponto, a sociedade cananeia e as cidades-estado cananeias deixaram de ser identificáveis de forma única à medida que a transição para a Idade do Ferro continuou no sul do Levante, mesmo que, sem dúvida, tenham influenciado os novos reinos que surgiram na região. Este facto pode ser interpretado como transformação e grande resistência, por um lado, ou como assimilação nos novos reinos e baixa resiliência, por outro. Ora, tal como já não vemos micénicos ou minoicos identificáveis no Egeu da Idade do Ferro, também já não se fala geralmente de cananeus no Levante na Idade do Ferro, mas sim de israelitas, judaístas, amonitas, edomitas, moabitas, etc. Por isso, optei por interpretar esta situação como assimilação, embora com algumas reminiscências e influências culturais, e introduzi estes cananeus do Sul nesta categoria. Outros

preferem ver esta situação como uma transformação bem-sucedida e pô-los numa categoria superior.⁴⁵⁸

Outras Categorias?

Há outros grupos que podem ou não inserir-se em qualquer das categorias acima, dependendo de como se interpretam os dados disponíveis. Por exemplo, se os israelitas monoteístas estavam, na verdade, na região do Levante Meridional há já algum tempo e simplesmente desceram das terras altas onde tinham vivido anteriormente (*i.e.*, os «israelitas invisíveis», de acordo com Finkelstein), então, poderíamos potencialmente separá-los como outra cultura da Idade do Bronze na parte que provou ser resiliente e inovadora, ao mesmo tempo que acabava por se transformar na Monarquia Unida e depois nos reinos separados de Israel e de Judá, tudo isto enquanto se tornava no novo normal. Se, no entanto, tivessem migrado pouco antes para a região por qualquer outra razão, como o Êxodo, por exemplo, então seriam vistos como recém-chegados que se aproveitaram do caos que se seguiu ao Colapso, o que seria uma história completamente diferente.

Do mesmo modo, se Ben-Yosef estiver correto, e se os edomitas tinham sido anteriormente nómadas, mas habitando a região de Wadi Feynan, e depois estabeleceram-se para criar o reino de Edom, como discutido no Capítulo Um, consideraremos que se trata de uma transformação em reação à retirada egípcia da região e a outros acontecimentos relacionados no período do Colapso da Idade do Bronze Final? Ou imaginaremos que o reino se desenvolveu de outra forma, como outros académicos têm defendido, e, assim, consideramo-lo simplesmente uma entidade inteiramente nova, que cresceu no vazio de poder após os tumultuosos acontecimentos do fim do século XIII e início do século XII a. C.?

Situação semelhante aconteceu com os outros povos da região. Por exemplo, ainda não se sabe se os amonitas migraram para a região durante o Colapso da Idade do Bronze Final, vindos talvez de tão longe como a Anatólia; ou se migraram de outros locais de Canaã nessa altura; ou se eram essencialmente autóctones e sobreviveram ao Colapso exatamente onde se situava o reino de Amom da Idade do Ferro.⁴⁵⁹ Todas as hipóteses foram sugeridas. Se a última possibilidade estiver correta, poderiam pertencer à categoria 2; se qualquer uma das outras duas possibilidades estiverem corretas, teremos de considerar onde pertencem ou se devem ser mesmo considerados parte da equação aqui.

O mesmo se aplica a Moabe e aos moabitas, que podem ter estabelecido o seu reino por volta de 1300 a. C., se não mais cedo, mas que também podem não ter entrado na região muito antes de 1200 a. C. ou estabelecido o seu reino antes do século XI a. C. Mais uma vez, todas estas sugestões foram feitas e, mais uma vez, a forma como as devemos classificar, ou mesmo se as devemos classificar, permanece, de momento, aberta à discussão.⁴⁶⁰

*

Volto a sublinhar que a minha designação das diferentes sociedades às categorias individuais e à visualização dos seus altos e baixos ao longo dos séculos é preliminar, provisória e completamente dependente do nosso conhecimento atual e das minhas próprias suposições e sentimentos intuitivos (por muito pouco científico que isso possa ser). Mais trabalho arqueológico poderá sugerir uma trajetória diferente para alguns deles, mas atualmente as categorizações aqui apresentadas refletem as minhas próprias inclinações após revisão dos dados disponíveis.

Penso também que é útil recordar que a situação de cada uma delas mudou ao longo do tempo, que tentei mostrar na Tabela 6, na qual indico a minha opinião sobre o estado de cada sociedade, século a século. Isto pode ser especialmente útil, dado que nos capítulos anteriores procedemos geograficamente e não cronologicamente.

Escusado será dizer que outros académicos terão, sem dúvida, opiniões diferentes, talvez queiram classificar o Egito numa categoria — por exemplo, ou mais acima com os assírios e os babilónios, ou mais abaixo, com os micénicos e os minoicos, dependendo da forma como se encaram fatores como a instabilidade política. Em suma, considero as minhas sugestões aqui como o início de uma discussão, não como um fim.

*

O que é muito evidente, tendo em conta tudo o referido acima, começando com o material do primeiro ao quinto capítulos e continuando com as análises que acabámos de apresentar, é que cada caso era único. Das sociedades que estiveram ativas na Idade do Bronze Final, no Egeu ou no Mediterrâneo Oriental, algumas foram mais bem-sucedidas na resistência à tempestade do que outras. As questões sobre o como e/ou o porquê de cada uma delas ser ou não

vulnerável em primeiro lugar e o como e/ou o porquê de cada uma delas se ter transformado ou não com sucesso para a nova realidade não são fáceis de apurar. Na verdade, em alguns casos não conseguimos responder de todo a essas questões devido à natureza fragmentária dos nossos dados — estamos muitas vezes dependentes dos achados de enterros e cerâmicas, das mudanças sentidas nos padrões de povoamento, etc., como já foi referido várias vezes. Somos como que detetives forenses a tentar reconstruir múltiplas cenas de crime antigas, todas elas de há muito, muito tempo — vêm à cabeça os *CSI*, os *NCIS*, os *Columbo* e os *Kojak*, mas mesmo esses investigadores da televisão não seriam capazes de resolver qualquer um destes casos com muitas hipóteses de persuadir um júri a chegar a um veredito unânime; o próprio Hercule Poirot ou Sherlock Holmes teriam dificuldade em fazê-lo.

TABELA 6. Resiliência, ou falta dela, por região/sociedade e século a. C. indicando-se também as fases do ciclo adaptativo

Região/sociedade	Século XII	Século XI	Século X	Séculos IX/VIII
Assíria	Muito resiliente; constantes ataques arameus e conflitos ocasionais com os babilónios, mas essencialmente não foi afetada. Fase do ciclo adaptativo: ómega	Resiste, mas a recessão começa com o início da seca, da fome e da peste, que se prolonga pelo século seguinte. Fase do ciclo adaptativo: ómega	A recessão continua; enfrenta-a e talvez se adapte, mas limita-se a sobreviver até ao último terço do século. Fase do ciclo adaptativo: ómega	Transformação em Império Neo-assírio; a conquista do Oriente Próximo começa. Fase do ciclo adaptativo: alfa
Babilónia	Muito resiliente; constantes ataques arameus e conflitos ocasionais com os babilónios, mas essencialmente não foi afetada. Fase do ciclo adaptativo: ómega	Problemas semelhantes aos dos assírios; enfrentam o aparecimento da seca, da fome e da peste. Fase do ciclo adaptativo: ómega	Semelhante aos assírios; ainda a lidar com a situação e apenas a sobreviver. Fase do ciclo adaptativo: ómega	Ainda a lidar e a sobreviver. Fase do ciclo adaptativo: ómega
Canaã (Norte)	A transição variava consoante o local; alguns (por exemplo, Ugarite) foram abandonados, mas outros foram muito resistentes e tiveram continuidade. Fase do ciclo adaptativo: ómega	Resilientes e em adaptação/convivência; provavelmente alguma assimilação com os neo-hititas da região. Fase do ciclo adaptativo: ómega	Resilientes e em adaptação/convivência, como no século anterior. Fase do ciclo adaptativo: ómega	Resilientes e em adaptação/convivência, como no século anterior; provável assimilação aos reinos arameus no norte da Síria nesta altura. Fase do ciclo adaptativo: ómega
Canaã (Centro): Tiro, Sidónia, Biblos, Arruade, etc.	Antifrágil; transformação em fenícios, que começam a ocupar as rotas comerciais marítimas. Fase do ciclo adaptativo: inicialmente, ómega, mas transitando quase imediatamente para alfa	Antifrágil; empreendimentos marítimos continuam. Fase do ciclo adaptativo: alfa	Antifrágil; empreendimentos marítimos continuam; os governantes de Biblos deixam inscrições. Fase do ciclo adaptativo: alfa	Antifrágil; empreendimentos marítimos continuam. Fase do ciclo adaptativo: alfa
Canaã (Sul)	Inicialmente resiliente e capaz de adaptação; acaba por ser transformada até certo ponto, mas não inicialmente antifrágil. Fase do ciclo adaptativo: inicialmente, ómega, mas transitando quase imediatamente para alfa	Possivelmente resistente, mas provavelmente começa a ser assimilada pelos filisteus e por outros. Fase do ciclo adaptativo: alfa	Pode ser interpretado como adaptação por parte dos habitantes originais, mas muito provavelmente assimilados pelos novos reinos estabelecidos na região, incluindo Israel, Judá, Edom e Amom. Fase do ciclo adaptativo: alfa	Vários novos reinos, incluindo Israel e Judá, prosperam. Fase do ciclo adaptativo: alfa
Creta (minoicos)	Continuidade e reajustamentos culturais; adaptação transformadora para resistir à transição.	A sociedade minoica propriamente dita desapareceu mas os cretenses recuperam e adaptam-se às novas realidades.	A sociedade cretense continua; contactos renovados com o Oriente Próximo.	Os cretenses prosperam.

(cont.)

(cont.)

Região/sociedade	Século XII	Século XI	Século X	Séculos IX/VIII
	Fase do ciclo adaptativo: inicialmente, ómega, mas transitando quase imediatamente para alfa	Fase do ciclo adaptativo: alfa	Fase do ciclo adaptativo: alfa	Fase do ciclo adaptativo: alfa
Chipre	Capacidade de adaptação e, eventualmente, de se transformar; talvez antifrágil; inovação com o ferro trabalhado.	Resilientes e prósperos; surgem novas cidades e as antigas perduram, embora com mudanças; ativamente empenhados no comércio internacional, em especial com artigos de ferro.	Resiliência contínua, preparando a transformação para o Período Arcaico.	Os cipriotas prosperam.
	Fase do ciclo adaptativo: inicialmente, ómega, mas transitando quase imediatamente para alfa	Fase do ciclo adaptativo: alfa	Fase do ciclo adaptativo: alfa	Fase do ciclo adaptativo: alfa
Egito	Lidam com o problema, mas não com sucesso; afetados pela seca, fome, pilhagens e problemas sociais e políticos.	Problemas com a resiliência continuam, especialmente na política, mas possivelmente a começar a adaptar-se e a retomar algumas trocas comerciais no final do século.	Mais resiliência demonstrada e melhorias nas relações comerciais; um regresso ao poderio militar e à diplomacia no tempo de Sisaque.	Nova recessão, com problemas políticos e faraós rivais; acabou por ser tomado e governado por reis cuxitas da Núbia a partir de meados do século VIII.
	Fase do ciclo adaptativo: ómega	Fase do ciclo adaptativo: ómega	Fase do ciclo adaptativo: inicialmente, ómega, mas transitando para alfa com Sisaque	Fase do ciclo adaptativo: regresso a ómega
Hititas	A sociedade hitita termina, para todos os efeitos, na Anatólia Central.	Os hititas desaparecem.	Os hititas desaparecem.	Os hititas desaparecem.
	Fase do ciclo adaptativo: ómega	—	—	—
Neo-Hititas	Continuação dos reinos neo-hititas no norte da Síria (norte de Canaã) e sudeste da Anatólia.	Graus variáveis de transformação e de adaptação entre as várias cidades neo-hititas e territórios.	Época de ressurgimento; os governantes neo-hititas deixam inscrições.	Carquemis e outras cidades neo-hititas prosperam.
	Fase do ciclo adaptativo: ómega	Fase do ciclo adaptativo: alfa	Fase do ciclo adaptativo: alfa	Fase do ciclo adaptativo: alfa
Grécia Continental (micénicos/ gregos)	Algum grau de continuidade, embora já num nível sociopolítico.	A sociedade micénica propriamente dita desapareceu por volta de 1070–1050 a. C.; os habitantes na Grécia continental continuam a num nível sociopolítico inferior.	A sociedade grega começa a reconstruir-se a partir do zero, iniciando o processo de transformação e recuperação.	Os gregos estão a recuperar.
	Fase do ciclo adaptativo: ómega	Fase do ciclo adaptativo: ómega	Fase do ciclo adaptativo: inicialmente, ómega, mas transitando para alfa	Fase do ciclo adaptativo: alfa

Mais uma vez, lembremo-nos de que somos prejudicados, em particular, por nenhuma destas sociedades ter deixado quaisquer registos que mencionem especificamente que houve uma mudança nos seus sistemas. Nada sobre «no tempo do meu pai (ou do meu avô), estávamos em contacto com os hititas (ou os egípcios ou...), mas eles já não são vistos por aqui», por exemplo. A razão para isso pode ser tão simples como termos muito poucos registos escritos que datem do período imediatamente posterior ao Colapso — lembremo-nos de que houve um período na Assíria, de cerca de 75 anos, depois de 1208 a. C. em diante, do qual temos poucos registos dos primeiros 25 anos e depois nenhum registo real durante quase 50 anos (1179–1133 a. C.). Não dispomos de nada especificamente relevante das outras sociedades durante esse período; nem sequer os egípcios mencionam algo particularmente desagradável após Ramsés III ter afirmado triunfalmente a sua vitória sobre os Povos do Mar em 1177 a. C., exceto alguns problemas internos como uma greve de trabalhadores e, por fim, o seu assassinato. É claro que a maioria dos centros que teriam mantido tais registos, incluindo Ugarite, Hatusa e Micenas, tinham sido todos dramaticamente afetados, invadidos

ou abandonados na altura. Por isso, talvez esta falta de referências escritas não surpreenda.

Teoria da Vulnerabilidade, da Fragilidade e da Resiliência

Por fim, penso que também podemos explorar e aplicar os conceitos adicionais de vulnerabilidade e fragilidade da teoria da resiliência, que introduzi há algumas páginas, ao analisar novamente o material apresentado nos capítulos anteriores. Por exemplo, em retrospectiva, parece bastante claro que a sociedade micénica era vulnerável. Os reinos que conhecemos pelas leituras de Homero e de outros autores, bem como da arqueologia — Atenas, Micenas, Pilos, Tebas —, todos colapsaram, e a vida tornou-se mais local do que global. Contudo, os sobreviventes reemergiram para desempenhar um papel mais importante na cena internacional após o século VIII a. C., a caminho de uma nova vida enquanto gregos clássicos.⁴⁶¹

A pergunta óbvia a fazer nesta altura é, portanto, porque é que os micénicos eram tão vulneráveis ou frágeis? E serão mais do que as outras sociedades? Além disso, terão todos os membros da sua sociedade sofrido na mesma medida? O Colapso afetou a classe baixa ou os camponeses rurais da Messénia da mesma forma que afetou a elite da Micenas palaciana? Terão esses camponeses sido simplesmente capazes de encolher os ombros e de continuar com a agricultura de subsistência, enquanto a família real e os administradores de elite ou sucumbiam ou fugiam perante os problemas da cadeia de abastecimento da Idade do Bronze?⁴⁶² Todas estas são questões de debate académico sem resolução clara à vista.

Ora, como referi no Capítulo Cinco, alguns académicos sugeriram que a economia palaciana dos micénicos já não se adequava aos níveis inferiores da sociedade e que os vários projetos de grande escala, quer os arquitetónicos, quer os geográficos, como a drenagem da bacia de Copais, podem ter levado o sistema à falência e causado grandes dificuldades entre aqueles que não faziam parte da elite que vivia nos centros palacianos. Erika Weiberg e Martin Finné, por exemplo, sugeriram que, para as não elites da Grécia continental, o Colapso pode mesmo ter proporcionado «a janela de oportunidade necessária para “escapar” de uma situação sociopolítica insustentável»⁴⁶³.

Joseph Maran, que dirigiu as escavações em Tirinto durante várias décadas, concorda e acrescenta que também podem ter acontecido outros problemas sistémicos de longo prazo, incluindo conflitos entre as elites dos vários centros da capital, que prejudicaram os micénicos como um todo, e «contradições internas que se tinham acumulado durante muito tempo nas cidades palacianas». Também sugere a possibilidade de rebeliões internas que foram «apoiadas e organizadas por membros da elite, que poderiam recorrer a partes da infraestrutura militar dos palácios e virá-la contra os governantes»⁴⁶⁴.

Assim, os micénicos podem ter estado prontos para uma queda, independentemente de fosse o que fosse, e os vários problemas que surgiram durante a «tempestade perfeita» do Colapso, e talvez mesmo antes, em certa medida, podem ter criado um ponto de viragem social do qual eles não conseguiram recuperar.⁴⁶⁵ Isto significaria que nem o seu colapso nem a sua incapacidade de recuperação foram fruto do acaso, mas antes documentáveis e muito possivelmente previsíveis em retrospectiva.

As mesmas questões podem ser feitas quanto aos hititas da Anatólia, que litigaram com o Egito pelo controlo da região do Mediterrâneo Oriental na Idade do Bronze Final. A sociedade, na sua essência, também desapareceu, exceto as pequenas cidades-estado e os reinos que sobreviveram no sudeste da Anatólia e no norte da Síria. Terão as pessoas do campo rural simplesmente continuado a viver, ou as suas vidas foram tão afetadas como as que viviam na cidade capital de Hatusa? O debate continua também neste domínio, embora a recente dissertação de Sarah Adcock, da Universidade de Chicago, tenha investigado exatamente estas questões: «No caso dos hititas, por exemplo», perguntou, «o que é que significou para as pessoas da Çadir rural [uma cidade do interior] a perda, pelo império, da sua coerência? Terão os seus modos de vida sido perturbados e, em caso afirmativo, como reagiram?» Como Miguel Centeno e os seus colegas do projeto de Risco Sistémico Global do Instituto de Estudos Internacionais e Regionais da Universidade de Princeton observaram recentemente, «o colapso de uma pessoa pode ser a oportunidade de outra»⁴⁶⁶.

Podemos certamente argumentar que os hititas, de qualquer das formas, estavam à beira do colapso. Há indícios de lutas internas no seio da família real, incluindo desafios ao trono, e de que tinham abandonado a sua antiga capital (depois de o terem feito anteriormente por um curto período durante o século XIII a. C.), e que agora estavam sediados algures em Taruntassa e não em Hatusa. Tudo isto terá também contribuído para a sua fragilidade, vulnerabilidade, falta de resistência e subsequente incapacidade de recuperar do Colapso.⁴⁶⁷

Em contraste, os assírios do norte da Mesopotâmia não parecem ter sido tão vulneráveis ou frágeis como os micénicos ou os hititas, e conseguiram sobreviver ao Colapso mais ou menos intactos. Porquê? O que tinham eles de

diferente? Nicholas Postgate, académico da Universidade de Cambridge, referiu-se a todo o período de 1200 a 900 a. C. como uma mera «recessão» para os assírios.⁴⁶⁸ Talvez seja uma reviravolta muito positiva, como alguns disseram, mas é verdade que foram nada mais do que resilientes nos anos imediatamente a seguir ao Colapso. Foram capazes de sobreviver apesar de o clima ter continuado claramente a desempenhar um papel na região até ao século xi e mais além, com períodos prolongados de pouca chuva e uma mudança no curso do próprio Eufrates, o que contribuiu para a seca, a quebra de colheitas, a escassez de cereais e a fome. Houve pragas que afetaram não só os assírios no Norte, mas também os babilónios no sul da Mesopotâmia.⁴⁶⁹ E mesmo assim perseveraram.

Apesar dos desafios com que se defrontaram, os assírios pareceram nunca ter perdido totalmente os traços da sua sociedade, nem tiveram de reconstruir por completo ou mesmo transformar a sua sociedade. Embora o período pós-Colapso não tenha sido agradável para os assírios, o que talvez se reflita na falta de inscrições reais em grande parte do século XII a. C., emergiram intactos no século IX a. C., prontos para restabelecer o seu novo domínio em todo o Oriente durante mais três séculos, até 612 a. C.

O seu mundo tinha mudado, é certo. A maior parte dos outros grandes reis e as relações internacionais da Idade do Bronze desapareceram. As inscrições reais, quando as temos, dizem agora respeito quase exclusivamente a campanhas militares, não a comércio internacional. No entanto, muitas das características de uma idade das trevas — incluindo as perdas da administração e da economia centralizadas, bem como o desaparecimento das elites tradicionais e da escrita — não se manifestaram na Idade do Ferro na Assíria (nem na Babilónia, aliás).

O seu sistema de escrita cuneiforme continuou a ser utilizado, por exemplo. As inscrições monumentais eram ainda gravadas em pedra e afixadas em palácios e em várias cidades, tal como tinha acontecido nos séculos anteriores da Idade do Bronze; as cartas e os documentos eram registados em tábuas de argila; as identidades individuais eram ainda registadas em selos cilíndricos. Além disso, a elite superior, ou seja, o rei e a família deste, com os seus criados e os seus servos, continuaram como antes de 1177 a. C., sem interrupções significativas. O mesmo aconteceu com os funcionários e administradores do governo, com as diferentes classes sociais e com a economia centralizada.⁴⁷⁰ Apesar das significativas flutuações no clima e dos ataques externos, os assírios conseguiram atravessar os séculos essencialmente inalterados do ponto de vista das estruturas e das normas sociais.

Mais uma vez, porque é que isto aconteceu? E porquê com eles mais do que com os outros? Terá sido a sua localização na confluência dos rios Tigre e Eufrates, pelo que não foram tão imediatamente afetados pela seca ou pela fome que contribuíram para a queda dos seus parceiros comerciais e inimigos? Estariam suficientemente longe da costa mediterrânica para evitar ser atacados pelos Povos do Mar que assolavam os reinos costeiros? Talvez tenha sido a sorte de terem o(s) líder(es) certo(s) em tempos de necessidade; ou redundâncias suficientes na administração e nas políticas estatais; ou um exército capaz de combater os invasores e/ou de conquistar outros para obter os recursos de que necessitava com o colapso do comércio internacional — ou todas as anteriores? Talvez tenham tido apenas sorte?

Certo é que terem sido capazes de continuar e de se mostrarem resistentes parece ter tido pouco que ver com o acaso e talvez ainda menos com estarem mais bem preparados do que alguns dos outros.⁴⁷¹ Em vez disso, podem ter provado ser resilientes devido a quatro fatores que conseguiram manter não se sabe por que razão: o governo centralizado, ainda liderado pelo rei; a economia básica; o sistema de escrita; e o exército. Também considero que cada uma das respostas e resistências envolvidas dependem exatamente do que entrou em colapso em cada caso. Por exemplo, poder-se-ia argumentar que as sociedades micénica e hitita foram as mais duramente afetadas, porque perderam a administração e a economia centralizada — este é certamente o caso dos hititas, que perderam o seu império, e provavelmente também para os micénicos, entre os quais os pequenos reinos tinham, cada um, a sua própria administração e uma economia centralizada, por exemplo, em Micenas, Tebas e Pilos. Mas também se pode argumentar que os centros micénicos não eram autossuficientes e eram demasiado dependentes da importação de matérias-primas como o cobre, o estanho e o ouro. O mesmo também se pode dizer de outros, incluindo os hititas.

Em contrapartida, os assírios, os babilónios e os egípcios não perderam as dinastias reais na altura do Colapso, nem as administrações centralizadas, nem as economias; apenas sofreram perturbações que puderam ser superadas através da resiliência. Não precisaram de se reconstruir como os gregos foram obrigados a fazer. No caso dos assírios, também tiveram de obter, por conquista ou tributo, as matérias-primas de que necessitavam.

Os autores do relatório do IPCC de 2012 também salientam que «os fenómenos extremos terão maiores impactos em setores com ligações mais estreitas com o clima, tais como a água, a agricultura e a segurança alimentar [...] Por exemplo, há uma elevada confiança quanto ao facto de as alterações climáticas terem potencial para afetar seriamente os sistemas de gestão»⁴⁷². Como tal, pode valer a pena referir que, das quatro sociedades que consideraria terem sofrido o maior impacto entre as «grandes potências» da Idade do Bronze Final — nomeadamente os egípcios, os

assírios, os babilônios e os hititas, com base, em parte, no seu estatuto descrito nas «Cartas de Amarna» do século XIV a. C. —, três estavam localizadas em sistemas fluviais; os egípcios tinham o Nilo, os assírios e os babilônios tinham o Tigre e o Eufrates. Os hititas, por outro lado, não tinham um sistema fluvial tão grande e fiável nas suas proximidades — tinham apenas o rio Quizil-Irmaque (Hális) como recurso semelhante —, e foram os únicos dos quatro que se desmoreram por completo.

Além do mais, gostaria de sugerir, como outros já o fizeram, que o surgimento de pequenos microgovernos da Idade do Ferro, desde os reinos arameus a Israel e a Judá, talvez seja simplesmente uma questão de os seus reinos terem saído da sombra do que tinham sido poderosos impérios como os dos hititas, dos egípcios, dos assírios e dos babilônios, como Renfrew diz que acontece após um colapso dos sistemas, e de pequenas empresas mercantis privadas que substituem as empresas estatais da Idade do Bronze. Mas também pode ser mais como um regresso à forma como as coisas eram antes, no segundo milénio a. C., tanto em Canaã como na Grécia, durante a Idade do Bronze Média.⁴⁷³ Estes são também temas para uma reflexão e debate futuros mais aprofundados.

Será com toda a certeza interessante refletir também sobre os resultados alternativos que podiam ter ocorrido se as coisas tivessem acontecido de outra forma para algumas das sociedades, e perguntar se alguma delas podia ter evitado o seu destino. Há muitos «teria, poderia, deveria» aqui, mas é certo que, se a família real hitita não tivesse tido problemas internos e se não tivesse transferido a sua capital para outro local, talvez não tivessem entrado em colapso tão rapidamente. Na mesma medida, se os micénicos tivessem sido mais autossuficientes e não tão dependentes de outras matérias-primas, e se tivessem facilitado a exploração dos produtos de construção e engenharia que afetavam as classes mais baixas, também poderiam ter sobrevivido melhor.

TABELA 7. Sequelas nas civilizações/sociedades nos séculos subsequentes ao Colapso

	Transformadas em	Assimiladas em/ou substituídas por
Assírios	Neoassírios	—
Babilônios	Neobabilônios	—
Cananeus Centrais	Fenícios	—
Cananeus do Sul	—	Israel, Judá, Edom, Moabe, Amom, Filisteia
Cipriotas	Cipriotas Arcaicos	—
Egípcios	Egípcios	—
Hititas (e cananeus do Norte)	Neo-Hititas (no norte de Canaã e sudeste da Anatólia)	Urartu (no leste da Anatólia); frígios (no centro/oeste da Anatólia)
Micénicos e minoicos	Gregos Arcaicos e cretenses	—

E se uma ou mais não tivessem entrado em colapso? O sistema teria sobrevivido, como um todo, se apenas os hititas tivessem sucumbido? Ou apenas os micénicos? O que teria acontecido se Ugarite não tivesse sido destruída ou se os egípcios não se tivessem retirado da zona sul de Canaã?

Tudo isto é difícil de modelar ou de prever, mesmo em retrospectiva, em função da variedade de fatores envolvidos, tanto os conhecidos como os desconhecidos. A dificuldade aumenta por ainda não sabermos exatamente o que levou à queda de cada uma das sociedades e se realmente foi uma combinação de fatores, como antes sugeri. Por exemplo, terão os micénicos sido invadidos pelos Povos do Mar, ou foram vencidos por revoltas internas nos vários palácios? Ou foi a seca que os derrubou? Ou foi tudo isto ou outra coisa qualquer completamente diferente?

Dependendo do(s) fator(es) stressor(es) ou da sua combinação, talvez se possam sugerir diferentes soluções possíveis que podiam ter sido utilizadas para tentar evitar o colapso das suas sociedades, mas isso é pura especulação. É também o núcleo do pensamento probabilístico e o material do qual se escrevem histórias alternativas.⁴⁷⁴ Seja como for, podemos imaginar cenários a nosso bel-prazer, mas, citando Omar Khayyam, «o dedo que se move, escreve; e, tendo escrito, segue em frente: nem toda a tua piedade ou inteligência o farão voltar a cancelar meia linha, nem todas as tuas lágrimas lhe apagarão uma palavra».

Colapso e Transformação

Há cerca de 30 anos, o respeitado sociólogo Shmuel Eisenstadt disse que «os estados e as civilizações antigos não entram em colapso, se por *colapso* se entende o fim completo desses sistemas políticos e dos quadros civilizacionais que os acompanhavam»⁴⁷⁵. Eu discordaria da sua declaração, pois, na verdade, foi exatamente isso que aconteceu aos micénicos e aos hititas. Mesmo que tenham ficado vestígios, como no caso dos neo-hititas, e mesmo que ainda haja alguma continuidade para o período seguinte, como foi o caso da Grécia com os nomes dos deuses, por exemplo, o Colapso da Idade do Bronze assistiu certamente ao fim completo dos sistemas políticos e do quadro civilizacional que os acompanhava, tanto para os hititas como para os micénicos.

Eisenstadt, contudo, prossegue: «O colapso, longe de ser uma anomalia [...] apresenta de forma dramática não o fim das instituições sociais, mas quase sempre o início de novas.»⁴⁷⁶ Estou mais inclinado a concordar com este sentimento, embora o reformulasse como «o colapso pode envolver tanto o fim das velhas instituições sociais como o início de novas». Embora seja claro agora que o Colapso da Idade do Bronze foi complicado, é igualmente óbvio que o renascimento foi ainda mais complicado; afirmações gerais e abrangentes simplesmente não resultam. E afirmar, como alguns fizeram, que não houve Colapso, apenas transformação ou transição, não só é insuficiente como pode até ser prejudicial, uma vez que se corre o risco, com a utilização de termos brandos e dessensibilizados, de branquear ou minimizar o elemento humano em tudo isto, especialmente em termos do sofrimento e da miséria que podem ter afetado muitas pessoas nesse período.⁴⁷⁷

Nos capítulos anteriores, analisámos oito exemplos diferentes — como cada um deles tem um caminho distinto de regresso ao sucesso (ou não). Não há dúvida de que o modo de vida tal como existia entre os séculos XV e XIII terminou pouco depois de 1200 a. C. Não há discussão quanto a esse facto, no seu todo. Mas cada região foi afetada de forma diferente, cada uma caiu de forma um pouco diversa, ainda que, genericamente, no mesmo período; e cada uma seguiu uma trajetória diferente de recuperação.⁴⁷⁸ Como já vimos, houve resiliência por parte de alguns, como os assírios. Houve transformação por parte de outros, como os cipriotas. Houve também um colapso, como no caso dos hititas. Sugiro, portanto, como outros já o fizeram, que a transição entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro no Egeu e no Mediterrâneo Oriental foi simultaneamente uma época de colapso e de adaptação, e/ou de transformação, consoante o ponto de vista da região. Foi simultaneamente alfa e ómega (ou, melhor, ómega seguido de alfa), em termos de ciclo adaptativo.

Como é que podemos resumir tudo isto numa única frase? É evidente que toda a gente na região estava a tentar recuperar do mesmo colapso, mas cada sociedade seguiu o seu próprio caminho individual para a recuperação, ou não. Talvez ajudasse se imaginássemos a rutura como um muro ou uma barreira entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro, mas esse muro ou barreira era poroso e permitia a passagem de certas linhas de continuidade, em vez de bloquear tudo por completo. Em alternativa, poderíamos imaginar tudo isto como uma corrida de competição, como as dos Jogos Olímpicos, tanto na Antiguidade como atualmente. Todos os participantes terão começado ao mesmo tempo e da mesma linha de partida, no sentido de terem de recuperar simultaneamente do Colapso, mas acabaram por chegar à meta desfasados, uma vez que cada um atravessou o ponto final num tempo — e alguns não chegaram a terminar.

Micénicos ou Fenícios?

Em jeito de conclusão, devemos ainda formular um último conjunto de interrogações: esta história dos factos ocorridos há três mil anos traz-nos mais alguma lição para hoje? Há alguma coisa a aprender com a história dramática global de ressurgimento e renascimento da rede mediterrânica globalizada apenas quatro séculos após a Idade do Bronze? E haverá uma resposta fácil para o que fazer se a nossa própria sociedade/civilização entrar em colapso? Há cerca de uma década, o relatório do IPCC de 2012, que citei tantas vezes acima, concluiu: «O potencial para impactos globais concatenados de acontecimentos extremos continua a crescer à medida que a economia mundial se torna mais interligada.»⁴⁷⁹ Parece-me apropriado citá-lo aqui, nos parágrafos finais deste livro, pois volto a afirmar que as vulnerabilidades e fragilidades da nossa sociedade foram subitamente expostas quando a COVID-19 explodiu pela primeira vez em todo o mundo em 2020 e depois novamente quando os problemas que envolviam a cadeia de abastecimento global se agudizaram posteriormente nos últimos dias de 2021. Não estou a exagerar quando digo que realmente me pareceu, por vezes, que nós próprios estávamos à beira de um colapso social «brevemente, numa região perto de si», como se diz nos anúncios dos filmes. Quando acontecerá? Qual será o nosso

ponto de viragem? Não posso dizê-lo com certeza, obviamente, mas suspeito fortemente que é uma questão de mais cedo do que mais tarde — a questão do *quando*, não do *se* — e que vamos ter de aplicar a nós próprios as lições aprendidas com os que sobreviveram a colapsos sociais há mais de três mil anos, incluindo modos de transformação em vez de simplesmente modos de comportamento ou de adaptação, e adotar as inovações e invenções que forem necessárias.

Há certamente lições a aprender, mas infelizmente não há resposta fácil para o que fazer, pois isso também depende, em última análise, dos fatores de stresse ou das forças motrizes que possam estar envolvidos. Independentemente disso, a lógica dita que se deve ter vários planos de contingência, para que, se os sistemas primários de administração, comércio, produção agrícola ou bancos falharem, haja um sistema secundário, ou mesmo um terciário, que possa ser implementado sem atrasos indevidos em cada caso. Em suma, precisamos de ter sistemas redundantes em número suficiente aos quais recorrer em caso de falha dos sistemas primários. Também precisamos de ser resilientes para resistir a quaisquer golpes que possam surgir; autossuficientes quanto baste para nos mantermos de pé mesmo se/quando os nossos parceiros comerciais ruírem; inovadores o suficiente para nos adaptarmos ou transformarmos quando necessário; e suficientemente fortes para resistir a quaisquer invasões ou ataques inimigos, mesmo quando já cambaleamos. Mas tudo isto são recomendações de bom senso que outros provavelmente sugeririam mesmo sem terem estudado o que aconteceu no rescaldo do Colapso da Idade do Bronze Final.

A principal conclusão de tudo isto é que, claramente, é possível sobreviver a um colapso deste género, desde que sejamos suficientemente resilientes e capazes de agir, de nos adaptarmos ou de nos transformarmos conforme necessário. O colapso social nem sempre leva toda a gente e muitas vezes as culturas continuam, mesmo que a um nível mais simples ou talvez numa nova iteração.⁴⁸⁰ E, até para aqueles que são mais afetados, há frequentemente um período de regeneração após o pior dos tempos que leva à retoma da vida, da prosperidade e da felicidade (como diriam os antigos egípcios).

Assim, se a nossa civilização globalizada terminar, a forma como lidarmos com ela dependerá de quão abrangente seja o colapso e de quão bem nos preparámos para ele. Esperemos não chegar a esse ponto, mas, em vez disso, lembremo-nos das palavras de John Wooden, o treinador de longa data da equipa de basquetebol UCLA Bruins (e possivelmente Benjamin Franklin antes dele): «Quando não nos preparamos, estamos a preparar-nos para falhar.»⁴⁸¹

Para aqueles que olham com desespero para o atual abismo do aquecimento global, da violência sem fim, da escassez de recursos, da seca e da poluição, pode haver alguma tranquilidade em saber que, se desenvolvermos as estratégias de resiliência corretas, poderemos ser capazes de minimizar os danos e de acelerar a recuperação após um colapso social. No mínimo, podemos esperar que haja alguém que fique para apanhar os cacos e continuar.

TABELA 8. Lições sociais aprendidas com o Colapso da Idade do Bronze Final e as suas consequências

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Ter vários planos de contingência e sistemas redundantes a que recorrer se os sistemas principais falharem. 2. Ser suficientemente resiliente para resistir a quaisquer golpes que possam surgir, e forte para resistir a qualquer invasão ou invasões, ou ataques inimigos. 3. Ser autossuficiente o mais possível, mas pedir ajuda aos amigos quando necessário. 4. Ser inovador e inventivo, pronto para a adaptação ou a transformação com agilidade, em vez de, pura e simplesmente, lidar com a situação. 5. Preparar-se para condições climáticas extremas: se vierem, estar-se-á preparado; se não vierem, não importa. 6. Garantir a disponibilidade de recursos hídricos fiáveis. 7. Manter a classe trabalhadora feliz. |
|---|

Também estou a pensar num professor de gestão e *marketing* da Louisiana State University, chamado Leon Megginson, que em 1963 parafraseou *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin, da seguinte forma: «Não é o mais intelectual da sua espécie que sobrevive; não é a mais intelectual das espécies que sobrevive; não é a mais forte que sobrevive; a espécie que sobrevive é aquela que é capaz de se adaptar e de se ajustar melhor ao ambiente em que se encontra.»⁴⁸² Isto parece certamente aplicável ao que aprendemos com os séculos da Idade do Ferro no Egeu e no Mediterrâneo Oriental, e seria bom tê-lo em mente para o futuro.

Então, somos micénicos ou fenícios? Somos mais vulneráveis e frágeis hoje do que gostaríamos de admitir? Se vemos problemas a afetar-nos continuamente, será que nos vamos transformar? Vamos ser inovadores e inventivos? Iremos vingar no meio do caos? Ou vamos apenas revelar uma capacidade de adaptação ou de lidar com a situação,

tentando simplesmente ajustar-nos a ela? Ou, pior ainda, vamos optar por não fazer nada e arriscar uma falha em cascata e um colapso sistémico, repetindo o que aconteceu há mais de três mil anos?⁴⁸³

Teremos de deixar isso para os académicos do próximo século ou de ainda mais tarde para que elaborem um relatório pormenorizado e uma análise sobre como reagimos... e se fomos bem-sucedidos ou não.

Ver Cline 2021; ver, também e agora, Molloy 2022, que discutiu se a crise também se estendeu à Europa.

Bavel *et al.* 2020: 141–42, com base em trabalhos anteriores de Tainter e outros, afirmam: «Embora seja difícil de encontrar uma definição comumente aceite de colapso social, muitos estudiosos concordam que representa uma transformação rápida e fundamental da estrutura social, política e económica de uma sociedade complexa durante várias gerações.» Ver agora Jackson *et al.* 2022; também Centeno *et al.* 2022: 63, que afirmam: «Se há um tema central na literatura sobre o colapso, é o facto de haver um notável desacordo quanto ao significado do termo “colapso”.»

McAnany e Yoffee 2010: 5.

Estou em dívida para com um dos revisores anónimos do penúltimo manuscrito, por ter sugerido os resumos concisos destes parágrafos, embora eu os tenha em frases.

Sobre as migrações do fim da Idade do Bronze Final, ver, mais uma vez, Knapp 2021, bem como Middleton 2018a, 2018b. Sobre possíveis migrações lúvias, ver, por exemplo, J. F. Osborne 2021. Ver também Drews 1992 sobre Heródoto e os etruscos.

Langgut, Neumann *et al.* 2014: 296.

Para as primeiras discussões sobre este tópico, ver, por exemplo, Holling 1986; Holling, Carpenter *et al.* 2002; Holling e Gunderson 2002; Berkes, Colding e Folke 2003: 16–18; Redman e Kinzig 2003; Folke 2006; Walker e Salt 2006: 75–95; atualmente, também Faulseit 2016: 12–16, entre outros. Ver Weiberg 2012 para uma aplicação recente deste conceito ao colapso do Egeu do fim da Idade do Bronze; também Ellenblum 2012: 15–21; Lantzas 2016; S. O'Brien 2017; Saltini Semerari 2017: 546–48, 565–66, 569.

Definições segundo Walker *et al.* 2004: 2. Ver também a discussão em Bradtmöller, Grimm e Riel-Salvatore 2017: 10–11.

Ver Kemp e Cline 2022; Newhard e Cline 2022.

Ver agora as discussões relevantes em Haldon, Chase *et al.* 2020: 16–21, 31–33, e Haldon, Binois-Roman *et al.* 2021: 237–38, especialmente se sugerirmos que se trata de um colapso de todo o sistema, enquanto nos interrogamos sobre o modo como cada uma das peças individuais terá sido afetada e respondida de forma diferente. Centeno *et al.* 2022: 63 afirmam especificamente que «o que colapsa não é necessariamente uma sociedade ou civilização inteira, mas sim a estrutura organizacional».

I. Morris 2006: 72, 81–82, 84; ver também Broodbank 2013: 506–7.

I. Morris 2006: 72; ver também Yoffee 2006 sobre o conceito de «regeneração» da sociedade neste contexto.

Para discussões sobre a panarquia, cuja ideia foi originada por Holling em 2001, ver também Gunderson e Holling 2002; Holling, Carpenter *et al.* 2002; Holling e Gunderson 2002; Holling, Gunderson e Ludwig 2002; Berkes, Colding e Folke 2003: 18–19; Karkkainen 2005; Folke 2006; Kuecker e Hall 2011: 20; Budja 2015: 176–77; Bradtmöller, Grimm e Riel-Salvatore 2017: 4; Saltini Semerari 2017: 546–48; Haldon, Binois-Roman *et al.* 2021; também Kemp e Cline 2022; Newhard e Cline 2022. O conceito de «equilíbrio pontuado», emprestado da biologia evolutiva e aplicado quando vemos mudanças súbitas num sistema estável, como o Colapso no fim da Idade do Bronze Final, também é relevante neste caso, mas, por razões de espaço, limitá-me-ei a remeter o leitor para Haldon, Chase *et al.* 2020: 32; ver também Cline, no prelo, que foi escrito de forma independente, mas que cobre o mesmo terreno e chega a conclusões semelhantes.

Note-se também a semelhança com a discussão da teoria da complexidade em 1177 *a. C.*, em que usei a analogia de uma simples vareta que destruiu o motor de um carro caro; ver Cline 2021: 176.

Ver, por exemplo, Berkes, Colding e Folke 2003; Walker e Salt 2006; e os vários capítulos em Miller e Rivera 2011, e Kapucu, Hawkins e Rivera 2013.

Sobre o IPCC, ver <https://www.ipcc.ch/about/history>

Ver Kohler e Rockman 2020 sobre arqueologia e o IPCC.

Ver Field *et al.* 2012. Estou muito grato a Robert J. Lempert pelas informações e pelos seus conhecimentos sobre os vários relatórios do IPCC.

Lavell *et al.* 2012: 41.

Cutter *et al.* 2012: 296 (ver também 293), com referências; Handmer *et al.* 2012: 237, com referências; Lavell *et al.* 2012: 42.

Cardona *et al.* 2012: 81, 86–87; Cutter *et al.* 2012: 300; Lavell *et al.* 2012: 36; K. O'Brien *et al.* 2012: 457, todos com referências.

A literatura é imensa; ver, anteriormente, Holling 1973, e os artigos editados em Gunderson e Holling 2002; Berkes, Colding e Folke 2003: 14–15; Gunderson 2003; Redman e Kinzig 2003; Walker *et al.* 2004; Redman 2005: 72–74; Folke 2006; Walker e Salt 2006: 1, 113, 119; Folke *et al.* 2010; McAnany e Yoffee 2010: 10; F. L. Edwards 2013: 24–25; Faulseit 2016: 12; Barnes *et al.* 2017; Bradtmöller, Grimm e Riel-Salvatore 2017: 12–13; Middleton 2017b: 14–17, 2017c: 42–46; S. O'Brien 2017; Saltini Semerari 2017: 546; e agora também Bavel *et al.* 2020: 35–37; Centeno *et al.* 2022: 70; Kemp e Cline 2022; Molloy 2022: 9 (versão *online*). Ver também Haldon, Chase *et al.* 2020: 13–15 para uma discussão sobre o colapso no contexto da teoria da resiliência, com pontos específicos a serem atendidos.

A definição do Conselho Nacional de Investigação de 2011 pode ser consultada em doi.org/10.17226/13028: 4, 13–14; ver também F. L. Edwards 2013: 29. Uma definição semelhante é utilizada na publicação SREX do IPCC de 2012; ver Cardona *et al.* 2012: 75, com referências; também as discussões adicionais sobre resiliência em Handmer *et al.* 2012: 238; Lavell *et al.* 2012: 34; K. O'Brien *et al.* 2012: 453, com referências. A outra definição citada é fornecida por Cox e Perry 2011: 395–96; ver também, mais recentemente, os comentários relevantes em Degroot *et al.* 2021: 542–43.

Cardona *et al.* 2012: 72–73, com referências, incluindo uma citação específica de Lavell 1999. Ver também, originalmente, Holling 2001: 394; atualmente, também Engle 2011.

Cardona *et al.* 2012: 73, com referências; Lavell *et al.* 2012: 51 e tabela 1–1, com referências. Ver também K. O'Brien *et al.* 2012: 459; Nicoll e Zerboni 2019; Bavel *et al.* 2020: 142–43.

Lavell *et al.* 2012: 53–54, com referências; K. O'Brien *et al.* 2012: 443, 468, com referências. Ver também Walker *et al.* 2004: 1–7 para as suas definições de resiliência, adaptabilidade e transformabilidade; também, *e.g.*, McAnany e Yoffee 2010: 10–11; Barnes *et al.* 2017; mais recentemente, Bavel *et al.* 2020: 37–38; Jackson *et al.* 2022: 97. Podemos também considerar o conceito de «adaptação transformacional», que se refere a «ações que alteram os atributos fundamentais de um sistema», especificamente «em resposta aos impactos reais ou esperados das alterações climáticas»; ver Denton *et al.* 2014: 1121.

Em particular, considera-se que os grupos vulneráveis estão mais expostos ao risco de uma potencial catástrofe devido aos vários fatores de stresse ou a fatores que, em conjunto, ameaçam os seus «meios de subsistência, produção, infraestruturas de apoio e serviços». A questão, evidentemente, é a de saber o que torna uma sociedade vulnerável e outra menos, mas uma definição recente refere-se à probabilidade de uma sociedade sofrer adversamente quando afetada por fenómenos extremos. Ver especialmente Cardona *et al.* 2012: 69–72, 88, com referências completas a definições e terminologias anteriores; Lavell *et al.* 2012: 34. A definição específica é «a propensão [...] para sofrer efeitos adversos quando afetada por eventos de risco». Ver agora também Degroot *et al.* 2021: 540 sobre vulnerabilidade e resiliência. Ver também Bavel *et al.* 2020: 33–35 sobre vulnerabilidade; todo o seu livro, de facto, é intitulado *Disasters and History: The Vulnerability and Resilience of Past Societies*.

Sobre fragilidade e sociedade, ver Dillehay e Wernke 2019: 9–10 e os outros artigos no volume de 2019 editado por Yoffee; Middleton 2020d; Maran 2023: 233–34, 241; também, anteriormente, o capítulo relevante no livro de J. C. Scott de 2017, *Against the Grain*.

Relativamente aos fenícios que tomaram o lugar de Ugarite, ver, por exemplo, Markoe 2000: 26; Bell 2006: 101–2, 2009: 30, 2016: 102; ver também, mais geralmente, Aubert 2001: 113–14.

Redman e Kinzig 2003: 2 e fig. 3.

Weiberg 2012: 159.

Ver novamente Lavell *et al.* 2012: 53–54; K. O'Brien *et al.* 2012: 443, 468, com referências.

Bell 2009: 38.

Ver também agora a discussão em Kemp e Cline 2022.

Ver agora Jung e Kardamaki 2023: 21–22; Maran 2023: 233–34, 241.

Ver, por exemplo, Weiberg *et al.* 2010; Adcock 2020.

Ver, por exemplo, os argumentos de Wallace (2006, 2010, 2017, 2018, 2020) sobre a Creta da Idade do Ferro, citados acima. Ver também, atualmente, Pollard 2021, 2022.

Ver, por exemplo, d'Alfonso 2020 sobre a Anatólia e o rescaldo dos hititas, no qual discute brevemente a resiliência, a reorganização e a transformação; ver também Adcock 2020: xvi, 1–4, 51–52.

Koch 2021: 92, 105.

Pelo que vale, tenho oscilado entre colocar estes cananeus do Sul nas categorias 2, 4 e 5 durante o processo de escrita. De momento, fixei-me na categoria 5, mas continuo aberto a ser persuadido do contrário.

Ver Younker 1994 para um resumo sucinto das várias hipóteses.

Ver Mattingly 1994, com referências anteriores; também Finkelstein e Lipschits 2011; Finkelstein 2014.

Papadopoulos e Smithson 2017: 984; ver também 973–74. Ver, agora e também, Knodell 2021: 251–52, 257; Maran 2023: 233–34; anteriormente, Weiberg 2012.

Ver agora Newhard e Cline 2022. Maran 2023: 233–34 sugere também outros fatores potenciais.

Ver Weiberg e Finné 2018: 595; também Finné, Holmgren *et al.* 2017: 10–11; atualmente, Maran 2023: 237–39.

Maran 2023: 235–42.

Sobre os pontos de viragem societais e a perda de resiliência, ver Scheffer *et al.* 2009, 2021; Centeno *et al.* 2022: 66–67.

Adcock 2020: 54; também 59–65; Centeno *et al.* 2022: 64. Ver também Middleton 2017c: 18 e Kemp 2019; este último levanta, de passagem, questões semelhantes para as classes mais baixas das outras sociedades da época e conclui: «O colapso, então, é uma faca de dois gumes. Por vezes, é uma bênção para os súbditos e uma oportunidade para relançar instituições decadentes. Mas também pode levar à perda de população, de cultura e de estruturas políticas.»

Ver, mais uma vez, Schachner 2020a, 2020b: 1109–12; também Seeher 2010; Genz 2013; Bryce 2016b, 2019; Middleton 2017c: 165, 172, 175–76; de Martino 2018; Maran 2023: 236–37.

Postgate 1992: 247, 249; ver também Fales 2011: 13–14, 30–31, que cita e concorda com Postgate; também Younger 2017: 196; Düring 2020: 136.

Neumann e Parpola 1987: 171–76, tabela 2; Postgate 1992: 249; Düring 2020: 134.

Ver, por exemplo, a discussão da sociedade assíria e outros pormenores relacionados em Kuhrt 1995: 362–64, 478; Podany 2014: 100–108.

Ver Taleb 2004.

Handmer *et al.* 2012: 235. Ver também, por exemplo, Stuckenberg e Contento 2018.

Ver, por exemplo, Knodell 2021: 5, 114–15, como referido acima, e muitos outros académicos que também abordaram estes tópicos, especialmente Susan Sherratt e Carol Bell.

Ver Nassim Nicholas Taleb, no seu livro *Fooled by Randomness* (Taleb 2004: 12).

Eisenstadt 1988: 242; citado também em Schwartz 2006: 6 e, com mais discussão, em McAnany e Yoffee 2010: 5–6. Ver, também agora, Centeno *et al.* 2022: 64–65.

Eisenstadt 1988: 243. Note-se, no entanto, que concordo com Bavel *et al.* 2020: 142–43, que dizem especificamente que «[...] devemos deixar claro que o colapso da sociedade foi a exceção e não a regra ao longo da história — e mesmo alguns dos chamados colapsos “clássicos” podem ser concebidos mais como transições e adaptações do que como a destruição de todos os aspetos das estruturas sociais, económicas e políticas».

Para situações semelhantes, ver Storey e Storey 2016: 99, 111–12, 119; as suas discussões sobre o fim do Império Romano e o colapso do Império Clássico Maia parecem verdadeiras para a nossa análise aqui também, incluindo «que quase sempre há regeneração ou resiliência, mas não necessariamente no mesmo sítio de antes nem com a mesma manifestação cultural».

Citando Benjamin Porter da UC Berkeley: «As provas [...] indicam que os grupos recuperaram e seguiram diferentes trajetórias de desenvolvimento.» E também observa: «Cada comunidade [...] seguiu uma trajetória distinta, estruturada por fatores históricos, geográficos e ambientais» (Porter 2016: 385, 390). Porter está a falar especificamente do período da Idade do Ferro II no Levante, mas podia muito bem estar também a falar de todos os outros, pois as suas observações são válidas para o Egeu e para o Mediterrâneo Oriental em geral nos séculos seguintes ao Colapso.

K. O'Brien *et al.* 2012: 441, com referências.

Schwartz 2006: 5–6 (citando Yoffee e Cowgill 1988) afirma que «o colapso geralmente implica alguns ou todos os seguintes fatores: a fragmentação dos estados em entidades políticas pequenas; o abandono parcial ou deserção completa dos centros urbanos, juntamente com a perda ou esgotamento das funções centralizadoras; o colapso dos sistemas económicos regionais; e o fracasso da civilização ou ideologias... O colapso envolve apenas o desaparecimento completo de um grupo de pessoas.»

Ver <https://www.thewoodeneffect.com/you-must-prepare-to-succeed>. A citação original é frequentemente atribuída a Benjamin Franklin, mas isso pode estar errado. Estou em dívida para com Mitchell Allen, pelos contributos e discussões sobre estes parágrafos sumativos (correspondência pessoal, 20 de junho de 2022).

Megginsin 1963: 4. Agradeço a Robert Cargill por me ter chamado a atenção para esta citação.

Sobre as falhas em cascata e as falhas síncronas, ver, por exemplo, Centeno *et al.* 2022: 68–69.

Epílogo

O FIM DE UMA IDADE DAS TREVAS

PODEMOS AGORA FECHAR O círculo e levantar de novo a interrogação com que se iniciou este livro: terá sido este período — os séculos após o Colapso da Idade do Bronze — realmente uma idade das trevas ou não? Embora a designação de um período como «idade das trevas» seja realmente apenas para quando os académicos pretendem indicar uma falta de registos escritos e uma simplificação da sociedade em geral, é mais frequentemente empregado por aqueles que estão fora do meio académico para implicar o colapso total e a degeneração, com cães selvagens a uivar e bárbaros a rondar na escuridão, fora da vista dos sobreviventes assustados que se agacham nas ruínas das suas outrora orgulhosas cidades.⁴⁸⁴

Como vimos, porém, nenhum dos cenários é inteiramente exato para os séculos pós-Colapso. Embora, no seu conjunto, esta era cumpra muitos dos critérios para uma idade das trevas apresentados no prólogo deste livro, incluindo a perda da escrita, a cessação da construção de grandes edifícios e o colapso das economias e administrações centralizadas, vemo-la em apenas algumas das sociedades que temos estado a discutir, mas não em todas as regiões. E, mesmo nas zonas que mais sofreram, continuamos a ver indícios de invenção e inovação.

Na verdade, poucos ou nenhuns dos meus colegas se referem ainda a este período como uma idade das trevas; é atualmente chamado simplesmente de Idade do Ferro por arqueólogos, historiadores antigos, estudiosos da Bíblia e outros académicos. No entanto, o público em geral parece ainda não ter percebido a mensagem — basta olhar novamente para a definição de «idade das trevas» no dicionário Merriam-Webster (bem como para «Idade das Trevas grega» na Enciclopédia de História Mundial), que referi no início deste livro. Isto precisa de mudar, pois podemos tornar tudo mais claro.

Ian Morris observou que foi apenas na década de 1890 que surgiu o conceito de Idade das Trevas na história da Grécia Antiga, depois de historiadores e arqueólogos perceberem que pelo menos quatro séculos separavam Homero (que viveu no final do século VIII a. C.) da Guerra de Troia (que muito provavelmente ocorreu no início do século XII a. C.).⁴⁸⁵ Para dar um exemplo clássico, em 1962, *Sir* Denys Page, um eminente historiador britânico do período homérico, descreveu esta época da seguinte forma: «Em algum momento, pouco depois de 1200 a. C., a civilização micénica foi varrida da face da Terra [...] Durante os trezentos ou quatrocentos anos seguintes, a Grécia ficou isolada, empobrecida, paroquial. A arte da escrita perdeu-se; o contacto com o mundo exterior foi reduzido a pouco ou nada; as artes e os ofícios da Grécia micénica estavam em desuso ou muito degradados. O contraste foi o mais extremo possível.»⁴⁸⁶

Chester Starr, que era um venerado professor de história antiga na Universidade do Michigan, tinha dito essencialmente a mesma coisa um ano antes, mas um pouco mais poeticamente, no seu estilo inimitável: «Enquanto as últimas brasas se apagavam nos palácios micénicos destruídos, a escuridão abateu-se sobre a Grécia. Os homens continuaram a viver na maior parte do Egeu, a constituir famílias e a morrer; mas a rotina monótona da vida quotidiana e o enterro final deixaram apenas os mais escassos vestígios físicos. Só no século VIII a. C. é que esta obscuridade começou lentamente a desaparecer.»⁴⁸⁷

Como Morris observa, este modelo da Idade das Trevas grega manteve-se em vigor durante quase um século, até aos anos 1980, embora com muita discussão e debate em torno do tema. Nessa altura, tornou-se um dogma para muitos nesta área, especialmente após as publicações seminais na década de 1970 de três preeminentes arqueólogos britânicos — Anthony Snodgrass, de Cambridge (*The Dark Age of Greece*, em 1971); Vincent Desborough, de Oxford (*The Greek Dark Ages*, em 1972); e Nicholas Coldstream (*Geometric Greece*, em 1977).⁴⁸⁸

Todavia, tem surgido muito material novo proveniente de escavações arqueológicas da Idade do Ferro feitas na Grécia, nas últimas décadas, que desmente este modelo, como vimos no Capítulo Cinco. O próprio Chester Starr, no início da década de 1990, reconheceu: «Nada do que conhecemos [...] de todos os períodos da história antiga mudou e se expandiu nas últimas gerações como a imagem que temos, de um ponto de vista factual, da Grécia Antiga.»⁴⁸⁹

Em parte devido a isso, vários académicos «gradualistas», como lhes chama

Ian Morris, defendem atualmente que não houve uma rutura tão abrupta após o Colapso da Idade do Bronze Final como se pensava; que as mudanças terão sido mais moderadas; e que, no geral, a Idade das Trevas não foi tão sombria como se pensava e que, portanto, nem sequer deveria ser rotulada como tal. Com efeito, Sarah Morris, da UCLA, declarou enfaticamente: «A arqueologia recente dissipou a “Idade das Trevas” da Grécia.» Acrescenta que «foi iluminada com demasiado brilho pelas recentes descobertas para manter o seu nome ou a sua realidade»⁴⁹⁰.

Penso que as nossas explorações nos capítulos anteriores mostraram que isto é verdade não só para o Egeu, mas também para o Mediterrâneo Oriental. Joshua Jeffers, na sua dissertação de 2013 na Universidade da Pensilvânia, observou que, para os historiadores do antigo Oriente Próximo, o termo «idade das trevas» é frequentemente utilizado simplesmente para «descrever um período para o qual existe uma relativa falta de documentação para iluminar e reconstruir a história desse período». Como observa, «assim, a aplicação desta expressão ao Oriente Próximo não tem qualquer juízo de valor, mas apenas descreve a dificuldade da tarefa que enfrenta o historiador moderno».⁴⁹¹

Quanto ao Levante, Benjamin Porter, da UC Berkeley, diz: «A Idade do Ferro I não foi uma idade das trevas sem desenvolvimento histórico, como os académicos anteriores tinham assumido. Os grupos adaptaram-se a novas condições políticas e económicas.» E Susan Sherratt, ainda há duas décadas, disse: «Poucos provavelmente subscreveriam hoje uma visão tão dramática e milenarista do início de uma idade das trevas [...] Cada região de trabalho arqueológico, cada vez mais especializado, tem agora a sua própria versão do que aconteceu, algumas nitidamente menos “sombrias” do que outras.»⁴⁹²

Assim, apesar das opiniões de historiadores e arqueólogos de gerações anteriores, eu concordaria com os académicos que agora defendem que os séculos iniciais do primeiro milénio a. C. nas regiões do Egeu e do Mediterrâneo Oriental não foram tão sombrios como se pensava. Já em 1991, por exemplo, James Whitley declarou sem rodeios: «A Idade das Trevas da Grécia é da nossa [própria] conceção.»⁴⁹³

Além disso, se nos lembrarmos de que a fase alfa (α) do ciclo adaptativo é vista como a «fase de reorganização» e uma altura «durante a qual a inovação e novas oportunidades são possíveis», é relevante notar que John Papadopoulos, da UCLA, salientou especificamente que há «um número notável de “estreias”»

neste período na Grécia — demasiadas, na verdade, para que se lhe chame Idade das Trevas. Entre elas incluiria conceitos e inovações que foram criados nesses séculos, bem como aqueles que viriam a ser concretizados mais tarde, mas que devem ter começado a desenvolver-se neste período. Estes incluem a alfabetização maciça («pela primeira vez na história mundial, a escrita [...] tornou-se um instrumento que qualquer pessoa podia utilizar»), que surgiu com a introdução do alfabeto fenício; a invenção da moeda, que começou na Lídia no século VII a. C.; a invenção das cidades-estado gregas, ou seja, a *polis* (pl. *poleis*); e, claro, o uso de ferramentas e armas de ferro.⁴⁹⁴ Papadopoulos diz ainda: «O facto de uma era designada como “Idade das Trevas” ser inaugurada por uma inovação tecnológica tão evidentemente singular como a utilização generalizada do ferro na Grécia continental é, por si só, importante.» Não menos importante, observa ele, era que «os próprios gregos não conheciam a Idade das Trevas», e pergunta: «Porque não confiar no seu melhor julgamento?»⁴⁹⁵

Na verdade, porque não confiar no seu melhor julgamento? Penso que está na altura de todos, não só os académicos, mas também o público em geral, se referirem aos séculos XII a VIII a. C. no Egeu e no Mediterrâneo Oriental como a Idade do Ferro e não como a Idade das Trevas, tal como a outra «Idade das Trevas» a que o dicionário Merriam-Webster se refere — ou seja, os séculos após a queda de Roma — é agora mais comumente referida pelos académicos como «Antiguidade Tardia» ou «Idade Média». O período pós-Colapso da Idade do Bronze Final não foi totalmente desprovido de inovação e invenção, como vimos por nós próprios e como Papadopoulos e outros viram. Embora haja uma rutura evidente com o período anterior, é também claramente um período de transição e de ajustamento, que envolve tanto a transformação como a regeneração. Em Canaã, na Siro-Anatólia, em Chipre e noutros lugares, por exemplo, havia novos reinos, incluindo Israel e Judá, Edom, Moabe e Urartu; havia novas elites, novas economias centralizadas e novas administrações; e, em alguns casos, passou a haver um novo sistema de escrita para usar durante a longa escalada de volta a um sistema mundial internacionalizado na região. Em suma, foi, de um modo geral, mais um período de renascimento e de renovação do que de escuridão e desespero.

Por isso, chamar a este período simplesmente Idade do Ferro, como fazem os arqueólogos e outros académicos, é o que faz mais sentido. É um rótulo que não tem associações sociopolíticas ou económicas, e é uma simples constatação de

que muitas ferramentas e armas deste período serem de ferro em vez de bronze.⁴⁹⁶ Como fase alfa do ciclo adaptativo nesta região, e não uma idade das trevas, este período foi o início de algo novo, de um conjunto de ideias e de culturas que acabou por dar origem ao mundo a que hoje pertencemos.

Mais uma vez, como Muhly (2011: 48) observa, «a perda da arte de escrever é a característica definidora de uma Idade das Trevas, mas continua a ser um sintoma não a causa de tal período». Ver também Snodgrass 1971: 2 e, agora, Sherratt 2020: 196–97 sobre as características de uma idade das trevas. Ver também, anteriormente, Tainter 1988: 4, 19–20, 193, 197; 1999: 989–91, 1030; também Chew 2001: 9–10, 60–62, 2005: 52–58, 67–70, 2007: xvi, 6–10, 13–14, 16–17nn9–10, 79–83, 94–99, 2008: 92–93, 120–21, 130–31 para as suas definições e características, bem como especificamente sobre o que ele vê como idade das trevas na Grécia pós-Colapso; relevantes para esta questão são os comentários de T. D. Hall (2014: 82–84) sobre a primeira edição de *1177 a. C.* Para mais discussões relevantes mais recentes, ver também, agora, Middleton 2017a, 2017c: 46; Scott 2017: 213–18.

I. Morris 1997: 97, 106, 129, também 2000: 78–106 (cap. 3). Ver agora, também, a discussão muito completa em Kotsonas 2016: 239–70, que aponta especificamente para o livro de Gilbert Murray *The Rise of the Greek Epic*, publicado em 1907 (Kotsonas 2016: 242).

Page 1962: 22; citado como um de vários exemplos em Muhly 2011: 49. Ver também, *e.g.*, Coulson 1990: 7, 9–10; Coldstream 1992–3: 8, 1998; Muhly 2003: 23.

Starr 1961: 77.

Ver, por exemplo, I. Morris 2000: 92–102, discutindo Snodgrass 1971; Desborough 1972 (também, anteriormente, 1964); e Coldstream 1977; ver também discussões sobre o mesmo em Whitley 1991 e Dickinson 2006a: 3–5. Ver, agora e também, Kotsonas 2020: 82–83, que atribui a Starr e a Moses Finley a responsabilidade de terem «reavivado o conceito da(s) Idade(s) das Trevas grega(s) e de o transmitirem a académicos como Snodgrass e Desborough, que escreveram as sínteses homónimas no início dos anos 1970». Pessoalmente, não estou tão convencido de que «reavivaram o conceito» na mesma medida em que simplesmente continuaram a usá-lo.

Sobre a citação, ver Starr 1992: 2–3; também Coulson 1990: 7; Muhly 2003: 26–27, 2011: 50 (que cita esta citação específica); Sherratt 2020: 196–97.

Citações retiradas de S. P. Morris 1989: 48, 1992a: 140 (ver também 148). Ver também I. Morris 1997: 98, 111, 115, 117, 122–23, 125–28, 130, 2006: 81. Cita, em particular, S. P. Morris 1992a: 140, 1992b; Papadopoulos 1993. Havia alguns, ainda na década de 1990, que consideravam este período na Grécia como sombrio e «uma era de pobreza, de comunicações deficientes e isolamento do mundo exterior» (citado por Muhly 2003: 23, que dá alguns exemplos); ver também, por exemplo, Robin Osborne, da Universidade de Cambridge, que escreveu em 1996: «A impressão geral que temos é de horizontes contraídos: sem grandes edifícios, sem sepulturas múltiplas, sem comunicação impessoal, contacto limitado com um mundo mais vasto [...] Daí a tristeza.» (R. Osborne 1996: 32). No entanto, ver agora, também, as discussões relevantes de Kotsonas 2016: 262, 2020: 85; Bourogiannis 2018a: 43 (que cita Muhly 2011: 48); Murray 2018c: 19, 21–22, 28, 44, 46; Waal 2018: 109, 2020. Mais recentemente, Van Damme (2023: 112) declarou: «Originalmente descrito como uma “Idade das Trevas”, este período [na Grécia] é agora reconhecido como uma época dinâmica de inovação e intercâmbio caracterizado por um aumento da mobilidade social e geográfica.»

Jeffers 2013: 3. Do mesmo modo, Brian Brown, na sua dissertação de 2008 sobre o urbanismo do norte da Síria de 1200 a 800 a. C., observa: «O termo “Idade das Trevas”, com as suas conotações de declínio linear e regressão, é [...] um pouco incorreto», e afirma ainda que a investigação recente indica que «este termo não é inteiramente exato» (Brown 2008b: 2, 8–9).

Porter 2016: 386; Sherratt 2003: 37, ver também 38–40. Ver também, anteriormente, Niemeyer 2006:

144: «[...] na arqueologia do Oriente Próximo, esta “Idade das Trevas” parece estar atualmente a passar por uma reavaliação.»

Ver Whitley 1991: 5; também Coulson 1990: 7–10. Ver também a discussão subsequente de Dickinson 2006a: 1, que concorda com a afirmação de Whitley.

Em geral, ver Papadopoulos 1993 (com refutações de I. Morris 1993 e Whitley 1993), 1996a, 1996b, 2014; Papadopoulos e Smithson 2017: 974–76. Para citações específicas, ver Papadopoulos 1993: 195; Papadopoulos e Smithson 2017: 975. Sobre a ascensão da *polis*, bem como a importância do ferro, no contexto da «Idade das Trevas» na Grécia, ver Chew 2007: 105–6, 186–87, 2008: 24, 92–93, 120–21, 130–31. Ver também Muhly, que afirmou há mais de uma década: «A escuridão implica condições sociais e económicas perturbadas resultantes da rutura de uma estrutura política existente. Foi certamente o que aconteceu na Grécia no final do século XII a. C. Mas o isolamento cultural criado por essas trevas não é necessariamente um desastre absoluto, pois o isolamento cultural traz em si as oportunidades de contenção, consolidação e renascimento» (Muhly 2011: 48, citando também as discussões de Starr 1961). Ver agora, também, Scott 2017: 213–17. Sobre a fase alfa, ver novamente Walker *et al.* 2004: 2.

Para citações específicas, ver Papadopoulos 1993: 197, 2014: 181; Papadopoulos e Smithson 2017: 974 (que cita Harland 1941: 429), 976. Ver também R. Osborne 1996: 37, que afirma: «Somos obrigados a concluir que os gregos do período arcaico nada sabiam sobre a Idade das Trevas.»

Ver também, anteriormente, Cline 2014: xv, 9, 171–73 e, por exemplo, Bunnens 2000: 13; Kourou 2008a: 361; Bryce 2020: 106; Hodos 2022: 215.

NOTAS DO AUTOR E AGRADECIMENTOS

Por uma série de razões, muito poucos académicos discutiram até agora a transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro em toda a região que se estende do Egeu ao Mediterrâneo Oriental e para lá da Mesopotâmia. Isto deve-se, em parte, ao facto de, como vários dos meus colegas, nomeadamente John Papadopoulos, da UCLA, e Maria Iacovou, da Universidade de Chipre, salientarem que há uma verdadeira divisão entre os arqueólogos e os historiadores antigos que estudam a Idade do Bronze (o período anterior ao Colapso) e aqueles que estudam a Idade do Ferro (período posterior ao Colapso) no Egeu e no Mediterrâneo Oriental — Papadopoulos chamou-lhe «a “cortina de ferro” entre a pré-história do Egeu e a arqueologia clássica». Há uma divisão ainda mais evidente entre os académicos que estudam o Egeu antigo e aqueles que estudam o antigo Oriente Próximo; apenas um punhado de académicos fazem ambas as coisas. É por isso que espero que este livro ajude, em pequena medida, a colmatar as lacunas, criando assim uma espécie de continuidade de estudo para que possamos não só «ver a história como um *continuum* [cronológico]» geográfico, como Papadopoulos eloquentemente pediu.⁴⁹⁷

Mas estou plenamente consciente das dificuldades de escrever um livro que aborda tantos temas, respeitando os limites de palavras (ou perto disso). Alguns poderão queixar-se de demasiados pormenores e demasiadas advertências, para não falar de demasiados nomes desconhecidos. No entanto, este texto pretende ser um resumo e uma visão geral do estado atual dos nossos conhecimentos, apresentando factos e hipóteses sobre o que sabemos sobre os 400 anos que se seguiram ao Colapso da Idade do Bronze Final nas regiões do Egeu e do Mediterrâneo Oriental. É essencialmente um livro de história com alguma arqueologia, seguido de uma longa análise e reflexões sobre a relevância deste tema para os nossos dias; os nomes de pessoas e lugares podem ser novos e desconhecidos para muitos, mas permitem-nos visualizar o mundo da Idade do Ferro e dar vida a alguns dos habitantes destas regiões. Tentei apresentar os inúmeros pormenores sob a forma de uma narrativa interessante, mas só o

tempo dirá se fui bem-sucedido.

Por outro lado, uma vez que os arqueólogos profissionais, historiadores antigos, historiadores da arte, biblistas e outros especialistas em cada área, para não mencionar os revisores académicos, quase de certeza que se queixarão, quer em público ou em privado, que não forneci pormenores suficientes ou que explorei as várias *nuances* sobre o meu período de tempo ou região preferidos, deixem-me ser o primeiro a dizer que cada um dos capítulos anteriores poderia ter sido um livro completo (ou dois) e que há muito mais que gostaria de ter abordado. Contudo, tive de ser necessariamente seletivo devido às restrições de extensão e, portanto, não pude incluir tudo o que podia ter desejado. Como já referi noutras ocasiões — quando escrevo sobre um tema diferente, mas que é igualmente relevante aqui e agora —, «uma discussão verdadeiramente abrangente de todos os tópicos deste livro levaria muitos anos, dezenas de volumes e numerosos académicos a trabalhar em conjunto, e provavelmente acabaria por ser algo que apenas um punhado de pessoas leriam», o que significa que todo o objetivo de escrever isto como um volume único, com uma única voz, perder-se-ia.⁴⁹⁸

Permitam-me também que diga aqui, para que fique registado, que aceito de bom grado comentários críticos, sugestões e reações de todos os leitores, talvez para que sejam incorporados numa edição revista ou debatidos noutros contextos e locais. Mas lembro-me, de novo, da metáfora invocada no início do Capítulo Seis: se olharmos para a Idade do Ferro como para um quadro impressionista, mas insistirmos em ficar a centímetros de distância, podemos perder a floresta por vermos apenas as árvores. Embora as observações mais íntimas e pormenorizadas apresentadas neste livro sejam objeto de debate e discussão, como espero, tenho a esperança de que o quadro geral aqui apresentado seja visto de mais longe, de modo que as pinceladas individuais se misturem numa cena reconhecível, que se mantenha à prova de escrutínio e nos dê uma perspetiva mais alargada do que aconteceu globalmente nos séculos seguintes ao Colapso da Idade do Bronze Final, quando a rede globalizada do Mediterrâneo se desfez e as sociedades individuais foram forçadas a lidar com as consequências, com diferentes graus de sucesso.

Finalmente, estou perfeitamente consciente de que o ocaso do século VIII está repleto de outros acontecimentos históricos significativos, incluindo grandes calamidades tectónicas como a destruição do reino do norte de Israel em 720 a. C. Nem abordei o tema de Homero, Hesíodo e o advento da literatura na

Grécia. Poder-se-ia, e talvez se devesse (diriam alguns), continuar e continuar, até ao século VI, V ou IV a. C., e mais além, se não houvesse restrições quanto ao tamanho deste volume, mas, tal como está, outras discussões terão de ser deixadas para outro livro.

*

Quanto aos agradecimentos, são muitos e variados, tal é a natureza da escrita de uma síntese como esta. Em primeiro lugar, tenho de reconhecer a minha dívida para com todos os arqueólogos, historiadores e cientistas que me antecederam — não apenas aqueles que escavaram, traduziram, analisaram e publicaram há décadas, mas também aqueles que o fizeram mais recentemente, e até nestes últimos anos. Sem todos os seus esforços e publicações, simplesmente não teria sido capaz de escrever este livro, ponto final. São demasiado numerosos para os nomear aqui individualmente, mas os leitores terão uma ideia daqueles em quem mais me apoiei, bastando para isso folhear as notas de rodapé e depois consultando a bibliografia. Não estaríamos onde estamos hoje se não fossem tanto os primeiros como os últimos esforços mais recentes. O estudo do nosso passado — informado pela arqueologia, e pela epigrafia em particular — é, muito simplesmente, um projeto comunitário, com os avanços no nosso conhecimento como resultado dos esforços individuais de uma multidão de académicos ao longo de muitos anos; é mesmo preciso uma aldeia.

Dito isto, gostaria também de agradecer, mais uma vez, ao meu intrépido editor, Rob Tempio, desta vez por me ter convencido a escrever esta sequência de *1177 a. C.: O Ano em Que a Civilização Colapsou* e pelo seu apoio, especialmente na reta final. Também gostaria de agradecer em especial à minha família, como sempre, por me ter aturado durante a investigação e redação deste livro, e, em especial, à minha mulher, Diane Harris Cline, cuja bolsa Fulbright na Universidade de Creta durante o semestre da primavera de 2019 levou à nossa presença em Retimno, onde comecei a escrever partes significativas do rascunho inicial, e que forneceu muitas sugestões valiosas ao longo do caminho. Uma grande dose de agradecimentos vai também para a Universidade, para os membros da faculdade de Creta: Katerina Panagopoulou e Kostas Vlassopoulos, pela sua incrível hospitalidade, e para Elias Kolovos, por nos ter arrendado o seu adorável apartamento nos nossos três meses em Retimno.

O meu agradecimento vai também para os administradores compreensivos da

Universidade George Washington e, em especial, para o reitor associado Youngwu Rong, por me ter concedido inicialmente uma bolsa de investigação para a cátedra do reitor, o que me permitiu reorganizar o horário de ensino de modo que pudesse ter a primavera do semestre de 2019 para trabalhar em vários projetos de livros, incluindo o início do atual manuscrito. Posteriormente, o reitor Paul Wahlbeck e os reitores associados John Philbeck, Kim Gross e Evie Downie permitiram-me ter o semestre do outono de 2021, altura em que beneficieei da bolsa Getty Scholar Grant, cortesia da Fundação Getty, como parte do maravilhoso grupo de estudiosos dentro do «Fenícios, filisteus e cananeus: O Levante e o Mundo Clássico».

Assim, pude escrever uma grande fatia das partes finais do manuscrito na incomparável Getty Villa, na Califórnia, na companhia de colegas muito talentosos que me deram um *feedback* muito bem-vindo aos rascunhos e a uma conferência, baseada no manuscrito, que dei quando este estava na sua fase inicial. Estou muito grato a Tim Potts, Jeffrey Spier, Claire Lyons, Ken Lapatin, Alexa Sekyra, Rose Campbell, Kylie Morgan e a outros na Getty Villa, e ao Getty Research Institute, bem como aos meus colegas «fenícios» (Melissa Cradic, Brien Garnand e Jessica Nitschke), e a todos os colegas dos grupos anteriores e posteriores a nós, além dos outros estudiosos que chamaram ao Pink Palace de Brentwood «casa» no outono de 2021. Estou especialmente grato a Robert J. Lempert, da Rand Corporation, e a Nancy Perloff, do Getty Research Institute, por se terem encontrado comigo e discutido tópicos relevantes durante a minha estada na Getty, o que me levou diretamente ao relatório do IPCC de 2012, que desempenha um papel tão importante na parte final do livro.

Estou também grato a Miguel Centeno e aos outros organizadores e participantes no *workshop* «Historical Systemic Collapse», realizado na Universidade de Princeton em 26 e 27 de abril de 2019, bem como ao subsequente seminário semanal sobre resiliência histórica da sociedade organizado por John Haldon, também da Universidade de Princeton, no outono de 2020, e conduzido via Zoom durante a pandemia. As apresentações, leituras e conversas sobre colapso, resiliência e transformação com os vários participantes no *workshop*, durante o seminário e nos meses que se seguiram, especialmente com John Haldon, Luke Kemp e Jim Newhard, suscitaram muitas reflexões que foram incluídas neste livro.

Além das minhas apresentações nas conferências de Princeton e *workshops* em

Princeton em abril de 2019 e no outono de 2020, e na Getty em novembro de 2021, parte deste material foi também apresentada noutros locais, virtual ou pessoalmente, incluindo na Universidade de Nova Iorque, em outubro de 2020; nas reuniões anuais da Sociedade Americana de Investigação Ultramarina em novembro de 2020; na Biblical Archaeology Society's Spring Bible and Archaeology Fest da Biblical Archaeology Society em abril de 2022; nas reuniões anuais da Mediterranean Archaeology Australasian Research Community em fevereiro de 2023; e na Universidade de Yale em abril de 2023. Estou grato a todos os participantes e à audiência pelo seu *feedback* durante e após esses encontros.

Gostaria também, tardiamente, de agradecer aos meus professores na pós-graduação que tentaram, há tanto tempo, apresentar-me os factos básicos, bem como as cambiantes e pormenores sobre a Idade do Ferro, tanto no Egeu como no Mediterrâneo Oriental, incluindo Keith DeVries, John Graham, James Sauer, Irene Winter e, em especial, James D. Muhly. Pouco sabia eu na altura que, mais de três décadas depois, tentaria escrever um livro sobre os mesmos temas; espero que esteja perto de fazer justiça aos seus ensinamentos apaixonados e eruditos.

Além disso, e com muitas desculpas antecipadas a todos aqueles que me esqueci de mencionar, gostaria de agradecer a numerosos amigos e colegas por me terem enviado publicações relevantes e/ou trazerem tópicos à minha atenção, incluindo W. Sheppard Baird, J. A. Brinkman, Trevor Bryce, Guy Bunnens, Hanan Charaf, Violetta Cordani, Aidan Dodson, Anne Duray, Meir Edrey, Carl S. Ehrlich, Eckart Frahm, Norma Franklin, Gil Gambash, Brien Garnand, Ayelet Gilboa, John Haldon, Rachel Hallote, Louise Hitchcock, Christopher W. Jones, Katie Kearns, Luke Kemp, Gunnar Lehmann, Megan Lewis, Susan Lupack, James Osborne, Beatrice Pestarino, Benjamin Porter, Federico Rocchi, Karen Robinson, Golan Shalvi, Trevor Van Damme, Marcus Wallas, Mark Weeden e Assaf Yasur-Landau.

Por responderem às minhas perguntas sobre vários tópicos e por sugerirem possíveis soluções, estou igualmente grato a Carol Bell, Shirly Ben-Dor Evian, Erez Ben-Yosef, Nathaniel Erb-Satullo, Eckart Frahm, Tamar Hodos, Nota Kourou, Robert Lempert, Tom Levy, Barry Molloy, James D. Muhly, Vana Orfanou, Christopher Rollston, Jane Waldbaum, Jonathan Wood, Naama Yahalom-Mack e Paul Zimansky.

Acima de tudo, estou extremamente grato a uma série de colegas que leram

partes, ou a totalidade, deste manuscrito quando se encontrava nas várias fases de investigação e redação, e sugeriram alterações, edições, supressões e outras emendas. Estes incluem Hanan Charaf, Bill Dardis, Aidan Dodson, Eckart Frahm, Norma Franklin, Brien Garnand, John Haldon, Rachel Hallote, Randy Helm, Katie Kearns, Luke Kemp, Robert Lempert, Aren Maeir, Jim Newhard, Jessica Nitschke, James Osborne, John Papadopoulos, Chris Rollston, Assaf Yasur-Landau e, muito especialmente, Mitchell Allen, do Scholarly Roadside Service (que me ajudou a refrear a tendência para a verbosidade e condenou o meu amor pelas vírgulas).

Estou também em dívida para com os revisores anónimos que leram e comentaram todo o manuscrito, o que resultou em algumas alterações importantes, melhorando o produto final (espero). Estou especialmente grato aos alunos da Universidade George Washington que participaram no meu seminário «Collapse and Resilience in the Ancient World» na primavera de 2023, que debateram corajosamente a semântica de «colapso social» e outros termos ao longo do semestre; investigaram a aplicabilidade da utilização de tais conceitos ao estudar o fim das sociedades harapeana, maia e as sociedades romanas, entre outras; e deram um *feedback* muito útil sobre a penúltima versão deste manuscrito. E, por último, mas não menos importante, estou em dívida para com Michele Angel, pela criação dos maravilhosos mapas, e para com Glynnis Fawkes, por desenhar várias das figuras.

Como sempre, tentei, na medida das minhas possibilidades, atribuir corretamente as ideias e publicações de outros académicos. Se falhei em dar crédito correto em algum lugar, certamente não foi intencional, e farei todos os esforços para remediar a situação em futuras impressões e edições. A responsabilidade por quaisquer erros remanescentes neste manuscrito, ou por interpretação errónea do seu trabalho, é exclusivamente minha.

Papadopoulos 2014: 181; os seus comentários foram subsequentemente citados por vários académicos, incluindo, por exemplo, Murray 2017: 10n35. Ver também, por exemplo, Papadopoulos 1993: 194–95, 2014: 181; Iacovou 2005a: 130, 2007: 461–62; Papadopoulos e Smithson 2017: 18–19, 975–76; também Kearns 2015: 34; Murray 2017: 10n35; Saltini Semerari 2017: 551; Wallace 2018: 309; e, recentemente, o prefácio de Lemos e Kotsonas 2020: xxiii; Knodell 2021: 1–2, 7–8, 10–11, 13–14, 119; López-Ruiz 2021: 4–5. Embora haja literalmente milhares de publicações disponíveis para uma ou outra das sociedades relevantes, quer da Idade do Bronze, quer da Idade do Ferro, são poucas as que tentam uma abordagem sintética. Todavia, um dos relatos mais breves e acessíveis que enumeram a transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro e as novas/revistas civilizações que emergem após o colapso é um ensaio altamente recomendado de Elizabeth Carter e Sarah Morris no volume que acompanhou uma maravilhosa exposição intitulada *From Assyria to Iberia* que teve lugar no Metropolitan Museum of Art em 2014; ver

Carter e Morris 2014.

Cline 2007: xiv–xv. Também disse aí que, «para cada livro, artigo e argumento que cito aqui, há dezenas de outros que ou não tenho espaço para mencionar ou optei por não incluir por uma razão ou por outra. Peço desde já desculpa se o livro ou artigo preferido de alguém tenha ficado de fora». O mesmo se aplica certamente aqui. Também estou plenamente consciente de muitos outros livros e artigos relevantes aparecerão enquanto este livro está no prelo ou logo após a sua publicação, mas a sua análise terá obviamente de ser deixada para uma edição revista.

DRAMATIS PERSONAE

(POR ORDEM ALFABÉTICA)

A lista que se segue inclui a maior parte dos principais governantes e pessoas com eles relacionadas referidos no texto.⁴⁹²

- Abdi-Aštar (Abdastratus): Rei de Tiro; governou no final do século x a. C.
Abibaal: Rei de Biblos; governou em meados do final do século x a. C.
Adade-Baladã: Rei da Babilónia; reinou em 1067–1046 a. C.
Adadenirari II: Rei neoassírio; reinou entre 911–891 a. C.
Adadenirari III: Rei neoassírio; reinou entre 810–783 a. C.
Acabe: Rei de Israel; reinou *ca.* 871–852 a. C.
Acazias: Rei de Judá; governou *ca.* 842–841 a. C.
Airão: Rei de Biblos; governou no início do século x a. C.
Amenemopet: Faraó do Egito, XXI Dinastia; governou em 991—982 a. C.
Aramu: Rei de Urartu; governou *ca.* 859–844 a. C.
Arguisti I: Rei de Urartu; governou *ca.* 786–764 a. C.
Assurbelcala: Rei da Assíria Média; reinou em 1074–1057 a. C.
Assurdã I: Rei da Assíria Média; reinou entre 1179 e 1133 a. C.
Assurdã II: Rei neoassírio; reinou entre 934 e 912 a. C.
Assurnasirpal I: Rei neoassírio; reinou em 1049–1031 a. C.
Assurnasirpal II: Rei neoassírio; governou de 883 a 859 a. C.
Aššur-reša-iši I: Rei da Assíria Média; reinou entre 1133 e 1116 a. C.
Aštar(t-)imn: Rei de Tiro; governou no início do século ix a. C.
Astiru(wa) I: Senhor do País de Carquemis; reinou cerca de 810 a. C.
Astuwalamanza(s) (alt. Astuwatamanza): Senhor da Terra de Carquemis; governou no século x a. C.
Baal-ma'zer (Baal-azor) I: Rei de Tiro; governou no final do século x a. C.
Baal-ma'zer (Baal-azor) II: Rei de Tiro; reinou em meados do século ix a. C.
Baba-aha-iddina: Rei da Babilónia; reinou *ca.* 812 a. C.
David: Rei da Monarquia Unida; reinou *ca.* 1000–970 a. C.

Elibaal: Rei de Biblos; governou em meados do final do século X a. C.

Enlilnadinake: Rei da Babilónia; reinou *ca.* 1157–1155 a. C.

Esmendes: Administrador na região do delta do Nilo no Egito, mais tarde governou como faraó e foi fundador da XXI Dinastia, 1077/1069–1043 a. C.

Etbaal: Rei de Biblos; governou no início do século X a. C.

Etbaal: Rei de Tiro; reinou no início de meados do século IX a. C.

Hadad: Príncipe herdeiro e depois rei de Edom; governou no início do século X a. C.

Hadadezer: Rei de Aram-Damasco; governou *ca.* de 858 a. C.

Halparuntiya: Rei de Patin(a); governou no início do século IX a. C.

Hatiba: Princesa de uma cidade sem nome em Chipre que interagiu com Unamon; *ca.* 1075 a. C.

Hayya: Rei de Sam'al (Zincirli); governou *ca.* 870/860–840 a. C.

Hazael: Rei de Aram-Damasco; governou *ca.* 842–796 a. C.

Herihor: Sumo sacerdote de Amom, mais tarde governou como faraó, 1080–1074 a. C.

Hiram: Rei de Tiro; governou *ca.* 970–936 a. C.

Ini-Tešub: Grande rei de Carquemis; governou no final do século XII a. C.

Inushpua: Rei de Urartu; governou (com Menua) *ca.* 810–786 a. C.

Isarwila-muwa: Senhor da Terra de Carquemis; governou na segunda metade do século IX a. C.

Iš-Aštar: Rei de Tiro; governou no início do século IX a. C.

Ishpuini: Rei de Urartu; governou *ca.* 828–810 a. C.

Jorão: Rei de Judá; governou *ca.* 849–842 a. C.

Jeú: Rei de Israel; reinou *ca.* 841–814 a. C.

Joás/Jeoás: Rei de Israel; governou *ca.* 804–789 a. C.

Joram: Rei de Israel; governou *ca.* 850–840 a. C.

Kamani: Senhor da Terra de Carquemis; governou *ca.* 790 a. C.

Kaššu-nadin-ahhe: Rei da Babilónia; reinou *ca.* 1007–1005 a. C.

Katuwa(s): Senhor da Terra de Carquemis; governou no final do século X a. C.

Kulamuwa: Rei de Sam'al (Zincirli); reinou *ca.* 840–810 a. C.

Kupapiya: Mulher de Taita II, rei da «Terra de Palistin»; início do século X a. C.

Kuwalana-muwa: Senhor da Terra de Carquemis; governou na segunda metade do século IX a. C.

Kuzi-Tešub: Grande rei de Carquemis; governou *ca.* 1200–1180 a. C.

Lubarna I(?): Rei de Patin(a); governou no início do século IX a. C.
Lubarna II: Rei de Patin(a); reinou no final do século IX a. C.
Manana: Rei da «Terra de Palistin»; governou em meados do século X a. C.
Marduk-balatsu-iqbi: Rei da Babilónia; reinou entre 819 e 813 a. C.
Marduquenadinaque: Rei da Babilónia; reinou *ca.* 1099–1082 a. C.
Marduk-sapik-zeri: Rei da Babilónia; governou *ca.* 1082–1069 a. C.
Marduk-zakir-sumi: Rei da Babilónia; reinou *ca.* 855–819 a. C.
Mattan I: Rei de Tiro; governou no final do século IX a. C.
Menua: Rei de Urartu; governou (com Inushpua) *ca.* 810–786 a. C.
Mesha: Rei de Moabe; governou em meados do século IX a. C.
Methusastratos (usurpador): Rei de Tiro; governou no final do século X a. C.
Mutenodjmete: Mulher do faraó Psusén I, XXI Dinastia (governou *ca.* 1039–991 a. C.)
Nabu-Baladã: Rei da Babilónia; governou *ca.* 887–855 a. C.
Nabu-mukin-apli: Rei da Babilónia; reinou *ca.* 978–943 a. C.
Nabucodonosor I: Rei da Babilónia; reinou entre 1125 e 1104 a. C.
Omri: Rei de Israel; reinou *ca.* 884–873 a. C.
Osocor I: Faraó do Egito, XXII Dinastia; governou *ca.* 924–889 a. C.
Osocor II: Faraó do Egito, XXII Dinastia; governou *ca.* 872–831 a. C.
Panamuwa I: Rei de Sam'al (Zincirli); reinou *ca.* 790–745 a. C.
Pinedjem II I: Faraó do Egito; reinou *ca.* 1074–1036 a. C.
Pilles: Rei de Tiro; reinou no início do século IX a. C.
Psusén I: Faraó do Egito, XXI Dinastia; reinou de 1039 a 991 a. C.
Psusén II: Faraó do Egito, XXI Dinastia; reinou de 958 a 945 a. C.
Pummayon (Pigmalião): Rei de Tiro; reinou entre o final do século IX e o início do século VIII a. C.
Qalparunda II: Rei de Patin(a); governou em meados do século IX a. C.
Qurila: Rei de Sam'al (Zincirli); governou *ca.* 810–790 a. C.
Ramsés III: Faraó do Egito, XIX Dinastia; reinou entre 1186 e 1155 a. C.
Ramsés IV-X: Faraós do Egito, XX Dinastia; reinaram entre 1155 e 1098 a. C.
Ramsés XI: Faraó do Egito, XX Dinastia; reinou entre 1098 e 1070 a. C., coincidindo com Esmendes e Herihor
Sangara: Senhor da Terra de Carquemis; governou *ca.* 875–848 a. C.
Sapaziti: Grande rei de Carquemis; governou no final do século XI a. C.
Sarduri I: Rei de Urartu; governou *ca.* 834–828 a. C.
Sha'il: Rei de Sam'al (Zincirli); reinou *ca.* 850–840 a. C.

Salmaneser II: Rei neoassírio; reinou entre 1030–1019 a. C.

Salmaneser III: Rei neoassírio; governou *ca.* 858 e 824 a. C.

Salomão: Rei da Monarquia Unida; governou *ca.* 970–930 a. C.

Shamaš-mudammiq: Rei da Babilónia; reinou *ca.* 900 a. C.

Samsiadade V: Rei neo-assírio; reinou de 823 a 811 a. C.

Sisake I: Faraó do Egito, fundador da XXII Dinastia; reinou *ca.* 945–924 a. C.

Sisake IIa: Faraó do Egito, XXII Dinastia; governou *ca.* 890 a. C.

Sisake III: Faraó do Egito, XXII Dinastia; governou de 831 a 791 a. C.

Shipitbaal: Rei de Biblos; governou no final do século X a. C.

Siamom: Faraó do Egito, XXI Dinastia; reinou entre 979 e 958 a. C.

Suhi I: Senhor da Terra de Carquemis; governou *ca.* 1000 a. C.

Suhi II: Senhor da Terra de Carquemis; governou no século X a. C.

Suhi III: Senhor da Terra de Carquemis; governou *ca.* 900 a. C.

Supiluliuma I: Rei da «Terra de Palistina»; governou no final do século X a. C.

Supiluliuma II/Sapalulme: Rei de Patin(a); governou em meados do século IX a. C.

Taita I: Rei da «Terra de Palistin»; reinou no século XI a. C.

Taita II: Rei da «Terra de Palistin»; governou no início do século X a. C.

Taquelot I: Faraó do Egito, XXII Dinastia; governou entre 889 e 872 a. C.

Taquelot II: Faraó do Egito, XXIII Dinastia; governou entre 834 e 810 a. C.

Tanetamon: Filha de Ramsés XI; mulher de Esmendes; *ca.* 1050 a. C.

Tiglate-Pileser I: Rei da Assíria Média; reinou entre 1115 e 1076 a. C.

Tjekkerbaal/Zakarbaal: Rei de Biblos; reinou *ca.* 1075 a. C.

Tuculti-Ninurta I: Rei da Assíria Média; reinou entre 1244 e 1208 a. C.

Tuculti-Ninurta II: Rei neo-assírio; governou de 890 a 884 a. C.

Tudália II: Grande rei de Carquemis; reinou no final do século XI a. C.

Ura-Tarhunta: Grande rei de Carquemis; governou no final do século XI a. C.

Yariri: Regente (governando como Senhor da Terra) de Carquemis; governou *ca.* de 800 a. C.

Yehimilk: Rei de Biblos; governou em meados do século X a. C.

Foi opção usar a adaptação portuguesa convencional de todos os nomes históricos, ficando presente o original aquando da não existência da convenção, como foi o caso identificado nas personagens menos conhecidas. (*N. da T.*)

ÍNDICE

Prefácio

«É o Fim do Mundo Tal Como o Conhecemos (... E Eu Não Me Sinto Bem)»

Prólogo

Bem-Vindos à Idade do Ferro

Capítulo Um

O Ano das Hienas, Quando os Homens Morriam à Fome

Capítulo Dois

Conquistador de Todas as Terras, Vingador da Assíria

Capítulo Três

O Mediterrâneo Tornou-se um Lago Fenício

Capítulo Quatro

Rei da Terra de Carquemis

Capítulo Cinco

À Sombra dos Palácios em Ruínas

Capítulo Seis

Do Colapso à Resiliência

Epílogo

O Fim de uma Idade das Trevas

Notas do Autor e Agradecimentos

Dramatis Personae

Lista de Ilustrações

Lista de Tabelas

Lista de Mapas

Bibliografia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Fig. 1. Máquina de venda automática de *Coca-Cola* em Retimno, Creta
- Fig. 2. Inscrição de Tel Dan com as palavras *Beit David* em destaque
- Fig. 3. Réplica da inscrição do «Calendário de Gezer»
- Fig. 4. Prisma de argila de Tiglate-Pileser
- Fig. 5. «Monólito de Kurk» de Assurnasirpal II
- Fig. 6. Salmaneser III em Tiro, da Faixa III dos portões de Balawat
- Fig. 7. «Obelisco Negro» de Salmaneser III, com a submissão de Jeú
- Fig. 8. Sarcófago de Airão com inscrição fenícia
- Fig. 9. Faraó Osocor I com inscrição de Elibaal, de Biblos
- Fig. 10. Vaso de guerreiro de Micenas
- Fig. 11. Visualização do ciclo adaptativo
- Fig. 12. Reconceptualização do ciclo adaptativo, com as fases rotuladas em termos de Idade do Bronze Final, Colapso da Idade do Bronze Final e Idade do Ferro
- Fig. 13. Reconceptualização do ciclo adaptativo especificamente para a Grécia, desde a Idade do Bronze Final e da Idade do Ferro até aos períodos Arcaico e Clássico
- Fig. 14. Painel Intergovernamental das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas, Capa SREX, 2012

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Reis e anos de reinado mencionados no texto — zona norte

Tabela 2. Reis e anos de reinado mencionados no texto — zona sul

Tabela 3. Mudanças sociais indicativas de um colapso do sistema e subsequente Idade das Trevas

Tabela 4. Termos e definições relacionados com a resiliência

Tabela 5. Categorias gerais de resiliência para as várias regiões/sociedades nos séculos subsequentes ao Colapso

Tabela 6. Resiliência, ou falta dela, por região/sociedade e século a. C. indicando-se também as fases do ciclo adaptativo

Tabela 7. Sequelas nas civilizações/sociedades nos séculos subsequentes ao Colapso

Tabela 8. Lições sociais aprendidas com o Colapso da Idade do Bronze Final e as suas consequências

LISTA DE MAPAS

Mapa 1. Panorâmica do Mediterrâneo Oriental na Idade do Ferro

Mapa 2. O Egito na Idade do Ferro, com lugares e regiões mencionados no texto

Mapa 3. O Levante na Idade do Ferro, com lugares e regiões mencionados no texto

Mapa 4. O Chipre na Idade do Ferro, com lugares e regiões mencionados no texto

Mapa 5 O Mediterrâneo Ocidental durante a Idade do Ferro, com lugares e regiões mencionados no texto

Mapa 6. A região do Egeu na Idade do Ferro, com lugares e regiões mencionados no texto

BIBLIOGRAFIA

ANTIGA

- Foster, B. R. 2005. *Before the Muses: An Anthology of Akkadian Literature*. Bethesda, MD: CDL Press.
- Grayson, A. K. [1975] 2000. *Assyrian and Babylonian Chronicles*. Reedição de 1975 ed. Locust Valley, Nova Iorque: J. J. Augustin.
- Grayson, A. K. 1987. *Assyrian Rulers of the Third and Second Millennia BC (to 1115 BC)*. Toronto: University of Toronto Press.
- Grayson, A. K. 1991. *Assyrian Rulers of the Early First Millennium BC: II (1114–859 BC)*. Toronto: University of Toronto Press.
- Grayson, A. K. 1996. *Assyrian Rulers of the Early First Millennium BC: II (858–745 BC)*. Toronto: University of Toronto Press.
- Heródoto. *Herodotus*, com uma tradução em inglês de A. D. Godley. 1920. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Pausânias. *Pausanias, Description of Greece*, com uma tradução em inglês de W. H. S. Jones. 1918. Cambridge, MA: Harvard University Press; Londres: William Heinemann.
- Strabo. *The Geography of Strabo*, vol. 2, com uma tradução em inglês de H. L. Jones. 1932. Cambridge, MA: Harvard University Press; Londres: William Heinemann.
- Tucídides. *Thucydides*, com uma tradução em inglês de B. Jowett. 1881. Oxford: Clarendon Press.

MODERNA

- Abulafia, D. 2011. *The Great Sea: A Human History of the Mediterranean*. Oxford: Oxford University Press.
- Adcock, S. A. 2020. «After the End: Animal Economics, Collapse, and Continuity in Hittite and Post-Hittite Anatolia.» PhD diss., University of Chicago.
- Alaura, S. 2020. «The Much-Fabled End of the Hittite Empire: Tracing the History of a Crucial Topic.» Em *Anatolia between the 13th and the 12th Century BCE*, ed. S. de Martino e E. Devecchi, 9–30. Turim: LoGisma editore.
- Allen, M. J. 1977. «Contested Peripheries: Philistia in the Neo-Assyrian World-System.» Disc. doutor., University of California, Los Angeles.
- Álvarez-Mon, J. 2013. «Elam in the Iron Age.» Em *The Oxford Handbook of Ancient Iran*, ed. D. T. Potts, 457–77. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Anthony, D. 1997. «Prehistoric Migration as Social Process.» Em *Migrations and Invasions in Archaeological Explanation*, ed. J. Chapman e H. Hamerow, 21–32. BAR International Series 664. Oxford: Archaeopress.
- Antonaccio, C. 1993. «The Archaeology of Ancestors.» Em *Cultural Poetics in Archaic Greece: Cult, Performance, Politics*, ed. C. Dougherty e L. Kurke, 46–70. Cambridge: Cambridge University Press.
- Antonaccio, C. 2002. «Warriors, Traders, and Ancestors: The “Heroes” of Lefkandi.» Em *Images of Ancestors*, ed. J. M. Høtje, 13–42. Aarhus Studies in Mediterranean Archaeology 5. Aarhus: Aarhus University Press.
- Antonaccio, C. 2006. «Religion, Basileis and Heroes.» Em *Ancient Greece: From the Mycenaean Palaces to the*

- Age of Homer*, ed. S. Deger-Jalkotzy e I. S. Lemos, 381–95. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Apostolakou, S., P. Betancourt, T. Brogan e D. Mylona. 2016. «Chryssi and Pefka: The Production and Use of Purple Dye on Crete in the Middle and Late Bronze Age.» Em *Purpureae Vestes V: Textiles, Basketry and Dyes in the Ancient Mediterranean World*, ed. J. Ortiz, C. Alfaro, L. Turell, e M. J. Martínez, 199–208. Valência: Universitat de València.
- Arie, E. 2008. «Reconsidering the Iron Age II Strata at Tel Dan: Archaeological and Historical Implications.» *Tel Aviv* 35:6–64.
- Arie, E. 2020. «Phoenicia and the Northern Kingdom of Israel: The Archaeological Evidence.» Em *A Life Dedicated to Anatolian Prehistory: Festschrift for Jak Yakar*, ed. B. Gür e S. Dalkılıç, 1–19. Ankara: Bilgin Kültür Sanat.
- Arkin Shalev, E., E. Galili, P. Waiman-Barak e A. Yasur-Landau. 2021. «Rethinking the Iron Age Carmel Coast: A Coastal and Maritime Perspective.» *Israel Exploration Journal* 71/2:129–61.
- Arkin Shalev, E., A. Gilboa e A. Yasur-Landau. 2019. «The Iron Age Maritime Interface at the South Bay of Tel Dor: Results from the 2016 and 2017 Excavation Seasons.» *International Journal of Nautical Archaeology* 48/2:439–52.
- Aro, S. 2013. «Carchemish before and after 1200 BC.» Em *Luwian Identities: Culture, Language and Religion between Anatolia and the Aegean*, ed. A. Mouton, I. Rutherford, e I. Yakubovich, 233–76. Leiden: Brill.
- Arruda, A. M. 2015. «Intercultural Contacts in the Far West at the Beginning of the 1st Millennium BC: Through the Looking-Glass.» Em *The Mediterranean Mirror: Cultural Contacts in the Mediterranean Sea between 1200 and 750 B.C.: International Post-doc and Young Researcher Conference; Heidelberg, 6th–8th October 2012*, ed. A. Babbi, F. Bubenheimer-Erhart, B. Marín-Aguilera, e S. Mühl, 269–83. Mainz: Verlag des Römisch-Germanischen Zentralmuseums.
- Aslan, C. C. 2009. «End or Beginning? The Late Bronze Age to Iron Age Transformation at Troia.» Em *Forces of Transformation: The End of the Bronze Age in the Mediterranean*, ed. C. Bachhuber e G. Roberts, 144–51. Oxford: Oxbow Books.
- Aslan, C. C. 2020. «Troy and the Northeastern Aegean.» Em *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 2:939–59. Londres: Wiley Blackwell.
- Aslan, C. C., e P. Hnila. 2015. «Migration and Integration at Troy from the End of the Late Bronze Age to the Iron Age.» Em *Nostoi: Indigenous Culture, Migration*, ed. N. Chr. Stampolidis, C. Maner e K. Kopanias, 185–209. Istambul: Koç University Press.
- Aston, D. A. 2020. «The Royal Cache: The History of TT 320.» Em *Bab el-Gasus in Context: Rediscovering the Tomb of the Priests of Amun*, ed. R. Sousa, A. Amenta, e K. M. Cooney, 31–68. Roma: «L'Erma» di Bretschneider.
- Atherton, M. 2016. «Ancient Greek City Knossos Was Bigger and Richer Than Previously Thought, Bronze Age Relics Reveal.» *International Business Times*, 7 de janeiro. <https://www.ibtimes.co.uk/late-bronze-age-relics-discovered-knossos-suggesting-city-thrived-under-socio-economic-crash-1536534>
- Aubet, M. E. 1993. *The Phoenicians and the West: Politics, Colonies and Trade*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Aubet, M. E. 2001. *The Phoenicians and the West: Politics, Colonies and Trade*. 2.^a ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- Aubet, M. E. 2008. «Political and Economic Implications of the New Phoenician Chronologies.» Em *Beyond the Homeland: Markers in Phoenician Chronology*, ed. C. Sargona, 179–91. Ancient Near Eastern Studies Suppl. 28. Lovaina: Peeters Press.
- Aubet, M. E. 2014. «Phoenicia during the Iron Age II Period.» Em *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant, c. 8000–332 BCE*, ed. M. L. Steiner e A. E. Killebrew, 706–16. Oxford: Oxford University Press.
- Aubet, M. E. 2016. «Phoenicians Abroad: From Merchant Venturers to Colonists.» Em *Eurasia at the*

- Dawn of History: Urbanization and Social Change*, ed. M. Fernández-Götz e D. Krause, 254–64. Cambridge: Cambridge University Press.
- Aubert Semmler, M. E. 2019. «Tyre and Its Colonial Expansion.» Em *The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean*, ed. C. López-Ruiz e B. R. Doak, 75–87. Oxford: Oxford University Press.
- Ballard, R. D., L. E. Stager, D. Master, D. Yoerger, D. Mindell, L. L. Whitcomb, H. Singh e D. Piechota. 2002. «Iron Age Shipwrecks in Deep Water off Ashkelon, Israel.» *American Journal of Archaeology* 106/2:151–68.
- Barako, T. 2013. «Philistines and Egyptians in Southern Coastal Canaan during the Early Iron Age.» Em *The Philistines and Other «Sea Peoples» in Text and Archaeology*, ed. A. E. Killebrew e G. Lehmann, 37–51. Atlanta, GA: Society of Biblical Literature.
- Barnes, M. L., Ö. Bodin, A. M. Guerrero, R. J. McAllister, S. M. Alexander e G. Robins. 2017. «The Social Structural Foundations of Adaptation and Transformation in Social–Ecological Systems.» *Ecology and Society* 22/4:16. <https://doi.org/10.5751/ES-09769-220416>
- Basedow, M. 2009. «The Iron Age Transition at Troy.» Em *Forces of Transformation: The End of the Bronze Age in the Mediterranean*, ed. C. Bachhuber e G. Roberts, 131–42. Oxford: Oxbow Books.
- Bavel, B. van, D. R. Curtis, J. Dijkman, M. Hannaford, M. de Keyser, E. van Onacker e T. Soens. 2020. *Disasters and History: The Vulnerability and Resilience of Past Societies*. Oxford: Oxford University Press.
- Bebermeier, W., M. Brumlich, V. Cordani, S. de Vincenzo, H. Eilbracht, J. Klinger, D. Knitter, E. Lehnhardt, M. Meyer, S. G. Schmid, B. Schütt, M. Thelemann e M. Wemhoff. 2016. «The Coming of Iron in a Comparative Perspective» em «Space and Knowledge: Topoi Research Group Articles», ed. G. Graßhoff e M. Meyer. Núm. esp., eTopoi (*Journal for Ancient Studies*) 6:152–89.
- Bell, C. 2006. *The Evolution of Long Distance Trading Relationships across the LBA/Iron Age Transition on the Northern Levantine Coast: Crisis, Continuity and Change*. BAR International Series 1574. Oxford: Archaeopress.
- Bell, C. 2009. «Continuity and Change: The Divergent Destinies of LBA Ports in Syria and Lebanon across the LBA/Iron Age Transition.» Em *Forces of Transformation: The End of the Bronze Age in the Mediterranean*, ed. C. Bachhuber e G. Roberts, 30–38. Oxford: Oxbow Books.
- Bell, C. 2016. «Phoenician Trade: The First 300 Years.» Em *Dynamics of Production in the Ancient Near East: 1300–500 BC*, ed. J. C. Moreno García, 91–105. Oxford: Oxbow Books.
- Bendall, L., e M. West. 2020. «Evidence from Written Sources.» Em *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 1:55–74. Londres: Wiley Blackwell.
- Ben-Dor Evian, S. 2011. «Egypt and the Levant in the Iron Age I–IIA: The Ceramic Evidence.» *Tel Aviv* 38:94–119.
- Ben-Dor Evian, S. 2017. «Egypt and Israel: The Never-Ending Story.» *NEA* 80/1:30–39.
- Ben-Dor Evian, S., O. Yagel, Y. Harlavan, H. Seri, J. Lewinsky e E. Ben-Yosef. 2021. «Pharaoh's Copper: The Provenance of Copper in Bronze Artifacts from Post-imperial Egypt at the End of the Second Millennium BCE.» *Journal of Archaeological Science: Reports* 38/103025:1–13
- Ben-Shlomo, D. 2014. «Philistia during the Iron Age II Period.» Em *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant, c. 8000–332 BCE*, ed. M. L. Steiner e A. E. Killebrew, 717–29. Oxford: Oxford University Press.
- Ben-Yosef, E. 2019a. «Archaeological Science Brightens Mediterranean Dark Age.» *Proceedings of the National Academy of Science* 116/13:5843–45.
- Ben-Yosef, E. 2019b. «The Architectural Bias in Current Biblical Archaeology.» *Vetus Testamentum* 69:361–87.
- Ben-Yosef, E. 2019c. «The Invisible Biblical Kingdom.» *Ha'aretz Weekend*, 18 de outubro, 6–7.
- Ben-Yosef, E. 2020. «And Yet, a Nomadic Error: A Reply to Israel Finkelstein.» *Antiquo Oriente* 18:33–60.
- Ben-Yosef, E. 2021a. «Rethinking Nomads—Edom in the Archaeological Record.» Em *The Koren Tanakh*

- of the Land of Israel—Samuel, ed. D. Arnovitz, 282–83. Jerusalém: Koren Publishers.
- Ben-Yosef, E. 2021b. «Rethinking the Social Complexity of Early Iron Age Nomads.» *Jerusalem Journal of Archaeology* 1:155–79.
- Ben-Yosef, E., T. E. Levy, T. Higham, M. Najjar e L. Tauxe. 2010. «The Beginning of Iron Age Copper Production in the Southern Levant: New Evidence from Khirbat al-Jariya, Faynan, Jordan.» *Antiquity* 84:724–46.
- Ben-Yosef, E., B. Liss, O. A. Yagel, O. Tirosh, M. Najjar e T. E. Levy. 2019. «Ancient Technology and Punctuated Change: Detecting the Emergence of the Edomite Kingdom in the Southern Levant.» *PLOS One* 14/9:e0221967.
- Ben-Yosef, E., e O. Sergi. 2018. «The Destruction of Gath by Hazael and the Arabah Copper Industry: A Reassessment.» Em *Tell It in Gath: Studies in the History and Archaeology of Israel; Essays in Honor of Aren M. Maeir on the Occasion of His Sixtieth Birthday*, ed. I. Shai, J. R. Chadwick, L. Hitchcock, A. Dagan, C. McKinny e J. Uziel, 461–80. Münster: Zaphon.
- Ben-Yosef, E., e Z. Thomas. 2023. «Complexity without Monumentality in Biblical Times.» *Journal of Archaeological Research*, 28 de março. <https://doi.org/10.1007/s10814-023-09184-0>
- Berkes, F., J. Colding e C. Folke. 2003. «Introduction.» Em *Navigating Social-Ecological Systems: Building Resilience for Complexity and Change*, ed. F. Berkes, J. Colding, e C. Folke, 1–29. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bernardini, P. 2020. «Sardinia.» Em *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 2:1311–23. Londres: Wiley Blackwell.
- Bickerstaffe, D. 2010. «The History of the Discovery of the Cache.» Em *The Royal Cache TT 320—A Re-examination*, ed. E. Graefe e G. Belova, 13–35. Cairo: Supreme Council of Antiquities Press.
- Bienkowski, P. 2022. «The Formation of Edom: An Archaeological Critique of the “Early Edom” Hypothesis.» *Bulletin of ASOR* 388:113–32.
- Bikai, P. M. 1978. *The Pottery of Tyre*. Warminster: Aris & Phillips.
- Bikai, P. M. 1994. «The Phoenicians and Cyprus.» Em *Cyprus in the 11th Century B.C.: Proceedings of the International Symposium, Nicosia 30–31 October, 1993*, ed. V. Karageorghis, 31–37. Nicósia: A. G. Leventis Foundation.
- Bikai, P. M. 2000. «Phoenician Ceramics from the Greek Sanctuary.» Em *Kommos: An Excavation on the South Coast of Crete*. Vol. 4, *The Greek Sanctuary*, ed. J. M. Shaw e M. Shaw, 302–12. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Biran, A., e J. Naveh. 1993. «An Aramaic Fragment from Tel Dan.» *Israel Exploration Journal* 43:81–98.
- Biran, A., e J. Naveh. 1995. «The Tel Dan Inscription: A New Fragment.» *Israel Exploration Journal* 45:1–18.
- Blake, E. 2014. «Late Bronze Age Sardinia: Acephalous Cohesion.» Em *The Cambridge Prehistory of the Bronze and Iron Age Mediterranean*, ed. A. B. Knapp e P. van Dommelen, 96–108. Cambridge: Cambridge University Press.
- Blakemore, E. 2016. «This Ancient City Was Three Times Bigger Than Archaeologists Suspected.» *Smithsonian*, 11 de janeiro. <https://www.smithsonianmag.com/smart-news/ancient-city-was-three-times-bigger-archaeologists-suspected-180957759>
- Blegen, C. W. 1952. «Two Athenian Grave Groups of about 900 B.C.» *Hesperia* 21:279–94.
- Bleibtreu, E. 1990. «Five Ways to Conquer a City.» *Biblical Archaeology Review* 16/3:37–44.
- Bleibtreu, E. 1991. «Grisly Assyrian Record of Torture and Death.» *Biblical Archaeology Review* 17/1:52–61, 75.
- Boardman, J. 1967. «The Khaniale Tekke Tombs, II.» *Annual of the British School at Athens* 62:57–75.
- Boardman, J. 1980. *The Greeks Overseas*. 2.^a ed. Londres: Thames and Hudson.
- Boardman, J. 1990. «Al Mina and History.» *Oxford Journal of Archaeology* 2:169–87.
- Borger, R. 1964. *Einleitung in die assyrischen Königsinschriften*. Leiden: Brill.

- Borschel-Dan, A. 2021. «Ancient Cloth with Bible's Purple Dye Found in Israel, Dated to King David's Era.» *Times of Israel*, 28 de janeiro. <https://www.timesofisrael.com/ancient-cloths-with-royal-purple-dye-found-in-israel-dated-to-king-davids-time>
- Bourogiannis, G. 2013. «Who Hides behind the Pots? A Reassessment of the Phoenician Presence in Early Iron Age Cos and Rhodes.» *Ancient Near Eastern Studies* 50:139–89.
- Bourogiannis, G. 2018a. «The Phoenician Presence in the Aegean during the Early Iron Age: Trade, Settlement and Cultural Interaction.» *Rivista di Studi Fenici* 46:43–88.
- Bourogiannis, G. 2018b. «The Transmission of the Alphabet to the Aegean.» Em *Change, Continuity, and Connectivity: North-Eastern Mediterranean at the Turn of the Bronze Age and in the Early Iron Age*, ed. Ł. Niesiołowski-Spanò e M. Węcowski, 235–57. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag.
- Bourogiannis, G. 2020. «Between Scripts and Languages: Inscribed Intricacies from Geometric and Archaic Greek Contexts.» Em *Understanding Relations between Scripts II*, ed. P. J. Boyes e P. M. Steele, 151–80. Oxford: Oxbow Books.
- Bourogiannis, G. 2021. «Phoenician Writing in Greece: Content, Chronology, Distribution and the Contribution of Cyprus.» Em *LRBT: De l'archéologie à l'épigraphie: Études en hommage à Maria Giulia Amadasi Guzzo*, ed. N. Chiarenza, B. D'Andrea e A. Orsingher, 99–127. Turnhout, Bélgica: Brepols.
- Boyes, P. J., e P. M. Steele. 2020. «Introduction: Issues in Studying Early Alphabets.» Em *Understanding Relations between Scripts II*, ed. P. J. Boyes e P. M. Steele, 1–14. Oxford: Oxbow Books.
- Bradt Möller, M., S. Grimm e J. Riel-Salvatore. 2017. «Resilience Theory in Archaeological Practice—An Annotated Review.» *Quaternary International* 446:3–16.
- Brier, B. 2023. *Tutankhamun and the Tomb That Changed the World*. Oxford: Oxford University Press.
- Brinkman, J. A. 1968. *A Political History of Post-Kassite Babylonia, 1158–722 B.C.* Roma: Pontifical Biblical Institute.
- Brinkman, J. A. 1984. «Settlement Surveys and Documentary Evidence: Regional Variation and Secular Trends in Mesopotamian Demography.» *Journal of Near Eastern Studies* 43:169–80.
- Bron, F., e A. Lemaire. 1989. «Les inscriptions araméennes de Hazael.» *RA* 83:34–44.
- Broodbank, C. 2013. *The Making of the Middle Sea: A History of the Mediterranean from the Beginning to the Emergence of the Classical World*. Oxford: Oxford University Press.
- Brown, B. A. 2008a. «The Kilamuwa Relief: Ethnicity, Class and Power in Iron Age North Syria.» Em *Proceedings of the 5th International Congress on the Archaeology of the Ancient Near East, Madrid, April 3–8 2006*, ed. J. M. Córdoba, M. Molist, M. C. Pérez, I. Rubio e S. Martínez, 339–55. Madrid: UA ediciones.
- Brown, B. A. 2008b. «Monumentalizing Identities: North Syrian Urbanism, 1200–800 BCE.» Disc. dout., University of California Berkeley.
- Brown, M., e S. L. Smith. 2016. «The Land of Carchemish and Its Neighbours during the Neo-Hittite Period (c. 1190–717 BC).» Em *Carchemish in Context: The Land of Carchemish Project, 2006–2010*, ed. T. J. Wilkinson, E. Peltenburg e E. B. Wilkinson, 22–37. Oxford: Oxbow Books.
- Bryce, T. R. 2012. *The World of the Neo-Hittite Kingdoms: A Political and Military History*. Oxford: Oxford University Press.
- Bryce, T. R. 2014. *Ancient Syria: A Three Thousand Year History*. Oxford: Oxford University Press.
- Bryce, T. R. 2016a. *Babylonia: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Bryce, T. R. 2016b. «The Land of Hiyawa (Que) Revisited.» *Anatolian Studies* 66:67–79.
- Bryce, T. R. 2019. «The Abandonment of Hattuša: Some Speculations.» Em «*And I Knew Twelve Languages*»: A Tribute to Massimo Poetto on the Occasion of His 70th Birthday, ed. N. B. Guzzo e P. Taracha, 51–60. Varsóvia: Agade Bis.
- Bryce, T. R. 2020. «Change and Continuity from Bronze Age to Iron: A Review.» Em *A Life Dedicated to Anatolian Prehistory: Festschrift for Jak Yakar*, ed. B. Gür e S. Dalkılıç, 105–20. Ankara: Gilgin Kültür

Sanat Sti.

- Bryer, A.A.M. 1982. «The Question of Byzantine Mines in the Pontos: Chalybian Iron, Chaldian Silver, Koloneian Alum and the Mummy of Cheriana.» *Anatolian Studies* 32:133–50.
- Budja, M. 2015. «Archaeology and Rapid Climate Changes: From the Collapse Concept to a Panarchy Interpretative Model.» *Documenta Praehistorica* 42:171–84.
- Bunimovitz, S., e Z. Lederman. 2014. «Migration, Hybridization, and Resistance: Identity Dynamics in Early Iron Age Southern Levant.» Em *The Cambridge Prehistory of the Bronze and Iron Age Mediterranean*, ed. A. B. Knapp e P. van Dommelen, 252–65. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bunnens, G. 2000. «Syria in the Iron Age: Problems of Definition.» Em *Essays on Syria in the Iron Age*, ed. G. Bunnens, 3–19. Ancient Near Eastern Studies Suppl. 7. Lovaina: Peeters Press.
- Bunnens, G. 2019a. «History, Anthropology, and the Aramaeans: Apropos of a New History of the Aramaeans.» *Ancient Near Eastern Studies* 56:347–66.
- Bunnens, G. 2019b. «Phoenicia in the Later Iron Age; Tenth Century BCE to the Assyrian and Babylonian Periods.» Em *The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean*, ed. C. López-Ruiz e B. R. Doak, 57–73. Oxford: Oxford University Press.
- Butzer, K. W. 2012. «Collapse, Environment, and Society.» *Proceedings of the National Academy of Sciences* 109/10:3632–39.
- Calligas, P. G., e M. R. Popham. 1993. «The Site and the Course of Its Partial Destruction and Excavation.» Em *Lefkandi II. Pt. 2, The Protogeometric Building at Toumba: The Excavation, Architecture and Finds*, ed. M. R. Popham, P. G. Calligas e L. H. Sackett, 1–4. BSA Supl. 23. Londres: British School at Athens.
- Cantrell, D. O. 2006. «Stable Issues.» Em *Megiddo IV: The 1998–2002 Seasons*, ed. I. Finkelstein, D. Ussishkin e B. Halpern, 2:630–42. Telavive: Tel Aviv University.
- Cantrell, D. O., e I. Finkelstein. 2006. «A Kingdom for a Horse: The Megiddo Stables and Eighth Century Israel.» Em *Megiddo IV: The 1998–2002 Seasons*, ed. I. Finkelstein, D. Ussishkin, e B. Halpern, 2:643–65. Telavive: Tel Aviv University.
- Cardarelli, A. 2009. «The Collapse of the Terramare Culture and Growth of New Economic and Social Systems during the Late Bronze Age in Italy.» *Scienze dell'Antichità: Storia Archeologia Antropologia* 15:449–520.
- Cardona, O. D., M. K. van Aalst, J. Birkmann, M. Fordham, G. McGregor, R. Perez, R. S. Pulwarty, E.L.F. Schipper e B. T. Sinh. 2012. «Determinants of Risk: Exposure and Vulnerability.» Em *Managing the Risks of Extreme Events and Disasters to Advance Climate Change Adaptation*, ed. C. B. Field, V. Barros, T. F. Stocker, D. Qin, D. J. Dokken, K. L. Ebi, M. D. Mastrandrea, K. J. Mach, G.-K. Plattner, S. K. Allen, M. Tignor e P. M. Midgley, 65–108. A Special Report of Working Groups I and II of the Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC). Cambridge: Cambridge University Press.
- Carpenter, R. 1966. *Discontinuity in Mycenaean Civilization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Carter, E., e S. Morris. 2014. «Crisis in the Eastern Mediterranean and Beyond: Survival, Revival, and the Emergence of the Iron Age.» Em *Assyria to Iberia at the Dawn of the Classical Age*, ed. J. Aruz, S. B. Graff e Y. Rakic, 14–23. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art.
- Casson, S. 1921. «The Dorian Invasion Reviewed in the Light of Some New Evidence.» *Antiquaries Journal* 1/3:199–221.
- Catling, H. W. 1993. «The Bronze Amphora and Burial Urn.» Em *Lefkandi II. Pt. 2, The Protogeometric Building at Toumba: The Excavation, Architecture and Finds*, ed. M. R. Popham, P. G. Calligas e L. H. Sackett, 81–96. BSA Supl. 23. Londres: British School at Athens.
- Catling, H. W. 1994. «Cyprus in the 11th Century B.C.—An End or a Beginning?» Em *Cyprus in the 11th Century B.C.: Proceedings of the International Symposium, Nicosia, 30–31 October 1993*, ed. V. Karageorghis, 133–41. Nicósia: A. G. Leventis Foundation.
- Catling, H. W. 1995. «Heroes Returned? Subminoan Burials from Crete.» Em *The Age of Homer: A*

- Tribute to Emily Townsend Vermeule*, ed. J. B. Carter e S. P. Morris, 123–36. Austin: University of Texas Press.
- Catling, H. W. 1996. «The Subminoan Phase in the North Cemetery.» Em *Knossos North Cemetery: Early Greek Tombs*, ed. J. N. Coldstream e H. W. Catling, 639–49. BSA Supl. 28. Londres: British School at Athens.
- Catling, R.W.V. e I. Lemos. 1990. *Lefkandi II. Pt. 1, The Protogeometric Building at Toumba: The Pottery*. BSA Supl. 22. Londres: British School at Athens.
- Cavanagh, M., E. Ben-Yosef e D. Langgut. 2022. «Fuel Exploitation and Environmental Degradation at the Iron Age Copper Industry of the Timna Valley, Southern Israel.» *Nature: Scientific Reports* 12:15434. <https://doi.org/10.1038/s41598-022-18940-z>
- Centeno, M., P. Callahan, P. Larcey e T. Patterson. 2022. «Globalization as Adaptive Complexity: Learning from Failure.» Em *Perspectives on Public Policy in Societal-Environmental Crises: What the Future Needs from History*, ed. A. Izdebski, J. Haldon e P. Filipkowski, 59–74. Cham, Suíça: Springer.
- Chadwick, J. R. 2022. «When Gath of the Philistines Became Gath of Judah.» *Journal of Eastern Mediterranean Archaeology and Heritage Studies* 10/3–4:317–42.
- Chapman, R. L., III. 2009. «Putting Sheshonq I in His Place.» *Palestine Exploration Quarterly* 141/1:4–17.
- Chapman, R. L., III. 2015. «Samaria and Megiddo: Shishak and Solomon.» Em *Solomon and Shishak: Current Perspectives from Archaeology, Epigraphy, History and Chronology: Proceedings of the Third BICANE Colloquium Held at Sidney Sussex College, Cambridge, 26–27 March 2011*, 137–47, ed. Peter James e Peter G. van der Veen. BAR International Series 2732. Oxford: Archaeopress.
- Charaf, H. 2020–21. «The Architectural and Material Characteristics of the Late 13th–Early 12th Century BC Level at Tell Arqa, Lebanon.» *Archaeology & History in the Lebanon* 52–53:46–72.
- Chew, S. C. 2001. *World Ecological Degradation: Accumulation, Urbanization, and Deforestation 3000 B.C.–A.D. 2000*. Walnut Creek, CA: Altamira Press.
- Chew, S. C. 2005. «From Harappa to Mesopotamia and Egypt to Mycenae: Dark Ages, Political-Economic Declines, and Environmental/Climatic Changes 2200 B.C.–700 B.C.» Em *The Historical Evolution of World-Systems*, ed. C. Chase-Dunn e E. N. Anderson, 52–74. Londres: Palgrave Macmillan.
- Chew, S. C. 2007. *The Recurring Dark Ages: Ecological Stress, Climate Changes, and System Transformation*. Walnut Creek, CA: Altamira Press.
- Chew, S. C. 2008. *Ecological Futures: What History Can Teach Us*. Walnut Creek, CA: Altamira Press.
- Clayton, P. A. 1994. *Chronicle of the Pharaohs: The Reign-by-Reign Record of the Rulers and Dynasties of Ancient Egypt*. Londres: Thames and Hudson.
- Cline, E. H. 1994. *Sailing the Wine-Dark Sea: International Trade and the Late Bronze Age Aegean*. Oxford: Tempus Reparatum.
- Cline, E. H. 2000. *The Battles of Armageddon: Megiddo and the Jezreel Valley from the Bronze Age to the Nuclear Age*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Cline, E. H. 2004. *Jerusalem Besieged: From Ancient Canaan to Modern Israel*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Cline, E. H. 2007. *From Eden to Exile: Unraveling Mysteries of the Bible*. Washington, DC: National Geographic Books.
- Cline, E. H. 2009. *Biblical Archaeology: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Cline, E. H. 2011. «Whole Lotta Shakin' Going On: The Possible Destruction by Earthquake of Megiddo Stratum VIA.» Em *The Fire Signals of Lachish: Studies in the Archaeology and History of Israel in the Late Bronze Age, Iron Age, and Persian Period in Honor of David Ussishkin*, ed. I. Finkelstein e N. Na'aman, 55–70. Telavive: Tel Aviv University.
- Cline, E. H. 2013. *The Trojan War: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Cline, E. H. 2014. *1177 B.C.: The Year Civilization Collapsed*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Cline, E. H. 2017. *Three Stones Make a Wall: The Story of Archaeology*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Press.

- Cline, E. H. 2020. *Digging Up Armageddon: The Search for the Lost City of Solomon*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Cline, E. H. 2021. *1177 BC: The Year Civilization Collapsed*. Rev. e atualizada ed. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Cline, E. H. Forthcoming. «The Collapse of Cultures at the End of the Late Bronze Age in the Aegean and Eastern Mediterranean: New Developments, Punctuated Equilibrium, and Further Questions.» Em *Mediterranean Resilience: Collapse and Adaptation in Antique Maritime Societies*, ed. A. Yasur-Landau, G. Gambash e T. E. Levy. Londres: Equinox Publishing.
- Cline, E. H. e D. O'Connor. 2003. «The Mystery of the Sea Peoples.» Em *Mysterious Lands*, ed. D. O'Connor e S. Quirke, 107–38. Londres: UCL Press.
- Cohen, C., J. Maran e M. Vethers. 2010. «An Ivory Rod with a Cuneiform Inscription, Most Probably Ugaritic, from a Final Palatial Workshop in the Lower Citadel of Tiryns.» *Archäologischer Anzeiger* 2010/2:1–22.
- Coldstream, J. N. 1977. *Geometric Greece*. Londres: E. Benn.
- Coldstream, J. N. 1992–93. «Early Greek Visitors to Egypt and the Levant.» *Journal of the Ancient Chronology Foundation* 6:6–18.
- Coldstream, J. N. 1994. «What Sort of Aegean Migration?» Em *Cyprus in the 11th Century B.C.: Proceedings of the International Symposium, Nicosia, 30–31 October 1993*, ed. V. Karageorghis, 143–47. Nicósia: A. G. Leventis Foundation.
- Coldstream, J. N. 1998. *Light from Cyprus on the Greek «Dark Age»? Nineteenth J. L. Myres Memorial Lecture*. Oxford: Leopard's Head.
- Coldstream, J. N. 2006. «Knossos in Early Greek Times.» Em *Ancient Greece: From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*, ed. S. Deger-Jalkotzy e I. S. Lemos, 581–96. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Coldstream, N. e A. Mazar. 2003. «Greek Pottery from Tel Rehov and Iron Age Chronology.» *Israel Exploration Journal* 53:29–48.
- Comelli, D., M. D'Orazio, L. Folco, M. El-Halwagy, T. Frizzi, R. Alberti, V. Capogrosso, A. Elnaggar, H. Hassan, A. Nevin, F. Porcelli, M. G. Rashed e G. Valentini. 2016. «The Meteoritic Origin of Tutankhamun's Iron Dagger Blade.» *Meteoritics & Planetary Science* 51/7:1301–9. <https://doi.org/10.1111/maps.12664>
- Cook, R. M. 1962. «The Dorian Invasion.» *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 8/188:16–22.
- Cordani, V. 2016. «The Development of the Hittite Iron Industry. A Reappraisal of the Written Sources.» *Die Welt des Orients* 46:162–76.
- Coulson, W.D.E. 1990. *The Greek Dark Ages: A Review of the Evidence and Suggestions for Future Research*. Atenas: American School of Classical Studies at Athens.
- Counts, D. B. e M. Iacovou. 2013. «New Approaches to the Elusive Iron Age Politics of Ancient Cyprus: An Introduction.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 370:1–13.
- Cowgill, G. L. 1988. «Onward and Upward with Collapse.» Em *The Collapse of Ancient States and Civilization*, ed. N. Yoffee e G. L. Cowgill, 244–76. Tucson, AZ: University of Arizona Press.
- Cox, R. S. e K.-M. E. Perry. 2011. «Like a Fish out of Water: Reconsidering Disaster Recovery and the Role of Place and Social Capital in Community Disaster Resilience.» *American Journal of Community Psychology* 48:395–411.
- Creasman, P. P. 2020. «A Compendium of Recent Evidence from Egypt and Sudan for Climate Change during the Pharaonic Period.» Em *The Gift of the Nile? Ancient Egypt and the Environment*, ed. T. Schneider e C. L. Johnston, 15–48. Tucson, AZ: Egyptian Expedition.
- Crielaard, J. P. 1998. «Surfing on the Mediterranean Web: Cypriot Long-Distance Communications during the Eleventh and Tenth Centuries B.C.» Em *Eastern Mediterranean: Cyprus—Dodecanese—Crete; 16th–6th Cent. B.C.*, ed. V. Karageorghis e N. Stampolidis, 187–206. Atenas: University of Crete and

- the A. G. Leventis Foundation.
- Crielaard, J. P. 2006. «*Basileis* at Sea: Elites and External Contacts in the Euboean Gulf Region from the End of the Bronze Age to the Beginning of the Iron Age.» Em *Ancient Greece: From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*, ed. S. Deger-Jalkotzy e I. S. Lemos, 271–97. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Crielaard, J. P. 2011. «The “*Wanax* to *Basileis* Model” Reconsidered: Authority and Ideology after the Collapse of the Mycenaean Palaces.» Em *The «Dark Ages» Revisited: Acts of an International Symposium in Memory of William D. E. Coulson, University of Thessaly, Volos, 14–17 June 2007*, ed. A. Mazarakis Ainian, 1:83–111. Volos: University of Thessaly Press.
- Crielaard, J. P. 2016. «Living Heroes: Metal Urn Cremations in Early Iron Age Greece, Cyprus and Italy.» Em *Omero: Quaestiones disputata*, ed. F. Gallo, 43–78. Ambrosiana Graecolatina 5. Milão: Biblioteca Ambrosiana–Bulzoni editore.
- Crielaard, J. P. e J. Driessen. 1994. «The Hero’s Home: Some Reflections on the Building at Toumba, Lefkandi.» *Topoi* 4/1:251–70.
- Crowell, B. 2021. *Edom at the Edge of Empire: A Social and Political History*. Atlanta: SBL Press.
- Crowfoot, J. W. e G. M. Crowfoot. 1938. *Samaria-Sebaste 2: Early Ivories*. Londres: Palestine Exploration Fund.
- Crowfoot, J. W., K. M. Kenyon e E. L. Sukenik. 1942. *Samaria-Sebaste 1: The Buildings*. Londres: Palestine Exploration Fund.
- Crowfoot, J. W., G. M. Crowfoot e K. M. Kenyon. 1957. *Samaria-Sebaste 3: The Objects*. Londres: Palestine Exploration Fund.
- Crowther, N. B. 2007. «The Ancient Olympic Games through the Centuries.» Em *Onward to the Olympics: Historical Perspectives on the Olympic Games*, ed. G. P. Schaus e S. R. Wenn, 3–13. Waterloo, ON: Wilfrid Laurier University Press.
- Cumming, G. S. e G. D. Peterson. 2017. «Unifying Research on Social-Ecological Resilience and Collapse.» *Trends in Ecology & Evolution* 32/9:695–713. <http://dx.doi.org/10.1016/j.tree.2017.06.014>
- Cupitò, M., E. Dalla Longa e C. Balista. 2020. «From “Valli Grandi Veronesi System” to “Frattresina System”: Observations on the Evolution of the Exchange System Models between Veneto Po Valley Area and the Mediterranean World during the Late Bronze Age», em «Italia tra Mediterraneo ed Europa: Mobilità, interazioni e scambi.» Núm. esp., *Rivista di Scienze Preistoriche* LXX S1:293–310.
- Curtis, J. 2012. «Assyrian and Urartian Metalwork: Independence or Interdependence?» Em *Biainili-Urartu: The Proceedings of the Symposium Held in Munich, 12–14 October 2007*, ed. S. Kroll, C. Gruber, U. Hellwag, M. Roaf e P. Zimansky, 427–43. Lovaina: Peeters.
- Curtis, J. E. e N. Tallis, eds. 2008. *The Balawat Gates of Ashurnasirpal II*. Londres: British Museum Press.
- Cutter, S., B. Osman-Elasha, J. Campbell, S.-M. Cheong, S. McCormick, R. Pulwarty, S. Supratid e G. Ziervogel. 2012. «Managing the Risks from Climate Extremes at the Local Level.» Em *Managing the Risks of Extreme Events and Disasters to Advance Climate Change Adaptation*, ed. C. B. Field, V. Barros, T. F. Stocker, D. Qin, D. J. Dokken, K. L. Ebi, M. D. Mastrandrea, K. J. Mach, G.-K. Plattner, S. K. Allen, M. Tignor e P. M. Midgley, 291–338. Special Report of Working Groups I and II of the Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC). Cambridge: Cambridge University Press.
- D’Agata, A. L. 2006. «Cult Activity on Crete in the Early Dark Age: Changes, Continuities and the Development of a “Greek” Cult System.» Em *Ancient Greece: From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*, ed. S. Deger-Jalkotzy e I. S. Lemos, 397–414. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- D’Alfonso, L. 2020. «An Age of Experimentation: New Thoughts on the Multiple Outcomes Following the Fall of the Hittite Empire after the Results of the Excavations at Nigde-Kinik Höyük (South Cappadocia).» Em *Anatolia between the 13th and the 12th Century BCE*, ed. S. de Martino e E. Devecchi, 95–116. Turim: LoGisma editore.
- D’Alfonso, L., E. Basso, L. Castellano, A. Mantovan e P. Vertuani. 2022. «Regional Exchange and

- Exclusive Elite Rituals in Iron Age Central Anatolia: Dating, Function and Circulation of Alişar-IV ware.» *Anatolian Studies* 72:37–77.
- Dalla Longa, E. 2019. «Settlement Dynamics and Territorial Organization in the Middle and Low Veneto Plain South of the Ancient Adige River in the Bronze Age.» *Preistoria Alpina* 49bis:95–121.
- Daniel, J. F., O. Broneer e H. T. Wade-Gery. 1948. «The Dorian Invasion.» *American Journal of Archaeology* 52/1:107–18.
- David, A. 2021a. «Archaeologists Find Remains of “Royal” Garments from King David’s Time— in a Mine.» *Ha’aretz*, 29 de janeiro. <https://www.haaretz.com/archaeology/.premium-archaeologists-find-textile-shreds-with-purple-from-king-david-s-time-1.9490326>
- David, A. 2021b. «Israeli Archaeologists Figure Out Where Ancient Egypt Got Its Metal after Civilization Collapsed.» *Ha’aretz*, 16 de junho. <https://www.haaretz.com/archaeology/.premium-where-ancient-egypt-got-its-metal-after-civilization-collapsed-in-3200-bce-1.9903941>
- Davis, J. L. e S. R. Stocker. 2020. «Messenia.» Em *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 2:671–92. Londres: Wiley Blackwell.
- De Buck, A. 1937. «The Judicial Papyrus of Turin.» *Journal of Egyptian Archaeology* 23/2:152–64.
- Deger-Jalkotzy, S. 1994. «The Post-palatial Period of Greece: An Aegean Prelude to the 11th Century B.C. in Cyprus.» Em *Cyprus in the 11th Century B.C.: Proceedings of the International Symposium, Nicosia*, 30–31 de outubro de 1993, ed. V. Karageorghis, 11–30. Nicósia: A. G. Leventis Foundation.
- Deger-Jalkotzy, S. 2008. «Decline, Destruction, Aftermath.» Em *The Cambridge Companion to the Aegean Bronze Age*, ed. C. W. Shelmerdine, 387–415. Cambridge: Cambridge University Press.
- Deger-Jalkotzy, S. e I. S. Lemos, eds. 2006. *Ancient Greece from the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- DeGrado, J. 2019. «King of the Four Quarters: Diversity as a Rhetorical Strategy of the Neo-Assyrian Empire.» *Iraq* 81:107–25.
- Degroot D., K. J. Anchukaitis, M. Bauch, J. Burnham, F. Carnegy, J. Cui, K. de Luna, P. Guzowski, G. Hambrecht, H. Huhtamaa, A. Izdebski, K. Kleemann, E. Moeswilde, N. Neupane, T. Newfield, Q. Pei, E. Xoplaki e N. Zappia. 2021. «Towards a Rigorous Understanding of Societal Responses to Climate Change.» *Nature* 591:539–50. <https://doi.org/10.1038/s41586-021-03190-2>
- De Martino, S. 2018. «The Fall of the Hittite Kingdom.» *Mesopotamia* 63:23–48.
- Denton, F., T. J. Wilbanks, A. C. Abeyasinghe, I. Burton, Q. Gao, M. C. Lemos, T. Masui, K. L. O’Brien e K. Warner. 2014. «Climate-Resilient Pathways: Adaptation, Mitigation, and Sustainable Development.» Em *Climate Change 2014: Impacts, Adaptation, and Vulnerability. Part A: Global and Sectoral Aspects; Contribution of Working Group II to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change*, 1101–31. Cambridge: Cambridge University Press.
- Desborough, V.R.d’A. 1964. *The Last Mycenaeans and Their Successors: An Archaeological Survey c. 1200–c. 1000 B.C.* Oxford: Clarendon Press.
- Desborough, V.R.d’A. 1972. *The Greek Dark Ages*. Londres: Ernest Benn.
- Dever, W. 1993. «Further Evidence on the Date of the Outer Wall at Gezer.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 289:33–54.
- Diamond, J. 2005. *Collapse: How Societies Choose to Fail or Succeed*. Nova Iorque: Viking.
- Dibble, F. e D. Fallu. 2020. «New Data from Old Bones: A Taphonomic Reassessment of Early Iron Age Beef Ranching at Nichoria, Greece.» *Journal of Archaeological Science: Reports* 30:102234.
- Dibble, F. e M. Finné. 2021. «Socioenvironmental Change as a Process: Changing Foodways as Adaptation to Climate Change in South Greece from the Late Bronze Age to the Early Iron Age.» *Quaternary International* 597:50–62.
- Dickinson, O.T.P.K. 2006a. *The Aegean from Bronze Age to Iron Age: Continuity and Change between the Twelfth and Eighth Centuries BC*. Londres: Routledge.

- Dickinson, O.T.P.K. 2006b. «The Mycenaean Heritage of Early Iron Age Greece.» Em *Ancient Greece from the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*, ed. S. Deger-Jalkotzy e I. Lemos, 115–22. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Dillehay, T. D. e S. A. Wernke. 2019. «Fragility of Vulnerable Social Institutions in Andean States.» Em *The Evolution of Fragility: Setting the Terms*, ed. N. Yoffee, 9–23. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research.
- Diñol, A., B. Diñol, J. D. Hawkins, N. Marchetti e H. Peker. 2014a. «A New Stela from Karkemish: At the Origins of the Suhi-Katuwa Dynasty.» Em *Karkemish: An Ancient Capital on the Euphrates*, ed. N. Marchetti, 127–31. Bolonha: AnteQuem.
- Diñol, A., B. Diñol, J. D. Hawkins, N. Marchetti e H. Peker. 2014b. «A Stele by Suhi I from Karkemish.» *Orientalia* 83/2:143–53.
- Diñol, A., B. Diñol, J. D. Hawkins e H. Peker. 2012. «A New Inscribed Stela from Karkemish: At the Origins of the Suhi-Katuwa Dynasty.» *Near Eastern Archaeology* 75:145.
- Diñol, B., A. Diñol, J. D. Hawkins, H. Peker e A. Öztan. 2015. «Two New Inscribed Storm-God Stelae from Arsuz (Iskenderun): ARSUZ 1 e 2.» *Anatolian Studies* 65:59–77.
- Doak, B. R. 2019. «Phoenicians in the Hebrew Bible.» Em *The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean*, ed. C. López-Ruiz e B. R. Doak, 657–70. Oxford: Oxford University Press.
- Doak, B. R. 2020. *Ancient Israel's Neighbors*. Oxford: Oxford University Press.
- Docter, R. F., H. G. Niemeyer, A. J. Nijboer e J. van der Plicht. 2005. «Radiocarbon Dates of Animal Bones in the Earliest Levels of Carthage.» Em *Oriente e Occidente*, ed. G. Bartoloni e F. Delpino, 557–77. Roma: Istituti editoriali poligrafici internazionali.
- Dodson, A. 2019. *Afterglow of Empire: Egypt from the Fall of the New Kingdom to the Saite Renaissance*. Rev. e atualizada ed. Cairo: AUC Press.
- Dodson, A. 2023. «The Palestinian Campaign(s) of Shoshenq I.» Em *Weseretkau «Mighty of Kas»: Papers Submitted in Memory of Cathleen A. Keller*, ed. D. Kiser-Go e C. Redmount, 297–307. Columbus, GA: Lockwood Press.
- Donnelly-Lewis, B. 2022. «The Khirbet Qeiyafa Ostrakon: A New Collation Based on the Multispectral Images, with Translation and Commentary.» *Bulletin of ASOR* 388:181–210.
- Donner, H. e W. Röllig. 2002. *Kanaanäische und aramäische Inschriften*. 5th ed., rev. e aumentada. Wiesbaden: Harrassowitz.
- Dothan, T. 1982. *The Philistines and Their Material Culture*. Jerusalém: Israel Exploration Society.
- Doumet-Serhal, C. 2019. «Phoenician Identity in Modern Lebanon.» Em *The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean*, ed. C. López-Ruiz e B. R. Doak, 713–28. Oxford: Oxford University Press.
- Drews, R. 1992. «Herodotus 1.94, the Drought ca. 1200 B.C., and the Origin of the Etruscans.» *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte* 41/1:14–39.
- Düring, B. S. 2020. *The Imperialisation of Assyria: An Archaeological Approach*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Eder, B. 2006. «The World of Telemachus: Western Greece 1200–700 B.C.» Em *Ancient Greece: From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*, ed. S. Deger-Jalkotzy e I. S. Lemos, 549–80. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Eder, B. e I. S. Lemos. 2020. «From the Collapse of the Mycenaean Palaces to the Emergence of Early Iron Age Communities.» Em *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 1:132–60. Londres: Wiley Blackwell.
- Edrey, M. 2019. *Phoenician Identity in Context: Material Cultural Koiné in the Iron Age Levant*. Alter Orient und Altes Testament 469. Münster: Ugarit-Verlag.
- Edwards, A. B. 1882a. «Lying in State in Cairo.» *Harper's New Monthly Magazine* 386:185–204.
- Edwards, A. B. 1882b. «Recent Discovery of Royal Mummies and Other Egyptian Antiquities.»

- Supplement to the Illustrated London News*, 4 de fevereiro, 1882, 113–18.
- Edwards, F. L. 2013. «All Hazards, Whole Community: Creating Resiliency.» Em *Disaster Resiliency: Interdisciplinary Perspectives*, ed. N. Kapucu, C. V. Hawkins e F. I. Rivera, 21–47. Nova Iorque: Routledge.
- Ehrenreich, B. 2020. «How Do You Know When Society Is about to Fall Apart?» *New York Times Magazine*, 4 de novembro, 2020. <https://www.nytimes.com/2020/11/04/magazine/societal-collapse.html>
- Ehrlich, C. S. 1996. *The Philistines in Transition: A History from ca. 1000–730 B.C.E.* Leiden: E. J. Brill.
- Eisenstadt, S. N. 1988. «Beyond Collapse.» Em *The Collapse of Ancient States and Civilization*, ed. N. Yoffee e G. L. Cowgill, 236–43. Tucson: University of Arizona Press.
- Elayi, J. 2018. *The History of Phoenicia*. Translated from the French by A. Plummer. Atlanta, GA: Lockwood Press.
- Eliyahu-Behar, A. e N. Yahalom-Mack. 2018. «Reevaluating Early Iron-Working Skills in the Southern Levant through Microstructure Analysis.» *Journal of Archaeological Science: Reports* 18:447–62.
- Eliyahu-Behar, A., N. Yahalom-Mack, Y. Gadot e I. Finkelstein. 2013. «Iron Smelting and Smithing in Major Urban Centers in Israel during the Iron Age.» *Journal of Archaeological Science* 40:4319–30.
- Eliyahu-Behar, A., N. Yahalom-Mack, S. Shilstein, A. Zukerman, C. Shafer-Elliott, A. M. Maeir, E. Boaretto, I. Finkelstein e S. Weiner. 2012. «Iron and Bronze Production in Iron Age IIA Philistia: New Evidence from Tell es-Safi/ Gath, Israel.» *Journal of Archaeological Science* 39:255–67.
- Ellenblum, R. 2012. *The Collapse of the Eastern Mediterranean: Climate Change and the Decline of the East, 950–1072*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Emanuel, J. P. 2015. «King Taita and His “Palistin”: Philistine State or Neo-Hittite Kingdom?» *Antiguo Oriente* 13:11–39.
- Engle, N. L. 2011. «Adaptive Capacity and Its Assessment.» *Global Environmental Change* 21:647–56.
- Enverova, D. A. 2012. «The Transition from Bronze Age to Iron Age in the Aegean: An Heterarchical Approach.» Tese maestr., Bilkent University. <http://www.thesis.bilkent.edu.tr/0006047.pdf>
- Eph'al, I. e J. Naveh. 1989. «Hazeal's Booty Inscriptions.» *Israel Exploration Journal* 39/3–4: 192–200.
- Erb-Satullo, N. L. 2019. «The Innovation and Adoption of Iron in the Ancient Near East.» *Journal of Archaeological Research* 27:557–607. <https://doi.org/10.1007/s10814-019-09129-6>
- Erb-Satullo, N. L., B.J.J. Gilmour e N. Khakhutaishvili. 2020. «The Metal behind the Myths: Iron Metallurgy in the South-Eastern Black Sea Region.» *Antiquity* 94/374: 401–19.
- Eshel, T., Y. Erel, N. Yahalom-Mack, O. Tirosh e A. Gilboa. 2019. «Lead Isotopes in Silver Reveal Earliest Phoenician Quest for Metals in the West Mediterranean.» *PNAS* 116/13 (25 de fevereiro): 6007–12. www.pnas.org/cgi/doi/10.1073/pnas.1817951116
- Eshel, T., A. Gilboa, N. Yahalom-Mack, O. Tirosh e Y. Erel. 2021. «Debasement of Silver throughout the Late Bronze–Iron Age Transition in the Southern Levant: Analytical and Cultural Implications.» *Journal of Archaeological Science* 125:105268.
- Eshel, T., N. Yahalom-Mack, S. Shalev, O. Tirosh, Y. Erel e A. Gilboa. 2018. «Four Iron Age Silver Hoards from Southern Phoenicia: From Bundles to Hacksilber.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 379:197–228.
- Eyre, C. J. 2012. «Society, Economy, and Administrative Process in Late Ramesside Egypt.» Em *Ramesses III: The Life and Times of Egypt's Last Hero*, ed. E. H. Cline e D. B. O'Connor, 101–50. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Fagan, B. M. 2004. *The Rape of the Nile: Tomb Robbers, Tourists, and Archaeologists in Egypt*. Rev. e atualizada, ed. Boulder, CO: West View Press.
- Fagan, B. M. 2007. *Return to Babylon: Travelers, Archaeologists, and Monuments in Mesopotamia*. Rev., ed. Boulder, CO: University Press of Colorado.
- Fales, F. M. 2011. «Transition: The Assyrians at the Euphrates between the 13th and the 12th Century BC.» Em *Empires after the Empire: Anatolia, Syria and Assyria after Suppiluliuma II (ca. 1200–800/700*

- B.C.), ed. K. Strobel, 9–59. Roma: LoGisma.
- Fales, F. M. 2017. «Phoenicia in the Neo-Assyrian Period: An Updated Overview.» *State Archives of Assyria Bulletin* 23:181–295.
- Fantalkin, A. 2001. «Low Chronology and Greek Protogeometric and Geometric Pottery in the Southern Levant.» *Levant* 33:117–25.
- Fantalkin, A. e I. Finkelstein. 2006. «The Sheshonq I Campaign and the 8th Century BCE Earthquake: More on the Archaeology and History of the South in the Iron I-IIA.» *Tel Aviv* 33:18–42.
- Fantalkin, A., I. Finkelstein e E. Piasetzky. 2015. «Late Helladic to Middle Geometric Aegean and Contemporary Cypriot Chronologies: A Radiocarbon View from the Levant.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 373:25–48.
- Fantalkin, A., A. Kleiman, H. Mommsen e I. Finkelstein. 2020. «Aegean Pottery in Iron IIA Megiddo: Typological, Archaeometric and Chronological Aspects.» *Mediterranean Archaeology and Archaeometry* 20/3:135–47.
- Faulseit, R. K. 2016. «Collapse, Resilience, and Transformation in Complex Societies: Modelling Trends and Understanding Diversity.» Em *Beyond Collapse: Archaeological Perspectives on Resilience, Revitalization, and Transformation in Complex Societies*, ed. R. K. Faulseit, 3–26. Visiting Scholar Conference Volumes: Center for Archaeological Investigations Occasional Paper No. 42. Carbondale: Southern Illinois University Press.
- Faust, A. 2007. *Israel's Ethnogenesis: Settlement, Interaction, Expansion and Resistance*. Londres: Equinox.
- Faust, A. 2011. «The Interests of the Assyrian Empire in the West: Olive Oil Production as a Test-Case.» *Journal of the Economic and Social History of the Orient* 54:62–86.
- Faust, A. 2012. «Between Israel and Philistia: Ethnic Negotiations in the South during Iron Age I.» Em *The Ancient Near East in the 12th–10th Centuries BCE: Culture and History; Proceedings of the International Conference Held at the University of Haifa, 2–5 May 2010*, ed. G. Galil, A. Gilboa, A. M. Maeir e D. Kahn, 121–35. *Alter Orient und Altes Testament* 392. Münster: Ugarit-Verlag.
- Faust, A. 2016. «The Emergence of Israel and Theories of Thenogenesis.» Em *The Wiley Companion to Ancient Israel*, ed. S. Niditch. Oxford: Wiley Blackwell.
- Faust, A. 2019. «“The Inhabitants of Philistia”: On the Identity of the Iron I Settlers in the Periphery of the Philistine Heartland.» *Palestine Exploration Quarterly* 151/2:105–33.
- Field, C. B., V. Barros, T. F. Stocker, D. Qin, D. J. Dokken, K. L. Ebi, M. D. Mastrandrea, K. J. Mach, G.-K. Plattner, S. K. Allen, M. Tignor e P.M. Midgley, eds. 2012. *Managing the Risks of Extreme Events and Disasters to Advance Climate Change Adaptation*. Special Report of Working Groups I and II of the Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC). Cambridge: Cambridge University Press.
- Finkelberg, M. 2011. «Dorians.» Em *The Homer Encyclopedia*, ed. M. Finkelberg, 1:217–18. Oxford: Oxford University Press.
- Finkelstein, I. 1988. *The Archaeology of the Israelite Settlement*. Leiden: Brill.
- Finkelstein, I. 1995. «The Date of the Settlement of the Philistines in Canaan.» *Tel Aviv* 22:213–39.
- Finkelstein, I. 1996. «The Archaeology of the United Monarchy: An Alternative View.» *Levant* 28:177–87.
- Finkelstein, I. 1999. «Hazor and the North in the Iron Age: A Low Chronology Perspective.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 314:55–70.
- Finkelstein, I. 2002. «The Campaign of Shoshenq I to Palestine: A Guide to the 10th Century BCE Polity.» *Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins* 118/2:109–35.
- Finkelstein, I. 2013. *The Forgotten Kingdom: The Archaeology and History of Northern Israel*. Atlanta, GA: Society of Biblical Literature.
- Finkelstein, I. 2014. «The Southern Steppe of the Levant ca.1050–750 BCE: A Framework for a Territorial History.» *Palestine Exploration Quarterly* 146/2:89–104.
- Finkelstein, I. 2016. «The Levant and the Eastern Mediterranean in the Early Phases of the Iron Age: The

- View from Micro-archaeology.» Em *Assyria to Iberia: Art and Culture in the Iron Age*, ed. J. Aruz e M. Seymour, 112–22. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art.
- Finkelstein, I. 2020. «The Arabah Copper Polity and the Rise of Iron Age Edom: A Bias in Biblical Archaeology?» *Antiguo Oriente* 18:11–32.
- Finkelstein, I. e A. Fantalkin. 2012. «Khirbet Qeiyafa: An Unsensational Archaeological and Historical Interpretation.» *Tel Aviv* 39/1:38–63.
- Finkelstein, I e D. Langgut. 2018. «Climate, Settlement History, and Olive Cultivation in the Iron Age Southern Levant.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 379:153–69.
- Finkelstein, I. e O. Lipschits. 2011. «The Genesis of Moab: A Proposal.» *Levant* 43/2:139–52.
- Finkelstein, I., N. Na'aman e T. Römer. 2019. «Restoring Line 31 in the Mesha Stele: The “House of David” or Biblical Balak?» *Tel Aviv* 46/1:3–11.
- Finkelstein, I., S. Weiner e E. Boaretto. 2015. «Preface—The Iron Age in Israel: The Exact and Life Sciences Perspectives.» *Radiocarbon* 57/2:197–206.
- Finné, M., K. Holmgren, C.-C. Shen, H.-M. Hu, M. Boyd e S. Stocker. 2017. «Late Bronze Age Climate Change and the Destruction of the Mycenaean Palace of Nestor at Pylos.» *PLOS ONE* 12/12:e0189447. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0189447>
- Finné, M., J. Woodbridge, I. Labuhn e C. N. Roberts. 2019. «Holocene Hydro-climatic Variability in the Mediterranean: A Synthetic Multi-proxy Reconstruction.» *Holocene* 29/5:847–63.
- Fletcher, R. N. 2012. «Opening the Mediterranean: Assyria, the Levant and the Transformation of Early Iron Age Trade.» *Antiquity* 86:211–20.
- Folke, C. 2006. «Resilience: The Emergence of a Perspective for Social-Ecological Systems Analyses.» *Global Environmental Change* 16:253–67.
- Folke, C., S. R. Carpenter, B. Walker, M. Scheffer, T. Chapin e J. Rockström. 2010. «Resilience Thinking: Integrating Resilience, Adaptability and Transformability.» *Ecology and Society* 15/4:20. <https://www.ecologyandsociety.org/vol15/iss4/art20>
- Fourrier, S. 2013. «Constructing the Peripheries: Extra-urban Sanctuaries and Peer-Polity Interaction in Iron Age Cyprus.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 370:103–22.
- Frahm, E. 2009. *Historische und historisch-literarische Texte*. Keilschrifttexte aus Assur literarischen Inhalts 3. Wissenschaftliche Veröffentlichungen der Deutschen Orient-Gesellschaft 121. Wiesbaden: Harrassowitz.
- Frahm, E. 2011. «Die Inschriftenreste auf den Obeliskfragmenten aus Assur.» Em *Die Obelikenfragmente aus Assur: Mit einem Beitrag zu den Inschriften von Eckart Frahm*, ed. J. Orlamünde, 59–75. Wissenschaftliche Veröffentlichungen der Deutschen Orient-Gesellschaft 135. Wiesbaden: Harrassowitz.
- Frahm, E. 2017. «The Neo-Assyrian Period (ca. 1000–609 BCE).» Em *A Companion to Assyria*, ed. E. Frahm, 161–208. Oxford: Wiley Blackwell.
- Frahm, E. 2019. «The Neo-Assyrian Royal Inscriptions as Text: History, Ideology, and Intertextuality.» Em *Writing Neo-Assyrian History: Sources, Problems, and Approaches*, ed. G. Lanfranchi, R. Mattila e R. Rollinger, 139–59. State Archives of Assyria Studies 29. Helsinki: Neo-Assyrian Text Corpus Project.
- Frahm, E. 2023. *Assyria: The Rise and Fall of the World's First Empire*. Nova Iorque: Basic Books.
- Frame, G. 1995. *Rulers of Babylonia from the Second Dynasty of Isin to the End of Assyrian Domination (1157–612 BC)*. Toronto: University of Toronto Press.
- Frankenstein, S. 1979. «The Phoenicians in the Far West: A Function of Neo-Assyrian Imperialism.» Em *Power and Propaganda: A Symposium on Ancient Empires*, ed. M. T. Larsen, 263–94. Copenhagen: Akademisk Forlag.
- Franklin, N. 2017. «Entering the Arena: The Megiddo Stables Reconsidered.» Em *Re-thinking Israel: Studies in the History and Archaeology of Ancient Israel in Honor of Israel Finkelstein*, ed. O. Lipschits, Y. Gadot e M. J. Adams, 87–101. Winona Lake, IN: Eisenbrauns.

- Fuchs, A. 2017. «Assyria and the North: Anatolia.» Em *A Companion to Assyria*, ed. E. Frahm, 249–58. Oxford: Wiley Blackwell.
- Galil, G. 2010. «Most Ancient Hebrew Biblical Inscription Deciphered.» EurekaAlert!, American Association for the Advancement of Science, 7 de janeiro. <https://www.eurekaalert.org/news-releases/649504>. Ver também Science Daily, 8 de janeiro. <https://www.sciencedaily.com/releases/2010/01/100107183037.htm>
- Gambash, G., B. Pestarino e D. Friesem. 2022. «From Murex to Fabric: The Mediterranean Purple.» *Technei* 13:85–113.
- Gardner, J. M. 1923. *Pharaohs Resurrected*. Nova Iorque: Sorg Publishing.
- Garfinkel, Y. 2017. «The Iron Age City of Khirbet Qeiyafa.» Em *The Shephelah during the Iron Age: Recent Archaeological Studies*, ed. O. Lipschits e A. M. Maeir, 115–31. University Park: Penn State University Press/Eisenbrauns.
- Garfinkel, Y. 2021. «The 10th Century BCE in Judah: Archaeology and the Biblical Tradition.» *Jerusalem Journal of Archaeology* 1:126–54.
- Garfinkel, Y. e S. Ganor. 2008. «Khirbet Qeiyafa: Sha'arayimn.» *Journal of Hebrew Scriptures* 8. <https://doi.org/10.5508/jhs.2008.v8.a22>
- Garfinkel, Y. e S. Ganor. 2010. *Khirbet Qeiyafa 1: Excavation Report 2007–2008*. Jerusalém: Israel Exploration Society.
- Garfinkel, Y., M. R. Golub, H. Misgav e S. Ganor. 2015. «The 'Išba'al Inscription from Khirbet Qeiyafa.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 373:217–33.
- Garfinkel, Y. e M. Pietsch. 2021. «Hazor, Megiddo, and Gezer: Bronze Age Cities in Iron Age Context.» *Vetus Testamentum* (July 30): 1–17.
- Garnand, B. K. 2020. «Phoenicians and Greeks as Comparable Contemporary Migrant Groups.» Em *A Companion to Greeks across the Ancient World*, ed. F. De Angelis, 139–72. Boston: John Wiley & Sons.
- Genz, H. 2013. «“No Land Could Stand before Their Arms, from Hatti...On...”? New Light on the End of the Hittite Empire and the Early Iron Age in Central Anatolia.» Em *The Philistines and Other «Sea Peoples» in Text and Archaeology*, ed. A. E. Killebrew e G. Lehmann, 469–77. Atlanta, GA: Society of Biblical Literature.
- Georgiadis, M. 2009. «The South-Eastern Aegean in the LH IIIC Period: What Do the Tombs Tell Us?» Em *Forces of Transformation: The End of the Bronze Age in the Mediterranean*, ed. C. Bachhuber e G. Roberts, 92–99. Oxford: Oxbow Books.
- Georgiou, A. 2011. «The Settlement Histories of Cyprus at the Opening of the Twelfth Century BC.» Em *Centre d'études chypriotes 41: Actes du POCA, Lyon 2011 (Postgraduate Cypriote Archaeology)*, ed. A. Cannavó e A. Carbillet, 109–31. Paris: Édition-Diffusion De Boccard.
- Georgiou, A. 2015. «Cyprus during the “Crisis Years” Revisited.» Em *The Mediterranean Mirror: Cultural Contacts in the Mediterranean Sea between 1200 and 750 B.C.; International Post-doc and Young Researcher Conference; Heidelberg, 6th–8th October 2012*, ed. A. Babbi, F. Bubenheimer-Erhart, B. Marín-Aguilera e S. Mühl, 129–45. Mainz: Verlag des Römisch-Germanischen Zentralmuseums.
- Georgiou, A. 2017. «Flourishing amidst a “Crisis”: The Regional History of the Paphos Polity at the Transition from the 13th to the 12th Centuries BCE.» Em «Sea Peoples» *Up-to-Date: New Research on Transformations in the Eastern Mediterranean in the 13th–11th Centuries BCE; Proceedings of the ESF Workshop Held at the Austrian Academy of Sciences, Vienna, 3–4 November 2014*, ed. P. M. Fischer e T. Bürge, 207–27. Viena: Österreichischen Akademie der Wissenschaften.
- Georgiou, A. e M. Iacovou. 2020. «Cyprus.» Em *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 2:1133–62. Londres: Wiley Blackwell.
- Gilboa, A. 2005. «Sea Peoples and Phoenicians along the Southern Phoenician Coast—A Reconciliation: An Interpretation of Šikila (SKL) Material Culture.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*

337:47–78.

- Gilboa, A. 2006–7. «Fragmenting the Sea Peoples, with an Emphasis on Cyprus, Syria and Egypt: A Tel Dor Perspective.» *Scripta Mediterranea* 27–28:209–44.
- Gilboa, A. 2015. «Dor and Egypt in the Early Iron Age: An Archaeological Perspective of (Part of) the Wenamun Report.» *Egypt and the Levant* 25:247–74.
- Gilboa, A. 2022. «The Southern Levantine Roots of the Phoenician Mercantile Phenomenon.» *Bulletin of ASOR* 387:31–53.
- Gilboa, A. e D. Namdar. 2015. «On the Beginnings of South Asian Spice Trade with the Mediterranean Region: A Review.» *Radiocarbon* 57/2:265–83.
- Gilboa, A. e I. Sharon. 2008. «Between the Carmel and the Sea: Tel Dor's Iron Age Reconsidered.» *Near Eastern Archaeology* 71/3:146–70.
- Gilboa, A., I. Sharon e E. Boaretto. 2008. «Tel Dor and the Chronology of Phoenician “Pre-colonisation” Stages.» Em *Beyond the Homeland: Markers in Phoenician Chronology*, ed. C. Sargona, 113–204. Ancient Near Eastern Studies Supplement 28. Lovaina: Peeters Press.
- Gilboa, A., P. Waiman-Barak e R. Jones. 2015. «On the Origin of Iron Age Phoenician Ceramics at Kommos, Crete: Regional and Diachronic Perspectives across the Bronze Age to Iron Age Transition.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 374:75–102.
- Gilboa, A., P. Waiman-Barak e I. Sharon. 2015. «Dor, the Carmel Coast and Early Iron Age Mediterranean Exchanges.» Em *The Mediterranean Mirror: Cultural Contacts in the Mediterranean Sea between 1200 and 750 B.C.*, ed. A. Babbi, F. Bubenheimer-Erhart, B. Marín-Aguilera e S. Mühl, 85–109. Mainz: Verlag des Römisch-Germanischen Zentralmuseums.
- Gilibert, A. 2011. *Syro-Hittite Monumental Art and the Archaeology of Performance: The Stone Reliefs at Carchemish and Zincirli in the Earlier First Millennium BCE*. Topoi—Berlin Studies of the Ancient World. Berlin: Walter de Gruyter.
- Glassner, J.-J. 2004. *Mesopotamian Chronicles*, ed. B. R. Foster. Atlanta, GA: Society for Biblical Literature.
- Gnanadesikan, A. E. 2009. *The Writing Revolution: Cuneiform to the Internet*. Malden, MA: Wiley-Blackwell.
- Goedegebuure, P., T. van den Hout, J. Osborne, M. Massa, C. Bachhuber e F. Sahin. 2020. «Türkmen-Karahöyük 1: A New Hieroglyphic Luwian Inscription from Great King Hartapu, Son of Mursili, Conqueror of Phrygia.» *Anatolian Studies* 70:29–43.
- Goelet, O. 2016. «Tomb Robberies in the Valley of the Kings.» Em *The Oxford Handbook of the Valley of the Kings*, ed. R. H. Wilkinson and K. R. Weeks, 448–66. Oxford: Oxford University Press.
- Gonzalez, R.A. 2018. *Inter-cultural Communications and Iconography in the Western Mediterranean during the Late Bronze Age and the Early Iron Age*. Rahden: Verlag Marie Leidorf.
- Graefe, E. e G. Belova, eds. 2010. *The Royal Cache TT 320—A Re-examination*. Cairo: Supreme Council of Antiquities Press.
- Grayson, A. K. 2005. «Shalmaneser III and the Levantine States: The “Damascus Coalition Rebellion.”» *Journal of Hebrew Scriptures* 5. <https://doi.org/10.5508/jhs.2004.v5.a4>
- Grimal, N. 1988. *A History of Ancient Egypt*. Translated by I. Shaw. Oxford: Blackwell.
- Gunderson, L. H. 2003. «Adaptive Dancing: Interactions between Social Resilience and Ecological Crises.» Em *Navigating Social-Ecological Systems: Building Resilience for Complexity and Change*, ed. F. Berkes, J. Colding e C. Folke, 33–52. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gunderson, L. H. e C. S. Holling, eds. 2002. *Panarchy: Understanding Transformations in Human and Natural Systems*. Washington, DC: Island Press.
- Gur-Arieh, S. e A. M. Maeir. 2020. «The Excavations in Area C.» Em *Tell Es-Safi/ Gath II: Excavations and Studies*, ed. A. M. Maeir e J. Uziel, 117–88. Münster: Zaphon.
- Haggis, D. C. 2020. «Kavousi and the Mirabello Region.» Em *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 2:1071–87. Londres: Wiley Blackwell.
- Haldon, J., A. Binois-Roman, M. Eisenberg, A. Izdebski, L. Mordechai, T. Newfield, P. Slavin, S. White e

- K. Wnęk. 2021. «Between Resilience and Adaptation: A Historical Framework for Understanding Stability and Transformation of Societies to Shocks and Stress.» Em *COVID-19: Systemic Risk and Resilience; Risk, Systems and Decisions*, ed. I. Linkov, J. M. Keenan e B. D. Trump, 235–68. Cham, Suíça: Springer.
- Haldon, J., A. F. Chase, W. Eastwood, M. Medina-Elizalde, A. Izdebski, F. Ludlow, G. Middleton, L. Mordechai, J. Nesbitt e B. L. Turner. 2020. «Demystifying Collapse: Climate, Environment, and Social Agency in Pre-modern Societies.» *Millennium* 17/1:1–33. <https://doi.org/10.1515/mill-2020-0002>
- Haldon, J., M. Eisenberg, L. Mordechai, A. Izdebski e S. White. 2020. «Lessons from the Past, Policies for the Future: Resilience and Sustainability in Past Crises.» *Journal of Environment Systems and Decisions*. <https://doi.org/10.1007/s10669-020-09778-9>
- Haldon, J., A. Izdebski, L. Kemp, L. Mordechai e B. Trump. 2022. «SDG 13—How Societies Succeeded or Failed to Respond to Environmental Disruption.» Em *Before the SDGs: A Historical Companion to the UN Sustainable Development Goals*, ed. M. Gutmann e D. Gorman, 385–424. Oxford: Oxford University Press.
- Hall, J. M. 1997. *Ethnic Identity in Greek Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hall, J. M. 2002. *Hellenicity: Between Ethnicity and Culture*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hall, J. M. 2003. «The Dorianization of the Messenians.» Em *Helots and Their Masters in Laconia and Messenia: Histories, Ideologies, Structures*, ed. N. Luraghi e S. E. Alcock, chap. 6. Hellenic Studies Series 4. Washington, DC: Center for Hellenic Studies. <https://chs.harvard.edu/book/luraghi-nino-and-susan-e-alcock-eds-helots-and-the-masters-in-laconia-and-messenia>
- Hall, J. M. 2006. «Dorians.» *Encyclopedia of Ancient Greece*, ed. N. Wilson, 240–42. Nova Iorque: Routledge.
- Hall, J. M. 2007. *A History of the Archaic Greek World, ca. 1200–479 BCE*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Hall, J. M. e J. F. Osborne, eds. 2022. *The Connected Iron Age: Interregional Networks in the Eastern Mediterranean, 900–600 BCE*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hall, T. D. 2014. «A “Perfect Storm” in the Collapse of Bronze Age Civilization? Useful Insights and Roads Not Taken.» *Cliodynamics* 5/1:75–86.
- Hallo, W. W. e W. K. Simpson. 1998. *The Ancient Near East: A History*. 2.^a ed. Nova Iorque: Harcourt Brace College Publishers.
- Hammond, N.G.L. 1931–32. «Prehistoric Epirus and the Dorian Invasion.» *BSA* 32:131–79.
- Handmer, J., Y. Honda, Z. W. Kundzewicz, N. Arnell, G. Benito, J. Hatfield, I. F. Mohamed, P. Peduzzi, S. Wu, B. Sherstyukov, K. Takahashi e Z. Yan. 2012. «Changes in Impacts of Climate Extremes: Human Systems and Ecosystems.» Em *Managing the Risks of Extreme Events and Disasters to Advance Climate Change Adaptation*, ed. C. B. Field, V. Barros, T. F. Stocker, D. Qin, D. J. Dokken, K. L. Ebi, M. D. Mastrandrea, K. J. Mach, G.-K. Plattner, S. K. Allen, M. Tignor e P. M. Midgley, 231–90. Special Report of Working Groups I and II of the Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC). Cambridge: Cambridge University Press.
- Harland, J. P. 1941. «Review of *Kerameikos I*.» *Classical Journal* 36:429–32.
- Harmansah, O. 2007. «“Source of the Tigris”: Event, Place and Performance in the Assyrian Landscapes of the Early Iron Age.» *Archaeological Dialogues* 14/2:179–204.
- Harrison, T. P. 2009a. «Lifting the Veil on a “Dark Age”: Ta’yinat and the North Orontes Valley during the Early Iron Age.» Em *Exploring the Longue Durée: Essays in Honor of Lawrence E. Stager*, ed. J. D. Schloen, 171–84. Winona Lake, IN: Eisenbrauns.
- Harrison, T. P. 2009b. «Neo-Hittites in the “Land of Palistin”: Renewed Investigations at Tell Ta’yinat on the Plain of Antioch.» *Near Eastern Archaeology* 72/4:174–89.
- Harrison, T. P. 2010. «The Late Bronze/Early Iron Age Transition in the North Orontes Valley.» Em *Societies in Transition: Evolutionary Processes in the Northern Levant between Late Bronze Age II and Early Iron*

- Age; Papers Presented on the Occasion of the 20th Anniversary of the New Excavations in Tell Afis, Bologna, 15th November 2007*, ed. F. Venturi, 83–102. Bolonha: Clueb.
- Harrison, T. P. 2013. «Tayinat in the Early Iron Age.» Em *Across the Border: Late Bronze–Iron Age Relations between Syria and Anatolia; Proceedings of a Symposium Held at the Research Center of Anatolian Studies, Koç University, Istanbul, May 31–June 1, 2010*, ed. K. A. Yener, 61–87. Lovaina: Peeters Publishers.
- Harrison, T. P. 2014. «Recent Discoveries at Tayinat (Ancient Kunulua/Calno) and Their Biblical Implications.» Em *Congress Volume Munich 2013*, ed. C. M. Maier, 396–425. Leiden: Brill.
- Harrison, T. P. 2016. «The Neo-Assyrian Provincial Administration at Tayinat (Ancient Kunalia).» Em *The Provincial Archaeology of the Assyrian Empire*, ed. J. MacGinnis, D. Wicke e T. Greenfield, 253–64. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research.
- Harrison, T. P. 2021. «The Iron Age I–II Transition in the Northern Levant: An Emerging Consensus.» *Jerusalem Journal of Archaeology* 1:325–51.
- Hatzaki, E. e A. Kotsonas. 2020. «Knossos and North Central Crete.» Em *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 2:1029– 53. Londres: Wiley Blackwell.
- Hawass, Z. 2010. «Preface.» Em *The Royal Cache TT 320—A Re-examination*, ed. E. Graefe e G. Belova, 1–2. Cairo: Supreme Council of Antiquities Press.
- Hawass, Z., S. Ismail, A. Selim, S. N. Saleem, D. Fathalla, S. Wasef, A. Z. Gad, R. Saad, S. Fares, H. Amer, P. Gostner, Y. Z. Gad, C. M. Pusch e A. R. Zink. 2012. «Revisiting the Harem Conspiracy and Death of Ramesses III: Anthropological, Forensic, Radiological, and Genetic Study.» *British Medical Journal* 345:e8268. <http://www.bmj.com/content/345/bmj.e8268>
- Hawkins, J. D. 1988. «Kuzi-Tešub and the “Great Kings” of Karkamiš.» *Anatolian Studies* 38:99–108.
- Hawkins, J. D. 1995. «Great Kings and Country Lords at Malatya and Karkamis.» Em *Studio Historiae Ardens: Ancient Near Eastern Studies Presented to Philo H. J. Houwink ten Cate*, ed. Th.P.J. van den Hout e J. de Roos, 75–86. Istanbul: Nederlands Historisch-Archaeologisch Instituut te Istanbul.
- Hawkins, J. D. 2000. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions*. Vol. 1, *Inscriptions of the Iron Age*. Berlim: Walter de Gruyter.
- Hawkins, J. D. 2009. «Cilicia, the Amuq and Aleppo: New Light in a Dark Age.» *Near Eastern Archaeology* 72/4:164–73.
- Hawkins, J. D. 2011. «The Inscriptions of the Aleppo Temple.» *Anatolian Studies* 61:35–54.
- Hawkins, J. D., H. Peker. 2014. «Karkemish in the Iron Age.» Em *Karkemish: An Ancient Capital on the Euphrates*, ed. N. Marchetti, 107–10. Bolonha: AnteQuem.
- Hawkins, J. D. e M. Weeden. 2016. «Sketch History of Karkemish in the Earlier Iron Age (Iron I–IIB).» Em *Carchemish in Context: The Land of Carchemish Project, 2006–2010*, ed. T. J. Wilkinson, E. Peltenburg e E. B. Wilkinson, 9–21. Oxford: Oxbow Books.
- Heurtley, W. A. 1926–27. «A Prehistoric Site in Western Macedonia and the Dorian Invasion.» *Annual of the British School at Athens* 28:158–94.
- Hitchcock, L. A. e A. M. Maeir. 2019. «Pirates of the Crete-Aegean: Migration, Mobility, and Post-palatial Realities at the End of the Bronze Age.» Em *Proceedings of the 12th International Congress of Cretan Studies, Heraklion, 21–25.9.2016*, 1–12. Herakleio: Society of Cretan Historical Studies.
- Hodos, T. 2020. *The Archaeology of the Mediterranean Iron Age: A Globalising World c.1100–600 BCE*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hodos, T. 2022. «Globalizing the Mediterranean’s Iron Age.» Em *The Connected Iron Age: Interregional Networks in the Eastern Mediterranean, 900–600 BCE*, ed. J. M. Hall e J. F. Osborne, 214–32. Chicago: University of Chicago Press.
- Hoffman, G. L. 1997. *Imports and Immigrants: Near Eastern Contacts with Iron Age Crete*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Höflmayer, F. e R. Gundacker. 2021. «Sheshonq (Shishak) in Palestine: Old Paradigms and New Vistas.»

- Ancient Near East Today* 9/4. <https://www.asor.org/onetoday/2021/04/sheshonq-in-palestine>
- Hogarth, D. G. 1911. *Hittite Problems and the Excavation of Carchemish*. Londres: British Academy.
- Hoglund, K. G. 1994. «Edomites.» Em *Peoples of the Old Testament World*, ed. A. J. Hoerth, G. L. Mattingly e E. M. Yamauchi, 335–47. Grand Rapids, MI: Baker Books.
- Holling, C. S. 1973. «Resilience and Stability of Ecological Systems.» *Annual Review of Ecology and Systematics* 4:1–23.
- Holling, C. S. 1986. «The Resilience of Terrestrial Ecosystems: Local Surprise and Global Change.» Em *Sustainable Development of the Biosphere*, ed. W. C. Clark e R. E. Munn, 292–317. Cambridge: Cambridge University Press.
- Holling, C. S. 2001. «Understanding the Complexity of Economic, Ecological, and Social Systems.» *Ecosystems* 4/5:390–405.
- Holling, C. S., S. R. Carpenter, W. A. Brock e L. H. Gunderson. 2002. «Discoveries for Sustainable Futures.» Em *Panarchy: Understanding Transformations in Human and Natural Systems*, ed. L. H. Gunderson e C. S. Holling, 395–417. Washington, DC: Island Press.
- Holling, C. S. e L. H. Gunderson. 2002. «Resilience and adaptive cycles.» Em *Panarchy: Understanding Transformations in Human and Natural Systems*, ed. L. H. Gunderson e C. S. Holling, 25–62. Washington, DC: Island Press.
- Holling, C. S., L. H. Gunderson e D. Ludwig. 2002. «In Quest of a Theory of Adaptive Change.» Em *Panarchy: Understanding Transformations in Human and Natural Systems*, ed. L. H. Gunderson e C. S. Holling, 2–22. Washington, DC: Island Press.
- Hooker, J. T. 1979. «New Reflections on the Dorian Invasion.» *Klio* 61:353–60.
- Horn, S. H. 1986. «Why the Moabite Stone Was Blown to Pieces.» *Biblical Archaeology Review* 12/3:50–61.
- Howard, D. M. 1994. «Philistines.» Em *Peoples of the Old Testament World*, ed. A. J. Hoerth, G. L. Mattingly e E. M. Yamauchi, 231–50. Grand Rapids, MI: Baker Books.
- Iacovou, M. 1994. «The Topography of Eleventh Century B.C. Cyprus.» Em *Cyprus in the 11th Century B.C.: Proceedings of the International Symposium, Nicosia, 30–31 October 1993*, ed. V. Karageorghis, 149–65. Nicosia: A. G. Leventis Foundation.
- Iacovou, M. 1999. «The Greek Exodus to Cyprus: The Antiquity of Hellenism.» *Mediterranean Historical Review* 14/2:1–28.
- Iacovou, M. 2002. «From Ten to Naught: Formation, Consolidation and Abolition of Cyprus' Iron Age Politics.» *Cahiers du Centre d'Études Chypriotes* 32:73–85.
- Iacovou, M. 2005a. «Cyprus at the Dawn of the First Millennium BC: Cultural Homogenization versus the Tyranny of Ethnic Identifications.» Em *Archaeological Perspectives on the Transmission and Transformation of Culture in the Eastern Mediterranean*, ed. J. Clarke, 125–34. Oxford: Oxbow.
- Iacovou, M. 2005b. «The Early Iron Age Urban Forms of Cyprus.» Em *Mediterranean Urbanization 800–600 BC*, ed. R. Osborne e B. Cunliffe, 17–43. Proceedings of the British Academy 126. Oxford: Oxford University for the British Academy.
- Iacovou, M. 2006a. «From the Mycenaean QA-SI-RE-Uto the Cypriote PA-SI-LE-WO-SE: The Basileus in the Kingdoms of Cyprus.» Em *Ancient Greece from the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*, ed. S. Deger-Jalkotzy e I. Lemos, 315–35. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Iacovou, M. 2006b. «“Greeks,” “Phoenicians” and “Eteocypriots”: Ethnic Identities in the Cypriote Kingdoms.» Em *Sweet Land...: Lectures on the History and Culture of Cyprus*, ed. J. Chrysostomides e Ch. Dendrinos, 27–59. Camberley: Porphyrogenitus.
- Iacovou, M. 2007. «Advocating Cyprocentricism: An Indigenous Model for the Emergence of State Formation on Cyprus.» Em «*Up to the Gates of Ekron*» (1 Samuel 17:52): *Essays on the Archaeology and History of the Eastern Mediterranean in Honor of Seymour Gitin*, ed. S. White Crawford, A. Ben-Tor, J. P. Dessel, W. G. Dever, A. Mazar e J. Aviram, 461–75. Jerusalém: Israel Exploration Society.

- Iacovou, M. 2008. «Cultural and Political Configurations in Iron Age Cyprus: The Sequel to a Protohistoric Episode.» *American Journal of Archaeology* 112/4:625–57.
- Iacovou, M. 2012. «External and Internal Migrations during the 12th Century BC: Setting the Stage for an Economically Successful Early Iron Age in Cyprus.» Em *Cyprus and the Aegean in the Early Iron Age: The Legacy of Nicolas Coldstream*, ed. M. Iacovou, 207–27. Nicósia: Bank of Cyprus Cultural Foundation.
- Iacovou, M. 2013. «Historically Elusive and Internally Fragile Island Politics: The Intricacies of Cyprus's Political Geography in the Iron Age.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 370:15–47.
- Iacovou, M. 2014a. «Beyond the Athenocentric Misconceptions: The Cypriote Politics in Their Economic Context.» Em *Basileis and Poleis on the Island of Cyprus: The Cypriote Politics in Their Mediterranean Context*, ed. M. Hatzopoulos e M. Iacovou. *Cahiers du Centre d'Études Chypriotes* 44:95–117.
- Iacovou, M. 2014b. «Cyprus during the Iron Age I Period (Late Cypriot IIC–IIIA).» Em *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant, c. 8000–332 BCE*, ed. M. L. Steiner e A. E. Killebrew, 660–74. Oxford: Oxford University Press.
- Iacovou, M. 2014c. «Cyprus during the Iron Age through the Persian Period.» Em *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant, c. 8000–332 BCE*, ed. M. L. Steiner e A. E. Killebrew, 795–824. Oxford: Oxford University Press.
- Iakovides, S. 1980. *Excavations of the Necropolis at Perati*. Los Angeles: Institute of Archaeology, University of California, Los Angeles.
- Ilan, D. 2019. «The “Conquest” of the Highlands in the Iron Age I.» Em *The Social Archaeology of the Levant: From Prehistory to the Present*, ed. A. Yasur-Landau, E. H. Cline e Y. Rowan, 283–309. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ilieva, P. 2019. «Phoenicians, Cypriots and Euboeans in the Northern Aegean: A Reappraisal.» *Aura* 2:65–102.
- Jackson, R., S. Hartman, B. Trump, C. Crumley, T. McGovern, I. Linkov e A.E.J. Ogilvie. 2022. «Disjunctures of Practice and the Problems of Collapse.» Em *Perspectives on Public Policy in Societal-Environmental Crises: What the Future Needs from History*, 75–108, ed. A. Izdebski, J. Haldon e P. Filipkowski. Cham, Suíça: Springer.
- James, P. e P. G. van der Veen, eds. 2015. *Solomon and Shishak: Current Perspectives from Archaeology, Epigraphy, History and Chronology; Proceedings of the Third BICANE Colloquium Held at Sidney Sussex College, Cambridge, 26–27 March 2011*, 137–47. BAR International Series 2732. Oxford: Archaeopress.
- Janes, S. 2010. «Negotiating Island Interactions: Cyprus, the Aegean and the Levant in the Late Bronze to Early Iron Ages.» Em *Material Connections in the Ancient Mediterranean: Mobility, Materiality and Mediterranean Identities*, ed. P. van Dommelen e A. B. Knapp, 127–46. Londres: Routledge.
- Janes, S. 2013. «Death and Burial in the Age of the Cypriot City-Kingdoms: Social Complexity Based on the Mortuary Evidence.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 370:145–68.
- Janes, S. 2014. «An Entangled Past: Island Interactions, Mortuary Practices and the Negotiation of Identities on Early Iron Age Cyprus.» Em *The Cambridge Prehistory of the Bronze and Iron Age Mediterranean*, ed. A. B. Knapp e P. van Dommelen, 571–84. Cambridge: Cambridge University Press.
- Janeway, B. 2006–7. «The Nature and Extent of Aegean Contact at Tell Ta'yinat and Vicinity in the Early Iron Age: Evidence of the Sea Peoples?» *Scripta Mediterranea* 27–28:123–46.
- Janeway, B. 2017. *Sea Peoples of the Northern Levant? Aegean-Style Pottery from Early Iron Age Tell Tayinat*. Studies in the Archaeology and History of the Levant, vol. 7. Leiden: Brill.
- Jarus, O. 2021. «King Solomon's Mines in Spain? Not Likely, Experts Say.» *Live Science*, 4 de maio. <https://www.livescience.com/king-solomon-mining-expedition-claim.html>
- Jeffers, J. A. 2013. «Tiglath-Pileser I: A Light in a “Dark Age.”» Disc. dout., University of Pennsylvania.
- Johnson, S. A. 2017. *Why Did Ancient Civilizations Fail?* Nova Iorque: Routledge.
- Johnston, P. A. e B. Kaufman. 2019. «Metallurgy and Other Technologies.» Em *The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean*, ed. C. López-Ruiz e B. R. Doak, 401–22. Oxford: Oxford

University Press.

- Jones, D. W. 2000. *External Relations of Early Iron Age Crete, 1100–600 B.C.* AIA Monographs New Series, n.º 4. Dubuque, IA: Kendall/Hunt Publishing.
- Jung, R. 2023. «Synchronizing Palace Destructions in the Eastern Mediterranean.» Em *Synchronizing the Destructions of the Mycenaean Palaces*, ed. R. Jung e E. Kardamaki, 255–322. Viena: Austrian Academy of Sciences Press.
- Jung, R. e E. Kardamaki. 2023. «Introduction.» Em *Synchronizing the Destructions of the Mycenaean Palaces*, ed. R. Jung e E. Kardamaki, 11–33. Viena: Austrian Academy of Sciences Press.
- Kaniewski, D., J. Guiot e E. Van Campo. 2015. «Drought and Societal Collapse 3200 Years Ago in the East Mediterranean: A Review.» *WIREs Climate Change* 6:369–82. <https://doi.org/10.1002/wcc.345>
- Kaniewski, D., N. Marriner, J. Bretschneider, G. Jans, C. Morhange, R. Cheddadi, T. Otto, F. Luce e E. Van Campo. 2019a. «300–Year Drought Frames Late Bronze Age to Early Iron Age Transition in the Near East: New Palaeoecological Data from Cyprus and Syria.» *Regional Environmental Change* 19:2287–97. <https://doi.org/10.1007/s10113-018-01460-w>
- Kaniewski, D., N. Marriner, R. Cheddadi, C. Morhange, J. Bretschneider, G. Jans, T. Otto, F. Luce e E. Van Campo. 2019b. «Cold and Dry Outbreaks in the Eastern Mediterranean 3200 Years Ago.» *Geology* 47/10:933–37.
- Kaniewski, D., N. Marriner, R. Cheddadi, P. M. Fischer, T. Otto, F. Luce e E. Van Campo. 2020. «Climate Change and Social Unrest: A 6,000–Year Chronicle from the Eastern Mediterranean.» *Geophysical Research Letters* 47/7. <https://doi.org/10.1029/2020GL087496>
- Kaniewski, D., E. Van Campo, J. Guiot, S. Le Burel, T. Otto e C. Baeteman. 2013. «Environmental Roots of the Late Bronze Age Crisis.» *PLOS ONE* 8/8:e71004. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0071004>
- Kapucu, N., C. V. Hawkins e F. I. Rivera, eds. 2013. *Disaster Resiliency: Interdisciplinary Perspectives*. Nova Iorque: Routledge.
- Karageorghis, V. 1983. *Palaepaphos-Skales: An Iron Age Cemetery in Cyprus*. Alt-Paphos 3. Konstanz: Universitätsverlag.
- Karageorghis, V. 1994. «The Prehistory of an Ethnogenesis.» Em *Cyprus in the 11th Century B.C.: Proceedings of the International Symposium, Nicosia, 30–31 October 1993*, ed. V. Karageorghis, 1–9. Nicósia: A. G. Leventis Foundation.
- Kardamakis, E. 2015. «Conclusions from the New Deposit at the Western Staircase Terrace at Tiryns.» Em *Mycenaeans Up to Date: The Archaeology of the Northeastern Peloponnese—Current Concepts and New Directions*, ed. A-L. Schallin e I. Tournavitou, 79–97. Estocolmo: Swedish Institute at Athens.
- Karkkainen, B. C. 2005. «Panarchy and Adaptive Change: Around the Loop and Back Again.» *Minnesota Journal of Law, Science & Technology* 7/1:59–77.
- Kassianidou, V. 2012. «The Origin and Use of Metals in Iron Age Cyprus.» Em *Cyprus and the Aegean in the Early Iron Age: The Legacy of Nicolas Coldstream*, ed. M. Iacovou, 229–59. Nicósia: Bank of Cyprus Cultural Foundation.
- Kassianidou, V. 2013. «The Exploitation of the Landscape: Metal Resources and the Copper Trade during the Age of the Cypriot City-Kingdoms.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 370:49–82.
- Kassianidou, V. 2014. «Cypriot Copper for the Iron Age World of the Eastern Mediterranean.» Em *Structure, Measurement and Meaning: Studies on Prehistoric Cyprus in Honour of David Frankel*, ed. J. M. Webb, 261–71. Studies in Mediterranean Archaeology 143. Uppsala: Åströms Förlag.
- Katzenstein, H. J. 1973. *The History of Tyre: From the Beginning of the Second Millennium B.C.E. Until the Fall of the Neo-Babylonian Empire in 538 B.C.E.* Jerusalém: Schoken Institute for Jewish Research.
- Kealhofer, L., P. Grave e M. M. Voigt. 2019. «Dating Gordion: The Timing and Tempo of Late Bronze Age and Iron Age Political Transformation.» *Radiocarbon* 61/2:495–514.
- Kearns, C. M. 2015. «Unruly Landscapes: The Making of 1st Millennium BCE Politics on Cyprus.» Disc.

- dout., Cornell University.
- Kearns, C. M. 2019. «Discerning “Favorable” Environments: Science, Survey Archaeology, and the Cypriot Iron Age.» Em *New Directions in Cypriot Archaeology*, ed. C. M. Kearns e S. W. Manning, 266–94. Ithaca, Nova Iorque: Cornell University Press.
- Kearns, C. M. 2022. *The Rural Landscapes of Archaic Cyprus: An Archaeology of Environmental and Social Change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kemp, L. 2019. «Civilisational Collapse Has a Bright Past—but a Dark Future.» Aeon, 21 de maio. <https://aeon.co/ideas/civilisational-collapse-has-a-bright-past-but-a-dark-future>
- Kemp, L. e E. H. Cline. 2022. «Systemic Risk and Resilience: Synchronous Failures and the Bronze Age Collapse.» Em *Perspectives on Public Policy in Societal-Environmental Crises: What the Future Needs from History*, 207–23, ed. A. Izdebski, J. Haldon e P. Filipkowski. Cham, Suíça: Springer.
- Kiderlen, M., M. Bode, A. Hauptmann e Y. Bassiakos. 2016. «Tripod Cauldrons Produced at Olympia Give Evidence for Trade with Copper from Faynan (Jordan) to South West Greece, c. 950–750 BCE.» *Journal of Archaeological Science: Reports* 8:303–13.
- Kilani, M. 2020. *Byblos in the Late Bronze Age. Interactions between the Levantine and Egyptian Worlds*. Leiden: Brill.
- Killebrew, A. E. 2005. *Biblical Peoples and Ethnicity: An Archaeological Study of Egyptians, Canaanites, Philistines, and Early Israel, 1300–1100 B.C.E.* Atlanta, GA: Society of Biblical Literature.
- Killebrew, A. E. 2014. «Israel during the Iron Age II Period.» Em *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant, c. 8000–332 BCE*, ed. M. L. Steiner e A. E. Killebrew, 730–42. Oxford: Oxford University Press.
- Killebrew, A. E. 2019. «Canaanite Roots, Proto-Phoenicia, and the Early Phoenician Period.» Em *The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean*, ed. C. López-Ruiz e B. R. Doak, 39–52. Oxford: Oxford University Press.
- King, L. W. 1915. *Bronze Reliefs from the Gates of Shalmaneser, King of Assyria B.C. 860–825*. Londres: British Museum.
- Kingsley, S. 2021. «Seeking Solomon on the High Seas.» *Wreckwatch* 5–6:48–58.
- Kirleis, W. e M. Herles. 2007. «Climatic Change as a Reason for Assyro-Aramaean Conflicts? Pollen Evidence for Drought at the End of the 2nd Millennium BC.» *State Archives of Assyria Bulletin* 16:7–37.
- Kitchen, K. A. 1973. *The Third Intermediate Period in Egypt (1100–650 B.C.)*. Warminster: Aris & Phillips.
- Kitchen, K. A. 2012. «Ramesses III and the Ramesside Period.» Em *Ramesses III: The Life and Times of Egypt's Last Hero*, ed. E. H. Cline e D. O'Connor, 1–26. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Kleiman, A. 2016. «The Damascene Subjugation of the Southern Levant as a Gradual Process (ca. 842–800 BCE).» Em *In Search for Aram and Israel: Politics, Culture, and Identity*, ed. O. Sergi, M. Oeming e I. J. de Hulster, 57–76. Tubinga: Mohr Siebeck.
- Knapp, A. B. 2014. «Mediterranean Archaeology and Ethnicity.» Em *A Companion to Ethnicity in the Ancient Mediterranean*, ed. J. McInerney, 34–49. Londres: John Wiley & Sons.
- Knapp, A. B. 2021. *Migration Myths and the End of the Bronze Age in the Eastern Mediterranean*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Knapp, A. B. e N. Meyer. 2020. «Cyprus: Bronze Age Demise, Iron Age Regeneration.» Em *Collapse and Transformation: The Late Bronze Age to Early Iron Age in the Aegean*, ed. G. M. Middleton, 237–46. Oxford: Oxbow books.
- Knodell, A. R. 2021. *Societies in Transition in Early Greece: An Archaeological History*. Berkeley: University of California Press.
- Koch, I. 2020. «On Philistines and Early Israelite Kings: Memories and Perceptions.» Em *Saul, Benjamin, and the Emergence of Monarchy in Israel: Biblical and Archaeological Perspectives*, ed. J. J. Krause, O. Sergi e K. Weingart, 7–31. Atlanta, GA: SBL Press.

- Koch, I. 2021. *Colonial Encounters in Southwest Canaan during the Late Bronze and the Early Iron Age*. Leiden: Brill.
- Kohler, T. A. e M. Rockman. 2020. «The IPCC: A Primer for Archaeologists.» *American Antiquity* 85/4:627–51.
- Kohlmeyer, K. 2009. «The Temple of the Storm God in Aleppo during the Late Bronze and Early Iron Ages.» *Near Eastern Archaeology* 72/4:190–202.
- Kohlmeyer, K. 2011. «Building Activities and Architectural Decoration in the 11th Century BC: The Temples of Taita, King of Padasatini/Palistin in Aleppo and ‘Ain Dara.» Em *Empires after the Empire: Anatolia, Syria and Assyria after Suppiluliuma II (ca. 1200–800/700 B.C.)*, ed. K. Strobel, 255–80. Roma: LoGisma.
- Kostoglou, M. 2010. «Iron, Connectivity and Local Identities in the Iron Age to Classical Mediterranean.» Em *Material Connections in the Ancient Mediterranean: Mobility, Materiality and Identity*, ed. P. van Dommelen e A. B. Knapp, 170–89. Nova Iorque: Routledge.
- Kotsonas, A. 2006. «Wealth and Status in Iron Age Knossos.» *Oxford Journal of Archaeology* 25/2:149–72.
- Kotsonas, A. 2016. «Politics of Periodization and the Archaeology of Early Greece.» *American Journal of Archaeology* 120/2:239–70.
- Kotsonas, A. 2018. «Homer, the Archaeology of Crete and the “Tomb of Meriones” at Knossos.» *Journal of Hellenic Studies* 138:1–35.
- Kotsonas, A. 2019. «Early Iron Age Knossos and the Development of the City of the Historical Period.» Em *Proceedings of the 12th International Congress of Cretan Studies, Heraklion, 21– 25.9.2016*, 1–13. Heraklio: Society of Cretan Historical Studies.
- Kotsonas, A. 2020. «History of Research.» Em *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 1:75–96. Londres: Wiley Blackwell.
- Kotsonas, A. 2021. «Making Cretan Cities: Urbanization, Demography and Economies of Production in the Early Iron Age and the Archaic Period.» Em *Making Cities: Economies of Production and Urbanization in Mediterranean Europe, 1000–500 BC*, ed. M. Gleba, B. Marín Aguilera e B. Dimova, 57–76. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research.
- Kotsonas, A. 2022. «Early Greek Alphabetic Writing: Text, Context, Material Properties, and Socialization.» *American Journal of Archaeology* 126/2:167–200.
- Kotsonas, A., e J. Mokrišová. 2020. «Mobility, Migration, and Colonization.» Em *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 2:217–46. Londres: Wiley Blackwell.
- Kotsonas, A., T. Whitelaw, A. Vasilakis e M. Bredaki. 2018. «Early Iron Age Knossos: An Overview from the Knossos Urban Landscape Project (KULP).» Em *Proceedings of 11th International Congress of Cretan Studies, Rethymno, 21–27 October 2011*, ed. E. Gavrilaki, 61–77. Rethymno: Historical and Folklore Society of Rethymno.
- Kourou, N. 2000. «Phoenician Presence in Early Iron Age Crete Reconsidered.» Em *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Punicos, Cádiz, 2 al 6 de Octubre de 1995*, 3:1067–81. Cádiz: Universidad de Cadiz.
- Kourou, N. 2004. «Inscribed Imports, Visitors and Pilgrims at the Archaic Sanctuaries of Camiros.» Em *Χάρις Χαίρε: Studies in Memory of Charis Kantzia*, vol. B, ed. A. Giannikouri, 11–30. Atenas: Archaiologiko Institutouto Aigaiakon Spoudon.
- Kourou, N. 2008a. «The Aegean and the Levant in the Early Iron Age: Recent Developments.» In *Interconnections in the Eastern Mediterranean: Lebanon in the Bronze and Iron Ages; Proceedings of the International Symposium, Beirut 2008*. *Bulletin d'Archéologie et d'Architecture Libanaises (BAAL)*, n.s., 6:361–74.
- Kourou, N. 2008b. «The Evidence from the Aegean.» Em *Beyond the Homeland: Markers in Phoenician*

- Chronology*, ed. C. Sargona, 305–64. Ancient Near Eastern Studies Supplement 28. Lovaina: Peeters Press.
- Kourou, N. 2012. «Phoenicia, Cyprus and the Aegean in the Early Iron Age: J. N. Coldstream's Contribution and the Current State of Research.» Em *Cyprus and the Aegean in the Early Iron Age: The Legacy of Nicolas Coldstream*, ed. M. Iacovou, 33–51. Nicósia: Bank of Cyprus Cultural Foundation.
- Kourou, N. 2016. «A Cypriot Sequence in Early Iron Age Crete: Heirlooms, Imports and Adaptations.» *Cahiers du Centre d'Études Chypriotes* 46:51–69.
- Kourou, N. 2019. «Cyprus and the Aegean in the Geometric Period: The Case of Salamis.» Em *Salamis of Cyprus: History and Archaeology from the Earliest Times to Late Antiquity; Conference in Nicosia, 21–23 May 2015*, ed. S. Rogge, C. Ioannou e T. Mavrojanis, 77–97. Münster: Waxmann Verlag.
- Kramer-Hajos, M. 2016. *Mycenaean Greece and the Aegean World: Palace and Province in the Late Bronze Age*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kramer-Hajos, M. 2020. «The Euboean Gulf.» Em *Collapse and Transformation: The Late Bronze Age to Early Iron Age in the Aegean*, ed. G. M. Middleton, 201–8. Oxford: Oxbow Books.
- Kreppner, F. J. 2002. «Public Space in Nature: The Case of Neo-Assyrian Rock-Reliefs.» *Altorientalische Forschungen* 29/2:367–83.
- Kristiansen, K. 2018. «The Rise of Bronze Age Peripheries and the Expansion of International Trade 1950–1100 BC.» Em *Trade and Civilisation: Economic Networks and Cultural Ties, from Prehistory to the Early Modern Era*, ed. K. Kristiansen, T. Lindkvist e J. Myrdal, 87–112. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kroll, S., C. Gruber, U. Hellwag, M. Roaf e P. Zimansky. 2012. «Introduction.» Em *Biainili-Urartu: The Proceedings of the Symposium Held in Munich, 12–14 October 2007*, ed. S. Kroll, C. Gruber, U. Hellwag, M. Roaf e P. Zimansky, 1–38. Lovaina: Peeters.
- Kuecker, G. D. e T. D. Hall. 2011. «Resilience and Community in the Age of World-System Collapse.» *Nature and Culture* 6/1:18–40.
- Kuhrt, A. 1995. *The Ancient Near East c. 3000–330 BC*. Vols. 1 e 2. Londres: Routledge.
- Kuzucuoğlu, C. 2015. «The Rise and Fall of the Hittite State in Central Anatolia: How, When, Where, Did Climate Intervene?» Em *La Cappadoce méridionale de la préhistoire à l'époque byzantine: 3e rencontres d'archéologie de IFEA, Istanbul, 8–9 novembre 2012*, ed. D. Beyer, O. Henry e A. Tibet, 17–41. Istanbul: Institut français d'études anatoliennes.
- LaFayette Hogue, S. 2016. «New Evidence of Post-destruction Reuse in the Main Building of the Palace of Nestor at Pylos.» *American Journal of Archaeology* 120/1:151–57.
- Langgut, D., I. Finkelstein, T. Litt, F. H. Neumann e M. Stein. 2015. «Vegetation and Climate Changes during the Bronze and Iron Ages (~3600–600 BCE) in the Southern Levant Based on Palynological Records.» *Radiocarbon* 57/2:217–35.
- Langgut, D., F. H. Neumann, M. Stein, A. Wagner, E. J. Kagan, E. Boaretto e I. Finkelstein. 2014. «Dead Sea Pollen Record and History of Human Activity in the Judean Highlands (Israel) from the Intermediate Bronze into the Iron Ages (~2500–500 BCE).» *Palynology* 38/2:280–302.
- Lantzas, K. 2016. «Reconsidering Collapse: Identity, Ideology, and Postcollapse Settlement in the Argolid.» Em *Beyond Collapse: Archaeological Perspectives on Resilience, Revitalization, and Transformation in Complex Societies*, ed. R. K. Faulseit, 459–85. Visiting Scholar Conference Volumes: Center for Archaeological Investigations Occasional Paper No. 42. Carbondale: Southern Illinois University Press.
- Larson, M. T. 2017. «The Archaeological Exploration of Assyria.» Em *A Companion to Assyria*, ed. E. Frahm, 583–98. Oxford: Wiley Blackwell.
- Lavell, A. 1999. *Natural and Technological Disasters: Capacity Building and Human Resource Development for Disaster Management*. Concept paper commissioned by Emergency Response Division, United Nations Development Program, Geneva Switzerland.
- Lavell, A., M. Oppenheimer, C. Diop, J. Hess, R. Lempert, J. Li, R. Muir-Wood e S. Myeong. 2012.

- «Climate Change: New Dimensions in Disaster Risk, Exposure, Vulnerability, and Resilience.» Em *Managing the Risks of Extreme Events and Disasters to Advance Climate Change Adaptation*, ed. C. B. Field, V. Barros, T. F. Stocker, D. Qin, D. J. Dokken, K. L. Ebi, M. D. Mastrandrea, K. J. Mach, G.-K. Plattner, S. K. Allen, M. Tignor e P. M. Midgley, 25–64. Special Report of Working Groups I and II of the Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC). Cambridge: Cambridge University Press.
- Layard, A. H. 1849. *The Monuments of Nineveh: From Drawings Made on the Spot*. Londres: Murray.
- Lehmann, G. 2008. «North Syria and Cilicia, ca. 1200–330 BCE.» Em *Beyond the Homeland: Markers in Phoenician Chronology*, ed. C. Sargona, 205–46. Ancient Near Eastern Studies Supplement 28. Lovaina: Peeters Press.
- Lehmann, G. 2019. «The Levant.» Em *The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean*, ed. C. López-Ruiz e B. R. Doak, 465–79. Oxford: Oxford University Press.
- Lehmann, G. 2021. «The Emergence of Early Phoenicia.» *Jerusalem Journal of Archaeology* 1:272–324.
- Lemaire, A. 1994. «“House of David” Restored in Moabite Inscription.» *Biblical Archaeology Review* 20/3:30–37.
- Lemos, I. S. 2002. *The Protogeometric Aegean: The Archaeology of the Late Eleventh and Tenth Centuries BC*. Oxford: Oxford University Press.
- Lemos, I. S. 2006. «Athens and Lefkandi: A Tale of Two Sites.» Em *Ancient Greece: From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*, ed. S. Deger-Jalkotzy e I. S. Lemos, 505–30. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Lemos, I. S. 2014. «Communities in Transformation: An Archaeological Survey from the 12th to the 9th Century BC.» *Pharos* 20:161–91.
- Lemos, I. S. 2020. «Euboea.» Em *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 2:787–813. Londres: Wiley Blackwell.
- Lemos, I. S. e A. Kotsonas. 2020. «Preface.» Em *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 1:xxiii–xxvi. Boston: Wiley Blackwell.
- Levin, Y. 2017. «Gath of the Philistines in the Bible and on the Ground: The Historical Geography of Tell es-Safi/ Gath.» *Near Eastern Archaeology* 80/4:232–40.
- Levy, T. E., T. Higham, C. Bronk Ramsey, N. G. Smith, E. Ben-Yosef, M. Robinson, S. Münger, K. Knabb, J. P. Schulze, M. Najjar e L. Tauxe. 2008. «High-Precision Radiocarbon Dating and Historical Biblical Archaeology in Southern Jordan.» *PNAS* 105/43:16460–65.
- Levy, T. E., S. Münger e M. Najjar. 2014. «A Newly Discovered Scarab of Sheshonq I: Recent Iron Age Explorations in Southern Jordan.» *Antiquity* 341/88. <https://www.antiquity.ac.uk/projgall/levy341>.
- Levy, T. E., M. Najjar e E. Ben-Yosef, eds. 2014. *New Insights into the Iron Age Archaeology of Edom, Southern Jordan*. Volumes 1 e 2. Los Angeles: Cotsen Institute of Archaeology Press.
- Lichtheim, M. 2019. «The Report of Wenamun.» Em *Ancient Egyptian Literature*, ed. M. Lichtheim, 561–68. Berkeley: University of California Press.
- Lipiński, E. 2006. *On the Skirts of Canaan in the Iron Age: Historical and Topographical Researches*. Lovaina: Peeters.
- Liss, B., M. D. Howland, B. Lorentzen, C. Smitheram, M. Najjar e T. E. Levy. 2020. «Up the Wadi: Development of an Iron Age Industrial Landscape in Faynan, Jordan.» *Journal of Field Archaeology* 45/6:413–27.
- Liston, M. A. e J. K. Papadopoulos. 2004. «The “Rich Athenian Lady” Was Pregnant: The Anthropology of a Geometric Tomb Reconsidered.» *Hesperia* 73:7–38.
- Liverani, M. 1988a. *Antico oriente: Storia, società, economia*. Roma: Bari.
- Liverani, M. 1988b. «The Growth of the Assyrian Empire in the Habur//Middle Euphrates Area: A New Paradigm.» *State Archives of Assyria Bulletin* 2/2:81–98.
- Liverani, M. 2014. *The Ancient Near East: History, Society and Economy*. Trad. S. Tabatabai. Londres:

Routledge.

- Livieratou, A. 2020. «East Lokris-Phokis.» Em *Collapse and Transformation: The Late Bronze Age to Early Iron Age in the Aegean*, ed. G. M. Middleton, 97–106. Oxford: Oxbow Books.
- Lloyd, M. 2013. «Warfare and the Recovery from Palatial Collapse in the 12th Century BC: A Case Study of the Argolid and Achaea.» In *Tough Times: The Archaeology of Crisis and Recovery; Proceedings of the Graduate Archaeology at Oxford Conferences in 2010 and 2011*, ed. E. M. van der Wilt e J. Martínez Jiménez, 109–14. BAR International Series 2478. Oxford: Archaeopress.
- Lloyd, M. 2015. «Death of a Swordsman, Death of a Sword: The Killing of Swords in the Early Iron Age Aegean (ca. 1050 to ca. 690 B.C.E).» *Ancient Warfare* 1:14–31.
- Lloyd, M. 2017. «Why Study Dark Age Greece?» Josho Brouwers, 6 de dezembro. <https://www.joshobrouwers.com/articles/why-study-dark-age-greece>
- Lloyd, M. 2018. «Bending in the Grave: Killing Weapons in the Early Iron Age Aegean.» *Ancient World Magazine*, 16 de janeiro. <https://www.ancientworldmagazine.com/articles/bending-grave-killing-weapons-early-iron-age-aegean>
- Lloyd, S. 1980. *Foundations in the Dust: The Story of Mesopotamian Exploration*. Rev. e aumentada. Londres: Thames and Hudson.
- López-Ruiz, C. 2021. *Phoenicians and the Making of the Mediterranean*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- López-Ruiz, C. 2022. «Phoenicians and the Iron Age Mediterranean.» In *The Connected Iron Age: Interregional Networks in the Eastern Mediterranean, 900–600 BCE*, ed. J. M. Hall e J. F. Osborne, 27–48. Chicago: University of Chicago Press.
- López-Ruiz, C. e B. R. Doak, eds. 2019. *The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean*. Oxford: Oxford University Press.
- Macalister, R.A.S. 1914. *The Philistines: Their History and Civilization*. Londres: Pub. para British Academy por H. Milford.
- MacGinnis, J., T. Matney. 2009. «Ziyaret Tepe: Digging the Frontier of the Assyrian Empire.» *Current World Archaeology* 37:30–40.
- Maeir, A. M., ed. 2012. *Tell es-Safi/ Gath I: The 1996–2005 Seasons*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag.
- Maeir, A. M. 2017a. «Can Material Evidence of Aramean Influences and Presence in Iron Age Judah and Israel Be Found?» Em *Wandering Arameans: Arameans outside Syria; Textual and Archaeological Perspectives*, ed. A. Berlejung, A. M. Maeir e A. Schüle, 53–67. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag.
- Maeir, A. M. 2017b. «Philistine Gath after 20 Years: Regional Perspectives on the Iron Age at Tell es-Safi/ Gath.» In *The Shephelah during the Iron Age: Recent Archaeological Studies*, ed. O. Lipschits e A. M. Maeir, 133–54. University Park: Penn State University Press/Eisenbrauns.
- Maeir, A. M. 2019. «Philistine and Israelite Identities: Some Comparative Thoughts.» *Die Welt des Orients* 49:151–60.
- Maeir, A. M. 2020. «A “Repertoire of Otherness”? Identities in Early Iron Age Philistia.» Em *From the Prehistory of Upper Mesopotamia to the Bronze and Iron Age Societies of the Levant. Volume 1. Proceedings of the 5th «Broadening Horizons» Conference (Udine, 5–8 June 2017)*, ed. M. Iamoni, 161–70. Trieste: Edizioni università di Trieste.
- Maeir, A. M. 2021. «Identity Creation and Resource Controlling Strategies: Thoughts on Edomite Ethnogenesis and Development.» *Bulletin of ASOR* 386:209–20.
- Maeir, A. M. 2022a. «Archaeology and Cultural History.» Em *Encyclopedia of Material Culture in the Biblical World: A New Biblisches Reallexikon*, ed. A. Berlejung, P.M.M. Daviau, J. Kamlah e G. Lehmann, 29–53. Tübinga: Mohr Siebeck.
- Maeir, A. M. 2022b. «Between Philistia, Phoenicia, and Beyond: A View from Tell es-Safi-Gath.» Em *Material, Method, and Meaning: Papers in Eastern Mediterranean Archaeology in Honor of Ilan Sharon*, ed. U. Davidovich, N. Yahalom-Mack e S. Matskevich, 185–94. Münster: Zaphon.

- Maeir, A. M. 2022c. «Jerusalem and the West—via Philistia: An Early Iron Age Perspective from Tell es-Safi/ Gath.» In *Jerusalem and the Coastal Plain in the Iron Age and Persian Periods: New Studies on Jerusalem's Relations with the Southern Coastal Plain of Israel/Palestine (c. 1200–300 BCE)*, ed. F. Hagemeyer, 7–21. Tubinga: Mohr Siebeck.
- Maeir, A. M. 2022d. «You've Come a Long Way, Baby! Changing Perspectives on the Philistines.» *Journal of Eastern Mediterranean Archaeology and Heritage Studies* 10/3–4:216–39.
- Maeir, A. M. Forthcoming. «“Their Voice Carries throughout the Earth, Their Words to the End of the World” (Ps 19, 5): Thoughts on Long-Range Trade in Organics in the Bronze and Iron Age Levant.» In «*And in Length of Days Understanding*» (Job 12:12)—*Essays on Archaeology in the 21st Century in Honor of Thomas E. Levy*, ed. E. Ben-Yosef and I.W.N. Jones. Cham, Suíça: Springer.
- Maeir, A. M. e S. Gur-Arieh. 2011. «Comparative Aspects of the Aramean Siege System at Tell es-Şāfi/ Gath.» In *The Fire Signals of Lachish: Studies in the Archaeology and History of Israel in the Late Bronze Age, Iron Age, and Persian Period in Honor of David Ussishkin*, ed. I. Finkelstein e N. Na'aman, 227–44. Winona Lake, IN: Eisenbrauns.
- Maeir, A. M. e J. Uziel, eds. 2020. *Tell Es-Safi/ Gath II: Excavations and Studies*. Münster: Zaphon.
- Maggidis, C. 2020. «Glas and Boeotia.» In *Collapse and Transformation: The Late Bronze Age to Early Iron Age in the Aegean*, ed. G. M. Middleton, 107–20. Oxford: Oxbow Books.
- Mahieu, B. 2018. «The Old and Middle Assyrian Calendars, and the Adoption of the Babylonian Calendar by Tiglath-Pileser I (Attested in the *Doppeldatierungen* and in the Broken Obelisk).» *State Archives of Assyria Bulletin* 24:63–95.
- Manning, S. W., C. Kocik, B. Lorentzen e J. P. Sparks. 2023. «Severe Multi-year Drought Coincident with Hittite Collapse around 1198–96 BC.» *Nature* 614:719–24. <https://doi.org/10.1038/s41586-022-05693-y>
- Manning, S. W., B. Lorentzen, L. Welton, S. Batiuk e T. P. Harrison. 2020. «Beyond Megadrought and Collapse in the Northern Levant: The Chronology of Tell Tayinat and Two Historical Inflection Episodes, around 4.2ka BP, and Following 3.2ka BP.» *PLOS ONE* 15/10:e0240799. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0240799>
- Manolova, T. 2020. «The Levant.» Em *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 2:1185–214. Londres: Wiley Blackwell.
- Maran, J. 2006. «Coming to Terms with the Past: Ideology and Power in Late Helladic IIIC.» Em *Ancient Greece: From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*, ed. S. Deger-Jalkotzy e I. S. Lemos, 123–50. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Maran, J. 2016. «Against the Currents of History: The Early 12th-Century BCE Resurgence of Tiryns.» In *RA-PI-NE-U: Studies on the Mycenaean World Offered to Robert Laffineur for His 70th Birthday*, ed. J. Driessen, 201–20. Lovaina: Presses universitaires de Louvain.
- Maran, J. 2023. «The Demise of the Mycenaean Palaces: The Need for an Interpretative Reset.» Em *Synchronizing the Destructions of the Mycenaean Palaces*, ed. R. Jung and E. Kardamaki, 231–53. Viena: Austrian Academy of Sciences Press.
- Maran, J. e A. Papadimitriou. 2020. «Mycenae and the Argolid.» In *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 2:699–718. Londres: Wiley Blackwell.
- Maran, J. e J. C. Wright. 2020. «The Rise of the Mycenaean Culture, Palatial Administration and Its Collapse.» In *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 1:99–132. Londres: Wiley Blackwell.
- Marchetti, N. 2012. «Karkemish on the Euphrates: Excavating a City's History.» *Near Eastern Archaeology* 75:132–47.
- Marchetti, N. 2014. «A Century of Excavations at Karkemish: Filling the Gaps.» In *Karkemish: An Ancient Capital on the Euphrates*, ed. N. Marchetti, 21–43. Bolonha: AnteQuem.

- Marchetti, N. e H. Peker. 2018. «The Stele of Kubaba by Kamani and the Kings of Karkemish in the 9th Century BC.» *Zeitschrift für Assyriologie* 108/1:81–99.
- Markoe, G. E. 2000. *Phoenicians*. Berkeley: University of California Press.
- Master, D. M. 2021. «The Philistines in the Highlands: A View from Ashkelon.» *Jerusalem Journal of Archaeology* 1:203–20.
- Matney, T., J. MacGinnis, D. Wicke e K. Köroğlu. 2017. *Ziyaret Tepe: Exploring the Anatolian Frontier of the Assyrian Empire*. Istanbul: Cornucopia Books.
- Matsui, T., R. Moriwaki, E. Zidan e T. Arai. 2022. «The Manufacture and Origin of the Tutankhamen Meteoritic Iron Dagger.» *Meteoritics & Planetary Science* 57/4:747–58. <https://doi.org/10.1111/maps.13787>.
- Mattingly, G. L. 1994. «Moabites.» In *Peoples of the Old Testament World*, ed. A. J. Hoerth, G. L. Mattingly e E. M. Yamauchi, 317–33. Grand Rapids, MI: Baker Books.
- Mazar, A. 1994. «The 11th Century B.C. in the Land of Israel.» In *Cyprus in the 11th Century B.C.: Proceedings of the International Symposium, Nicosia, 30–31 October 1993*, ed. V. Karageorghis, 39–58. Nicosia: A. G. Leventis Foundation.
- Mazar, A. 2022a. «Tel Rehov: The Site and Its Excavation.» *Near Eastern Archaeology* 85/2:84–89.
- Mazar, A. 2022b. «Tel Rehov in the Tenth and Ninth Centuries BCE.» *Near Eastern Archaeology* 85/2:110–25.
- Mazar, A., U. Davidovich, N. Panitz-Cohen, Y. Rotem e A. Sumaka'i Fink. 2022. «The Canaanite City at Tel Rehov: From the Early Bronze Age to the End of the Iron Age I.» *Near Eastern Archaeology* 85/2:96–109.
- Mazar, A. e N. Kourou. 2019. «Greece and the Levant in the 10th–9th Centuries BC.» *Opuscula* 12:369–92.
- Mazar, A. e R. A. Mullins. 2022. «Facing Assyria: Tel Rehov in the Late Ninth and the Eighth Centuries BCE.» *Near Eastern Archaeology* 85/2:146–51.
- Mazar, A. e N. Panitz-Cohen, eds. 2020. *Tel Rehov: A Bronze and Iron Age City in the Beth-Shean Valley*. Vols. 1–5. Quedem 59. Jerusalém: Institute of Archaeology, Hebrew University of Jerusalem.
- Mazar, A., N. Panitz-Cohen e G. Bloch. 2022. «The Apiary at Tel Rehov: An Update.» *Near Eastern Archaeology* 85/2:126–31.
- Mazarakis Ainian, A. 2006. «The Archaeology of Basileis.» Em *Ancient Greece: From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*, ed. S. Deger-Jalkotzy e I. S. Lemos, 181–211. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- McAnany, P. A. e N. Yoffee. 2010. «Why We Question Collapse and Study Human Resilience, Ecological Vulnerability, and the Aftermath of Empire.» Em *Questioning Collapse: Human Resilience, Ecological Vulnerability, and the Aftermath of Empire*, ed. P. A. McAnany e N. Yoffee, 1–17. Cambridge: Cambridge University Press.
- McDowall, C. 2014. «The Silver Pharaoh: Psusennes I Facing the Afterlife in Style.» Culture Concept. <https://www.thecultureconcept.com/the-silver-pharaoh-psusennes-i-facing-the-afterlife-in-style>
- Meggison, L. C. 1963. «Lessons from Europe for American Business.» *Southwestern Social Science Quarterly* 44/1: 3–13.
- Middleton, G. D. 2017a. «Do Civilisations Collapse?» *Aeon*. <https://aeon.co/essays/what-the-idea-of-civilisational-collapse-says-about-history>
- Middleton, G. D. 2017b. «The Show Must Go On: Collapse, Resilience, and Transformation in 21st-Century archaeology.» *Reviews in Anthropology*. <https://doi.org/10.1080/00938157.2017.1343025>
- Middleton, G. D. 2017c. *Understanding Collapse: Ancient History and Modern Myths*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Middleton, G. D. 2018a. «“I Would Walk 500 Miles and I Would Walk 500 More”: The Sea Peoples and

- Aegean Migration at the End of the Late Bronze Age.» Em *Change, Continuity, and Connectivity: North-Eastern Mediterranean at the Turn of the Bronze Age and in the Early Iron Age*, ed. Ł. Niesiołowski-Spanò e M. Węcowski, 95–115. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag.
- Middleton, G. D. 2018b. «Should I Stay or Should I Go? Mycenaeans, Migration, and Mobility in the Late Bronze Age and Early Iron Age Eastern Mediterranean.» *Journal of Greek Archaeology* 3:115–43.
- Middleton, G. D., ed. 2020a. *Collapse and Transformation: The Late Bronze Age to Early Iron Age in the Aegean*. Oxford: Oxbow Books.
- Middleton, G. D. 2020b. «Introducing Collapse.» In *Collapse and Transformation: The Late Bronze Age to Early Iron Age in the Aegean*, ed. G. M. Middleton, 1–8. Oxford: Oxbow Books.
- Middleton, G. D. 2020c. «Mycenaean Collapse(s) c. 1200 BC.» In *Collapse and Transformation: The Late Bronze Age to Early Iron Age in the Aegean*, ed. G. M. Middleton, 9–22. Oxford: Oxbow Books.
- Middleton, G. D. 2020d. Review of *The Evolution of Fragility: Setting the Terms* by N. Yoffee, ed. *American Journal of Archaeology* 124/4. <https://www.ajaonline.org/book-review/4150>
- Middleton, G. D. 2020e. «A Tale of Three Cities: Urban and Cultural Resilience and Heritage between the Late Bronze and Early Iron Age in the Eastern Mediterranean.» *Urban History* 2020:1–25.
- Millard, A. 1994. *The Eponyms of the Assyrian Empire, 910–612 BC*. State Archive of Assyria Studies 2. Helsinki: Neo-Assyrian Text Corpus Project.
- Millek, J. M. 2020. «What Actually Happened in Syria at the End of the Late Bronze Age?» *Ancient Near East Today* 8/7 (julho). <http://www.asor.org/anetoday/2020/07/syria-bronze-age>
- Millek, J. M. 2020–21. «“Our City Is Sacked. May You Know It!”: The Destruction of Ugarit and Its Environs by the “Sea People.”» *Archaeology & History in the Lebanon* 52–53:102–32.
- Millek, J. M. 2021. «Just What Did They Destroy? The Sea Peoples and the End of the Late Bronze Age.» Em *The Mediterranean Sea and the Southern Levant: Archaeological and Historical Perspectives from the Bronze Age to Medieval Times*, ed. J. Kamlah e A. Lichtenberger, 59–98. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag.
- Millek, J. M. 2023. *Destruction and Its Impact on Ancient Societies at the End of the Bronze Age*. Atlanta: Lockwood Press.
- Miller, D. S. e J. D. Rivera, eds. 2011. *Community Disaster Recovery and Resiliency: Exploring Global Opportunities and Challenges*. Boca Raton, FL: CRC Press.
- Miller, J. M. e J. H. Hayes. 2006. *A History of Ancient Israel and Judah*. 2nd ed. Louisville, KY: Westminster John Knox Press.
- Misgav, H., Y. Garfinkel e S. Ganor. 2009. «The Ostrakon.» In *Khirbet Qeiyafa 1: Excavation Report 2007–2008*, ed. Y. Garfinkel and S. Ganor, 243–57. Jerusalém: Israel Exploration Society.
- Molloy, B. 2022. «Was There a 3.2 ka Crisis in Europe? A Critical Comparison of Climatic, Environmental, and Archaeological Evidence for Radical Change during the Bronze Age–Iron Age Transition.» *Journal of Archaeological Research* (2 de agosto). <https://doi.org/10.1007/s10814-022-09176-6>
- Monroe, C. M. 2018. «Marginalizing Civilization: The Phoenician Redefinition of Power ca. 1300–800 BCE.» In *Trade and Civilisation: Economic Networks and Cultural Ties, from Prehistory to the Early Modern Era*, ed. K. Kristiansen, T. Lindkvist e J. Myrdal, 195–241. Cambridge: Cambridge University Press.
- Montet, P. 1951. *Les constructions et le tombeau de Psousennes a Tanis*. Paris: CNRS.
- Montiglio, S. 2006. Review of *Hellenicity: Between Ethnicity and Culture* by J. M. Hall. *Review of Metaphysics* 60/1:160–62.
- Moran, W. L. 1992. *The Amarna Letters*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.
- Morris, I. 1987. *Burial and Ancient Society: The Rise of the Greek City-State*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Morris, I. 1989. «Circulation, Deposition and the Formation of the Greek Iron Age.» *Man*, n.s.,

- Morris, I. 1993. «Response to Papadopoulos (I): The Kerameikos Stratigraphy and the Character of the Greek Dark Age.» *Journal of Mediterranean Archaeology* 6/2:207–21.
- Morris, I. 1996. «Negotiated Peripherality in Iron Age Greece: Accepting and Resisting the East.» *Journal of World-Systems Research* 2/1:409. <https://doi.org/10.5195/jwsr.1996.92>
- Morris, I. 1997. «Periodization and the Heroes: Inventing a Dark Age.» Em *Inventing Ancient Culture: Historicism, Periodization and the Ancient World*, ed. M. Golden e P. Toohey, 96–131. Londres: Routledge.
- Morris, I. 1999. «Iron Age Greece and the Meanings of “Princely Tombs.”» Em *Les princes de la protohistoire et l’émergence de l’état: Actes de la table ronde internationale organisée par le Centre Jean Bérard et l’Ecole française de Rome, Naples, 27–29 octobre 1994*, ed. P. Ruby, 57–80. Roma: École française de Rome.
- Morris, I. 2000. *Archaeology as Cultural History: Words and Things in Iron Age Greece*. Oxford: Blackwell.
- Morris, I. 2005. «The Growth of Greek Cities in the First Millennium BC.» *Princeton/ Stanford Working Papers in Classics*, no. 120509 (30 de junho): 2–29. <https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.1426835>
- Morris, I. 2006. «The Collapse and Regeneration of Complex Society in Greece, 1500–500 BC.» Em *After Collapse: The Regeneration of Complex Societies*, ed. G. M. Schwartz e J. J. Nichols, 72–84. Tucson: University of Arizona Press.
- Morris, S. P. 1989. «Daidalos and Kadmos: Classicism and “Orientalism,”» em «The Challenge of Black Athena.» Número especial, *Arethusa* (outono): 39–54.
- Morris, S. P. 1992a. *Daidalos and the Origins of Greek Art*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Morris, S. P. 1992b. «Introduction.» Em *Greece between East and West, 10th–8th Centuries BC*, ed. G. Kopcke e I. Tokumaru, xiii–xviii. Mainz: Philipp von Zabern.
- Morris, S. P. 2022. «Close Encounters of the Lasting Kind: Greeks, Phoenicians, and Others in the Iron Age Mediterranean.» Em *The Connected Iron Age: Interregional Networks in the Eastern Mediterranean, 900–600 BCE*, ed. J. M. Hall e J. F. Osborne, 98–123. Chicago: University of Chicago Press.
- Mühlenbruch, T. 2009. «Tiryns: The Settlement and Its History in LH IIIC.» Em *LH IIIC Chronology and Synchronisms III: LH IIIC Late and the Transition to the Early Iron Age; Proceedings of the International Workshop Held at the Austrian Academy of Sciences at Vienna, February 23rd and 24th, 2007*, ed. S. Deger-Jalkotzy e A. E. Bächle, 313–26. Viena: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften.
- Mühlenbruch, T. 2020. «The Argolid.» Em *Collapse and Transformation: The Late Bronze Age to Early Iron Age in the Aegean*, ed. G. M. Middleton, 121–32. Oxford: Oxbow Books.
- Muhly, J. D. 1980. «The Bronze Age Setting.» Em *The Coming of the Age of Iron*, ed. T. A. Wertime e J. D. Muhly, 25–67. New Haven, CT: Yale University Press.
- Muhly, J. D. 1992. «The Crisis Years in the Mediterranean World: Transition or Cultural Disintegration?» En *The Crisis Years: The 12th Century B.C.*, ed. W. A. Ward e M. S. Joukowsky, 10–22. Dubuque, IA: Kendall/Hunt Publishing.
- Muhly, J. D. 2003. «Greece and Anatolia in the Early Iron Age: The Archaeological Evidence and the Literary Tradition.» Em *Symbiosis, Symbolism, and the Power of the Past: Canaan, Ancient Israel, and Their Neighbors from the Late Bronze Age through Roman Palaestina; Proceedings of the Centennial Symposium, W. F. Albright Institute of Archaeological Research and American Schools of Oriental Research, Jerusalem, May 29–31, 2000*, ed. W. G. Dever e S. Gitin, 23–35. Winona Lake, IN: Eisenbrauns.
- Muhly, J. D. 2011. «Archaic and Classical Greece Would Not Have Been the Same without the Dark Ages.» In *The «Dark Ages» Revisited: Acts of an International Symposium in Memory of William D. E. Coulson, University of Thessaly (Volos, 14–17 June 2007)*, ed. A. Mazarakis Ainian, 45–53. Volos: University of Thessaly Press.
- Muhly, J. D. e V. Kassianidou. 2012. «Parallels and Diversities in the Production, Trade and Use of Copper and Iron in Crete and Cyprus from the Bronze Age to the Iron Age.» Em *Parallel Lives: Ancient Island Societies in Crete and Cyprus*, ed. G. Cadogan, M. Iacovou, K. Kopaka e J. Whitley, 119–40. British School at Athens Studies 20. Londres: British School at Athens.

- Muhly, J. D., R. Maddin, T. Stech e E. Özgen. 1985. «Iron in Anatolia and the Nature of the Hittite Iron Industry.» *Anatolian Studies* 35:67–84.
- Muhs, B. 2022. «Egypt and the Mediterranean in the Early Iron Age.» Em *The Connected Iron Age: Interregional Networks in the Eastern Mediterranean, 900–600 BCE*, ed. J. M. Hall e J. F. Osborne, 194–213. Chicago: University of Chicago Press.
- Murray, S. C. 2017. *The Collapse of the Mycenaean Economy: Imports, Trade, and Institutions 1300–700 BCE*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Murray, S. C. 2018a. «Imported Exotica and Mortuary Ritual at Perati in Late Helladic IIIC East Attica.» *American Journal of Archaeology* 122/1:33–64.
- Murray, S. C. 2018b. «Imported Objects in the Aegean beyond Elite Interaction: A Contextual Approach to Eastern Exotica on the Greek Mainland.» Em *Change, Continuity, and Connectivity: North-Eastern Mediterranean at the Turn of the Bronze Age and in the Early Iron Age*, ed. Ł. Niesiołowski-Spanò e M. Węcowski, 221–34. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag.
- Murray, S. C. 2018c. «Lights and Darks: Data, Labeling, and Language in the History of Scholarship on Early Greece.» *Hesperia* 87/1:17–54.
- Murray, S. C. 2020. «The Changing Economy.» Em *Collapse and Transformation: The Late Bronze Age to Early Iron Age in the Aegean*, ed. G. M. Middleton, 201–8. Oxford: Oxbow Books.
- Murray, S. C. e B. Lis. 2023. «Documenting a Maritime Mercantile Community through Surface Survey: Porto Rafti Bay in the Post-Collapse Aegean.» *Antiquity*, 13 de abril. <https://doi.org/10.15184/aqy.2023.49>
- Muscarella, O. W. 1995. «The Iron Age Background to the Formation of the Phrygian State.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 299/300:91–101.
- Mushett Cole, E. 2016. «Decline in Ancient Egypt? A Reassessment of the Late New Kingdom and Third Intermediate Period.» Diss. dout., University of Birmingham.
- Mushett Cole, E. 2017. «“The Year of Hyenas When There Was a Famine”: An Assessment of Environmental Causes for the Events of the Twentieth Dynasty.» In *Global Egyptology: Negotiations in the Production of Knowledges on Ancient Egypt in Global Contexts*, ed. C. Langer, 3–17. Londres: Golden House Publications.
- Na’aman, N. 1995. «Hazeal of ‘Amqi and Hadadezer of Beth-Rehob.» *Ugarit Forschungen* 27:381–94.
- Na’aman, N. 1997. «King Mesha and the Foundation of the Moabite Monarchy.» *Israel Exploration Journal* 47/1–2:83–92.
- Na’aman, N. 2000. «Three Notes on the Aramaic Inscription from Tel Dan.» *Israel Exploration Journal* 50/1–2:92–104.
- Na’aman, N. 2006. «The Story of Jehu’s Rebellion: Hazeal’s Inscription and the Biblical Narrative.» *Israel Exploration Journal* 56/2:160–66.
- Na’aman, N. 2017. «Was Khirbet Qeiyafa a Judahite City? The Case against It.» *Journal of Hebrew Scriptures* 17/7. <https://doi.org/10.5508/jhs.2017.v17.a7>
- Na’aman, N. 2019a. «The Alleged ‘Beth David’ in the Mesha Stele: The Case against It.» *Tel Aviv* 46/2:192–97.
- Na’aman, N. 2019b. «Hiram of Tyre in the Book of Kings and in the Tyrian Records.» *Journal of Near Eastern Studies* 78/1:75–85.
- Na’aman, N. 2021. «Biblical Archaeology and the Emergence of the Kingdom of Edom.» *Antiguo Oriente* 19:11–40.
- Nagy, G. 2019a. «Thinking Comparatively about Greek Mythology XVI, with a Focus on Dorians Led by Kingly “Sons” of Hēraklēs the Kingmaker.» *Classical Inquiries*, 8 de novembro. <https://classical-inquiries.chs.harvard.edu/thinking-comparatively-about-greek-mythology-xvi-with-a-focus-on-dorians-led-by-kingly-sons-of-herakles-the-kingmaker>

- Nagy, G. 2019b. «Thinking Comparatively about Greek Mythology XVII, with Placeholders That Stem from a Conversation with Tom Palaima, Starting with This Question: Was Hēraklēs a Dorian?» *Classical Inquiries*, 15 de novembro. <https://classical-inquiries.chs.harvard.edu/thinking-comparatively-about-greek-mythology-xvii-with-placeholders-that-stem-from-a-conversation-with-tom-palaima-starting-with-this-question-was-herakles-a-dorian>
- Nahm, W. 2022. «Tiglath-Pileser's River-Man.» *Nouvelles Assyriologiques Breves et Utilitaires* (N.A.B.U.) n.º 3 (setembro): 236–37.
- Nakassis, D. 2020. «The Economy.» In *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 1:271–91. Londres: Wiley Blackwell.
- Namdar, D., A. Gilboa, R. Neumann, I. Finkelstein e S. Weiner. 2013. «Cinnamaldehyde in Early Iron Age Phoenician Flasks Raises the Possibility of Levantine Trade with South East Asia.» *Mediterranean Archaeology and Archaeometry* 12/3:1–19. National Research Council. 2011. *Building Community Disaster Resilience through Private-Public Collaboration*. Washington, DC: National Academies Press. <https://doi.org/10.17226/13028>
- Naveh, J. 1989. *Early History of the Alphabet*. Leiden: E. J. Brill.
- Nelson, M. 2007. «The First Olympic Games.» Em *Onward to the Olympics: Historical Perspectives on the Olympic Games*, ed. G. P. Schaus e S. R. Wenn, 47–58. Waterloo, ON: Wilfrid Laurier University Press.
- Neumann, J. e S. Parpola. 1987. «Climatic Change and the Eleventh–Tenth Century Eclipse of Assyria and Babylonia.» *Journal of Near Eastern Studies* 16/3:161–82.
- Newhard, J.M.L. e E. H. Cline. 2022. «Panarchy and the adaptive cycle: A Case Study from Mycenaean Greece.» Em *Perspectives on Public Policy in Societal-Environmental Crises: What the Future Needs from History*, ed. A. Izdebski, J. Haldon e P. Filipkowski, 225–35. Cham, Suíça: Springer.
- Nicoll, K. e A. Zerboni. 2019. «Is the Past Key to the Present? Observations of Cultural Continuity and Resilience Reconstructed from Geoarchaeological Records.» *Quaternary International* 545:119–27.
- Niemeyer, H. G. 2006. «The Phoenicians in the Mediterranean: Between Expansion and Colonization; A Non-Greek Model of Overseas Settlement and Presence.» Em *Greek Colonisation: An Account of Greek Colonies and Other Settlements Overseas*, ed. G. R. Tsetschladze, 1:143–68. Leiden: Brill.
- Nowicki, K. 2000. *Defensible Sites in Crete c. 1200–800 B.C.* Aegaeum 21. Liège: Université de Liège.
- Oates, J. 1979. *Babylon*. Londres: Thames and Hudson.
- O'Brien, K., M. Pelling, A. Patwardhan, S. Hallegatte, A. Maskrey, T. Oki, U. Oswald-Spring, T. Wilbanks e P. Z. Yanda. 2012. «Toward a Sustainable and Resilient Future.» Em *Managing the Risks of Extreme Events and Disasters to Advance Climate Change Adaptation*, ed. C. B. Field, V. Barros, T. F. Stocker, D. Qin, D. J. Dokken, K. L. Ebi, M. D. Mastrandrea, K. J. Mach, G.-K. Plattner, S. K. Allen, M. Tignor e P. M. Midgley, 437–86. Special Report of Working Groups I and II of the Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC). Cambridge: Cambridge University Press.
- O'Brien, S. 2017. «Boredom with the Apocalypse: Resilience, Regeneration, and Their Consequences for Archaeological Interpretation.» Em *Crisis to Collapse: The Archaeology of Social Breakdown*, ed. T. Cunningham e J. Driessen, 295–303. Lovaina: UCL Presses.
- O'Connor, M. 1977. «The Rhetoric of the Kilamuwa Inscription.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 226:15–29.
- Oldfather, C. H., trans. 1933. *Diodorus Siculus: Library of History, Volume I, Books 1–2.34*. Loeb Classical Library 279. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Olsen, B. A. 2020. «The People.» Em *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 1:293–316. Londres: Wiley Blackwell.
- Ortiz, S. M. e S. R. Wolff. 2021. «New Evidence for the 10th Century BCE at Tel Gezer.» *Jerusalem Journal of Archaeology* 1:221–40.
- Osborne, J. F. 2013. «Sovereignty and Territoriality in the City-State: A Case Study from the Amuq

- Valley, Turkey.» *Journal of Anthropological Archaeology* 32:774–90.
- Osborne, J. F. 2014. «Settlement Planning and Urban Symbolism in Syro-Anatolian Cities.» *Cambridge Archaeological Journal* 24:195–214.
- Osborne, J. F. 2015. «Ancient Cities and Power: The Archaeology of Urbanism in the Iron Age Capitals of Northern Mesopotamia.» *International Journal of Urban Sciences* 19/1:7–19.
- Osborne, J. F. 2021. *The Syro-Anatolian City-States: An Iron Age Culture*. Oxford: Oxford University Press.
- Osborne, J. F. e J. M. Hall. 2022. «Interregional Interaction in the Eastern Mediterranean during the Iron Age.» Em *The Connected Iron Age: Interregional Networks in the Eastern Mediterranean, 900–600 BCE*, ed. J. M. Hall e J. F. Osborne, 1–26. Chicago: University of Chicago Press.
- Osborne, J. F., T. P. Harrison, S. Batiuk, L. Welton, J. P. Dessel, E. Denel e Ö. Demirci. 2019. «Urban Built Environments in Early 1st Millennium B.C.E. Syro-Anatolia: Results of the Tayinat Archaeological Project, 2004–2016.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 382:261–312.
- Osborne, J. F., M. Massa, F. Sahin, H. Erpehlivan e C. Bachhuber. 2020. «The City of Hartapu: Results of the Türkmen-Karahöyük Intensive Survey Project.» *Anatolian Studies* 70:1–27.
- Osborne, R. 1996. *Greece in the Making: 1200–479 BC*. Londres: Routledge.
- Page, D. 1962. «The Homeric World.» Em *The Greek World*, ed. H. Lloyd-Jones, 13–25. Baltimore, MD: Penguin Books.
- Palaima, T. G. 2002. «Special vs. Normal Mycenaean: Hand 24 and Writing in the Service of the King?» In *A-NA-QO-TA: Studies Presented to J. T. Killen = Minos* 33–34 (1998–99), ed. J. Bennet e J. Driessen, 205–21. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- Palaima, T. G. 2006. «Wanaks and Related Power Terms in Mycenaean and Later Greek.» Em *Ancient Greece from the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*, ed. S. Deger-Jalkotzy e I. Lemos, 53–71. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Palmisano, A., A. Bevan, A. Kabelindde, N. Roberts e S. Shennan. 2021. «Long-Term Demographic Trends in Prehistoric Italy: Climate Impacts and Regionalised Socio-Ecological Trajectories.» *Journal of World Prehistory* 34:381–432.
- Palmisano, A., A. Bevan e S. Shennan. 2017. «Comparing Archaeological Proxies for Long-Term Population Patterns: An Example from Central Italy.» *Journal of Archaeological Science* 87:59–72.
- Palmisano, A., D. Lawrence, M. W. de Gruchy, A. Bevan e S. Shennan. 2021. «Holocene Regional Population Dynamics and Climatic Trends in the Near East: A First Comparison Using Archaeo-Demographic Proxies.» *Quaternary Science Reviews* 252:106739. <https://doi.org/10.1016/j.quascirev.2020.106739>
- Palmisano, A., J. Woodbridge, C. N. Robert, A. Bevan, R. Fyfe, S. Shennan, R. Cheddadi, R. Greenberg, D. Kaniewski, D. Langgut, S.A.G. Leroy, T. Litt e A. Miebach. 2019. «Holocene Landscape Dynamics and Long-Term Population Trends in the Levant.» *Holocene* 29/5:708–27. <https://doi.org/10.1177/0959683619826642>
- Panitz-Cohen, N. e A. Mazar. 2022. «The Exceptional Ninth-Century BCE Northwestern Quarter at Tel Rehov.» *Near Eastern Archaeology* 85/2:132–45.
- Papadimitriou, A. 2006. «The Early Iron Age in the Argolid: Some New Aspects.» Em *Ancient Greece: From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*, ed. S. Deger-Jalkotzy e I. S. Lemos, 531–47. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Papadopoulos, J. K. 1993. «To Kill a Cemetery: The Athenian Kerameikos and the Early Iron Age in the Aegean.» *Journal of Mediterranean Archaeology* 6/2:175–206.
- Papadopoulos, J. K. 1996a. «Dark Age Greece.» *The Oxford Companion to Archaeology*, ed. B. M. Fagan, 253–55. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Papadopoulos, J. K. 1996b. «The Original Kerameikos of Athens and the Siting of the Classical Agora.» *Greek, Roman and Byzantine Studies* 37/2:107–28.
- Papadopoulos, J. K. 2014. «Greece in the Early Iron Age: Mobility, Commodities, Politics, and Literacy.»

- Em *The Cambridge Prehistory of the Bronze and Iron Age Mediterranean*, ed. A. B. Knapp e P. van Dommelen, 178–95. Cambridge: Cambridge University Press.
- Papadopoulos, J. K. 2022. «Greeks, Phoenicians, Phrygians, Trojans, and Other Creatures in the Aegean.» Em *The Connected Iron Age: Interregional Networks in the Eastern Mediterranean, 900–600 BCE*, ed. J. M. Hall e J. F. Osborne, 142–68. Chicago: University of Chicago Press.
- Papadopoulos, J. K. e E. L. Smithson. 2017. *The Athenian Agora XXXVI: The Early Iron Age; The Cemeteries*. Princeton, NJ: American School of Classical Studies at Athens.
- Pappa, E. 2020. «The Western Mediterranean.» Em *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 2:1325–47. Londres: Wiley Blackwell.
- Parkinson, E. W., T. R. McLaughlin, C. Esposito, S. Stoddart e C. Malone. 2021. «Radiocarbon Dated Trends and Central Mediterranean Prehistory.» *Journal of World Prehistory* 34:317–79.
- Peden, A. J. 1994. *Egyptian Historical Inscriptions of the Twentieth Dynasty*. Documenta Mundi Aegyptiaca 3. Jonsered, Suécia: Paul Åströms Förlag.
- Peker, H. 2016. *Texts from Karkemish I: Luwian Hieroglyphic Inscriptions from the 2011–2015 Excavations*. OrientLab Series Maior 1. Bolonha: AnteQuem. <http://www.orientlab.net/pubs>
- Petit, T. 2019. *La naissance des cités-royaumes cypriotes*. Oxford: Archaeopress.
- Podany, A. H. 2014. *The Ancient Near East: A Very Short Introduction*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Pollard, D. 2021. «All Equal in the Presence of Death? A Quantitative Analysis of the Early Iron Age Cemeteries of Knossos, Crete.» *Journal of Anthropological Archaeology* 63. <https://doi.org/10.1016/j.jaa.2021.101320>
- Pollard, D. 2022. «An Icarus' Eye View? GIS Approaches to the Human Landscape of Early Iron Age Crete.» Em *Diversity in Archaeology: Proceedings of the Cambridge Annual Student Archaeology Conference 2020/2021*, ed. E. Doan, M.P.L. Pereira, O. Antczak, M. Lin, P. Thompson e C. Alday, 318–38. Oxford: Archaeopress.
- Pomeroy, S. B., S. M. Burstein, W. Donlan, J. T. Roberts, D. W. Tandy e G. Tsouvala. 2020. *A Brief History of Ancient Greece: Politics, Society, and Culture*. 4.^a ed. Oxford: Oxford University Press.
- Popham, M. R., P. G. Calligas e L. H. Sackett, eds. 1993. *Lefkandi II.2: The Protogeometric Building at Toumba; The Excavation, Architecture and Finds*. BSA Suppl 23. Londres: British School at Athens.
- Popham, M. R. e L. H. Sackett. 1980. *Lefkandi I: The Iron Age (Text); The Settlement (and) the Cemeteries*. Londres: Thames and Hudson/The British School of Archaeology at Athens.
- Popham, M. R., E. Touloupa e L. H. Sackett. 1982. «The Hero of Lefkandi.» *Antiquity* 56:169–74.
- Porter, B. W. 2016. «Assembling the Iron Age Levant: The Archaeology of Communities, Politics, and Imperial Peripheries.» *Journal of Archaeological Research* 24:373–420.
- Postgate, J. N. 1992. «The Land of Assur and the Yoke of Assur.» *World Archaeology* 23/3:247–63.
- Potts, D. T. 1999. *The Archaeology of Elam: Formation and Transformation of an Ancient Iranian State*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Powell, W., M. Frachetti, C. Pulak, H. A. Bankoff, G. Barjamovic, M. Johnson, R. Mathur, V. C. Pigott, M. Price e K. A. Yener. 2022. «Tin from Uluburun Shipwreck Shows Small-Scale Commodity Exchange Fueled Continental Tin Supply across Late Bronze Age Eurasia.» *Science Advances* 8/48:eabq3766. DOI: 10.1126/sciadv.abq3766.
- Powell, W., M. Johnson, C. Pulak, K. A. Yener, R. Mathur, H. A. Bankoff, L. Godfrey, M. Price e E. Galili. 2021. «From Peaks to Ports: Insights into Tin Provenance, Production, and Distribution from Adapted Applications of Lead Isotopic Analysis of the Uluburun Tin Ingots.» *Journal of Archaeological Science* 134:105455. <https://doi.org/10.1016/j.jas.2021.105455>
- Prent, M. 2014. «Ritual and Ideology in Early Iron Age Crete: The Role of the Past and the East.» Em *The Cambridge Prehistory of the Bronze and Iron Age Mediterranean*, ed. A. B. Knapp e P. van Dommelen, 650–64. Cambridge: Cambridge University Press.

- Pritchard, J. B. [1958] 2011. «The Journey of Wen-Amon to Phoenicia.» Em *The Ancient Near East: An Anthology of Literature of Texts and Pictures*, ed. J. B. Pritchard, 14–21. Reprint (with a new foreword) of the 1958 ed. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Pritchard, J. B., ed. 1978. *Recovering Sarepta, a Phoenician City: Excavations at Sarafund, 1969–1974, by the University Museum of the University of Pennsylvania*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Quinn, J. C. 2018a. *In Search of the Phoenicians*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Quinn, J. C. 2018b. «Were There Phoenicians?» *Ancient Near East Today* 6/7 (julho). <https://www.asor.org/anetoday/2018/07/Were-There-Phoenicians>
- Quinn, J. C. 2019. «Phoenicians and Carthaginians in Greco-Roman Literature Cities.» Em *The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean*, ed. C. López-Ruiz e B. R. Doak, 671–83. Oxford: Oxford University Press.
- Quinn, J. C., N. McLynn, R. M. Kerr e D. Hadas. 2014. «Augustine's Canaanites.» *Papers of the British School at Rome* 82:175–97.
- Radner, K. 2011. «Assyrians and Urartians.» Em *The Oxford Handbook of Ancient Anatolia: 10,000–323 B.C.E.*, ed. S. R. Steadman e G. McMahon, 734–51. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Radner, K. 2012. «The Stele of Adad-nerari III and Nergal-ereš from Dur-Katlimmu (Tell Šaiḥ Hamad).» *Altorientalische Forschungen* 39/2:265–77.
- Radner, K. 2014a. «An Imperial Communication Network: The State Correspondence of the Neo-Assyrian Empire.» Em *State Correspondence in the Ancient World: From New Kingdom Egypt to the Roman Empires*, ed. K. Radner, 64–93. Oxford: Oxford University Press.
- Radner, K. 2014b. «The Neo-Assyrian Empire.» Em *Imperien und Reiche in der Weltgeschichte: Epochenübergreifende und globalhistorische Vergleiche; Teil 1, Imperien des Altertums, Mittelalterliche und frühneuzeitliche Imperien*, ed. M. Gehler e R. Rollinger, 101–19. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag.
- Radner, K. 2015. *Ancient Assyria: A Very Short Introduction*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Radner, K. 2016. «Revolts in the Assyrian Empire: Succession Wars, Rebellions against a False King and Independence Movements.» Em *Revolt and Resistance in the Ancient Classical World and the Near East: In the Crucible of Empire*, ed. J. J. Collins e J. G. Manning, 41–54. Leiden: Brill.
- Radner, K. 2017. «Economy, Society, and Daily Life in the Neo-Assyrian Period.» Em *A Companion to Assyria*, ed. E. Frahm, 209–28. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell.
- Radner, K. 2018. «The City of Aššur and the Kingdom of Assyria: Historical Overview.» In *The Assyrians: Kingdom of the God Aššur from Tigris to Taurus*, ed. K. Köroğlu e S. F. Adali, 2–23. Istambul: Yapi Kredi Yayinlari.
- Rassam, H. 1897. *Asshur and the Land of Nimrod*. Cincinnati, OH: Curts & Jennings.
- Reculeau, H. 2011. *Climate, Environment and Agriculture in Assyria*. Studia Chaburensia 2. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag.
- Redford, S. 2002. *The Harem Conspiracy: The Murder of Ramesses III*. DeKalb: Northern Illinois University Press.
- Redman, C. L. 2005. «Resilience Theory in Archaeology.» *American Anthropologist* 107/1:70–77.
- Redman, C. L. e A. P. Kinzig. 2003. «Resilience of Past Landscapes: Resilience Theory, Society, and the *Longue Durée*.» *Conservation Ecology* 7(1):14. <http://www.consecol.org/vol7/iss1/art14>
- Reese, D. S. 1987. «Palaikastro Shells and Bronze Age Purple-Dye Production in the Mediterranean Basin.» *Annual of the British School at Athens* 82:201–6.
- Reese, D. S. 2010. «Shells from Sarepta (Lebanon) and East Mediterranean Purple-Dye Production.» *Mediterranean Archaeology and Archaeometry* 10/1:113–41.
- Reeves, N. 1990. *Valley of the Kings: The Decline of a Royal Necropolis*. Londres: Kegan Paul International.
- Reeves, N. 2000. *Ancient Egypt: The Great Discoveries*. Londres: Thames and Hudson.
- Reeves, N. e R. H. Wilkinson. 1996. *The Complete Valley of the Kings*. Londres: Thames and Hudson.

- Regev, D. 2021. *Painting the Mediterranean Phoenician: On Canaanite-Phoenician Trade-Nets*. Sheffield: Equinox.
- Reisner, G. A., C. S. Fisher e D. G. Lyon. 1924. *Harvard Excavations at Samaria, 1908–1910*. 2 vols. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Renfrew, C. 1978. «Trajectory Discontinuity and Morphogenesis: The Implications of Catastrophe Theory for Archaeology.» *American Antiquity* 43/2:203–22.
- Renfrew, C. 1979. «Systems Collapse as Social Transformation.» Em *Transformations: Mathematical Approaches to Culture Change*, ed. C. Renfrew e K. L. Cooke, 481–506. Nova Iorque: Academic Press.
- Richelle, M. 2018. *The Bible & Archaeology*. Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers.
- Richey, M. 2019. «Inscriptions.» Em *The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean*, ed. C. López-Ruiz e B. R. Doak, 223–40. Oxford: Oxford University Press.
- Roller, D. W. 2019. «Phoenician Exploration.» Em *The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean*, ed. C. López-Ruiz e B. R. Doak, 645–53. Oxford: Oxford University Press.
- Rollston, C. 2008. «The Dating of the Early Royal Byblian Phoenician Inscriptions: A Response to Benjamin Sass.» *Maarav* 15/1:57–93.
- Rollston, C. 2010. *Writing and Literacy in the World of Ancient Israel: Epigraphic Evidence from the Iron Age*. Leiden: Brill.
- Rollston, C. 2011. «The Khirbet Qeiyafa Ostrakon: Methodological Musings and Caveats.» *Tel Aviv* 38:67–82.
- Rollston, C. 2016. «Phoenicia and the Phoenicians.» Em *The World around the Old Testament: The People and Places of the Ancient Near East*, ed. B. T. Arnold e B. A. Strawn, 267–308. Grand Rapids, MI: Baker Book House.
- Rollston, C. 2019. «The Alphabet Comes of Age: The Social Context of Alphabetic Writing in the First Millennium BCE.» Em *The Social Archaeology of the Levant: From Prehistory to the Present*, ed. A. Yasur-Landau, E. H. Cline e Y. Rowan, 371–89. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rollston, C. 2020. «The Emergence of Alphabetic Scripts.» Em *A Companion to Ancient Near Eastern Languages*, ed. R. Hasselbach-Andee, 65–81. Londres: Wiley Blackwell.
- Rose, C. B., ed. 2012. *The Archaeology of Phrygian Gordion, Royal City of Midas*. Gordion Special Studies 7. Museum Monograph 136. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.
- Rose, C. B. e G. Darbyshire, eds. 2011. *The New Chronology of Iron Age Gordion*. Gordion Special Studies 6. Museum Monograph 133. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.
- Rupp, D. W. 1987. «Vive le Roi: The Emergence of the State in Iron Age Cyprus.» Em *Western Cyprus Connections: An Archaeological Symposium*, ed. D. W. Rupp, 147–68. Gotemburgo: Paul Åströms Förlag.
- Rupp, D. W. 1988. «The “Royal Tombs” at Salamis (Cyprus): Ideological Messages of Power and Authority.» *Journal of Mediterranean Archaeology* 1/1:111–39.
- Rupp, D. W. 1989. «Puttin’ on the Ritz: Manifestations of High Status in Iron Age Cyprus.» Em *Early Society in Cyprus*, ed. E. Peltenburg, 336–62. Edimburgo: University of Edinburgh Press.
- Ruppenstein, F. 2020a. «The End of the Bronze Age in Attica and the Origin of the Polis of Athens.» Em *Athens and Attica in Prehistory: Proceedings of the International Conference, Athens, 27–31 May 2015*, ed. N. Papadimitriou, J. C. Wright, S. Fachard, N. Polychronakou-Sgouritsa e E. Andrikou, 569–74. Oxford: Archaeopress.
- Ruppenstein, F. 2020b. «Migration Events in Greece at the End of the Second Millennium BC and Their Possible Balkanic Background.» Em *Objects, Ideas and Travelers: Contacts between the Balkans, the Aegean and Western Anatolia during the Bronze and Early Iron Age. Volume to the memory of Alexandru Vulpe; Proceedings of the Conference in Tulcea, 10–13 November 2017*, ed. J. Maran, R. Băjenaru, S.-C. Ailincăi, A.-D. Popescu e S. Hansen, 107–22. Bona: Verlag Dr. Rudolf Habelt GmbH.
- Sabatini, S. e F. Lo Schiavo. 2020. «Late Bronze Age Metal Exploitation and Trade: Sardinia and Cyprus.»

- Materials and Manufacturing Processes* 35/13:1501–18.
- Sader, H. 2014. «The Northern Levant during the Iron Age I Period.» Em *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant, c. 8000–332 BCE*, ed. M. L. Steiner e A. E. Killebrew, 607–23. Oxford: Oxford University Press.
- Sader, H. 2019a. «The Archaeology of Phoenician Cities.» Em *The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean*, ed. C. López-Ruiz e B. R. Doak, 125–38. Oxford: Oxford University Press.
- Sader, H. 2019b. *The History and Archaeology of Phoenicia*. Atlanta, GA: SBL Press.
- Sagrillo, Troy L. 2015. «Shoshenq I and Biblical Šīšaq: A Philological Defense of Their Traditional Equation.» Em *Solomon and Shishak: Current Perspectives from Archaeology, Epigraphy, History and Chronology; Proceedings of the Third BICANE Colloquium Held at Sidney Sussex College, Cambridge, 26–27 March 2011*, ed. Peter James e Peter G. van der Veen, 61–81. BAR International Series 2732. Oxford: Archaeopress.
- Saltini Semerari, G. 2017. «Towards an Archaeology of Disentanglement.» *Journal of Archaeological Method and Theory* 24:542–78.
- Samaras, V. 2015. «Piracy in the Aegean during the Postpalatial Period and the Early Iron Age.» Em *The Mediterranean Mirror: Cultural Contacts in the Mediterranean Sea between 1200 and 750 B.C.; International Post-doc and Young Researcher Conference; Heidelberg, 6th–8th October 2012*, ed. A. Babbì, F. Bubenheimer-Erhardt, B. Marín-Aguilera e S. Mühl, 189–204. Mainz: Verlag des Römisch-Germanischen Zentralmuseums.
- Sass, B. 2002. «Wenamun and His Levant—1075 BC or 925 BC.» *Egypt and the Levant* 12:247–55.
- Sass, B. 2005. *The Alphabet at the Turn of the Millennium: The West Semitic Alphabet ca. 1150–850 B.C.E.* Telaviv: Yass Publications in Archaeology.
- Sass, B. 2021. «Was the Age of Solomon without Monumental Art? The Frankfort–Albright Dispute, More Than Sixty Years Later.» Em *Travels through the Orient and the Mediterranean World: Essays Presented to Eric Gubel*, ed. V. Boschloos, B. Overlaet, I. M. Swinnen e V. Van Der Stede, 345–66. OLA 302. Lovaina: Peeters Publishers.
- Satraki, A. 2012. «Cypriot Politics in the Early Iron Age.» In *Cyprus and the Aegean in the Early Iron Age: The Legacy of Nicolas Coldstream*, ed. M. Iacovou, 261–83. Nicósia: Bank of Cyprus Cultural Foundation.
- Schachner, A. 2009. *Assyriens Könige an einer der Quellen des Tigris: Archäologische Forschungen im Höhlensystem des sogenannten Tigris-Tunnels*. Tübinga: Ernst Wasmuth.
- Schachner, A. 2020a. «The 14th and 13th Centuries BC in the Hittite Capital City Hattuša: A (Re-)Assessment.» Em *Anatolia between the 13th and the 12th Century BCE*, ed. S. de Martino e E. Devecchi, 381–410. Turim: LoGisma editore.
- Schachner, A. 2020b. «Anatolia.» Em *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 2:1107–31. Londres: Wiley Blackwell.
- Scheffer, M.E.H. van Nes, D. Bird, R. K. Bocinsky e T. A. Kohler. 2021. «Loss of Resilience Preceded Transformations of Pre-Hispanic Pueblo Societies.» *PNAS* 118/18:e2024397118.
- Schipper, B. U. 2019. *A Concise History of Ancient Israel: From the Beginnings through the Hellenistic Era*. Traduzido por M. J. Lesley. University Park, PA: Eisenbrauns.
- Schliemann, H. 1880. *Mycenae: A Narrative of Researches and Discoveries at Mycenae and Tiryns*. Nova Iorque: Arno Press.
- Schnapp-Gourbeillon, A. 1979. «Le mythe dorien.» *A.I.O.N. Annali di archeologia e storia antica* 1:1–11.
- Schnapp-Gourbeillon, A. 2002. *Aux origines de la Grèce (XIIIe–VIIIe siècle avant notre ère): La genèse du politique*. Paris: Les belles lettres.
- Schneider, T. J. 2014. «Mesopotamia (Assyrians and Babylonians) and the Levant.» Em *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant, c. 8000–332 BCE*, ed. M. L. Steiner e A. E. Killebrew, 98–106. Oxford: Oxford University Press.
- Schniedewind, W. M. 1996. «Tel Dan Stela: New Light on Aramaic and Jehu's Revolt.» *Bulletin of the*

- American Schools of Oriental Research* 302:75–90.
- Schwartz, G. M. 2006. «From Collapse to Regeneration.» Em *After Collapse: The Regeneration of Complex Societies*, ed. G. M. Schwartz e J. J. Nichols, 3–17. Tucson: University of Arizona Press.
- Schwartz, G. M. e J. J. Nichols, eds. 2006. *After Collapse: The Regeneration of Complex Societies*. Tucson: University of Arizona Press.
- Scott, A., R. C. Power, V. Altmann-Wendling, M. Artzy, M.A.S. Martin, S. Eisenmann, R. Hagan, D. C. Salazar-García, Y. Salmone, D. Yegorovi, I. Milevski, I. Finkelstein, P. W. Stockhammer e C. Warinner. 2020. «Exotic Foods Reveal Contact between South Asia and the Near East during the Second Millennium BCE.» *PNAS* 118/2:e2014956117. <https://doi.org/10.1073/pnas.2014956117>
- Scott, J. C. 2017. *Against the Grain: A Deep History of the Earliest States*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Seeher, J. 2010. «After the Empire: Observations on the Early Iron Age in Central Anatolia.» Em *Ipamati kistamati pari tumatimis: Luwian and Hittite Studies Presented to J. David Hawkins on the Occasion of His 70th Birthday*, ed. I. Singer, 220–29. Telavive: Tel Aviv Institute of Archaeology.
- Sergi, O. 2017. «The Battle of Ramoth-Gilead and the Rise of the Aramean Hegemony in the Southern Levant during the Second Half of the 9th Century BCE.» Em *Wandering Arameans: Arameans outside Syria; Textual and Archaeological Perspectives*, ed. A. Berlejung, A. M. e Maeir e A. Schüle, 81–97. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag.
- Sergi, O. e A. Kleiman. 2018. «The Kingdom of Geshur and the Expansion of Aram-Damascus into the Northern Jordan Valley: Archaeological and Historical Perspectives.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 379:1–18.
- Shalvi, G. 2018. «The Early Purple Dye Industry in Israel: A View from Tel Shikmona.» Em *Out of the Blue*, ed. O. Meiri, Y. Bloch e Y. Kaplan, 65–77. Jerusalém: Bible Lands Museum.
- Shalvi, G. 2020. «Tel Shiqmona: A Forgotten Phoenician Site on the Carmel Coast.» Em *Un viaje entre el Oriente y el Occidente del Mediterráneo / A Journey between East and West in the Mediterranean: Proceedings of the IX Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos / International Congress of Phoenician and Punic Studies*, ed. S. C. Pérez e E. R. González. *Mytra* 5:1885–92. Mérida: Instituto de Arqueología, Mérida.
- Shalvi, G. e A. Gilboa. 2023. «Between Israel and Phoenicia: The Iron IIA-B Fortified Purple-dye Production Centre at Tel Shiqmona.» *Tel Aviv* 50: 75–110.
- Sharon, I. e A. Gilboa. 2013. «The SKL Town: Dor in the Early Iron Age.» Em *The Philistines and Other «Sea Peoples» in Text and Archaeology*, ed. A. E. Killebrew e G. Lehmann, 393–468. Atlanta, GA: Society of Biblical Literature.
- Sherratt, S. 1992. «Immigration and Archaeology: Some Indirect Reflections.» Em *Acta Cyprica: Acts of an International Congress on Cypriote Archaeology Held in Göteborg on 22–24 August 1991, Part 2*, ed. P. Åström, 316–47. Jonsered, Suécia: Paul Åströms Förlag.
- Sherratt, S. 1994. «Commerce, Iron and Ideology: Metallurgical Innovation in 12th–11th Century Cyprus.» Em *Cyprus in the 11th Century B.C.: Proceedings of the International Symposium, Nicosia, 30–31 October 1993*, ed. V. Karageorghis, 59–106. Nicósia: A. G. Leventis Foundation.
- Sherratt, S. 2000. «Circulation of Metals and the End of the Bronze Age in the Eastern Mediterranean.» Em *Metals Make the World Go Round: The Supply and Circulation of Metals in Bronze Age Europe*, ed. C.F.E. Pare, 82–98. Oxford: Oxbow Books.
- Sherratt, S. 2003. «The Mediterranean Economy: “Globalization” at the End of the Second Millennium BCE.» Em *Symbiosis, Symbolism, and the Power of the Past: Canaan, Ancient Israel, and Their Neighbors, from the Late Bronze Age through Roman Palaestina*, ed. W. G. Dever e S. Gitin, 37–62. Winona Lake, IN: Eisenbrauns.
- Sherratt, S. 2010. «Greeks and Phoenicians: Perceptions of Trade and Traders in the Early First Millennium BC.» Em *Social Archaeologies of Trade and Exchange: Exploring Relationships among People, Places, and Things*, ed. A. Agbe-Davies e A. Bauer, 119–42. Walnut Creek, CA: Left Coast Press.

- Sherratt, S. 2015. «Cyprus and the Near East: Cultural Contacts (1200–750 BC).» Em *The Mediterranean Mirror: Cultural Contacts in the Mediterranean Sea between 1200 and 750 B.C.; International Post-doc and Young Researcher Conference; Heidelberg, 6th–8th October 2012*, ed. A. Babbi, F. Bubenheimer-Erhart, B. Marín-Aguilera e S. Mühl, 71–83. Mainz: Verlag des Römisch-Germanischen Zentralmuseums.
- Sherratt, S. 2016. «From “Institutional” to “Private”: Traders, Routes and Commerce from the Late Bronze Age to the Iron Age.» Em *Dynamics of Production in the Ancient Near East, 1300–500 BC*, ed. J. C. Moreno García, 289–301. Oxford: Oxbow Books.
- Sherratt, S. 2019. «Phoenicians in the Aegean and Aegean Silver, 11th–9th Centuries BC.» Em *Les phéniciens, les puniques et les autres: Échanges et identités en Méditerranée ancienne*, ed. L. Bonadies, I. Chirpanlieva e É. Guillon, 129–58. Paris: Éditions de Boccard.
- Sherratt, S. 2020. «From the Near East to the Far West.» Em *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 1:187–215. Londres: Wiley Blackwell.
- Sherratt, A. G. e S. Sherratt. 1993. «The Growth of the Mediterranean Economy in the Early First Millennium BC.» *World Archaeology* 24/3:361–78.
- Shibata, D. 2022. «The Assyrian King of the Broken Obelisk, the Date of the Archive from Giricano, and the Timing of the Assyrian Calendar Reform.» *Journal of Cuneiform Studies* 74:109–29.
- Simon, Z. 2012. «Where Is the Land of Sura of the Hieroglyphic Luwian Inscription KARKAMIŠ A4b and Why Were Cappadocians Called Syrians by Greeks?» *Altorientalische Forschungen* 39:167–80.
- Singer, I. 2012. «The Philistines in the North and the Kingdom of Taita.» Em *The Ancient Near East in the 12th–10th Centuries BCE: Culture and History; Proceedings of the International Conference Held at the University of Haifa, 2–5 May 2010*, ed. G. Galil, A. Gilboa, A. M. Maeir e D. Kahn, 451–72. *Alter Orient und Altes Testament* 392. Münster: Ugarit-Verlag.
- Sinha, A., G. Kathayat, H. Weiss, H. Li, H. Cheng, J. Reuter, A. W. Schneider, M. Berkelhammer, S. F. Adali, L. D. Stott e R. L. Edwards. 2019. «Role of Climate in the Rise and Fall of the Neo-Assyrian Empire.» *Science Advances* 5/11:eaax6656. DOI: 10.1126/sciadv.aax6656.
- Smith, J. S. 2008. «Cyprus, the Phoenicians and Kition.» Em *Beyond the Homeland: Markers in Phoenician Chronology*, ed. C. Sagona, 261–303. *Ancient Near Eastern Studies Supplement* 28. Lovaina: Peeters.
- Smithson, E. L. 1968. «The Tomb of a Rich Athenian Lady, ca. 850 B.C.» *Hesperia* 37:77–116.
- Smithson, E. L. 1969. «The Grave of an Early Athenian Aristocrat.» *Archaeology* 22/1:18–25.
- Snape, S. 1996. «The Deir El-Bahri Cache.» Em *Tombs, Graves & Mummies: 50 Discoveries in World Archaeology*, ed. P. G. Bahn, 188–91. Nova Iorque: Barnes and Nobles Books.
- Snape, S. 2012. «The Legacy of Ramesses III and the Libyan Ascendancy.» Em *Ramesses III: The Life and Times of Egypt's Last Hero*, ed. E. H. Cline e D. B. O'Connor, 404–41. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Snodgrass, A. M. 1967. *Arms and Armour of the Greeks*. Ithaca, Nova Iorque: Cornell University Press.
- Snodgrass, A. M. 1971. *The Dark Age of Greece: An Archaeological Survey of the Eleventh to the Eighth centuries BC*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Snodgrass, A. M. 1980. «Iron and Early Metallurgy in the Mediterranean.» Em *The Coming of the Age of Iron*, ed. T. A. Wertime e J. D. Muhly, 335–74. New Haven, CT: Yale University Press.
- Snodgrass, A. M. 1983. «Cyprus and the Beginnings of Iron Technology in the Eastern Mediterranean.» Em *Early Metallurgy in Cyprus, 4000–500 B.C.*, ed. J. D. Muhly, R. Maddin e V. Karageorghis, 285–94. Nicósia: Department of Antiquities.
- Snodgrass, A. M. 1988. *Cyprus and Early Greek History*. Nicósia: Bank of Cyprus.
- Snodgrass, A. M. 1993. «The Rise of the Polis.» Em *The Ancient Greek City-State*, ed. M. Hansen, 30–40. Copenhagen: Royal Danish Academy of Sciences and Letters.
- Snodgrass, A. M. 1994. «Gains, Losses and Survivals: What We Can Infer for the Eleventh Century B.C.» Em *Cyprus in the 11th Century B.C.: Proceedings of the International Symposium, Nicosia, 30–31 October 1993*, ed. V. Karageorghis, 167–75. Nicósia: A. G. Leventis Foundation.

- Sogas, J. M. 2019. «Was Knossos a Home for Phoenician Traders?» Em *Greek Art in Motion: Studies in Honour of Sir John Boardman on the Occasion of his 90th Birthday*, ed. R. Morais, D. Leão e D. Rodríguez Pérez, com D. Ferreira, 408–16. Oxford: Archaeopress.
- Stampolidis, N. C. 2019. «The Aegean.» Em *The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean*, ed. C. López-Ruiz e B. R. Doak, 493–503. Oxford: Oxford University Press.
- Stampolidis, N. C. e A. Kotsonas. 2006. «Phoenicians in Crete.» Em *Ancient Greece from the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*, ed. S. Deger-Jalkotzy e I. S. Lemos, 337–60. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Stampolidis, N. C., E. Papadopoulou, I. G. Laurentzatou e I. Fappas. 2019. *Crete: Emerging Cities; Aptera, Eleutherna, Knossos; Three Ancient Cities Revived*. Athens: Museum of Cycladic Art.
- Starr, C. G. 1961. *The Origins of Greek Civilization: 1100–650 B.C.* Nova Iorque: Alfred A. Knopf.
- Starr, C. G. 1992. «History and Archaeology in the Early First Millennium BC.» Em *Greece between East and West, 10th–8th centuries BC: Papers of the Meeting at the Institute of Fine Arts, New York University, March 15–16th, 1990*, ed. G. Kopcke e I. Tokumaru, 1–6. Mainz: Philipp von Zabern.
- Steele, P. M. 2020. «Script and Literacy.» Em *A Companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*, ed. I. S. Lemos e A. Kotsonas, 1:247–69. Londres: Wiley Blackwell.
- Steiner, M. 2014. «Moab during the Iron Age II Period.» Em *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant, c. 8000–332 BCE*, ed. M. L. Steiner e A. E. Killebrew, 770–81. Oxford: Oxford University Press.
- Stern, E. 1998. «Buried Treasure: The Silver Hoard from Dor.» *Biblical Archaeological Review* 24/4:46–62.
- Stern, E. 2001. «The Silver Hoard from Tel Dor.» Em *Hacksilber to Coinage: New Insights into the Monetary History of the Near East and Greece; A Collection of Eight Papers Presented at the 99th Annual Meeting of the Archaeological Institute of America*, ed. M. S. Balmuth, 19–26. Numismatic Studies 24. Nova Iorque: American Numismatic Society.
- Stern, E. 2013. *The Material Culture of the Northern Sea Peoples in Israel*. Winona Lake, IN: Eisenbrauns.
- Stieglitz, R. R. 1994. «The Minoan Origin of Tyrian Purple.» *Biblical Archaeologist* 57/1:46–54.
- Storey, R., and G. R. Storey. 2016. «Requestioning the Classic Maya Collapse and the Fall of the Roman Empire: Slow Collapse.» Em *Beyond Collapse: Archaeological Perspectives on Resilience, Revitalization, and Transformation in Complex Societies*, ed. R. K. Faulseit, 99–123. Visiting Scholar Conference Volumes: Center for Archaeological Investigations Occasional Paper No. 42. Carbondale: Southern Illinois University Press.
- Strouhal, E. 1996. «Traces of a Smallpox Epidemic in the Family of Ramesses V of the Egyptian 20th Dynasty.» *Anthropologie* 34/3: 315–19.
- Stub, S. T. 2020. «The Price of Purple.» *Archaeology*, novembro/dezembro. <https://www.archaeology.org/issues/403–2011/letter-from/9133–israel-purple-dye?tmpl=component&print=1>.
- Stuckenberg, D. J. e A. L. Contento. 2018. «Water Scarcity: The Most Understated Global Security Risk.» *Harvard Law School National Security Journal*, 18 de maio. <http://harvardnsj.org/2018/05/water-scarcity-the-most-understated-global-security-risk>
- Sukenik, N., D. Iluz, Z. Amar, A. Varvak, O. Shamir e E. Ben-Yosef. 2021. «Early Evidence of Royal Purple Dyed Textile from Timna Valley (Israel).» *PLOS ONE* 16/1:e0245897.
- Summers, G. D. 2000. «The Median Empire Reconsidered: A View from Kerkenes Dag.» *Anatolian Studies* 50:37–54.
- Swaddling, J. 1999. *The Ancient Olympic Games*. Londres: British Museum Press.
- Tainter, J. A. 1988. *The Collapse of Complex Societies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tainter, J. A. 1999. «Post-collapse Societies.» Em *Companion Encyclopedia of Archaeology*, ed. G. Barker, 988–1039. Londres: Routledge.
- Taleb, N. N. 2004. *Fooled by Randomness: The Hidden Role of Chance in Life and in the Markets*. 2.^a ed. Nova

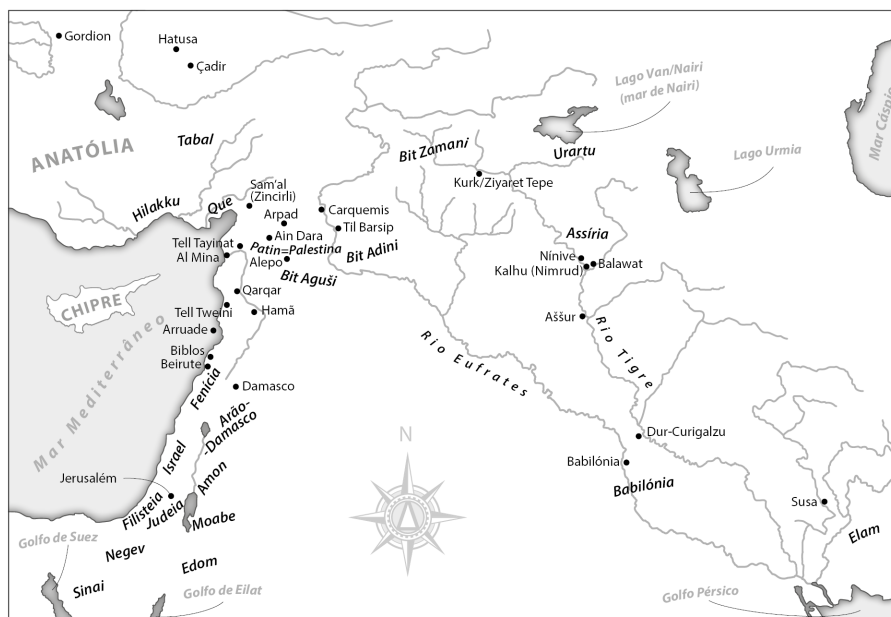
- Iorque: Random House.
- Taleb, N. N. 2007. *The Black Swan: The Impact of the Highly Improbable*. Londres: Penguin.
- Taleb, N. N. 2014. *Antifragile: Things That Gain from Disorder*. Paperback ed. Nova Iorque: Random House.
- Tappy, R. E. 1992. *The Archaeology of Israelite Samaria*. Vol. 1, *Early Iron Age through the Ninth Century BCE*. Harvard Semitic Studies 44. Atlanta, GA: Scholars Press.
- Tappy, R. E. 2001. *The Archaeology of Israelite Samaria*. Vol. 2, *The Eighth Century*. Harvard Semitic Studies 50. Winona Lake, IN: Eisenbrauns.
- Taylor, J. G. 1865. «Travels in Kurdistan, with Notices of the Sources of the Western Tigris, and Ancient Ruins in Their Neighbourhood.» *Journal of the Royal Geographical Society of London* 1865:21–56. <https://www.jstor.org/stable/3268575>
- Tercatin, R. 2021. «Biblical “Royal Purple” Found at Timna Offers Look at King David Wardrobe.» *Jerusalem Post*, 29 de janeiro. <https://www.jpost.com/archaeology/biblical-royal-purple-found-at-timna-offers-look-at-king-david-wardrobe-657082>
- Thareani, Y. 2016a. «The Empire and the “Upper Sea”: Assyrian Control Strategies along the Southern Levantine Coast.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 375:77–102.
- Thareani, Y. 2016b. «Enemy at the Gates? The Archaeological Visibility of the Aramaeans at Dan.» Em *In Search for Aram and Israel: Politics, Culture, and Identity*, ed. O. Sergi, M. Oeming e I. J. de Hulster, 169–97. Tubinga: Mohr Siebeck.
- Thareani, Y. 2019a. «Archaeology of an Imagined Community: Tel Dan in the Iron Age IIA.» Em *Research on Israel and Aram: Autonomy, Independence and Related Issues; Proceedings of the First Annual RIAB Center Conference, Leipzig, June 2016*, ed. A. Berlejung e A. M. Maeir, 263–76. Tubinga: Mohr Siebeck.
- Thareani, Y. 2019b. «Changing Allegiances in Disputed Borderlands: Dan’s Political Status on the Eve of the Aramaean Invasion.» *Palestine Exploration Quarterly* 151/3–4:184–201.
- Thomas, Z. e E. Ben-Yosef. 2023. «David and Solomon’s Invisible Kingdom.» *Biblical Archaeology Review* 49/2 (verão): 40–45.
- Thompson, C., and S. Skaggs. 2013. «King Solomon’s Silver? Southern Phoenician Hacksilber Hoards and the Location of Tarshish.» *Internet Archaeology* 35. <https://doi.org/10.11141/ia.35.6>
- Thompson, J. 2015. *Wonderful Things: A History of Egyptology*. Vol. 2, *The Golden Age: 1881–1914*. Cairo: AUC Press.
- Tronchetti, C. 2014. «Cultural Interactions in Iron Age Sardinia.» Em *The Cambridge Prehistory of the Bronze and Iron Age Mediterranean*, ed. A. B. Knapp e P. van Dommelen, 266–84. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tsipopoulou, M. 2005. «“Mycenoans” at the Isthmus of Ierapetra: Some (Preliminary) Thoughts on the Foundation of the (Eteo)Cretan Cultural Identity.» Em *Ariadne’s Threads: Connections between Crete and the Mainland in Late Minoan III (LM IIIA2 to LM IIIC); Proceedings of an International Workshop Held in Athens, Scuola Archeologica Italiana, 5–6 April 2003 (Tripodes 3)*, ed. A. L. D’Agata e J. Moody, 303–33. Atenas: Scuola archeologica italiana di Atene.
- Tucker, D. J. 1994. «Representations of Imgur-Enlil on the Balawat Gates.» *Iraq* 56:107–16.
- Ussishkin, D. 2022. «The Function of the Iron Age Site of Khirbet Qeiyafa.» *Israel Exploration Journal* 72/1:49–65.
- Van Damme, T. 2023. «The Mycenaean Fountain and the Transformation of Space on the Athenian Acropolis: 1200 to 675 B.C.» *Hesperia* 92/1: 111–90.
- Van Loon, M. N. 1966. *Uartian Art: Its Distinctive Traits in the Light of New Excavations*. Istambul: Nederlands Historisch-Archaeologisch Instituut.
- Veropoulidou, R. 2014. «Molluscan Exploitation in the Neolithic and Bronze Age Communities at the Former Thermaic Gulf, North Aegean.» In *PHYSIS: L’environnement naturel et la relation homme-milieu dans le monde égeen protohistorique; Actes de la 14e rencontre égéenne internationale, Paris, Institut national d’histoire de*

- l'art (INHA)*, 11–14 décembre 2012, ed. G. Touchais, R. Laffineur e F. Rougemont, 415–22. AEGAEUM 37. Lovaina: Peeters.
- Veropoulidou, R., S. Andreou e K. Kotsakis. 2008. «Small Scale Production Purple-Dye Production in the Bronze Age of Northern Greece: The Evidence from the Thessaloniki Toumba.» Em *Purpureae vestes: II Symposium internacional sobre textiles y tintes del Mediterráneo en el mundo antiguo*, ed. C. Alfaro e L. Karali, 171–79. Valência: Universitat de Valencia.
- Voigt, M. M. e R. C. Henrickson. 2000. «Formation of the Phrygian State: The Early Iron Age at Gordion.» *Anatolian Studies* 50:37–54.
- Voskos, I. e A. B. Knapp. 2008. «Cyprus at the End of the Late Bronze Age: Crisis and Colonization or Continuity and Hybridization?» *American Journal of Archaeology* 112/4:659–84.
- Voutsaki, S. 2000. «Review of *Argolis Lakonien Messenien: Vom Ende der mykenischen Palastzeit bis zur Einwanderung der Dorier* by B. Eder. *Classical Review* 50/1:232–33.
- Waal, W. 2018. «On the “Phoenician Letters”: The Case for an Early Transmission of the Greek Alphabet from an Archaeological, Epigraphic, and Linguistic Perspective.» *Aegean Studies* 1:83–125.
- Waal, W. 2020. «Mother or Sister? Rethinking the Origins of the Greek Alphabet and Its Relation to the Other “Western” Alphabets.» Em *Understanding Relations between Scripts II*, ed. P. J. Boyes e P. M. Steele, 109–24. Oxford: Oxbow Books.
- Wachter, R. 2021. «The Genesis of the Local Alphabets of Archaic Greece.» Em *The Early Greek Alphabets: Origin, Diffusion, Uses*, ed. R. Parker e P. M. Steele, 21–31. Oxford: Oxford University Press.
- Waldbaum, J. C. 1978. *From Bronze to Iron*. Studies em Mediterranean Archaeology 54. Gotemburgo: Paul Aströms Förlag.
- Waldbaum, J. C. 1980. «The First Archaeological Appearance of Iron and the Transition to the Iron Age.» Em *The Coming of the Age of Iron*, ed. T. A. Wertime e J. D. Muhly, 69–98. New Haven, CT: Yale University Press.
- Waldbaum, J. C. 1982. «Bimetallic Objects from the Eastern Mediterranean and the Question of the Dissemination of Iron.» Em *Early Metallurgy in Cyprus, 4000–500 B.C.*, ed. J. D. Muhly, R. Maddin e V. Karageorghis, 325–47. Nicósia: Tmēma Archaioetētōn.
- Waldbaum, J. C. 1994. «Early Greek contacts with the Southern Levant ca. 1000–600 B.C.: The Eastern Perspective.» *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 293:53–66.
- Waldbaum, J. C. 1999. «The Coming of Iron in the Eastern Mediterranean: Thirty Years of Archaeological and Technological Work.» In *The Archaeometallurgy of the Asian Old World*, ed. V. C. Pigott, 27–57. Filadélfia: University of Pennsylvania Museum.
- Walker, B., C. S. Holling, S. R. Carpenter e A. Kinzig. 2004. «Resilience, Adaptability and Transformability in Social-Ecological Systems.» *Ecology and Society* 9/2:5. <http://www.ecologyandsociety.org/vol9/iss2/art5>
- Walker, B. e D. Salt. 2006. *Resilience Thinking: Sustaining Ecosystems and People in a Changing World*. Washington, DC: Island Press.
- Wallace, S. 2006. «The Gilded Cage? Settlement and Socioeconomic Change after 1200 BC: A Comparison of Crete and Other Aegean Regions.» Em *Ancient Greece: From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*, ed. S. Deger-Jalkotzy e I. S. Lemos, 619–64. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Wallace, S. 2010. *Ancient Crete: From Successful Collapse to Democracy's Alternatives, Twelfth to Fifth Centuries BC*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wallace, S. 2017. «The Classic Crisis? Some Features of Current Crisis Narratives for the Aegean Late Bronze–Early Iron Age.» Em *Crisis to Collapse: The Archaeology of Social Breakdown*, ed. T. Cunningham e J. Driessen, 65–85. Lovaina: UCL Presses.
- Wallace, S. 2018. *Travelers in Time: Imagining Movement in the Ancient Aegean World*. Londres: Routledge.
- Wallace, S. 2020. «Economies in Crisis: Subsistence and Landscape Technology in the Aegean and East

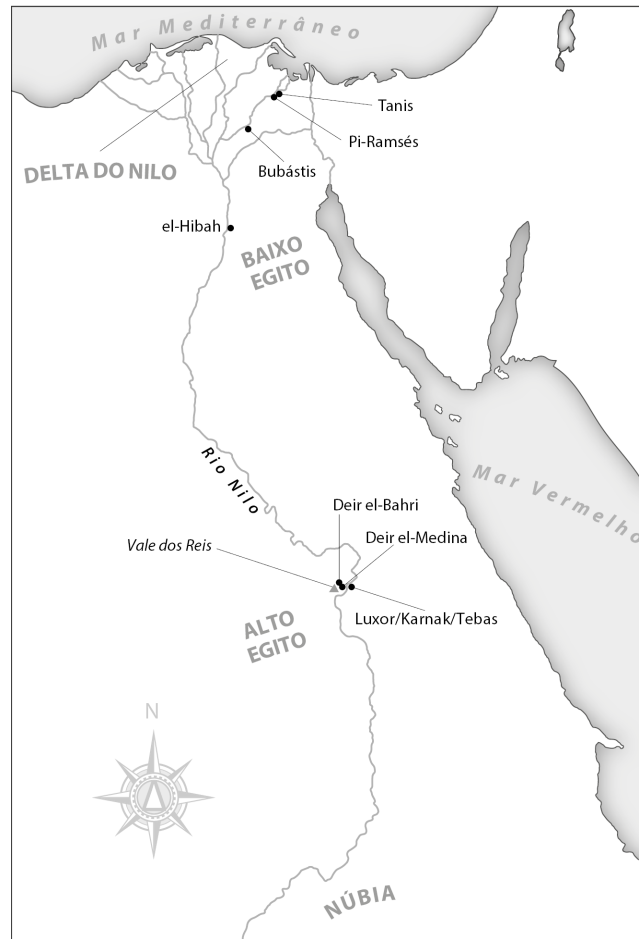
- Mediterranean after c. 1200 BC.» Em *Collapse and Transformation: The Late Bronze Age to Early Iron Age in the Aegean*, ed. G. M. Middleton, 247–58. Oxford: Oxbow Books.
- Waters, M. 2013. «Elam, Assyria, and Babylonia in the Early First Millennium BC.» Em *The Oxford Handbook of Ancient Iran*, ed. D. T. Potts, 478–92. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Watrous, L. V. 2021. *Minoan Crete: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wedde, M. 1999. «War at Sea: The Mycenaean and Early Iron Age Oared Galley.» In *Polemos: Le context guerrier en Égée à l'Âge du Bronze; Actes de la 7ieme rencontre égéenne internationale*, ed. R. Laffineur, 465–74. Aegeum 19. Liège: Université de Liège.
- Wedde, M. 2000. *Towards a Hermeneutics of Aegean Bronze Age Ship Imagery*. Peleus Band 6. Mannheim: Bibliopolis.
- Wedde, M. 2006. «Pictorial Evidence for Partial System Survival in the Greek Bronze to Iron Age Transition.» Em *Pictorial Pursuits: Figurative Painting on Mycenaean and Geometric Pottery*, ed. E. Rystedt e B. Wells, 255–69. Estocolmo: Swedish Institute at Athens.
- Weeden, M. 2013. «After the Hittites: The Kingdoms of Karkamish and Palistin in Northern Syria.» *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 56/2:1–20.
- Weiberg, E. 2012. «What Can Resilience Theory Do for (Aegean) Archaeology?» Em *Matters of Scale: Processes and Courses of Events in Archaeology and Cultural History*, ed. N. M. Burström e F. Fahlander, 147–65. Stockholm Studies in Archaeology, 56. Estocolmo: Stockholm University.
- Weiberg, E. e M. Finné. 2018. «Resilience and Persistence of Ancient Societies in the Face of Climate Change: A Case Study from Late Bronze Age Peloponnese.» *World Archaeology* 50/4:584–602. <https://doi.org/10.1080/00438243.2018.1515035>
- Weiberg, E., M. Lindblom, B. L. Sjöberg e G. Nordquist. 2010. «Social and Environmental Dynamics in Bronze and Iron Age Greece.» Em *The Urban Mind: Cultural and Environmental Dynamics*, ed. P.J.J. Sinclair, G. Nordquist, F. Herschend e C. Isendahl, 149–94. Uppsala: Uppsala University.
- Weinstein, J. M. 2012. «Egypt and the Levant in the Reign of Ramesses III.» Em *Ramesses III: The Life and Times of Egypt's Last Hero*, ed. E. H. Cline e D. B. O'Connor, 160–80. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Welton, L. e H. Charaf. 2019–20. «The Iron Age I in the Levant: A View from the North; Prologue.» *Archaeology & History in Lebanon* 50–51:2–7.
- Welton, L. e H. Charaf. 2020–21. «The Iron Age I in the Levant: A View from the North; Epilogue.» *Archaeology & History in Lebanon* 52–53:133–54.
- Welton, L., T. Harrison, S. Batiuk, E. Ünlü, B. Janeway, D. Karakaya, D. Lipovitch, D. Lumb e J. Roames. 2019. «Shifting Networks and Community Identity at Tell Tayinat in the Iron I (ca. 12th to Mid 10th Century B.C.E.).» *American Journal of Archaeology* 123/2: 291–333.
- Wente, E. F., Jr. 2003. «The Report of Wenamon.» Em *The Literature of Ancient Egypt*, ed. W. K. Simpson, 116–24. 3rd ed. New Haven, CT: Yale University Press.
- Wertime, T. A. 1980. «The Pyrotechnological Background.» Em *The Coming of the Age of Iron*, ed. T. A. Wertime and J. D. Muhly, 1–24. New Haven, CT: Yale University Press.
- Whitley, J. 1991. *Style and Society in Dark Age Greece: The Changing Face of a Pre-literate Society 1100–700 BC*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Whitley, J. 1993. «Response to Papadopoulos (II): Woods, Trees and Leaves in the Early Iron Age of Greece.» *Journal of Mediterranean Archaeology* 6/2:223–29.
- Wilson, E. L. 1887. «Finding Pharaoh.» *Century Magazine* 34:1–10.
- Winter, I. J. 1995. «Homer's Phoenicians: History, Ethnography or Literary Trope?» Em *The Ages of Homer: A Tribute to Emily Townsend Vermeule*, ed. J. B. Carter e S. P. Morris, 247–71. Austin: University of Texas Press.
- Wood, J. R. 2018. «The Transmission of Silver and Silver Extraction Technology across the Mediterranean in Late Prehistory: An Archaeological Science Approach to Investigating the Westward

- Expansion of the Phoenicians.» Disc. dout., University College London.
- Wood, J. R., C. Bell e I. Montero-Ruiz. 2020. «The Origin of Tel Dor Hacksilver and the Westward Expansion of the Phoenicians in the Early Iron Age: The Cypriot Connection.» *Journal of Eastern Mediterranean Archaeology & Heritage Studies* 8/1:1–21. <https://www.jstor.org/stable/10.5325/jeasmedarcherstu.8.1.0001>
- Wood, J. R., I. Montero-Ruiz e M. Martín-Torres. 2019. «From Iberia to the Southern Levant: The Movement of Silver across the Mediterranean in the Early Iron Age.» *Journal of World Prehistory* 32:1–31. <https://doi.org/10.1007/s10963-018-09128-3>
- Woolley, C. L. 1920. *Dead Towns and Living Men*. Londres: Oxford University Press.
- Yadin, Y. 1970. «Megiddo of the Kings of Israel.» *Biblical Archaeologist* 33:66–96.
- Yadin, Y. 1976. «In Defense of the Stables at Megiddo.» *Biblical Archaeology Review* 2:18–22.
- Yahalom-Mack, N. 2022. «Metalworking at Tel Rehov.» *Near Eastern Archaeology* 85/2:159–63.
- Yahalom-Mack, N. e A. Eliyahu-Behar. 2015. «The Transition from Bronze to Iron in Canaan: Chronology, Technology, and Context.» *Radiocarbon* 57/2:285–305.
- Yahalom-Mack, N., E. Galili, I. Segal, E. Boaretto, S. Shilstein e I. Finkelstein. 2014. «New Insights into Levantine Copper Trade: Bronze and Iron Ages in Israel.» *Journal of Archaeological Science* 45:159–77.
- Yamada, K. 2005. «“From the Upper Sea to the Lower Sea”: The Development of the Names of Seas in the Assyrian Royal Inscriptions.» *Orient* 40:31–55.
- Yamada, S. 2000. *The Construction of the Assyrian Empire: A Historical Study of the Inscriptions of Shalmaneser III (859–824) Relating of His Campaigns to the West*. Leiden: Brill.
- Yasur-Landau, A. 2010. *The Philistines and Aegean Migration at the End of the Late Bronze Age*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Yasur-Landau, A. 2019. «The Memory Machine: How 12th-Century BCE Iconography Created Memories of the Philistines (and Other Sea Peoples).» En *MNHMH/MNEME: Past and Memory in the Aegean Bronze Age; Proceedings of the 17th International Aegean Conference, University of Udine, Department of Humanities and Cultural Heritage, Ca’Foscari University of Venice, Department of Humanities, 17–21 April 2018*, ed. E. Borgna, I. Caloi, F. M. Carinici e R. Laffineur, 413–21. Lovaina: Peeters.
- Yoffee, N. 2006. «Notes on Regeneration.» Em *After Collapse: The Regeneration of Complex Societies*, ed. G. M. Schwartz e J. J. Nichols, 222–27. Tucson: University of Arizona Press.
- Yoffee, N., ed. 2019. *The Evolution of Fragility: Setting the Terms*. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research.
- Yoffee, N. e G. L. Cowgill, eds. 1988. *The Collapse of Ancient States and Civilization*. Tucson: University of Arizona Press.
- Younger, K. L., Jr. 2016. *A Political History of the Arameans: From Their Origins to the End of Their Polities*. Atlanta, GA: SBL Press.
- Younger, K. L., Jr. 2017. «Tiglath-Pileser I and the Initial Conflicts of the Assyrians with the Arameans.» Em *Wandering Arameans: Arameans outside Syria; Textual and Archaeological Perspectives*, ed. A. Berlejung, A. M. Maeir e A. Schüle, 195–228. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag.
- Younger, K. L., Jr. 2020. «Reflections on Hazael’s Empire in Light of Recent Study in the Biblical and Ancient Near Eastern Texts.» Em *Writing and Rewriting History in Ancient Israel and Near Eastern Cultures*, ed. I. Kalimi, 79–102. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag.
- Yunker, R. W. 1994. «Ammonites.» In *Peoples of the Old Testament World*, ed. A. J. Hoerth, G. L. Mattingly e E. M. Yamauchi, 293–316. Grand Rapids, MI: Baker Books.
- Yunker, R. W. 2014. «Ammon during the Iron Age II Period.» Em *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant, c. 8000–332 BCE*, ed. M. L. Steiner e A. E. Killebrew, 757–69. Oxford: Oxford University Press.
- Zimansky, P. E. 1985. *Ecology and Empire: The Structure of the Urartian State*. SAOC 41. Chicago: Oriental Institute of Chicago.

Zimansky, P. E. 2011. «Urartian and the Urartians.» Em *The Oxford Handbook of Ancient Anatolia: 10,000–323 B.C.E.*, ed. S. R. Steadman and G. McMahon, 548–59. Nova Iorque: Oxford University Press.



MAPA 1. Panorâmica do Mediterrâneo Oriental na Idade do Ferro, com a indicação dos locais neo-hititas, arameus e mesopotâmicos, e a identificação dos reinos levantinos do Sul (sem indicação de todos os sítios).



MAPA 2. O Egito na Idade do Ferro, com lugares e regiões mencionados no texto.



MAPA 3. O Levante na Idade do Ferro, com lugares e regiões mencionados no texto.



MAPA 4. O Chipre na Idade do Ferro, com lugares e regiões mencionados no texto.



MAPA 5. O Mediterrâneo Ocidental durante a Idade do Ferro, com lugares e regiões mencionados no texto.



MAPA 6. A região do Egeu na Idade do Ferro, com lugares e regiões mencionados no texto.

TABELA 2. Reis e anos de reinado mencionados no texto — zona sul

	Tiro	Bíblös	Reino/Cidade de Damasco	Egito	Monarquia unificada	Israel	Judeia	Mosabe	Edom
Séc. XIII a. C.									
Séc. XII a. C.				Ramsés III (1186–1155 a. C.)					
Séc. XII–XI a. C.		Tjekkerbaal/Zakarbaal (ca. 1075 a. C.)		Ramsés IV X (1155–1098 a. C.)					
Séc. XI a. C.				1) Ramsés XI (1098–1070 a. C.) 2) Esnendes (1077/69–1043 a. C.) e 3) Herihor (1080–1074 a. C.); Pinedjem I (1071–1036 a. C.) Pusencés I (1039–991 a. C.)	David (ca. 1000–970 a. C.)			Hadad (início do séc. X a. C.)	
Séc. X a. C.	Hiram (ca. 970–936 a. C.)	Airio (início do séc. X a. C.) Etbaal (início do séc. X a. C.) Yehumilk (meados do séc. X a. C.)		Amenemopé (991–982 a. C.) Siamon (979–958 a. C.) Pusencés II (958–945 a. C.)	Salamão (ca. 970–930 a. C.)				
	Baal-ma'zer [Baal-azez] I (final do séc. X a. C.)	Abibaal (meados a final do séc. X a. C.)		Siaque (ca. 945–924 a. C.)					
	Abdi-Aitart [Abdastratus] (final do séc. X a. C.)	Elibaal (meados a final do séc. X a. C.)		Osoor (ca. 924–890)					
Séc. X–IX a. C.	Merhasustratos [unupador] (final do séc. X a. C.)	Shipitbaal (final do séc. X a. C.)							
Séc. IX a. C.	Bi-Aitart (início do séc. IX a. C.) Aitar(t)-imn (início do séc. IX a. C.) Pilles (início do séc. IX a. C.) Etbaal (início a meados do séc. IX a. C.) Baal-ma'zer [Baal-azez] II (meados do séc. IX a. C.)		Hadadezer (ca. 858 a. C.) Hazel (ca. 842–796 a. C.)	Takelot I (890–872 a. C.); Osoor II (872–851 a. C.)		Omri (ca. 884–873 a. C.) Ahab (ca. 871–852 a. C.) Joam (ca. 850–840 a. C.) Jehú (ca. 841–814 a. C.)		Mesha (séc. IX a. C.) Abhiash (ca. 842–841 a. C.)	
Séc. IX–VIII a. C.	Matin I (final do séc. IX a. C.) Pumiyaton [Pummayon/Pygmalion] (final do séc. IX–início do séc. VIII a. C.)			Shesqon III (831–791 a. C.); Takelot II (834–810 a. C.)		Joia/Jeoa (ca. 804–789 a. C.)			